

Lógicas no Futebol

Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional

Luiz Henrique de Toledo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia

Orientador: professor doutor **José Guilherme Cantor Magnani**

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Departamento de Antropologia

São Paulo, 2000

Resumo

'*LÓGICAS no FUTEBOL*' propõe reconstituir no plano da dimensão simbólica alguns dos aspectos que encerram a dinâmica entre os atores que conformam o chamado futebol profissional. *Esporte nacional* que articula vários domínios na sociedade, o futebol está sendo focado neste trabalho a partir de um modelo etnográfico definido pela atuação de alguns dos atores sociais que o compõem, a saber, jogadores, técnicos, cronistas especializados, torcedores entre outros que, articulados às suas práticas sociais específicas, definem um *socius* esportivo cuja dinâmica incide sobre os processos de identificação nacional.

A análise privilegia a dimensão cotidiana, em relação a ritual, como referencial teórico e metodológico, recortada a partir de alguns contextos particulares de exercício profissional, vivência e sociabilidade desses atores. Com isso, intenta-se confrontar determinadas versões de um mesmo fenômeno esportivo e o modo como são construídas e reciprocamente engendradas as representações sobre o jogo e a própria sociedade que o gesta.

Para *Rita, Mariza, Renata* e *Soraya*, torcedoras assíduas desta pequena trajetória.

Agradecimentos

Esta pesquisa contou com o suporte financeiro do CNPq durante quatro dos cinco anos de doutoramento. Agradeço ao Departamento de Antropologia da USP e ao Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) por terem viabilizado este trabalho, cada qual dentro das competências e atribuições que lhes cabem.

Um primeiro diálogo foi travado com as professoras Paula Montero e Manuela Carneiro da Cunha ainda na ocasião da banca de admissão no doutorado, agradeço a ambas pelo esforço inicial de crítica.

Com a professora Maria Lúcia Montes e o professor Márcio Silva pude discutir no momento do exame de qualificação as possibilidades e as trajetórias que organizaram a pesquisa. Também sou muito grato às aulas de ambos, sobretudo os vários cursos de Maria Lúcia, com quem tive, desde os primeiros ensinamentos ainda na graduação, tudo a aprender.

Aos integrantes do NAU, particularmente Ciméa Bevilaqua, Lilian Torres e Yara Schreiber, que se dispuseram a ler o exame de qualificação e discuti-lo comigo antes mesmo da apreciação oficial da banca. Embora ainda acredite que *treino é treino, jogo é jogo*, as observações feitas naquele momento, de estimulante treino acadêmico, foram fundamentais, somadas às do amigo Fernando Viana, o *Fedola*, para enfrentar a qualificação e dar prosseguimento às minhas investigações.

Toda esta trajetória, da graduação até aqui, contou com a presença e o diálogo intelectual e fraterno inestimáveis do professor José Guilherme Cantor Magnani, responsável direto, obviamente sem o ônus dos inevitáveis desvios, na escolha da Antropologia como disciplina que segue orientando decisivamente minhas pesquisas, desde o mestrado.

Outra ajuda fundamental veio de Piero de Camargo Leirner, *amigão* de todas as horas, que de modo muito paciente e incisivo lê e discute, há um bom tempo, vários dos meus textos.

Muitos consangüíneos, afins, colegas, amigos e “chegados”, uma considerável parentela, colaboraram diretamente na reunião de todo o material aqui utilizado. Na forma

de textos, teses, livros, jornais, pequenos relatos, conversas, críticas, comentários, observações, brincadeiras, idéias, questionamentos, dúvidas, enfim, por tudo isso, e muito mais ainda, gostaria de, nominalmente, citá-los. Então, aí vão eles:

Dida e “dona” Eva, “seu” Amim Gebara, Márcia, Vicente, Marlene Garcia, Andrés Vivas, Sônia, Isabel Frontana, Dylan, Bernardo Lewgoy, Celso Castro, Karina Kuschnir, Maurício Murad, André Pinto Pacheco, Adriana Dalla Ono, Ronaldo Almeida, Artionka, Angela Alonso, Fernando Limongi, Renato da Silva Queiroz, Samuel Titan Jr., Luiz Jackson, Fernando Pinheiro, Sérgio Marcolino Rosa, Antônio Luiz Garcia de Toledo, Marco Antônio de Toledo, Veridiana de Toledo, José Fernando de Toledo, Margareth Von Zeska, Carolina Marques, Heitor Frúgoli Jr., Cláudio Newcles Arantes, Roberto Da Matta, Luis “Dumont” Lacerda, Edilene Cofacci, Eduardo, Valentim, Roberto Carlos, Carlos Perito, Ademar Seabra, Sérgio Cândido, Edu Morandini, Wilson Lima da Silva, Marco Lopes Padilha, Marco Aurélio dos Santos, Tu, Brandão, Paulão, Dindão, Andreas, Raquel, Andrei Koerner, Albano, Milton Meira, Francisco José Nunes, Aracy Lopes da Silva, Lilia Schwarcz, Carlos André Cunha, José Eduardo, Elias Awad, Vercícia de Paula, Juliana Saporini, Ivanete Ramos, Rose de Oliveira, Ednaldo Faria Lima, Celso Cunha, Roseli Hasenfratz, Ruben Sosa Cabrera, Mariê Pedroso, Sussumo Harada, Iara Bernardes, Paulo, Beth, Chicão, Maria Amélia, Maria Luísa, Gérson Ferro, Edgar, Élcio, Eduardo, Edson, Elaine, Ernani, Dirce e Roberto de Toledo, Reinaldo T. B. Pacheco, Brasília Sallum, Eduardo Kugelmas, Rodrigo Arco e Flecha, Paul e Carmen Lúcia de Toledo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Caixinha de surpresa 1

1. *folha seca* – um percurso metodológico 1

2. jogos *versus* esportes 20

2.1 uma contenda acadêmica 20

2.2 o modelo etnográfico: a peleja entre *profissionais, especialistas e torcedores* 36

CAPÍTULO 1 – Treino é treino, jogo é jogo 39

1. o futebol jogado nos manuais 41

1.1 breve histórico dos manuais técnicos 41

1.2 universalizando as regras, fragmentando estilos 50

1.3 as *formas* do jogar 67

1.4 a linguagem dos esquemas táticos 77

2. curso básico e *soccer clinic* 84

2.1 futebol se aprende na escola 84

2.2 do estilo à técnica 100

2.3 os técnicos *de ponta* 106

2.4 trajetórias e dilemas profissionais 117

3. rotinas e rituais 131

3.1 a máxima de Didi 131

3.2 os CTs e os treinos vistos dos alambrados 139

3.3 dos técnicos aos preparadores físicos e mentais 146

3.4 a busca das *formas-representações* 161

CAPÍTULO 2 – Jornada esportiva 171

1. os sentidos multiplicadores do jogo, no campo dos *especialistas* 173

- 2.1 a “invenção” da crônica e dos cronistas 173
- 2.2 *especialistas* e “amadores” 178
- 2.3 clubismo e bairrismo entre os *especialistas* 184

2. as coberturas diaristas 189

- 2.1 esportes nas coberturas jornalísticas 189
- 2.2 “fontes” e mídia esportiva 194
- 2.3 técnica e estilo do jornalismo esportivo diarista 199
- 2.4 a construção simbólica da emoção entre os *especialistas* 213

3. transmissões ao vivo e as mesas redondas 219

- 3.1 comentaristas, locutores, repórteres e cinegrafistas 219
- 3.2 o ponto de vista dos *especialistas* 227
- 3.3 futebol falado 231

CAPÍTULO 3 – Futebol não tem lógica? 242

1. significados do torcer 244

- 1.1 sócios *versus* assistências 244
- 1.2 as primeiras formas coletivizadas do torcer 250
- 1.3 a violência vista “de dentro” e “de fora” do campo esportivo 256
- 1.4 das torcidas organizadas aos sócios-torcedores 270

2. mesas de bares e a sociabilidade cotidiana 275

- 2.1 da lógica competitiva e outras lógicas 275
- 2.2 sociabilidade cotidiana e o *ethos* “de bar” 288
- 2.3 lógica do sensível 296

3. torcer e *enxergar o jogo* 302

- 3.1 de olho no lance 302
- 3.2 versões de um mesmo esporte 313

CONSIDERAÇÕES FINAIS 318

BIBLIOGRAFIA I

1. teses, dissertações, periódicos e publicações científicas I
2. crônicas, ensaios, biografias, manuais técnicos e publicações de divulgação esportiva XII
3. jornais, revistas, catálogos, *folders*, documentos manuscritos, panfletos, programas esportivos, home pages, sites, endereços eletrônicos XVII

INTRODUÇÃO- Caixinha de surpresa

1. *folha seca* – um percurso metodológico

Folha seca nomeava, para além de um lance bem sucedido de gol, uma trajetória quase que improvável imposta à bola, desferida de modo singular por Didi, um dos protagonistas da conquista brasileira no mundial da Suécia. Chute considerado um tanto quanto insensato, sobretudo do ponto de vista indignado de seus adversários, descrevia no ar um percurso sinuoso, uma meia parábola como afirmam alguns¹, obviamente intencionada, uma vez que a bola alcançava não raramente as redes adversárias, mansamente. *Folha seca* foi um ato quase que solitário, marcado pela habilidade individual de um “gesto” repetido e inúmeras vezes treinado, mas socialmente muito valorizado, revelando na mesma proporção uma considerável dose de improviso, recurso que tal procedimento exigia, cada vez que realizado pelo jogador.

Intento reconstituir neste tópico os percursos de uma pesquisa cujo desfecho, se não possui a genialidade de tal jogada, impossível para um torcedor comum, ao menos compartilha daquilo que dizia respeito às imponderabilidades que também motivavam os debates em torno dos chutes de Didi.

Num outro plano, percorro os meandros metodológicos que enfrentei durante a elaboração da pesquisa de campo. Trajetória sinuosa muitas vezes imposta pelas injunções da própria temática, que se vislumbrou num campo quase que ilimitado de

¹ . O investimento e significados simbólicos em torno dos chutes de Didi são tamanhos que, volta e meia, comportam outras explicações ou definições, tais como algumas que seguem: “*Uma dolorosa contusão no tornozelo da perna esquerda levou este jogador detalhista à utilização, não do peito do pé ou de faces interior e exterior, mas de sua extremidade, batendo na bola com a superfície do dedo maior e dois artelhos. Com isso, a dor não se manifestava, e nascia a bola-de-efeito tanto para o passe curto e de longa distância como, sobretudo, para a cobrança do tiro livre com barreira – a famosa ‘folha seca’*” (OSTERMANN & CABRAL, 1970); “*Didi reinventava a geometria euclídea (...) passes esquivos e dissimulados como o olhar de Capitu*” (NOGUEIRA, OESP, 16/05/93); “*(...)a bola descreve uma trajetória elíptica de semi-boomerang, enganando o goleiro*” (LEITE LOPES, 1997:72).

possibilidades teóricas de abordagem, e que mobilizou assim inúmeros recursos, algumas vezes exaustivamente “treinados”, outras um tanto quanto “improvisados” no confronto com o próprio objeto, de uma perspectiva antropológica.

No período entre 13 a 26 de julho de 1996 estive na Biblioteca Nacional (RJ) e pude pesquisar uma literatura esportiva. Estendi esta pesquisa para São Paulo, o que acabou se mostrando fundamental, alterando, inclusive, algumas das estratégias de campo. Verifiquei que a Fundação Biblioteca Nacional possui um significativo acervo documental e bibliográfico sobre os esportes, sobretudo do período compreendido entre as décadas de 10 até os anos 40. Este material é de fundamental importância conhecer para se compreender a dinâmica dos esportes e a conseqüente supremacia do futebol como esporte de massa, identificado com aquilo que se convencionou denominar como um dos índices de um propalado *ethos* brasileiro².

O conhecimento de uma literatura variada e constante sobre o desenvolvimento das regras e das táticas do futebol no Brasil, publicadas na forma de guias e manuais, revelou uma dimensão até então pouco discutida nos estudos sobre o tema, que em grande medida tomam o futebol como um produto acabado e consolidado enquanto *símbolo nacional*, como veremos no próximo tópico. Viés fecundo de pesquisa, se atentarmos para a dinâmica e o entusiasmo com que muitos se entregaram e se debruçaram (cronistas e técnicos, sobretudo), desde o começo do século, no intuito de consolidar uma *forma* ou *padrão* de jogo, um *ethos* esportivo de grande apelo estético e simbólico.

Estas publicações, praticamente ignoradas pela massa torcedora, residuais até mesmo como referências para muitos cronistas e jogadores, embora de fácil acesso do público, elaboram e explicitam determinadas doutrinas esportivas que dizem respeito às rotinas e concepções do adestramento do corpo do jogador, individualmente e no desenvolvimento das configurações coletivas do jogar, que podem apontar e iluminar para a dinâmica e os sentidos multifacetados de vivenciar o futebol brasileiro, contrastado às outras *formas* desenvolvidas em outros países.

As apropriações dessa bibliografia, inicialmente servindo para consolidar a popularização entre os aficionados jogadores e as assistências, instruindo-lhes no olhar, na disciplina corporal e na fruição do jogo e, posteriormente, como produto de um

² . “O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (GEERTZ,

discurso de autoridade, legitimador de um *campo*, revelam a importância da circularidade dos significados atribuídos entre os diversos grupos e atores sociais envolvidos com o futebol no que se refere às *formas* e aos sentidos do jogar e vivenciar a modalidade.

Inspirei-me nessa idéia de circularidade dos usos e significados que presidem estas publicações, tomadas ao longo das décadas, para a elaboração de um modelo e estratégias de pesquisa. Daí a dupla importância desses volumes nesse trabalho, para além de seu conteúdo imediato, nortearam a escolha metodológica do recorte empírico.

As fontes documentais utilizadas neste trabalho foram arquivadas e sistematizadas numa hemeroteca, que compreende artigos dos jornais *Folha de S. Paulo*, (1994-1999) *O Estado de São Paulo (OESP)* (1993-1998), *A Gazeta Esportiva* (1931-1950; 1986-1997), esporadicamente *Jornal da Tarde*, *Diário Popular*, *Lance*, *O Globo*, *Jornal dos Sports*, entre outros. A partir das considerações contidas em cada capítulo organizei este material em temas para subsidiar as passagens mais etnográficas.

Embora a coleta documental e bibliográfica tenha dado um certo alento e fôlego à pesquisa de campo, alguns problemas se apresentaram naquilo que se refere ao *corpus* etnográfico a ser delimitado. Tal problema deveu-se basicamente pela dificuldade em circunscrever um objeto que, apesar da relativa facilidade em recolher material de consulta, a abrangência de temas nele contido dificultou e, de certo modo, paralisou a investigação. Como e o quê escolher para estudar, neste amplo espectro de temáticas, só puderam ser resolvidos, ou melhor equacionados, quando foi relida grande parte da bibliografia sobre os temas esportes e futebol. Notou-se que, mesmo nos textos consagradamente mais antropológicos, existe uma escassez no que se refere a uma abordagem mais etnográfica.

Certamente não por uma obtusidade dos autores mas talvez, em parte, pela aparente dissimulação que acomete a todos, inclusive nós pesquisadores, sobretudo no Brasil, dada a facilidade em se falar e teorizar sobre o assunto, de tão introjetado que o futebol está em nossa vivência cotidiana. Não raro, tais “desvios” resultam em trabalhos cujo caráter ensaístico predomina sobre aqueles de natureza mais etnográfica.

Em princípio, pensei em trabalhar, como tantos outros, na perspectiva de buscar as singularidades e os porquês da tamanha projeção do futebol na sociedade brasileira. Aliás, pergunta difícilíssima de ser respondida, dado seu caráter extremamente

essencialista, por um lado, e especulativo, por outro, na medida em que o futebol aparece em vários países com semelhante projeção, acima de tudo se for analisado sob o ponto de vista institucional.

Este recorte mais institucional, ambicionado ainda no projeto de pesquisa, delimitava algumas das instituições que sustentam o enquadramento profissional deste esporte, a saber, clubes, federações e confederação, sindicatos de jogadores etc. Acreditava, numa certa altura, ser importante trabalhar com este, digamos, outro lado do futebol, pois já havia desenvolvido, no mestrado (1990-1994), uma etnografia sobre um determinado comportamento torcedor, aquele denominado de “organizado”³.

Percebi, então, que, embora relevante do ponto de vista de uma sociologia do esporte, este viés de pesquisa mostrava-se pouco satisfatório de um certo ponto de vista antropológico, pois, compreendida e concebida como estava, ou seja, analisar o futebol em seu nível organizacional e institucional, a pesquisa fatalmente perderia a dinâmica entre os atores, pressuposto de qualquer trabalho de cunho mais etnográfico, sobretudo desde Malinowski.

Além do levantamento bibliográfico e documental, o trabalho se completaria com entrevistas dirigidas, basicamente. Ou seja, somente representações, sem os nativos em carne e osso, posto que eu havia deixado as práticas sociais de lado. É aqui que a bibliografia sobre rotinas de treinamentos, esquemas táticos, regras, temas destes manuais em geral, começaram a fazer algum sentido, apontando para um recorte mais proveitoso. Antes, todavia, vislumbrava ainda outras alternativas teóricas, tais como a reconstituição e aplicação de modelos mais históricos aos dados até então recolhidos.

Tendo tomado conhecimento dos textos de Norbert Elias voltados para o fenômeno esportivo, poderia aplicar o seu modelo para o caso brasileiro. Modelo sustentado por uma perspectiva mais abrangente, reconhecida nos trabalhos sobre o “processo civilizatório”. O que colaborou para que me aproximasse desta perspectiva histórica, alentando também a pesquisa de um ano e meio, aproximadamente, feita na sessão de microfilmes da biblioteca Mário de Andrade, lendo o periódico *A Gazeta Esportiva*. É claro que esta leitura extensa (de 1929 a 1960), embora tenha trazido uma gama muito grande de informações, só fazia sentido num trabalho propriamente historiográfico. Faltava um modelo que desse conta desse volume de informações. A primeira vista, a perspectiva figuracional de Norbert Elias equacionava este impasse.

A leitura e reflexão deste importante autor, todavia, conduzia o trabalho a outras encruzilhadas, pois uma pesquisa dessa natureza demandava uma análise de outras fontes documentais e uma melhor delimitação temática, bem como uma periodização mais definida.

Embora de grande valia comparativa, o modelo de Elias fora construído tendo em vista uma sociedade particular, a inglesa, sociedade esta predominantemente individualista, na qual o desenvolvimento dos esportes sempre esteve imbricado ao processo gradual, segundo o próprio autor, de parlamentarização da vida pública e que incidia, ao menos em tese, no autocontrole dos grupos e *indivíduos*. Os esportes seriam uma contrapartida lúdica dessa ordem social.

Cotejado a outros modelos explicativos, muito utilizados para compreender o fenômeno esportivo no Brasil, como será visto no tópico que segue, esta vertente teórica assentada numa noção universalista de indivíduo, como parece ser o caso da perspectiva de Elias, se contrapunha, por exemplo, ao modelo “damattiano”⁴, muito utilizado por outros pesquisadores do futebol.

Dadas as peculiaridades da disciplina e o desenvolvimento das discussões sobre o tema no âmbito acadêmico, o modelo deveria ser lógico e não somente histórico. O que sustenta a popularidade do futebol não é, obviamente, seu enquadramento institucional de um lado e, de outro, seu enquadramento moral, dos torcedores, mas a relação entre estas duas dimensões, repartida aqui em três, como argumentarei mais adiante.

Independentemente da leitura sociológica que se faça sobre o futebol jogado profissionalmente, das conjunturas políticas e institucionais que tensionam e se entrelaçam ao referido esporte, ele se mostra configurado numa estrutura mais estável, proposta aqui como um *modelo etnográfico* ordenado, não de modo irreduzível, a partir de três referências, ou seja, os *profissionais* (jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores, médicos etc), os *especialistas* (as crônicas esportivas, sim, no plural mesmo) e o conjunto genérico de *torcedores*, “comuns” ou nomeados e reunidos em certas coletividades específicas.

³ . Posteriormente publicado (TOLEDO, 1996).

⁴ . Explicitado mais adiante no item *uma contenda acadêmica*, do próximo tópico.

O fato de esse modelo estar alicerçado sob três categorias nativas e não outras, como fora algumas vezes sugerido e mesmo questionado, merece algumas considerações.

Primeiro, esta classificação, aparentemente precária para efeitos de descrição e interpretação do modelo nativo, não se refere à presença de grupos corporados. Sequer existe uma condição ecoestatutária que a preside, ou seja, não são categorias que designam atores sociais num mesmo plano, quer em termos econômicos, políticos ou sociais, uma vez que jogadores, cronistas, dirigentes estão diretamente envolvidos com algum ganho de natureza material, o que parece divergir da mera condição genérica torcedora. Desta perspectiva, teríamos dois grandes blocos e não três, digamos assim.

Segundo, reunir esta gama de atores sociais nessa conformação também não implica supor a existência de uma certa organicidade interna, sobretudo se pensarmos que jogadores e cronistas esportivos, dirigentes, enfim, se aglutinam em torno de instituições identificáveis, tais como clubes, empresas de comunicação ou, num plano mais político, sindicatos, não raramente contrapostos. Desse modo, como aproximar interesses de classes distintos, patrões e empregados em última instância, se pensarmos, por exemplo, a relação entre jogadores e dirigentes como pertencentes ao domínio dos *profissionais*?

Entretanto, o recorte enunciado define-se a priori mais pelas “situações rituais” do que propriamente configurações da ordem da organização social do enquadramento sociológico do futebol, mesmo que seja sobre ele que se estabeleça este outro princípio classificatório. É preciso aclarar este ponto.

O efeito de completude que o modelo sugere é obtido, necessariamente, a partir da co-presença das três categorias em inter-relação, pois tomadas isoladamente somente reproduziriam análises muitas vezes já contempladas, em que uma dimensão mais explicitamente sociológica, de grupos, de interesses, é evocada, como pano de fundo analítico.

Excetuando-se os torcedores e os cronistas, coloco todos os demais atores dentro desta categoria *profissionais*, muito embora, como se constata, não exista ainda, por exemplo entre os juízes ou dirigentes uma regulamentação profissional das atividades, ainda inexistente no primeiro caso e que apenas começa a ser esboçada entre os dirigentes, muitas vezes tidos como amadores nas administrações de clubes e federações.

Profissionais, em princípio, serão todos aqueles que interferirem diretamente no jogo, quer dentro do campo, como a própria performance dos jogadores, técnicos ou juízes na busca imediata dos resultados⁵, quer na preparação dos jogadores, fisiologistas, preparadores físicos etc, ou no suporte administrativo dos dirigentes, cada vez mais associados aos patrocinadores na gestão direta do futebol, a frente das instituições tais como federações, ligas ou confederações, que viabilizam a competição como espetáculo. Esta simplificação, contudo, servirá para melhor dinamizar o modelo aqui proposto.

Todos os *profissionais* estão engajados, de modo preponderante, na busca pelos resultados, característica da dimensão competitiva. Não que os torcedores abram mão das vitórias de seus clubes, mas os significados atribuídos às partidas transcendem a mera aquisição de benefícios materiais com o futebol. A reciprocidade entre torcedores é menos imediata que a simples recompensa material vinda dos escores alcançados, obviamente. Daí uma diferenciação substantiva entre estes e os *profissionais*, da ordem do valor simbólico atribuído e não simplesmente de uma única variável sociológica quantificável e determinante.

No que concerne aos cronistas (comentaristas, locutores, repórteres, sobretudo), identificados, nomeados e auto-referidos ora por este mesmo termo, ora pela expressão *crônica especializada* ou simplesmente *especialistas*, suponho que construam, ao nível das representações, uma lugar simbólico equidistante entre os *profissionais* e os *torcedores*. Não jogam, mas também não se comprometem no nível da emoção partidária, ao menos em tese, do mesmo modo que o conjunto de torcedores. Mesmo quando isso ocorre, é compreendido como sendo um trabalho minucioso e estratégico de construção de um determinado *estilo* de cobertura jornalística, como será abordado no Capítulo 2, diferenciado, portanto, da postura torcedora mais genérica.

É óbvio que os cronistas se inserem, tal qual os jogadores, na categoria de profissionais, como trabalhadores remunerados, figurando sociologicamente uma posição definida no enquadramento institucional deste futebol. Também encontramos entre os meios de comunicação disputas acirradas em torno de determinados benefícios

⁵ . Os juízes também almejam um resultado na forma de um escore estabelecido dentro das regras. Uma partida não terminada – excetuados imprevistos técnicos como falta de iluminação no estádio ou interpéries – sugere um trabalho que passou por alguns percalços e que, portanto, não foi realizado dentro da normatividade imposta pela presença desses atores, condição necessária para que se realize a partida, pois consistem numa das regras.

materiais, explicitamente vinculados aos índices de audiência, o que implica também numa busca por resultados, porém este não é o ponto de distinção aqui enunciado.

Trata-se, neste caso, de uma questão mais simplificada, ou seja, estabelecer as situações referenciais em relação ao jogo *stricto sensu*. Distanciamentos diferenciais que se maximizam e se perpetuam ao nível do ritual, simbolicamente tomados a partir dos atores distintos no cenário construído em torno de uma partida.

Aí encontramos aqueles que sustentam e viabilizam a partida em si, os *profissionais*, aqueles que adensam à mesma os níveis de emoção que ela suscita e engendram valores e formas de sociabilidade específicas, o conjunto genérico de *torcedores* e, por sua vez, os *especialistas*, que procuram retraduzir e ordenar para uma narrativa supostamente linear e universalista, a partir das técnicas disponíveis de cada meio midiático e fixidez das regras, o processo ritualístico em evento jornalístico, de interesse de todos, portanto, decorrendo, inclusive, todas as implicações que podem ser analisadas da perspectiva teórica de uma sociologia dos meios de comunicação⁶.

Há, no caso do fazer jornalístico, um reivindicado distanciamento (ou equidistância) que se impõem à condição de cronistas, o que no plano das representações os diferenciam dos outros dois atores, embora também adensem emoções às partidas, como será visto. Aliás, um princípio muito comum quando se pensa, por exemplo, a formação de outros campos especialistas, científicos sobretudo, que estabelecem, guardadas as naturezas distintas dos conhecimentos, um certo distanciamento axiológico ante seus objetos⁷. Aí, no caso, são os próprios jogadores e demais *profissionais* que formam o conjunto de “objetos” lidos, interpretados e analisados, ao passo que os torcedores comprometem-se ao máximo suas performances às dos próprios jogadores e times.

Não obstante, se tal configuração ternária pode ser melhor observada no momento ritual, até pelo arranjo espacial que dispõem os atores nos gramados, nas

⁶ . É claro que não estou desconsiderando esta bibliografia, porém para efeitos de minha análise não caberia num único trabalho elaborar uma análise mais minuciosa sobre os estudos de teoria da comunicação.

⁷ . Sob este aspecto é interessante analisar a fala de Juca Kfourri sobre o estatuto da condição de cronista esportivo que, segundo ele, consiste tão somente num gênero no interior do jornalismo. Numa entrevista sobre sua atuação na crônica afirmou que se, por hipótese remota, acabasse o futebol como um fenômeno relevante para o jornalismo, tomado portanto como objeto, iria trabalhar em outras editorias. Aliás, como fez durante toda a sua carreira, pois foi editor de revistas fora do âmbito esportivo, como a *Playboy*, e apresentador de *talk show* na TV CNT/Gazeta. Para uma consulta sobre os dados biográficos do referido jornalista esportivo ver a revista *Caros Amigos*, edição de abril de 1997, ano 1 n^o 1.

cabinas de transmissão e pelas arquibancadas⁸ de maneira perceptível nos estádios que abrigam o futebol jogado profissionalmente, quais formas toma tal modelo se pensado fora desse espaço? Recolocando a pergunta, a que dinamismo se presta esta divisão aqui imposta pela etnografia fora do contexto ritual? Qual a importância em se observar o futebol fora de seu *locus* de ritualização máxima que são as partidas? Em suma, qual a relação que se estabelece, a partir do futebol profissional, entre ritual e cotidiano?

Volto a ressaltar que para responder estas questões de maneira mais satisfatória seria necessário trabalhar com a recepção do futebol através das mídias, pois é sobretudo a partir delas que este futebol profissional, de fato, efetivamente alcança a massa mais alargada de torcedores, se comparado ao público que afluí aos estádios. Não é isso exatamente que trata esta pesquisa, embora reconheça a importância desta abordagem. Ela está contemplada, porém balizada aqui sob um viés particular.

Ainda que a mídia filtre este futebol e estabeleça com os torcedores uma relação mediatizada por discursos e aparatos tecnológicos persuasivos, a construção de tais relações entre estes atores só pode ser compreendida na medida em que este futebol também é de domínio de uma semântica popular, de senso comum. E que, de certo modo, tais poderes da mídia encontram seus limites justamente num jogo de representações nem sempre consensual, dos “cartolas” e patrocinadores poderosos, passando pelos próprios cronistas, aos mais humildes dos torcedores.

Se esta relação entre torcedores e mídia for pensada somente do ponto de vista de uma teoria da comunicação e na relação estabelecida entre produção e recepção, e todas as implicações sociológicas mais tradicionais à respeito da ação dos meios sobre o público, corremos o risco de voltar à velha questão, agora escamoteada, que diz respeito ao caráter alienador (ou de uma “resistência”) do futebol ante o público.

A recepção do futebol está assentada numa história cuja sensibilidade fora gestada anteriormente a própria formação do campo midiático tal qual nós conhecemos hoje, aliás, que se expandiu juntamente com o gosto popular pelo futebol, ao contrário de outras expressões culturais de massa que nasceram mais condicionadas às propriedades tecnológicas e ideológicas disponibilizadas pelos meios.

As mudanças na maneira de ver, ouvir e gostar de futebol obviamente que estão nuançadas também pelos meios de comunicação, fato que se observa para todo o

⁸ . Espaço virtualmente alargado se pensado nas transmissões propriamente ditas e toda a comunidade de assistentes em torno dos meios de comunicação, neste caso o rádio, a televisão e possivelmente a internet.

conjunto das modalidades esportivas. Estas, sem exceção, procuram uma simbiose com seu público a partir desses meios, alterando, até mesmo, o núcleo das regras no intuito de adequar, por exemplo, o tempo da competição ao tempo das mídias, viabilizando e contemplando um uso mais ampliado do marketing esportivo, dos interesses dos patrocinadores⁹. Que tais fatores alteram os sentidos do jogar não restam dúvidas, porém tais transformações sempre ocorreram em função de variados constrangimentos sociais.

As modalidades esportivas, qualquer investigação histórica mostrará, sempre estiveram condicionadas aos processos de transformação, adequando as formas de jogar às emoções e apelos daqueles que as vivenciam como espectadores, ou aos interesses deliberadamente econômicos e políticos de investidores, tais como as mídias. Este é um aspecto fundamental de qualquer atividade lúdica que cindiu-se entre praticantes e assistentes nas sociedades de expressiva divisão social do trabalho, as denominadas “industriais” ou “complexas”.

⁹ . Esta modalidade de marketing promocional, que vem transformando o fenômeno esportivo, o futebol em específico, em uma mídia cada vez menos “alternativa” para muitas empresas ganhou os contornos de um projeto empresarial publicitário mais agressivo a partir dos anos oitenta no Brasil, sobretudo no voleibol, esporte que primeiro se associou à algumas empresas, tais como, por exemplo, instituições do sistema financeiro (Atlântica Boavista, Bradesco), indústrias nacionais e multinacionais (Pirelli, Supergasbrás). O incremento e a utilização mais continuada do marketing no futebol tem seu marco mais institucionalizado a partir de 1987 com o patrocínio da Coca-Cola no campeonato brasileiro. Através do merchandising, veiculado nos diversos suportes que sustentam a prática da modalidade, desde o material esportivo utilizado nas diversas categorias, dos profissionais aos alunos das “escolinhas” de futebol franqueadas, até nas propagandas estáticas nos locais das competições, associam-se as imagens das empresas aos clubes de futebol. Na 1ª Conferência Internacional de Marketing Esportivo, realizada em dezembro de 1994 no Brasil, à época o vice presidente da Sponsorship Research International, Darren Marshal, afirmava que “o retorno de uma marca ou produto envolvido em patrocínio de eventos esportivos é quatro vezes maior do que o de uma boa campanha publicitária” (apud MELO NETO, 1995:27). “Divulgação”, que supõe a fixação e a exposição espontânea da marca na mídia que faz uma intensa cobertura dos esportes, a permanência e rejuvenescimento da “imagem” da empresa e o retorno na “venda” constituem os propósitos canônicos de qualquer projeto de marketing, o “tripé do marketing esportivo”, maximizado sob os critérios calcados na dimensão mercadológica, tal como apregoa o consultor de marketing Francisco Melo Neto: “O esporte encerra em si próprio um conceito e uma imagem de sucesso, emoção, vida, prazer, vitória e entretenimento (...) A emoção do espetáculo esportivo é transferida, inconscientemente, para a mente do espectador e do torcedor. E o que fica é a associação da marca e do produto com os ingredientes emocionais do esporte” (MELO NETO, 1995:29). Clubes, jogadores de expressão nacional e internacional e até mesmo grupos de torcedores vêm utilizando-se dos métodos gerenciais do marketing como suporte e manutenção de suas imagens dentro deste novo ordenamento material e simbólico do futebol.

Para uma visão programática a respeito do marketing esportivo consultar, além do texto de Melo Neto citado acima, o artigo *Futebol Empresa*, de Luís Fernando Pozzi, professor e consultor de marketing da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Para uma visão mais crítica desse processo e de um ponto de vista econômico indico o texto de Marcelo Weishaupt, economista e professor na UNICAMP, denominado *Reflexões sobre o futebol empresa no Brasil*. Ambos estão publicados no volume *Futebol, espetáculo do século* (COSTA et alli, 1999).

A mídia constrói e formata um discurso sobre o futebol assentado nas falas dos outros atores, *profissionais* e *torcedores*, e o faz utilizando-se de estratégias técnicas e ideológicas desse discurso. Todavia o futebol (e todas as suas formas de jogar e dele usufruir) está impregnado a um cotidiano não necessariamente imobilizador, aparecendo como um fenômeno discutido e experimentado por muitos, mesmo entre aqueles que pouco conhecem de sua história ou de suas regras, ou o desempenho dos próprios times. Daí este modelo buscar a relação estabelecida entre os atores *típico-ideais* aqui enunciados.

É preciso ainda aclarar o recorte da pesquisa de campo e explicitar de que modo está organizado e como responde às indagações propostas nesse trabalho. Ordenado os atores neste modelo, a partir dele comportariam diversas estratégias de observação, uma vez que suas práticas sociais estão dispersas em inúmeras atividades facilmente verificadas mas, do ponto de vista da sistematização do material, mostra-se de difícil execução, se não supor algumas escolhas inevitáveis.

Estas escolhas, obviamente, ficaram condicionadas às perspectivas teóricas e a leitura que faço das contribuições de vários autores e modelos, melhor explicitadas a seguir no próximo tópico sobre a *contenda acadêmica*. Adianto, todavia, que parti de algumas dicotomias canônicas que perpetuaram as explicações sobre o fenômeno esportivo. Entre elas acrescento a relação entre ritual e cotidiano. É a partir dela que delimito alguns eventos e o recorte empírico que julgo expressivos do ponto de vista da dinâmica do modelo etnográfico aludido.

Privilegiei o contexto cotidiano por razões teóricas que irei abordar em seguida e é a partir desse recorte que escolhi, para tratar dos *profissionais*, notadamente os jogadores, técnicos e alguns outros atores, os treinos de futebol, observando alguns clubes da cidade de São Paulo tais como o Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube, Associação Portuguesa de Desportos e Sociedade Esportiva Palmeiras, durante quatro meses, dois deles no ano de 1998 (setembro e outubro) e mais dois meses no ano de 1999 (março e abril).

Cursos de capacitação de treinadores de futebol, promovidos pelo Sindicato dos Treinadores Profissionais do Estado de São Paulo (SITREPESP), também foram objetos de uma observação mais sistemática.

A escolha dos treinos corroborou a pesquisa bibliográfica sobre o desenvolvimento técnico do futebol, sobretudo no que diz respeito à manutenção de

algumas representações consolidadas no imaginário social, que conferem peculiaridades ao futebol brasileiro. Nos treinos repõem-se cotidianamente os desígnios, do ponto de vista dos *profissionais*, desse futebol enquanto representação coletiva. Os treinos revelam uma dimensão contrastiva dos rituais e recolocam, como processo inacabado, as dramatizações (DA MATTA, 1982) enunciadas nos rituais.

Os cursos de capacitação, notadamente o *curso básico* e o *soccer clinic*, dos quais participei e observei como aluno matriculado nos anos de 1997 e 1998, mostraram-se riquíssimos sob vários pontos de vista.

Lugar de circulação de técnicos, jogadores, imprensa, estes atores investem e cotejam saberes, concepções, metodologias postas em prática nem sempre consoantes às representações caras ao universo torcedor, por exemplo.

Verdadeiras vitrines de um futebol em contínuo processo de mudanças, inclusive institucionais, embora esta dimensão só esteja contemplada aqui de modo referencial, contrastando e sensibilizando todo um imaginário social que se reconhece em algumas *formas* do jogar, nesses cursos celebram-se os resultados de um futebol “de ponta”, nem sempre coadunado com as realidades mais encantadas vindas das arquibancadas ou com as condições socialmente menos favorecidas no exercício da atividade esportiva profissional observadas nas diversas praças esportivas espalhadas pelo país.

Ali é o lugar da exposição das novidades, das últimas contribuições da tecnologia, do aprendizado das mudanças recentes nas regras ou táticas, mas ao mesmo tempo o encontro e o confronto com certas tradições arraigadas, nem sempre consensuais entre um futebol “ideal” com o “real”, e todas as implicações que se podem tirar desse embate.

Locus de domínio dos *profissionais* por excelência, o que, em princípio, inibe uma maior exposição de uma performance *torcedora* e *especialista*, estes cursos revelam aquilo que os rituais muitas vezes ocultam, uma vez que não celebram um futebol tomado somente enquanto representação de uma sociedade imaginada, mas também capacitação profissional, interesses divergentes, ascensão social, colocando à prova as desigualdades inerentes ao campo esportivo e às dificuldades encontradas de reconhecimento e prestígio nele contidos.

Estes cursos, cada vez mais reconhecidos e legitimados dentro do campo esportivo, explicitam de maneira muito clara a dinâmica da divisão social e simbólica ante as novas demandas e solicitações que vêm alterando toda uma mitologia primordial

em torno da idéia do futebol como elemento *inato* da identidade nacional. Embora quantitativamente pouco representativos de todo o futebol nacional, qualitativamente revelam e iluminam processos em curso que refletem, informam e influenciam outros centros de excelência do futebol brasileiro, em consonância às demandas mundiais de sua propagação.

Processos que se observam, por exemplo, com o incremento dos centros de treinamentos, índices materiais de modernização dos clubes ante as parcerias com as empresas de patrocínio e co-gestão esportiva, a valorização crescente de outros profissionais na formação das comissões técnicas, tais como psicólogos e “preparadores mentais” e outros, a expansão das “escolinhas de futebol” como modalidade de sociabilidade urbana e ampliação em larga escala na produção de atletas, observada em alguns clubes e etc.

Todos estes aspectos e outros mais, tendo os treinos e os cursos para treinadores como *locus* de domínio dos *profissionais*, centrais nas análises aqui empreendidas, estão sendo discutidos no Capítulo 1.

Compreendidos no Capítulo 2 estão as etnografias que tratarão de modo preponderante da crônica especializada e algumas de suas expressões mais populares cristalizadas em certas modalidades de cobertura esportiva, a saber, a cobertura diarista, as transmissões ao vivo e as mesas redondas. Dadas as várias possibilidades de acesso às representações engendradas pelos *especialistas*, optou-se por um procedimento de investigação análogo ao referido para os *profissionais*.

Ao invés de buscar nas entrevistas e nos próprios meios, somente, os nexos que dinamizam a atuação de repórteres, locutores e comentaristas dentro do futebol, realizei três cursos de extensão sobre jornalismo esportivo. A observação participante ocorreu, de forma sistemática, ao longo do primeiro semestre de 1999 e de modo mais esporádico no segundo semestre. Ali, mais do que um corolário de palestras assistidas de modo passivo pelos neófitos jornalistas, foram realizados laboratórios e simulações de coberturas esportivas, inclusive com experiências em campo, o que possibilitou vislumbrar determinados diferenciais dados pelo exercício e aprendizado do *metiér* jornalístico em relação aos sentidos que *profissionais* e *torcedores* conferem ao futebol.

Os torcedores estão contemplados de modo mais preponderante no Capítulo 3, sinalizando para uma classificação dos comportamentos manifestos dessa condição, a de torcer, desde aquelas mais formalizadas às mais, digamos, “espontâneas”.

Aqui a pesquisa de campo trilhou um percurso que necessariamente se vincula àquele realizado no trabalho sobre as Torcidas Organizadas (TOLEDO, 1996), onde utilizei a consagrada imersão no modo de vida e prática social *nativos*. Contudo, quando se fala em torcedor de maneira mais genérica, não era este o caso anterior, impõem-se problemas à observação, inclusive de escala.

Para além da descrição de certas modalidades de torcer mais visíveis, tais como aquelas implementadas pelas próprias Torcidas Organizadas, privilegio alguns *locus* de produção da sociabilidade torcedora embora, repito, apareçam todas as dificuldades metodológicas encontradas para tal empreitada, uma vez que o futebol, nesse domínio, está presente de modo permanente e contínuo, mas ao mesmo tempo fluido e ocasional, em vários e incontáveis contextos.

Desse modo, optou-se pelos bares, que serviram de *locus* simbólico central para sistematizar as práticas sociais torcedoras cotidianas. Observados em algumas de suas modalidades, estes espaços sociais são fundamentais para se compreender os significados da sociabilidade esportiva continuada e mobilizadora de representações numa sociedade como a brasileira. Não faço uma etnografia extensa dos bares, o que saliento é uma determinada vivência do futebol a partir do imaginário torcedor que reconhece nos bares, de maneira genérica, isso sim, um espaço de maior fluência e expressividade desta emoção dada pelo futebol fora de seu contexto ritualístico.

Espaço da performance torcedora por excelência, ou melhor, de uma condição ou *ethos* torcedor, o futebol ganha ali uma dimensão falada específica, sem os constrangimentos impostos pela prática profissional ou pelas injunções éticas e políticas do campo midiático representado pelos *especialistas*, embora necessariamente estejam anunciados e referidos nos debates que suportam estas sociabilidades.

No contexto urbano, formam o maior conjunto de estabelecimentos de encontro e convívio por onde se confrontam as representações sobre o futebol, e outras. Mais ainda, os bares, tal qual o universo do trabalho, constituem a vida pública cotidiana.

Mas ao mesmo tempo não são os bares em si que interessam à análise, mas uma dinâmica e estrutura simbólica reconhecidamente “de bar”, que propaga e é propagada pelo fenômeno esportivo, mas que não está ausente das representações dos outros atores aqui enfocados, ainda que enunciem saberes e comportamentos mais padronizados e seletivos, se comparados aos *torcedores*.

O estatuto de uma etnografia com estas características, ou seja, que almeja contemplar universos tão multifacetados de expressão simbólica de um fenômeno nacional e mundial, ao contrário do que ocorreu no trabalho sobre torcedores organizados, coloca certos questionamentos que devem ser, senão resolvidos, ao menos equacionados com clareza, sobretudo quando se restringe o conjunto de eventos e atores escolhidos, privilegiando a observação direta e participante de cursos, treinos e bares, basicamente, em detrimento de outros contextos possíveis de análise.

Buscou-se uma ordenação de certos elementos estruturais dentro da multifacetada fruição do futebol a partir dessas três condições *típico-ideais*, mas é claro que não se teve a pretensão de esgotar o *corpus* etnográfico neste trabalho. O que fica é o modelo, que pode ser “preenchido” com outros exemplos pontuais, outros espaços de interação social e eventos similares aos escolhidos aqui.

Como exemplo, dentro desta perspectiva metodológica explicitada, mereceriam posteriores investigações os cursos de administração esportiva para dirigentes profissionais e os cursos de capacitação de árbitros, contextos e atores sociais igualmente relevantes à análise.

Do ponto de vista de uma sociologia das organizações seria importante verificar com mais acuidade a *sociogênese* desses dirigentes esportivos profissionais como formadores de uma nova elite administrativa que está sendo constituída fora dos domínios tradicionais de gerenciamento e configuração simbólica que orientou de maneira dominante o futebol até meados dos anos noventa.

Os dirigentes denominados de “amadores” geralmente são empresários, profissionais liberais e executivos. Para além dos estatutos dos clubes, que até pouco tempo estabeleciam a obrigatoriedade da condição amadora para os dirigentes que exercem atividades profissionais de caráter privado, existe certamente uma dimensão simbólica que sustenta a idéia de amador, ou seja, o comprometimento com os clubes pautados por critérios tradicionais, haja vista que muitos são “nascidos” dentro dos próprios clubes, inseridos através de redes de relações pessoais e de afinidades estabelecidas localmente.

Pautada sob critérios mais racionais e universalizados esta nova elite está sendo paulatinamente recrutada em outros domínios para além dos aliciamentos tradicionais

impostos pelas sucessões familiares¹⁰ e a circulação restrita de cargos e atribuições entre as facções de sócios vitalícios. Até mesmo a reciclagem de ex-profissionais, notadamente ex-jogadores ou ex-técnicos¹¹, que mais recentemente vêm optando pelas carreiras administrativas em detrimento do *glamour* da competição dentro do campo como técnicos ou *especialistas*, vem alterando a composição social das elites dirigentes.

Esta nova elite administrativa está sendo gestada sobretudo no meio universitário, quadros atraídos pelas possibilidades de abertura de alternativas profissionais no mercado dado o processo de reconhecimento institucional do futebol dentro da escala ampliada de circulação, gerenciamento e desdobramento do capital, que impele a uma nova divisão social do trabalho no campo esportivo, tanto no que diz respeito à sua dimensão institucional¹², quanto sua dimensão simbólica a partir das representações canonizadas sobre o futebol brasileiro, tema tratado de modo mais detido nesta tese.

A figura do dirigente profissional, que estabelece uma contraposição à imagem do “cartola” que, de modo geral, é identificada no dirigente amador, está se disseminando no campo esportivo como mediadora necessária entre os clubes e os interesses dos mega patrocinadores, que vislumbram no futebol e no domínio esportivo brasileiro as potencialidades de mercado e o retorno de capital nas formas do reconhecimento, imagem agregada ao esporte, credibilidade, reciclagem das marcas, e, obviamente, circulação e lucratividade a partir das vendas. Para tanto, os novos

¹⁰ . As sucessões nos cargos administrativos no gerenciamento dos clubes sustentadas pelos critérios do nepotismo e patronato sempre foram as maneiras preponderantes de reprodução das elites esportivas no futebol nacional.

¹¹ . Vários ex-jogadores e ex-técnicos vêm ocupando cargos administrativos nos clubes de futebol, interrompendo as carreiras socialmente mais valorizadas de técnicos. O São Paulo Futebol Clube possuiu até 1999 em seus quadros administrativos o ex-técnico Rubens Mineli, que durante décadas foi considerado um treinador “de ponta” do futebol brasileiro. O Corinthians teve Mário Travaglini, ex-preparador físico e ex-técnico, que foi aluno da primeira turma de Economia da PUC-SP e do curso de administração esportiva da FGV. Ex-jogadores e ex-técnicos do vôlei nacional também têm investido em carreiras administrativas dentro do futebol, tais como o ex-técnico da seleção feminina José Carlos Brunoro, gerente administrativo da gestão Parmalat-Palmeiras até 1997, Bebeto de Freitas, ex-jogador e ex-técnico da seleção masculina de vôlei, a frente desde o ano de 1998 da diretoria de marketing do Clube Atlético Mineiro, ou mesmo Roberto Guimarães, são-paulino declarado, dirigindo o departamento de futebol do Sport Club Corinthians Paulista sob a gestão da empresa americana de investimento de capital privado *Hicks, Muse, Tate & Furst Incorporated*, desde 1999, que controlará o departamento de futebol do clube por dez anos.

¹² . Observam-se estes desdobramentos no campo jurídico, por exemplo, com uma demanda cada vez maior por uma capacitação profissional em direito esportivo, tal como me relatou Carlos Miguel Aidar, secretário da seção da OAB em São Paulo.

dirigentes devem dominar a gramática empresarial, os fundamentos de administração e marketing e os processos racionais e otimizados de gerenciamento¹³.

Algumas faculdades de administração do ensino privado já oferecem cursos semestrais e anuais de especialização e capacitação em administração esportiva, com possibilidades de se tornarem *lato sensu*. É o caso, por exemplo, das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV), em São Paulo. Nos programas estão contempladas disciplinas de administração geral, recursos humanos, as dimensões econômicas do esporte, legislação e esporte, marketing esportivo, administração contábil e financeira e estratégia empresarial¹⁴.

É uma dada “*postura profissional*” que se quer universalizar, como afirma Francisco Mazzucca, coordenador do curso de Administração para profissionais do esporte da FGV (*OESP*, 20/09/1998), verificada nas várias dimensões do campo esportivo, formando e reciclando estas novas elites sob a máxima da racionalidade do mercado em franca expansão no final dos anos noventa do século XX.

A mesma lógica que preside a formação dos dirigentes profissionais nos circuitos universitários vem sensibilizando outras áreas, tais como a arbitragem nacional, e que, provavelmente, pesquisas posteriores poderão dar conta.

A formação de árbitros parece ganhar contornos mais acadêmicos, para além da capacitação oferecida pelas federações e confederação esportivas¹⁵, como é o caso, por exemplo, do Centro Universitário da Cidade, no Rio de Janeiro, que oferece curso de treinadores, administradores esportivos (dirigentes) e árbitros de futebol. O que leva, inclusive, à discussão sobre a necessidade da profissionalização da arbitragem, talvez

¹³ . “Um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), encomendado pela Confederação Brasileira de Vôlei (CBV), revelou que a indústria do esporte é a que mais cresce no Brasil. Enquanto em 1997 as vendas de produtos e serviços esportivos cresceram 5,14%, os demais setores industriais obtiveram, juntos, uma média de 3,9%. A participação do setor esportivo no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, vem crescendo de forma gradual, segundo o estudo subiu de 1,5% em 1995 para 1,65% em 1997 e 1,7% no ano seguinte” (<http://www.futeboltotal.com>, 01/01/1999).

¹⁴ . Processo que pode ser observado numa escala mundializada. O famoso ex-jogador holandês Johann Cruyff empresta seu reconhecido nome a uma instituição de ensino que visa capacitar novos quadros para a administração e relações públicas esportiva. Trata-se da Universidade Esportiva Johann Cruyff, inaugurada em setembro de 1999, cujo empreendimento é fruto de uma parceria do próprio jogador, a prefeitura e a Universidade de Amsterdam e o departamento Olímpico da cidade. Com duração de quatro anos o curso conta com sessenta alunos na sua primeira turma. Prevê-se que outros centros similares sejam criados em outras cidades européias tais como Madri, Burgos etc (<http://www.futeboltotal.com>, 01/01/1999).

¹⁵ . Cursos de arbitragem são oferecidos com regularidade nas federações estaduais tais como se observa na Federação Paulista de Futebol, por intermédio de sua Escola de árbitros “Flávio Iazetti”. Cursos básicos de árbitros duram em média 10 meses com mensalidades de um salário mínimo (em torno de 60 dólares mensais).

último reduto em que predomina exclusivamente o amadorismo no âmbito daqueles que interferem diretamente no campo de jogo, ao menos naquilo que se refere a proibição dos árbitros de exercerem unicamente a atividade da arbitragem como profissão, ainda que sejam remunerados pelos jogos arbitrados.

Cabe ainda, por último, um pequeno adendo sobre o estatuto metodológico daquilo que se refere ao uso do termo *categoria nativa* nas análises antropológicas. Tal como grande parte do arcabouço teórico-metodológico da disciplina, “importado” dos estudos monográficos canonizados por uma tradição etnológica, o uso metodológico da expressão categoria nativa sofre, ao ser utilizada num contexto de pesquisa nas sociedades urbanas, uma torção ou limitação. Quando se está utilizando das categorias *profissionais*, *torcedores* ou *especialistas* como nativas isto não sugere que sejam consensuais entre os próprios “nativos”, ao menos tomando todos os níveis do campo esportivo.

Quando parto dessa diferenciação, desse modelo ternário, não estou afirmando que toda a análise se esforçará tão somente em confirmar este arranjo concebido ou “descoberto” a priori. Trata-se de uma divisão simbólica (recorrente, porém sempre instantânea, pois da ordem da temporalidade ritual) que possibilitou apresentar, para efeitos de organização do material e de indagações teóricas, um modelo mais ordenado, com um princípio classificatório de uma dinâmica cultural extremamente complexa que é este universo do futebol.

Por fim, cheguei a esta proposta de modelo, reconstituindo a partir desses atores em relação alguns dos sentidos que encerram a relevância deste futebol que se reconhece “brasileiro”. Não para buscar sua essência, brasilidade ou o que seja, mas sua permanência, o que acredito ser diferente. Permanente porque dinâmico e porque jogado em vários níveis.

O futebol é o veículo de construção e manutenção de representações e identidades, ali mesmo nos botecos, *locus* aparentemente mais desprezioso de gestão de sociabilidades e vivências, tão significativos quanto os espaços dos cursos, treinos, estúdios e redações ou cursos sobre imprensa esportiva.

Representações que não se anulam numa equação de soma zero, porém igualmente diversa de uma simples soma, no sentido comum atribuído ao termo, que parece sustentar muitas das explicações que trabalham o futebol como um símbolo nacional produtor de igualdade, ou redutor de diferenças.

O futebol pode ser pensado como um *símbolo flutuante* justamente porque não produz este consenso, ao menos não na sua totalidade, mas pode ser vislumbrado como um fenômeno cultural onde todos articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, “magia” e emoção, suas teorias e doutrinas, e que, literalmente, investem nas suas falas e saberes determinados valores que, aí sim, talvez produzam identidades e grupos em alguns níveis. É dessa paradoxal falta de consenso, ao menos tomado como universalizante, que ele é engendrado como um poderoso operador cultural, falado e vivido por muitos, ao menos nesse país e dessa maneira.

2. jogos versus esportes

2.1 uma contenda acadêmica

A relação dinâmica entre as dimensões *lúdica* e *competitiva*, existente no domínio das discussões sobre o fenômeno esportivo, vem suportando inúmeros debates em torno da origem e do processo intrínseco que fez dos esportes um objeto constante de mobilização cultural e de tantos investimentos materiais e simbólicos, sobretudo nas sociedades ocidentais contemporâneas. O empenho, por parte de muitos, em analisá-lo sob um crivo científico, derivou da hipótese que enuncia uma estreita correlação entre os esportes e o movimento histórico de formação dessas sociedades. Movimento este concebido de diversos pontos de vista, mas que, de modo geral, toma, como pressuposto da discussão, os processos de transformação dos jogos em esportes, bem como as dicotomias correlatas, expressas na disjunção entre divertimento e seriedade, espectadores e jogadores, ou ainda entre amadores e profissionais.

Alguns estudos contribuíram sobremaneira para balizar esta discussão em torno da suposta dicotomia entre jogos e esportes. Uma primeira aproximação observada está na constatação histórica de que estes últimos são fenômenos distintos dos jogos praticados anteriores ao século XIX, presentes tanto no universo das cortes quanto no universo popular¹⁶. Somente após a disseminação do *ethos* burguês e industrial nas sociedades européias, cujo *leitmotiv* é a competição, é que foram gestadas novas modalidades de sociabilidade e divertimento adequadas ao ritmo imposto pelo crescente estilo de vida moderno, verificado tanto entre as elites quanto as classes trabalhadoras¹⁷,

¹⁶ . Apesar de um certo consenso na literatura acadêmica no que se refere às origens recentes dos esportes modernos, é notável observar que a maioria das enciclopédias populares sobre o futebol, que circulam em forma de fascículos, livros, e, atualmente, em vídeos comercializados em bancas de jornais e revistas, tratam do futebol como se tivesse uma origem remotíssima, quase mítica, presente, ao mesmo tempo, em inúmeras culturas. Perspectiva que confere e instila no imaginário torcedor a noção de que ele consiste num evento de dimensões a-temporais, ubíquo, jogado pelas civilizações antigas que, de algum modo, inventaram e dominaram os rudimentos da sua prática.

¹⁷ . Para uma verificação da popularização dos esportes, particularmente o futebol, entre os diversos estratos sociais e étnicos, verificar os trabalhos *O Pontapé Inicial. Memória do futebol brasileiro (1893-1933)* (CALDAS, 1990); *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália* (ARAÚJO, 1996) e *Football Mania: uma história social do futebol carioca (1902-1938)* (PEREIRA, 1997).

e o futebol é um exemplo paradigmático deste processo¹⁸. E é a partir desta correlação que os estudos pioneiros de Johan Huizinga, em 1938, e posteriormente Roger Caillois, em 1950 e 1958, irão centrar suas análises.

De modo geral, tanto um quanto outro convergem sobre a conceituação de jogo, caracterizado como manifestação *lúdica* por excelência, que evidencia intensamente noções tais como êxtase, risco, tensão, habilidade, evasão da vida cotidiana, expresso num conjunto de práticas definidas como desinteressadas e concebidas como não-sérias, circunscritas às regras, aos tempos e espaços determinados, e que suscitam estados excepcionais de suspensão da coletividade¹⁹.

Huizinga oscila, ao conceituar o fenômeno do jogo, numa perspectiva de ora concebê-lo como atividade não-séria, no sentido de contrapô-lo às outras esferas da vida, que progressivamente racionalizaram a dimensão *lúdica* (no direito, na política, no trabalho), ora como atividade *séria*, manifestação elevada às mais altas regiões do espírito, qual a experiência do sagrado:

“(...)a identificação platônica entre jogo e o sagrado não desqualifica este último, reduzindo-o ao jogo, mas, pelo contrário, equivale a exaltar o primeiro, elevando-o às mais altas regiões do espírito(...)” (HUIZINGA,[1938]1993:23).

Caillois, de outra parte, preocupou-se em construir uma tipologia²⁰ dos jogos, influenciando um outro conjunto de trabalhos. Este autor acena para a possibilidade de compreender as manifestações *lúdicas*, levando-se em conta várias das suas dimensões, em particular o gosto pela competição, que em Huizinga, ao contrário, consiste num elemento definidor apenas das atividades desportivas racionalizadas das sociedades industriais. O fragmento que segue é revelador da tentativa deste empreendimento:

¹⁸. Para uma abordagem mais sucinta sobre alguns jogos populares, anteriores ao século XIX consultar, por exemplo, Peter Burke, *Cultura Popular da Idade Moderna*. Para uma sistematização mais detalhada sobre o processo de conversão de alguns jogos populares em esportes ver Elias & Dunning (1992[1985]), particularmente os capítulos *Ensaio sobre o desporto e violência* e *O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos*, in *A Busca da Excitação*, citado.

¹⁹. Sobre este aspecto, é interessante notar que esta caracterização dos jogos como manifestações de suspensão da coletividade pode ser encontrada em Durkheim nas *Formas Elementares da Vida Religiosa*. Neste texto o autor aponta para uma teoria da performance quando relaciona os rituais religiosos e as festas laicas. É interessante observar que tanto Huizinga quanto Caillois não dialogam, explicitamente, com esta perspectiva durkheimiana da performance.

²⁰. O autor irá distinguir quatro formas básicas de manifestações dos jogos: *agôn*, ambição de triunfar unicamente graças ao mérito numa *competição* regulamentada; *alea*, que evoca a demissão da vontade a favor de uma espera ansiosa e passiva do curso da *sorte*; *mimicry*, o gosto de revestir uma personalidade diferente (*representação*) e, por fim, *ilinx*, a busca da *vertigem*. Estes princípios podem, segundo o autor, conviver em uma mesma modalidade de jogo.

“(...) O gosto pela competição, a busca da sorte, o prazer da simulação e a atração pelo vertiginoso surgem como os principais motores dos jogos, mas a sua ação embrenha-se completamente na vida das sociedades (...) os princípios dos jogos, tenazes e difundidos motores da atividade humana, que parecem ser constantes e universais, devem marcar os tipos de sociedade. E até presumo que possam servir, por sua vez, para a sua classificação, ainda que as normas sociais tendam a privilegiar exclusivamente um deles em detrimento do outro(...) O simples fato de se poder identificar no jogo um importante e antigo elemento do mecanismo social revela uma extraordinária convivência e surpreendentes possibilidades de intercâmbio entre os dois domínios (...)o que revelam os jogos não é diferente do que revela uma cultura(...)” (CAILLOIS,[1958]1990:87;105).

Posteriormente, todas estas considerações, apontadas como sendo características das atividades *lúdicas*, exemplificadas por Huizinga e Caillois nos mais variados jogos e divertimentos humanos, motivaram o aparecimento de interpretações as mais variadas no que se refere aos significados dos esportes nas sociedades modernas. Inspirados, em parte, nas reflexões de Huizinga, que analisou as competições esportivas modernas como atividades contaminadas por outras esferas da vida social, inúmeros trabalhos apontaram, com igual ênfase, para um crescente processo de desencantamento que parte dos jogos sofreram com o advento das sociedades burguesas, industrializadas e assentadas numa ética individualista competitiva, a partir do último quartel do século XIX.

Esta perspectiva, de modo geral, pode ser observada em vários autores, de diversas inspirações teóricas que, traçando percursos distintos, propugnaram a tese do desencantamento *dos jogos* com o advento do fenômeno esportivo. Visão compartilhada por inúmeros daqueles que se utilizaram das noções de um marxismo vulgar, que estabelece a tese dos esportes como ópio do povo²¹, por aqueles que enfatizaram algumas das noções tributárias de uma releitura de autores identificados com a *Escola*

²¹. Não pretendo demonstrar as argumentações inspiradas nestas teses marxistas, muito difundidas nos anos 60 e 70, pois, creio, já foram suficientemente abordadas por inúmeros autores, muitos dos quais citados neste trabalho. Observe-se, porém, que tais interpretações estão assentadas em uma concepção reducionista da noção de cultura, onde temos o binômio estrutura/superestrutura em uma relação de determinação causal, ou seja, a cultura e o domínio do simbólico (superestrutura) determinados pelas condições materiais de existência.

de Frankfurt, notadamente Adorno e Marcuse²², ou mesmo presente nos estudos que fizeram um mau uso dos trabalhos germinais de Caillois e Huizinga, sobre os jogos²³.

Lasch, inspirado por estes importantes estudos, enfatiza que

“(...)a história da cultura, como mostrou Huizinga em seu clássico estudo sobre os jogos, Homo Ludens, parece, sob uma perspectiva, consistir na erradicação gradual do elemento lúdico de todas as formas de cultura - religião, do direito, da guerra e, sobretudo, do trabalho produtivo. A racionalização dessas atividades deixa pouco espaço para o espírito de invenção arbitrária ou para a disposição de deixar que as coisas aconteçam ao acaso. O risco, a ousadia e a incerteza- componentes importantes do jogo - não têm espaço na indústria ou em atividades infiltradas por padrões industriais(...)” (LASCH, 1983:135, grifos meus).

É necessário salientar que a incerteza, aspecto mencionado pela maioria dos autores em questão como um dos elementos intrínsecos aos jogos, longe de ser uma dimensão banida do fenômeno esportivo, como supõe Lasch, está presente de maneira determinante na constituição da dinâmica do futebol, matizando as distintas práticas e significados presentes no *ethos* torcedor, na conduta dos jogadores, comentaristas e demais partícipes do universo esportivo.

Este diagnóstico, que aponta para um crescente desencantamento do jogo, também está presente nas considerações mais tópicas que Pierre Bourdieu faz sobre os esportes. Aclimatando para este contexto sua noção de *campo*, conclui:

“(...)a evolução da prática profissional depende cada vez mais da lógica interna do campo de profissionais, sendo os não-profissionais relegados à categoria de público cada vez menos capaz da compreensão dada pela prática.(...) O que acarreta efeitos, por intermédio da sanção (financeira ou outra) dada pelo público, no próprio funcionamento do campo de

²² . A destacar os trabalhos *Tiempo Libre* e *A ideologia da sociedade industrial*, de autoria de Adorno e Marcuse, respectivamente, citados.

²³ . Existe uma vasta literatura sobre os esportes que se identifica com estas perspectivas. Alguns trabalhos também analisaram o fenômeno esportivo à luz dessas considerações: futebol como *ópio do povo*, futebol como *hobby*, produto *alienante* da indústria cultural, ou ainda vetor de desagregação social no contexto das sociedades de massa, o que implica, segundo alguns autores, na expansão do fenômeno da violência entre torcidas e torcedores. Apenas para exemplificar, poderíamos citar alguns estudos comprometidos com estas abordagens: inspirados por um viés marxista estão Luigi Volpicelli (1967), *Industrialismo y esporte*; Gerard Vinnai (1970), *El fútbol como ideologia*; Juan José Sebrelli (1981), *Fútbol y masas*, Roberto Ramos(1984), *Futebol. Ideologia do Poder*; Renato Pompeu(1986), *Futebol, dramatização da luta de classes*, Dante Panzeri(1967), *Fútbol, dinámica de lo impensado*; evocando as críticas ao fenômeno da *indústria cultural*, Adair Caetano Peruzzolo(1991), *A espetacularização do esporte: o jogo de linguagem dos meios de massa*; Janet Clever, *A Loucura do Futebol* (1983); C. Lasch, *A Cultura do Narcisismo* (1983), Carlos A. M. Pimenta, *Torcidas Organizadas de futebol. Violência e auto-afirmação* (1997), entre outros.

profissionais, como a busca de vitória a qualquer preço e, com ela, entre outras coisas, o aumento da violência(...)” (BOURDIEU,1987:218).

Levando-se em consideração o processo generalizado de atomização do universo esportivo em *campos* concorrentes, a saber, entre *profissionais*, o conjunto de *torcedores* e, acrescentaria, os *especialistas* em torno dos esportes, as constatações desse autor, ao que parece, são privadas de uma análise mais circunstanciada, ou empírica, da relação entre estes setores, provavelmente mais dinâmica que a estratificação ou segmentação dos atores em campos estanques.

Nota-se que, em alguns contextos específicos, como no Brasil, a crescente popularização do futebol, e a sua transformação em esporte de massa, estiveram estreitamente vinculadas não somente à constituição de um campo profissional, o que evidentemente ocorreu, mas, concomitantemente, aos modos como esta prática esportiva foi sendo apropriada nas variadas formas de praticá-lo e vivenciá-lo, como na várzea, por exemplo, futebol amador que por muito tempo guardou uma estreita relação com os clubes profissionais²⁴.

Não se constata, aqui, como sustentaria Bourdieu, uma extrema cisão entre aqueles que praticam e os que somente assistem, embora, certamente, seja inegável que esta segmentação entre amadores e profissionais circunscreva motivações distintas no que se refere à inserção institucional, comprometimentos e expectativas ante o jogo.

Além do que, ao focar a dimensão da violência, Bourdieu parte do pressuposto de que ela se manifesta de modo mais recorrente a partir do advento da profissionalização do esporte, que supõe uma maior racionalização, seriedade e competitividade, daí a busca pelos resultados a qualquer preço. As considerações de Bourdieu, portanto, conduzem, implicitamente, a supor que o aumento da violência está vinculado e decorre da passagem das práticas amadoras, tidas por desinteressadas, *lúdicas* e desprovidas de recompensas imediatas, para as profissionais. Considerações

²⁴ . A literatura sobre futebol carece de estudos mais sistematizados sobre a importância da várzea como “um celeiro de craques”, utilizando uma expressão popular que por muito tempo definiu o papel deste tipo de futebol. Poderia indicar aqui o relatório de tombamento de uma área varzeana da cidade de São Paulo, denominada Parque do Povo, que abriga alguns dos significativos, e mais antigos, clubes varzeanos da cidade. De modo mais específico consultar o capítulo 3 do referido relatório, que inclui textos como *Futebol, Várzea e cidade de São Paulo* (WITTER, 1994), que traça um breve histórico e uma localização geográfica comparativa (1964-1994) dos clubes e locais da prática varzeana. Outro texto, fruto da mesma pesquisa é *Futebol de várzea também é patrimônio* (MAGNANI, J. G. & MORGADO, Naira,1996), citado.

desmentidas categoricamente por outras abordagens que vislumbram ainda na prática amadora os elementos essenciais que definirão e conformarão a competitividade do regime profissional²⁵.

Alguns autores, ainda, utilizam-se dos mesmos argumentos, embora em chaves analíticas diferentes, mostrando que os jogos perderam paulatinamente o seu frescor, sua espontaneidade e gratuidade genuínas, transformados pelos imperativos da competição, do *lucro* e, posteriormente, pelo advento da sociedade de massa e indústria cultural, que os circunscreveram a formas passivas e alienantes de espetáculos²⁶. Como explicita o excerto que segue:

“(...)o jogo, exercício voluntário, decisão pessoal, descomprometido, gratuito, apropriado pela Indústria Cultural, torna-se uma espécie de retórica do jogo, quer dizer, o jogo enquanto espetáculo para os outros, que é o jogo jogado pelos outros para mim [visto por mim] (PERUZZOLO,1991:20).

Intelectuais importantes, como Norbert Elias, também contribuíram para o enriquecimento do debate em torno da dicotomia esporte e jogo, mais especificamente a partir dos desdobramentos da perspectiva teórica filiada à sua sociologia, tendo em Eric Dunning (1966;1979;1995), entre outros, um colaborador e continuador da *perspectiva configuracional*, sistematizada pelo sociólogo alemão, aplicada ao fenômeno esportivo. É relevante levar em conta as considerações desses autores, pois elaboraram uma instigante revisão crítica de algumas das análises já aludidas.

A ênfase dada por este outro modelo é histórica (a busca da *sociogênese* dos fenômenos), e aborda a formação do processo de *esportificação*²⁷ de modo interdependente ao denominado *processo civilizador*. Elias intenta, com o uso da expressão *cadeias de interdependência*²⁸, mostrar que os esportes não são meros

²⁵ . Voltarei a mencionar esta questão da orientação para a seriedade na passagem do amadorismo para o profissionalismo em outros capítulos, particularmente no último, em que menciono de maneira mais clara as contribuições de autores como Eric Dunning, colaborador e continuador do modelo elaborado por Norbert Elias, referente aos estudos sobre os esportes.

²⁶.Contudo, do ponto de vista dos torcedores que analisei, aqueles denominados de *organizados*, o futebol apresenta-se menos como um *espetáculo* somente assistido como qualquer entretenimento, mas muito mais como uma dada experiência vivida como performance dos próprios torcedores, interdependentes com a dinâmica do futebol . Em termos mais abrangentes, esta experiência não se restringe somente ao momento do *jogo*, mas revela um projeto de organização coletiva em que se evidencia, inclusive, uma prática política dentro dos limites impostos pelo futebol profissional. A este respeito consultar o volume *Torcidas Organizadas de Futebol* (TOLEDO, 1996).

²⁷ . Neologismo utilizado por outros autores, tais como Leite Lopes, 1995, citado.

²⁸ . Elias rejeita a idéia de que a sociedade seja uma instância supra-individual e quase uma entidade metafísica. Ao invés de trabalhar numa chave durkheimiana dos *atos sociais* e toda a problemática da

subprodutos desses processos mais globais, mas, ao contrário, fazem parte deles de modo inter-relacionado, havendo um profundo entrelaçamento entre configurações sociais, políticas e econômicas com o advento dos esportes.

Diversa de outras análises, a perspectiva de Elias permite que se relacionem os fenômenos jogo e esporte não de modo dicotômico funcional mas, antes, como um *continuum*, cujas propriedades definidoras tanto do fenômeno *jogo* quanto do fenômeno *esporte* são balizadas por um amplo processo identificado como a parlamentarização crescente da vida pública nas sociedades ocidentais. Desse modo, a constituição das configurações esportivas esteve sempre imbricada ao processo de civilização e parlamentarização da vida pública, ou seja, na criação das mediações institucionais reguladoras, por um lado, e autocontrole individual na resolução dos conflitos, por outro, em qualquer instância da vida social: seja no âmbito da política ou no âmbito dos costumes, jogos e divertimentos.

Ainda segundo esta abordagem, o futebol, um fenômeno esportivo de grande relevância para o entendimento deste processo, talvez pela sua grande inserção nos vários estratos sociais, concorreu para disciplinar o nível generalizado de violência dos costumes e divertimentos na esfera pública dessas sociedades ocidentais em transição para a modernidade, saídas da ética do jogo.

Nota-se, neste modelo, não uma mera substituição orquestrada de uma ética do jogo por um espírito competitivo capitalista, como um processo de desencantamento, verificado em perspectivas já mencionadas, mas sim transformações graduais que não eliminaram ou substituíram deliberadamente os jogos, mas apontaram para configurações novas, concretizadas em fenômenos até então inexistentes, os esportes. O condicionamento coletivo e individual às regras impessoais, cada vez mais universalizadas, formaram, em suma, o apanágio das sociedades individualistas

coerção subjacente a este conceito, opta por usar termos tais como *cadeias de interdependência* ou *redes sociais*. A qualidade coletiva dos fenômenos reside nas ações recíprocas entre indivíduos que, por sua vez, são tensionadas pela cadeia de interdependência a que estão sujeitos. A metáfora da rede, comparada a redes humanas, é utilizada pelo próprio Elias para matizar a dicotomia durkheimiana entre indivíduo e sociedade: “(...)nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca (...) Mas, como modelo de reflexão sobre as redes humanas, é insuficiente para dar uma idéia um pouco mais clara da maneira como uma rede de muitas unidades origina uma ordem que não pode ser estudada nas unidades individuais(...)Talvez ele atenda um pouco melhor a seu objetivo se imaginarmos a rede em constante movimento, como um tecer e destecer ininterrupto de ligações(...)”(ELIAS,1993:35)

ocidentais, confirmadas também nas configurações lúdicas de nova ordem, as esportivas.

A transformação da prática amadora para a profissional e, posteriormente, a ser demonstrada nas etnografias que seguem, a incorporação cada vez maior de novos atores sociais no futebol profissional, demandas de um processo atualmente em curso valorativamente nomeado pelo termo *modernização*²⁹, necessariamente não implicaram num maior acréscimo de seriedade em detrimento do desencantamento dos aspectos *lúdicos*, sobretudo do ponto de vista torcedor.

Contudo, suspeita-se que este processo atual, viabilizado num discurso que remete à competência profissional e à necessidade da consolidação do denominado “futebol-empresa”, dê novos contornos a esta relação entre esporte e jogo.

Retomando um último ponto desta análise, ainda que Elias rompa com uma concepção um tanto quanto positivista de cisão radical entre esporte e jogo, acaba por universalizar o processo de constituição dessa categoria sócio-histórica denominada *indivíduo* em detrimento de outras dimensões ou instâncias, tais como a noção de

²⁹ . Estou ciente das dificuldades em utilizar tal termo. A própria literatura sociológica sobre o futebol muitas vezes emprega *modernização* de maneira difusa e pouco problematizada. É geralmente em torno do escopo teórico do modelo “damattiano” que tal discussão vem sendo realizada na bibliografia nacional. Aí, *modernização* aparece imiscuída à dimensão que privilegia o universo institucional e simbólico cujo nexos sociológico incide sobre a noção de indivíduo em contraposição à *pessoa*. Entretanto, originalmente o modelo “damattiano” expõe o dilema brasileiro e o modo como esta sociedade manipula tais noções numa relação simbiótica original, que tende a superar e matizar a dicotomia que, no limite, alude a cisão entre *tradicional* e *moderno*. Num sentido histórico mais preciso Nicolau Sevcenko identificará a predisposição para a prática dos esportes, e o futebol em particular, como um fenômeno engendrado à revolução científica e tecnológica em torno de 1870, marco daquilo que ficou conhecido como advento da modernização, período que vislumbra o “nascimento” das grandes cidades e metrópoles mundiais, tais como a Paris da segunda metade do século XIX, num âmbito da cultura letrada ou as cidades inglesas, pensando especificamente no domínio do futebol e sua rápida inserção entre as classes operárias. O autor articulará estes fenômenos, ou seja, urbanismo, revoluções científicas, práticas estéticas, culturais e manifestações de sociabilidade e lazer a partir da popularização das modalidades esportivas no volume *Orfeu Extático na Metrópole*, citado. Certamente *modernização* recobre outros fenômenos e significados aqui neste presente contexto, resultado do processo mais abrangente analisado por Sevcenko. Os discursos nativos dos quais me utilizei neste trabalho preponderantemente tendem a condensar no termo *modernização* todas as mudanças que incidem sobre o futebol profissional no Brasil há aproximadamente uma década e meia: o advento das Leis Zico e Pelé, regimes empresariais na gestão dos clubes, os avanços tecnológicos e a incorporação de outros atores no cenário esportivo, a valorização do futebol como espetáculo e objeto de marketing, enfim, tudo que sugere índice de *mudança* vislumbra a possibilidade de ser *moderno*. Alguns estudos de caráter sociológico precisam este movimento rumo à esta *modernização* do futebol brasileiro em consonância aos imperativos internacionais a partir de 1993 (HELAL, 1997). Ainda que de modo precário, poderíamos conceber este novo surto de *modernização* do futebol como substrato de um discurso ideológico que abriga vários processos cujos princípios valorativos estão assentados sob critérios em torno de uma racionalidade privada de várias esferas, legais, institucionais, culturais e, por consequência simbólicas, por que tem passado a sociedade brasileira. Obviamente que tais discussões mereceriam uma análise muito mais detida. Registro aqui meus agradecimentos a Ciméa Bevilaqua pelas observações críticas em relação aos usos de tal termo, porém todas as considerações feitas acima são de minha inteira responsabilidade.

pessoa. Elias não leva em conta que seu *processo civilizador* está preso de maneira obsessiva à existência e onipresença de uma ética individualista que, segundo o próprio autor, é geradora do processo multiplicador de controle social e de um autocontrole elevado, concebido com uma certa positividade.

Embora não sonegue aos esportes alguns dos elementos *lúdicos* presentes em contextos históricos anteriores, tais como a tensão, o prazer, o divertimento, a incerteza e, a destacar, o fenômeno da violência, aliás, negligenciado em muitas das análises dos modelos dicotômicos mencionados mais acima³⁰, Elias reduz todos esses fatores ao autocontrole estabelecido pela dimensão individualista. Será observado, ao longo dos tópicos desta tese, que a percepção desse auto-policiamento imposto pelos constrangimentos sociais de uma ética burguesa, supostamente civilizada no que se refere ao adestramento e pacificação dos costumes, não consistiu numa via de mão única nas sociedades ocidentais, o que pode ser verificado no contexto etnográfico exposto neste trabalho, já a partir do primeiro capítulo. Crítica que não escapou ao historiador Peter Burke, ao afirmar que “(...) *o processo civilizador* [proposto por Elias] *foi, para dizer o mínimo, um processo com obstáculos(...)*” (BURKE, 1997:83)³¹.

³⁰ . Esta é uma tendência que se generalizou no senso comum, ou seja, circunscrever o fenômeno da violência esportiva nos limites de uma sociedade competitiva, como se tal fenômeno não fosse também constitutivo dos *jogos*. Atualmente, opera-se com raciocínio análogo ao confinar certas modalidades de violência ao barbarismo dos torcedores, como se não existisse qualquer investimento prazeroso numa série de atitudes transgressoras ou, de outro lado, inexistisse violência da parte de outros atores envolvidos com o jogo, tais como entre jogadores, dirigentes etc. Analisarei o fenômeno da violência como operador de mudanças no interior das modalidades do torcer no capítulo 3, direcionado aos torcedores.

³¹ . Peter Burke nota que a visão histórica de Elias, muito condicionada pelas limitações que fez no uso do método comparativo, foi “(...) *excessivamente linear e que ele não discute reações contra a tendência geral a um autocontrole cada vez maior(...)*”. E segue o autor exemplificando esta falta de linearidade: “(...) *Essas reações abrangem desde o novo barbarismo do século XX até os nobres húngaros do século XVI que se identificavam com os bárbaros, em contraste deliberado com o debilitado Ocidente(...)*” (BURKE,1997:83). Entretanto, ao contrário das posições de Burke, há controvérsias entre os comentadores sobre a concepção eliaseana do *processo civilizatório* como um inexorável movimento linear. Malerba (1996) aponta, reproduzindo um excerto do próprio Elias, momentos de rupturas ao longo dessa aparente linearidade (MALERBA,1996:78). Leite Lopes (1995) também relativiza estas críticas ao comentar algumas observações feitas por Bourdieu, que adverte para “(...) *a simplificação que cometem aqueles que pensam as transformações das sociedades modernas como processos lineares*”. Os ensaios biográficos sobre o compositor Mozart, publicação póstuma de Elias e posterior à crítica de Bourdieu, segundo Leite Lopes, analisam a “(...) *tragédia daquele que luta contra a dominação do mecenato, sem ter as condições de público e de mercado do artista da ‘era burguesa’(...)*” (Leite Lopes,1995:161), denunciando, portanto, uma dada lacuna neste aparente processo linear de civilização da sociedade ocidental.

No Brasil, é somente a partir dos anos oitenta que se verifica o aparecimento de um conjunto mais sistematizado de estudos em torno de um modelo singular, voltado para o fenômeno esportivo, particularmente sobre a modalidade *futebol*³².

Sem ter a pretensão de recuperar toda uma bibliografia, este modelo analítico brasileiro, longe dos maniqueísmos de algumas análises já mencionadas, igualmente tentou conceituar as categorias *esporte* e *jogo* sob um ponto de vista teórico. Tratam-se de trabalhos que analisaram a conjunção entre *esporte* e *jogo* pelo viés do ritual, mais especificamente, utilizando-se da noção de *drama* (Da Matta, 1979/82/94; Flores, 1982; Vogel, 1982; Gil, 1994, entre outros).

Tal concepção foi reelaborada a partir dos estudos feitos por Turner(1974), Geertz(1973), além da contribuição de Leach, que propôs uma ampliação do conceito de ritual como um processo comunicativo, que está sempre se remetendo a algo que extravasa o próprio ritual, portanto fenômeno observável também em outras esferas da vida social. O *drama*, neste caso, seria o ingrediente básico do processo de ritualização, onde o esporte consistiria num evento privilegiado através do qual a sociedade se deixaria ler ou perceber; um fenômeno de onde se contaria uma história dela mesma para si própria, como enfatizou Da Matta ao citar Clifford Geertz (GEERTZ apud DA MATTA, 1982:52).

Para além dos aspectos intrínsecos à prática esportiva, evidenciados em algumas de suas características mais básicas³³, tais como o sentido da *competição*, a *performance* que busca o *rendimento máximo*, o *status*, a *recompensa* na forma de bens monetários (um trabalho remunerado), enfim, o *esporte*, encarnado aqui no futebol, analisado como

³². É significativo destacar duas coletâneas de textos datadas de 1982. Uma primeira, intitulada *Futebol e Cultura - coletânea de estudos*, onde aparecem historiadores brasileiros e brasilianistas enfocando o futebol do ponto de vista de sua história social e política. Estas análises remetem para uma periodização menos ingênua dos fatos esportivos, ou seja, contextualizados com alguns fenômenos históricos. A segunda, de cunho antropológico, denominada *Universo do Futebol*, reúne antropólogos vinculados, à época, ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. A temática básica que perpassa todos os textos, em que pesem suas significativas nuances, consiste em uma análise cultural do futebol, cujo interesse, em primeiro lugar, é rebater e criticar a noção do futebol como *ópio* e fator de *alienação* do povo e, em segundo lugar, inaugurar uma antropologia voltada para os fenômenos esportivos. Outros estudos e observações pontuais, ainda, tais como MICELI,1977; LEITE LOPES & MARESCA,1992/94; MEIHY,1982; SANTOS,1990, contribuíram para dimensionar o fenômeno futebol dentro dos estudos da cultura, desvinculando-o de uma visão meramente instrumental de ideologia – futebol como alienação ou salvação.

³³. Uma concisa análise sobre o conceito de esporte, muito em voga nas escolas de Educação Física, e que é direcionada para o aspecto da *prática voltada para o alto rendimento*, pode ser consultada no texto de Mauro Betti, *Esporte, Educação e Sociabilização:algumas reflexões à luz da Sociologia do Esporte*, citado.

um *drama*, na sua dimensão simbólica, "(...)chama a atenção para relações, valores, ideologias que, de outro modo, não poderiam estar devidamente isolados dos motivos que formam o conjunto da vida diária.(...) O futebol permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos(...)" (DA MATTA, 1982b:21;40), ora evidenciando e revelando alguns aspectos, ora dissimulando outros.

Seguramente, o futebol reúne muitos dos níveis, temas e dimensões das sociedades contemporâneas: o cosmopolitismo de sua prática, a política, as formas de organização, os interesses econômicos, discriminações raciais, a expansão do fenômeno da violência urbana³⁴. E no Brasil, em particular, ele recorre e se entrelaça a muitos dos níveis da experiência brasileira, enquanto expressão de uma cultura nacional: identidades, hierarquias, desigualdades, práticas divinatórias, crenças.

É através da experiência do futebol, segundo esta vertente, que entidades abstratas, tais como a noção de *país* ou *povo*, são experimentadas como algo visível, concreto e determinado:

"(...)essa experiência de união e de totalização do país em algo concreto é uma poderosa dramatização que o futebol permite realizar e que por certo transcende os seus usos e abusos pelos governantes(...)"(DA MATTA,1982).

Em suma, tal vertente analítica focou o futebol, particularmente o profissional, na perspectiva de apreendê-lo na sua consolidação como um importante *símbolo nacional* a partir da noção de *drama*, instrumento conceitual de mediação entre a sociedade e o futebol, garantindo um grande vigor teórico a este modelo explicativo³⁵.

³⁴. Ainda sobre o tema da violência no futebol a literatura acadêmica brasileira apresenta um *déficit* considerável no que diz respeito aos estudos realizados. Contudo, em países como a Inglaterra, a temática da violência no esporte e, sobretudo, o fenômeno do *hooliganism* vinculado ao fenômeno da intolerância racial, vêm sendo estudados desde a década de setenta.

³⁵. Dentro desta perspectiva do *drama*, então, outros fenômenos de grande impacto social vinculados ao campo esportivo podem ser interpretados, tais como a morte e o funeral do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna e a vitória do selecionado brasileiro no Campeonato Mundial de futebol, ambos em 1994. Acontecimentos que revelaram, através das dimensões da festa e do luto, toda a dramaticidade de se experimentar o sentimento coletivo de nação para um conjunto expressivo da sociedade brasileira. Momentos em que o sentido da vitória e da derrota, atributos dos esportes por excelência, nortearam o sentimento de dor, de paixão, de perda, por um lado, ou a alegria, o êxtase, o paroxismo, a recuperação da auto-estima coletiva, por outro. No dia do enterro de Senna, pude ler em uma faixa carregada por populares nas imediações do parque do Ibirapuera, local onde estava sendo velado o corpo: *A gente perdeu um piloto e Deus ganhou Ayrton Senna*. Nem naquele momento de exacerbada dor por parte daqueles que ali choravam a morte do ídolo, estes torcedores relegaram o sentido recíproco e profundo da experiência dos esportes. Todos estavam irremediavelmente *derrotados* pela fatalidade do acontecido, porém, Deus ganhara um símbolo nacional, transformado, de certo modo, em *mito* de um povo.

O esforço etnográfico realizado no presente trabalho, obviamente devedor em menor ou maior grau de todas estas discussões anteriores, será o de focar a relação futebol e sociedade brasileira a partir da dinâmica existente no conjunto heterogêneo de atores que integram este universo do futebol profissional, enunciando as dimensões simbólicas em confronto, identificadas, a princípio, nos *profissionais* - jogadores, técnicos, preparadores, dirigentes, juízes entre outros -, nos *especialistas*, os cronistas esportivos, bem como no terceiro protagonista, o amplíssimo conjunto de *torcedores*, na explicitação de um feixe de discursos e representações encarnados nesses atores que, igualmente, teorizam, especulam e buscam compreender os significados de um futebol jogado, explicado e amado por eles (nós) mesmos.

Sob este aspecto, salienta-se uma diferenciação entre aqueles que o vivenciam como um *drama* daqueles que o concebem como um campo de disputas por práticas e experiências profissionais, poder, visibilidade e legitimidade institucional. Dimensões nem sempre coincidentes, mas que se diluem, se tomadas de um único ponto de vista, como a *sociedade brasileira* na relação com o futebol.

Portanto, poderia afirmar que se trata não tanto de ler o Brasil pelo futebol, como se ele fosse uma auto-representação a-histórica, num sentido estrutural, mas ler também o futebol pela sociedade brasileira, nas suas múltiplas dimensões, identificadas, de um ponto de vista típico-ideal, na atuação dos *especialistas*, *profissionais* e *torcedores* que, por sua vez, investem, nem sempre de maneira consensual, na promoção e consolidação de nossa auto-imagem, representada na englobante expressão Futebol Brasileiro³⁶.

³⁶ . Um caso concreto, que ilustra a opção metodológica proposta neste trabalho, pode ser observado na ocasião da Copa do Mundo de 1994, realizada nos Estados Unidos. O então técnico da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, esquivando-se das críticas recebidas por sua tática de jogar na retranca (na defesa), confirmando, sobretudo na ótica torcedora, um futebol feio, declarou à imprensa que a opinião do povo brasileiro, naquele momento, consistia, tão somente, numa caixa de ressonância de parte da imprensa especializada que o apupava e que colocava em dúvida o seu trabalho. Naquela altura, com a taça do mundo ainda em disputa, revelava-se um profundo distanciamento daqueles que vivenciavam, de modo preponderante, cada jogo como um *drama*, sobretudo os torcedores, que queriam ver o time ganhando e jogando bonito, daqueles profissionais que apostavam na sua competência, cálculo e estratégia para vencer. O próprio universo dos *especialistas* ficou dividido entre a crítica contundente ou o apoio incondicional ao escrete nacional comandado por Parreira. Dissensão que foi amenizada ou embaralhada no instante *dramático* da vitória sobre a seleção da Itália, mesmo sendo através de um não-gol desferido pelo adversário, Roberto Baggio, ao errar um pênalti. Todavia, passada a embriaguez da vitória e da conquista, esperada há décadas, voltou-se às discussões e dúvidas quase que cotidianas, reavivadas nos momentos de Copas do Mundo, sobre a legitimidade de um triunfo fruto de uma disputa em pênaltis, até então inédita na história desta competição, de um esquema tático defensivo que feriu, e ainda continua arranhando, nosso “autêntico” futebol.

O que o *drama* pode suscitar é a celebração e o confronto instantâneos entre algumas dessas concepções em disputa, o que pode contribuir, sem dúvida, para uma reflexão sobre a nossa auto-representação e o papel *sui generis* reservado ao futebol na compreensão daquilo que é definido como identidade nacional, como ocorre nos momentos de vitória ou derrota do selecionado³⁷. Ainda que as partidas consistam em momentos privilegiados na compreensão do evento futebol, onde se põem em evidência as *dramatizações* da sociedade, como preconiza esta última proposta analítica, não é possível compreender a atuação e a importância desse diálogo estabelecido entre *profissionais*, *especialistas* e *torcedores* somente através da temporalidade e espacialidade rituais.

Assim, abandonando as considerações mais matizadas a respeito da polissemia e ambigüidade dos elementos constitutivos dos jogos³⁸ estas perspectivas e modelos enunciados, de modo geral, ou acabaram por promover uma cisão radical entre os dois fenômenos, jogo e esporte, vinculados apenas por um processo histórico inevitável, ou reduziram ambos a uma mesma perspectiva individualista universalizante.

Entretanto, é necessário, primeiro, relativizar este processo de consolidação do fenômeno esportivo em detrimento dos jogos, problematizando a noção corrente de que a transformação dos jogos em esportes foi decorrência de um movimento histórico contínuo e linear.

Segundo, relativizar uma certa tomada de posição valorativa atribuída a ambos os fenômenos, esporte ou jogo, que transparece nas análises da maioria desses autores, que ora denunciam os aspectos degradantes do esporte, como afirma Lasch³⁹, ora destacam, com uma certa anuência, o inevitável processo que culminou na pacificação de uma das dimensões dos jogos, a que diz respeito à violência, com o advento dos esportes, tomados como jogos parlamentarizados ou democráticos, no sentido da internalização e universalização das regras de um processo mais geral das sociedades ocidentais, como transparece em Elias e até mesmo em Da Matta, e outros⁴⁰.

³⁷ . A este respeito as análises de Arno Vogel (1982), citado, sobre a derrota da seleção em 1950 são profícuas do ponto de vista do entendimento do modelo teórico que analisa o futebol como *drama*.

³⁸ . Esboçadas, é preciso que se diga, nas considerações de Caillois, embora este autor não tenha demonstrado empiricamente tais argumentos.

³⁹ . *A degradação dos esportes* in *A Cultura do Narcisismo*, citado.

⁴⁰ . O modelo proposto por Da Matta, e algumas das análises que fizeram uso dele, exageram, a meu juízo, quando tentam estabelecer uma relação direta entre os esportes, o futebol em especial, e a experiência democrática da igualdade e justiça social, dadas as regras impessoais, a alternância da vitória

A expressiva ritualidade alcançada pelo futebol em países como o Brasil somente pode ser compreendida por intermédio também de sua igualmente expressiva rotinização e presença na vida do dia a dia, inclusive como linguagem metafórica articulada a outras esferas da vida social. Problematizando a relação entre mito e história Jonathan Hill sugere que:

“(...)mito e história não caracterizam tipos distintos de agrupamentos sociais, mas são, na verdade, duas formas possíveis de consciência que operam universalmente em qualquer sociedade”(HILL *apud* MONTERO, 1996:17).

Estabelecendo um paralelo com esta argumentação poderíamos afirmar que o futebol é entre os esportes aquele que adquiriu historicamente⁴¹ uma centralidade como um dos possíveis articuladores dessas duas “formas de consciência” numa sociedade como a brasileira.

Embora o futebol se consubstancie em eventos que se sucedam através de scores, placares, títulos, campeonatos, calendários, estatísticas (aspecto caro para outros esportes tal como o basquete), apresenta-se também como um feixe de acontecimentos que se atualiza de maneira sobreposta e justaposta à memória coletiva, traindo, de certo modo, sua historicidade e as estatísticas, ressignificando fatos em sagas, eventos em acontecimentos excepcionais, nem sempre articulados numa narrativa linear, ainda que, obviamente, uma certa experiência cronológica balize as discussões em torno dele.

e da derrota, etc. Como se o futebol pudesse estabelecer, numa sociedade fortemente marcada pela hierarquia, um princípio de igualdade, ainda que momentâneo, característica subjacente aos rituais esportivos. Não nego, obviamente, este forte apelo gregário e o sentimento identitário que a maioria de nós experimentamos quando o selecionado joga, contudo, esta experiência parece mais uma recriação ou confirmação cosmológica de um universo comunitário, impensado em outras situações sociais no Brasil, do que, unicamente, uma celebração dos ideais marcadamente individualistas, base ideológica de sustentação do credo democrático. É possível que, digamos, tais excessos, observados no modelo, se devam mais pela necessidade, à época, de se contrapor às vertentes explicativas reducionistas então vigentes do que propriamente uma mera simplificação teórica. Há que se considerar, ainda, que Da Matta, e o círculo de pesquisadores que utilizaram o modelo do futebol como drama, estavam analisando o fenômeno futebol em plena transição democrática, entre 1979 e 1984, e que, naquele instante, era muito evidente o uso e a redescoberta que se fazia dos símbolos nacionais. O futebol aparece nesse contexto, assim como outras manifestações populares, como um poderoso veículo e acesso à participação política, como foi constatado nos comícios pelas diretas já, cuja presença de jogadores e cronistas (Sócrates, Osmar Santos, entre outros) foi singular de um momento importante na história política do país. Portanto, esta vinculação, pouco mediatizada, entre futebol e democracia, é menos produto do modelo do que da conjuntura em que foi gestado e de seus usos posteriores. Todavia, constata-se a força desse argumento, no que concerne ao aspecto civilizatório (supostamente democrático) do futebol, em trabalhos mais recentes, tais como, por exemplo, *Passes e Impasses* (HELAL, 1997), citado.

⁴¹ . Para uma verificação da popularização do futebol como um processo de formação de identidades e disputas entre grupos sociais, numa abordagem histórica, volto a recomendar Pereira (1997), citado.

Ainda que os desempenhos de *profissionais* e *especialistas* estejam entrelaçados aos processos globais de institucionalização, profissionalização e mudanças, o que aponta para as transformações históricas das atividades esportivas e das sociedades que as suportam, nos termos definidos por Norbert Elias, a consciência do jogo e sua sincronicidade como dimensões possíveis do mito⁴² também estão presentes, contudo só podem ser aclaradas, no meu entendimento, a partir de uma análise contrastiva com sua dimensão cotidiana, como pretende-se demonstrar nos capítulos que seguem.

É dentro de uma perspectiva sócio-anropológica, portanto, que se registra a importância dada às dimensões cotidianas do futebol pois, tal como “jogado” é igualmente “vivido”, reproduzido e “reinventado” nas coberturas esportivas diárias, nos treinos, nos bares, na vida cotidiana enfim, sensibilizando e orientando ações, quer de dirigentes, jogadores, repórteres ou torcedores, nos vários níveis de comprometimento entre estes atores.

Mais do que uma “instituição brasileira”, o que evocaria uma certa perspectiva de natureza mais funcionalista, ou um processo ritual singular, aproximando a análise à Escola de Manchester, o futebol pode ser concebido, em alguma medida, como a própria sociedade em movimento, em ato⁴³, reconstituída nas ações e fatos banais evocados a partir de um assunto partilhado e excepcionalmente retotalizador dos fatos da sociedade, domínio do discurso de senso comum, reiterativo e cognoscível.

Sob este aspecto, o cotidiano, e o senso comum que dele se nutre,

“não é apenas instrumento das repetições e dos processos que imobilizam a vida de cada um e de todos “(...) É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais”(MARTINS, 1998:2)⁴⁴.

⁴² . É o clássico Homo Ludens de Huizinga que primeiro aproximou estas duas dimensões, jogo e mito.

⁴³ . Se Malinowski mostrou a importância capital do kula como instituição basilar entre os trobriandeses, é Mauss, entretanto, que demonstrará a dimensão totalizadora que emana das trocas por reciprocidade, que põem a sociedade como um todo em movimento. Talvez seja Marcel Mauss, o autor entre os clássicos, que melhor dimensionou uma “antropologia do cotidiano”, o que difere do relato etnográfico realista, modelo inaugurado por Malinowski, na medida em que incorpora os vários níveis de significados que orientam ações pois, afinal, o que interessa à análise, mais do que constatar a existência de supostas “necessidades básicas” ou “universais humanos”, é atingir *“as próprias coisas sociais, no concreto, como elas são”*. Pois, *“nas sociedades captamos mais do que idéias ou regras; captamos homens, grupos e comportamentos”(MAUSS apud LEFORT)* .

⁴⁴ ; Estou ciente da precisão sociológica que o autor quer dar a sua conceituação de vida cotidiana, contudo estabeleço aqui um diálogo para reafirmar os aspectos simbólicos dessa definição, excessivamente normatizada em sua elaboração original.

Poderíamos, ainda, reforçando tais argumentações, circunscrever o fato futebol como um fenômeno fortemente revestido desta dimensão do senso comum, utilizando as argumentações emprestadas de Clifford Geertz, que, aproximando a esfera do senso comum à noção de “sistema cultural”, define:

“a religião baseia-se seus argumentos na revelação, a ciência na metodologia, a ideologia na paixão moral; os argumentos do senso comum, porém, não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. O mundo é sua autoridade”(GEERTZ, 1998:114).

Mostrando a articulação e permanência do discurso do senso comum, as especulações de Geertz seguem aproximando-o em estatuto ontológico ao discurso mítico:

“o bom senso [operador simbólico das ações no senso comum] é uma interpretação da realidade imediata, uma espécie de polimento desta realidade, como o mito, a pintura, a epistemologia, ou outras coisas semelhantes, então, como essas outras áreas, será também construído historicamente, e, portanto, sujeito a padrões de juízo (...)Em suma, é um sistema cultural, embora nem sempre muito integrado, que se baseia nos mesmos argumentos em que se baseiam outros sistemas culturais semelhantes: aqueles que os possuem têm total convicção de seu valor e de sua validade. Neste caso, como em tantos outros, as coisas têm o significado que lhes queremos dar” (GEERTZ, 1998:116).

Através desses *detalhes concretos*⁴⁵ é que se tem a possibilidade de articular, dentro desse universo tão multifacetado que é o futebol, a multiplicidade de versões, que se repetem numa estrutura narrativa permeada pelas experiências diretamente vividas entre os atores, e ao mesmo tempo ilimitadas nas suas expressões, o que, à primeira vista, transpareceria como caótica e refratária às análises.

Decantado e naturalizado pelo mundo afora como o melhor, de grande beleza plástica, concebido como se fosse jogo e brincadeira, este futebol está presente não somente na performance individual e coletiva dos jogadores, na peculiar disposição destes em campo, ditada pelos teóricos, que parecem conferir espacialidade a *forma* do “jogar à brasileira”. Esta dinâmica está igualmente presente nas rotinas dos clubes, na

⁴⁵ . É Magnani (1998[1984]), tratando especificamente da problemática envolta às análises de discurso e análises semânticas que discute a dimensão do “detalhe concreto” proposto por Barthes. Segue Magnani: “Barthes (1972) e Tirri (1977), por exemplo, analisam alguns mecanismos retóricos ‘realistas’, entre os quais se destaca o que Barthes denomina de ‘detalhe concreto’ – um objeto, uma fala, um pormenor qualquer, enfim, que não se justifica nem do ponto de vista do desenvolvimento da ação, nem para a caracterização das personagens: está ali, simplesmente, para produzir o ‘efeito de realidade’ e o faz menos em função do seu significado do que em razão de sua presença” (MAGNANI, 1998:55).

preparação dos atletas, no conteúdo de uma matéria jornalística, num programa esportivo de TV.

E, mais ainda, presente na fala dos torcedores pelas ruas, bares e tantas outras situações até inusitadas e aparentemente fugazes, por onde se discutem os desígnios e destinos de um povo, amplificada na fala ora metódica e especialista, ora contida e apaixonada, da crônica esportiva. Universo que está além do domínio das escolhas metodológicas analisadas nos modelos teóricos aludidos acima e que, dessa maneira, reivindica sua explicitação num outro tipo de modelo, mais etnográfico, construído com base no confronto entre os sentidos atribuídos ao futebol pelos atores em relação, *torcedores, especialistas e profissionais*, na compreensão de sua dinâmica cultural.

2.2 o modelo etnográfico: a peleja entre profissionais, especialistas e torcedores

O desenvolvimento da prática do futebol, formalizado, canonizado e institucionalizado pelos *profissionais* como um esporte de alto rendimento, fixado e maximizado pelos *especialistas* e expresso de modo típico-ideal nos aficionados *torcedores*, gesta e anima as diversas práticas na sua fruição, aqui e alhures, engendrando configurações culturais específicas, que somente podem ser analisadas e comparadas se tomadas a partir da vivência estabelecida entre estes diversos atores em mútua relação.

É esta relação que, sociologicamente, define sua totalidade como esporte-jogo, sem a qual corre-se o risco de tecer um discurso apenas parcial ou fragmentado sobre o futebol, seja do ponto de vista teórico, como foi analisado no tópico anterior, ou nativo, tomado apenas de um ponto de vista.

Da Matta, oportunamente, atentou para a operacionalidade do binômio sorte/azar para se compreender o fenômeno esportivo, mostrando a estreita vinculação entre as concepções esporte e jogo na sociedade brasileira (DA MATTA *et alli*, 1982)⁴⁶.

Entretanto, o que deve ser salientado é que sorte e azar, e acrescentaria a imponderabilidade, o acaso, substratos simbólicos de todo um feixe de atitudes

⁴⁶ . Voltarei a mencionar esta importante contribuição do autor no Capítulo 3, mais especificamente no item *sociabilidade cotidiana e o ethos “de bar”*.

valorativas inerentes ao imaginário torcedor, constituem uma das dimensões da relação entre esporte e sociedade necessariamente relacionada às outras, portanto contíguas tanto ao desenvolvimento profissional e militante dos atores que integram o campo esportivo, a profissionalização e institucionalização da modalidade, quanto ao discurso *especialista*, que compõem e dinamiza esta configuração do ponto de vista da produção e reprodução do esporte na mídia.

No futebol, portanto, concatenam-se e contrapõem-se saberes específicos, tanto de jogadores, de técnicos, entre outros, os *profissionais*, quanto de *especialistas* e *torcedores*, que se prestam a discussões sempre inacabadas e polêmicas, permeadas pelos matizes da emoção.

É muito comum afirmar, no linguajar corrente, que o futebol é *uma caixinha de surpresa* todas as vezes que se quer arriscar ou justificar um resultado, uma performance ou um vencedor em partidas.

Em que pesem os contextos empíricos variadíssimos nos quais poderíamos constatar o uso de tal assertiva, ela pode ser pensada como dispositivo regulador de cautela e resguardo no que se refere ao valor atribuído à uma partida de futebol. Valor que difere ao nível das representações e das condutas, seja do ponto de vista da vivência dos torcedores ou dos outros segmentos que compõem o arranjo do futebol profissional, tais como os cronistas especializados.

Observam-se que tanto os *torcedores*, *profissionais* e *especialistas*, de modo geral, lançam mão destes expedientes simbólicos, reguladores de discursos e condutas, para dimensionar os imponderáveis no futebol, obviamente com pesos e comprometimentos diferenciados, dado o grau de legitimidade e inserção de cada segmento no campo esportivo.

Se, por um lado, o discurso torcedor não é movido somente pela paixão e análises impressionistas pois, afinal, afirma-se que o Brasil possui seus 160 milhões de técnicos, onde todo mundo aqui entende de futebol, por outro lado o discurso da crônica, identificado às vezes com o futebolês⁴⁷, guarda uma certa reserva ante os acasos do jogo, abrindo a possibilidade de se discutir sobre as preferências, escolhas, convicções e debates em torno dos esquemas e desenhos táticos, *formas* e *padrões* de jogo, matéria aparentemente confinada ao universo desses *especialistas*.

⁴⁷ . *Futebolês* consiste num conjunto de jargões que identificam as análises dos comentaristas esportivos comprometidos com a narrativa mais *tecnicista*, supostamente desapaixonada e distanciada.

Mesmo assim, para muitos *especialistas*, tais como o ex-jogador e agora cronista Tostão, a máxima *futebol é uma caixinha de surpresas* revela-se tão somente numa “boa desculpa para as derrotas”, conforme escreve em *Análise crítica de ‘clichês’ do futebol* (GONÇALVES, 1997).

Naquilo que concerne à prática e à apreciação dos *profissionais* e *especialistas*, a incerteza quanto ao desfecho de uma partida de futebol justifica-se basicamente em virtude da complexidade configuracional do futebol, que se apresenta em função das possibilidades variadíssimas da ação dos jogadores no espaço do campo. Complexidade passível de ser decodificada dentro de um certo conhecimento sistematizado, dada a constatação de padronizações recorrentes, que se repetem nos limites do espaço físico.

Tais padronizações (*formas* ou *padrões* de jogo) foram perpetuadas num jargão discursivo especializado, codificado e até mesmo hermético para muitos, de uso cada vez mais corrente sobretudo entre *profissionais* e *especialistas*.

Mas é preciso salientar que este discurso não conseguiu desvencilhar-se dos imponderáveis e, ao mesmo tempo em que se analisam as possibilidades lógicas do enlace de uma partida, é imperativo resguardar-se de suas idiossincrasias, aparentemente avessas a essa argumentação tecnicista e, mais do que isso, à própria manutenção de uma única percepção e sensibilidade emanada do enquadramento esportivo.

Os sentidos multiplicadores da paixão pelo futebol estão igualmente presentes no cotidiano torcedor, no burburinho das ruas, nos meandros e *loci simbólicos* de domínio da fala comum, se esgueirando e motivando qualquer assunto, transfigurados em outras esferas da vida social, expressando a polissemia e as várias dimensões do sentir e dos usos da emoção, externada por milhões de indivíduos pessoalizados em torcedores. Emoção que transcende os limites e conjunturas político-institucionais mais visíveis, bem como os discursos desencantados sobre o jogo.

O exame de alguns desses contextos, obedecendo a seqüência dos capítulos que tratam dos *profissionais*, *especialistas* e *torcedores*, reconstituirá parte da produção simbólica organizadora das representações que constituem o enquadramento simbólico do *socius* esportivo.

CAPÍTULO 1 - Treino é treino, jogo é jogo

Este capítulo, que trata do domínio dos *profissionais*, subdivide-se em três tópicos assim discriminados:

No primeiro, analiso os fundamentos da prática do futebol que determinam, em primeira instância, os desempenhos, os níveis e as qualidades sensíveis, estilo e técnica, de jogadores e coletivos de jogadores em relação. Discutirei o estatuto simbólico desses fundamentos, qual sejam, as regras e os denominados *sistemas* ou *esquemas (táticos)*, que definem e perpetuam, por sua vez, as *formas* ou *padrões* de jogo.

Tais fundamentos modelam, condicionam e universalizam a prática esportiva dentro de um repertório finito de *formas*, e sobretudo *representações*, em torno do jogar, nexos para se compreender a contigüidade simbólica que preside a dinâmica cultural entre *profissionais*, *especialistas* e *torcedores*, de uma perspectiva mais internalista.

No segundo tópico reconstituo a observação participante realizada em dois cursos de capacitação de treinadores, que se revelaram numa estratégia metodológica significativa para a análise de algumas das práticas sociais desses *profissionais*. Eventos cada vez mais valorizados no meio esportivo, apontam para os meandros da formação e continuidade das carreiras esportivas e, mais do que isso, indicam as alterações de sensibilidade em torno das novas demandas por um futebol pautado por determinados critérios de profissionalismo. Seguem, nesse mesmo tópico, histórias de vida de dois ex-jogadores, colhidas nos próprios cursos, que expressam os impasses que tais mudanças vem acarretando no âmbito profissional.

Já no terceiro tópico elaboro uma descrição dos treinos diários realizados em alguns clubes de futebol, fruto das observações diretas dos mesmos. Tratam-se de modelos ideais que colocam à prova as questões discutidas nos tópicos anteriores, tais como a divisão material e simbólica do trabalho das comissões técnicas, as novas exigências que tensionam as carreiras de jogador, a importância da dimensão dos treinos como instâncias cruciais para o sucesso dessas carreiras e para se compreender as mudanças em torno de uma nova perspectiva que cada vez mais concebe o futebol a partir de dimensões mais mensuráveis, tais como os usos expandidos das variadas

técnicas e pedagogias desportivas, muitas vezes em confronto com a dimensão mais canônica do estilo.

São nos treinos, ainda, que as *formas* ou *padrões de jogo* são fixados e codificados como domínios preponderantes dos *profissionais*, os “segredos” dos técnicos, mas que revelam uma dimensão fundamental de continuidade na manutenção das conhecidas auto-representações que permeiam a prática dos outros atores, consolidando aquilo que será denominado aqui de *formas-representações* do jogar, nomeadas nas expressões nativas “jogar à brasileira”, “futebol-arte”, “escola carioca”, “estilo Luxemburgo”, entre outras variações possíveis dentro de um conjunto de transformações definido e discutido por todos.

1. o futebol jogado nos manuais

“Esta bola de filigrana, maravilha física de trajetória e aceleração descontínua, prestou um grande serviço à causa difícil do golo, mas, de uma forma bem determinada, elevou o trabalho de meio campo à consagração do sistema de 4-2-4 (com sua variante, o 4-3-3). Didi guardava uma posição estrategicamente colocada entre a confluência do maciço defensivo e a grande planície do meio campo e do ataque. A bola era tocada molemente, para um lado e para outro, na espera do momento mais oportuno e, então, projetando-se os atacantes, um, dois, e até mesmo quatro, nascia a bola em curva, logo atrás dos beques, obedecendo a uma estranha rotação sobre um eixo imaginário, mas generosamente calma e mansa para o chute do golo” (OSTERMANN & CABRAL, 1970:33).

1.1 breve histórico dos manuais técnicos

O futebol evoluiu a partir de inúmeros ordenamentos e padronizações consolidados não somente a partir das tentativas de praticá-lo a todo gosto e custo mas também, desde os seus primórdios, através de um conjunto de empreendimentos editoriais que se empenharam em divulgar e universalizar suas regras e maneiras de jogar¹.

Publicações de caráter técnico, aludindo às práticas atléticas e esportivas, são anteriores a própria difusão do futebol². Apenas a título de exemplo, em 1888 encontrava-se à disposição dos restritos segmentos letrados da sociedade carioca, já no ocaso do II Império, o *Guia dos sportmen* ou *O Vademecum dos amadores de corridas*,

¹. O futebol como tema serviu aos mais diversos projetos editoriais, o que revela uma gama variadíssima de abordagens. Livros de caráter ficcional, voltados para uma perspectiva histórica, biográficos e autobiográficos, técnicos, doutrinários, investigativos, enciclopédicos, artísticos, relatos profissionais ou de dramas pessoais vividos dentro do esporte, relatos de viagens ou cobertura jornalísticas, crônicas de costumes, literários, científicos. Encontram-se desde iniciativas individuais, muitas vezes custeadas pelos próprios autores até projetos de maior envergadura financiados por empresas, instituições governamentais, financeiras, esportivas e acadêmicas. Os volumes enunciados nesse tópico restringem-se aos manuais técnicos ou aos livros que, de alguma maneira, são reconhecidos como de divulgação dos fundamentos esportivos da modalidade, portanto aqueles que versam sobre regras e táticas do futebol, especificamente. Alguns outros, quando aparecem, servirão de contraponto à análise.

². É Fernando de Azevedo no texto *A Evolução do Esporte no Brasil* que reivindica para publicações datadas do século XVIII a primazia de serem, no mundo português, as primeiras tentativas de sistematizar alguns fenômenos, digamos, pré-esportivos e voltados para a cultura física: “(...) A voga alcançada por esses torneios [a cavallhada] no Brasil provinha, já sê vê, da obsessão dos portugueses pela ‘liberal e nobre arte da cavalaria’, cujas regras viradas e reviradas Manoel Carlos de Andrade, ainda em 1740, (...) fundia numa congêrie maciça de instruções e crespa de nomes técnicos(...)”. “(...) Em 1790, portanto, ainda em tempos coloniais, se estampava pela primeira vez por ordem da Academia Real de Ciências de Lisboa um ‘Tratado de Educação Física dos Meninos, para uso da Nação Portuguesa’. (...) O seu valor provém de ser publicado por um brasileiro [Francisco de Melo Franco], o primeiro manual... de educação física(...)” (AZEVEDO, 1960:290).

datado de 30 de março, cujos propósitos vinham explicitados pelo seu autor, Alcides de Almeida, numa pequena nota introdutória e doutrinária:

“(...)Acreditamos, sem modéstia, vir prestar um bom serviço aos senhores freqüentadores dos nossos prados de corridas com a publicação que ora encetamos do nosso – Guia dos sportmen – , cujo primeiro fascículo hoje aparece. Havendo nós feito com todo o cuidado a relação dos animais, que tem corrido durante os últimos seis meses, nos diversos prados da corte e no Hipódromo Guanabara, com a declaração do peso, tempo e distância em relação a cada animal, julgamos que o nosso trabalho deve ser proveitoso a quem deseje proceder com base na escolha de um ou mais palpites antes da corrida(...)”.

Longe de expressar um empreendimento editorial cuja iniciativa denotasse tão somente os anseios pessoais de seu autor, observa-se todo um esforço em levar ao público apostador e espectador, e é possível que tal demanda já fizesse notar nesta direção, alguns parâmetros que possibilitassem um maior entendimento do sentido da corrida, esboçada para muitos como uma atividade lúdica.

Mas o que o autor sugere é que para além do palpite seria necessário, ainda que para melhor embasá-lo, elaborar todo um itinerário estatístico, observando as rotinas dos conjuntos, cavaleiros e cavalos, no intuito de subsidiar e ampliar a participação continuada da assistência, preconizando que tal atividade não seria somente um jogo de apostas circunstanciais.

Aliás, motivada por iniciativas editoriais como esta, que passaram a orientar a dimensão lúdica no sentido de uma atividade propriamente competitiva, a assistência tendeu a fragmentar-se entre aqueles que apenas se compraziam com a sorte ou azar de cavalos e cavaleiros e tantos outros que esboçavam toda uma sociabilidade e, digamos, comunidade de interesses em torno de performances regulares, marcas, vitórias e, certamente, os desdobramentos decorrentes de tal fruição, tais como lucratividade, prestígio, visibilidade e reconhecimento.

A estratificação da própria assistência, ainda embrionária naquele momento mas indicativa de um processo que logo acometeria sobretudo o futebol, torna-se-á importantíssima na medida em que, paulatinamente, formará um matiz de sensibilidades no interior da legião de aficionados por esportes, cujos diferenciais de comprometimento aguçarão experimentações variadas de vivência e fruição por diversas modalidades, estimulando a formação de um *ethos* esportivo mais ampliado e, no caso do futebol, o aparecimento de formas de torcer diferenciadas, tais como serão discriminadas mais adiante, no Capítulo 3.

Já em relação ao futebol, especificamente na cidade de São Paulo, desde os primeiros certames organizados, cujo marco histórico no país é 1902, circulavam publicações que estimulavam o aprendizado da modalidade, tanto no que concerne à prática quanto à sua fruição do ponto de vista espectador.

Parece ser o caso da germinal série *Guia de Football*, publicada por Mario Cardim, um dos primeiros incentivadores, divulgadores e tradutores das regras do futebol em português para um público mais ampliado³.

Nesses volumes, veiculados desde 1903, encontra-se um apanhado de recomendações àqueles que se iniciavam na sociabilidade esportiva: tabelas e resultados dos campeonatos disputados, estatutos da então Liga Paulista, os nomes dos clubes participantes, regras e excertos dos primeiros manuais técnicos que aqui chegaram sobre como aprender a jogar (e assistir), nomes das posições distribuídas em campo, horários dos bondes que atendiam aos campos, propagandas que aludiam a importância das práticas físicas ainda associadas a um *ethos* não necessariamente esportivo, tais como o consumo de charutos e bebidas. Enfim, gostos e hábitos que atendiam as camadas que inicialmente experimentavam as potencialidades da sociabilidade promovida pelos esportes.

Estas pequenas obras de divulgação, embora restritas de um ponto de vista social, se considerarmos o modo como em princípio circulavam e para quem eram destinadas, preencheram uma lacuna relativamente importante na vida esportiva das cidades, pois os jornais do início do século XX noticiavam, em pequenas notas, os jogos ocorridos trazendo somente os resultados e a formação dos times⁴.

No que se referia a interpretação, internalização e esclarecimento das regras e conhecimento das *formas* de jogar coube a estas publicações o papel pioneiro de mediadoras no sentido da mobilização de um público interessado, antecipando-se aos próprios jornais. Iniciativas que partiram de jogadores amadores, jornalistas ou comerciantes de artigos esportivos.

Um exemplo ilustrativo desse esforço de divulgação esportiva é o volume *Regras officiaes de todos os sports*, publicado já no avançado ano de 1916 pela *Casa Sportman*, fundada em 1905 na cidade do Rio de Janeiro que, a despeito da pretensão do

³ . Conforme Mazzoni (1950) e o próprio Cardim (1906).

⁴ . Para uma verificação mais detalhada sobre os jogos noticiados nos jornais consultar Araújo (1996), Silva (1996), que trazem indicativos sobre a imprensa escrita das duas décadas iniciais do século XX. No Capítulo 2 informo o contexto de ampliação, ou como afirmam alguns “nascimento”, da imprensa esportiva brasileira, não consensualmente datada de fins da década de 20.

título⁵, dedica cerca de dois terços de suas páginas ao futebol, especificamente às leis do impedimento, uma das maiores controvérsias na interpretação e aplicação das regras daquela que se consolidava, à época, como a maior moda entre os esportes coletivos praticados.

Notam-se, entretanto, que estas publicações são representativas de um público específico, notadamente oriundo das camadas mais favorecidas, que praticava os esportes socialmente prestigiados e que também cultivava um certo estilo e modo de vida pautado pelo consumo de bens esportivos de acesso proibitivo à maioria da população.

Pode-se ler na apresentação desse volume da *Casa Sportman*:

“(...) A Casa Sportman já tão conhecida de todos os amadores do sport, e sendo cada vez mais admirada por todos os sportmen, pela certeza de tê-los bem servido em tantos quantos artigos tem importado da Inglaterra, França e América do Norte, aproveita a oportunidade para ofertar-lhes em agradecimento à preferência que lhe tem dispensado os amigos e tributários dos clubes de sport, as várias regras contidas neste folheto(...)”.

Mas a divulgação desses volumes, orientados por uma concepção cada vez mais técnica e doutrinária, visando a ampliação de um conhecimento e de uma prática universalizados sobre o esporte, intensificou-se à medida em que o movimento rumo ao profissionalismo⁶ consolidou-se no final dos anos vinte e começo dos trinta, onde já se

⁵ . Semelhante às primeiras publicações estrangeiras que circularam entre os esportistas brasileiros, como *Sports Athlétiques* (WEBER,1905), edição que agrupava vários dos esportes à época praticados. Neste volume estão citados os seguintes: box, futebol, pólo aquático, basquete, rugby, *push-ball*, *push-ball* à cavalo, *lawn-tennis*, remo, ginástica.

⁶ . Identifico, informado por uma bibliografia, de modo sumário, três momentos em que investidas institucionais impulsionaram o futebol na direção do profissionalismo. Primeiro, em 1933, com o fim do amadorismo marrom por parte dos clubes, que remunerava os jogadores às escondidas dadas as proibições estatutárias desse regime esportivo. Momento em que se sucederam as primeiras investidas para a regulamentação da profissão de jogador. Segundo, na primeira metade dos anos 40, com as regulamentações centralizadoras do Estado Novo, que unificaram as diretrizes administrativas dos esportes no país com a criação do CND, Conselho Nacional de Desportos, subordinado ao Ministério de Educação e Cultura, que fiscalizava os clubes, federações e confederações. O terceiro momento consiste no atual processo, que visa ao aumento da ingerência da iniciativa privada nas várias esferas e a revisão do papel do Estado no domínio esportivo. Fatos que vem acarretando mudanças nas estruturas das federações e confederação na condução dos campeonatos, na formação de ligas independentes, na regulamentação trabalhista e no gerenciamento dos clubes em várias modalidades de parcerias. Para estes três momentos nota-se a publicação de livros específicos. No primeiro, os manuais sobre como jogar, preocupados com a universalidade e internalização das regras e fundamentos técnicos, no segundo uma preocupação em consolidar esta universalidade da prática calcada numa legislação esportiva, incorporada muitas vezes aos manuais sobre regras e, no terceiro, manuais técnicos de áreas que cada vez mais subsidiavam a sustentação do esporte jogado em alto nível: gerenciamento esportivo, marketing, terapias, psicologia do esporte. Há uma literatura acadêmica que analisa estes três períodos aqui apenas aludidos. Para uma consulta mais detida verificar Manhães, *Política de Esportes no Brasil* e Goldenzweig, *Os dois corpos do sujeito; educação física e nação no Brasil sob Vargas*, que tratam da centralização administrativa getulista e a dimensão simbólica do corpo social sob a égide da idéia de Estado forte. Sobre co-gestão entre clubes e empresas, consultar o trabalho de Lois & Carvalho, *A Co-Gestão*

podia notar uma assistência esportiva mais regular, plural (estratificada e popular) e conhecedora dos manejos corporais estéticos e técnicos do jogo.

Somada a esta participação torcedora observava-se ainda a atuação mais entusiasta de alguns jornalistas da então nascente crônica esportiva especializada⁷, engajados ao movimento e solidários às causas de muitos dos jogadores que reivindicavam e vislumbravam na profissionalização as possibilidades de legitimidade e ascensão social.

Em 1933, marco deste movimento rumo a profissionalização no futebol⁸, observa-se no meio esportivo o impacto de um livro de depoimentos do jogador Floriano Peixoto Correa, *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol*, cuja importância na imprensa engajada ao processo de profissionalização se fez notar pelas inúmeras propagandas e comentários sobre o conteúdo denunciador deste que, segundo os jornais da época, tais como *A Gazeta Esportiva*, seria o primeiro testemunho escrito de um futebolista [jogador] brasileiro⁹.

O livro não é um manual de regras ou fundamentos técnicos propriamente, mas seu relato surpreendente sobre as condições precárias que assolavam as carreiras esportistas de muitos jogadores, sobretudo aqueles oriundos das camadas mais populares, acabou apontando para a necessidade de uma maior divulgação e normatização do futebol, nas suas várias dimensões, fora e dentro de campo.

Em linhas gerais, o autor, relatando uma série de incidentes em sua trajetória, descreve o que denomina de processo coletivo de esgotamento físico e moral por que passavam os jogadores entregues a toda sorte de desmandos impostos pelos dirigentes. Já no texto inicial, dedicado aos agradecimentos, pode se notar uma retórica contestatória e contundente no estilo:

Esportiva no Futebol. Para o primeiro processo mencionado existe uma bibliografia mais consistente. Entre outros, os trabalhos sociológico e historiográficos: *O Pontapé Inicial. Memória do futebol brasileiro (1893-1933)* (CALDAS, 1990) e *Football Mania: uma história social do futebol carioca (1902-1938)* (PEREIRA, 1997); *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália* (ARAÚJO, 1996).

⁷. Dois jornais esportivos importantes fazem parte desse momento. O *Jornal dos Sports*, cuja circulação é datada do ano de 1930 no Rio de Janeiro e *A Gazeta Esportiva*, que inicialmente, em 1928, era um suplemento tablóide semanal do jornal *A Gazeta*, iniciativa pioneira em termos de cobertura esportiva na imprensa brasileira. Em 1947 este suplemento passou a ser diário e desmembrado de *A Gazeta*.

⁸. É preciso uma certa cautela quando se menciona o processo de profissionalização no futebol, que certamente não sensibilizou o campo esportivo como um todo. Mesmo entre alguns clubes da elite o profissionalismo significou o fim da prática do futebol entre seus quadros associativos, como aconteceu, por exemplo, com o Clube Atlético Paulistano, um dos primeiros a praticar regularmente o futebol no início do século. Ou os próprios times populares que por razões políticas e sociais ficaram à margem desse direcionamento dado ao futebol.

“(...)dedico este livro à memória de meus companheiros de futebol que morreram na indigência depois de terem contribuído para a glorificação do soccer nacional – humildes operários que à custa de sacrifícios enormes, inclusive o da própria vida, legaram aos clubes os estádios de cimento armado que estes ostentam hoje nos diversos bairros aristocratas das principais cidades do país, com salas douradas e pistas de baile para o gozo exclusivo de diretores e dos sócios ricos; dedico ainda aos pioneiros e paladinos da cruzada humana da legalização profissional: jornalistas, jogadores, diretores e clubes; dedico-o também aos meus amigos sinceros que não me negaram nunca o conforto de sua amizade; dedico-o, finalmente, aos companheiros mutilados que arrastam hoje sua miséria física de homens inválidos para outras atividades, mendigando o pão de cada dia, esquecidos e desprezados por aqueles que exploraram seu vigor muscular e sua mocidade(...)”(CORREA, 1933:s/p).

É desse período o primeiro *boom* na publicação de manuais técnicos escritos por alguns desses jornalistas que se destacaram no movimento a favor desta profissionalização¹⁰. Encontram-se os trabalhos sobre regras e arbitragens de Leopoldo Sant’anna (1º edição de 1929 e 2º de 1930); os almanaques esportivos organizados por Thomaz Mazzoni, editados desde 1928, e seus livros sobre a evolução da arbitragem, publicados entre 1936 e 1940; os livros sobre fundamentos e técnicas de jogo de Afonso Várzea (Max Valentim), várias vezes editado, desde 1939; os trabalhos de divulgação esportiva de Arthur Azevedo (1940), entre outros¹¹.

Nessas publicações de divulgação esportiva destinadas ao aprendizado e internalização das regras e fundamentos acentuava-se também uma incompatibilidade que se queria generalizar, afastando os esportes dos jogos que preconizavam o acaso, os de apostas. Circunstância que colaborou, inclusive, para afirmar um *status* social de um jornalismo esportivo nascente, porta-voz em prol dos atributos socialmente prestigiados que se consolidaram em torno das práticas esportivas em relação a outros divertimentos, tais como os jogos de azar. Daí a presença de advertências e campanhas contra essas atividades logo nas primeiras páginas dessas publicações, salientando os usos e as

⁹ . Na II Parte, denominada *Panorama da Revolução Profissionalista*, Correa discriminará os principais jornalistas e seus respectivos órgãos, bem como alguns dirigentes e clubes que se empenharam na profissionalização.

¹⁰ . Entre outros, Leopoldo Sant’anna de *O Dia* (SP), Max Valentim de *O Imparcial* (RJ), Mazzoni de *A Gazeta Esportiva* (SP). Max Valentim (Afonso Várzea) e Paulo Várzea escreveram uma carta (“o prólogo da verdade”) e o prefácio, respectivamente, para o libelo *Grandeza e Misérias do Nosso Futebol*, do jogador Floriano Peixoto Correa.

¹¹ . As referências completas destes volumes estão na Bibliografia.

conseqüências nocivas aos costumes e à moral pública dessas atividades que deveriam ser substituídas pelos propósitos mais “sãos” enunciados nos esportes¹².

Em consonância ao discurso mais autonomizado de uma crônica especializada e a estas primeiras publicações em livros sobre questões técnicas e fundamentos do jogo intensificou-se também na imprensa escrita o tratamento igualmente mais “teórico” dado aos fatos esportivos, que versava sobre regras e procedimentos para apurar as *formas* de jogo, notadamente a busca de um determinado padrão ou estilo.

Um exemplo pode ser verificado na série *Um pouco de técnica futebolística*, iniciativa de Hummel Guimarães, um árbitro de Jundiaí, cidade do interior de São Paulo, levada ao público durante todo o segundo semestre de 1933 no tablóide semanal *A Gazeta Esportiva*.

Aliás, pode-se observar, neste mesmo suplemento esportivo, que é a partir de 1936 que se nota um uso mais corrente da palavra *lógica*, ou mais precisamente a expressão *resultado lógico*, para definir as possibilidades de previsão ou justificativa de um escore.

Se, nas primeiras duas décadas do século XX, estes manuais prestaram-se a difundir os sentidos do jogo para um público ainda pouco diferenciado¹³, que se iniciava na prática nos vários níveis de adestramento e comprometimento, jogando ou usufruindo do jogo das arquibancadas, já em fins dos anos trinta, em consonância à profissionalização, à intensa difusão do rádio, à imprensa esportiva escrita e à prática varzeana do jogar¹⁴, o consumo desses manuais passou cada vez mais a ficar confinado ao âmbito daqueles que estavam diretamente comprometidos com o futebol como meio de vida. Ou seja, grande parte dos cronistas especializados, que se notabilizaram pelo aprendizado desse saber técnico, e os próprios *profissionais*, sobretudo os treinadores,

¹² . Na 2ª edição de *Regras e Arbitragens*, de Thomaz Mazzoni, comemorativa do ensejo da Copa do Mundo no Brasil de 1950, pode-se encontrar a “colaboração na campanha contra o jogo”, exibindo a revogação do decreto nº 5886, em 20 de abril de 1932: “(...)em decreto de 1932 o gal Daltro Filho proíbe o jogo [de azar] em São Paulo(...)”(MAZZONI, 1950). Até hoje, nos livros sobre regras de futebol encontram-se advertências em relação aos jogos de azar. Numa publicação de 1984, *Futebol – técnica – táticas – regras*, pode-se ler: “Procuramos atrair as novas gerações para a recreação sadia – esportes, educação física. Desviando-os da recreação nociva – jogos de cartas, jockeys clubes, cassinos”(RIBAS, 1984).

¹³ . Nesse sentido, é reveladora a biografia esportiva de Charles Müller, reconhecido como um dos introdutores da modalidade no Brasil por volta de 1894. Percorreu uma trajetória dentro do futebol que rapidamente se tornaria pouco comum para um jogador, pois além de praticá-lo foi também árbitro de futebol no regime amador.

¹⁴ . Nota-se nas páginas de *A Gazeta Esportiva*, durante décadas, um significativo espaço destinado ao futebol amador, suburbano e varzeano, da cidade de São Paulo.

que alcançaram grande projeção e prestígio a partir da Copa do Mundo de 1938, período de grande incremento das novas táticas e esquemas de jogo¹⁵.

Tal descaso da parte dos torcedores pode ser notado numa edição de 15 de julho de 1944 numa matéria de *A Gazeta Esportiva* que trazia a seguinte indagação: “*O público brasileiro lê obras esportivas?*”(…) *Formulamos a nós mesmos essa pergunta e conjecturamos que muitas serão as possibilidades de sucesso da bibliografia esportiva, especialmente se levarmos em conta que é relativamente grande o número de leitores dos jornais especializados. Entretanto, as livrarias desiludiram-nos: ‘O público esportivo brasileiro não lê...porque é pouco ou é doutrinário, ou técnico, ou destinado aos intelectuais do esporte’(…)*”.

Ao que parece a fixação de uma determinada linguagem técnica como única via para se conhecer e apreciar o futebol foi, em grande parte, logo abandonada pelos torcedores em detrimento de outras motivações e significados que se atribuíam ao jogo. Se, em princípio, as terminologias estabelecidas nos manuais consistiram num primeiro solo comum às discussões e teorizações sobre as possibilidades de viabilizar o futebol entre os praticantes (jogadores, juízes e os primeiros jornalista a darem atenção ao fato esportivo), por outro lado, a fruição a partir da condição torcedora cada vez mais minimizou este acesso ao conhecimento esportivo enquanto possibilidade de seu aprendizado e vivência.

Posteriormente, e concomitante aos investimentos mais institucionais rumo às expectativas por um futebol profissional jogado em alto nível, popularizaram-se outras maneiras menos comprometidas com uma exclusividade técnica sobre os fundamentos do jogo que se queria universalizar através desses manuais.

Isto pôde ser notado no âmbito de novos empreendimentos editoriais que, visando a manutenção da mobilização torcedora em torno do futebol e dos esportes em geral, criaram outros veículos impressos que incrementaram o mercado editorial e o interesse dos leitores por um consumo extra campo e mais ampliado da modalidade.

Além dos próprios jornais especializados em esportes, o aparecimento de revistas semanais esportivas a partir dos anos cinqüenta trouxe uma gama mais variada

¹⁵ . Mazzoni, em *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, de 1939, insiste na necessidade da divulgação mais eficaz dos fundamentos técnicos para o grande público: “*Si fosse possível, as entidades e os clubes deviam, por conta própria, fazer com que as regras impressas tivessem a mais larga divulgação entre os afeitos. Os grêmios distribuiriam aos seus associados um livro de regras. O mesmo teriam que fazer as entidades, em dois ou três jogos de alta importância, para os que adquirirem ingressos nos ‘guichets’ (...)* recentemente tiveram essa iniciativa a Liga de São Paulo, o Palestra e o Corinthians. E nos outros Estados? (MAZZONI, 1939:150).

de assuntos narrados numa outra linguagem de mídia, menos tecnicista e doutrinária¹⁶ que aquela anunciada nos manuais ou mesmo em algumas seções esportivas. Revistas que inovaram no projeto gráfico, nas escolhas das pautas e na forma de abordar outros assuntos menos canônicos e que diziam respeito às outras dimensões do futebol, histórias de vida de jogadores, curiosidades, crônicas e textos mais alegóricos e menos descritivos¹⁷.

Mas os manuais técnicos e, em última análise, as questões teóricas que caracterizam o conteúdo destes volumes, nunca deixaram de ser publicados, a despeito do pouco interesse que despertam entre os torcedores¹⁸. E, aos trabalhos já citados acima, foram incorporados, paulatinamente, ao longo das décadas seguintes até os dias atuais, muitos outros volumes escritos por *especialistas* e *profissionais* – técnicos, ex-jogadores, árbitros, preparadores físicos, entre outros, que igualmente trataram e tratam dos “segredos”, das padronizações e das mudanças nas regras como fatores que determinam os fundamentos das formas de praticar e difundir o futebol¹⁹.

¹⁶ . Destacaram-se as revistas pioneiras *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, lançada em 1953, *Manchete Esportiva* de 1955 e, mais tarde, a revista *Placar*, em 1970. Hoje, cada vez mais, empreendimentos desse tipo são estimulados dentro dos projetos de marketing implementados pelos grandes clubes, que segmentam o mercado consumidor torcedor a partir das afinidades clubísticas. Assim, muitos destes clubes, a exemplo do que ocorre no exterior, possuem suas revistas mensais voltadas para seus torcedores. A revista *FIEL TORCIDA – a revista da nação corintiana* (1999), publicada pela MAIA Comunicação e Editora Ltda, por exemplo, de iniciativa privada e independente do Sport Club Corinthians Paulista, busca um mercado específico, o conjunto geral de torcedores corintianos.

¹⁷ . As coberturas esportivas até fins dos anos trinta descreviam de maneira muito pormenorizada, quase que lance a lance, uma partida de futebol. Com o advento e popularização do rádio e posteriormente da televisão as mídias impressas buscaram outras linguagens menos descritivas ao relatar e cobrir os esportes. Para uma análise interessante desse ponto de vista jornalístico consultar as considerações sobre *Manchete Esportiva* realizadas por Castro (1995).

¹⁸ . Fiz uma enquete com inúmeros torcedores e verifiquei que praticamente não se lêem obras de caráter mais técnico. São as biografias, autobiografias, coletâneas de crônicas, até mesmo romances (por exemplo MURAD, 1994) os gêneros que mais atraem um público interessado por uma leitura esportiva. Desse modo, o mercado editorial dispõe de inúmeros títulos. Ex-jogadores tais como Falcão, Zico, Garrincha, Nilton Santos, Pelé, Mauro Galvão, Tostão, Leônidas da Silva, Rivelino, Charles Müller, ou traduções como a biografia do jogador húngaro Puskas, tiveram suas carreiras publicadas em livros ao longo da década de noventa. A reedição de crônicas esportivas originalmente veiculadas em jornais e revistas também movimentam periodicamente, sobretudo por ocasião das Copas do Mundo, um mercado editorial (por exemplo PERDIGÃO, 1986; NOGUEIRA, 1986; TOUGUINHÓ & VERAS, 1994; CALAZANS, 1998). Incluem-se aí as coletâneas de crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho (CASTRO, 1993; 1994). Escritores e artistas-torcedores também deixaram em livros suas impressões sobre o futebol, como é o caso do humorista e apresentador de TV Jô Soares, do produtor musical e apresentador de TV Nelson Motta e uma série de outras personalidades (músicos, cineastas, poetas, escritores) que registraram em trabalhos como *Brasil Bom de Bola* (1998) suas leituras sobre esta modalidade esportiva. Outras personagens do futebol, tal como o técnico e comentarista João Saldanha, também está incluído nesta galeria de biografias que aquece esta fração do mercado (MÁXIMO, 1996). Porém, advirto, esta não é uma lista nem extensa sequer completa e classificatória das publicações que focam o futebol. Justifica-se aqui para contrastar, em diversidade temática e demanda, aos manuais especializados, objetos mais específicos desse tópico.

¹⁹ . Livros escritos por ex-jogadores têm procurado, mais recentemente, mesclar vários elementos. Um exemplo paradigmático é o volume *Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol*

Podemos mencionar algumas dessas edições que apareceram de maneira reiterada nas várias consultas bibliográficas realizadas, sobretudo nas bibliotecas públicas, lugar muito comum onde podem ser encontradas publicações desse gênero, ou nos acervos das bibliotecas de escolas de educação física. Pode-se afirmar, seguramente, que tais manuais restringem-se a um público mais especializado e estudioso do futebol, quer no domínio da prática esportiva profissional ou acadêmico²⁰.

Outro dado relevante a ser constatado sobre esta literatura especializada é que as coleções desses trabalhos, sobretudo aquelas que compõem os acervos das bibliotecas de Escolas de Educação Física, misturam textos de conteúdo mais pedagógico sobre técnicas e métodos utilizados no aprendizado dos exercícios e fundamentos da modalidade esportiva com manuais introdutórios de caráter mais ufanista e laudatório.

Tal “mistura” sugere que mesmo da perspectiva de uma abordagem mais tecnicista as representações simbólicas forjadas em outros domínios não estão ausentes nem mesmo entre aqueles trabalhos considerados mais específicos, ou seja, os que convergem a explanação para uma pedagogia do movimento (como chutar, cabecear, correr e etc). Mas passemos aos conteúdos desses manuais técnicos.

1.2 universalizando as regras, fragmentando estilos

Um apreciação conjunta da evolução das regras e *formas* ou *padrões* de jogo a partir da análise dos manuais de divulgação esportiva, mencionados acima, possibilitará

(GONÇALVES, 1997), que, tal como sugere o próprio título, apresenta uma mistura de relatos autobiográficos com opiniões acerca de questões políticas, institucionais e técnicas que envolvem o futebol. Nesse sentido, é notável como encontramos, condensado num único relato, descrições que aludem a certas dimensões de uma condição de torcedor, profissional e especialista incorporadas à carreira do ex-jogador. As questões sobre táticas de jogo encontram-se confinadas na última parte do livro.

²⁰. Pesquisados na Biblioteca Nacional (RJ), Mario de Andrade (SP), escolas de educação física da USP e UNICAMP estão, entre muitos outros: *Evolução tática no futebol* (OLIVEIRA, 1940); *Bases Gerais de Metodologia do Treinamento desportivo do Futebol* (MARINHO, 1945); *Curso de Técnica do Futebol* (ROSA, 1946); *Regras de Futebol* (ANTUNES, 1950); *Dicionário popular de futebol, as leis e as gírias do futebol* (PENA, 1951); *Regras Oficiais de Futebol, edição popular* (MELLO, 1953); *De apito na boca* (PEDROSA, 1968); *As 17 regras de futebol comentadas* (PEDROSA, 1969); *Xingue o juiz com autoridade! Regras de futebol ilustradas* (RIBEIRO, 1973); *A evolução dos sistemas nas Copas do Mundo de Futebol* (OGEL, 1975); *Futebol e seus fundamentos: o futebol-força a serviço da arte* (ARAUJO, 1976); *As táticas do Futebol – antigas e atuais* (MENDES, 1979); *Caderno técnico-didático. Futebol* (SANTOS, 1979); *Futebol Total* (DIAS, 1980); *Os grandes jogos: metodologia e prática* (DIETRICH, 1984); *Futebol – técnicas – táticas – regras* (RIBAS, 1984); *Manual de Futebol* (DIAS, 1989); *Futebol: regras, esquemas táticos – posições e funções do goleiro ao ponta esquerdo* (FLORÊNCIO DOS ANJOS, 1990); *Futebol e Futebol: tática para milhões* (BIELINSKI, 1974;1990); *Tostão. Lembranças, opinião, reflexões sobre o futebol* (GONÇALVES, 1997); *Futebol: Histórias e Regras* (DUARTE, 1997).

a compreensão dos nexos intrínsecos, de continuidade, que permeiam e vinculam as práticas sociais entre *torcedores*, *profissionais* e *especialistas*.

Não seria possível passar em revista a todas as alterações ocorridas no universo das regras do futebol. Talvez seja mais compatível aos propósitos aqui perseguidos ater-se a uma poucas que, ao serem modificadas no texto ou interpretadas na prática, tensionaram mais drasticamente as *formas* do jogar. Um exemplo significativo de modificação textual ocorreu com a lei do impedimento (regra 11), explicitada nos manuais como sendo aquela que contribuiu em maior grau, se comparada às outras, para a formatação dos variados *padrões* e *formas* de jogo²¹.

Mas outras alterações menos deliberadas por modificações conscientes e normativas como as que ocorreram com a lei do impedimento estimularam aprendizados e manejos simbólicos mais originais. Um aspecto da regra 12, que dispõe sobre as *infrações e indisciplina*, e que prescreve sobre o uso do tranco, a “charge”, nas

²¹ . A lei do impedimento, o *off-side*, consiste na regra que mais alterou a dinâmica do futebol. Incide basicamente na relação estabelecida entre ataque e defesa e requer a observação por parte dos árbitros, principal e de linha, dos posicionamentos mais as participações dos jogadores em determinadas circunstâncias de jogo. A lei do impedimento favorece, a princípio, a defesa, o que o torna paradoxal e contraria o maior fundamento que é a marcação dos gols. Antes de 1863 a lei prescrevia que qualquer jogador que estivesse em posição de ataque, mas à frente da bola estaria em impedimento. O ataque era realizado de maneira muito lenta, observando a progressão baseada numa linha imaginária paralela a linha de fundo estabelecida pelos jogadores. Neste caso, o contato físico mais permanente entre defensores e atacantes era evidente, uma vez que inexistia a possibilidade do lançamento e passes em profundidade. Em 1866 houve uma primeira modificação, ficaria impedido um jogador que tivesse entre ele e a linha do gol adversário três jogadores do time contrário. Numa situação mais recorrente o goleiro e dois jogadores de defesa. Dessa forma, estes dois jogadores posicionavam-se de modo não alinhado, o que muito freqüente colocavam os atacantes em impedimento ao efetuarem as combinações de passes. Em 1907 qualquer jogador que estivesse em seu próprio campo não mais estaria impedido, ou seja, se recebesse a bola em seu campo e, pelas contingências do jogo, estivesse somente o goleiro contrário pela frente, poderia deslocar-se e fazer o gol. Por pressão de alguns times escoceses, a lei foi alterada novamente em 1925. Passaram a ser dois os jogadores que colocavam um atacante em impedimento, o goleiro mais um jogador de linha. O que alterou a correlação de forças entre ataque e defesa, nitidamente a favor dos primeiros, estimulando o aparecimento de outra conformação espacial dos jogadores em campo e uma melhor distribuição entre defesa, meio campo e ataque. Em alguns manuais está assim formulada: “*um jogador estará impedido se estiver mais próximo da linha de fundo do quadro adversário do que a bola no momento em que esta for jogada [passada por outro], exceto se a) estiver em sua própria metade de campo; b) houver dois adversários [pelo menos] mais próximos da linha de fundo do que ele; c) a bola tiver sido jogada por último por um adversário; d) receber a bola diretamente do tiro de meta, do tiro de canto, de um arremesso lateral ou de bola ao chão, dado pelo juiz*”(OSTERMANN & CABRAL, 1970:13;14). Aos árbitros cabem a observação simultânea das duas condições para que ocorra o impedimento, posição mais participação. Assim, se um jogador estiver em posição mas não estiver participando da jogada, intervindo contra um adversário ou tentando obter vantagem desse posicionamento, ao árbitro cabe não considerá-lo para fins da marcação do impedimento. Tais modificações tornaram o futebol visivelmente mais coletivizado uma vez que estimulou uma maior ocorrência dos passes, a movimentação mais livre e os deslocamentos mais variados, diversos daqueles pautados por aproximações ao gol em linhas paralelas à linha de fundo. A partir daí foi estimulado a formação de outros arranjos de jogadores em campo e o aparecimento de variadas *formas* de jogar. Em 1991, outra alteração na lei do impedimento incidiria novamente sobre a relação de forças entre ataque e defesa. Não está mais impedido o avante que, ao receber um passe, estiver posicionado na mesma linha

disputas pela posse da bola, consiste num exemplo relevante de leitura original das regras, que colaborou para a invenção de uma *forma* de jogar singular, como será observado mais adiante.

Embora todas as modificações nas regras interfiram, em maior ou menor intensidade, na dinâmica do futebol, algumas dessas alterações fixaram suas especificidades em relação às outras modalidades aparentadas.

As alterações que vêm incidindo sobre o conjunto das regras desde as primeiras tentativas em fixá-las, ainda na segunda metade do século XIX, tanto no que concerne ao conteúdo quanto no que diz respeito a clareza e concisão textual, não modificaram aquilo que Emídio Marques de Mesquita, atualmente (1999) instrutor de arbitragem da FIFA, denomina como sendo o “espírito” que permeia a “*cultura da arbitragem*”.

Segundo o ex-árbitro brasileiro²² esta “cultura” norteia-se por três princípios que sustentam a natureza da competição do ponto de vista de suas regras: a igualdade, a segurança e a fruição (o prazer e a plástica do jogo).

Por estes princípios enunciados percebe-se que à dimensão propriamente mais lúdica do fenômeno esportivo, dada pelo prazer e a fruição de sua plasticidade, sobrepõem-se os ditames que regem uma sociedade regulada pela competitividade, expressa na noção legal da igualdade *a priori* entre os indivíduos, posta à prova na sociedade dentro de variados campos de possibilidades e, no caso do campo esportivo, às performances individuais e coletivas dos jogadores em relação.

Daí a necessidade do terceiro princípio, a idéia de segurança, que visa a manutenção do exercício dessa condição de poder mover-se sob a égide de uma igualdade formalizada na lei, que se impõem como universal. E aqui a questão da segurança revela-se particularmente importante na medida em que sua observância passa necessariamente pela manutenção de uma ordem esportiva que se desdobrou com o desenvolvimento do profissionalismo, como se sabe, por toda uma organização esportiva institucionalizada (jurídica, política e econômica).

Princípios que estão contemplados explicitamente no teor das atuais 17 regras, expressos: numa delimitação do perímetro do *campo de jogo*, num *início e duração* precisos (regras 1, 8 e 7 respectivamente), regras fundamentais que se prestaram a

que o último jogador de defesa, ou melhor, “*desde que não esteja mais próximo da linha de fundo contrária que dois de seus adversários, pelo menos*”(FRANCISCON, 1996:90).

²² . Numa palestra no curso de capacitação para treinadores no Sindicato dos Treinadores Profissionais, em 07/07/98, objeto do próximo tópico, o ex-árbitro Emídio Marques de Mesquita afirmou que nos

conferir uma certa idéia de finitude ao jogo que, em suas primeiras versões, era praticado por aqueles que se dispunham a participar livres desses tipos de constrangimentos, ao sabor das topografias e limites naturais disponíveis pelas cidades ou descampados; nas discontinuidades impostas às ações dos disputantes, necessárias para o aumento do prazer, das tensões e expectativas, contempladas nas situações de *bola em jogo e fora de jogo* (regra 9) e seu reinício a partir de várias situações apresentadas: *tiros livres, pênaltis, arremessos laterais, tiros de meta, de canto e impedimentos* (regras 13, 14, 15, 16, 17 e 11); na exigência de um único artefato imediato em disputa, a *bola* (regra 2), que necessariamente converge o interesse e a disputa de todos por um bem escasso; nos jogadores divididos em dois blocos com igual *número de jogadores* (regra 3), devidamente paramentados com *equipamentos esportivos* equivalentes (regra 4); na presença de um *árbitro* e dos *fiscais de linha* (regras 5 e 6, respectivamente), que primam pela segurança e garantia da manutenção das regras, confirmação da vitória e derrota e *contagem de gols* (regra 10); por último, acentuando o princípio da segurança nas situações de jogo, na punição às *infrações e indisciplinas* (regra 12), motivadas pelas próprias razões do jogo: expressas na manutenção do maior tempo de posse da bola, marcação dos gols e confirmação da vitória.

Estes princípios fixados e prescritos em regras esportivas universalmente aceitas visam, ao menos em tese, estabelecer uma equivalência na performance entre os contendores, observada tanto numa partida disputada na várzea como num evento de Copa do Mundo, em jogos “dentro de casa” ou partidas realizadas “fora de casa”, nas divisões inferiores, nas amadoras ou profissionais.

As regras fazem parte de um processo crescente de disciplina e adestramento corporal, social e moral pelo qual se passou de um aglomerado de indivíduos espalhados, correndo atrás de objetos nem sempre esféricos, o modo como se praticavam algumas atividades lúdicas que lembram o futebol anteriores ao último quartel do século XIX pelos países da Europa, para uma configuração cujas sensibilidades paulatinamente apelaram para uma estabilidade e ordenação pautadas por um ponto de vista normativo na observância de certos constrangimentos sociais previamente acordados.

Este processo regulador da esfera do divertimento ocorrido nas sociedades européias, identificado sobretudo nas análises empreendidas por Norbert Elias (1992), engendrou-se aos mecanismos mais abrangentes de processos similares, políticos, econômicos e sociais, de longa duração, que alteraram significativamente as sensibilidades na esfera da sociabilidade, o que o autor define como parlamentarização das condutas individuais e coletivizadas no âmbito das festas populares e seus jogos correlatos.

Nesse sentido, estes jogos coletivos com bolas, cada vez mais caracterizados como esportivos, preconizaram, na sua dinâmica e fruição, um determinado *ethos* competitivo que se ambicionava generalizar, o que de fato ocorreu, em consonância às outras dimensões da sociedade burguesa igualmente regidas pelos princípios da equivalência individualista.

O futebol passou por inúmeras adaptações e modificações, o que dinamizou e alterou radicalmente as formas de praticá-lo, embora muitos ainda hoje denunciem o conservadorismo dos legisladores que zelam pela manutenção de suas regras²³.

Mas as mudanças ocorreram e ocorrem, tal como podem facilmente ser atestadas nas cronologias apresentadas nos manuais por alguns autores e comentaristas que periodizam algumas dessas alterações: (VÁRZEA (1929); SANT'ANNA (1930); AZEVEDO (1940); MAZZONI (1939);(1950)... DUARTE (1998), entre outros)²⁴.

Por exemplo, em *Regras e Arbitragens* (MAZZONI, 1950), para além da atualização das regras na ocasião de sua publicação, está relacionado às páginas introdutórias, “*a título de curiosidade*” tal como afirma o autor, o primeiro conjunto de regras, no total de 12, fixadas na Inglaterra em 1863.

Uma leitura de conjunto dessa dúzia de regras mostra que a dinâmica do futebol ainda estava muito condicionada, por exemplo, aos usos das mãos, não para efetuarem passes ou pontos (gols), aspectos que já o diferenciavam de outros esportes

²³ . A Federação Internacional de Associação de Futebol (FIFA), fundada em 1904, representada por quatro delegados mais os delegados da Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda do Norte (*International Board*, de 1873) constituem a *Internacional Football Association Board*, órgão máximo de regulamentação das leis que regem a prática do jogo dentro de campo, fixando atualmente as 17 regras. A FIFA publica anualmente, em quatro idiomas, inglês, francês, espanhol e alemão as *Regras do Jogo e Guia Universal para Árbitros*, contendo as decisões oficiais da *Internacional Football Association Board* (FRANCISCON, 1997).

²⁴ . Em Sant'anna (1929), numa publicação que já prenunciava o regime profissional, pode-se ler um capítulo que versa sobre “*As modificações porque passaram as regras do futebol desde 1863 até nossos dias*” ou em Mazzoni (1950), num tópico de idêntico título: “*Modificações porque passaram as regras do futebol até o presente*”.

aparentados²⁵, mas na recepção dos passes e ritmo de jogo pois, desde que a bola viesse pelo alto, poderia ser interceptada com as mãos antes que tocasse o chão para, a seguir, fora de movimento, dar prosseguimento ao jogo, agora com os pés, na forma de tiros livres (*free kick*) (regra 7)²⁶.

Notam-se as características de um jogo mais descontínuo, tal como ficou preservado em algumas modalidades coletivas aparentadas, ainda indeciso entre as mãos e os pés, truncado e com pouca movimentação mais concatenada de conjunto. O uso predominante dos pés seria rapidamente estabelecido como uma das prerrogativas fundamentais da modalidade, única entre todas as existentes, deixando as mãos para usos dos goleiros, na reposição, defesa e passe da bola, em determinadas circunstâncias. Aos demais jogadores somente o arremesso lateral poderia ser feito com as mãos, regra estabelecida em 1883, ano em que se uniformizaram as regras entre a Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda²⁷.

Desde a fixação do primeiro conjunto de regras (1863), somente em 1871 que o goleiro diferenciou-se dos outros jogadores, passando a utilizar com exclusividade das mãos para impedir os gols e passar a bola. Mas uma seqüência de alterações ao longo das décadas viria a compensar, para alguns corrigir, tais regalias. Por exemplo, atualmente, os goleiros não podem utilizar-se das mãos para receber passes de companheiros de time numa bola atrasada ou na reposição da bola para dentro do campo de jogo num arremesso lateral.

A regra atual prescreve que, nessas circunstâncias, os goleiros somente podem tocar a bola com os pés, peito ou cabeça, tal como os outros jogadores, agilizando a reposição da bola. Reposição que, num tiro de meta, ficou limitada, desde 1997, a seis segundos.

Outras alterações, tendo ainda os goleiros como protagonistas das mudanças, contribuíram para dificultar a ocorrência de gols em determinadas situações de bola parada, tal como se pode notar nas cobranças de tiro livres dentro da área do pênalti.

²⁵ . Estou me referindo ao rugby. A regra 8 marcava de modo definitivo esta diferenciação: “*nenhum jogador poderá correr com a bola [atada às mãos]*” (MAZZONI, 1950).

²⁶ . O espaço que compreendia a marcação dos gols ainda não contava com a barra transversal, o travessão, introduzida em 1875. Nesse momento, pela regra 4, observava-se as seguintes prescrições: “*marcar-se-á um gol toda vez que a bola passar por dentro do espaço compreendido entre os postes, seja a que altura for, desde que não seja lançada ou impulsionada com as mãos, nem tampouco carregada pelo jogador*” (MAZZONI, 1950). A respeito das regras de 1863 consultar também *A Gazeta Esportiva* (04/02/1947).

²⁷ . Alguns autores datam de 1882 o regulamentação sobre o arremesso lateral, que passou a ser realizado com as duas mãos, tal como se verifica até hoje (SANTOS, 1979:10).

Em 1905, o goleiro não podia mais mover-se para a frente no momento da cobrança de um pênalti pelo adversário, pois era comum avançar até limites pouco toleráveis, deixando pouquíssimo ângulo para o jogador efetuar o tiro livre. Também não poderia mais usar as mãos fora do retângulo que circunscreve a sua área de atuação, situação muito comum em que fazia de toda metade do campo defendida pelo seu time sua área de atuação.

Em 1930 houve um recrudescimento da regra na cobrança penal do ponto de vista do goleiro, estabelecendo que este deveria permanecer imóvel sobre a linha da meta por ocasião da cobrança do tiro livre penal. Em 1937 à área de pênalti seria acrescentada uma meia lua com o intuito de possibilitar mais privacidade e segurança aos jogadores que cobrassem tal tiro livre, posicionando os demais a uma distância específica. Este movimento lateral dos goleiros voltaria a ser permitido nas alterações realizadas pela I.B. somente em 1997, aumentando as possibilidades de defesa e interferência da parte dos goleiros na marcação de gols.

Temos acima alguns poucos exemplos que já permitem mostrar que através das alterações nas regras modifica-se a dinâmica do jogo. A diminuição do tempo de posse da bola por parte dos goleiros na reposição ou recepção de passes atrasados ou laterais possibilitou agilizar a permanência da bola em movimento, aquilo que comumente é definido nas estatísticas esportivas como tempo de bola corrida. No futebol é fundamental que a bola permaneça o maior tempo possível em movimento para aumentarem as possibilidades de criação de situações de gols²⁸.

Já em outros esportes, como no *football* americano por exemplo, as seguidas interrupções fazem parte da própria dinâmica do jogo, não irritam os torcedores treinados a olharem uma movimentação mais pautada pela conquista do espaço físico do campo, quantificável por unidades de comprimento precisas (10 jardas, que equivalem a

²⁸ . Uma recomendação do conselho da I. B. vem sendo incorporada ano a ano nos manuais de arbitragem sem alterações de conteúdo praticamente desde o texto de 14 de dezembro de 1930, que trata de uma decisão sobre a regra 5 (árbitros): “*As regras do jogo foram feitas com a intenção de permitir que o jogo seja disputado com menor número possível de interrupções e, dentro deste propósito é dever do árbitro sancionar somente as faltas cometidas intencionalmente, entre as previstas nas Regras. O constante trilar do apito, motivado por insignificâncias ou faltas duvidosas, produz mal-estar, irrita os jogadores e estraga o prazer dos espectadores*” (FRANCISCON, 1996:42). Pode-se observar o mesmo texto, por exemplo, em Mazzoni (1950). Nota-se que esta observação incide sobre o terceiro princípio aludido mais acima e que diz respeito ao prazer do jogo, diretamente relacionado à movimentação contínua dos jogadores. Muito se têm discutido sobre a inclusão de mais um árbitro numa partida, o que poderia, entre outras conseqüências, aumentar o tempo de bola corrida ao inibir o expediente da falta como recurso defensivo ou de tomada da posse de bola. A própria FIFA têm procurado fazer experiências nesse sentido para analisar os impactos de tal mudança. A I. B. autorizou para o ano 2000 experiências em campeonatos europeus (*Folha de S. Paulo*, 10/03/1999).

9,14m). Ganham-se os jogos muito em função da tomada do campo adversário, não raramente realizada de maneira lenta, gradual e progressiva, explicitando uma dinâmica de jogo mais mensurável se comparada ao futebol. A cada interrupção há a possibilidade dos jogadores se arranjam taticamente e, inclusive, uma maior previsibilidade das jogadas²⁹.

O professor Dufour afirma que nesta versão do futebol, o americano, vários esquemas táticos ou ‘rotinas de jogo’ podem ser automatizados e perfeitamente repetidos com ‘sucesso’. Comparando o football americano ao futebol afirma que

“(...) o computador é capaz de descobrir a estrutura interna do jogo [do futebol americano], deduzir uma doutrina de jogo lógica e racional, mas o resultado de uma partida [do futebol associação] é ainda muito freqüentemente determinado pela criatividade surpreendente de um jogador genial(...)” (Dufour apud Cavalcante).

Mas retomando as regras no futebol do ponto de vista nativo de seus legisladores, as alterações mencionadas, que incidiram sobre a atuação dos goleiros, procuraram confirmar e preservar os princípios canônicos aludidos mais acima, sobretudo o da igualdade, que era de certa forma ferido com o excesso de prerrogativas dadas a esses jogadores, que podiam utilizar-se das mãos em várias situações dentro da partida, ao contrário dos outros que só as utilizam nos arremessos laterais. Alterações que conferiram um maior dinamismo e expectativa ao jogo, uma vez que o tempo de bola parada, de posse dos goleiros, foi diminuído, maximizando o segundo princípio, a fruição e o prazer.

À manutenção desses princípios que norteiam mundialmente o cumprimento das regras incorpora-se uma outra característica fundamental da modalidade, ou seja, o caráter expansionista que sempre se quis dar a esta prática esportiva, implementado tanto no que concerne à manutenção de seus fundamentos, explicitados precisamente nas regras, quanto na atuação mais institucional, portanto política, das entidades que mantêm o futebol, a I. B. e a FIFA. O que vem colaborar para uma explicação sobre a

²⁹ . Em linhas gerais, observam-se as seguintes regras básicas no futebol americano: joga-se com 11 atletas e não existe limite para substituição. As equipes possuem dois grupos de jogadores, um que está em campo quando o time está atacando e outro que participa do jogo quando se está defendendo. O campo está segmentado por linhas que distam 5 jardas. A progressão para marcar pontos segue o seguinte critério: o time de posse da bola tem quatro oportunidades para avançar frações de 10 jardas. Se conseguir renovam-se as chances e o time segue avançando no campo adversário. Se não conseguir perde a posse de bola para o adversário. Na terceira tentativa pode optar pela quarta ou realizar um *punt*, chutar a bola o mais distante possível ou um *field goal*, dependendo da proximidade da *end zone*, área demarcada pela última linha, linha do gol e linhas laterais. É permitida a utilização das mãos para conter o ataque adversário. Para maiores detalhes sobre as regras da *National Football League* consultar, por exemplo, <http://www.touchdown.net/redzone>.

rápida difusão deste esporte (ainda em curso, como é o caso da África e Ásia) numa proporção sem paralelo no campo dos esportes.

Um dos índices desse projeto expansionista teve seu auge com a presença, por uma longa permanência, de João Havelange a frente da FIFA³⁰, garantindo e mesmo impondo a universalização das regras do jogo e infraestrutura institucional para todos os continentes, o que ocorreu e ocorre em menor intensidade em outros esportes coletivos que, embora praticados mundialmente, diferenciam-se consideravelmente no que concerne às regras em vigor.

Estas diferenciações nas regras, observadas em alguns outros esportes coletivos, estimularam e estimulam cortes diferenciais significativos, sobretudo simbólicos, nas sensibilidades de quem joga e de quem assiste. Por isso, muitas vezes, ouve-se falar que assistir ao basquete praticado no Brasil, se comparado a liga profissional dos EUA, a NBA, pode tornar-se algo enfadonho, pois aqui a modalidade desenvolveu-se num ritmo mais lento e demasiadamente cadenciado, o que, de certa forma, inibe um uso mais diversificado de técnicas corporais plasticamente e simbolicamente valorizadas no âmbito da performance, tal como constatada entre os norte-americanos.

Tal cadência no basquete brasileiro, e em muitos outros, em grande parte é ditada pelas regras que não permitem certas jogadas mais viris, como aquelas observadas no basquete da NBA. Não seria exagero afirmar, portanto que, na prática, têm-se dois jogos distintos, que engendram sensibilidades e públicos igualmente diferenciados³¹. O que ocorreu em menores proporções com o futebol, mais homogêneo no tocante à manutenção de suas regras.

Mas os processos de internalização das regras no futebol, fundamentais para estruturá-lo num âmbito universalizado dentro de campo, não estiveram refratários às demandas mais locais e prestaram-se às mais variadas interpretações e aclimações em

³⁰ . Valeria a pena observar, nesse sentido, mais detidamente a atuação e a carreira do ex-atleta e dirigente esportivo João Havelange, que presidiu por décadas a FIFA. Um trabalho a respeito dessa dimensão mais política de expansionismo do futebol incrementado na “era Havelange” pode ser consultado em WEISHAUPT (1998).

³¹ . Mas há em curso um processo definido pela imprensa como ‘NBAlização’ das regras no basquete europeu, o que certamente trará conseqüências àquele praticado no Brasil. Em 1998, no jogo amistoso EuroStars, na sua terceira edição, algumas modificações às regras foram testadas no intuito de afinarem-se àquelas praticadas pela liga norteamericana, entre elas, tempo para o arremesso, que passaria de 30 segundos, como se joga em todo o mundo, para 10 segundos, tal como se observa na NBA; aumento dos pedidos de tempo de 10 para 12 por jogo, sendo que quatro obrigatórios para o patrocínio nas transmissões; duração de jogo, que passaria dos dois períodos de 20 minutos para quatro períodos de 10 minutos, entre outras. Segundo o jogador brasileiro Paulinho Vilas-Boas, à época jogador do Mackenzie-Microcamp: “com a aceleração [dado o menor tempo de bola para o arremesso], haverá mais jogadas, a

todos os lugares em que o futebol se projetou como esporte popular. Algumas dessas aclimações foram mais pontuais, outras alteraram de maneira mais decisiva as concepções sobre o jogo.

No Brasil, por exemplo, na cidade de Porto Alegre, capital do Rio grande do Sul, havia a presença de juízes de gol, indivíduos que ficavam ao lado das traves para confirmar ou não os tentos, pois nos primeiros certames realizados, desde 1909, ainda não haviam instituído o uso das redes, embora utilizadas em alguns países da Europa desde 1890 (NORONHA & COIMBRA, 1994; MAZZONI, 1950).

Outras aclimações e interpretações de mesmo caráter persistiam e eram comuns até mesmo nos centros de maior projeção e intercâmbio com o futebol europeu, como era o caso do Rio de Janeiro. Até o final dos anos 30, já em pleno regime profissional, a crônica especializada reiteradamente censurava determinados expedientes “amadores” que orientavam um futebol praticado ainda bastante à revelia das regras, denunciando a presença de cronometristas nas partidas, pois aos árbitros era vedada a prerrogativa da contagem do tempo de jogo. Além da presença de quatro, e não dois, juízes de linha (os bandeirinhas), situação que estava em pleno desacordo com as regras há muito instituídas:

“(...) é querer que haja no mundo inteiro futebol e nesta capital uma coisa diferente, o cariocobol, com a argumentação anti-brasileira de que os juízes locais são incorrigivelmente ladrões. Para voltar integralmente ao futebol temos de acabar com o pagode dos quatro bandeirinhas e com a intrusão do cronometrista”(VALENTIM, 1941:52).

Em São Paulo igualmente burlavam-se determinadas regras, como a regra 3, que tratava do número de jogadores e que até os anos 40 estabelecia a proibição das substituições durante uma partida:

“Em nenhuma parte do mundo se permite que, durante uma partida de futebol, seja substituído um elemento, ‘pregado’ ou ineficiente (...) esta inovação que surgiu em nossos campeonatos e que vigora ainda em vários Estados, seria repelida, estamos certos, em qualquer parte onde se pratica o futebol ‘association’, pois desvirtua as regras que o regem(...)”(MAZZONI, 1939:116).

Embora indicativas de uma dinâmica esportiva³², estas mudanças e interpretações mais pontuais das regras não tiveram maiores rendimentos simbólicos,

defesa será mais intensa, com mais tocos. Vai acabar com o lengalenga de alguns times” (Folha de S. Paulo, 29/12/1998).

³² . Algumas propostas de alterações nas regras ainda hoje são bastante parecidas com estes inovações já tentadas décadas atrás e tão combatidas nos manuais técnicos. Por exemplo, pode-se observar o retorno da discussão sobre a introdução de um cronometrista e os quatro bandeirinhas no rol de propostas do livro

pois não contribuíram, ou pouco fizeram, para a fixação de um estilo ou escola. Outras, certamente, revelaram-se mais decisivas para a simbiose entre fundamentações técnicas e demandas simbólicas locais.

Também no âmbito internacional observam-se tais ajustes nas regras. Apenas como um dado comparativo, até meados da década 40 havia no futebol russo a seguinte movimentação entre os zagueiros (jogadores de defesa): enquanto um deles estivesse de posse da bola em sua própria área, um outro companheiro rechaçava os atacantes adversários com o uso explícito da força física até que seu companheiro de equipe se desvencilhasse da bola.

Ou seja, os atacantes não podiam disputar a posse da bola na área adversária em nenhuma hipótese, sob risco de serem derrubados a qualquer preço, situação que, já em muitos outros países, configurava infração grave, suscetível de ser penalizada com tiro livre da marca do pênalti.

Nota-se, nesse procedimento, uma estratégia de jogo ainda muito próxima àquela utilizada no rugby e em outros esportes semelhantes de intenso contato físico em que se deve afastar os adversários do companheiro de equipe que está de posse da bola³³.

A despeito da censura de muitos cronistas, jogadores, dirigentes, que lutaram pelo estabelecimento do regime profissional e que investiram na especialização e legitimidade do campo esportivo, tendo na divulgação dos manuais uma estratégias pioneira nesse sentido, as sucessivas aclimações às regras, a princípio nocivas aos propósitos universalistas do futebol, estimularam, ao mesmo tempo, uma fragmentação de estilos de jogar mais condicionados às variabilidades locais impostas pelos interesses, percepções, leituras e entendimentos dessas mesmas regras, alterando as padronizações e conferindo plasticidades e emoções variadas à sua fruição, dentro e fora do campo de jogo.

Um exemplo mais estrutural de interpretação e de usos que transgrediram a aplicação mecânica e universalizada das regras, cujo impacto fora maior do que aquele

Futebol É Bola na Rede (RAMALHO, 1998). Outras alterações vem sendo observadas e até mesmo testadas em algumas competições piloto, tais como o limite das 15 faltas e a cobrança de tiros livres diretos após a superação desse número, testadas no Brasil nos torneios Rio-São Paulo nos anos de 1997 e 1998, a parada técnica durante a partida para que o treinador instrua ou modifique a maneira de atuar de seu time, algo utilizado em outros esportes coletivos tais como no vôlei, no basquete, por exemplo. Esta última inovação ocorreu no Campeonato Paulista de 1996, mas foi proibida pela FIFA.

³³ . “*O recente anúncio emitido em Moscou a respeito de modificações nos regulamentos do futebol teve viva acolhida nos círculos esportivos britânicos, sendo interpretado como um outro passo no sentido da unificação dos regulamentos desse jogo em toda a Europa*” (*A Gazeta Esportiva*, 1944).

observado nos exemplos citados acima, inaugurando uma auto percepção sobre o jogo por todo um *socius* esportivo, pode ser explicitado no modo como o uso da carga – *the old shulder charge*³⁴ –, o tranco, o esbarrão ou corpo a corpo, foram interpretados no Brasil. Tema recorrente nos manuais e na imprensa esportiva de um modo geral a partir do final dos anos 30.

O uso mais abundante do tranco ou “charge” tende a predominar nas situações em que se desenvolve uma maior combinação coletiva de movimentações e deslocamentos em profundidade, o que implica no uso mais extensivo dos passes de média e longa distância em detrimento de outros fundamentos, tais como o drible e os passes curtos, domínio e progressão mais individualizados.

Num futebol em que a bola teimava em parar mais nos pés dos jogadores habilidosos, tal como se jogava no Brasil até poucas décadas, característica presente até hoje mas em menor intensidade, havia uma significativa inibição na disputa em movimento e, conseqüentemente, menor a ocorrência do uso do tranco como dispositivo de retomada e disputa da bola.

Ao contrário do que ocorria em muitos países da Europa e em outros grotões esportivos, tal como o futebol-rugbi praticado na Rússia, a maioria das disputas pela posse da bola na corrida, utilizando-se da força física dos ombros para tirar o adversário da jogada, eram interpretadas como faltosas no Brasil. Ao menor esbarrão aplicava-se aquilo que se considerava constar da regra sobre as *infrações e indisciplinas* (regra 12).

Fato que colocava em confronto, mais do que leituras discordantes, maneiras e concepções de vivenciar e perceber, num universo sensível, o jogo. O que não raramente gerava toda sorte de constrangimentos por ocasião dos embates internacionais.

Daí o rigor e a indistinção com que num futebol muito afeito aos dribles individuais se aplicava a penalidade em qualquer possibilidade de tranco, tal como foi o caso do futebol praticado em alguns centros de maior excelência no Brasil, notadamente em São Paulo e Rio de Janeiro, até o aparecimento dos primeiros técnicos que propagaram os métodos e as rotinas *táticas* e as *formas* ou padronizações, coletivizando o jogo e diminuindo os excessivos expedientes individualizados no trato da bola³⁵.

³⁴ . (SANTOS,1979:11).

³⁵ . Muitos manuais creditam ao húngaro Dori Kruschner, o “feiticeiro de Viena”, que por muito tempo dirigiu times suíços a fama de grande modernizador e mesmo iniciador dos trabalhos mais técnicos e táticos, coletivos sobretudo, no futebol brasileiro. Kruschner chegou ao Brasil, especificamente para o Flamengo no primeiro semestre de 1937 e influenciaria muitos técnicos, entre eles Flávio Costa, técnico

Porém, se parte do futebol aqui jogado estava em desacordo com as regras, que previam o uso legal do tranco³⁶, e tais interpretações não raramente eram creditadas a um possível resquício do amadorismo vigente até 1933³⁷, por outro lado tal expediente acabava favorecendo e estimulando um uso, digamos, mais experimental do corpo, de modo que para desvencilhar-se do adversário numa disputa era necessário empregar técnicas mais voltadas para o manejo da bola em detrimento do choque corporal, embora muitos dos manuais clamassem pelas vantagens, competitivas e estéticas, do uso de tal expediente:

“(...)O rigor excessivo com que a maioria dos juízes [no Brasil] reprime o emprego do tranco vem roubando uma das características mais empolgantes do futebol associação, que é o choque corporal na luta pela posse da bola”(...)(AZEVEDO Fº, 1940:59).

É possível que tais interpretações e malversação das regras tenham favorecido outras *formas* do jogar, corroborando na fixação e reprodução coletiva de técnicas corporais e simbólicas que estimularam, notadamente a partir da Copa do Mundo de 1938, um determinado estilo que viria contrastar de modo cada vez mais acentuado aos de outras praças esportivas. Nesta terceira copa, realizada na França, os europeus puderam ver atuando o maior jogador brasileiro da época, Leônidas da Silva³⁸.

da seleção em 1950. A respeito dos métodos de Kruschner consultar, por exemplo Mendes (1963), Ostermann & Cabral (1970), entre muitos outros.

³⁶ .Nota-se uma evolução no conteúdo do texto e na disposição numérica da regra que dispõe sobre o tranco. Regra 9, denominada *Rasteira, pontapé, pulo, etc: É permitido o tranco desde que não seja excessivamente brutal ou perigoso*” (*Regras Officiais de todos os Sports*, 1916; SANT’ANNA, 1930:80); Regra 12, denominada *infrações e indisciplinas: “O tranco, desde que não traga a intenção de inutilizar o adversário, intenção que o juiz facilmente distingue, é um elemento técnico indispensável ao desenvolvimento e beleza do jogo. A aplicação do jogo de corpo, sem brutalidade e sem perigo para a integridade física dos jogadores será, assim, permitida, para impedir que o adversário alcance ou detenha a bola, e para garantir, a si próprio, a posse da mesma. O único jogador que não pode ser trancado sem a bola é o arqueiro e, assim mesmo, enquanto está dentro da sua área de meta(...)*”(AZEVEDO Fº, 1940:59;60). Permanece até hoje como regra 12 e mesmo título, *infrações e indisciplinas: “O tranco é uma jogada legal, mas somente poderá se dado com os ombros, nunca com o peito ou qualquer outra parte do corpo e sempre quando o jogador o faz em disputa da bola que deverá estar a uma distância possível de ser jogada”(...)*(FRANCISCON, 1996:118).

³⁷ . *“Uma das péssimas heranças do amadorismo, entre nós, foi a abolição do tranco, do emprego da espádua na luta corpo a corpo. Agora que temos profissionalismo devidamente legalizado, urge acabar com essa deformação da lei. O jogo só tem a lucrar com a pureza do código”*(VALENTIM,1941:80). Se o autor, entre outros, ainda não vislumbrava que tais “deformações” poderiam estimular, à revelia do código, outras técnicas de se jogar, parece que acerta quando afirma que o observação correta da regra sobre o tranco desestimularia outros expedientes mais violentos nas disputas pela bola, o que ele denominava de *“processos condenáveis na luta corpo a corpo”* (p85), tão comuns nos jogos amadores. Vale ressaltar que a esquivia em relação ao tranco não fazia do futebol brasileiro um esporte menos violento.

³⁸ . Leônidas da Silva teve longa vida no futebol, como jogador e comentarista esportivo. Iniciou sua carreira em 1926 nos juvenis do São Cristóvão, passando por alguns clubes pequenos, ingressando, finalmente, no Bonsucesso em 1931. Passou pela seleção brasileira em duas copas (1934 e 1938) e consagrou-se no Rio de Janeiro no Flamengo e, em São Paulo no São Paulo Futebol Clube, onde encerrou

Reconhecido como um jogador estilista e detentor de grande habilidade, Leônidas seria aclamado ao final do torneio como o destaque individual, artilheiro da competição. Individualidade que era, até então, a maior característica, para alguns um mal a ser reparado, dos jogadores brasileiros.

É o que se pode constatar nos jornais esportivos durante um período compreendido entre 1938 até às vésperas do mundial de 1950: *“Hoje em dia, modernizou-se o futebol, ou melhor, não há lugar para certos princípios muito bonitos para o público, porém de resultado nulo para o desfecho da partida (...) sabemos que o grande mal das seleções patricias sempre residiu no crônico e infalível defeito de abuso no jogo pessoal”* (Mundo Esportivo, 08/04/1949).

“Mal” que assolava o futebol também no âmbito dos clubes, da perspectiva dos cronistas especializados: *“A vitória do Arsenal [time inglês] contra o Corinthians teve seu lado bom para nós brasileiros. Veio mostrar que se individualmente somos insuperáveis, faltamos aquilo que se chama orientação técnica, essa coisa que faz com que um quadro, dominado por uma força superior durante toda uma partida, encontre os meios para não se deixar derrotar”* (Mundo Esportivo, 29/05/1949).

Todavia, no que concernia ao jogo coletivo, que estimula a disputa pela bola, a ocorrência dos longos lançamentos e o uso ampliado do tranco, Pimenta, o então técnico da seleção brasileira em 1938, antecedendo a estréia do Brasil na referida copa, assim demonstrava sua preocupação e projetava o futuro:

“(...) O nosso maior problema será todavia a questão das ‘charges’ (...) Tenho, não obstante, confiança nos rapazes brasileiros, certo de que eles com a sua agilidade inata e o seu controle sobre a pelota, saberão livrar-se da maioria dos trancos, mas de qualquer maneira será difícil acostumar-se a essa tática, já que eles estão habituados a usar somente os pés para jogar futebol (...) Quando eu voltar ao Brasil, vou tratar energicamente desse assunto, porque se o Brasil futuramente aceitar jogos internacionais para o Campeonato Mundial, os seus jogadores necessitam [sic] estar plenamente familiarizados com as regras do futebol mundial (...)” (A Gazeta Esportiva, 01/06/1938).

Neste, como nos outros casos mais pontuais já citados, triunfou a universalização das regras e hoje pode-se notar, especificamente em relação a “charge”, um uso mais ampliado do corpo e do preparo físico nas disputas de bola em jogos visivelmente mais organizados coletivamente, fruto da valorização crescente dos esquemas táticos e dos esforços em unificar a prática do futebol ao nível mundial.

sua carreira de jogador, em 1949. Foi comentarista na rádio Panamericana até os anos setenta. É creditado a ele a autoria da jogada “bicicleta”, um chute no ar de cabeça para baixo.

E o rigor excessivo na aplicação da regra que prescrevia sobre o tranco, que perdurou como polêmica técnica por muito tempo no futebol brasileiro, embora não conste mais da agenda daqueles que atualmente discutem os aspectos das regras³⁹, uma vez que sua aplicação dentro de campo foi internalizada, deixou marcas indelévels e favoreceu um futebol que, se desde muito cedo insinuou-se num estilo mais esquivo no condução da bola, no geral menos contendor e combativo que o futebol europeu e sul-americano, encontrou no terreno dos fundamentos das regras um estímulo às experimentações e manejos culturais originais.

É bom destacar que esses “manejos” decorreram do “encontro” de estratégias simbólicas reveladas em etiquetas esportivas distintas, dada a heterogeneidade na composição étnica e social dos praticantes do futebol nas cidades brasileiras.

Mas, mesmo que distintas, mostraram-se complementares na formação de uma sensibilidade mais geral em relação a própria concepção de futebol aqui praticado, que viria a ser identificado como “brasileiro”, tendo na propalada “incompreensão” e resistência em relação ao uso legal do tranco um elemento catalisador desse processo, mais até do que as mudanças na lei do impedimento, que colaboraram para o amadurecimento das *formas* mais coletivizadas de jogo.

Durante a vigência do regime amador havia a predominância de um certo *ethos* civilizador que se intencionava emprestar ao jogo, tributário das representações arraigadas que o definiam, antes de tudo, como elemento educador para determinados segmentos das elites que o cultivavam. Fator que, obviamente, não desapareceu repentinamente com o caráter mais universalista apregoado pelos arautos do profissionalismo⁴⁰.

Ethos que, se contribuiu para forjar uma maior resistência ao uso e compreensão do tranco como recurso lícito entre os jogadores dessas elites, também operou num outro sentido, ou seja, como elemento de distinção social ante as outras vocações que se manifestavam para a prática do futebol vindas do interior das camadas mais populares.

Pois, esta apregoada etiqueta esportiva resistente ao uso do tranco também consistiu num dos pretextos para a manifestação de uma gama de categorias de

³⁹ . Por exemplo, observar em Duarte (1997).

⁴⁰ . Era comum no regime amador demonstrar em terminadas situações da partida condutas consideradas cavalheirescas. Exemplos eram as cobranças de tiro livre da marca do pênalti. Conta Leopoldo Sant’anna que não era raro jogadores de um time que já estivesse ganhando por uma contagem razoável de algum adversário começarem a errar deliberadamente as cobranças de pênaltis, quando ocorriam, no intuito de demonstrar educação e civilidade. O autor, num de seus manuais, repreende enfaticamente tais atitudes

acusação, comportamentos intimidatórios e de esquiva social utilizados todas as vezes que se defrontavam jogadores de estratos sociais diferenciados, situações muito recorrentes nos primeiros anos de regime profissional.

É o que se pode notar no depoimento de Domingos da Guia⁴¹, jogador da seleção brasileira em 1938, cuja estratégia da técnica individual da esquiva corporal, que lhe conferia um *estilo* e uma percepção diferenciada do jogo, transfigurava o próprio campo para adquirir os contornos de uma esquiva social e simbólica coletiva:

“Ainda garoto eu tinha medo de jogar futebol, porque vi muitas vezes, jogador negro, lá em Bangu, apanhar em campo, só porque fazia uma falta, nem isso as vezes...meu irmão mais velho me dizia: malandro é o gato que sempre cai de pé...tu não é bom de baile? Eu era bom de baile mesmo e isso me ajudou em campo...gingava muito...sabe que eu me lembrava deles...o tal do drible curto eu inventei imitando o miudinho, aquele tipo de samba...”(Domingos Da Guia *apud* MURAD, 1999:16).

Se, por um lado, um certo desestímulo ao uso do tranco provinha dessas concepções ditas “cavalheirescas”, auto assumidas pelas segmentos esportistas das elites, por outro lado, tal desestímulo encontrou também em muitas manifestações populares, em concomitância a auto defesa da esquiva social, uma via de aproximação do futebol às certas práticas sociais expressas nos variados “manejos” corporais e culturais disseminados pelas populações urbanas, nos ritmos, danças, lutas, que privilegiavam a ginga, o requebrar e outros movimentos como elementos estéticos e performáticos definidores de outros modos de vida, nitidamente mais populares.

“Eu jogava bem, tinha ginga, tinha manha, a mesma do samba...mestre-sala dribla e jogador samba...quando é craque né? Eu era...joguei no Cerâmica...na época era muito difícil...eu sou crioulo, né? Mas joguei e apanhei muito. Era só vacilar. Num jogo do Cerâmica com o Hadock Lobo, só porque eu fiz uma falta normal, apanhei até da polícia...” (mestre Delegado da escola de samba Estação Primeira de Mangueira *apud* MURAD, 1999:16).

É notório que muitos dos autores dos manuais, propagadores da universalização e profissionalização do futebol, que apregoavam o uso do tranco inclusive como elemento estético constitutivo da prática esportiva (AZEVEDO, 1940), também vissem

porque revelavam-se pouco condizentes com um regime profissional que se queria instituir (SANT’ANNA, 1930).

⁴¹ . Domingos Da Guia nasceu em 1912. Sua carreira, iniciada no Bangú em 1928 e encerrada no mesmo clube em 1947, marca o período de transição entre o amadorismo e o primeiro profissionalismo. Considerado um dos primeiros a atuar de zagueiro com habilidade, executando toques curtos e saindo com a bola sem chutá-la à esmo para a frente, ficou conhecido por inventar a “domingada”, dribles curtos dentro de sua própria área. Atuou nos anos trinta pela seleção brasileira e pelo clube do Nacional de Montevidéu.

com ressalvas a participação ou os usos mais “espontâneos” que se emprestavam ao futebol entre aqueles que o praticavam sem os constrangimentos das regras e rotinas técnicas de adestramento físico e moral:

“(…)se continuarmos a contar, para a renovação das fileiras futebolísticas, só com os baldios suburbanos, nenhum direito temos de exigir dos jogadores determinadas qualidades de raciocínio e de educação, a menos que seja possível fundar uma escola junto de cada capinzal onde a meninada sem rei nem roque pateia a pelota da manhã à noite (...)”(VALENTIM, 1941:131).

Não somente as mudanças nas regras, que ocorrem numa velocidade menor do que gostariam muitos daqueles que investiram e investem no futebol⁴², mas sobretudo estes “manejos” culturais operados na base das regras favoreceram o desenvolvimento e o próprio surgimento de estilos fundamentais para alicerçar e consolidar o futebol como índice identitário.

Em outros países, como por exemplo na Escócia, tida como um centro avançado no desenvolvimento da prática do futebol durante as três primeiras décadas do século XX, pois foi lá que, primeiramente, utilizou-se o fundamento técnico do passe como recurso continuado na movimentação da bola entre os jogadores (VALENTIM, 1941; SANTOS, 1979), algumas mudanças nas regras acarretaram uma maior inibição na prática do esporte, não propriamente em termos de popularização interna mas projeção contrastiva e possibilidade de conquistar vitórias expressivas e reconhecimento mundial.

Embora tenham sido os escoceses os primeiros a também estimularem as alterações na lei do impedimento, revolucionando as *formas* do jogar, seu futebol como paradigma não amealhou conquistas significativas com os benefícios de tais mudanças.

⁴² . As modalidades esportivas estão mais ou menos sujeitas às variadas injunções locais (políticas, econômicas e sociais) que viabilizam suas práticas. Nos EUA, por exemplo, o futebol, embora não seja uma modalidade praticada pela maioria vem conquistando uma preferência de um público estudantil e infantil devido a uma “desconsideração” ou adequação das regras que prescrevem que as substituições não devem ultrapassar o número de 5 em partidas não oficiais. Ali, todos os jogadores necessariamente devem ser substituídos e, em conseqüência, os pais tem preferido inscrever seus filhos nos times de futebol pois aumentam as chances destes jogarem nos campeonatos escolares. Este é um pequeno exemplo de aclimação das regras que estimulam a prática da modalidade à revelia das regras universais. Da parte do futebol profissional, muitos fatores têm pressionado por mudanças mais substantivas nas regras, tais como a ingerência cada vez mais decisiva da mídia eletrônica, que também aspira às modificações na tentativa de agilizar e adequar os jogos de futebol às programações e interesses mercadológicos. Pois o futebol apresenta-se menos interativo e convergente com os propósitos dos patrocinadores se comparado a outros esportes coletivos. Por exemplo, no basquete americano existe o tempo (intervalo) da televisão, o vôlei tem diminuído cada vez mais o tempo de jogo para poder ser veiculado na íntegra. Muito se tem discutido sobre as possibilidades do uso de câmeras no auxílio da aplicação das regras no futebol, proposta sistematicamente rechaçada pela FIFA e I.B. Outros esportes adequam suas regras no sentido de afinarem-se aos imperativos da mídia ou aos gostos de um público em formação. O futebol, ao contrário, é considerado um dos esportes mais refratários às mudanças.

Ao contrário, se o futebol desenvolveu-se em escolas que viriam a dominar o cenário esportivo, as escolas uruguaia e argentina, na América do sul e, posteriormente a brasileira, a italiana, a alemã e russa, entre outras na Europa, o futebol escocês permaneceu mais fiel a uma certa homogeneidade no que se refere às técnicas e usos dos fundamentos.

Para concluir, ao menos no que concerne a este panorama em relação ao movimento das regras, é preciso evidenciar que, como um dos fundamentos do jogo, e não somente no futebol, elas modulam a temporalidade das performances, alteram as percepções que se têm do perímetro de jogo, ele próprio uma regra, determinam as rotinas dos melhores treinamentos e posicionamentos táticos, maximizando e estimulando solicitações físicas e técnicas específicas e, sobretudo, permitidas e aceitas quando colocadas em prática nas tarefas esportivas.

Mas também estão na base das diferentes sensibilidades e manuseios simbólicos, que puderam e podem alterar seus significados expressos, a ponto de estimular o aparecimento de *formas* mais individualizadas ou coletivizadas de apreender os sentidos técnicos e estéticos do jogo. Fatores que podem alterar toda a sensibilidade na fruição de uma modalidade esportiva, dentro e fora de campo.

Passemos aos outros fundamentos, as *formas* de jogar, que concatenam regras com performances na fruição no e pelo futebol.

1.3 as formas do jogar

Embora a incerteza possa ser verificada, no que se refere aos resultados, de modo amplo nas práticas esportivas, apresenta-se de maneira bastante diversificada no conjunto das modalidades observadas. Tal fato pode ser constatado em boa parte das estatísticas e reflexões sistematizadas sobre o assunto, que atribuem um peso não desprezível às variáveis imponderáveis, características que se revelam em menores proporções em outras atividades esportivas.

Geralmente é mais fácil prever a vitória ou o equilíbrio entre contendores no basquete, ou mesmo o desempenho satisfatório ou não de um atleta numa determinada modalidade individual, que antever resultados no futebol, a despeito de, cada vez mais, um maior número de recursos tecnológicos interferirem na condução e preparação dos

atletas nos treinos para as partidas, no empenho em tornar o futebol algo mais objetivo, previsível e mensurável⁴³.

É nessa direção que trabalha o professor Walter Dufour, diretor do Instituto de Educação Física e de Cinesioterapia da Universidade de Bruxelas, especialista em esportes coletivos e na formação de técnicos de futebol, que se utiliza em larga medida de estatísticas para mostrar o desenvolvimento deste esporte e as possibilidades de reduzir os fatores imponderáveis das partidas (DUFOUR *apud* CAVALCANTE)⁴⁴.

Algumas dessas estatísticas apontam que somente 1% dos ataques no futebol tem a probabilidade de terminarem em gols, em contrapartida aos 80% dos ataques que redundam em cestas (e pontos) nas disputas de basquete⁴⁵. Também em um outro esporte coletivo como o handebol, modalidade mais aparentada ao futebol, a correlação entre as ações de jogo e o seu resultado em pontos também atingem, de modo similar ao basquete, 80% nas equipes de alto rendimento.

No atletismo, de modo geral, alcançam-se as marcas, índices e recordes de maneiras precisas, pois as competições estão ancoradas num conjunto de técnicas mais estáveis que pautam os padrões das corridas, dos arremessos, dos exercícios físicos, enfim, do conjunto de performances que caracterizam estas modalidades. Aqui, técnicas, regras e performances somam-se no resultado final. Se um determinado corredor não apresentar uma performance técnica satisfatória não conseguirá os

⁴³ . Um fenômeno oposto ocorreu com o voleibol após a introdução gradual do *tiebreak*, recurso originalmente utilizado no tênis. Se duas equipes estivessem empatadas em dois *sets* seria disputado o quinto e derradeiro *set* dessa forma, ou seja, abolindo o recurso da vantagem, sendo que cada ponto é computado a partir do erro de um ou de outro, sem a necessidade de tomar a posse da bola para, com o ataque a partir de um saque, tentar conquistar, aí sim, o tento. Esta alteração diminuiu o tempo de jogo do quinto e decisivo *set*, bem como o desgaste físico dos jogadores, aumentando, todavia, o coeficiente de imponderabilidade, pois nem sempre vence a equipe melhor preparada, tecnicamente. No *tiebreak* a improvisação e o imprevisto consistem nos fatores preponderantes, pois as jogadas teoricamente são menos elaboradas, conseguindo-se os pontos não somente atacando como também defendendo, daí a maior rapidez na conquista dos tentos e a menor qualidade técnica da disputa. Artifício muito criticado por técnicos e jogadores desta modalidade, tais como a jogadora da seleção feminina Fernanda Venturini, que afirmou que o fator sorte na disputa por *tiebreak* prejudica este esporte (Programa Supervolley, *Sportv*, 1/07/98). A partir do ano de 1999 todo o jogo começou a ser disputado neste sistema, reduzindo ainda mais o tempo das partidas.

⁴⁴ . “Futebol. Agora a esperança vem das estatísticas e do computador”. *Jornal da USP*, 30/08 a 05/09/1993.

⁴⁵ . Análises estatísticas são fundamentais para manter a emoção nas partidas de basquete, como atesta uma matéria intitulada *Falta de estatísticas empobrece Campeonato Paulista*, criticando a carência de números no estadual de basquete, em São Paulo: “(...) *O torneio não tem estatísticas, algo que é considerado fundamental no basquete e, na verdade, move a NBA, a liga profissional dos Estados Unidos, recheada de números e histórias, sempre à disposição da mídia(...)*” (OESP, 09/11/95). Apesar da importância das estatísticas no futebol, o que enriquece a percepção deste esporte, do ponto de vista torcedor, são as lembranças de jogadas espetaculares, menos repetitivas e recorrentes que aquelas observadas no basquete. A abundância de cestas nos jogos, em contrapartida à escassez dos gols, requer

objetivos intencionados, ao passo que no futebol performance e resultado não estão necessariamente condicionados.

Na perspectiva daqueles que militam no futebol como *profissionais*, engajados que estão na busca pelos resultados e, por assim dizer, identificados com a dimensão mais competitiva, gerencial e lucrativa do esporte, tais imponderáveis apresentam-se como problemas e obstáculos a serem superados na tentativa de “(...)definir as leis de um futebol lógico, porém preservando certos fatores de acaso, que cedem lugar à arte, à criatividade - ao prazer, enfim (...)” (DUFOUR *apud* CAVALCANTE:1993;11).

Regularidades que muitos técnicos almejam estabelecer nas rotinas de seus trabalhos e treinamentos, tal como, por exemplo, o da seleção norueguesa Egil Olsen, que especulou, ao polemizar com a imprensa e a comissão técnica da seleção brasileira às vésperas do mundial na França em 1998, sobre as reais possibilidades de seu time. Afirmando só acreditar em futebol científico e planejado⁴⁶, censurava e colocava em dúvida àquela época a unanimidade que se formava na comunidade esportiva internacional, mais uma vez, em torno da propalada criatividade ou “estilo brasileiro” de jogar.

Também entre segmentos expressivos da chamada crônica esportiva, os *especialistas*, aqueles que, como veremos no próximo capítulo perpetuam, ampliam e ressignificam o fenômeno futebol fora dos gramados, constatam-se empenhos semelhantes no sentido de decodificarem as partidas, reivindicando para esta modalidade uma certa dimensão mensurável e, portanto, passível também de uma tradução numa narrativa pautada pelos critérios de objetividade e lógica.

Torcedores informados e, muitas vezes, contrapondo-se aos *profissionais* e *especialistas*, reivindicam os benefícios e resultados dessas regularidades, mais especificamente na forma das vitórias, só que “enxergando” as partidas de maneiras específicas, dada a posição e a qualidade no comprometimento com outros sentidos do jogo.

Sentidos traduzidos em experiências que são aprendidas, transmitidas e transformadas em consonância a outros aspectos menos constrangidos pelos ditames dos fundamentos das regras e das técnicas, valendo-se, inclusive, dos imponderáveis não como obstáculos na fruição esportiva mas como estratégias de ampliar a sociabilidade

uma constante mensuração na manutenção da expectativa torcedora no basquete. Belos gols são mais raros de acontecer que cestas espetaculares.

⁴⁶. Citado por Tostão em sua coluna *Toque de Classe* (OESP, 14/12/97).

em torno de seu desfrute e o disseminar de sua prática, como será visto mais adiante no Capítulo 3.

Mas, mesmo que por tudo isso, é possível observar certos desenvolvimentos estruturados, de continuidade e simetria, numa partida de futebol. Fatores fundamentais que contribuíram para fixá-lo no espectro esportivo como uma atividade física regulada, especializada, altamente institucionalizada e, como de resto toda competição esportiva, suportada por duas dimensões necessariamente imbricadas e que dizem respeito a manutenção e ao reconhecimento da emoção e prazer em uma partida: as *regras*, como vimos, por um lado, e as *padronizações* das performances entre os competidores, por outro.

É a partir, e sobre estas duas dimensões, que incidem mais diretamente todos os processos materiais e simbólicos que serão descritos e analisados nos próximos tópicos desse primeiro capítulo: preparação dos atletas, formas de treinamentos e capacitação dos próprios treinadores, o uso alargado da tecnologia que tensiona a relação entre *técnica* e *estilo*, a otimização gerencial na formação de jogadores, enfim, processos que transformam e adestram as sensibilidades e os sentidos da competição por todo o enquadramento simbólico do campo esportivo, do jogar ao torcer.

Os *itinerários* a serem cumpridos pelos jogadores, individualmente e em sincronia com os demais, inclusive em função dos adversários em campo, são comumente denominados pelas expressões *esquemas táticos*, *sistemas ou planos de jogo* que, quando executados ao longo de várias partidas, definem ainda as *formas* ou *padrões* de jogo específicos e desejáveis.

De modo similar às regras analisadas parágrafos acima, não pretendo discorrer sobre os pormenores de cada *forma* de jogo mas, antes, buscar algumas relações estabelecidas entre elas, estas com as regras e ambas, que totalizam os fundamentos do esporte, com os níveis sustentados por técnicas corporais, movimentos individuais codificados, deslocamentos coletivos padronizados, que suportam uma dada lógica sensível de grande alcance simbólico.

As *formas* ou *padrões* de jogo são combinações numéricas que dizem respeito aos posicionamentos e incumbências dos jogadores em campo, obedecendo obviamente a regra 3, que prescreve sobre o número de jogadores que atuam em cada time de uma vez, no máximo 11. Excetuando o goleiro, as regras não determinam sobre os posicionamentos dos demais jogadores, embora tomando o conjunto dos manuais

técnicos aqui analisados observe-se uma paulatina autonomização das *formas* de jogar ante suas prescrições.

Para melhor distribuir os 11 jogadores o campo foi subdividido em três regiões: defesa, meio campo e ataque, excetuando a região já ocupada pelo goleiro. Assim, por exemplo, a expressão 2-3-5 significa a disposição numérica, em teoria, de dois jogadores na defesa, três no meio de campo e cinco atacantes.

Esta mesma notação aparece em alguns manuais como 5-3-2-1, obedecendo uma ordem inversa, do ataque até o goleiro, incluído na expressão numérica. Outros autores, ainda, fracionam o campo em uma quarta zona intermediária entre meio campo e ataque, assim, um 4-3-3 pode ser lido como 4-3-1-2, por exemplo, desmembrando os 3 jogadores do ataque em dois subgrupos, sendo que o “1” torna-se um meio campista somente preocupado em alimentar o ataque.

Nos manuais vigentes no regime amador é comum notar que em consonância às explicações sobre as regras prescreviam-se também os posicionamentos desejáveis dos jogadores em campo. Comparando, por exemplo, os já citados *Regras officiaes de todos os sports* (1916) com *Futebol: Regras e legislação* (FRANCISCON, 1996; 1998), o que abarcaria um tempo considerável da existência desses manuais, os gráficos e desenhos que ilustram a regra 1, a que legisla sobre o campo de jogo, são significativamente diferentes, uma vez que, no primeiro, existem as marcações ideais que posicionam os 11 jogadores, numa formação, a única na época, em 2-3-5. Já no segundo, aparecem apenas as especificações em relação às metragens e aos nomes das regiões do campo (área de pênalti, linha de meio de campo, etc), sem qualquer alusão às posições dos jogadores⁴⁷.

Portanto, *formas e padrões* de jogo não constam das regras. Tais disposições dos jogadores em campo foram estrangidas e fixadas de acordo com certas prescrições e alterações presentes no código, certamente, mas também pelas inúmeras intervenções que dizem respeito aos preparos e treinamentos de jogadores, bem como valorização simbólica de certas qualidades físicas e atitudes morais que maximizam ou minimizam condutas e preferências em campo e que não dizem respeito somente às questões quantificáveis e técnicas.

Desse modo, as regras não determinam ou instruem totalmente as maneiras de jogar, o que revela nas *formas* de jogo uma espécie de “segunda natureza” do esporte,

⁴⁷ . Mesmo nesse manual que só dispõem sobre as marcações técnicas há, atrás de um dos gols uma denominada “linha de fotógrafos”, que destoa das outras especificações exclusivamente geométricas e numéricas.

ambas acopladas ainda a uma “terceira natureza”, identificada nas representações que consolidam as anunciadas “escolas”, “jeitos” ou “estilos”, categorias nativas em relação que determinam os modos de conceber e vivenciar o futebol praticado em várias partes do mundo, ou mesmo dentro de um mesmo país, como parece ser o caso brasileiro ao anunciar várias escolas, muitas vezes difíceis de serem tecnicamente distinguidas, mas que revelam disputas pela hegemonia do “jogar à brasileira”: a “escola paulista”, “carioca”, “gaúcha” e etc.

Vimos que as representações pouco consensuais sobre os usos do tranco, como índice de etiqueta esportiva, esquivas sociais de distinção de camadas sociais ou, posteriormente, fundamento do futebol praticado profissionalmente, revelam as contigüidades simbólicas existentes entre estas três naturezas do jogo.

Se as regras são universais, esforço de todo um empreendimento em tornar o futebol um esporte mundial, as *formas* ou padrões consistem nos ajustamentos ou numa linguagem que dialoga com os sotaques mais locais do jogo, amplificados e perpetuados no domínio do senso comum pelas auto representações que definem as categorias nativas da “terceira natureza”.

Esta é uma das chaves para se explicar a maior ocorrência da imponderabilidade no futebol em relação às outras modalidades coletivas em que as performances dos jogadores estão mais determinadas às dimensões das rotinas técnicas e às regras, tal como parece ser o caso do futebol americano ou mesmo do basquete.

Aí, existem maiores “coincidências” internas entre performances, técnicas e regras, e, conseqüentemente, resultados esperados, que se ajustam aos domínios esportivos particulares onde são praticados mas inibem a função comunicativa entre estilos ou escolas diferenciadas à medida em que não dialogam ou dialogam em menor intensidade com outras *formas* do jogar.

Entre o futebol brasileiro e o italiano, escolas consideradas distintas, existe um certo “ar familiar” que possibilita um equilíbrio, apesar da diferença dos estilos e eventualmente das *formas* de jogar, mas que é uma diferença sobretudo de segunda ou terceira naturezas, marcadamente simbólicas e não explicitadas ou inscritas nas regras. Já entre o futebol americano e o seu similar praticado na Austrália, por exemplo, estas distinções dizem mais respeito às prescrições das regras, o que maximiza a diferenciação entre uma e outra escola.

Já indicamos acima que existem diferenças cruciais entre a dinâmica do basquete americano e o brasileiro a tal ponto de pouco dialogarem e não haver a possibilidade da

competição entre eles: são performances e maneiras de jogar diferentes estimuladas por regras, no geral, igualmente diversas⁴⁸.

Mas associar ou “colar” o conjunto das regras às condutas e posicionamentos dos jogadores em campo foi importante num certo período, variável de país para país mas que pode ser observado de modo geral ao longo da primeira metade do século XX, de afirmação e consolidação da prática esportiva, uma vez que, universalizava, estabilizava e conferia à prática uma certa simetria diversa da correria de todos pela posse da bola.

Seria necessário observar certas rotinas coletivas, para além dos constrangimentos impostos pelas regras, que conferissem às disputas uma dada beleza e continuidade. Uma vez internalizadas e fixadas as regras, a “primeira natureza”, as *formas* puderam variar mais livremente.

Guardar e observar cada posição dentro do campo para o recebimento e passe da bola, por exemplo, trouxeram ao jogo uma cadência e plasticidade necessárias para fixá-lo como atividade competitiva agradável de ser praticada mas também assistida, o que se revelou fundamental para a expansão do futebol profissional.

Retomando um manual do início do século XX, veiculado na cidade de São Paulo, é possível perceber este nível de cuidado em relação à organização coletiva do jogo e à preocupação em transformá-lo em algo agradável de se ver, consequência da necessidade de instruir jogadores e demais partícipes para que jogassem ou vissem segundo uma *forma* ou disposição dos jogadores mais regular.

Em *As qualidades físicas e moraes dos jogadores de football* lê-se certos preceitos para o andamento do jogo:

“A proporção que a bola vai avançando para o campo inimigo, os forwards [atacantes] devem acompanhá-la mas não em massa, amontoados, uns sobre os outros, e sim em linha, de forma que entre eles haja uma certa distância afim de que o passe possa ser efetuado e produza resultado (...)em resumo, o jogo dos forwards consiste no seguinte: o center deve passar a bola para os extremos, salvo quando se achar nas proximidades do gol inimigo, caso em que deve chutar. Os jogadores dos extremos devem, dois a dois, fazer um jogo combinado, passando a bola para o centro sem demora, desde que a linha se tiver aproximado suficientemente do gol(...)”(TUNNER & FRAYSSE, 1906:57).

É consenso nos manuais atribuir aos times escoceses, além da introdução dos passes na progressão coletiva de uma partida, o fato de serem os primeiros a

⁴⁸ . Volto a insistir que existe um processo de “NBAlização” em curso no basquete mundial, todavia ainda

equilibrarem o número de jogadores entre as três regiões do campo, conferindo ao jogo maior beleza. As sucessivas alterações na leis do impedimento coletivizariam ainda mais o futebol que até 1925 possuía uma dinâmica lenta e jogado com muito esforço individual para se chegar ao gol adversário. Era necessário passar pelos defensores, uma vez que deslocamentos da bola mais longos por intermédio de lançamentos não raramente flagravam os atacantes em impedimento.

À medida em que diminuíram progressivamente o número de jogadores de defesa que “impediam” os ataques, hoje reduzidos a dois, o jogo adquiriu uma maior dinâmica e outras experimentações puderam ser realizadas no que concerne a disposição dos jogadores em campo, contemplando, ao mesmo tempo, *formas* diferenciadas de jogar sem perder de vista os constrangimentos mais universais impostos pelas regras.

Se tomássemos estas disposições dos jogadores simplesmente como arranjos matemáticos possíveis poderíamos dispô-los, num cálculo combinatório, de 69 maneiras diferentes, desde que obedecendo aos critérios das três regiões do campo (defesa, meio campo e ataque) e ao número exato de 11 jogadores aí distribuídos, pensando nas notações mais comuns que dispõem os atletas nas expressões X-Y-Z.

No entanto, na história dos fundamentos técnicos do futebol observam-se, dentro desse repertório finito mas consideravelmente extenso de possibilidades um número muito mais reduzido de possibilidades que se consolidaram como formas desejáveis e, digamos, culturalmente aceitas para se praticar o futebol.

O fato é que não se jogou ou se joga de maneira aleatória a partir de quaisquer desses arranjos numéricos, num 0-9-1 ou 2-0-8, por exemplo. Isso pode parecer óbvio do ponto de vista do desenvolvimento do equilíbrio e da viabilidade da técnica coletiva de movimentação dos jogadores, porém, de um ponto de vista simbólico, as evidentes restrições a essas aberrações táticas e conseqüentes escolhas de outras mais canônicas carregam ainda algumas significações muito interessantes no sentido de compreender estes arranjos ou expressões numéricas não somente como *formas* desenvolvidas pelas técnicas e regras mas também como linguagens aceitas ou não coletivamente, representações partilhadas dentro de uma dada configuração cultural, para além de um determinante consenso técnico.

Portanto, tem-se as seguintes expressões que abarcam praticamente toda a história da técnica coletiva no futebol: o 2-3-5, formação clássica utilizada nas copas de 1930; 1934 e 1938; o 3-2-5, conhecido por “WM”, utilizado até meados da década de

parece cedo refletir sobre tais alterações.

50; o 4-2-4, que triunfou na Copa de 1958, fixando no cenário internacional a primeira *forma* coletiva vitoriosa de um “jogar à brasileira”; o 4-6-0, o sistema total ou “carrossel holandês”, muito festejado na Copa de 1974, com a Holanda se tornando vice-campeã, o próprio Brasil implantaria na Copa de 1982 um sistema similar; o sistema europeu com líbero, 3-5-2, que utiliza os laterais como alas e um jogador, o líbero atrás dos defensores para dar cobertura, fortalecendo o meio campo e o ataque com investidas que se iniciam desde a defesa, muito utilizado nas Copas de 1990, 1994 e 1998.

A partir dessas *formas* consolidadas outras apareceram como derivações e ou aclimações em *escolas* específicas de futebol: a diagonal brasileira, uma torção do WM, primeiro esquema tático considerado “brasileiro” e utilizado até 1950; o *catenacio* ou “ferrolho”, configuração defensiva disposta em 4-4-2 ou, sobretudo, 1-3-3-3, utilizada desde os anos 1950 ; o 4-3-3, uma derivação do 4-2-4, consagrado como sistema autônomo por equipes como a brasileira nas Copas de 1958 e 1962. Ainda o 5-3-2, uma variação do sistema com líbero e alas do 3-5-2⁴⁹.

Cada uma dessas *formas* produziu uma história particular de posicionamentos, marcações, técnicas coletivas de deslocamentos, formação de jogadores mais robustos para a defesa e outros mais ágeis para o ataque, de estilos individuais para lançar, chutar, marcar, enfim, ajustes e inovações cuja dinâmica é regida sempre por derivações dessas *formas* relacionadas entre si⁵⁰. O que supõe, necessariamente, uma inteligibilidade entre elas e, no limite, a viabilidade das competições entre escolas diferenciadas.

Não caberia reproduzir as particularidades e derivações de cada *forma*, extensamente aludidas nos manuais técnicos. Mas, ainda assim, de maneira muito breve, seria interessante ilustrar, com uma pequena parte dessa dinâmica, este conjunto de transformações.

⁴⁹ . Vide uma das ilustrações de número 4, para observar uma das *formas* do ferrolho; a ilustração 8 para visualizar o 3-5-2 e o sistema de alas; uma das ilustrações 10, para verificar o 4-3-3; .

⁵⁰ . É sabido que alguns termos utilizados no futebol originam-se de situações de combate, tais como finta, que consiste numa manobra militar. Mas tal correlação não é exclusiva do futebol, em geral os esportes coletivos guardam algumas características dos combates simulados. As táticas e os esquemas de jogo dizem respeito às estratégias assumidas pelos times dentro de campo e muitos até associam o valorização desses fundamentos ao período de intenso confronto mundial proporcionado pela II Guerra Mundial. No entanto, não se pode creditar a dinâmica das operações de guerra entre exércitos, exclusivamente, o surgimento ou estímulo no desenvolvimento dos esquemas táticos, embora todo o ambiente da guerra tenha utilizado em larga escala dos esportes como propaganda e reafirmação de identidades étnicas e políticas. Tais incrementos dizem respeito à dinâmica interna que preside a relação entre regras, formações táticas e os investimentos e escolhas simbólicas no enquadramento do campo esportivo do que somente a conjunturas específicas, ainda que exista sabidamente uma relação entre a arte militar e esquemas de jogo.

No sistema clássico 2-3-5 era o *center-half* o jogador mais destacado (vide a primeira das ilustrações de número 4), aquele que se prestava à organização entre o meio de campo e o ataque, geralmente posicionava-se aí o jogador mais habilidoso do time e de grande prestígio entre os torcedores e crônica especializada.

A dinâmica do ataque era voltada para o jogo dos extremas, os pontas que precisavam, muitas vezes num jogo de esforço individual, levar a bola até a linha de fundo para alçá-la para a área adversária. Com isso transpunha a lei do impedimento que vigorava até 1925, que estabelecia ser necessário a existência de três jogadores entre o(s) atacante(s) e o gol para que as jogadas não fossem invalidadas. Diminuído este número de jogadores para dois (o próprio goleiro mais um jogador de linha somente, e não mais dois) outras *formas* de jogar foram impostas.

Mas nos confrontos entre a formação clássica 2-3-5 com o WM ou o 3-2-5 (três defesas sendo que dois atacantes também compunham o 2 do meio campo), inventado para melhor cobrir os dois zagueiros que tinham dificuldades em elaborar o impedimento, nasceu um jogo mais cadenciado de meio de campo com quatro jogadores, dois mais recuados e dois a frente compondo um ataque em W⁵¹.

A posição do *center half* perdeu importância sobretudo simbólica à medida em que foi recuado para compor um trio na defesa (a parte posterior de um M), nascendo o terceiro zagueiro cuja missão era marcar o centro avante dos ataques em W. Um quarto zagueiro viria a tornar a defesa ainda mais robusta quando deslocavam-se jogadores do meio para compor um atacante mais efetivo com quatro jogadores e não três como no W. Isso obrigava fortalecer também o setor de meio campo, daí o 4-2-4. No Brasil, por exemplo, este 4-2-4 transformava-se em 4-3-3 quando Zagalo, ponta esquerda da seleção em 1958 e 1962, vinha compor o meio campo, formação utilizada ainda em 1970, com este jogador no comando técnico.

O jogo disputado cada vez mais no meio campo fortaleceu as posições dos chamados meias e volantes, os primeiros ofensivos e os segundos defensivos. O *center half*, depois de ser recuado, deixou de ser o organizador e preparador das jogadas ofensivas. O Brasil de 1958 tinha Didi no sistema 4-2-4 como aquele que organizava os lançamentos para o ataque.

⁵¹ . O disseminar dessas *formas* de jogo, tal como as próprias regras, são realizadas de modo adaptativo em tempos distintos, variando de país para país. Foi o inglês Herbert Chapman, em 1925, treinador do Arsenal, que recuou o *center half* para compor a defesa e, com ele, dois meias para estabelecer o meio de campo com quatro jogadores, desenhando o WM. Em Portugal este sistema seria fixado somente em 1937 (OLIVEIRA, 1949) e no Brasil em 1941, com o nome de diagonal.

Mas antes, ainda na Copa de 1950, observou-se um embate que todos os teóricos dos esquemas táticos aguardavam, o duelo entre o WM europeu e a diagonal brasileira, uma variação sutil do sistema europeu que, durante toda a década de 40 acreditava-se um sistema totalmente novo. A diagonal ajustava os jogadores, ou o quadrado formado no encontro das letras M e W, de modo a formar um losango que pendia ora para a esquerda, ora para a direita (vide ilustração 9). Esta inovação, que se atribui a Flávio Costa, o treinador em 1950, perderia sua importância com a derrota brasileira nesta mesma copa.

Outra variação do WM seria o “ferrolho”, um esquema em que se concentravam mais jogadores na defesa e que alterava o WM pois recuava para o próprio campo todo o quadrado do meio campo, sobretudo os dois jogadores que compunham o ataque de cinco jogadores dispostos em W, tornando-os com funções meramente defensivas. À frente ficavam os três atacantes, que precisavam recuar para combinar passes e organizar jogadas com este meio campo também recuado.

1.4 a linguagem dos esquemas táticos

Estas *formas* de jogo são importantíssimas tanto para a verificação dos desempenhos individuais quanto para confirmar o conjunto de jogadores associados na busca dos resultados. E igualmente atestam, animam e representam, para além do plano técnico, a *comunidade moral* dos torcedores em torno dos times ou seleções, além de balizar todo o discurso da mídia esportiva. A sistematização de tais *padrões* de jogo foi decisiva na popularização do futebol e, dadas as suas variabilidades, permutações e combinações, puderam contemplar e viabilizar as mais diversas maneiras e tentativas de praticá-lo pelo mundo.

As *formas* de jogo revelam, em primeiro lugar, as diversas concepções denominadas *escolas*, o que colaborou para multiplicar o ganho em emoção, tensão e adesão de um maior número de aficionados⁵², sobretudo pela maximização da natureza contendora entre tais escolas e, em segundo lugar, apontar para as opções, preferências,

⁵². É sempre importante enfatizar que, na perspectiva de Elias, o aumento do prazer esportivo é construído socialmente não só por parte daqueles que jogam como também pela participação daqueles que propagam o espetáculo, maximizando e catalisando a emoção suscitada pelo desenrolar do jogo. Qualquer jogo será mais emocionante na medida em que melhor adequar os seguintes aspectos: equanimidade entre os contendores, alavancando uma maior competitividade, tornando o desfecho incerto, não previsível, o que leva à emoção e ao êxtase, ampliando o leque dos atores envolvidos, tais como o aparecimento das crônicas esportivas, bem como a atuação crescente dos torcedores militantes.

mudanças e escolhas mobilizadas pelas coletividades ao definirem e optarem pelos melhores desenhos táticos, na ânsia de conseguir as melhores performances, estabelecendo dimensões identitárias no jogar.

As preferências observadas por diferentes *esquemas*, concepções e *formas* de jogo, verificadas entre times e selecionados podem apontar para uma insuspeita convergência entre tais escolhas e o modo como estas foram, e ainda são, legitimadas ou não pela *vontade geral* composta pelos *torcedores*, *especialistas* e *profissionais*, base de sustentação moral de qualquer time ou selecionado.

Embora, como já foi dito, exista a possibilidade de reunir os jogadores em muitas combinações numéricas possíveis, o resultado e os benefícios desses novos arranjos dependem da maior ou menor mobilização de todo um *socius* esportivo na legitimação ou não desses novos esquemas.

Alguns autores de manuais europeus jamais consideravam a diagonal brasileira, à época de sua maior vigência nos anos quarenta, e que teve seu ocaso na Copa do mundo em 1950, como um sistema autônomo e definidor de um *estilo* brasileiro, mas sim uma pequena variação do conhecido WM disseminado por toda a Europa:

“A lembrança desse sistema dos tempos da formação clássica fazia-nos crer que os brasileiros, possuidores de um futebol da mais alta categoria técnica, haviam adotado o clássico diagonal ao moderno WM e, daí, o nosso vivo interesse em conhecer o seu sistema (...) a nossa decepção foi total (...) a designação ‘diagonal’ fazia-nos antever dispositivo novo, ou totalmente desconhecido entre nós (...) tratava-se, nada mais, nada menos, de um dispositivo experimentado em Portugal em 1936(...)”(OLIVEIRA, 1949:80).

O confronto dessas *formas*, sobretudo nos jogos internacionais, atestam ou não a capacidade de toda uma comunidade esportiva em organizar seus próprios fundamentos técnicos transfigurados em *estilos* contrastivos.

E, em decorrência da derrota do Brasil em 1950, o que se sucedeu foi fundamental para que a diagonal não se revelasse e confirmasse sua “natureza” simbólica como representação de um “futebol à brasileira”, embora, tecnicamente, tenha trazido contribuições importantes como a marcação por zona dentro do campo e maior movimentação improvisada, que contrastava à marcação mais cerrada e individual, homem a homem, mais comumente realizada no WM.

Outro exemplo similar, acontecido mais recentemente, e que mobilizou *especialistas*, *profissionais* e *torcedores* no contexto interno brasileiro também diz respeito às descontinuidades entre *formas* e representações. Durante o quadriênio (1995-

1998) em que Zagallo esteve a frente da seleção brasileira tentou, sobretudo a partir das Olimpíadas realizadas em 1996, fixar uma *forma* que ele próprio postulava ser original na expressão 4-3-1-2. Onde o número “1”, segundo suas convicções, consistia numa função tática que dinamizava o sistema ao ser ocupada por um jogador mais versátil, que atacasse e fizesse a cobertura no meio de campo⁵³. Zagallo testou dezenas de jogadores na função, sem os sucessos por ele esperados, sob intenso descrédito de parte da imprensa especializada.

As críticas se avolumavam na imprensa: “*Não indico ninguém para essa posição (do ‘1’) porque ela não existe, foi uma invenção do Zagallo para aparecer*”(Carlos Alberto Torres, treinador e comentarista esportivo, OESP, 19/03/1998)

A celeuma se deu, sobretudo a partir dos *especialistas e profissionais*, que não compreendiam a originalidade da função atribuída ao número “1”. Esquema que sequer teve a possibilidade de se consolidar como uma *forma* de jogo, paulatinamente abandonada até às vésperas da Copa de 1998. O 4-3-1-2 de Zagallo jamais significou um estilo, não prestando-se à qualidade de uma representação.

A seleção brasileira acabaria atuando num clássico 4-4-2, variando, muitas vezes, para um 4-5-1, para críticas de muitos que viam no esquema uma vocação excessivamente defensivista, tal como já ocorrera na vitória, pouco convincente para a sensibilidade nacional, na Copa de 1994, sob o comando de Carlos Alberto Parreira.

Portanto, é no senso comum que se tensionam de maneira mais continuada a “terceira natureza” do jogo. Os desempenhos de seleções nacionais na busca por reconhecimentos, pensando, por exemplo, nos países sul americanos, deveriam expressar a *personalidade, fisionomia* ou o *jeito* de cada povo, evidenciados na *garra* argentina ou uruguaia ou na *malícia* brasileira.

Porém, é preciso advertir, somente o *jeito* ou o estilo, que se revelam num repertório bastante heteróclito de categorias nativas muito em voga, tais como as noções de ginga, malícia, raça, virilidade de um povo, não definem exclusivamente o futebol por ele praticado, como querem as análises excessivamente culturalistas, que muitas vezes divorciam as representações engendradas em torno do futebol da sua evolução técnica, individual e coletiva⁵⁴. Há uma contiguidade entre estas “três naturezas”, ou

⁵³ . Observar a última das ilustração de número 10.

⁵⁴ . É claro que a evolução técnica do futebol também está condicionada à ampliação do fenômeno esportivo no que concerne à sua dimensão econômica. Desse modo, não se pode compreender os usos da tecnologia como meios de incrementar a reprodução de jogadores nos clubes ou o incremento das transmissões esportivas, por exemplo, sem levar em conta os processos de ampliação numa escala mais racionalizada da esfera lúdica como negócio, *marketing*, entretenimento e espetáculo.

seja, entre as regras, as *formas* de jogar e estas categorias nativas, que consolidam representações socialmente aceitas.

Sabe-se que o Brasil, a despeito de todos os seus títulos mundiais, não detém o monopólio do saber técnico ou mesmo popular sobre o futebol. Seu sucesso também é fruto e função, em boa medida, de escolhas e experiências coletivas, em tensão e nem sempre conscientes, que colocam em discussão a qualidade individual dos jogadores, o repertório existente de *formas* ou *padrões* de jogo e aquilo que se concebe, em determinadas circunstâncias e conjunturas, como *ideal* para se por em prática e almejar as vitórias, fator que eleva e realimenta, ao final das contas, o grau de adesão e a permanência do esporte como popular.

Há, dessa maneira, uma negociação intensa, conjuntural, inacabada e pouco consensual entre tais representações e o repertório de *formas* ou *padrões* de jogo historicamente disponíveis e utilizáveis.

Esta negociação determina, inclusive, a visibilidade maior ou menor de craques e seleções excepcionais, ou as mudanças da qualidade, a característica *inata*, de um determinado escrete ou selecionado. É comum ler ou ouvir na mídia especializada que um determinado time jogou “à brasileira”, ou o inverso, que apesar da vitória, a seleção brasileira apresentou um futebol *duro* tal qual praticado por outras seleções⁵⁵.

Desse modo, uma leitura mais atenta deste futebol nos manuais, literatura extensa que se faz presente praticamente ao longo de toda a existência deste esporte no Brasil, como já salientamos, porém ausente da maioria das análises acadêmicas sobre o assunto, ilumina um aspecto bastante singular da emergência das representações, popularização e conversão do futebol numa espécie de símbolo compartilhado, não somente entre brasileiros, mas também presente em inúmeros outros países da América do Sul, África e Europa, Ásia.

⁵⁵ .Mas também por outros agentes não diretamente envolvidos com o campo esportivo. Tais escolhas, por uma *forma* de jogo ofensiva ou defensiva, por exemplo, também estão condicionadas por conjunturas, pressões políticas efetivas ou morais da comunidade (torcedores num sentido muito genérico) que se estabelecem em torno do time preferido. Na Copa do Mundo de 1994, apesar dos 20 anos sem título, o Brasil, numa conjuntura política mais democrática que na ocasião da conquista em 1970, pressões políticas interferiram pouco nos trabalhos da comissão técnica a tal ponto que a maneira de jogar do Brasil contrariou a tradição e a vontade geral que queria ver o time jogando bonito, como na maioria dos triunfos internacionais anteriores. Em 1970 até mesmo o presidente da república, gal Ernesto Garrastazu Médici, palpitava sobre suas preferências, insinuando e intimidando técnicos a mexer no time. Já em 1994, foi a vez em que uma leitura mais técnica dada pelas *formas* de jogo preponderou, mostrando que, para muitos, o Brasil estava afinado com uma perspectiva mundial defensivista, jogando assim um futebol apenas pragmático e tido por muitos como feio, destoando do jeito brasileiro de jogar.

Tudo indica que o futebol é amoldado ao país que o acolhe como modalidade esportiva, como sugere Elias:

“(...) *Jogos como o futebol são praticados por toda a parte da mesma maneira e a dinâmica configuracional de base é a mesma em todo o lado. Podem ser estudados como tal e, ao mesmo tempo, podem estudar-se as variações que surgem quanto ao modo de jogar de nacionalidades diferentes, de equipas diferentes, de indivíduos diferentes (...)*” (ELIAS & DUNNING, 1995 [1966]:296).

Nesse sentido, os agrupamentos de 11 jogadores distribuídos num campo de futebol, confinados às *formas* ou *padrões* de jogo, expressam aquilo que na perspectiva da sociologia de Norbert Elias apresenta-se como um modelo social complexo em escala reduzida:

“(...) *As configurações são formadas por indivíduos como se fossem ‘corpo e alma’. Se observarmos a movimentação dos jogadores no campo em permanente interdependência, podemos vê-los na realidade a formar constantemente uma configuração dinâmica. Nos casos de grupos ou sociedades mais alargadas, não se podem, de um modo geral, observar as configurações que os seus membros formam entre si - uma cidade, uma igreja, um partido político, um Estado - que não são menos reais do que a que é constituída por jogadores num campo de futebol, mesmo que não possam ser abrangidas de um só golpe de vista.*” (ELIAS & DUNNING, 1985[1966], 290).

No entanto, mais do que revelar ou apontar para configurações sociológicas complexas, estruturas-modelo empiricamente observáveis, estas *formas* ou *padrões* supõem ainda outros níveis de realidade ou “natureza”, como já mencionamos.

Solo comum de comunicabilidade entre estes atores num plano interno ao campo esportivo, formam uma linguagem codificada mundialmente aceita, o que permite, como dimensão comunicativa, interpretar e ler a cultura esportiva do(s) *outro(s)*. Num plano mais abstrato, percebe-se que tais *padrões* ou *formas* dialogam mesmo entre si, independentemente dos constrangimentos culturais a que estão submetidos, o que revela uma dimensão ainda mais universal do futebol tomado como linguagem.

O repertório finito desses *padrões* de jogo funciona, então, como uma espécie de linguagem franca em escala mundial por onde se navegam as filiações e escolhas de acordo com o universo de adesão valorizado pelas comunidades esportivas.

Jogar num 4-2-4 pode significar contextos empíricos variados e concomitantes, presentes na formação de determinados times e seleções, ou ainda uma *forma* genérica disponível e disponibilizada por qualquer um, tal como uma expressão canônica vazia de conteúdo, esportivo e cultural, digamos assim.

Ainda que determinadas *formas* tenham desaparecido, o que implica em retomá-las como evidências de uma história da técnica esportiva, o próprio contexto de uma partida, muitas vezes, pode resgatar ou recuperar estas antigas *formas* do jogar. Portanto, mesmo sujeitas ou constrangidas a uma leitura cronológica, elas nunca estão completamente confinadas a uma dimensão propriamente temporal.

Numa matéria que analisava as contribuições táticas na Copa do Mundo de 1994 podia se ler nos jornais:

“O esquema que saiu vitorioso em 94 foi o 4-4-2. Com tantas variações que chega a lembrar o 2-3-5 que vigorou em toda a primeira metade do século, o esquema de quatro defensores, quatro meias e dois atacantes mostrou-se versátil” (Folha de S. Paulo, 18/07/1994).

Já nos amistosos entre Brasil e Holanda no ano de 1999 as análises táticas realizadas na imprensa esportiva relacionavam os padrões entre as duas seleções:

“o time holandês joga no esquema tático parecido com o Brasil dos anos 60: dois zagueiros, dois laterais essencialmente marcadores, dois armadores, dois pontas, um jogador fixo na frente e um meia, na ligação com os três atacantes (4-2-1-3 [variação do 4-3-3])” (Tostão, Folha de S. Paulo, 29/06/1999).

Como se nota, há, nesses exemplos que poderiam ser muitas vezes multiplicados, um princípio de reversibilidade entre estas *formas* do jogar que possibilita tomá-las como operadores lógicos mais do que propriamente eventos históricos, ainda que também o sejam nas suas expressões mais imediatas, pois foram e são inventadas, utilizadas e percebidas conscientemente por jogadores, técnicos, torcedores ou *especialistas*.

Mas existem como possibilidades, muitas vezes como um devir esportivo de todo um grupo, como operadores conceituais a serem preenchidos por determinados conteúdos simbólicos.

A linguagem dos esquemas táticos, consolidados nas experiências continuadas e, se possível, vitoriosas das *formas* ou *padrões*, organiza os planos por onde se expressam as qualidades sensíveis *técnica* e *estilo*⁵⁶, individuais e coletivas, dos jogadores em

⁵⁶ . Parece consenso nos manuais a caracterização entre estilo e técnica como duas dimensões complementares, tal como explicitada em *Caderno Técnico-Didático – Futebol*: “A técnica é ideal, genérica e impessoal (...) os seus princípios por todos podem ser assimilados e, por isso mesmo, devem ser observados cuidadosamente no aprendizado ou na correção. Não mudam com o tipo físico nem com o tipo atlético, e sua aplicação deve ser geral. O estilo é real, particular e pessoal (...) uma vez assimilada a técnica, aparece o estilo, que define a personalidade do jogador. E como o estilo é real, particular e pessoal, não pode ser copiado, pois é ele que caracteriza o jogador e, também, o futebol dos vários países, ou regiões(...)” (SANTOS, 1979:75)

relação. E, no plano simbólico, traduz uma “terceira natureza” do jogo, explicitada ainda nesse capítulo como *formas-representações*, expressão que condensa essas várias naturezas e experiências que dinamizam e mobilizam todos os atores dentro do enquadramento do campo esportivo.

Mas para que estes esquemas táticos alcancem os níveis simbólicos de uma *forma-representação* é necessário que continuamente sejam estudados, observados, testados e acolhidos pela comunidade de interesses que se mobiliza em torno do futebol. Daí a importância dos significados que encerram a dimensão dos cursos de capacitação e dos treinos, objetos dos tópicos que seguem.

2. curso básico e soccer clinic

“Com muita graça já se disse que estudar futebol no Brasil é impossível não só porque esporte não se estuda, mas se aprende no campo prático, como porque é impossível ensinar formações em ‘V’, em ‘W’ e em outras letras num país de analfabetos” (ROSA, 1946, prefácio)

2.1 futebol se aprende na escola

Havia um certo alvoroço nas imediações do complexo poliesportivo Constâncio Vaz Guimarães, localizado nas imediações do parque Ibirapuera em São Paulo, naquele final de manhã de 4 de novembro de 1996. Mais especificamente na sede do SITREPESP (Sindicato dos Treinadores Profissionais do Estado de São Paulo), localizado, na perspectiva de quem está defronte ao ginásio a partir da rua Brigadeiro Luiz Antônio, na parte posterior às suas instalações esportivas. Pois a aula proferida por Carlos Alberto Parreira, controvertido técnico da seleção brasileira no campeonato mundial realizado em 1994, num auditório que abrigava cerca de 200 indivíduos, dera início à série das palestras que se estenderiam por toda a semana, com a presença de alguns dos nomes mais visíveis do mundo do futebol profissional, a começar pelo próprio Parreira.

A boa performance e a receptividade da palestra o deixou à vontade, dando seguidos autógrafos e abraços naqueles que conseguiam dele se aproximar, causando um rebuliço na pequena multidão que se espremia pelas dependências do referido sindicato. Situação agravada com a presença de Wanderley Luxemburgo que, igualmente, disputava com Parreira as honrarias e as poses para as fotos ao lado de muitos daqueles que precisavam, para além da garantia formal de um certificado recebido ao final do *Curso*, provar que estiveram com os ídolos nacionais, não na condição de admiradores e “simples” torcedores mas, sobretudo, alunos e até mesmo futuros e potenciais colegas de profissão.

Estava ali em carne e osso um dos responsáveis pela quebra do jejum de 24 anos de espera por um título em Copas do Mundo. Embora todas as críticas, restrições e ressalvas em relação à própria conquista já estivessem por demais detalhadas na mídia, incorporadas na sua biografia esportiva e imagem pública, consolidadas nas opiniões de muitos cronistas contrários à sua “filosofia de jogo”, o que, a primeira vista, suporia pensar num certo desconforto com a sua presença no evento, ministrando uma aula para neófitos treinadores de futebol, o que se observou, de fato, foi quase que uma unanimidade em torno de Parreira e seus ensinamentos.

Para espanto tanto da parte daqueles que cobriam o evento, repórteres de algumas editorias esportivas que ali estavam na abertura do *III Curso Básico Nacional para Treinadores de Futebol*¹, quanto daquele que apenas exercia uma atividade marginal ao acontecimento, uma pesquisa etnográfica.

Situação revelada no desencontro do repórter de *O Estado de São Paulo* que, elaborando uma pequena enquete sobre as expectativas que animavam os participantes do curso, deparou-se com um interesse inusitado, de caráter científico, revelado pelo antropólogo². Ambos compreendiam mal o entusiasmo que tantos externavam em poder participar de uma aula ministrada pelo referido técnico. Colocar sob suspeita a capacidade de Parreira, ali naquele contexto, parecia não fazer parte do imaginário daqueles que, de alguma maneira, viviam e concebiam o futebol, mesmo como uma possibilidade futura, como atividade profissional.

Bem trajado, usando terno e gravata, o que visivelmente o distinguia da camiseta que uniformizava os alunos³, com uma pasta nas mãos, pacientemente ouvia as palavras

¹ . A legalização e obrigatoriedade na realização de cursos preparatórios e de capacitação profissional para treinadores de futebol constam das alterações no regime esportivo brasileiro de 1941 de regulamentação dos esportes. Às escolas de educação física caberiam ministrar estes cursos aos profissionais, ex-jogadores na ampla maioria. Por exemplo, a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo foi um dos primeiros centros a promover cursos específicos. A Associação dos Professores de Educação Física também ministrou a partir de 1945 alguns cursos populares de treinamento (ROSA, 1949).

² . Publicada um mês depois com o título *Cursos formam treinadores profissionais* (OESP, 06/12/96). A matéria destaca a fala inaugural de Parreira ao comparar a profissão de treinador com a arquitetura, futura profissão de sua filha: “*Não adianta viver diariamente em uma obra, ela tem de aprender conceitos teóricos*”. A Gazeta Esportiva também noticiou o III Curso Básico, numa matéria intitulada *Técnicos pensam no futuro* (A Gazeta Esportiva, 09/11/96).

³ . Ao chegar à sede do sindicato e dependências onde seria dado o curso, cada aluno deveria receber um “kit” contendo a referida camiseta, estampada com a marca dos patrocinadores do evento, do próprio sindicato, Federação Paulista de Futebol, Confederação Brasileira e da FIFA, uma bolsa, um boné, chaveiro e pochete. Sempre num tom ameaçador e imperativo o presidente do sindicato, o ex-árbitro e ex-técnico de futebol Olten Ayres de Abreu, exigia que os alunos estivessem devidamente vestidos com a referida camisa, o que suscitava, entre outras questões, desavenças da parte de muitos que se negavam a observar tais recomendações. A uniformização distinguia claramente os organizadores e palestrantes do conjunto de alunos.

de boas vindas e saudações. Ao se aproximarem dele, quase a mesma evocação: “a palestra foi brilhante, professor”, frase que se repetia pelos corredores, até entre os mais contidos, que denunciavam nos gestos e semblantes entusiasmados uma evidente aprovação, ansiosos que estavam para compreender e desvendar os “segredos” do jogo.

Parreira falara quase que exclusivamente desses “segredos”, temas que verdadeiramente mobilizavam a platéia, na busca das melhores táticas, esquemas, estratégias e *formas* de jogo. Não estava ali para justificar, convencer ou mesmo reafirmar suas convicções diante de um público incrédulo, mas sim ensinar, respaldado na convicção expressada pelos alunos de que ele detinha grande conhecimento sobre o assunto, inúmeras vezes enaltecido pelo presidente do sindicato⁴, que até interrompia o palestrante, em atitudes incontidas dado o sucesso inicial daquele *III Curso Básico*.

Nos dias em que se seguiram à aula inaugural, os comentários entre os alunos foram de indignação ante as matérias jornalísticas que, negligenciando a dimensão pedagógica de tais ensinamentos, afirmavam de modo “leviano” que Parreira continuava com um discurso defensivista e convencional sobre o futebol, como aquele mostrado na então última Copa do Mundo. Todos, quase sem exceção, ao menos entre aqueles que se manifestaram, e não foram poucos, estavam solidários às colocações de Parreira: “*essa imprensa não entende nada, o cara [Parreira] entende muito de futebol*”, exclamavam indignados. Fato que ficou mais evidenciado posteriormente, em virtude da grande demanda pela fita de vídeo gravada de sua palestra, vendida aos interessados por vinte e cinco reais.

Impressionando pelo didatismo, clareza, tecnologia disponível, uso das transparências e programas animados por computação gráfica, que simulavam jogadas e circunstâncias de uma partida⁵, realidade muito diversa da experiência profissional cotidiana da quase totalidade dos presentes, Parreira impingia aos alunos uma ética da competência que, de fato, embora valorizada e legitimada, obviamente não coincidia com a trajetória da grande maioria daqueles ex-jogadores⁶, preparadores físicos de times

⁴ . O Sindicato dos Treinadores Profissionais existe há onze anos (1999), abrigando filiados de várias modalidades esportivas. Recebera a “carta sindical” em 1988 das mãos do então ministro do trabalho Almir Pazianotto, que transformou a antiga associação em sindicato.

⁵ . A propósito, no site do técnico da seleção brasileira Wanderley Luxemburgo (wanderleyluxemburgo.com.br), criado pela CBF para promover o então recém contratado técnico, no ano de 1998, além de uma detalhada biografia, com fotos da carreira de quando era jogador, de sua infância, currículo profissional, há uma sessão sobre táticas chamada “tática 3d”, aludindo a virtualidade animada das jogadas, que podem ser simuladas e discutidas como referido técnico, via e-mail, aproximando-o aos usuários da internet.

⁶ .Arlindo, Teodoro e Zé Teodoro (ex-atletas que atuaram no São Paulo Futebol Clube), Pinheirense (Associação Ferroviária de Esportes de Araraquara, Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto), Cacaú

de divisões inferiores, alunos de educação física ansiosos por uma especialização e rápido ingresso na carreira futebolística, treinadores de times varzeanos, iniciantes em “escolinhas” amadoras de futebol, enfim, homens, na esmagadora maioria⁷, vindos de diversos lugares e estados brasileiros que iam revelando, nos relatos das experiências mais sensíveis de cada um, as fissuras de um futebol profundamente desigual no que se refere à profissionalização, seja na sua realização enquanto uma competição de alto nível ou preparação de atletas para tal fim, seja em termos de visibilidade e possibilidades de ascensão social.

Passada a efervescência que causara a presença de Parreira, o curso entrou no seu ritmo de aulas, palestras e, sobretudo, exercícios práticos, alívio para muitos que temiam uma excessiva concentração das aulas teóricas. Contudo, mesmo nos momentos em que as atividades práticas eram preponderantes nas aulas como, por exemplo, uma ocorrida na manhã do dia 6, quarta-feira, em que um grupo de jovens jogadores japoneses, estagiando no Brasil, simularam no gramado um ciclo de treinamento de preparação e fundamentação técnica⁸, conduzido pelo professor José Luiz Fernandes⁹, a atenção de grande parte dos alunos dispersava-se em conversas paralelas e atitudes alheias aos exercícios.

Ainda que alguns anotassem, esquematizassem os exercícios em cadernos, bem como as explicações do professor sobre este ou aquele movimento e suas conseqüências no metabolismo dos jogadores, a maioria seguia tecendo piadas sobre “aquele bando de ‘olhos rasgados’ correndo atrás da bola”, distraíndo-se em atitudes *voyeuristas* com toda aquela circunstância até certo ponto exótica, pois estávamos ali, brasileiros, observando japoneses treinando e mostrando suas habilidades com a bola. O que revelava, em parte, certas dificuldades e resistências em assimilarem o conjunto de ensinamentos que, para além dos exercícios, enunciavam pressupostos de domínios mais acadêmicos, tais como a fisiologia ou a medicina esportiva.

Porém, mais do que propriamente “dificuldades”, demonstravam, na verdade, um certo desdém, embora sabidamente estivessem ali para aprender. Revelador talvez

(Goiás Futebol Clube, Clube de Regatas Flamengo, Clube Atlético Mineiro), Zé Eduardo (Sport Club Corinthians Paulista, Botafogo de Futebol e Regatas), Ferreira (Clube de Regatas Vasco da Gama), Juninho e Chiquinho (Associação Atlética Ponte Preta), Souza (Bragantino), entre outros.

⁷. Duas mulheres participaram deste curso.

⁸. Os alunos demonstraram suas capacidades de domínio e condução da bola, individualmente ou reunidos em pequenos grupos. Exercícios que requeriam da parte do jogador uma razoável destreza, pois eram realizados em movimentos contínuos ao longo de faixas imaginárias por toda a extensão do gramado.

do modo como o futebol foi, por gerações, transmitido e internalizado no Brasil, onde o adestramento corporal esteve menos dissociado de suas discursividades e representações, “totalizado” ao nível do senso comum, certamente contribuições decisivas das camadas populares que praticaram este futebol, aliás, experiência de onde saíra a maioria daqueles atônitos alunos.

Ali, entretanto, aparecia fragmentado naqueles movimentos monótonos e sincronizados, seguidos de explicações que tinham o único objetivo de descrever aquelas situações específicas, porém abstratas e parciais.

Tais desconfortos e atitudes eram mais evidenciados nas aulas propriamente teóricas. Intrigados com a atenção que dispensava às palestras, pois anotava e reproduzia compulsivamente as transparências, os gráficos, os esquemas de jogo, as eventuais perguntas e respostas, quase tudo, enfim, alguns alunos passaram a especular, de fato, quem eu era, “*talvez um ponta esquerdo que ninguém estava se lembrando*”, confessaram, posteriormente, aos risos a brincadeiras, o fisiologista Ordélio, profissional que trabalhara em vários times no interior de São Paulo e o ex-jogador Zé Eduardo, intrigados que estavam com a obsessiva dedicação demonstrada. Mal entendido desfeito somente quando foi revelado a eles minha condição de pesquisador.

Geralmente, e não sem razão, eram os professores de educação física, sobretudo, que mantinham uma maior atenção nas rotinas e exercícios físicos ministrados nessas aulas, onde cada exercício estava relacionado a uma etapa do condicionamento físico do jogador e aos desempenhos fisiológicos (rendimento aeróbico ou anaeróbico, eficiências motoras agregadas aos fundamentos técnicos, cadeia cinética dos movimentos combinados de passes, cabeceio etc). É claro que se tratavam de palestras e demonstrações introdutórias, mas o simples fato de mencionarem tais dimensões teóricas parecia desanimar parte dos participantes, que externavam um misto de incredulidade e espanto ante as explanações.

Numa outra ocasião, num “treinamento técnico para goleiros”, tópico do curso dado por João Batista Abelha, ex-goleiro que atuou, nos anos oitenta, na Associação Ferroviária de Esportes e Clube de Regatas Flamengo, ao mesmo tempo em que aconteciam as demonstrações, grupos de alunos vibravam, ao redor dos exercícios, a cada falha ou gol tomado pelos goleiros juvenis que auxiliavam nas simulações de colocação, reposição de bola, saída do gol e etc. Ao mesmo tempo, o ex-corintiano Zé

⁹ . Treinador profissional e mestre em treinamento esportivo pela Escola de Educação Física - USP. É autor do manual técnico *Futebol: ciência, arte ou...sorte*, citado.

Eduardo demonstrava ao antropólogo como inverter rapidamente o sentido de um movimento com a bola atada aos pés.

Situações que aconteciam à revelia dos propósitos pedagógicos expostos e que revelavam uma sensibilidade para com o jogo certamente mais condicionada à sociabilidade de âmbito torcedor, uma vez que preconizava tirar das simulações das jogadas algum prazer para além do aprendizado de momento.

A convivência com alguns dos participantes, ainda que breve, pois o curso durou os cinco dias úteis a partir da aula inaugural de Parreira, diplomando os alunos na sexta-feira à tarde, apontou para os limites e estratégias de sobrevivência profissional para muitos daqueles participantes, bem como as representações arraigadas em torno deste futebol profissional. Expectativas nem sempre consonantes com os discursos ali proferidos, de técnicos que “deram certo”, afinados com uma ética da competência que advoga em nome do esforço de capacitação, atualização e divisão social e simbólica do trabalho profissional, cada vez mais cindido numa miríade de especializações.

O que, de certo modo, contrariava as vivências mais imediatas de muitos ali, para quem o futebol sempre apareceu como uma experiência mais integralizadora. Muitos, portanto, colocavam em suspensão os propósitos e as eficácias de um curso teórico de capacitação de treinadores, embora variassem estas expectativas no conjunto de alunos.

A totalidade dos alunos pôde ser estratificada através dos interesses investidos no curso e que, de modo geral, subdividiam-se em três grupos. Aqueles que trabalhavam ou mantinham as “escolinhas de futebol”, geralmente formados em cursos universitários de educação física, integravam um primeiro grupo. Um segundo, composto por ex-profissionais ou profissionais buscando melhores colocações ou um reingresso nos times de alto rendimento, ex-jogadores, técnicos e preparadores físicos basicamente, que já haviam tido experiências no futebol profissional, portanto. Foi observado ainda um terceiro grupo de indivíduos, que se auto-definiam como “curiosos”, “amantes” do futebol e que faziam regularmente estes cursos, repetindo-os de ano a ano, indivíduos que tiveram um contato mais esporádico e eventual com o futebol, geralmente o amador praticado nas várzeas.

Não foi raro observar a presença de outros atores sociais, por exemplo árbitros ou comentaristas esportivos. Frequentam estes cursos na tentativa de melhorarem suas performances e conhecer de modo mais detido o discurso dos outros *profissionais*. Mas o único especialista com quem tive a oportunidade de conversar a respeito desses

eventos foi Daniel de Paula, à época comentarista da *Sportv* e jornalista de *A Gazeta Esportiva*. Incrédulo, afirmou que aquilo ali não lhe valia para nada, uma vez que seus comentários não se baseavam no discurso cifrado dos “boleiros”¹⁰. Outro, como o árbitro Oscar de Godói, completou este *III Curso*.

Para aqueles que vislumbravam um possível ingresso no futebol como alternativa de especialização dentro de sua área de conhecimento, tal era o caso de muitos entre os habilitados em educação física, bastava o certificado e algum conhecimento adquirido para, imediatamente, montarem ou manterem atualizadas os trabalhos desenvolvidos nas denominadas “escolinhas” de futebol.

Vale a pena contextualizar a proliferação desta nova modalidade empresarial e de sociabilidade que são as denominadas “escolinhas” no sentido de melhor compreender os propósitos dos *Cursos Básicos* patrocinados pelo sindicato.

Embora, na sua ampla maioria, não sejam diretamente responsáveis pela formação de jogadores de alto nível, ainda que muitas indiquem garotos e jovens para os times profissionais, as “escolinhas” são socialmente valorizadas, consequência provavelmente deste processo de expansão da profissionalização vigente no futebol, ampliação da demanda e maior circulação de jogadores, inaugurado, sobretudo, por alguns clubes, tais como o São Paulo Futebol Clube, exemplo de formação de atletas de alto nível em grande escala, assunto de uma das aulas proferidas no curso, como será visto mais a seguir.

Os próprios clubes profissionais, sobretudo os considerados “grandes”, se incumbiram, a partir da segunda metade dos anos noventa, em ampliar o fenômeno das “escolinhas”, franqueando-as como produtos rentáveis. Para se conseguir uma franquia do São Paulo Center, por exemplo, estima-se um investimento em torno de 35 mil dólares. Segundo Sérgio Magri, responsável pela divulgação do sistema de franquia do São Paulo Futebol Clube, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, a necessidade de incrementar este sistema consistia, além da lucratividade de expandir a marca do time em mais um produto no mercado, escoar a grande demanda de garotos que almejam praticar o futebol. Segue a matéria do referido jornal:

“(…)Além da taxa de franquia, dividida entre o clube e organizador da franquia, há os royalties de 8% a 11% do faturamento bruto” (*Jogadores e times lançam franquias de esportes. Folha de S. Paulo, 04/02/1996*).

¹⁰. Termo muito corriqueiro, às vezes utilizado de modo pejorativo, para designar sobretudo os jogadores.

É importante destacar que, embora seja mais uma via para selecionar potenciais talentos para o futebol de alto rendimento, o advento das "escolinhas", fruto de um nítido direcionamento comercial de expansão do marketing esportivo implementado pelos clubes, extravasa e mesmo afasta-se de tais propósitos na medida em que quaisquer garotos podem delas participar, mesmo entre aqueles com um biotipo desfavorável ou que demonstrem pouco talento potencial para a prática do esporte jogado em alto nível.

Outros clubes e até jogadores profissionais, tais como o Sport Club Corinthians Paulista, Sociedade Esportiva Palmeiras, Marcelinho Carioca, Sócrates, possuem "escolinhas" franqueadas. As mensalidades variam em torno de 30 a 40 reais por mês, o que, obviamente, exclui enorme parcela dos garotos pobres.

As "escolinhas", sobretudo estas com maior estrutura¹¹, mimetizam e amplificam no imaginário social este processo mais cientificizado no aprendizado da prática do futebol, o que multiplica a demanda por treinadores formados e a procura por cursos como estes patrocinados pelo sindicato, acima de tudo este *Básico*, além de se tornar uma atividade glamourizada, como se observa nesta redescoberta do futebol pelos segmentos sociais mais endinheirados, inclusive como possibilidade de ascensão social, demanda que sustenta inúmeras "escolinhas" pelo Brasil, distanciando-se da sociabilidade promovida pelos "festivais" e "campeonatos varzeanos", populares em essência, que "carecem" dessas "bases científicas" e dos treinamentos metódicos¹².

Além do que as "escolinhas" evocam uma certa idéia de segurança, condizendo com um determinado estilo de vida urbano cuja vivência nos espaços das grandes cidades é dada pelo padrão dos espaços concebidos e vigiados, configuração diversa dos campos dispersos pelas periferias, muitas vezes contíguos a equipamentos urbanos socialmente reprováveis, deste ponto de vista, tais como bares, favelas e correlatas formas de sociabilidade como as rodas de samba, etc.

Segmentando de maneira mais formalizada o futebol em gerações, onde os mais velhos tornam-se assistentes e entusiastas dos filhos, gesta-se no imaginário social a

¹¹ . Num panfleto de propaganda da "escolinha" franquuada pelo Sport Club Corinthians Paulista, intitulado "*Acaba de chegar ao Itaim a Escolinha de Futebol do Corinthians*", bairro socialmente valorizado na cidade de São Paulo, são enumeradas as vantagens em aprender futebol segundo esses critérios: "*monitorado por acompanhamento físico e clínico, com equipes de médicos e nutricionistas, palestras com jogadores profissionais, jogos amistosos com equipes oficiais e, para aqueles que se destacarem, um período de testes nas equipes inferiores do referido time*". Como se lê, o apelo a uma carreira profissional promissora está implícito no panfleto.

idéia do futebol como um saber, aprendido tal qual um curso regular de formação universal, apartado de uma vivência mais integralizadora e comunitária.

É claro que o padrão “escolinha de futebol” está presente e sensibiliza o futebol praticado por indivíduos das classes populares, observado, por exemplo, em iniciativas mais institucionalizadas como a vila olímpica da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, no Rio de Janeiro¹³. Porém, mesmo nos bairros mais humildes, em que pese a evidente falta de estrutura e o necessário improvisado, constata-se a proliferação deste padrão de sociabilidade e aprendizado do futebol assentado nos moldes das “escolinhas”, mesmo não sendo ainda aquele que prepondere nesta paisagem urbana¹⁴.

Numa matéria intitulada *Depois da aula, o futebol na escola* constata-se a ampliação do padrão “escolinha” em projetos envolvendo instituições públicas, tal como o proposto pelo governador do estado do Rio de Janeiro em parceria com a CBF no intuito de levar o projeto Escola de Futebol, organizado pelo Instituto de Assistência ao Futebol, presidido pelo também presidente da CBF Ricardo Teixeira, a 64 municípios do estado fluminense.

Segundo o governador Anthony Garotinho, que se propôs a viabilizar a compra do material esportivo para estas escolas, estima-se que “esse projeto vá beneficiar 32 mil crianças do Estado” e que “(...) *para participar do projeto (...) a criança precisa estar matriculada em algum colégio*” (*Jornal da Tarde*, 12/05/1999).

¹² . Sobre a dinâmica simbólica desses “festivais” no contexto dos bairros populares consultar, por exemplo, Magnani (1998: 122;123). Para uma análise mais quantitativa sobre esses times e campeonatos na cidade de São Paulo ver Aducci (1999).

¹³ . A vila olímpica da Mangueira, projeto que engloba outras modalidades esportivas, está situada numa área de 35 mil m² e movimentará um orçamento estipulado em torno de R\$ 2 milhões: “*das 4500 crianças e jovens que participam de diferentes projetos no complexo, 1200 estão envolvidos em atividades esportivas*” (*Folha de S. Paulo*, 04/09/1998). Outras escolas de samba carioca, notadamente o Salgueiro e a Mocidade Independente de Padre Miguel vêm implementando projetos semelhantes.

¹⁴ . Maurício Murad, professor e coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) atenta para o fato de que embora o termo “escolinha” seja disseminado para caracterizar e nomear uma dada modalidade de aprendizado do futebol é preciso contextualizar seus diferentes usos e significados locais. Nesse sentido, quando se fala em “escolinha” na cidade de São Paulo, por exemplo, remete-se a uma noção mais geral, embora não exclusiva, de uma experiência voltada para determinados setores da sociedade, que impõe certos critérios mais mercadológicos à prática. O mesmo termo utilizado em outros contextos pode estar referido às formas mais particulares de treinamento e adestramento de jovens e crianças, aclimatados às tradições específicas. Por exemplo, em determinados estados do norte as escolinhas de futebol agregam ao aprendizado do futebol determinados estilos de danças e outras práticas sociais, o carimbó por exemplo, o que destoa do uso preponderantemente mais esportivo que lhe é conferido em determinadas regiões do sudeste. Estas considerações e ressalvas oportunas foram feitas no transcrito do Seminário *Futebol, espetáculo do século*, realizado na PUC-SP entre os dias 4 e 7 de outubro de 1999 pelo Núcleo de Estudos do Cotidiano e de Cultura Urbana, coordenado pela professora Márcia Regina da Costa e pela Fundação Perseu Abramo.

Portanto, atendendo uma demanda mais geral, notou-se um significativo redirecionamento no conteúdo programático dos *Cursos Básicos* promovidos pelo SITREPESP, o que pode ser observado comparando a evolução entre o terceiro e o quinto cursos, de 1996 a 1998, que passou a atender um público que visava explicitamente a reciclagem e capacitação de profissionais e treinadores envolvidos com os trabalhos em “escolinhas” de futebol.

Enquanto no curso realizado em 1996, contemplado aqui pela observação participante, contava-se com poucas palestras e relatos voltados para as categorias de base e para as “escolinhas”, sobretudo nos itens “técnica das equipes juvenil e junior” e “o futebol tático das equipes menores”, ministrados pelo ex-jogador Dario Pereira e Guto, técnico do juvenil do São Paulo Futebol Clube, somaram-se a estes itens, até o ano de 1998, outros mais, tais como “orientação para avaliação de talentos”, “a arbitragem na formação das crianças e jovens”, “preparação física das equipes menores”, “preparação de goleiros na iniciação”, tática dos fundamentos na iniciação”, “medicina esportiva na iniciação” e “trabalho nas escolas [“escolinhas”] de futebol”¹⁵.

Todos estes aspectos, a expansão do padrão “escolinha” e o redirecionamento dos cursos básicos apontam para uma universalização nos métodos de capacitação de treinadores e, sobretudo, “fabricação” de atletas de alto nível. E que foram demonstrados por Márcio Cabral, à época gerente de futebol amador do São Paulo Futebol Clube, ao descrever o percurso dos futuros jogadores de futebol desde as categorias de base até os times profissionais numa palestra, aliás assistida com grande interesse, proferida neste *III curso básico*. Vale a pena observar mais detidamente a dinâmica que preside este departamento.

O departamento amador do São Paulo Futebol Clube trabalha com cinco categorias chamadas de “base”: dente de leite (entre 12 e 13 anos), infantil (14 e 15 anos), juvenil (16 e 17 anos), junior (18; 19 e 20 anos) e aspirantes (mesma faixa etária dos juniores só que incorporados à equipe profissional). Com exceção da categoria “dente de leite”, que não disputa campeonatos, somente jogos amistosos e pequenos torneios, as demais participam regularmente dos campeonatos. Na categoria junior,

¹⁵. O próprio Zico conta com um complexo esportivo chamado Centro de Futebol construído em 34 mil m² na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Lá, treinam cerca de 800 alunos. Outras cinco escolinhas estão espalhadas pelo Brasil e outras tantas já franqueadas (*OESP*, 12/04/1998). Inúmeros ex-atletas possuem suas escolinhas, ainda que em moldes mais modestos, tais como Roberto Rivelino, um dos pioneiros da iniciativa entre os ex-jogadores. Outros ainda, jogadores em atividade, emprestam seus nomes para investimentos mistos, como, por exemplo, a escola de futebol e aluguel de campos sintéticos *Brasil futebol Arte*, na cidade de São Paulo, de Cléber e Roque Júnior, à época jogadores do Palmeiras.

etapa mais próxima da profissionalização, o São Paulo contava, no ano de 1996, com 30 atletas. No entanto, nem sempre estas etapas são galgadas por todos os jogadores.

O processo de agenciamento dos jovens, neste caso específico, está dividido em três critérios. A tradicional “peneira”, a “indicação” e a “contratação”. A “peneira” consiste no processo mais espontâneo onde os garotos dirigem-se à sede do clube, portão dezoito, para se cadastrarem, preenchendo uma ficha com algumas características físicas: peso, altura e idade, além da posição que atuam. Na sede do São Paulo, no estádio do Morumbi, são realizadas duas “peneiras” por mês, que correspondem a duas categorias.

Feita as inscrições, esperam o chamado do clube, o que pode demorar muitos meses (em média de 4 a 5). Cada uma trabalha com aproximadamente 40 garotos e são testados jogadores que ainda não tiveram uma experiência continuada em clubes, nesse sentido, ao menos nas palavras do dirigente, todos devem ter as mesmas características para evitar discrepância, daí a necessidade de se cadastrarem previamente.

Num primeiro instante passam três dias realizando trabalhos na posição que indicaram e, se aprovados neste nível, seguem num segundo momento treinando com um outro grupo, aproximadamente por mais 10 a 15 dias, como exigências dos técnicos¹⁶. O terceiro momento consiste na sua federação, isto é, passa a receber certos benefícios, tais como alojamento, alimentação, assistência médica, escola (ao menos nas categorias abaixo do juvenil).

Embora seja uma via de muito apelo popular, teoricamente de fácil acesso à carreira de jogador, estatisticamente cerca de 0,2% dos jogadores do São Paulo passaram por uma peneira no clube. Em 1995, por exemplo, de 3.500 garotos que se aventuraram nas “peneiras” do São Paulo, 5 foram aproveitados. No ano de 1996, apenas 2 permaneceram no clube num universo de mais de 4.000 garotos. O que não garante que cheguem às outras categorias.

A “indicação” mostra-se mais eficaz do ponto de vista do aproveitamento dos jovens, pois em média 50% daqueles que foram trazidos começam ser aproveitados. A “indicação” permite que os jovens passem diretamente para o segundo momento de experimentação, ou seja, aquele período probatório de 10 a 15 dias.

¹⁶. No ano de 1996, somente a categoria juvenil não era dirigida por um ex-jogador profissional do clube, sendo que as demais possuíam um ex-atleta. No junior o técnico Dario Pereira, no infantil, Pita, no dente de leite, Eguiberto. Guto, técnico do juvenil, afirmou que esta situação, de não ser um ex-atleta, trazia sérios problemas a ele, a cobrança era muito maior, queixava-se, numa conversa informal, momentos antes de iniciar sua palestra neste *III Curso*.

Estes garotos chegam pelas mãos dos chamados “olheiros”, na maioria das vezes ex-jogadores que saem pelo estado ou até pelo país observando jovens em clubes de menor expressão nacional. Munidos de uma “história esportiva”, espécie de currículo e, se for o caso, de uma “carta de liberação” do time de origem, mesmo que não seja um time federado, começam os testes no clube dentro deste breve período.

Na “contratação”, terceira via de acesso ao São Paulo Futebol Clube, o atleta é atraído pelas melhores condições de trabalho e visibilidade oferecidas pelos times considerados “grandes”. Neste caso o atleta chega “pronto”, de alguma categoria junior de outro clube e elabora-se um pré-contrato profissional, compra-se o seu passe e, por um período de três meses, será observado. Caso não seja aproveitado é negociado. Aqui, 80% dos contratados são, de alguma maneira, aproveitados, ou seja, permanecem por mais tempo que o período probatório de três meses.

No ano de 1997 o São Paulo ampliou este trabalho de base descentralizando os critérios de captação e formação de jogadores. As metas foram redimensionadas no propósito de observar em torno de 18 mil jovens nas “peneiras”, em vários pontos do país, como afirmou em entrevista Pérsio Rainho, então diretor do departamento de futebol amador:

“Até maio deste ano haviam sido observados 6 mil, dos quais foram selecionados 40, onde 8 chegaram efetivamente ao clube para passarem pelo processo de federação e início da disputa dos torneios oficiais. Além das ‘peneiras’, o São Paulo pretende fazer convênios com alguns clubes do interior para intercâmbio de jogadores. ‘O estado seria dividido em cinco grandes regiões, cada uma com uma filial (...) o Estrela da Saúde [time do bairro de mesmo nome na capital, Saúde] está servindo de laboratório” (A Gazeta Esportiva, 28/05/1997).

A partir do infantil cada jogador possui uma inscrição na Federação. Desse modo, o jovem fica vinculado, através da “carta de liberação”, por um ano ao clube. Caso não seja aproveitado, espera-se o término do campeonato vigente e é liberado para procurar outra agremiação. Os vínculos via contratos (com procuradores, por exemplo) somente são realizados a partir do junior. Antes disso, todos os jovens devem ter a anuência do pai ou responsável.

Estratégias, entre outras, para evitar o “gato”, garotos que chegam pelas mãos de terceiros, geralmente com idades forjadas, para auferirem algumas vantagens nos testes. Geralmente estes “gatos” são garotos “comprados” por “procuradores” que acabam impondo um vínculo por escrito ao potencial atleta, vendido pelos pais: “O cara leva o filho de alguém para treinar por trezentos reais e estabelece um contrato por escrito com os

pais”. No São Paulo procura-se contornar este problema através da anuência direta dos pais e a investigação de seus dados cadastrais¹⁷.

Todo este processo ampliado de captação e formação de atletas, que teve início de modo mais sistemático somente no ano de 1990, insere-se na estrutura do departamento de futebol amador, que visa cobrir a demanda do futebol de alto nível, não necessariamente a do clube, uma vez que o São Paulo aproveita menos de 10% desses jogadores formados e profissionalizados (depois dos 18 anos). Aqueles que não permanecem são emprestados ou negociados.

Nota-se aqui uma estrutura diferenciada das “escolinhas” pois, indagado sobre o São Paulo Center, Márcio Cabral advertiu que se trata de uma franquía e que, dadas estas condições, não há vínculos diretos com o departamento de futebol. O que implica, de fato, num baixo aproveitamento dos garotos que aí se “iniciam” no futebol.

A organização administrativa deste departamento fica a cargo de cinco setores assim divididos: gerência (que trata dos problemas administrativos, contratações, realizações dos jogos e torneios), departamento médico (3 médicos, 2 fisiologistas e 1 dentista), nutrição (1 nutricionista, 1 encarregado de cozinha e 1 cozinheiro) e o setor de alojamentos. Este último setor abriga 35 atletas juniores, dois atletas por quarto, 40 entre juvenis e infantis, 8 “dentes de leite”, numa capacidade para 101 jogadores. Somados aqueles que não moram nos alojamentos, o clube trabalha com 140 garotos em média nas categorias de base. A partir da categoria junior o São Paulo Futebol Clube cobra eventuais amistosos ou apresentações de seus times amadores.

Existe uma ajuda de custo para esses atletas, que incorpora tanto o quesito categoria disputada, se juvenil ou junior, por exemplo, quanto as qualidades técnicas de cada um. Até mesmo os “dentes de leite” recebem, ainda que módicos quinze reais. Na categoria junior os salários alcançam os 500 reais¹⁸, fator que incute uma alta competitividade entre os jogadores.

A inexpressiva mobilização da categoria de jogadores profissionais em torno da discussão da lei do passe, verificada no movimento em torno da promulgação da lei

¹⁷ . O que é freqüentemente burlado, haja vista o caso do jogador Sandro Hiroshi, descoberto portando falsa documentação, cabendo ao São Paulo Futebol Clube afastá-lo do campeonato brasileiro de 1999.

¹⁸ . A relação custo/benefício de tais empreendimentos é evidenciada nos números pois, enquanto gasta-se em média 500 reais de salário para manter um juvenil, a venda do passe de Denílson, jogador formado no clube, alcançou a cifra de 12 milhões no mercado internacional. Ficam mais claras, portanto, as restrições de muitos dirigentes em relação à extinção da lei do passe, que vincula os atletas ao patrimônio fixo dos clubes.

Pelé¹⁹, pode ser explicada, em parte, por estes mecanismos de formação das carreiras dos próprios atletas, cuja acentuada ética individualista no ganho das recompensas materiais e simbólicas dentro da profissão, muito competitivas a partir das categorias de base, inibe desde cedo os meios tradicionais de mobilização coletiva e reivindicatória.

O que deve ser destacado aqui, somado à recomendação de um programa de estudos que analise mais detidamente o fenômeno das “escolinhas” de futebol é que, para além das condições em que o futebol está sendo praticado, seja a partir das “escolinhas”, seja a partir da orientação na formação de jovens jogadores de alto nível implementada nos departamentos de futebol amador “de ponta”, ou mesmo nos tradicionais descampados despercebidos pela expansão e especulação urbana, constata-se certos princípios e operadores simbólicos cada vez mais disseminados que contrariam a noção corrente de que o jogador brasileiro já “nasce feito”, matizando toda uma mitologia primordial arraigada em torno das representações da nossa essencialidade no trato da bola.

Aspecto que deu o tom durante todo este curso básico de capacitação de treinadores, enfatizado repetidamente a cada palestra proferida. O que acarreta torções

¹⁹ . A regulamentação da lei nº 9.615, conhecida como lei Pelé, pelo decreto nº 2.574, foi publicada no Diário Oficial em 30 de abril de 1998 e divulgada na grande imprensa na data simbólica de 1º de maio, dia do trabalhador. Resumindo, ela visa pôr fim à lei do passe, que atrela o jogador ao clube tal como um patrimônio fixo, disponibilizado pelos dirigentes. Formalmente, com esta lei os contratos de trabalho regulam a profissão de jogador segundo critérios trabalhistas já consagrados, adaptando-os a esta “nova” profissão: *“o documento deve prever a contratação de seguro para o atleta, além de todas as formas de remuneração e até a carga horária e o regime e concentração para as competições (...) estabelece detalhes, como o modelo do contrato de trabalho a ser firmado com os atletas, que ganham também vantagens inéditas: o atraso de dois meses no pagamento total ou parcial de salário e falta do recolhimento do Fundo de garantia do Tempo de Serviço (FGTS) são motivos suficientes para que o jogador se recuse a participar das competições. Atraso de três meses de salários permite ao atleta rescindir o contrato e pedir uma indenização”* (OESP, 01/05/1998). Do ponto de vista dos clubes, estes, em tese entidades de direito privado sem fins lucrativos, deverão constituir sociedades civis com fins econômicos. Somente neste regime é que os clubes poderão participar das competições oficiais. Há uma tendência, já observada em alguns clubes estrangeiros como a Lazio, o Bologna entre outros italianos, ou ainda alguns clubes ingleses, notadamente o Manchester United, de serem administrados por capitais abertos e mistos, negociando ações no mercado financeiro, disponibilizando parte ou integralmente estas ações do controle acionário dos sócios, em princípio os “donos” dos clubes e, tradicionalmente, aqueles que detêm o poder político dessas instituições. Em termos mundiais, o Barcelona consiste num dos clubes que resistem a esta outra etapa do futebol-empresa, como afirma o vice-presidente do clube, Nicolaus Casaus de la Fuente, numa matéria publicada no OESP: *“Os clubes passaram para as mãos de quatro senhores que têm dinheiro, mas um dia em que eles se cansam, tudo desaparece”. Por isso, ele não acredita no êxito dos clubes que não vivam de recursos obtidos por meio de seus quadros associativos, isto é, os 105 mil sócios do Barcelona”* (OESP, 21/05/1998). Para uma análise sucinta sobre o advento do futebol-empresa consultar Weishaupt (1998), onde enumera de modo resumido algumas das mudanças fundamentais que consolidaram o futebol como um empreendimento comercial globalizado, processo esboçado na Copa de 1970, primeiro mundial transmitido pelas TVs, incrementado pela eleição de João Havelange em 1974 e o estabelecimento das parcerias entre a FIFA e grandes multinacionais (Coca-Cola, Adidas etc) e os usos de um *marketing* esportivo ampliado, bem como o projeto de expansão do futebol em outros continentes do “terceiro mundo” e todo o corolário em transformá-lo em megaespetáculo.

em torno das representações mais canônicas a respeito das qualidades sensíveis que caracterizam este futebol, *estilo e técnica*, e que povoam o imaginário social.

Embora o padrão “escolinha”, como alternativa profissional, tenha-se revelado uma possibilidade de acesso, um retorno financeiro e afetivo relativamente rápido ao universo do futebol²⁰, para alguns dos ex-atletas presentes naquele *III Curso Básico*, representantes de diversas gerações de jogadores, a profissão de treinador ainda pesava como possibilidade viável de reingresso ao futebol.

Trata-se de um processo “*natural na carreira de qualquer jogador*”, como afirmou, num outro contexto, o lateral Jorginho, campeão mundial de 1994, ao lado da outra possibilidade “lógica”, tornar-se um comentarista [*especialista*] dentro da imprensa esportiva, atividade, no entanto, exercida por poucos, contemplada somente por aqueles que obtiveram carreiras de sucesso, que estudaram, que foram atletas de alto nível e souberam articular nos bastidores uma chance no âmbito da mídia.

Entretanto, nota-se hoje entre alguns jogadores “de ponta”, que se destacam na seleção e, acima de tudo, no cenário internacional, a inserção em outros projetos profissionais paralelos ao universo do futebol. Tais como algumas atividades empresariais vinculadas ao *show bizz* nacional e voltadas para o sucesso de gêneros musicais em torno do samba. Jogadores empresariando e patrocinando grupos musicais de “pagodeiros” podem ser observados no Rio e em São Paulo tais como, por exemplo Edmundo, que empresaria e lança vários grupos cariocas. A *Denílson Produções*, do jogador Denílson da seleção brasileira e jogador do Betis espanhol patrocina um grupo conhecido nacionalmente chamado Soweto. Outros, como Marcelinho carioca e Amaral, se auto-empresariam e formam um grupo de pagode, com apelo religioso, alcançando vendas em torno de 120 mil Cds.

Conjuntura corroborada pelos dados estatísticos pesquisados e sistematizados por Gama (1996), que mostram que no estado de São Paulo o número de jogadores profissionais que ainda almejam seguir uma carreira vinculada ao futebol está em torno de 38%, índice próximo da porcentagem daqueles que não pretendem desenvolver atividades ligadas ao futebol após encerrarem suas carreiras, em torno de 35%.

²⁰ . Tomando novamente o exemplo do Centro de Futebol criado por Zico, observa-se que muitos ex-jogadores são resgatados para o futebol como treinadores das equipes amadoras. Ali Zico emprega Andrade, Adílio e Júlio César, antigos companheiros e amigos de Flamengo. Em São Paulo, o São Paulo Futebol Clube é o time que mais se utiliza de ex-atletas como preparadores das equipes inferiores. Poderiam ser citados Rojas, Toinho, Roberto Dias, Arlindo, Gilberto, Vizolli, Heriberto, Pita, Terto, entre outros.

Embora estes números não expressem parâmetros nacionais é possível que, a título de hipótese a ser verificada ou não em pesquisas quantitativas futuras, esta “naturalidade” ou *lógica* em ascender numa carreira correlata dentro do domínio do futebol profissional aludida pelo jogador Jorginho corresponda mais especificamente àqueles jogadores considerados “de ponta” dentro do futebol, favorecidos pelos altos salários, visibilidade e prestígio angariados ao longo das carreiras.

A pesquisa, contudo, não discrimina, dentro da porcentagem daqueles que almejam seguir uma carreira ligada ao futebol, quais pensam na carreira de técnico, cronista esportivo, dirigente profissional ou empresário de “escolinhas”, por exemplo. De certa forma, tais números relativizam a suposta “naturalidade” na continuidade das carreiras vinculadas ao futebol profissional, que certamente não absorvem a todos os atletas²¹.

Uma situação que se repetiu ao longo da semana, reverberada na fala indiscreta do presidente do sindicato, resvalando num certo constrangimento coletivo, era a de que à medida em que o III curso básico transcorria ia se identificando a presença deste ou daquele “jogador do passado”, “sumido” ou “esquecido”, mas que, por intermédio da iniciativa do sindicato em promover cursos como aquele, tentava-se recuperar uma imagem já perdida na memória torcedora e, sobretudo, no meio profissional.

Porém, mais do que o resgate de uma imagem pública, estavam sendo colocados ali dilemas profissionais, sempre ofuscados e nublados na fala evocativa, ora nostálgica, ora precipitada do presidente Olten Ayres, enaltecendo a importância de sua gestão à frente do sindicato.

Assim encaminhou-se para o final o *III Curso Básico*, evidenciando que se a profissionalização dos jogadores consistia num processo cada vez mais seletivo e competitivo, dinamizado pelas transformações sociais e simbólicas em andamento, a possibilidade de ascender através de uma carreira de treinador tornava-se ainda mais incerta. À tarde, já na sexta-feira, de posse de seus certificados, foram distribuídas aos participantes, como cortesias, bolas oficiais, patrocinadas pela empresa Pênalty, fornecedora de material esportivo para alguns clubes e das bolas para o campeonato paulista daquele ano.

Tais brindes acabaram equiparando-se aos próprios certificados em importância simbólica na medida em que viraram suportes e verdadeiros troféus onde os inúmeros

²¹ . Dados referentes à amostra, coletas de dados, descrição do instrumento (questionário) e universo da pesquisa podem ser consultados em Gama, citado.

jogadores que participavam do curso puderam reviver um passado mais generoso de reconhecimento e assédio torcedor pois, em meio às despedidas, muitos procuraram, sobretudo aqueles entre o terceiro grupo, o dos “curiosos”, seus “ídolos do passado” para registrarem nas bolas os autógrafos, marcando de modo mais emocionante e contundente a passagem pelo curso. Estabelecia-se naquele instante fugaz o elo indelével que parece existir entre o sentimento torcedor ante seus ídolos.

2.2 do estilo à técnica

Se o estilo diz respeito à dimensão mais “pessoalizada”, como reiterou durante toda a semana no *III Curso Básico* o professor e treinador José Luiz Fernandes, o aprendizado da técnica, todavia, é universal, e diz respeito àquilo que pode ser adquirido, passível de mensuração e, se for o caso, correção da parte dos profissionais envolvidos na formação e manutenção do jogador²². Até admite-se um jogador técnico, mesmo comprometido no seu estilo, mas a contrapartida parece não ser aceita mais facilmente, pois critica-se o jogador sem técnica, ou melhor, aquele que não exercita os fundamentos, que não se disciplina dentro das configurações táticas e *formas* de jogo, que não mantém seu condicionamento físico a partir de uma entrega aos treinamentos diários.

Segundo ainda o professor, toda prática está baseada na teoria e há uma ignorância generalizada que não contribui para o desenvolvimento do futebol no Brasil devido a “*confusão*” entre estes termos:

“No mundo inteiro o jogador possui a bola numa média de dois minutos a dois minutos e dez segundos”, comenta. “Portanto, ele fica oitenta e oito minutos sem a bola. Em função desses estudos os treinamentos mudaram, talvez hoje se jogue mais sem a bola. “A concorrência hoje mostra uma necessidade diferente de trabalho e a evolução só ocorre com a concorrência (...) O treinador não é aquele que vai ao campo fazer um monte de exercícios (...) O jogador brasileiro tecnicamente é um dos mais deficientes do mundo, porém é habilidoso. Esta deficiência não acontece com jogadores de basquete ou vôlei”, compara. “Para nós, que estamos atrasados em aspectos de treinamento, a habilidade ainda resolve alguma coisa, e quando não funcionar mais?”, vaticina.

²² . Lembrar que estilo e técnica foram conceituados no tópico anterior, *futebol jogado nos manuais*, conforme nota 56 (SANTOS,1979).

Técnica e estilo aparecem, portanto, dicotomizados na fala de José Luiz Fernandes, categorias nativas que se justapõem, totalizando o corpo e o desempenho do atleta numa determinada configuração esportiva. No entanto, observa-se uma certa assimetria entre essas duas qualidades sensíveis, uma vez que até admite-se um jogador com pouco estilo, desde que conformado à técnica dos movimentos individuais e coletivos.

Estilo também remete à idéia de “jeito”, evocando, inclusive, outras dimensões do universo simbólico, tão caro à cultura esportiva brasileira. Quando se diz que um determinado jogador possui estilo está se referindo a um “dom” recebido, revelado muitas vezes na fala dos jogadores como uma dádiva ou benção divina.

Também é concebido como uma qualidade *inata*, em princípio um atributo individual, porém remete-se às instâncias inteligíveis compartilhadas, nuances de toda uma coletividade, expressando no plano social todo um conjunto de atributos simbólicos mais permanentes, como malícia, malandragem, improviso, jeito.

Assim, mais do que uma simples demonstração de exercícios e técnicas na referida aula da quarta-feira, dia do encontro inusitado entre os aspirantes a treinadores brasileiros com o grupo de jovens jogadores japoneses, situação descrita mais acima, confrontavam-se ali, para além das qualidades sensíveis estilo e técnica, determinadas qualidades inteligíveis do que é ser japonês e, por comparação, ser brasileiro.

Embora apregoada como um atributo extrínseco e universal, à técnica acrescentavam-se certos atributos morais como caráter, perseverança, ascetismo, adjetivações condensadas atualmente em torno de um determinado noção de profissionalismo, objetivada na conformidade aos ritmos dos treinos e evidenciada nas performances dos jovens japoneses como exemplos a serem seguidos²³.

Obviamente, tal assimetria entre estilo e técnica enfatizada pelo professor está assentada numa ética da competência alicerçada nos métodos científicos cada vez mais aplicados ao futebol, porém não menos engendrada simbolicamente, uma vez que é estimulada por um *habitus* direcionado a maximizar o atual estágio do futebol de alto rendimento e todo o corolário de representações que consagram o esporte como competição, *marketing*, organização racional, estrutura profissional.

²³ . Um aspecto que causou uma certa admiração da parte dos futuros treinadores que os assistiam era o empenho e a determinação com que realizavam os exercícios, numa simples sessão demonstrativa. Todas as vezes que algum jovem errava uma seqüência de movimentos recomeçava novamente no intuito de completar o percurso estipulado de demonstração. Percorriam uma faixa de aproximadamente 50 metros

Pois, como afirma Mauss, aludindo às técnicas corporais:

“estamos em toda parte em presença de montagens fisio-psico-sociológicas de várias séries de atos (...) uma das razões pelas quais essas séries podem ser montadas mais facilmente no indivíduo é, precisamente, o fato de serem montadas pela e para a autoridade social” (MAUSS, 1974[1950]:231).

Desse modo, o sucesso em se conseguir resultados em níveis de excelência no esporte passam necessariamente pelo adestramento físico, psicológico e moral dos atletas. O investimento simbólico em torno da noção de técnica, minimizando a dimensão do estilo, tão enfatizado pelo professor José Luiz Fernandes e outros, demonstra não apenas uma “natural” evolução para um futebol mais competitivo e tido como “moderno”, mas também revela mudanças radicais no *ethos* social e esportivo dominantes, espécie de “autoridade social” que se quer universalizar e se impor, em consórcio aos métodos científicos, gerenciais e administrativos de expansão do futebol tanto num nível local quanto global.

Concepção que revela uma mobilização de investimento material e crescente valorização simbólica em torno da idéia de que para se ter jogadores de excelência, ou simplesmente corpos esportivos são, como aparece nas propagandas das “escolinhas”, é necessário “fabricá-los” e constantemente monitorá-los. Pois não se descobre mais jogadores “prontos” nas várzeas, padrão que perdurou como possibilidade de revelar talentos no Brasil até meados da década de 70.

No Brasil, o exemplo paradigmático de “fabricação” bem sucedida de um jogador foi Zico. Garoto franzino para a prática do futebol de alto nível mas que, por intermédio da intervenção científica, auxílio da medicina e da preparação física, amoldou-se na *pessoa* de um atleta altamente competitivo, como todos sabem, ampliando sua destreza e estilo inconfundíveis. Em *Zico Conta sua História*, o jogador contextualiza o início de sua carreira, transformado em “craque de laboratório”, momento em que adquiriu massa muscular por intermédio dos exercícios e medicamentos. O jogador crescera mais de 10 centímetros por conta de tais intervenções.

No entanto, Zico é um exemplo mais pontual. O processo de “fabricação” ampliada de atletas e com ele o aumento da intervenção dos métodos científicos no adestramento físico e moral dos atletas se deu de modo pioneiro no São Paulo Futebol

tendo que conjugar determinadas habilidades físicas com os fundamentos técnicos (por exemplo, o controle da bola), tarefa que, como se via, era de difícil execução.

Clube, a exemplo do que ocorrera com a reformulação do departamento amador, como foi visto acima.

Em 1986 este clube iniciou um trabalho que visava transformá-lo num verdadeiro “laboratório de futebol”, um “*centro médico fisioterápico aplicado à fisiologia do esforço*”, como conta um dos artífices do projeto, o médico e, atualmente dirigente e administrador profissional de futebol, Marco Aurélio Cunha:

“*daquele trabalho agregado entre departamento médico e comissão técnica, todos agindo com um instrumental fundamental, os dados da fisiologia, ‘nasceram’, entre outros meninos então franzinos, craques como Cafu, Muller, Juninho...*” (A gazeta Esportiva, 16/11/1986; 23/01/1997).

Estes e outros jogadores ajudariam, nos anos posteriores o São Paulo a conquistar, além de títulos nacionais, dois torneios sulamericanos (A Libertadores da América) e dois mundiais interclubes.

Esta confluência, bem sucedida no caso de Zico, entre as dimensões físicas e morais, em última análise entre estilo de jogar e estilo de vida, que permeia o discurso sobre a necessidade de se compatibilizar as qualidades sensíveis estilo e técnica, foi crucial para a divulgação do futebol, por exemplo, no oriente, sobretudo no Japão, onde Zico foi o precursor e principal divulgador da modalidade, ainda aclamado como ídolo maior deste esporte.

O que não ocorreu, ou ocorreu de modo diferenciado, nas trajetórias de outros consagrados jogadores brasileiros com carreiras internacionais tais como Romário²⁴, Edmundo, Djalminha, entre outros, freqüentemente vistos como “jogadores problemas”²⁵ e, embora o sucesso, quase que inadaptáveis fora do país.

Apesar da grande visibilidade alcançada por alguns desses jogadores no exterior, suas trajetórias mostram que estiveram mais refratários à construção da *pessoa* do atleta nos moldes considerados científicos e profissionais, *modernos* portanto, no adestramento de suas qualidades sensíveis e na condução de um estilo de vida compatível com esta ética esportiva.

²⁴ . No programa Esporte Real, da *Sportv*, Romário em entrevista a Armando Nogueira afirmou certa vez que achava realmente que merecia um tratamento especial, ou seja, um treinamento diferenciado dos outros atletas. Ele associava este tratamento à sua capacidade excepcional de jogador que, nos termos do professor José Luiz Fernandes, está consubstanciada no seu estilo. Romário, ao reivindicar uma certa distensão nos treinos, parecia minimizar a importância da dimensão da técnica como qualidade dominante para a manutenção de sua performance em campo.

²⁵ . Para uma contextualização e análise da expressão “jogador problema” consultar Florenzano (1998).

Edmundo abandona os treinos na Fiorentina da Itália e vem comemorar o carnaval brasileiro, uma festa sabidamente de excessos, no ano de 1998. A tão divulgada “vida noturna” de Romário, monitorada pela imprensa esportiva, igualmente pesava, e ainda pesa contra o jogador, criticado sobretudo pela crônica paulista²⁶. Fato semelhante ao que ocorre com Djalminha.

Geovani é conhecido pela imprensa espanhola como “el muerto”²⁷, numa clara alusão à sua “preguiça” e pouca disposição em se adequar ao jogo competitivo, aos esquemas táticos e *forma* de jogar do time do Barcelona. Viola, jogador que reinventou novas modalidades lúdicas para o ato de comemoração dos gols, abandona a Espanha por não se adaptar à comida do referido país, fato intensamente criticado como atitude imatura, falta de personalidade, revelando pouco profissionalismo. Sócrates, por sua vez, na Itália, sentia saudades e pouco contribuiu para o time da Fiorentina...

As comemorações de Viola, ora enaltecendo algum acontecimento por mímicas, ora descrevendo movimentos rítmicos frenéticos com todo o corpo, muitas vezes estereotipando jogadores e torcidas adversárias, foram objetos de críticas e controvérsias da parte de muitos na imprensa especializada. Atitudes consideradas propriamente não esportivas, explosivas e até mesmo “irracionais”. Numa dessas ocasiões, ao fazer um gol contra o Palmeiras saiu à beira do gramado imitando compulsivamente um porco, animal impingido e posteriormente tomado como símbolo pela torcida palmeirense²⁸.

Em Viola, observam-se as faces de um estilo de jogar e de vida mais hedonistas, que muitas vezes englobam o aprendizado e uso da técnica como expressão única ou preponderante de um profissionalismo ascético que se quer impor, dentro e fora de campo. Fruição de uma emoção mais identificada à das arquibancadas, porém muitas

²⁶ . É tentador comparar estes dois ídolos da torcida do Flamengo, Zico e Romário, sob o prisma dos investimentos oriundos de suas fortunas conquistadas no futebol. Enquanto Zico preocupa-se em formar jogadores num centro de treinamento privado num bairro socialmente valorizado, Romário inaugura um bar, uma boite na cidade do Rio de Janeiro e engaja-se em projetos populares de formação de atletas na periferia.

²⁷ . Atuou no time do Barcelona até 1999.

²⁸ . Por exemplo, as comemorações de Pelé “socando” o ar após a feitura de um gol popularizaram-se mundialmente nos anos sessenta. Nos anos setenta o centro-avante palmeirense César, apelidado de “maluco”, atirava-se ao alambrado e confraternizava junto aos torcedores. Viola introduziu novas modalidades performáticas para estas comemorações nos anos oitenta, criadas a cada partida. Outros ainda, já nos anos noventa, tais como Romário, difundiram a exibição de uma segunda camisa por baixo do uniforme, revelada no momento do gol. Atitude reprovada pela FIFA, que alegou prejudicar os patrocinadores dos clubes. No instante maior do futebol, o gol, a camisa cujo patrocínio está estampado é preterida pela outra, geralmente com figuras ou frases expressando algum acontecimento ou fato relevante para o jogador, desde uma homenagem pessoal até uma alusão política ou social. Outros ainda,

vezes desaprovada dentro de uma etiqueta esportiva que atribui novos significados à profissão de jogador e ao futebol como espetáculo²⁹.

Salientando novamente as considerações de Marcel Mauss, é perturbadora uma frase onde afirma, ao final de seu texto sobre as técnicas corporais que “*É graças à sociedade que há segurança de movimentos prontos, domínio do consciente sobre a emoção e a inconsciência*” (MAUSS, 1975[1950]:232).

A Viola, Romário e tantos outros é necessário impor, de um ponto de vista específico, determinadas condutas e etiquetas esportivas mais previsíveis, “conscientes” de uma tomada de posição adequada aos novos desígnios de um futebol pautado pelas injunções mais racionalizadas de um mega-espetáculo.

No campeonato brasileiro de 1999 tais proibições seriam formalizadas pelo Conselho Nacional de Arbitragem, Conaf, segundo determinação de seu presidente, o ex-árbitro Armando Marques. O jornal *Lance*, de 22/07/1999, trouxe as resoluções:

*“Cartão vermelho – (...)o uso de camisetas com propagandas publicitárias ou de caráter político, que estiverem por baixo da camisa do clube será punido pelo árbitro com a expulsão. Camisetas com fotos ou com mensagens positivas estão liberadas. Além disso, se o jogador atirar a camisa para a torcida ou subir no alambrado, também receberá o cartão vermelho. Cartão Amarelo – pelas novas regras, coreografias de todo o tipo serão punidas imediatamente com cartão amarelo pelo juiz. Máscaras, imitações ou coisas do gênero, que forem consideradas como deboche, serão punidas com o amarelo”*³⁰.

Os desdobramentos simbólicos do embate entre estilo e técnica podem ser constatados num nível ainda mais individualizado quando se compara, por exemplo, as carreiras e trajetórias de sucesso dos irmãos Sócrates e Raí.

O primeiro, um dos últimos jogadores de excelência que, na linguagem popular, “nasceu feito” para o futebol contrasta vivamente com o segundo, Raí, que, tornando-se um dos ícones esportivos dos anos 90, cristalizou no imaginário popular o exemplo de exuberância física dada a sua dedicação aos treinamentos e vigorosa manutenção do condicionamento atlético. O que, em termos estéticos, é observado no investimento na

tal como Paulo Nunes, atacante do Palmeiras no final dos anos noventa imitava personagens da televisão, usando máscaras e coreografias.

²⁹ . As comemorações, inclusive as de Viola, voltariam a causar polêmicas numa crônica de Tostão: “(...)Alguns sociólogos, psicanalistas e jornalistas criticaram as últimas comemorações de gols, como a do Viola imitando um pistoleiro, com a alegação de que elas incitam a violência(...) Merecem a repulsa de todos [no entanto] as comemorações feias e desrespeitosas, como as do Geovanni do Barcelona, dando uma banana para os torcedores do Real Madrid, a do Leandro, ex Inter, imitando um cachorro fazendo xixi na Espanha e os gestos obscenos do Romário para a torcida, após o segundo gol contra o Vélez [time argentino]” (Tostão, coluna *Toque de Classe*, OESP, 04/10/1998).

³⁰ . Grifos meus.

pessoa de Raí como símbolo apolíneo de beleza esportiva, contrastando à figura do anti-atleta “magrão”, tal como era conhecido Sócrates pelos torcedores e imprensa em geral.

Entretanto, Sócrates possuía um estilo inigualável, revelado em menores proporções em Raí, possuidor de um ascetismo profissional que confere a ele certas qualidades morais minimizadas em Sócrates, muitas vezes estigmatizado como irresponsável, apesar de inteligente, na condução de sua carreira profissional, sobretudo fora do país. Já o irmão teve uma passagem pelo futebol europeu crivada de êxitos, dentro e fora de campo.

É reveladora como a imagem de Raí personifica a própria imagem de “modernidade” sustentada por muitos cronistas e dirigentes atribuída ao São Paulo Futebol Clube entre os anos 80 e 90, time que implementou e impulsionou as condições gerenciais e científicas na revelação em escala ampliada de atletas profissionais, como foi observado acima. Sócrates, em contrapartida, encarnava as representações mais caras ao imaginário esportivo condensadas no Sport Club Corinthians Paulista, considerado na época um clube pouco profissionalizado, apesar de sua expressiva projeção popular.

Mais ainda, apesar de doutor, título que supostamente lhe conferia a imagem de alguém que chancela o uso dos métodos científicos nos esportes, é sabido que Sócrates não gostava de treinar e tinha opiniões, na sua época como jogador, muito controversas a respeito das rotinas consagradas à preparação de um atleta profissional, como, por exemplo, a obrigatoriedade da concentração e da cotidianização dos treinamentos, cultivando até mesmo hábitos consensualmente considerados nocivos ao condicionamento atlético, como fumar e beber. Após os treinos apontava para os repórteres setoristas dizendo que se estes quisessem alguma entrevista esta deveria acontecer no bar, de modo informal e regada a cerveja³¹.

2.3 os técnicos “de ponta”

Além dos *Cursos Básicos*, o SITREPESP organiza uma outra modalidade preparatória de treinadores denominada de *Soccer Clinic* – curso internacional para treinadores de futebol³². Dentro de um mesmo propósito de divulgação e ampliação da

³¹ . Uma outra face de Sócrates eram suas conhecidas tomadas de posição política em determinados momentos do país, tais como o movimento das “diretas já”, em 1984. Misturando futebol e política construiu uma carreira que ficaria marcada pelo viés da reivindicação.

³² . Cursos de capacitação e atualização são realizados por outras modalidades esportivas como, por exemplo, a CBV (Confederação Brasileira de Vôlei). Desde 1977 a CBV patrocina dois cursos, nível 1 e

área de atuação do sindicato³³, expresso na forma de reciclagem e capacitação de profissionais³⁴, o *Soccer Clinic* se diferencia do primeiro curso a começar pelo conteúdo programático, mais voltado para o nível profissional, abordando temas específicos relacionados ao futebol de alto rendimento, tal como enfatizado na Revista Comemorativa dos 10 anos do sindicato:

“O *Soccer Clinic* viverá sua sétima edição (...) e, como sempre, concentrará seus esforços no intuito de melhorar a formação profissional de técnicos de futebol, baseado em princípios científicos. O objetivo continuará sempre o mesmo: engrandecer o futebol brasileiro a partir da formação de treinadores e técnicos de alto nível, com total participação popular”.

A premência em incorporar cada vez mais treinadores formados nas escolas de educação física aos clubes³⁵ e reciclar os conhecimentos sobre fundamentos técnicos parecem fazer parte do processo de esgotamento da idéia de que, tal como os jogadores, os técnicos também não “nascem feitos”, embora muitos ascendam à profissão em nome de estilos performáticos *sui generis*, que muitas vezes se sobressaem aos próprios conhecimentos técnicos sabidos e demonstrados³⁶.

Dáí a necessidade em formá-los numa escala mais ampliada, propósitos claramente aludidos por muitos que ali palestraram, tal como enfatizara o *manager* esportivo José Carlos Brunoro. Todavia é óbvio que o acesso ao futebol profissional continua extremamente seletivo, trilhado muitas vezes de maneira casual, circunstâncias em que ex-jogadores experimentam possibilidades às vezes únicas em clubes, o que

2, no intuito de padronizar a atuação dos técnicos. Diverso destes patrocinados pelo Sitrepesp, os do vôlei exigem que os candidatos sejam formados em educação física e, no caso do nível 2, tenha idade acima de 28 anos. No tênis e no Atletismo também observam-se cursos semelhantes. Em todas estas modalidades a ênfase extrapola o aprendizado *stricto sensu* do treinamento técnico, pois ministram-se noções de psicologia e medicina esportiva, arbitragem e estatística para controle de treinamento, administração esportiva (OESP, 06/12/96).

³³ . Apesar do apelo renovador apregoado pelo presidente Olten Ayres, parece persistir um certo viés personalista na sua administração diante do sindicato, expresso até no endereço eletrônico, onde se observa o nome do atual (1999) presidente compondo a referido acesso à internet: sitrepesp.oltten@mandic.com.br.

³⁴ . Numa entrevista concedida ao diário esportivo (*Lance*, 02/05/1999), reafirmada posteriormente no programa *Super Técnico*, da TV Bandeirantes (16/05/1999), o técnico Emerson Leão, à época no Santos Futebol Clube, propunha um programa de estágios para técnicos de futebol, visando capacitar e revelar futuros profissionais. A cada semestre monitoraria e daria estágios a dois técnicos e suas escolhas seriam mediante um currículo esportivo. O intuito de Leão era preparar técnicos paulistas pois estava preocupado com a migração de profissionais de outras praças esportivas, sobretudo do Rio de Janeiro, para São Paulo.

³⁵ . Desde 1993, para exercer a profissão de treinador profissional é preciso estar munido de diploma de educação física. Exceção feita aos ex-atletas profissionais.

³⁶ . São inúmeras as histórias de treinadores que ocuparam o imaginário torcedor com atitudes muitas vezes tidas como “folclóricas”. É o caso do técnico João Avelino, que nominava seus esquemas táticos ou *formas* de jogo de maneira jocosa e lúdica. Ao invés dos códigos cifrados da linguagem esportiva universal (o 4-3-4; 3-5-2 etc) inventava expressões fantásticas que conferia graça às disputas. Por exemplo, um sistema tático defensivo que chamava de “guarda chuva”.

dificultou, e dificulta, o acesso de muitos à carreira, à mercê de eventualidades que extravasam muitas vezes a competência técnica.

Mas, de qualquer modo, o *Soccer Clinic*, tal como o primeiro curso, revelava-se uma via idealizada para se ascender à profissão de técnico, vislumbrada sobretudo por ex-jogadores. Confrontavam-se ali, semelhante ao que já ocorrera no *Curso Básico*, treinadores de sucesso com iniciantes e pretendentes, distanciados por um abismo que se acreditava diminuir com eventos como aquele.

Porém, mais do que uma via real de ampliação em larga escala no sentido da produção de treinadores, uma certa idealização deste processo parecia, mais uma vez, estar adiante de sua efetiva confirmação, o que colocava em confronto discursos nem sempre afinados com a crença na propalada “modernização” do futebol.

O *Soccer Clinic* tradicionalmente recebe participantes e delegações não só de outros estados como também de outros países, fato constatado na edição do 7º *Soccer Clinic*, realizado numa semana do mês de maio de 1998. Havia ali uma delegação americana de aproximadamente 20 pessoas, monitorada por Tadeu, um preparador físico brasileiro radicado nos EUA, portugueses, marroquinos, japoneses e profissionais de inúmeros times de outros estados.

O destaque internacional entre os palestrantes ficou por conta de Eduardo Gonzales Ruiz, ex-jogador do Atlético de Madri e da seleção espanhola, técnico instrutor da FIFA, convidado a dar sua contribuição e o contraponto internacional ao evento, muito embora a maioria ansiasse pelas presenças das celebridades brasileiras, nomes como os dos técnicos Nelson Batista e Wanderley Luxemburgo, muito em evidência no ano de 1998.

A semana em que fora realizado o curso estava compreendida entre as duas partidas finais do campeonato paulista, fato que mobilizou, além da proximidade da Copa do Mundo na França, boa parte das palestras. O fato era que Nelson Baptista e Wanderlei Luxemburgo estavam se confrontando naquela final, trabalhando no São Paulo Futebol Clube e Sport Club Corinthians Paulista, respectivamente. Aguardava-se uma certa disputa entre os dois, de certo modo promovida pelos próprios organizadores do evento, fato que acabou não ocorrendo, frustrando a maioria, uma vez que Luxemburgo acabou não comparecendo ao *Soccer Clinic*, pois estava concentrado com o time do Corinthians em Atibaia. Situação contornada somente pela presença de Nelson Batista.

A participação de ex-jogadores como alunos era menor do que aquela observada no *III Curso Básico*. Mesmo assim, havia a presença de alguns, entre eles Gilmar, ex-goleiro do Internacional de Porto Alegre, com passagens marcantes pelo São Paulo e Flamengo, atualmente exercendo uma função executiva no próprio Flamengo, Biro-Biro, um grande ídolo dos torcedores corinthianos, Roberto Cavalo, que atuou em times paranaenses e mais ainda tantos outros quase anônimos. Presentes também muitos preparadores físicos, alguns psicólogos, radialistas e dirigentes esportivos. O grupo dos “curiosos” era menor que aquele observado no *Curso Básico*³⁷.

O fato de este curso ter sido ministrado dentro das dependências do São Paulo Futebol Clube despertava a atenção dos participantes que observavam o cotidiano de um clube “grande”, muito embora os treinamentos e a concentração do time profissional principal, envolvido com os jogos finais do campeonato paulista, não estivessem sendo realizados ali, no estádio do Morumbi.

Assim mesmo, presenciavam-se o clima e os bastidores da decisão, próximos que estávamos, física e temporalmente, da partida. A mobilização da imprensa, a chegada dos equipamentos das televisões, a indisfarçada ansiedade de alguns dirigentes e “torcedores ilustres”, que se dividiam entre uma espiada nas palestras do *Soccer Clinic* e nos preparativos para a partida que ocorreria no domingo, dinamizavam as dependências internas do clube. Do lado de fora, a multidão circulava e se acotovelava desde a terça-feira nas bilheterias ao redor do estádio na tentativa de comprar os ingressos, observada pela presença ostensiva da polícia e assediada pelos cambistas.

Chamava a atenção, ainda, o contraste entre dois tipos de comércio, notados somente entre aqueles que transitavam dentro e fora do clube. Do lado interno ao estádio, próximo ao auditório em que estavam ocorrendo os trabalhos, a presença de vendedores de manuais sobre futebol e esportes, novidades do meio editorial, títulos voltados especificamente para os *profissionais*, técnicas e fundamentos, psicologia esportiva, marketing esportivo, biografias de jogadores etc, adquiridos e manuseados com entusiasmo e interesse pelos alunos.

Do lado de fora, o tradicional comércio, nem sempre formalizado, que atende aos torcedores, barraquinhas de sanduíches e bebidas, venda de coloridos souvenirs de todas as espécies, adereços que alimentam a emoção torcedora, bandeiras, bonés,

³⁷ . As inscrições para o *Soccer Clinic* deste ano foram feitas mediante o pagamento de duzentos reais para sócios e trezentos reais para os não sócios do sindicato, através de comprovante bancário. O que, de certo modo, inibia a presença dos “curiosos”.

camisas, qualquer objeto que suportasse o distintivo do clube. Muitos entre os alunos do curso optavam pela comida das barraquinhas, o cachorro quente partilhado com anônimos torcedores à espera dos ingressos. As refeições oferecidas dentro do clube no restaurante ou lanchonetes eram muito caras, ainda mais para quem vinha de outros estados e cidades e, tendo que ficar a semana toda em São Paulo, vinham com o “dinheiro contado”.

Era visível um certo “contágio” entre estas duas especialidades, sugerindo uma espécie de trânsito da emoção realizado pelos alunos que circulavam entre estes espaços, sobretudo na hora de almoço, momento em que se intercalavam as atividades da manhã e da tarde. Ao chegarem para as palestras do período da tarde, denunciavam uma euforia trazida do clima do lado de fora do estádio, que somente se arrefecia com as advertências dos organizadores que pediam o silêncio e a atenção para o reinício dos trabalhos.

Para aqueles que conviviam com realidades mais desfavoráveis, profissionais dos “pequenos” times, aquelas circunstâncias apresentavam-se como novidades. Os corredores, as salas de troféus, o museu, o auditório, os refeitórios, as piscinas, os campos de treinos, enfim, todo o entorno bem como a própria dimensão do estádio, contíguo ao clube, encantavam os presentes. Observar o gramado não do ponto de vista das arquibancadas, lugar dos torcedores “comuns”, mas do interior do próprio estádio evocava outras sensações, flagradas nos semblantes admirados ante a monumentalidade daquele complexo de cimento armado.

Fato que incitava os alunos a uma quase “romaria” pelas dependências do clube e que, no decorrer dos dias, pediam para tirar fotos no meio de campo, registrando um instante que se acreditava solene. Circunstância formalizada no último dia de aula, sexta-feira, onde todos posaram para o registro oficial que marcava o término dos trabalhos. Registro fotográfico posteriormente veiculado no jornal informativo do sindicato.

Neste *Soccer Clinic*³⁸, os termos da discussão ganhavam um tom diferenciado daquele observado no *Curso Básico*. Não se falava mais, simplesmente, de táticas ou “segredos” do futebol, mas sim de “filosofia tática” ou “técnica de alto nível”, advertindo aos assistentes que se tratava de uma abordagem “de ponta” sobre o futebol.

³⁸ . O próprio vocábulo *soccer*, grafando a palavra futebol em inglês norte-americano, é indicador de uma certa concepção de “modernidade esportiva” em discussão neste evento. É curioso que o futebol nos EUA não consta nem entre as dez mais populares modalidades esportivas praticadas pelos americanos, embora emprestasse o nome e *status* ao curso.

Fato que ficou evidenciado nos quiproquós e contratempos surgidos entre alguns membros do corpo de professores e a platéia, freqüentemente advertida pela sua conduta “amadorística”, “torcedora” e até mesmo anti-ética, na ótica de alguns palestrantes e organizadores.

A começar pelo relacionamento um tanto quanto tenso com o instrutor espanhol que a toda intervenção – foram três aulas ministradas por ele – fazia questão de frisar que não estava ali para ditar como deveriam proceder os técnicos brasileiros, pois seu papel era tão somente relatar como se concebiam e procediam, em Espanha, as rotinas dos treinamentos, eximindo-se das comparações entre as duas escolas, brasileira e espanhola, de jogar.

Todavia, a cada aula ficavam mais evidentes suas diferenças com uma platéia um tanto quanto descrente de suas explicações. Volta e meia perguntavam a ele o que achava da seleção brasileira, do esquema tático de Zagallo, do aludido “1” de sua *forma* de jogar, o que, enfim, achava do futebol praticado no Brasil.

Constatou-se, então, um gradiente de opiniões sobre o técnico da seleção brasileira. Desde aquelas que se recusavam tecer qualquer comentário a respeito do planejamento tático do Brasil, evocando que ali não era o momento apropriado, como várias vezes frisou o técnico espanhol, visivelmente constrangido com tais interpelações, até opiniões mais despojadas, francamente desfavoráveis à Zagallo, tais como aquelas proferidas por Júlio Mazzei, preparador físico do Santos Futebol Clube na “era Pelé” e grande incentivador do futebol nos EUA nos anos setenta, ao afirmar que Zagallo era um “inventor”.

Zagallo e a seleção continuavam invadindo e “contaminando” as palestras do *Soccer Clinic*. Numa das aulas teóricas, a do dia 6 de maio, conceituando o papel de treinador, o aclamado técnico Nelson Batista irritou-se com um indivíduo que, da platéia, ironizou o então técnico da seleção. Definindo o perfil de um treinador, Nelson exclamava: “o técnico é tudo, astro, mágico, feiticeiro, mestre, burro...”, momento em que foi interrompido com uma frase disparada do auditório, “burro é o Zagallo”, despertando os risos nos mais contidos.

Imediatamente o então técnico do São Paulo passou a dar indistintamente um sermão nos presentes, dizendo que aquilo ele não admitia e que não estava ali para agüentar aquela “conduta de torcedor”, pois seu trabalho era sério e pressupunha respeito a ele e a qualquer técnico, inclusive Zagallo. Seguiu sua palestra em meio a um constrangimento geral.

Tratava-se de discutir, diverso da ênfase dada às categorias de base e às “escolinhas” no *Curso Básico*, os fundamentos da profissão e o papel desempenhado pela figura do treinador “moderno” e “de ponta”. Assuntos abordados sob vários ângulos, desde aqueles que diziam respeito mais diretamente ao exercício profissional, ou seja, o preparo técnico, até questões mais gerais sobre as mudanças institucionais ocorridas no futebol profissional atual.

Por “modernidade” no futebol profissional atual, valendo-se da conceituação nativa, compreende-se um amplo processo constituído a partir dos parâmetros administrativos gerenciais implantados em princípio nos clubes, e fundamentados sob critérios orientados por uma racionalidade privada, tal como sugerido na Lei Pelé e sintetizado pelo *manager* José Carlos Brunoro, convidado a dar uma das aulas sobre administração esportiva neste *Soccer Clinic*. Conceituação corroborada em seu livro programático:

“Mas o que é modernidade? Modernidade significa estar a par de tudo aquilo que passa por um processo de transformação: teorias administrativas, avanços tecnológicos – na informática e na medicina esportiva –, tendências do mercado de jogadores no Brasil e no exterior etc. Para isso, um administrador competente não pode parar no tempo. Deve ficar ‘atenado’ com o mundo. É inadmissível que um indivíduo, só porque atua no futebol, leia apenas o caderno de esportes dos jornais”(BRUNORO & AFIF, 1997:49).

Contudo, nem sempre tal discurso afina-se com as representações mais consolidadas no futebol brasileiro. À própria definição de técnico, Nelson Batista incorporava uma dimensão cosmológica, afirmando que ele é tudo, de burro à mágico e feiticeiro³⁹. O que visivelmente contrastava com esta outra, que circunscreve o papel de treinador ao cargo de “diretor técnico”, cujas funções ficariam mais restritas, inibindo os atributos simbólicos engendrados no imaginário social em torno da figura “mágica” do técnico de futebol.

As divergências discutidas em nível nacional em torno da competência de Zagallo são reveladoras da dinâmica que parece sustentar a natureza deste debate, aparentemente circunscrito ao âmbito dos questionamentos técnicos e metodológicos de

³⁹ . Tal como ocorrera com a palestra de Carlos Alberto Parreira no *Curso Básico*, Nelsinho também tentou expor aos alunos um programa de simulação de jogadas e táticas de jogos virtuais. Ao contrário da bem sucedida exposição de Parreira, o seu computador não funcionou, o que gerou muita frustração da parte daqueles que estavam ansiosos pela novidade tecnológica e, de outra parte, ironia de outros mais refratários às novidades trazidas pelos técnicos “de ponta”.

seu trabalho, tidos por muitos como superado e romântico, representante de um futebol ultrapassado⁴⁰.

Após a malograda atuação do escrete nacional em campos norte-americanos, num torneio preparatório para a Copa do Mundo de 1998, denominado Copa Ouro, uma pesquisa de opinião com torcedores, veiculada nos jornais⁴¹, apontou que o técnico ainda dispunha de uma popularidade considerável, em torno de 41%. Sendo que 38% reivindicavam a necessidade de um auxiliar para ajudá-lo, mas não necessariamente sua destituição do cargo. E 21% opinavam a favor de sua substituição⁴².

Talvez esta trégua torcedora, num momento dramático, às vésperas de uma Copa do Mundo, se deveu à própria auto-imagem construída ao longo de sua carreira como jogador e técnico, e em muito amplificada pelos *profissionais* e *especialistas*, que apontam como uma das suas qualidades incontestáveis a presença da sorte, que marca de modo indelével um determinado “estilo Zagallo”.

Os elogios e críticas, que incidiram sobre a capacidade técnica de Zagallo comandar uma seleção, esbarraram, inúmeras vezes, neste domínio do imponderável, ou seja, na aludida fortuna do treinador. O que revela, ainda que de modo polêmico, um investimento não desprezível numa dimensão aparentemente confinada ao domínio torcedor mas, como se nota, parece possuir uma *eficácia simbólica* que transcende a fala comum, contaminando a própria crônica especializada e o domínio dos profissionais.

De fato, em seu currículo está presente uma série importantíssima de vitórias para o futebol brasileiro, que muitos, entretanto, atribuem, em parte, à obra do acaso. Talvez valesse a pena analisar a construção da imagem e da carreira vitoriosa de Zagallo a partir desta dimensão cosmológica da sorte⁴³. A presença de Zagallo, desde a primeira conquista em mundiais, intensificada após o triunfo na Copa de 70 como técnico, foi uma constante no escrete nacional⁴⁴.

⁴⁰ . Equipes de grande porte no Brasil vêm incorporando, cada vez mais, outros profissionais, tais como nutricionistas e psicólogos, nas comissões técnicas, como será explicitado. Zagallo foi mais refratário a presença destes profissionais nas comissões técnicas que formou.

⁴¹ . OESP, 22/02/98.

⁴² . Outra pesquisa, Pesquisa Isto é/Brasmarket, apontava que sua popularidade estava em torno de 68,2% de aprovação (*Revista Isto É*, 06/05/98).

⁴³ . Zagallo, quando jogador, atuou como ponta esquerda. Nas Copas de 1958 e 1962 deveria ter sido o reserva natural de Canhoto do São Paulo Futebol Clube e Pepe, ponta que compôs uma das melhores linhas de ataque do futebol mundial, ao lado de Pelé e Pagão, no Santos Futebol Clube. Nas duas ocasiões, Canhoto e Pepe se machucaram, deixando a vaga para Zagallo.

⁴⁴ . É claro que outros aspectos colaboraram para que Zagallo quase sempre estivesse às voltas com a possibilidade de treinar a seleção. Sua escolha para comandar o escrete nacional em 1970 ocorreu, como se sabe, após a demissão forçada de João Saldanha, treinador que se auto-proclamava comunista e que fazia oposição ao regime militar então vigente. Na ocasião, Saldanha respondeu ao general Médici,

Em 1978, ano da Copa da Argentina, momento em que se inaugurava, com Claudio Coutinho, uma concepção e um vocabulário ainda mais cientificista e tecnicista no futebol brasileiro, a imprensa noticiava que Zagallo voltava a fazer sombra e cresciam suas chances de retornar à seleção, numa provável substituição ao referido técnico e aos seus métodos incompatíveis com a “alma brasileira” de se jogar futebol. O que, apesar de todos os boatos, acabou não acontecendo (*Placar*, nº 402, 06/01/78).

Em 1984, numa entrevista intitulada *Eu continuo pé quente*, concedida à mesma revista (*Placar*, nº 756, 16/11/84), o treinador foi perguntado sobre as possibilidades de retornar, à época, a seleção, afastado desde a derrota em 1974: “(...)Não sei, mas que sou pé quente, sou. Fui quarto colocado na Alemanha. O resto, ganhei(...)”. Zagallo esperaria ainda por mais uma década para integrar uma comissão técnica do selecionado.

Dez anos depois, portanto em 1994, exatamente no dia da disputa que redundou na conquista do tetracampeonato contra a Itália, outro jornal de grande circulação em São Paulo publicou uma entrevista intitulada *Zagalo quer tetra por 1 a 0 com gol de mão*. Inúmeras perguntas para o então auxiliar técnico de Parreira evocavam a dimensão do destino e sua suposta sina para a vitória:

“(...) O senhor é muito supersticioso. O que acha da possível conquista do tetra contra a seleção com a qual o Brasil decidiu o tri do Mundo em 70?(...) O senhor já sonhou com a conquista do tetra?(...)”. O que Zagallo vaticinou: “(...)Não sonhei, mas estou convicto. Somos predestinados, está escrito, confio(...)”(Folha de S. Paulo,17/07/94).

Numa outra oportunidade, concedendo uma entrevista às vésperas de seu centésimo jogo pela seleção brasileira – Zagallo é recordista de jogos como treinador do selecionado – ao ser interpelado sobre seu lado supersticioso, sintetizou:

“(...)A superstição começou com o roupeiro do Botafogo, o Birruma. Estava parando de jogar e passei a dirigir o time principal do Botafogo. Ele sugeriu que eu usasse a camisa 13. Casei no dia 13 de janeiro, a minha mulher é devota de Santo Antonio, no dia 13, daí começou. E tive sorte de começar ganhando tudo como treinador, em 67, 68...Hoje, o número 13 está muito presente na minha vida (...)Atravessei as melhores fases no Flamengo, onde fui tricampeão. Em 1958, fui campeão do mundo pela seleção. Saí para o Botafogo; foi a melhor fase do Botafogo, de 61 a 62 com o bicampeonato estadual. Só peguei as fases boas. Fui campeão do mundo pela seleção, em 62. Agora, eu tive sempre do meu lado uma estrela, Deus

presidente que insistia na convocação de Dadá Maravilha, jogador do Atlético Mineiro, que na seleção quem comandava era ele. Zagallo jamais se pronunciou sobre questões políticas e administrativas que colocassem em suspeição os desempenhos administrativos da CBF, sequer sobre posicionamentos ideológicos mais engajados.

me iluminando, porque só fui ser campeão do mundo quando estava com 27 anos e o Pelé, com 17(...)” (OESP,23/06/96)⁴⁵.

Tal como um conjunto de mitos em transformação, Zagallo reverencia esta relação com o número 13, incorporando ou descartando novos elementos, todavia mantendo um ar familiar à sua narrativa. No ano da Copa da França, numa entrevista, incorporou a própria imprensa esportiva no rol das coincidências em torno da referida dezena. Perguntado sobre essa história da mística do número 13 na sua vida, mais uma vez descreveu:

*“(...)A minha primeira camisa como técnico tinha o número 13, começamos a ganhar todas as partidas e a imprensa atribuiu a sorte ao 13 e começou a descobrir várias coincidências com o número. Por exemplo: a data do meu casamento é 13 de janeiro, eu moro no décimo terceiro andar, a placa dos meus carros terminam em 13; 5 + 8 de 58, ano em que ganhei meu primeiro mundial, é igual a 13, o mesmo acontece com 94, Roberto Baggio [o italiano que perdeu o pênalti e que deu o tetracampeonato para o Brasil] tem 13 letras, minha esposa é devota de Santo Antônio que, de acordo com a folhinha, é o santo do dia 13 de junho. E por aí vai...(...)”*⁴⁶

A última convocação dos jogadores, que foram à Copa na França, ocorreu no mesmo hotel e com o mesmo mestre de cerimônias, mantendo a superstição, como destacou uma matéria televisiva⁴⁷, que levou o Brasil, quatro anos antes, a conquistar o tetracampeonato nos EUA. A sorte estava lançada, mais uma vez...⁴⁸

Ao contrário de todo este imaginário controverso que cerca personagens como Zagallo, o cargo de diretor técnico, dentro desse futebol considerado “moderno”, consistiria tão somente em mais uma ocupação, uma função pré-estabelecida dentro dos organogramas dos departamentos profissionais de futebol, segundo a concepção do “futebol 100% profissional”⁴⁹ que se quer generalizar.

Portanto, ele, o técnico, não é “tudo” e suas responsabilidades seriam limitadas e compartilhadas dentro de um projeto que se supõe racionalmente organizado e

⁴⁵ . Observar que a própria grafia de seu sobrenome sofreu um acréscimo de uma letra *l*. Das seis que formavam Zagalo, passou a Zagallo, com sete letras, provavelmente aconselhado por numerologistas.

⁴⁶ .Entrevista concedida à revista *Prodoctor Business*, publicação bimestral de *Aché Laboratórios Farmacêuticos S.A.*, destinada à classe médica, distribuída gratuitamente, maio/junho, 1998.

⁴⁷ . Programa *Bom Dia Brasil*, às 7:48h, Rede Globo de Televisão.

⁴⁸ . O Brasil, pela segunda vez em sua história, conquista o vice-campeonato mundial. De modo conturbado, Zagallo se despede da seleção, levando em sua bagagem mais uma história sobre o número 13. Na final, contra a seleção francesa, o time brasileiro perdeu, por 3x0, pela 13ª vez em jogos de copa do mundo.

⁴⁹ A expressão *futebol 100% profissional* é o título de um livro escrito por José Carlos Brunoro em co-autoria com o jornalista e consultor de marketing Antonio Afif.

gerenciado por dirigentes profissionais. Mais do que evidenciar estilos, do treinador espera-se o saber técnico.

Esta anunciada dessacralização da imagem do técnico pode ser exemplificada no comportamento de um de seus maiores arautos e colaboradores entre os técnicos brasileiros, Wanderlei Luxemburgo. A sua conversão para uma atitude pautada por valores mais racionais na condução de sua carreira de treinador coincide com sua ascensão ao comando do selecionado brasileiro, sucedendo justamente Zagallo.

Tido como técnico personalista e vaidoso anunciou publicamente o abandono de certas práticas consideradas “mágicas”, tais como as freqüentes consultas a pais-de-santo ou a “sensitivos”, como atestaram algumas matérias jornalísticas, tais como *Irmã guia ajuda Luxemburgo à distância*:

“(...)a parceria com Robério de Ogum também terminou para o técnico que quer modernizar a seleção nacional, introduzindo os postos de psicóloga, assistentes social e consultores na comissão técnica (...) Já fiz muito trabalho a pedido dele [aponta sua irmã, a mãe-de-santo Leocádia Luxemburgo]. Nos últimos anos, o Wanderlei está sumido, mas não o abandono. Continuo fazendo as obrigações para ele”(Folha de S. Paulo, 21/08/1998)⁵⁰

Caberiam aos clubes, segundo estas novas solicitações de gestão administrativa sintonizadas com as ingerências empresariais então em voga, tão enfatizadas nos cursos de capacitação e nos debates no âmbito da mídia, minimizarem certas qualidades e atributos morais e de autoridade dos técnicos, pois estes consistiriam tão somente em estrategistas que ministram “aulas” para os jogadores, tais como aquelas dadas e demonstradas ao longo dos cursos realizados no sindicato.

Os fundamentos desta nova concepção de técnico encontram-se na divisão social e simbólica do trabalho das comissões técnicas e as novas concepções de treinamentos impostas em alguns dos clubes considerados “grandes”. É o que será visto com mais detalhes no tópico a seguir, *rotinas e rituais*.

Antes, porém, de passarmos para a questão dos treinamentos e das comissões técnicas, observemos o impacto causado por estes cursos promovidos pelo SITREPESP nas biografias dos jogadores, para que se compreenda de modo mais detalhado o difícil percurso na manutenção de uma carreira de jogador e a transição para a carreira de técnico ou mesmo cronista especializado.

⁵⁰ . A respeito de Robério de Ogum, relata a matéria: “durante dez anos, Robério acompanhou Luxemburgo por todas as equipes por que passou, para ‘aconselhar o amigo’. Em algumas oportunidades, tinha a passagem e estadia pagas pelos clubes” (Folha de S. Paulo, 21/08/1998).

Guardadas as especificidades, estas biografias, genericamente, apontam para os dilemas certamente vividos pela maioria dos jogadores que não conseguem atingir os níveis de excelência como treinadores “de ponta”, representados de modo paradigmático, por exemplo, em Zagallo, Nelson Baptista, Carlos Alberto Parreira ou Wanderlei Luxemburgo, ou nas carreiras de alguns ex-atletas e agora comentaristas especializados consagrados, como Tostão, Rivelino, Casagrande, Gérson, Raul Plasman, Carlos Alberto Torres, Falcão entre outros.

2.4 trajetórias e dilemas profissionais

A reconstituição das trajetórias, que seguem, de dois jogadores foi produto de entrevistas gravadas e informais realizadas ao longo das conversas durante os intervalos das sessões do *Curso Básico* e do *Soccer Clinic*. Momentos de intensa troca de informações entre os participantes que, do ponto de vista da análise comparativa, revelaram-se muito ricos ao confrontar experiências singulares desses *profissionais*, que procuram a via da especialização como alternativa de reingresso no futebol.

O destino profissional de muitos dos ex-jogadores, certamente da ampla maioria que em todo semestre procura por estes cursos de capacitação, é menos glamouroso e, conseqüentemente, distinto daqueles que conseguem uma maior visibilidade ou manter o prestígio conquistado quando atletas dentro do enquadramento do futebol, sejam como técnicos, comentaristas especializados ou administradores esportivos, posições restritas à uma minoria de jogadores que, por caminhos diversos, dão prosseguimento às carreiras esportivas.

A presença de ex-jogadores nestes cursos, por volta de um terço dos inscritos, tanto no *Curso Básico* quanto no *Soccer Clinic*, justificava-se menos pela instrumentalização efetiva que os capacitassem de imediato no uso dos conteúdos programáticos ali ministrados pelos ex-colegas e professores de sucesso, e mais para reatarem redes profissionais de sociabilidade e de significados, recuperando um nexos reordenador das carreiras já repletas de percalços e contratemplos.

Ali, ocasiões em que circularam muitos jogadores, técnicos, jornalistas, vislumbrava-se mais uma estratégia, quem sabe, de um possível recomeço: “*quem está precisando de um auxiliar técnico*”, “*um preparador físico que já passou por vários clubes de divisões inferiores*”, “*qual time que está contratando para formar suas categorias de base*”, “*quem lamentavelmente fechou seu departamento de futebol*”, “*como está o futebol no nordeste*”.

Um exemplo mais visível entre os que freqüentaram o curso e que expressava esta estratégia de tentativa de retornar ao futebol era Zé Eduardo, ex-zagueiro corintiano, um dos responsáveis pelo título de campeão paulista de 1977. Título que, se não foi o mais importante ao menos foi o que ficou retido na memória torcedora como a mais emblemática conquista realizada pelo clube que, na época, amargava um jejum de vinte e três anos sem vencer um campeonato, fato que pesava sobre os jogadores, comissão técnica, dirigentes e torcedores.

Época em que a mobilização torcedora em torno de um clube não encontrava comparações no Brasil. Haja vista que, alguns meses antes da referida conquista, mais de 60 mil corintianos assistiram uma semifinal de campeonato brasileiro em pleno estádio do Maracanã, dividindo-o com uma grande torcida local, a do Fluminense Football Club.

Foi dentro dessa conjuntura particular de significativa identificação de um time com seus torcedores que foi gestada a imagem de ídolo vivida por Zé Eduardo, forçosamente lembrada e, de modo muitas vezes constrangedor, cobrada do jogador durante toda a semana naquele *III Curso Básico*.

Zé Eduardo, à época de jogador no Sport Club Corinthians Paulista, na segunda metade dos anos setenta, morava próximo a sede do SITREPESP, na casa do sogro, um juiz de direito, fato que lhe trazia as lembranças de um período de intensa visibilidade pública. Naqueles dias de curso, caminhando pelas ruas do bairro, pois almoçávamos em restaurante diferentes, nesses *fast foods* que servem comida por kilo próximos ao sindicato, ia tecendo e reconstituindo alguns fragmentos de uma história que rapidamente conheceu o apogeu e o declínio, tempo em que, por exemplo, negociar contratos de trabalho com Vicente Matheus, então presidente do clube, assumia dimensões que beiravam o constrangimento:

“Ele tratava, a mim e outros jogadores, de ‘menino’ e sempre achava que o que ele dava estava bom, sequer te ouvia, vencia sempre pelo cansaço, mas era um dos poucos sujeitos que não roubavam o clube. Tirava dinheiro do bolso pra comprar jogador, se necessário”.

Estas histórias de Vicente Matheus são por demais conhecidas no meio futebolístico, mas ganhavam uma densidade ainda mais realista nas palavras do jogador, um tanto quanto saudoso das atitudes paternalistas do dirigente.

No último dia de aula mostrei um recorte de jornal que trazia estampada a entrada do Corinthians no gramado naquele confronto com o Fluminense pelas semifinais do campeonato brasileiro de 1976, em que aparecia o time perfilado tendo a

torcida corintiana como pano de fundo. Imagens que, de fato, impressionavam pela quantidade de corintianos que ovacionavam o time. Fitando o velho recorte de jornal, disparou: *“só lembram de mim hoje porque fui responsabilizado pelo gol do Fluminense, nunca fui perdoado por isso... E olha que acabamos ganhando aquele jogo nos pênaltis”*, finalizou.

Zé Eduardo possui uma pedreira, de onde extrai, manufatura e comercializa revestimentos de pisos e paredes. Seu último trabalho no futebol, até aquele instante, havia sido o de treinador do São Bento de Sorocaba, clube tradicional do interior paulista, mas que passava por inúmeras dificuldades administrativas, e que invariavelmente eram transferidas para o próprio treinador, receptáculo de todas as demandas e queixas dos torcedores e jogadores. Contou que, certa vez, pedindo para que os jogadores executassem uma jogada num treino, um determinado atleta interrompendo-o exclamou: *“mostre você como se faz”*. Um tanto quanto constrangido acabou realizando a jogada: *“Rapaz, acertei mas, olha, não sei se faria de novo, nesse momento os caras começaram a me respeitar ali dentro”*.

Mas a realidade em trabalhar nos clubes pequenos, sobretudo para quem inicia uma carreira de treinador, é difícil sobretudo quando os resultados não aparecem de imediato. O São Bento, atravessando uma grave crise, sequer tinha material logístico para efetuar os treinos: *“Fui numa casa esportiva, conversei e consegui um patrocínio e um fornecedor para as roupas de treinos, agasalhos (...) sem esse mínimo você nem motiva os jogadores”*.

Nada disso foi suficiente para que o São Bento, e com ele o próprio Zé Eduardo, não conhecessem a experiência amarga do descenso e do fracasso, fato que culminou, inclusive, no fechamento do departamento de futebol do clube⁵¹.

Agora estava ali, no *III Curso Básico*, acompanhado de seu preparador físico, que lhe emprestara solidariedade na malograda passagem pelo São Bento, ambos à espera de uma outra oportunidade. Mas estava também ciente das dificuldades, sentenciando:

“Esse curso aqui não vale pra nada, olha esse diretor, que cara grosso”, protestava. *“Se eu não conseguir nada volto para a pedreira, tenho três filhos para tomar conta, desisto de vez do futebol”*.

⁵¹ . Apesar de ser considerado um “time pequeno”, o São Bento foi o primeiro clube do interior paulista a conquistar um campeonato da primeira divisão, fato que iria se repetir com o Guarani, em 1978 no campeonato brasileiro e, em 1986, com a Internacional de Limeira, no campeonato paulista.

Zé Eduardo jogou ainda no Botafogo do Rio de Janeiro e encerrou sua carreira profissional como jogador no São Bento de Sorocaba, clube que lhe daria uma chance de se projetar como treinador.

Não voltou a participar dos cursos no ano seguinte, como havia até sugerido ao despedir-se do pesquisador. O próximo consistia no *Soccer Clinic*, mais importante do ponto de vista da circulação de ex-atletas, dirigentes, repórteres esportivos, pois, como já salientamos, tratava-se de um curso internacional. Sua descrença e ceticismo com a carreira o impediram de tentar, pela via dos contatos pessoais ou capacitação técnica através dos cursos do sindicato, retomar a carreira de treinador precocemente interrompida no São Bento.

Mas este não era o sentimento geral partilhado entre outros tantos jogadores menos conhecidos ou até desconhecidos que por lá circularam. Ex-atletas que, por vários motivos, haviam interrompido as carreiras como jogadores e que depositavam algumas expectativas num recomeço sob uma nova condição profissional.

De certo modo o futebol havia garantido ao ex-zagueiro corintiano as condições que possibilitavam viver à margem do campo esportivo e dos imponderáveis que permeiam as carreiras de um jogador de futebol profissional. Outros, certamente a maioria, sequer haviam tido a experiência seletiva e até mesmo excepcional como a de Zé Eduardo de poder jogar num clube de expressão nacional, entretanto, ainda almejavam alguma possibilidade na continuidade da carreira. Um desses indivíduos era Carlos André Gonçalves Cunha que, apesar dos percalços, animava-se e vislumbrava outras oportunidades mais exequíveis como treinador, abortadas na carreira de jogador.

Diferente de Zé Eduardo, Carlos André voltara a fazer alguns outros cursos no SITREPESP, ainda que sem a certeza se exerceria a profissão de treinador de futebol. Sua trajetória testemunha a de centenas de outros jogadores que, percorrendo caminhos semelhantes, tentam a sorte nos meandros do futebol profissional.

Vale a pena observá-la mais de perto como uma experiência representativa de centenas de jovens e famílias, na sua ampla maioria pobres, que sonham ascender socialmente pela via do esporte⁵².

Carlos André Gonçalves Cunha foi e é Caé, recifense criado na Guanabara, “de classe média baixa”, segundo suas próprias definições que, como tantos outros, perseguiu

⁵² . Vale a pena consultar uma série de três documentários dirigidos por João Moreira Salles e Arthur Fontes, denominado *Futebol*, que reconstitui os diversos meandros da profissão de jogador profissional, desde as peneiras até a vida de um ex-jogador.

a carreira de jogador profissional a partir das “peneiras” nos clubes populares da cidade do Rio de Janeiro. Como quase todo garoto que desperta a atenção da família e do círculo de amigos para a habilidade de jogar⁵³, foi incentivado a buscar nas categorias juvenis do “seu” Fluminense e do Flamengo uma “sorte” que, efetivamente, contempla poucos.

No auge do prestígio do futebol brasileiro pós conquista do tri campeonato mundial em 1970, aqueles jovens nascidos em 1963 se aglomeravam nos arredores dos treinos motivados, sobretudo, pela figura emblemática de Pelé, conta, um marco importantíssimo para toda aquela geração que procurou a realização de um sonho de menino.

Mas foi somente na adolescência é que procurou, de fato, um clube para tentar iniciar uma carreira. Não pudera ser “aproveitado” no Flamengo, mas as justificativas do então treinador das categorias amadoras do clube, Júlio César Leal, o deixariam esperançoso, afirmando que ali ele não poderia, naquele momento – finais dos anos setenta – ser aproveitado, mas que deveria tentar em outros times, pois tinha qualidades. Conselho acatado um tempo depois e que o motivou a rumar, mudando-se com sua mãe, para a terra da família, Recife, onde procurou as categorias de base do Santa Cruz, já em idade relativamente avançada, dezenove anos, para quem inicia a carreira.

Caé já iniciou na categoria de juniores do Santa Cruz, à época bi campeão estadual nesta mesma categoria. Situação que facultava ao time reunir futuros profissionais que ganhariam uma certa visibilidade nacional, tais como Henrique Menezes, Catende, conhecido posteriormente como Givanildo, que jogara no Mogi Mirim, interior de São Paulo ou ainda, o mais reconhecido da geração, Ricardo Rocha, nascido em 1962.

No Santa Cruz, recorda o ex-atleta, o problema de ser da geração de 63 o perseguia, haja vista o número considerável de bons jogadores que estavam “estourando” na idade para serem profissionalizados. O fato era que da geração anterior apenas três jogadores reuniam as condições de serem aproveitados, entre eles o próprio Ricardo Rocha, ao passo que os da geração seguinte, na qual estava incluído, onze estavam em condições de permanecerem no clube, profissionalizados.

⁵³ . Segundo Gama (1996), dentro do universo dos jogadores por ele pesquisado, a influência familiar é determinante no ingresso e continuidade na carreira de jogador, cerca de 31% apontam a rede familiar, sobretudo os pais, como os maiores incentivadores (GAMA, 1996:48). Caé ressaltou este aspecto, mostrando que a estrutura familiar lhe serviu inúmeras vezes de arrimo financeiro e emocional para seguir “tentando na profissão”.

Apesar da seleção “natural” que dispensa teoricamente os menos qualificados, as circunstâncias eram ainda agravadas com a prática de vários técnicos contratados das regiões sul e sudeste que traziam nas bagagens outros jovens jogadores e que, de modo direto, concorriam com aqueles formados nos clubes nordestinos.

Exceção a esta regra geral foi o treinador Carlos Alberto Silva, que nesta ocasião estava no Santa Cruz e era conhecido por valorizar as “pratas da casa”, o que colaborou para que Caé, à época de estourar a idade no time junior, começasse a ser alçado ao elenco principal, onde já jogava aquele que viria a ser seu amigo, Ricardo Rocha⁵⁴, que já revelava no início da carreira uma acentuada determinação:

“sempre faltou para mim esta convicção interna, não adianta falarem para você que você joga bem. O Ricardo foi um grande incentivo, até hoje quando dá nos encontramos em Recife”.

Aproveitado esporadicamente por Carlos Alberto, Caé acabou preterido no time, pois, logo num momento seguinte, o técnico deixou o Santa Cruz, levando consigo Ricardo Rocha para o sudeste, indicado para o time do Guarani Futebol Clube. Mais tarde este jogador chegaria à seleção brasileira, projetando-se no cenário internacional.

Da geração de 63 cinco atletas foram aproveitados efetivamente no elenco do time profissional do Santa Cruz e seis foram dispensados, pois, segundo Caé, voltava-se à prática dos “jogadores importados”, o que acarretava, inclusive, a impossibilidade de treinar, tamanho o contingente de jogadores que disputava as dependências do clube:

“Sofri com a síndrome de 63, tinha que disputar com muita gente e acabei sendo emprestado, ‘imposto’ mesmo ao time do Sergipe, nem sabia que tinha empresário no meio, foi uma espécie de transação entre dirigentes. Encontrei um ambiente hostil no Sergipe pois era uma pedra no caminho do treinador [que não o havia indicado], sem contar que inventaram muitas coisas, falaram que eu não estava contente com o lugar em que estava morando, que o time não tinha material...”.

Nesse ínterim, voltando do Sergipe, Caé soubera que o time do Santa Cruz estava no Rio de Janeiro realizando uma partida e que nesta ocasião alguns amigos seus se mobilizaram, sensibilizados com a sorte do jogador, levando uma faixa ao Maracanã, com a reivindicação: “Santa Cruz, cadê Caé”. No dia seguinte, Lori Sandre, à época treinador do time, procurou saber quem era aquele jogador pedido pela “torcida”. Sequer sabia que o clube detinha o passe de um certo Caé. Embora reintegrado aos

⁵⁴ . Ricardo Rocha começara como quarto zagueiro e zagueiro central mas como o Santa Cruz tinha uma carência na lateral direita, firmou-se nesta posição, o que lhe garantiu uma carreira de grande visibilidade nacional e internacional.

treinamentos pelo técnico acabou acontecendo algo semelhante ao que ocorrera anos antes no Flamengo. Naquele momento Lori Sandre não poderia aproveitá-lo, embora, segundo suas palavras, o técnico tivesse feito uma avaliação positiva a respeito de seu futebol.

Foi aí que Caé resolveu procurar outras oportunidades, uma vez que profissionalmente ainda não havia jogado, de fato. O próprio Lori Sandre intercedeu em seu nome junto aos dirigentes para que fosse dado ao então recém jogador profissional o passe livre: *“eu não estou querendo dizer aqui que ele estava me levando para o mau caminho, ele queria me ajudar”*.

Depois de ter sido emprestado para o América de Recife adquiriu o passe livre, ficando, em princípio, liberado para procurar outros clubes: *“Já era um garoto de vinte anos, vinte e um anos (1984) e podia me aventurar sozinho, tinha até mesmo terminado meus estudos de segundo grau”*.

Com o passe livre, entretanto, carregava também todos os estigmas que um jogador carrega consigo no Brasil. Pois, passe livre, ainda é sinal de “jogador problema”, indisciplinado portanto, ou jogador que está contundido, “bichado”, como se diz no meio futebolístico.

Finalmente desvinculado do Santa Cruz, e com intenções de retornar ao Rio para tentar em outros clubes, Caé quase encontrou uma chance no próprio clube que acabara de preteri-lo. Já em meio às despedidas dos amigos, foi assistir a um treino da seleção brasileira que excursionava pelo nordeste:

“aconteceu uma coisa muito marcante na minha vida, eu fui assistir um treino da seleção brasileira no estádio do Santa Cruz, nas sociais do clube, eu já estava com o passe livre, já estava desvinculado ao Santa Cruz e ia assistir ao jogo do time do Evaristo de Macedo que estava preparando-se para as eliminatórias de 1985 para a copa de 1986, né, até então o Telê ainda não tinha voltado [para a seleção]. E eu estava assistindo o treino quando faltou um jogador para completar o treinamento. Eu não sei se era o Jandir, ou outro jogador da época que não pôde treinar por indisposição (...) foram procurar no Santa Cruz jogadores juvenis e eles estavam treinando na praia, foram procurar os profissionais e eles também estavam na praia então a única pessoa capacitada para completar aquilo ou seria o preparador físico ou seria o Pedrinho, auxiliar técnico do Santa Cruz, mas ele também estava com o time. Aí o preparador físico chamado Aires, que continua trabalhando no Sport de Pernambuco até hoje, sugeriu ao Evaristo que tinha uma pessoa que era profissional do Santa Cruz e que estava assistindo o treino das sociais. Evaristo prontamente me pediu para que fosse trocar de roupa e entrasse em campo”.

“Foi uma experiência fantástica para mim pois eu troquei de roupa ao lado de Mário Sérgio, Careca, do Bebeto, do Geovane, não esse agora mas o que jogava no Vasco, o Branco (...) o time que eu joguei eu lembro até hoje era Carlos no gol, Luis Carlos Vinck, Júlio César, Mauro Galvão e Branco, Dema, Geovane, Jorginho, acho que do Palmeiras, Caé, Careca e Mário Sérgio. E a outra equipe tinha Reinaldo, Éder, Mozer, Wladimir. Eu tenho isso guardado até hoje, os jornais pernambucanos deram certa atenção ‘ex-junior do Santa Cruz joga na seleção brasileira’, eu tenho tudo isso guardado em fotografias e jornais...”⁵⁵.

Estimulado pelo acontecimento inusitado que o possibilitou treinar com a “elite” do futebol brasileiro, Caé procurou por Evaristo de Macedo no intuito de conseguir dele alguma indicação, uma chance no América Futebol Clube, time no qual o então técnico da seleção tinha muita relação, segundo o jogador. Nesse meio tempo, o roupeiro do Fluminense, “Chimbica”, que integrava a comissão técnica da seleção, afirmou que o indicaria para a Portuguesa, fato que causou um certo reboliço no Santa Cruz entre alguns dirigentes e torcedores se perguntando por que o clube havia liberado um jogador que agora iria para a Portuguesa de Desportos de São Paulo. Só que, na verdade, a indicação era para a Portuguesa do Rio de Janeiro, um time de pouca expressão, até mesmo no Estado fluminense.

Mas os contatos com um empresário carioca, conhecido pelo sobrenome Malabra, indicado pelo então amigo e ex-técnico Carlos Alberto Silva, já estavam avançados e Caé conseguiu um “teste definitivo” num time da segunda divisão carioca, o Friburguense Futebol Clube.

De volta ao Rio de Janeiro realizou os testes com o treinador Amilton de Oliveira, *“muito bom técnico teórico”*, segundo Caé, vindo do Fluminense e formado em educação física. Por fim, acabou sendo aprovado e aproveitado no clube. Estava consumanda a difícil transição entre o amadorismo das categorias de base e o profissionalismo⁵⁶.

⁵⁵ . Foi o próprio jogador que mostrou os jornais de 1 de maio de 1985, que noticiaram a escalação dos times que treinaram sob o comando de Evaristo Macedo. Lá estava, no time de camisas vermelhas, Caé, entre os selecionáveis.

⁵⁶ . Cerca de mil jogadores a cada ano no Brasil percorrem o caminho oposto, ou seja, oficialmente saem do profissionalismo e ingressam, registrados nas federações, no amadorismo, fenômeno conhecido como *reversão*, como relata a matéria *Atletas voltam a ser amadores em busca de melhores salários: “A contramão da profissionalização é causada pelos baixos salários, mas há casos de jogadores que deixam o esporte por brigas com seus clubes (...) os ‘novos amadores’ são atraídos em parte dos casos por ofertas de emprego em empresas que estão mais interessadas em seu futebol do que na sua competência na nova profissão. As indústrias, por exemplo, contratam alguns profissionais, preocupadas com a disputa dos Jogos Operários”* (Folha de S. Paulo, 23/02/1997). É notável observar que, apesar da crescente profissionalização em curso, aspecto que informa a agenda e as convicções num processo linear de “modernização” do futebol profissional, existam formas de aliciamento e recompensa muito parecidas

Com contrato provisório pela temporada, sem direito as luvas ou “aluguel do passe”⁵⁷, disputou como titular, finalmente, uma temporada pelo campeonato carioca da segunda divisão no ano de 1985, fazendo dupla com um jogador trazido do Fluminense, Isaias que, posteriormente jogou no Benfica de Portugal, depois num determinado time inglês, permanecendo na Europa até pouco tempo: “*o Isaias tinha berço no futebol, era do Fluminense, eu não era nada*”.

Terminada a temporada o Friburguense não subira para a primeira divisão, objetivo de todos que queriam ascender e dar uma seqüência mais estável à carreira. De férias na cidade de Recife procurou manter a forma física treinando no Náutico, rival do Santa Cruz, pois aí no antigo clube “*não tinha mais ambiente*”. Neste meio tempo o Friburguense acenou com a possibilidade de tê-lo mais uma vez para a próxima temporada, seria o seu segundo ano como jogador profissional.

Contudo, ao chegar ao clube não conseguiu assinar o esperado contrato, pois o próprio time do Friburguense, que antecipara suas férias com a possibilidade de tê-lo de volta, havia concomitantemente contratado outro jogador, do América Futebol Clube da cidade do Rio de Janeiro, para ocupar a posição de centroavante⁵⁸, a mesma de Caé.

Na verdade, conta, o presidente do clube havia se precipitado ao chamá-lo, mas o fez porque não sabia se, de fato, o reforço vindo do América iria chegar a Nova Friburgo a tempo para o início do campeonato. A temporada estava para começar e nem a diretoria nem o técnico se definiam sobre o seu aproveitamento no time, além do que precisaria estar inscrito na federação carioca, documento fundamental que comprova o vínculo do jogador ao clube.

Foi em meio a estas incertezas que num treinamento contundiu-se na coxa direita, tornando a situação ainda mais delicada pois, sem o contrato assinado, teve receios em revelar sua contusão devido a falta de garantias que as circunstâncias lhe

com aquelas do começo do século, em que jogadores eram atraídos para as indústrias, incentivadoras do denominado *falso amadorismo*. Para um aprofundamento sobre o futebol amador praticado nas fábricas consultar, por exemplo, os trabalhos de Antunes (1992; 1996).

⁵⁷ . Rezava no contrato apenas o seu salário. À propósito, situação a ser regulamentada pela “lei Pelé”, uma vez que estabelece que o jogador é livre para jogar e ser contratado por qualquer clube. Caé, apesar de um discurso crítico em relação à manutenção do passe por parte dos clubes de futebol queria, além do salário, alugar o passe por uma quantia fixa, transformando sua habilidade e profissão em patrimônio do clube.

⁵⁸ . Caé começara a jogar no Santa Cruz de centroavante, embora tivesse as pretensões de jogar no meio campo. Foi nessa posição que acabou se afirmando e jogando por alguns clubes, dado o seu biotipo, forte e alto, estrutura física pouco comum entre os jogadores do Santa Cruz. Conta que na época em que estava no nordeste vários centroavantes nordestinos faziam sucesso no sudeste, tais como Nunes no Flamengo, Ramon no Vasco, o que acenava como possibilidade de retornar aos centros economicamente mais desenvolvidos do futebol.

impunham. Depois de uma certa hesitação da parte dos dirigentes e comissão técnica, o clube acabou definindo-se pelo outro jogador. Foi quando procurou outro clube, no ano de 1986, o Serrano de Petrópolis:

“Conhecia o treinador do Serrano, fiz um teste, obviamente não estava bem, e fui aprovado sem dar um chute com a perna direita e acabei sendo contratado, assinando um contrato. E realmente na primeira partida do campeonato que eu entrei, estourei a perna. Fiz um tratamento adequado e voltei a jogar de novo, ali sim, o Serrano precisava de mim e fui bem lá no Serrano que vi coisas horríveis. O próprio time se beneficiando com resultados arrumados, coisas horríveis ao nível da arbitragem, ao nível da política...”

Atuando como profissional, Caé, mesmo por um curto período, pôde observar mais detidamente as vicissitudes da profissão. Na ocasião em que estava no Serrano, terminada a temporada da segunda divisão, relata que estava havendo entre os jogadores da primeira divisão uma celeuma em torno da possibilidade da Copa do Brasil daquele ano, 1986, ser estendida para além da data estipulada em lei que prevê o recesso dos jogadores a partir de 18 de dezembro.

Esta questão estava sendo discutida no sindicato dos jogadores profissionais e ali Caé pode presenciar e até mesmo se pronunciar a respeito de certas vicissitudes que envolvem a carreira de jogador, sintetizadas, na sua ótica, em torno da “falta de união” dos jogadores e na precariedade das condições de trabalho nas divisões inferiores, como ele próprio relatou, num tom enfático:

“Tinham vários jogadores famosos e o assunto era sobre a greve dos jogadores, porque queriam estender o campeonato brasileiro (...) O Bebeto até falou que se o Flamengo tivesse que disputar ele iria jogar (...) mas ele ganhava muito bem, o sindicato não pode ser representado só pela classe soberana, a classe dos jogadores que são mais bem sucedidos. O Sócrates teve uma frase muito marcante nessa reunião no sindicato que inspirou muita gente a falar ali, dizia ‘nós somos a única classe do Brasil que podemos parar e fazer greve pois não temos substituto’.

O próprio Afonsinho estava lá, ex-jogador chamado de rebelde mas muito consciente, foi o primeiro jogador a conseguir passe livre na justiça (...) foi deputado federal, eleito vereador na cidade do Rio de Janeiro, é médico, nunca fiquei sabendo que teve problema fora de campo(...), citado na mídia como um provocador, mas ele tava falando e eu levantei o braço e ele disse ‘o companheiro, depois que eu terminar você vem aqui na frente e fala’. Acho que ele pensou que iria me intimidar com aquilo, o que aquele desconhecido da segunda divisão estava fazendo ali, o campeonato havia até acabado. Quando terminou o papo dele fui até a frente e disse: meu nome é Caé, como estou fazendo aqui de novo [neste depoimento], estou

sempre dando a cara pra bater e estou sempre mostrando como são as coisas..., meu nome é Caé, sou da segunda divisão, eu ganho muito mal, não participo desse campeonato brasileiro, já estou de férias, estou sem clube por que o passe é meu e estou aqui prestigiando vocês com mais dois caras aqui da segunda divisão, eu acho que essa reunião tá muito cheia de boa representação mas não tem ninguém, não tem ninguém da segunda, da terceira (...) o sindicato não vive basicamente de vocês. Vocês tem que desenvolver a mentalidade de que o atleta tem que estar unido, todas as divisões, não o Bebeto dizendo que temos que jogar e o Sócrates dizendo que temos que parar. Queria que o sindicato chegasse até as outras divisões”⁵⁹.

Ao mesmo tempo em que relembrava estes fatos de sua trajetória como jogador voltava-se para o presente e dissertava sobre o que esperava dos cursos do SITREPESP:

“É como aqui [no 7º Soccer Clinic], o sindicato dos treinadores não pode viver de Nelsinho Batista, Wanderley Luxemburgo. Existe treinador aí que trabalha como eu trabalhei quando joguei, o Nelsinho me disse que há dez anos atrás quando começou ele pagou para treinar”.

Depois que saiu do Serrano, como capitão da equipe, posição que o impelia a reivindicar constantemente os salários atrasados dos companheiros, fator principal que o levou a deixar o clube, Caé teve uma experiência rápida no futebol da segunda divisão da Alemanha, como sintetiza:

“A diretoria do Serrano não queria nem olhar para a minha cara e então eu sabia que no próximo ano eu não mais jogaria no Serrano”. “Foi quando aconteceu mais uma coisa importante na minha vida. Fui assistir um treino da seleção brasileira em Teresópolis e o treinador era o Carlos Alberto Silva, o velho amigo Carlos Alberto Silva lá do Santa Cruz, que me indicou prô Malabra e que fui parar no Friburguense e depois o Carlos teve uma chance na seleção brasileira, onde estava lá o Ricardo Rocha, estava lá o Ricardo Gomes que era uma pessoa que eu conhecia, procurei a todos para desejar boa sorte e também procurei o Carlos Alberto Silva pra ver se me indicava a alguém, novamente, porque eu estava numa situação difícil”⁶⁰.

Apesar dos percalços, as coincidências pareciam favorecer Caé, pois foi mais uma vez num treino da seleção, já sob o comando de Carlos Alberto Silva, que encontrou um empresário alemão e seu intérprete catarinense, chamado Lindolfo, à procura de um jogador brasileiro para ser negociado na Alemanha. Na verdade, este empresário alemão possuía um contato, uma referência no Brasil, Carlos Alberto Torres,

⁵⁹ . A fala indignada de Caé ganhou as páginas do diário esportivo carioca *Jornal dos Sports* numa matéria intitulada *Jogador decide salvar o futebol* (*Jornal dos Sports*, 28/12/86).

ex-lateral esquerdo da seleção brasileira de 1970, o que o levou, junto do intérprete, num desencontro e equívoco, à Teresópolis até Carlos Alberto Silva, cuja pessoa, de fato, não conhecia, pois procuravam o outro Carlos Alberto. Contratempo que resultou no encontro inusitado de Caé, que estava ali para saudar os amigos, com o empresário alemão.

Atento ao desencontro entre Carlos Alberto Silva e o intérprete estava Caé, observando quais os propósitos do referido empresário alemão. Dizia, por intermédio do intérprete, que precisava de um jogador brasileiro com determinadas características, ser centroavante, jovem e, sobretudo, negro, pois impressionava os dirigentes alemães, como conta o próprio Caé:

“ Ele precisava de um jogador que não fosse famoso, que fosse atacante e que fosse de cor negra, porque lá ele já tinha um jamaicano mas não era atacante (...) porque ele queria impressionar, porque ainda na Alemanha existia aquele negócio de se chegar com um jogador brasileiro negro vai impressionar (...) a visão dele era só comercial”.

Escutando a conversa Caé antecipou-se e ofereceu seu futebol ao empresário, afirmando que atendia a quase todas as exigências, inclusive estava desvinculado de qualquer clube mas, como se via, não era negro. Foi então que o empresário se interessou, mas precisava vê-lo jogando para saber se, de fato, podia aproveitá-lo. Porém, mais um obstáculo se interpunha à carreira de Caé na medida em que, estando desvinculado de um time, não poderia mostrar seu futebol, situação que o obrigou a pensar numa súbita alternativa.

Foi aí que lhe ocorreu recorrer ao seu clube de coração, solução que se apresentava e talvez valesse a pena ser tentada. Procurou o Fluminense, mais precisamente o então técnico Carbone e explicou-lhe a situação dizendo que gostaria de realizar um treino entre os jogadores para que o empresário pudesse assisti-lo e, quem sabe, consumir sua transferência para o futebol da Alemanha. Consultando alguns diretores Carbone viu-se impossibilitado em ajudá-lo, embora, segundo Caé, tenha demonstrado solidariedade ante a dramaticidade da situação. Relacioná-lo ao treino contrariava os procedimentos do Fluminense pois se algo lhe acontecesse ali dentro, por exemplo uma contusão, a responsabilidade recairia no treinador, dada a ilegalidade da circunstância.

⁶⁰ . Após a Copa de 1986 Telê Santana, que havia substituído a Evaristo Macedo duas semanas antes das eliminatórias ainda em 1985, deixou o comando da seleção brasileira, assumindo Carlos Alberto Silva, que começava os preparativos para o pré-olímpico.

A situação alcançou um tal nível de improviso na proposta do intérprete que, não vislumbrando outra saída, pediu para que Caé jogasse mesmo na praia, no aterro do Flamengo, para que pudesse, de alguma maneira, ser avaliado. Porém, o jogador recusou-se, afirmando que jogar entre profissionais era uma situação muito diferente daquela encontrada entre os amadores e “peladeiros” de praia. Mesmo assim, resolveram fazer uma experiência e o levaram por dois meses à Alemanha.

Após malograda experiência na Europa retornou para tentar, ainda mais uma vez, procurar outros clubes no Brasil. Neste final precoce de carreira jogou em diversos times da várzea, inclusive na capital paulistana, onde acabou fixando residência⁶¹. Retomava o futebol pela via dos cursos do sindicato, primeiro os *Cursos Básicos*, depois o *Soccer Clinic*. A emoção, traduzida aqui em possibilidade de reconhecimento, prestígio e ascensão social, de ainda atuar no futebol o impelia a recomeçar de uma outra perspectiva, desta vez como treinador.

Alguns meses após ter participado do 7º *Soccer Clinic*⁶² resolveu insinuar-se na profissão de treinador à frente de um grupo de jovens jogadores, em idades entre juvenil e juniores, no Botafogo da Vila Bela⁶³. O time varzeano só lhe concedeu o nome e o campo para treinar, uma vez que toda a infra-estrutura, da lavagem do “fardamento”, os uniformes comumente são assim chamados na várzea, aos custeios de eventuais viagens, é patrocinada pelo próprio técnico iniciante: “Levei um garoto para o Atlético Mineiro, ficou lá uma semana, paguei tudo. Vamos ver se eles podem aproveitá-lo”, comenta entusiasmado sobre as possibilidades de revelar talentos para o futebol a partir da perspectiva de treinador: “Não tenho pressa, o Rubens Mineli⁶⁴ parou de ser treinador aos 70 anos”, compara.

Sua estratégia é (1999) tornar-se visível como técnico a partir da várzea, mas para que isso ocorra é preciso obter uma estrutura mínima, segundo seus cálculos, para levar adiante tal projeto. Começou a trabalhar com apenas dois jovens com um “programa de treinamento exclusivo para laterais”, que conseguira com um amigo

⁶¹ . Caé é vendedor autônomo de carros, trabalha num escritório próprio sediado em sua casa.

⁶² . Caé voltaria a fazer ainda o 8º *curso internacional*, no ano de 1999.

⁶³ . O Botafogo da Vila Bela, bairro contíguo à Vila Prudente, zona leste da cidade de São Paulo, foi fundado em 4 de abril de 1946, sobrevive basicamente do aluguel do campo de futebol para outros times varzeanos que lá realizam festivais aos finais de semana. Outro time, de beisebol, composto na maioria por jogadores de origem japonesa, também aluga o campo para realizar seus treinamentos. O Botafogo segue a conformação espacial tradicional dos clubes varzeanos, um campo, pequenas arquibancadas, vestiários e um bar, ponto de encontro dos “amigos” e torcedores do time.

⁶⁴ . Técnico popular nos anos setenta, tendo conquistado três campeonatos brasileiros, dois no comando do time do Internacional de Porto Alegre, nos anos de 1975 e 1976 e outro no São Paulo Futebol Clube no ano de 1977.

preparador físico, conjugando os ensinamentos técnicos com o condicionamento físico: *“Você acha que por aí no Brasil você encontrará as comissões técnicas com preparadores, fisiologistas (...) isso é só para alguns times”*, ironizou.

A partir desses dois jovens com potenciais, segundo sua avaliação, tentará alçá-los à carreira profissional. Logo viu-se rodeado por outros mais, ansiosos para iniciarem-se no futebol. Seu projeto é custear um time amador próprio, ainda que modesto, alugando um campo para viabilizar a formação desses jogadores na tentativa de colocá-los nos times profissionais, uma vez que as condições de treinamento são precárias ali no Botafogo.

Mas, por outro lado, questiona certos padrões dominantes, tal como as “escolinhas”, uma vez que, segundo ele, *“isso aí é pura enganação, tem um garoto aqui que está há dois anos numa “escolinha” do São Paulo, nunca ninguém prestou atenção nele, meu negócio é dentro do campo, formar jogadores e não trabalhar com crianças”*.

As trajetórias distintas de Zé Eduardo, ídolo durante um certo tempo num clube de grande expressão, e Caé, que lutou para se firmar como jogador profissional nos clubes pequenos e agora como técnico “periférico”, apontam para algumas estratégias e dilemas sociais e simbólicos vividos por muitos dos jogadores e ex-jogadores no campo esportivo futebolístico brasileiro, certamente da maioria que frequenta o sindicato e seus cursos.

Após encerrarem suas carreiras como jogadores e amoldando-se às realidades mais imediatas, às estruturas quase que imutáveis constatadas nas várzeas ou na maioria dos clubes brasileiros, impregnados das representações mais consolidadas de um futebol que ainda se vê e se reconhece na habilidade inata no trato da bola, nos estilos que muitas vezes superam as propaladas carências técnicas e no amadorismo de seus dirigentes, seguem espelhando-se nas mudanças institucionais, gerenciais, científicas e tecnológicas aplicadas ao desenvolvimento da modalidade, sobretudo implementadas nos times considerados “de ponta”, ressaltadas, em várias ocasiões, de maneira apologética nos cursos ministrados pelo SITREPESP.

3. rotinas e rituais

3.1 a máxima de Didi

“Acho tudo isso meio cômico. Treino é treino, jogo é jogo”, exclamava Didi, reagindo às vaias que recebera do público que o assistia no Maracanã junto aos demais jogadores da seleção brasileira num dos últimos aprontos¹ às vésperas do embarque para a Suécia, sede da edição da VI Copa do Mundo², em 1958. Há algumas partidas Didi não vinha correspondendo o que se esperava dele, afinal, o inventor da *folha seca* seguia preparando-se num aparente desdém³ para um evento considerado crucial para as pretensões brasileiras em se firmar de uma vez como um grande país no cenário futebolístico internacional. Cronistas acenavam para que fosse substituído por Moacir, articulador das jogadas no meio campo do Flamengo de Futebol e Regatas⁴.

Décadas mais tarde, numa entrevista concedida ao escritor e cineasta Roberto Moura, no ano de 1994, Didi relembra este episódio:

(...) alguns críticos diziam que eu era muito lento. Naquela época, em 58, o Moacir era muito rápido, era jogador do Flamengo. Então eu falei: ‘Não sou eu que corro, é a bola que corre’. A velocidade da bola é muito grande, então se eu meto uma bola de 40 metros...(MOURA, 1994:49)⁵.

¹ . *Apronto* era o outro termo comum utilizado para treino. Como se sabe, apronto refere-se a um último galope antes da corrida no turfe. Segundo o dicionário Aurélio consiste também num “*exercício final para a verificação das condições técnicas, no aspecto desportivo, dum indivíduo ou dum grupo*”.

² É Armando Nogueira na coluna *Na grande área* que conta o episódio acima referido (OESP, 16/05/93).

³ . O Brasil se classificara com dificuldades nas eliminatórias para esta Copa do Mundo. Num jogo derradeiro contra o Peru no Maracanã, Didi marcou o único gol brasileiro, de *folha seca*, garantindo a passagem para as finais do referido mundial. Lembrar apenas que as eliminatórias consistem numa primeira etapa do mundial, as finais são concentradas e realizadas num único país, exceção do mundial de 2002 que terá duas sedes, Japão e Coréia do Sul.

⁴ . “(...)os preparativos para a Copa se iniciaram em abril, com detalhados exames médicos e odontológicos (...)Em seguida, chegou a vez da ida para um período de repouso nas estâncias hidrominerais de Poços de Caldas e Araxá, e lá é que foram realizados os primeiros treinamentos com bola e a preparação física, com o professor Paul Amaral. (...)Pelo que apresentou nos coletivos e jogos-treino (...) Moacir incendiou não só a paixão dos torcedores rubro-negros [flamenguistas] – particularmente aqueles que eram jornalistas – como fez muito mais. Suas atuações chegaram até mesmo a criar uma espécie de dúvida nacional. E foi então que Didi rompeu o silêncio para, ao responder a uma pergunta sobre como via toda aquela situação, sair-se com a colocação perfeita: ‘Treino é treino, jogo é jogo’” (RIBEIRO, 1993:69;70).

⁵ . Para uma verificação dos fatos biográficos da vida e carreira de Valdir Pereira, o Didi, consultar, entre outros, *Futebol ao sol e à sombra* (GALEANO, 1997), *Inverno de 93: dias de alegria e tormentos* (MOURA,

Porém, acabou revelando-se num dos artífices da vitória final⁶, considerado pela crônica internacional como o maior jogador daquela Copa, popularizando, para além das qualidades sensíveis evidenciadas no estilo dos passes e chutes de *folha seca*, uma dicotomia que por muito tempo perduraria no imaginário social do futebol brasileiro, a de que treino e jogo consistem em momentos distintos no que se refere à avaliação das capacidades de um jogador, individualmente, ou mesmo de todo o time, tomado na sua coletividade.

É claro que Didi treinava, aperfeiçoando seu estilo e técnica de bater na bola, embora fosse considerado um “jogador problema”, como muitos que integravam o elenco de atletas em 1958⁷. É provável também que sua conhecida máxima tenha sido proferida muito mais em função de uma reação momentânea ao contestar determinados setores da crítica especializada do que por uma convicção e desprezo aos treinos ou jogos treinos. Todavia, à sua própria revelia, à sentença agregar-se-iam outros significados numa proporção que só iria confirmar, por décadas, a idéia de que a habilidade do jogador brasileiro prescindia de muitos treinamentos dadas as suas qualidades *inatas*, *jeito* e outras representações por demais conhecidas em torno do futebol aqui praticado.

Mesmo que tais representações tenham sido cristalizadas no imaginário social desde o aparecimento dos primeiros grandes jogadores logo nas décadas iniciais deste século, tais

1994), *A estrela solitária* (CASTRO, 1996), a biografia já citada do próprio jogador: *Didi, o gênio da folha seca* (RIBEIRO, 1993), *A Seleção Brasileira de Todos os Tempos*, volume especial da Revista Realidade, *A história ilustrada do futebol brasileiro*, vol 4, Placar n° 1097. No site <http://www.futeboltotal.com.br>, Didi integra uma lista dos 50 maiores jogadores brasileiros de todos os tempos. Ali é caracterizado como um jogador de “*estilo clássico, elegante, criativo*”, e que “*executa dribles sonsos*” e possuidor de uma liderança de grupo. É interessante destacar como nesta caracterização do futebol de Didi apareçam algumas qualidades que não são definidas apenas pela técnica, tais como “dribles sonsos”.

⁶. Uma de suas contribuições extra campo foi convencer o técnico da seleção Feola, juntamente com Bellini e Nílton Santos, que Zito, Garrincha e Pelé deveriam figurar entre os titulares. (*Didi, o Mister Futebol, encanta os suecos. Memória da Copa. OESP, 21/04/1998*).

⁷. São conhecidas as histórias de vários dos jogadores que freqüentemente burlavam as concentrações e os treinos. Garrincha aparece como um dos mais “indisciplinados” do elenco, ao lado de outros tais como o zagueiro Zózimo. Seus modos mais refratários em se adequar ao modelo do futebol pautado num profissionalismo imposto pelo controle e disciplina confirmariam, dentro do ethos jogador, a partir desta Copa, a máxima externada por Didi, ele próprio um jogador controverso. Da indisciplina aparentemente reativa às reivindicações mais explícitas, as biografias de muitos jogadores brasileiros (Fausto, Afonso, Paulo César Caju, Sócrates, Viola, Edmundo, Romário, Edílson e tantos outros) vão contando os meandros de uma história social de ampliação da participação política desses atletas no arranjo institucional do futebol. Para uma análise interessante sobre a construção da imagem do jogador estigmatizado socialmente como *jogador problema* volto a mencionar o trabalho de Florenzano (1998).

como Artur Friedenreich⁸, Fausto⁹ e sobretudo Leônidas, entre outros, adquiriram uma amplitude ainda mais avassaladora a partir da consagração deste estilo brasileiro que, sem exageros, poderia levar o nome do próprio Garrincha, jogador que impôs também uma qualidade distintiva àquela referida seleção comandada em campo por Didi.

Até 1958, o jeito e a habilidade inatos consistiam em potencialidades, aspirações mais do que virtudes¹⁰. Depois desta referida Copa, tornariam aspectos quase que indelévels de identificação entre uma modalidade esportiva, e suas várias expressões do jogar para além do profissional, e uma parcela significativa da população do país.

A frase de Didi, então, pode ser compreendida como um poderoso catalisador simbólico de um processo que embora há tempos já viesse sendo gestado em torno das representações sobre o futebol, como demonstram outros trabalhos¹¹, o seu pronunciamento, às vésperas da inauguração de um ciclo de vitórias expressivas que se seguiriam àquela de 58, ganharia uma *eficácia simbólica* que sensibilizaria e transcenderia os limites de um mero anseio coletivo¹².

Tal como jogava-se, torcia-se e vivenciava-se o futebol pautado nas qualidades sensíveis do estilo brasileiro supostamente *inato* e suas correlatas representações, tornadas exeqüíveis finalmente na vitória, como um devir esportivo, a partir da convergência destas

⁸ . Fried ou “El tigre” como era conhecido foi um dos mais importantes jogadores do período amador. Atuou na seleção brasileira no Sul Americano de 1919, estabelecendo o placar de um a zero e marcando a primeira vitória de um selecionado frente aos uruguaios.

⁹ . A trajetória profissional de Fausto dos Santos, conhecido como “maravilha negra”, para a compreensão da história social do futebol brasileiro é fundamental. Um dos primeiros jogadores a bradar contra as condições precárias em que viviam os jogadores no regime ambíguo do amadorismo, seguidamente reivindicou seus direitos e melhores condições de trabalho no futebol. Atuou em times nacionais e estrangeiros.

¹⁰ . O futebol malabarístico de Leônidas, tal como já foi comentado, havia deixado a crônica esportiva européia muito impressionada na Copa de 1938, realizada na França. A geração de 50 também trazia grandes jogadores tais como Barbosa e Zizinho, estigmatizados pela derrota no Maracanã. Em 1954, o futebol brasileiro ficou um tanto quanto ofuscado pela seleção da Hungria, de Puskas e Kocsis, na Suíça. Deveria esperar ainda mais quatro anos pela consagração maior com um time que marcaria época: Gilmar; Djalma Santos, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Pelé, Vavá e Zagalo.

¹¹ . A primeira grande partida que tomou conta de um número expressivo de torcedores e aficionados em relação a um selecionado brasileiro foi a vitória em 1916 num sul-americano ocorrido aqui mesmo no Brasil. Para a verificação desta *sociogênese* que revela um processo de conversão do futebol de um fenômeno de distinção social à símbolo nacional consultar Pereira (1997).

¹² . Consultar algumas das crônicas de Nelson Rodrigues, citadas na bibliografia geral, em que discorre sobre este dilema travado entre nossas potencialidades inatas para a prática do futebol confrontadas ao nosso caráter pouco pragmático em consumá-las em efetivas vitórias. O autor acertaria que desta vez, em 1958, a despeito do pessimismo de muitos cronistas da época, o título seria conquistado, superando aquilo que ele denominava de “complexo de vira-latas”, uma alegoria que usava todas as vezes em que a seleção sucumbia ante os adversários. Nelson Rodrigues brincava com a idéia de que éramos melhores a priori e que somente certos

dimensões até então descompassadas no imaginário social¹³: tínhamos jeito, porém não sabíamos traduzi-lo em vitória¹⁴.

Os acontecimentos em torno de 1958 delimitam, sem dúvida, um contexto importantíssimo para a confirmação do futebol como índice de identidade nacional, pensando este processo de identificação como uma construção que opera em dois planos, para dentro e para fora, engendrado sempre de modo relacional, portanto (MONTES, 1996b)¹⁵. O reconhecimento do(s) outro(s) como referencial contrastivo se ampliou consideravelmente uma vez que os títulos do selecionado brasileiro mais importantes até então restringiam-se aos torneios sul-americanos ou pan-americanos, basicamente. Faltava ainda uma conquista internacional da magnitude simbólica de uma Copa do Mundo neste “*curriculum nativo*”¹⁶.

A partir de 1958, com o reconhecimento definitivo de Didi, Garrincha, Vavá, Nilton Santos, Zagalo e tantos outros jogadores (Pelé despontaria no terceiro jogo) o Brasil consolidaria “para fora” a imagem de país do futebol¹⁷. E, “para dentro”, confirmaria o

desvios na personalidade coletiva (excessiva humildade contraposta à superestima que tínhamos dos “outros”) é que faziam com que perdêssemos.

¹³ . “Complexo de vira-latas”, portanto, seria uma espécie de descrédito ontológico nas qualidades do homem brasileiro. Metáfora muito utilizada pelo autor todas as vezes em que a seleção não conseguia agradar à crônica esportiva. *Complexo de vira-latas* foi a última crônica escrita por Nelson Rodrigues antes da estréia do Brasil no mundial da Suécia, como salienta Ruy Castro, organizador dos volumes que reúnem algumas das crônicas do autor.

¹⁴ . Por ocasião da Copa de 1994 o jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma série de encartes narrando alguns fatos das Copas anteriores. No fascículo correspondente à vitória de 1958 repete no título esta dimensão do devir: *O Brasil aprende a vencer*, como se a vitória já estivesse inscrita na história, como uma possibilidade dada. Este aprendizado passaria pelo controle das emoções e excessos, já que futebol sempre “sobrou” nos pés dos jogadores pátrios.

¹⁵ . Ou melhor, nos termos da própria autora: “(...)quando analisamos (...)a questão da identidade percebemos que ela é um processo de construção que não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social em sua relação com outros grupos distintos. Assim, percebemos que é impossível pensar a identidade como coisa, como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas” (MONTES, 1996b:56).

¹⁶ . Numa entrevista com um importante técnico brasileiro, Zezé Moreira, em 1956, a revista *Manchete Esportiva* perguntava: “Será mesmo do Brasil a patente do vice-campeonato? De que precisa o Brasil para ser campeão do mundo? (*Manchete Esportiva*, nº 19, março de 1956).

¹⁷ . A Copa de 1958 seria ainda marcada por um acontecimento singular que se popularizou, a partir desta data, entre quase todas as modalidades esportivas. O gesto do capitão Belini, erguendo a taça Jules Rimet para que os fotógrafos registrassem melhor o momento da solenidade de entrega do troféu ficou imortalizado e virou sinônimo de comemoração e vitória. Para uma análise sobre a construção dos sentidos na relação entre o uso das imagem e a recepção consultar Melo (1999), onde afirma que “(...)o aumento de registros dos fatos futebolísticos, proporcionado pelo aperfeiçoamento das tecnologias de captação de imagem, pode contribuir para o estabelecimento de uma relação ficcional entre os atos registrados (com as intenções neles contidas) e aqueles que o interpretam”. “(...) O que teria contribuído para a institucionalização do gesto de Belini como ‘gesto da vitória’? O primeiro fator é a reprodução do gesto, permitida pelo registro fotográfico. O segundo é a interpretação – do observador – ao gesto, ao enunciado, ao discurso, que não corresponde à intenção

vaticínio do encontro simbólico de um futebol marcado pela individualidade revelada no *estilo*, muitas vezes substantivado na idéia de alma, jeito, habilidade inata, caráter nacional ou ainda determinado pelos desdobramentos sociais e simbólicos do fenômeno da raça e da miscigenação brasileira¹⁸. Ao estilo somou-se a técnica coletiva, pela primeira vez reconhecida, expressa na *forma* do 4-2-4, expressão que os *outros* puderam “ler”, compreender e decodificar a vitória brasileira.

A relação antitética sugerida na expressão nativa de Didi entre treino e jogo configura, para além de uma dissensão eventual entre as qualidades sensíveis *estilo* e *técnica*, uma dimensão estruturante deste futebol confirmada num *modelo nativo* no qual recoloca de modo dinâmico e matizado as especulações mais teóricas em torno da suposta dicotomia entre esporte e jogo analisada na Introdução.

Na verdade, devem ser concebidos como termos inter-relacionados que indicam, de certa forma, um arranjo negociado entre *torcedores*, *especialistas* e *profissionais* em torno da viabilidade em concretizar este futebol profissional como uma das nossas maiores representações de identidade.

daquele que o realizou. Estava criado, entre aquele que realizou o gesto e aqueles que o interpretaram, um novo símbolo, um pacto, embora nenhuma das partes tivesse consciência disso” (MELO, 1999:50).

¹⁸. Alguns trabalhos discutiram a popularidade do futebol a partir desta complexa problemática que aborda as relações raciais no Brasil. Um ensaio pioneiro foi o de Anatol Rosenfeld, *Negro, Macumba e Futebol; O Negro no Futebol Brasileiro*, do jornalista Mário Filho, prefaciado por Gilberto Freyre, consiste num outro trabalho importantíssimo para aqueles que recortam a questão da identidade brasileira a partir das relações raciais. Nas ciências sociais alguns estudos abordam e discutem o futebol a partir desse enfoque étnico, inclusive o impacto da obra de Mário Filho. Entre eles estão os artigos *História Social dos Negros no Futebol Brasileiro* e “*Eu já fui preto e sei o que é isso*”. *História Social dos Negros no Futebol Brasileiro: segundo tempo* (GORDON, 1995; 1996); *Corpo, Magia e Alienação* (MURAD, 1994). O texto *Successes and Contradictions in ‘Multiracial’ Brazilian Football* (LEITE LOPES, 1997) embora um tanto quanto sucinto compara algumas trajetórias de jogadores de origem negra matizando a idéia corrente sobre ascensão social via o futebol. Mais do que propriamente os determinismos da raça seria preciso contextualizar a popularidade desses jogadores a partir também das maiores ou menores dificuldades de inserção neste futebol profissional jogado em alto nível. Estratégias vividas de maneiras diferenciadas, determinadas por conjunturas específicas, que dizem respeito aos *ethos* das classes populares, que impeliram uns ao sucesso e outros ao fracasso. Os trabalhos de Marcos de Souza (1996) e Pereira (1997), citados, também vão abordar a temática da identidade nacional via relações raciais. Em Soares (1997; 1999) pode-se encontrar um esboço de crítica a alguns dos trabalhos acima, que tomaram o germinal *O Negro no Futebol Brasileiro* como fonte histórica de consulta para se pensar uma história étnica do futebol. Existem, por sua vez, duas respostas a Soares, ao meu juízo contundentes e definitivas, realizadas por Helal & Gordon (1999) e Murad (1999). Não poderia reproduzi-las, sob pena de estender, para além da conta, esta nota. Os termos dessa contenda, certamente mais do que acadêmica, dados os posicionamentos inclusive éticos dos envolvidos no debate, foram publicados em *Estudos Históricos*, vol 13, nº 23 e 24 de 1999. Certamente outras fontes estão à disposição para aqueles que intentam realizar pesquisas sobre a temática. O Núcleo de Sociologia do Futebol, coordenado pelo sociólogo Maurício Murad (UERJ), dispõem de farto material documental para consulta (MURAD, 1999).

A noção de senso comum de treino que viria a triunfar, a partir da Copa de 1958, no domínio do futebol brasileiro, viria consolidar no plano simbólico uma espécie de inverso de jogo. Treino não estaria inserido numa relação de continuidade de um trabalho prévio de preparação e manutenção física e técnica de atletas, cujo desfecho seria o jogo propriamente dito. Ganharia de maneira decisiva um significado que o recolocaria numa relação às avessas com o próprio jogo, espécie de anti-rito contrastivo e tão relevante quanto o primeiro para a compreensão do futebol como índice de identidade.

Treino vislumbra uma espécie de contexto de valor simbólico invertido que denota qualidades certamente projetivas, mas não necessariamente confirmadas na partida, no jogo portanto. Os exemplos de jogadores que se esquivavam ou quase não treinavam no futebol brasileiro, mas que detinham grande prestígio por suas qualidades consideradas *inatas*, são abundantes e rememorados nas mesas redondas e mesas de torcedores em repetitivos relatos que, mais do que “folclóricos” ou pitorescos, acentuam e reatualizam estes significados estruturantes do futebol jogado e vivido no Brasil, cotidianizando a máxima de Didi.

Jogadores que “nasceram feitos” e não precisariam passar pelos constrangimentos impostos pelos exercícios coordenados. Até hoje, a situação vivida por alguns jogadores brasileiros que as vezes figuram a reserva nos times europeus é vista entre os torcedores e parte da crônica especializada, não raramente, como verdadeiro absurdo. Um desses casos foi Rivaldo, freqüentemente preterido pelo técnico do Barcelona nos anos de 1997 e 1998. O fato de não estar treinando como queria o técnico fazia com que não entrasse nas partidas como titular, fato incompreendido pelos torcedores brasileiros uma vez que ele era, de fato, um dos maiores jogadores daquele time.

Este episódio consiste em mais um desdobramento, já mencionado no tópico anterior, desta tensão existente entre a noção que estabelece um valor à idéia de que o jogador já “nasce feito”, portanto assentada na primazia do estilo e o outro discurso, que se agrega à noção de “futebol moderno”, que enfatiza o aperfeiçoamento da técnica como valor distintivo predominante no futebol jogado em alto nível¹⁹.

¹⁹ Discuti esta relação entre as categorias nativas estilo e técnica no tópico anterior. Apenas para lembrar o leitor cito um parágrafo conclusivo: “*O investimento simbólico em torno da noção de técnica, minimizando a dimensão do estilo, enfatizado pelo professor José Luiz Fernandes e outros, demonstra não apenas uma ‘natural’ evolução para um futebol mais competitivo e tido como moderno mas também revela mudanças*”

Mesmo hoje, as idéias mais comuns que se têm de treino são bastante tributárias desta relação simétrica e invertida construída no nível simbólico entre treino e jogo, em que pese toda uma crítica já consolidada a respeito das formas mais tradicionais de treinamentos realizadas no Brasil e a inclusão de diversas áreas do saber científico numa intervenção direta na preparação física.

Decorrem daí muitas ironias em relação aos jogadores que se tornam verdadeiros “leões de treinos”, porém pouco reconhecidos pelos melhores jogadores pois, acredita-se, aqueles outros nunca demonstram suas habilidades nos momentos certos, ou seja, nos jogos, somente nos treinos²⁰.

Didi fez parte de uma geração de jogadores brasileiros que pela primeira vez realizou “jogos laboratórios” ou jogos treinos no exterior, visando uma melhor preparação para uma Copa do Mundo. Fundamentais para se conhecer o estilo e o jogo dos adversários, mais acostumados, por exemplo, aos usos do tranco como recurso lícito. Entre 1955 e 1957 a seleção fez 42 amistosos (jogos treinos), “*uma fórmula de trabalho da CBD que, para alguns, era rematada loucura*”(RIBEIRO, 1993:93).

Foi também, e isto é muito significativo, a primeira seleção a formalizar aquilo que viria se popularizar pela expressão “comissão técnica”, como relata alguns cronistas, tais como Alberto Helena Jr:

“(...)Aliás, vale lembrar que esse negócio de comissão técnica na seleção foi criada por um grupo de jornalistas aqui de São Paulo, composto por Paulo Planet Buarque, Flávio Iazzeti, Ari

radicais no ethos social e esportivo dominantes, espécie de ‘autoridade social’ que se quer universalizar e se impor, em consórcio aos métodos científicos, gerenciais e administrativos de expansão do futebol”.

²⁰. Contam que certa feita, e na verdade pouco importa se tal acontecimento de fato ocorreu, num treino do equipe da Sociedade Esportiva Palmeiras, à época da “academia” nos anos sessenta, o então preparador físico Mário Travaglini motivara uma aposta entre os titulares e reservas. O time que perdesse o jogo coletivo deveria “pagar” o outro com mais exercícios aeróbicos (corridas) ao redor do gramado. Portanto, com mais treinos. No time titular figurava um dos melhores jogadores brasileiros daquele momento, Ademir da Guia, filho de outro jogador de destaque, Domingos Da Guia, defesa da seleção em 1950. Após o jogo treino os titulares, derrotados, iniciam a corrida mas Ademir Da Guia desveste a camisa de treino e encaminha-se calado para os vestiários. Interpelado por alguns dos vitoriosos, os reservas, o preparador Mario Travaglini retrucou que ele próprio “pagaria” por Ademir Da Guia a aposta e que deixassem o craque do time descansar. E saiu a correr com os demais titulares. Um rol considerado de jogadores de excelência muitas vezes são estereotipados como “jogadores de times”, em oposição àqueles que se consagram, para além do time, também na seleção. Um exemplo foi Enéas, atacante da Associação Portuguesa de Desportos, jogador que atuou entre os anos sessenta e setenta. Enéas decididamente não vingava no selecionado a despeito de seu futebol, estigmatizado como “jogador de clube”. Uma história comum sobre ele, também de domínio público, era a de que nos treinos da Portuguesa o roupeiro sempre ia buscá-lo nas dependências recreativas da Portuguesa, ao lado das piscinas, e que sempre exclamava ironicamente que já estava indo treinar. O “craque” reivindicava regalias.

Silva e Solange Bibas, a quem Paulo Machado de Carvalho [dirigente da delegação, conhecido como marechal da vitória] solicitara um plano para a Copa do Mundo de 58. Foi quando tivemos, pela primeira vez, um preparador físico de verdade: o doce truculento Paulo Amaral” (Folha de S. Paulo, 02/09/1998)²¹.

Além das evidentes contribuições técnicas desses métodos de preparação, definidos hoje como pré-temporadas, até então inéditos da parte de um selecionado²² brasileiro, deve-se levar em conta que embora cada vez mais o aprimoramento da manutenção atlética dos jogadores tenha se consolidado, atualmente num processo ainda mais acelerado e valorizado, como uma prática fundamental e corriqueira na formação de atletas e equipes de excelência no futebol de alto rendimento, a máxima de Didi sintetizou e confirmou, no nível do evento, culminado na vitória final sobre a Suécia por 5x2, uma dada configuração e auto percepção coletiva mais estruturante que, certamente, possui sua eficácia ainda hoje, sobretudo no imaginário torcedor.

Aproximadamente quarenta anos depois, num contexto muito menos glamouroso porém igualmente próximo à realização de mais uma edição de Copa do Mundo (1998), um profissional espanhol subverteria esta máxima tão cara ao domínio popular do futebol brasileiro e afirmaria para uma platéia atônita e um tanto quanto descrente de técnicos brasileiros principiantes que, na verdade, “(...) *se joga como se treina. Se treinar seriamente, com disciplina, jogará assim*”²³.

²¹ . Na comissão técnica da conhecida “era Luxemburgo” na seleção, inaugurada, como já foi mencionado, em 1998, integravam vários profissionais: dois assistentes técnicos (Candinho e Valdir de Moraes), dois médicos (José Luiz Runco e Joaquim Grava), o preparador físico Antonio Carlos da Silva Mello, o preparador físico auxiliar Marcos Teixeira, o preparador de goleiros Paulo César Gusmão, o fisiologista Renato Lotufo, o fisioterapeuta Luiz alberto Rosan e, por fim, a psicóloga Susi Fleury. A exceção dos assistentes técnicos todos os demais já haviam trabalhado com o técnico em alguns clubes que treinou.

²² . Assim *Manchete Esportiva* destacava, em primeira página, a excursão inédita de um selecionado no exterior: “*Parte o scratch para fazer a Europa. Compromissos difíceis e muitos. Vamos bi-campeões pan-americanos. Vamos sob títulos de rápidos, esfuziantes, infiltradores. Vamos portanto cheios de responsabilidades. Flávio comandará um plantel que chamou de força máxima. Discordamos. O esquecimento de um gigante que também atende pelo nome de Edson, entre outras falhas, é a mais gritante. Não deixaremos de prestigiá-lo por causa disso. O homem vai bem intencionado e obrigado a trunfo. O plantel pelas exibições que aqui realizou (treinos) mostrou possibilidades. Em Lisboa a maratona terá início. Em Londres a maratona terá fim. Entre esses extremos percorreremos: Suíça, Áustria, Tcheco-Eslováquia (de nome e futebol grandes), Itália (futebol reformado), Turquia com um cartão de visitas perigoso (venceu a Hungria) e finalmente Londres, a terra do futebol enigmático. Só nos resta aguardar essa tournée. Muita coisa ficará esclarecida. O Brasil, na pior das hipóteses amadurecerá internacionalmente, o que já é bom (...) Vai agora o scratch enfrentar a Europa, e nós ficamos torcendo*” (*O Brasil faz a Europa. Manchete Esportiva*, op cit).

²³ . Eduardo Gonzales Ruiz, instrutor da FIFA, em palestras no curso *Soccer Clinic*, mencionado no tópico anterior.

O treinador espanhol relatava, entre outras coisas, debaixo da descrença de parte da platéia, os métodos de preparação de alguns dos grandes clubes e times europeus. Um desses procedimentos era uniformizar os treinamentos táticos, a distribuição dos jogadores em campo e as funções atribuídas a cada um, em todas as categorias do clube, das bases às profissionais. O time do Ajax da Holanda era um de seus exemplos.

Desse modo, aprimorava-se os desempenhos técnicos fazendo com que a passagem dos atletas de uma categoria para outra se desse sem prejuízos maiores de adaptação, explicava. Interpelado por um ouvinte sobre os perigos em tornar monótonos os desempenhos dos atletas, obrigados a jogarem sempre do mesmo modo, ele retrucou que tais procedimentos traziam resultados porém as discussões então recentes incidiam justamente neste perigo de uma certa mecanização da performance dos times. As discussões mais atuais, sobretudo entre os clubes espanhóis, ainda segundo o treinador, era o quanto deixar à criatividade individual um maior espaço de atuação, muito restringida pelas concepções européias de treinamentos.

Certamente a máxima de Didi não vingara na Europa, ao menos não na densidade simbólica aqui observada²⁴. Nas colocações de Eduardo Gonzales Ruiz percebiam-se as dificuldades dos técnicos europeus em lidarem com a dimensão imponderável do imprevisto. É claro que nos times europeus figuram inúmeros jogadores tão habilidosos quanto muitos sul-americanos, mas sua fala deixava claro a primazia do adestramento técnico como fundamental para manter, inclusive, a disciplina entre os jogadores. Tais resultados técnicos só poderiam ser conseguidos a partir da valorização de uma rotinização internalizada como crucial tanto da parte dos treinadores e jogadores quanto da crônica especializada e os torcedores.

3.2 os CTs e os treinos vistos dos alambrados

A crescente consolidação e estabilidade na configuração do jogar futebol é tributária em grande medida da diversificação das rotinas instituídas para além dos encontros futebolísticos regulares nas partidas oficiais. Tais rotinas são comumente denominadas de treinamentos. Em princípio destinados estritamente à manutenção física e técnica do

conjunto de jogadores, eles constituem, como se pode notar, num *locus simbólico* privilegiado que se contrapõem ao domínio ritual das partidas, na medida em que consistem no avesso dos ritos, pois referendam a dimensão cotidiana como temporalidade privilegiada, o que, de certa maneira, contraria as análises mais canonizadas a respeito do futebol concebido predominantemente como um momento ritualizado²⁵.

Antes da proliferação dos centros de treinamentos, popularizados na sigla “CTs”, a convivência nos clubes propiciava um encontro inevitável entre jogadores, técnicos, crônica especializada e torcedores nas dependências destinadas aos treinos, subvertendo, de certo modo, o espaço marcadamente mais ritualizado encontrado nas partidas oficiais. Nos clubes, antes do advento dos CTs, rotinizava-se um encontro regular entre estes atores informados por um sentimento generalizado de que os treinos eram menos sérios que os jogos.

O espaço de treinamentos, não mais com as conotações lúdicas implícitas mas como uma continuidade necessária à manutenção do espírito competitivo, adquiriu uma valorização crescente no Brasil sobretudo a partir da separação mais permanente imposta por alguns clubes entre o estádio, local dos jogos, a sede social e administrativa e as instalações que dão suporte material aos treinos.

Tais procedimentos, criando espaços específicos, possibilitaram o exercício mais contínuo de outras *formas* de treinar, que estão na base de algumas críticas realizadas ao trabalho daqueles que ainda dão uma menor importância a estas variações incrementadas a partir do maior uso desses espaços diferenciados.

Tostão, hoje comentarista, censurou, à época da Copa do Mundo de 1998, a falta de treinos táticos em detrimento dos excessivos treinamentos coletivos da seleção dirigida por

²⁴ . Sua rápida passagem pelo futebol europeu, no Real Madrid, não foi menos conturbada. Depois de muitos entrevistos com Di Stéfano, um dos craques do time, Didi volta para o Brasil sem a consagração amealhada nos clubes cariocas e no selecionado.

²⁵ . Cabe uma breve comparação com a F1. Comumente os treinos oficiais na fórmula 1 são transmitidos e recebem da parte da mídia um tratamento mais pormenorizado até mesmo que a maioria dos treinos às vésperas da maioria das partidas de futebol. Contudo, os treinos na F1, realizados geralmente dois dias antes das corridas, vinculam-se à competição pois determinam a situação inicial da largada oficial, no domingo. Ou seja, os desempenhos nos treinos oficiais, mais especificamente aqueles ocorridos aos sábados, um dia anterior à corrida, estabelecem o *grid* oficial. No que se refere à assistência torcedora, os treinos são cobrados e compõem o preço do ingresso para a corrida. Não temos aqui, exatamente, uma cisão entre o ritual da corrida e os treinos, se concebidos numa outra temporalidade, pois apresentam-se numa relação mais próxima ao regulamento das competições referendados pela FIA, organizadora da F1. A rigor, a corrida dura três dias, desde os treinos livres na sexta-feira, passando pelos treinos oficiais do sábado até a corrida propriamente dita, no domingo.

Zagallo. Treinos táticos diferem dos treinos coletivos que, segundo confessa o ex-jogador, ao tempo em que jogava nos anos sessenta,

“(...) os técnicos gostavam de realizar cansativos treinos coletivos, longos, que, após um certo tempo, viravam uma brincadeira, uma pelada. O técnico ia para fora do campo, ficava conversando com jornalistas, torcedores e esquecia-se de terminar o treino(...)”(OESP, 5/06/97).

No item *A tecnologia e o futebol*, do livro de Tostão (GONÇALVES, 1997), o ex-jogador desenvolve crítica semelhante, atribuindo a Carlos Alberto Parreira e Claudio Coutinho a paternidade, no Brasil, dos procedimentos que ficaram popularizados na expressão *futebol científico*, o que implicou numa valorização crescente da dimensão dos treinos e do papel atribuído aos outros profissionais, por exemplo os preparadores físicos, na manutenção dos procedimentos de formação das equipes, desde a década de setenta.

São, todavia, justamente os treinos coletivos, e o que eles podem potencialmente oferecer enquanto dimensão lúdica, ou seja, as brincadeiras na forma da pelada, as atividades que mais atraíam e atraem as atenções dos torcedores nos centros de treinamentos dos grandes clubes do futebol profissional, ainda hoje²⁶.

Embora os centros de treinamentos existam há décadas como patrimônios dos times europeus, no Brasil a concepção e valorização desses espaços diferenciados ocorreram apenas por volta de meados dos anos oitenta.

É interessante observar que embora haja, com o advento dos CTs, uma separação entre o campo de jogo e campo de treino, o que a primeira vista poderia reiterar que treino e jogo estão numa relação valorativamente assimétrica, tal como na máxima de Didi, esta divisão espacial, no que diz respeito à sua dimensão simbólica, redefiniu a importância contrastiva que predominava até então no futebol brasileiro entre treino e jogo. Dimensão que se coloca em conformidade às colocações enfatizadas pelo técnico espanhol, observadas páginas atrás, que atribuiu um papel crucial para os treinamentos como

²⁶ . Para os preparativos de uma seleção brasileira estes jogos treino ou coletivos atraem centenas, até milhares de torcedores, como se fossem jogos amistosos. Na Copa do Mundo na França, os locais de treinos da seleção chegavam a abrigar 2500 torcedores, sendo que mil lugares eram cobrados, numa parceria entre a CBF e uma empresa de sociedade mista local, a *Concept Corporate & Communication*. Os ingressos, que incluíam refeições e uma sala *vip*, variavam entre 218 US\$ a 273 US\$ (*Folha de S. Paulo*, 19/05/1998). Já na Copa América de 1999 estes treinos geraram até receitas para um clube local: *“a torcida do Foz do Iguaçu está muito animada e lotou o estádio do ABC Esporte Clube, time que disputará a primeira divisão do Campeonato Paranaense no próximo ano e neste domingo [27/07/1999] serve como adversário da seleção brasileira num jogo-treino. Cinco mil ingressos foram vendidos antecipadamente a R\$10 e a mesma quantidade estava disponível hoje, pelo dobro do preço”* (<http://www.igestado.com.br>)

condição necessária de adestramento dos atletas, numa espécie de cotidianização ou prolongamento das partidas.

Para além do evidente impacto no que diz respeito à qualidade na preparação dos times, com será visto num exemplo mais a seguir, possibilitando maximizar e quantificar o condicionamento físico e técnico dos jogadores na busca pela maior competitividade, os CTs racionalizaram também os usos dos espaços de treinamentos, separando de maneira mais clara os jogadores do assédio dos torcedores, especialmente dos sócios dos clubes²⁷, bem como dos próprios dirigentes e crônica especializada.

Ainda que cada técnico elabore e normalize uma determinada rotina de atendimento à imprensa e aos torcedores, aliás cada vez mais dificultada nos grandes clubes, de modo geral, é somente após a realização dos treinos que a imprensa especializada tem acesso às informações que alimentarão os jornais esportivos diários²⁸.

Antes da construção do CT da Sociedade Esportiva Palmeiras, por exemplo, o assédio dos torcedores aos jogadores nos treinos era facilitado pela própria espacialidade do clube, que dispõe até hoje de maneira contígua a sede social (as piscinas por exemplo) e o campo de jogo, o estádio propriamente dito. A ida dos treinos para o CT localizado no bairro da Barra Funda, concebido exclusivamente para tal fim, delimitou e regulou o acesso dos torcedores com a inclusão, tal como num estádio, de arquibancadas, grades de proteção e cercas que confinaram os torcedores a lugares delimitados, separados, inclusive, da crônica especializada.

O CT do São Paulo Futebol Clube, um dos clubes pioneiros neste tipo de investimento, anterior ao do próprio Palmeiras, foi construído dentro de um projeto pensado

²⁷ . Tais procedimentos atingiram inclusive uma das concentrações mais tradicionais da seleção brasileira no ano de 1998, a Granja Comary. Grades isolaram algumas áreas, garantindo maior privacidade ao trabalho da comissão técnica, tal como noticiou a matéria *Grades isolam jogadores da torcida (OESP, 13/05/1998)*. Mais ainda, os CTs inibiram inclusive o assédio do denominado “corneteiro”, figura muito comum no futebol brasileiro. “Corneteiro” estigmatiza o dirigente, sócio ou mesmo torcedor que participa ativamente da vida do time como aquele que “*põe a boca no trombone*”, para utilizar uma expressão corrente.

²⁸ . Devo registrar o empenho de Vercínia de Paula Santos e Juliana Saporini, alunas do curso de jornalismo da FIAM, que nos meses de setembro e outubro de 1998 realizaram uma pesquisa de campo para a disciplina Antropologia Cultural, sob minha orientação, para a realização de um trabalho de conclusão de curso. Algumas das informações aqui usadas são tributárias desta experiência etnográfica que realizaram. Embora tenha também feito incursões a campo, de modo mais espaçado ao longo dos anos de 1997 e 1998, minha inserção nos treinos sempre ficou restrita a condição de “torcedor”, pois jamais entrei no gramado ou nas dependências dos CTs reservadas aos *profissionais* ou *especialistas* da crônica esportiva. A estas observações acrescentei às delas, pois estive acompanhando o cotidiano de alguns clubes (São Paulo Futebol Clube,

a partir de 1983 de reestruturação do departamento de futebol²⁹. Segundo Carlos Miguel Aidar uma das metas de sua administração era trazer para o clube um padrão europeu de renovação e ampliação na formação do quadro tanto dirigente quanto de atletas³⁰.

Treinar nas dependências do Morumbi misturava em demasia os problemas administrativos com os técnicos, dado o convívio inevitável entre as diretorias ocupadas por sócios, não só a de futebol, e comissões técnicas, embora um certo grau de interferência dos dirigentes no trabalho dessas comissões seja inevitável. O advento do CT inibiu a circulação de dirigentes e “cartolas”, referendando um espaço mais predominantemente técnico³¹.

Embora os CTs tenham equacionado e disciplinado as rotinas dos treinos não inibiram totalmente a presença de grupos torcedores que afluem quase que cotidianamente aos grandes clubes para verem seus ídolos de perto³². Situados numa área densamente povoada, os CTs de São Paulo e Palmeiras recebem geralmente torcedores pela manhã e à

Sociedade Esportiva Palmeiras, Associação Portuguesa de Desportos e Sport Club Corinthians Paulista) na perspectiva de repórteres iniciantes, o que permitiu uma comparação mais circunstanciada sobre os treinos.

²⁹ . É curioso que o CT do São Paulo Futebol Clube tenha sido construído com recursos de uma cervejaria, a Brahma, após uma concorrência com outras empresas similares (a cerveja Kaiser do grupo Coca-Cola e a cervejaria Antártica). Curioso pois um centro de treinamento supõe, a princípio, a formação de atletas pautada por padrões que aludem a um certo ascetismo que regula a vida e as condutas dos jogadores, entre os quais a abstinência às bebidas alcoólicas. As negociações com a Brahma foram acordadas em troca da exploração da publicidade estática no estádio do Morumbi por dez anos, segundo me relatou Carlos Miguel Aidar, advogado, secretário-geral da seção paulista da OAB, presidente do clube no período entre 1983-1987.

³⁰ . O São Paulo Futebol Clube freqüentemente é mencionado como o clube que primeiro investiu na formação de uma diretoria de futebol mais profissionalizada no Brasil, ou seja, buscando dirigentes no mercado empresarial e realocando competências segundo organogramas gerenciais. No entanto, alguns cargos de diretoria, segundo relatou Carlos Miguel Aidar, ficaram a cargo de dirigentes “mais tradicionais”, tais como o diretoria de futebol e a diretoria técnica (cargo de treinador) que, à época, foram ocupadas por Carlos Caboclo e Cilinho respectivamente. Uma “*transição necessária*”, segundo justificou o ex-dirigente são-paulino.

³¹ . Em consonância a estas mudanças relembra o ex-atleta Tostão: “*a maioria dos jogadores da minha época era de pseudo-profissionais, pois treinavam menos, não se cuidavam fisicamente por causa da convivência e do paternalismo dos clubes, que os endeusavam nas vitórias e só exigiam o cumprimento das obrigações quando as derrotas apareciam, e os torcedores e a imprensa pressionavam os diretores e jogadores*” (coluna *Toque de Classe*, OESP, 01/02/1998). Uma interpretação particular sobre as consequências do advento dos CTs, índices de um novo profissionalismo, pode ser observada na fala do cronista de *A Gazeta Esportiva*, José Silveira: “*(...)antigamente havia mais boemia. Havia menos cumplicidade. Como o jogador ganhava mal, ele não tinha muitos motivos para não ser boêmio, gostava mais da noite, de automóvel, vivia cercado por garrafas e mulheres. Hoje, é muito profissional, mas sempre tem. Há mais concentração e o salário é muito alto, cria uma segunda natureza no jogador, ele precisa ganhar dinheiro e a carreira é curta, pois o desgaste é maior e eles sabem disso*” (*A Imprensa*, publicação interna da Fundação Cásper Líbero, agosto de 1999).

³² . As vezes a imprensa noticia certas excentricidades de torcedores que investem nos treinos de maneira a ficar mais perto do clube de coração. A matéria *Família viaja 42 horas para assistir treino (Folha de S. Paulo, 26/02/97)* relata a saga de uma família de Porto Velho (RO) que se deslocou até a cidade de São Paulo para encontrar os ídolos corintianos. Na ocasião era um treino que antecedia um determinado jogo, que inclusive acabou não sendo assistido por estes torcedores corintianos.

tarde, dependendo da programação semanal estipulada pela comissão técnica. Ou antes ou depois do trabalho é muito comum, sobretudo entre aqueles que exercem suas profissões nas imediações dos CTs ou simplesmente moram pelas redondezas, darem uma passada no centro de treinamento do clube de sua preferência.

Para ficar sabendo destas programações, que mudam em virtude dos campeonatos disputados, basta ligar para os clubes que, geralmente, uma gravação fornece a agenda. Na verdade, esta não é uma prática usual torcedora, geralmente é a grande imprensa, e este é o destino deste serviço realizado pelas assessorias de imprensa dos clubes, que se utiliza dessas programações para tomar conhecimento e compatibilizar as pautas aos treinamentos e a “vida” dos clubes.

Contudo, tais rotinas guardam algumas diferenças, do ponto de vista do acesso desses torcedores, que merecem ser observadas. No Palmeiras, por exemplo, o ingresso dos torcedores aos treinos é menos restringido que no São Paulo. Neste último, é somente um dia antes da concentração que os treinos são “livres” e o acesso às arquibancadas é liberado para os aficionados. Se estiver marcado um jogo numa quinta-feira, o treino da terça-feira é liberado para os torcedores. Tais procedimentos restringem também o próprio acesso aos jogadores para se conseguir autógrafos, fotos ou um efêmero, que seja, contato com os ídolos. Já no Palmeiras, em princípio, todos os dias de treinos são possíveis de serem assistidos, sendo que às sextas-feiras o clube recebe “escolinhas de futebol”. O Palmeiras alterna seus treinos ora no seu CT, ora num outro centro de treinamentos, o *Sportville*, na cidade de Barueri, grande São Paulo.

É interessante notar que à proporção dos níveis de organização e maior infraestrutura do departamento de futebol tem-se um maior ou menor acesso dos torcedores anônimos no acompanhamento diário de seus clubes. O time que atualmente dispõe de um centro de treinamento mais completo e utilizado na sua capacidade máxima é justamente aquele que restringe e normatiza o seu uso, digamos, mais popular, o São Paulo Futebol Clube. Na outra ponta esteve, até pouco tempo e antes de firmar uma parceria com um fundo de pensão norte-americano, o time de maior apelo popular do Estado, o Sport Club Corinthians Paulista.

Nos treinos do Corinthians, no CT de Itaquera, próximo ao metrô, o trânsito de torcedores é ainda mais facilitado e sem constrangimentos. Qualquer torcedor pode assistir

aos aprontos do time, sempre disputados, quer quando realizados nesse espaço ou na “fazendinha”, estádio e sede social do clube.

Verdadeiras peregrinações afluem aos treinos que, geralmente sem maiores aborrecimentos impostos por regimentos ou determinações de parte da comissão técnica, promovem verdadeiras festas cotidianas. Salienta-se que é o Corinthians, entre os considerados “grandes”, o que menos interfere na presença torcedora. Não por acaso é o time que possui facções torcedoras mais organizadas e com maior prestígio e capacidade de reivindicar no plano das decisões políticas internas do clube.

Embora estejam proibidas de freqüentarem os estádios paulistas desde 1995³³, são as facções organizadas aquelas que marcam uma presença mais ostensiva nesses espaços. Cerceadas de utilizar o aparato estético conhecido, instrumentos, faixas e bandeiras, nos dias de jogos, é para os treinos que tais adereços e performances são levados, ali mesmo sem a contrapartida necessária do adversário. Porém, acredita-se, a simulação de um espírito competitivo ajudaria os atletas a se empenharem nos treinos coletivos, tidos como monótonos e repetitivos.

Esta relação com os grupos torcedores, no entanto, não se estabelece apenas a partir de um incentivo desinteressado ou *voyeurismo* torcedor. Cobram-se nos treinos, tal como faz a própria comissão técnica ante os jogadores. O que não raro acarreta problemas de toda a sorte, tais como as reiteradas queixas veiculadas na imprensa:

“(…) o *motoboy Cristiano da Silva Paes* foi expulso ontem à tarde do Centro de Treinamento do Palmeiras por seguranças do clube. Na última quarta-feira o técnico *Luiz Felipe Scolari* havia discutido com Paes. Das arquibancadas ele gritava o nome do atacante *Viola*, que não vem sendo nem relacionado para a reserva(…)”(Folha de S. Paulo, 14/03/98).

Outros entreveros ocorrem entre jogadores e torcedores, tais como comprova este outro relato:

“(…)o atacante *Edmundo* voltou a se envolver em uma confusão ontem à tarde, na Escola de Educação Física do Exército, na Urca, onde o Vasco está realizando a sua preparação para o campeonato brasileiro (...)um torcedor, conhecido como *Duda*, de 21 anos, provocou *Edmundo*. O jogador correu em direção ao torcedor para agredi-lo, mas foi contido por soldados que estavam no local”(http://www.agemado.com.br, 08/07/99).

³³ . Para melhor compreender as circunstâncias e os desdobramentos sociais e simbólicos dessa proibição consultar o artigo *Short Cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco* (TOLEDO, 1997b).

As restrições aos apupos dos torcedores em dias de treino nos CTs, cada vez mais protegidos por alambrados e seguranças, seguem a lógica de um futebol que se transforma em espetáculo na sua totalidade, abarcando até mesmo o cotidiano aparentemente desinteressado dos treinamentos.

3.3 dos técnicos aos preparadores físicos e mentais

Para além dessa vivência mais popular de sociabilidade e afinidade imposta pelos torcedores aos treinos, um CT maximiza a utilização de novas tecnologias e a valorização de outros profissionais dispostos a utilizarem recursos científicos até então subaproveitados ou inexistentes na preparação física dos atletas de futebol no Brasil.

Os CTs consistem, portanto, em laboratórios de novos projetos que atendem a uma escala mais ampliada de formação, preparação, competitividade e negociação de atletas, preferencialmente para o exterior, contemplando uma demanda internacionalizada de circulação no mercado de jogadores.

Se, anteriormente, os jogadores brasileiros se transferiam para os clubes europeus, posteriormente asiáticos, muito em função das características enunciadas na noção de estilo, outras demandas podem ser observadas atualmente no que concerne às qualidades socialmente prestigiadas esperadas nesses atletas, tais como capacidade de adaptação em outras culturas, disciplina e manutenção técnica do saber futebolístico, pontualidade, assiduidade. O fato é que os CTs disciplinam, pela capacidade que possuem em confinar numa estrutura voltada para este fim, a rotina dos jogadores, apartando-os de outros estímulos e contatos com o mundo extra futebol.

A rotina no CT do São Paulo Futebol Clube à época do técnico Carlos Alberto Parreira pode exemplificar o seu funcionamento cotidiano a partir do regulamento estabelecido para o campeonato brasileiro de 1996.

Dentro desse regulamento deveriam ser observados rigidamente certos princípios disciplinares importados de experiências de clubes espanhóis: jogadores devem chegar ao vestiário meia hora antes do início dos treinos; cada minuto de atraso representará uma multa de R\$15,00; a partir de 15 minutos e até 30 minutos a multa será de R\$100,00; depois de 30 minutos, sem justificativa, a punição fica mais rigorosa e decidida pela comissão técnica.

Regulamentos como este, que aproximam e constroem as condutas individuais às rotinas coletivizadas de trabalho, intentam substituir e racionalizar as “cartilhas de comportamento” ou os “manuais de conduta”, regulamentações mais frouxas estabelecidas oralmente por técnicos ou dirigentes, cujos critérios pouco definidos acabam sendo burlados e não internalizados pelos atletas.

O Corinthians, que disputou o mesmo campeonato de 1996, comandado pelo então técnico Valdyr Espinosa, ainda estabelecia os princípios informais expressos nesses manuais de conduta:

“as normas vão melhorar o relacionamento com a torcida, a imprensa e os colegas de trabalho (...) o valor das multas não foi divulgado. ‘Cada deslize tem um preço, mas não vamos divulgá-los’ [Valdyr Espinosa]. No final do ano, o dinheiro da caixinha será dividido entre os jogadores e os membros da comissão técnica” (Folha de S. Paulo, 18/07/1996).

O número de jogadores brasileiros que não se adaptaram às condições impostas pelo profissionalismo europeu, seja pelo nível técnico ou emocional, impeliu algumas mudanças na busca dessas outras qualidades até então menos valorizadas no futebol brasileiro. Para atender inclusive a este mercado foi necessário adequar-se aos padrões de formação de atletas existentes em outros centros de excelência, o que veio a corroborar para que alguns clubes do futebol brasileiro antecipassem essas novas demandas e se alinhassem aos padrões de treinamentos europeus, ao menos no que diz respeito à infraestrutura de formação desses atletas.

Observa-se, no entanto, que é ainda incipiente o número de clubes que possuem um CT. Com o crescimento das parcerias, transformando os departamentos de futebol dos clubes em empresas, estimuladas pela lei Pelé, que estabelece a profissionalização dos clubes até março de 2000, é possível que nos próximos anos venha a ter um incremento na construção e maior valorização desses espaços de treinamentos. Na maioria das negociações entre clubes e empresas interessadas em investir no futebol os CTs consistem numa das principais reivindicações dos clubes, por um lado, ou ofertas das empresas para consumarem as parcerias, por outro.

Um desdobramento desse processo pode ser observado com a ascensão do prestígio e reconhecimento social das atividades dos preparadores físicos e fisiologistas, cada vez

mais valorizados dentro das comissões técnicas, partilhando, inclusive, do capital simbólico alcançado pelos próprios técnicos ou até mesmo jogadores³⁴.

A visibilidade de alguns preparadores físicos, no entanto, é anterior aos anos oitenta e ao advento dos CTs. A ascensão desses *profissionais*, verificada numa escala mundial sobretudo após a Copa do Mundo de 1966, se deu no Brasil de maneira mais evidente a partir do final da década de setenta, momento em que muitos preparadores físicos se profissionalizaram como técnicos de futebol. Exemplos mais destacados foram Claudio Coutinho, Carlos Alberto Parreira e Sebastião Lazaroni, todos alcançando a seleção brasileira.

Porém, o que estou enfatizando aqui é uma maior visibilidade e autonomia profissional desses atores como preparadores físicos, propriamente, que não se voltaram, necessariamente às carreiras de técnicos de futebol.

A torcida do São Paulo Futebol Clube por muito tempo gabou-se de ter em seu elenco de *profissionais* aquele que é considerado no meio esportivo como o melhor preparador físico do Brasil, Moraci Sant'Anna, até mesmo reconhecido como um ídolo, rivalizando em prestígio e visibilidade com muitos jogadores. É visível na imprensa, a partir dos anos noventa, a atenção dada a estes outros atores do futebol profissional.

A carreira de Moraci Sant'Anna em parte se confunde com a época de maior investimento do São Paulo Futebol Clube na área da preparação física. Uma desses investimentos foi a utilização da hidromassagem, a partir de 1990, na recuperação dos jogadores após os jogos. Outra iniciativa pioneira desse preparador foi introduzir os exercícios de alongamento, em 1978, no futebol brasileiro: “(...) *Dos meus 46 anos, 24 foram dedicados à pesquisa pura (...) Além disso tenho a sorte de trabalhar ao lado de profissionais competentes aqui no São Paulo, entre eles o Turíbio de Barros e a nutricionista Patrícia Bertolucci(...)*” (OESP, 08/03/1998).

Programas inovadores de testes de avaliação física e condicionamento atlético coincidiram com a inauguração do CT, aliás vizinho ao do Palmeiras, que foi construído pela multinacional Parmalat como um dos itens de investimento acordados com o clube.

³⁴ . Os regulamentos descritos acima para o elenco do São Paulo Futebol Clube estiveram a cargo da responsabilidade do preparador físico. Além de disciplinar diariamente o corpo dos atletas deveriam disciplinar também os comportamentos e as condutas dentro do CT.

Profissionais como o preparador físico Moraci Sant’anna e o fisiologista Turíbio Leite de Barros, também do São Paulo Futebol Clube, participam, há cerca de uma década, desses projetos que alçaram o clube no cenário internacional³⁵ e impulsionaram a valorização dos CTs no meio futebolístico brasileiro.

Numa longa entrevista, Moraci Sant’Anna relata de forma compactada sua biografia. A matéria inicia-se com um parágrafo indicativo da importância desses outros atores no domínio esportivo:

“Não há dúvida que Moraci Vasconcelos Sant’Anna, apesar de ter 46 anos, está entre os profissionais mais bem sucedidos do futebol brasileiro de todos os tempos. Depois de conquistar 21 dos mais importantes títulos do esporte em todo o mundo, ele estará viajando no próximo mês para a Arábia Saudita, onde se juntará ao técnico Carlos Alberto Parreira. De lá, partirá para a França para atingir outra marca pouco conhecida entre os preparadores físicos: a de participar de cinco Copas do Mundo consecutivas”(OESP, 08/03/1998).

Dentro desses investimentos em *profissionais* e tecnologia, um exemplo significativo pode ser mencionado em relação aos programas de avaliação de atletas desenvolvidos pelo fisiologista Turíbio Leite Barros, que tabulou o comportamento motriz, desde 1986, de cerca de 810 atletas do São Paulo Futebol Clube. Estes dados e conclusões iriam ser mostrados num congresso realizado às vésperas da Copa do Mundo de 1998, na França. Turíbio participou do 7º *Soccer Clinic*, antecipando a apresentação que faria sobre os resultados obtidos.

Este programa, que revela certos desdobramentos simbólicos, diz respeito à mensuração de certos “padrões de referência” realizados ao longo de doze anos com os atletas que passaram pelo clube³⁶. Tais padrões possibilitaram avaliar a evolução dos deslocamentos dos jogadores em campo, subsidiando níveis de comparação com outros centros de excelência do futebol jogado profissionalmente em todo o mundo.

O princípio de tais mensurações estava baseado numa metodologia que não visava tão somente elaborar testes de avaliação dos atletas mas apontar, inclusive, para os demais membros da comissão técnica, sobretudo ao treinador, as potencialidades de cada jogador

³⁵ . O São Paulo contava, à época de Moraci, com um programa regular de estágios (desde 1990) para recém formados em educação física, brasileiros e estrangeiros, que almejassem seguir a carreira de preparadores físicos.

no que se refere à sua movimentação dentro de campo, bem como as compatibilidades com as funções a eles atribuídas, seus posicionamentos e tarefas a cumprir dentro de determinadas *formas* ou *padrões* de jogo.

Para tanto, elaborou-se o seguinte procedimento. Primeiro, foram quantificadas as amplitudes das passadas de cada jogador, seja quando estão andando, trotando ou correndo. A partir dessas medições, pôde-se avaliar a capacidade de cada jogador ao elaborar determinados esforços físicos, estabelecendo também parâmetros de frequência desses movimentos (movimentação em função de um determinado tempo). Todas estas medições determinam, por fim, as modalidades de deslocamento de cada atleta.

Um segundo procedimento seria cotejar estes testes simulados em “laboratório”, no CT, com as situações que se apresentam numa partida. Ou seja, observar os jogadores e filmá-los individualmente durante uma temporada para poder avaliar os tipos de movimentos que desenvolvem, se suas aptidões físicas estão compatíveis com a posição que estão atuando e quais as solicitações em cada situação de jogo, por exemplo, deslocamentos de costas, laterais, piques ou trotes etc³⁷.

A partir desses resultados elaborou-se uma tabela onde estão mensuradas tanto as variações individuais quanto as variações de cada posição, ou seja, a média de movimentação de um lateral, de um zagueiro ou atacante.

Os resultados chegaram a números mais absolutos e tiveram um impacto considerável sob algumas das noções que se atribuem tanto aos jogadores quanto às posições que ocupam no gramado e, de modo geral, ao próprio futebol brasileiro tomado numa perspectiva comparativa. Tais números atestavam, por exemplo, qual a média percorrida em cada posição³⁸. Um centroavante brasileiro corre em média 6 km por jogo. É

³⁶ . Parte desses resultados expostos no Soccer Clinic já haviam sido veiculados no jornal OESP, numa matéria intitulada São Paulo adota análise individual na equipe (OESP, 13/02/1998). A matéria trazia também informações sobre a *Turíbio Sports Fisiocenter*, uma academia à época recém inaugurada pelo fisiologista.

³⁷ . Sobre os deslocamentos de costas relata Moraci “(...)era um tipo de movimento que não nos chamava atenção (...) passei a cuidar com mais atenção desse tipo de exercício nos treinamentos, principalmente com os jogadores que apresentaram alto índice” (OESP, 13/02/1998). À propósito do uso das imagens foi somente com Wanderlei Luxemburgo nos treinos que visaram a preparação da seleção para a Copa América de 1999 é que foram incluídos tais procedimentos de observação e avaliação sistemáticos numa seleção brasileira: “além de preparadores físicos, médicos, consultores técnicos, fisiologista, fisioterapeuta, psicóloga, entre outros, a comissão técnica da seleção brasileira conta com uma equipe de filmagem para registrar treinos e jogos da equipe de Wanderlei Luxemburgo e também dos adversários” (<http://www.agemado.com.br>).

³⁸ . Um zagueiro percorre, em média, 7km, um lateral aproximadamente 8km e um jogador de meio de campo 8,5km, por exemplo.

o jogador que menos corre numa partida, ao passo que na Europa um jogador da mesma posição desloca-se em média de 10 a 12 km.

Trata-se de “herança cultural”, afirmava Turíbio de Barros, uma vez que aqui o centroavante não gosta de marcar os adversários:

“Porém não podemos mudar a natureza de cada jogador: não dá para pedir para o Romário correr mais do que ele de fato consegue (...) o trabalho deve ser feito em cima dos padrões, temos que respeitar a natureza”.

O fisiologista enfatizou ainda que tais resultados não estavam a cargo da robotização dos atletas mas serviam justamente para *“questionar o aspecto técnico e tático de um determinado esquema, saber quando ele funciona ou não”*.

O que implica em afirmar que subsídios e pesquisas científicas como esta tendem a questionar certas concepções arraigadas à maioria dos técnicos que primam por uma postura essencialista, homóloga ao que poderíamos denominar de “culturalista”, no que se refere a primazia e convicção que muitos possuem na autonomia de seus estilos em formar times competitivos, bem como na crença exclusivista de um saber, os “segredos” que podem alterar resultados, manipulado ou inventando *formas e padrões* de jogo³⁹.

Em todo caso, o que deve ser ressaltado é que a partir do incremento dos CTs uma nova ordem na configuração que aloca certas qualidades valorativas (visibilidade, prestígio, *status*, poder) a determinadas situações socialmente consolidadas, sejam de técnicos, de certas “posições” ocupadas pelos jogadores em campo⁴⁰ ou desses próprios jogadores enquanto ídolos, impõe-se ante determinados deslocamentos simbólicos que, sem dúvida, alteram as percepções de vivenciar este futebol.

A questão é identificar essas mudanças de sensibilidade perante o jogo nas suas múltiplas determinações, materiais e simbólicas, tecnológicas e culturais, que estão em constante processo e imbricamento, evidenciando a legitimidade profissional e prestígio de novos agentes, como parece ser o caso da visibilidade alcançada pelos preparadores físicos,

³⁹ . Vimos que Zagallo ao “inventar” uma *forma* de jogo, o já citado 4-3-2-1, não conseguiu

⁴⁰ . Sobretudo após o advento do “fenômeno Pelé”, a camisa dez e determinadas atribuições à esta função impregnariam todo o imaginário esportivo. O “dez” passaria a significar, necessariamente, o cérebro do equipe, aquele possuidor da maior habilidade tanto na armação das jogadas quanto na conclusão de muitas outras, enfim, “o craque do time”. Configuração muito alterada hoje em dia, em que se apresentam goleiros com funções variadas, inclusive como artilheiros ou laterais, nominados de “alas”, que angariam grande prestígio ante às outras posições.

fisiologistas, médicos e demais profissionais até então mais periféricos no enquadramento simbólico deste futebol profissional⁴¹.

Os usos de tais conhecimentos científicos e inovações tecnológicas instilam e expõem, no plano mais explícito das posições políticas no cenário do futebol brasileiro, determinadas disputas que, obviamente, transcendem os limites da atuação desses profissionais voltados para as questões técnicas e científicas na preparação dos atletas.

Turíbio Leite Barros, do alto de seu prestígio junto à imprensa, inúmeras vezes declarou-se contrário aos trabalhos de preparação realizados na seleção no ano de 1998, comentando que “*o principal problema da seleção é [era] a falta de ‘padrões de referência’ para uma completa avaliação dos atletas, o que ajudaria no diagnóstico individual e tornaria mais fácil o trabalho do preparador físico*”. Criticava também a ausência de um fisiologista na comissão.

Sugerindo que os “testes de lactato” feitos por um aparelho chamado Acquosport apresentavam considerável margem de erro nas medições de ácido láctico no sistema muscular dos atletas, Turíbio trouxe à tona ainda outras questões que transcendiam o julgamento meramente objetivo e mensurável de tais testes. Na verdade, a comercialização dos aparelhos era intermediada por Marcos Teixeira, sobrinho de Ricardo Teixeira, presidente da CBF, tal como denunciou parte da imprensa especializada, particularmente o cronista esportivo Juca Kfour⁴².

Fatos que o colocavam no epicentro de outras questões necessariamente não relacionadas diretamente ao exercício de sua profissão. Todavia, questões e dimensões que interferiram na preparação e nos resultados de todo o trabalho técnico, para além das competências disponibilizadas.

Portanto, aos olhos dos torcedores outros personagens e ídolos aparecem, legitimados pela adesão e comprometimento com novos significados atribuídos às *formas* do jogar. Fato que não escapou à crônica especializada no que concerne ao fomento do debate em torno da excelência profissional dos treinadores e suas posições consolidadas nesse enquadramento.

⁴¹ . Se a medicina esportiva já consiste numa sub-área consolidada anteriormente aos CTs, o caso da psicologia esportiva parece confirmar, tal como o dos fisiologistas, esta posição de prestígio recente angariado nesta nova conjuntura profissional.

⁴² . Numa matéria intitulada *Despreparo Físico (Folha de S. Paulo, 23/05/1998)*.

São inúmeros os cronistas especializados que apontam ressalvas ao saber onipotente dos técnicos. Tais questionamentos aparecem justamente neste momento de ampliação da divisão social e simbólica do trabalho das comissões técnicas. Em *O bom técnico é aquele que não aparece*, o articulista José Geraldo Couto critica a excessiva auto estima estimulada pelos próprios treinadores: “(...)o bom técnico não é aquele que brilha na mídia: é o que deixa seus craques brilharem em campo”(Folha de S. Paulo, 31/10/1996).

No artigo *O fim dos déspotas*, Juca Kfourri aponta para a necessidade em cercar determinadas posturas centralizadoras do trabalho dos técnicos:

“(...)Não cabe a ele [o técnico] escolher o médico, o preparador físico, o preparador de goleiros, o psicólogo (...)A frequência com que se desmontam boas comissões técnicas em função das meras preferências pessoais do treinador é assustadora(...)”(Folha de S. Paulo, 14/09/1997).

Em *Zagallo Rejeita Tecnologias Para Vencer* (Folha de S. Paulo, 08/06/1997), igualmente criticam-se as posturas mais conservadoras do método de trabalho do referido técnico no que concerne à manutenção de uma determinada convicção que refrata as mudanças e inovações dentro das comissões técnicas.

Outros ainda, no âmbito da crônica, em contrapartida, acirram este debate atribuindo aos treinadores um papel de protagonistas principais, chegando mesmo a atribuir uma maior excelência aos técnicos em detrimento daqueles que, de fato, na maioria das vezes, constróem os resultados, os próprios jogadores. Em *Por que o técnico vale mais que o craque*, Fábio Bouéri enfatiza que “(...)antes de um grande craque, é preciso um grande técnico. Entre a palavra de um craque e a de um treinador, mais vale a cabeça do que os pés”(...) (A Gazeta Esportiva, 16/12/1996).

Disputas que não prescindem de um reconhecimento social, tal como enfatizou Turíbio de Barros ao mencionar de que maneira o trabalho de um “simples” fisiologista poderia interferir no saber acumulado pelos técnicos ao apontar que também tem a possibilidade de determinar a escolha do melhor esquema tático, *forma* ou *padrão* de jogo, instâncias consideradas o “núcleo duro” do saber e da visibilidade social dos treinadores.

Aliás, a própria conversão dos treinadores à condição de ídolos também pode ser datada na história do futebol brasileiro. Até pouco tempo antes da Copa do Mundo de 1938 os selecionados geralmente contavam com comissões de técnicos, o que diluía o prestígio individual atribuído a cada um deles.

Estas intervenções oriundas de outras áreas do conhecimento tendem a mudar a concepção mais tradicional, que acompanha a prática do futebol desde o início da profissionalização, que diz respeito às rotinas dos treinos, mais particularmente ao estatuto dos treinamentos coletivos. Técnicos tais como Carlos Alberto Parreira, por exemplo, privilegiam os denominados treinos táticos, ou seja, simulações fragmentadas de situações de jogo ao invés de jogos realizados dentro de uma totalidade mais próxima de uma partida, como compara Moraci Sant'Anna:

“O Telê trabalhava mais com treinos coletivos, fazia poucos treinos táticos e dedicava-se quase sempre à parte técnica. Já o Parreira faz o contrário, treina o time por setores, insiste muito com a parte tática. Mas ambos estão entre os melhores que conheci”.

Tais tendências apontam para a necessidade da realização de treinamentos mais individualizados, por posição (para o lateral, meio campo etc), condicionados às capacidades de cada atleta. Este procedimento já existe no Brasil desde os anos 70 para a posição de goleiro, como confirma Waldir de Moraes, atualmente trabalhando na Sociedade Esportiva Palmeiras⁴³:

“Com muita honra carrego em meu currículo o título de primeiro profissional de futebol a difundir a profissão de preparador de goleiros aqui no país e também um dos primeiros do mundo”.

Restringindo ainda mais os rachões, como são popularmente conhecidos os treinos coletivos, os treinos táticos celebram as jogadas ensaiadas, os posicionamentos e as funções previamente estudadas, o aprimoramento das *formas* de jogo, mas também a necessidade da presença cotidiana dos jogadores nestes ciclos de aprendizados que, quando não obedecida, sejam por faltas ou atrasos não justificados, são multados pelas diretorias.

Neste outro processo de adestramento e manutenção do preparo técnico, físico e moral dos jogadores é necessário que o atleta incorpore que, somado ao seu estilo, existe todo um tempo de aprendizado que não é mais demonstrado, simplesmente, no momento do jogo, mas sim também nos treinos, monitorado pelos profissionais da comissão técnica a partir de aulas seqüenciais e não reiterados “coletivos” ou “rachões”.

⁴³ . Palavras de Waldir Joaquim de Moraes, prefaciando o manual técnico para goleiros intitulado *Goleiro 100 Segredos*, de um outro preparador de goleiros, Almir Domingues. O autor recomenda, na quarta capa do livro, as virtudes do presente volume: *“Indicado para goleiros, preparadores de goleiros, atletas, técnicos e alunos de escolinhas de futebol”.*

Apenas para ilustrar como é uma semana de treinamentos num clube, reproduzo a rotina do time juvenil do São Paulo Futebol Clube, à época (1996) em que era dirigido pelo técnico Dario Pereira. Embora existam variações de técnicos para técnicos ou mesmo entre as categorias amadoras e profissionais, a rotina apresentada abaixo segue um padrão que tende a minimizar os treinamentos coletivos e a valorizar outros expedientes. Neste mesmo clube os jogadores profissionais que atuaram num jogo não treinam no dia seguinte, ou melhor, fazem exercícios de hidromassagem nas piscinas do CT, outra novidade na reposição do desgaste muscular ocorrido numa partida. São os preparadores físicos que ministram tais atividades.

De modo geral, as rotinas contemplam os seguintes procedimentos: segunda-feira, trabalho com resistência aeróbica, ou seja, aquele processo de gasto de energia que depende diretamente de um esforço médio e mais prolongado (corridas cadenciadas) a partir do gasto de oxigênio. Terça-feira, pela manhã, trabalham-se exercícios de força muscular e explosão (resistência anaeróbica que sustenta movimentos bruscos tais como saltos e piques de corrida). À tarde, realiza-se o *circuit training*, condução da bola individual e em grupo em estações de tarefas dispostas no gramado, aprimorando a técnica e os fundamentos individuais: chute, cabeceio, passe etc, bem como aproximações e finalizações a gol. Quarta-feira, a tradicional simulação de jogo, o coletivo. Quinta-feira, testes de velocidade, tática mais finalizações. Sexta-feira, tática mais um rachaço (outro coletivo, mais “solto”). No Sábado, no caso dos juvenis que possuem um calendário com menos jogos, a realização de uma partida oficial pelo campeonato e descanso no domingo.

Estas mudanças vem acarretando também um redirecionamento em relação a eficácia das “concentrações”, supostamente designadas como “terapias coletivas” para equilibrarem o estado emocional dos jogadores, apartando-os de outros estímulos e contatos extra futebol, por horas, às vezes dias, antes das partidas oficiais. Estímulos extra campo que, muitos crêem, sejam prejudiciais ao estado físico e mental dos atletas. Nelas, os jogadores permanecem basicamente exercitando atividades como assistir a TV ou jogando, baralho, sinuca etc.

As concentrações foram paulatinamente sendo questionadas com a introdução de outros métodos, definidos genericamente como “psicológicos”. Mas, mesmo antes, foi a partir da iniciativa mais explícita de um grupo de jogadores que atuou no Sport Club

Corinthians Paulista, a denominada “democracia corintiana”⁴⁴ que, entre outras reivindicações, combateu-se mais abertamente contra tais expedientes, historicamente burlados por jogadores profissionais⁴⁵.

Até hoje, um de seus artífices, o jogador Sócrates, investe contra as concentrações:

“Nada é mais banal e letárgico que este tipo de aprisionamento a que os jogadores são submetidos. Quais os motivos para a existência das concentrações? Evitar que os atletas se excedam em bebedeiras, noitadas ou mesmo relações sexuais? Na verdade, é mais uma conduta paternalista que persiste, levando, ao contrário do que se pensa, uma perda de concentração e de motivação, porque, estando os jogadores distantes de seu habitat natural, o sentimento corrente é de sonolência, mau-humor e relaxamento, que em nada favorecem suas performances (...) com esta prática, estamos reforçando a mentalidade juvenil, tornando nossos ociosos atletas em especialistas em jogos de carta e diminuindo a força anímica fundamental para este esporte” (Lance, 12/03/1998).

Se, por um lado, as concentrações encarnam, no nível da preparação, um futebol considerado “paternalista” e ultrapassado, portanto tido como pouco profissional, daí as críticas de Sócrates e muitos outros arautos dos novos métodos, por outro lado, o número de atividades que se somam às rotinas dos treinos e a elas são incorporadas atualmente, consideradas fundamentais na preparação dos atletas, também visam amoldar o corpo e o “espírito” do jogador só que ante novas solicitações, inclusive de ordem mercadológicas alheias à própria preparação, dentro desse profissionalismo considerado renovado.

Mudanças que se espraiam tanto em termos do convívio dos atletas quanto em relação à manutenção das suas imagens vinculadas às marcas publicitárias, condicionando cada vez mais a vida dos jogadores às novas demandas que norteiam a modalidade esportiva, tais como os compromissos com as agendas extensas dos patrocinadores, pensando especificamente nos jogadores “de ponta”. É nesse contexto que se legitimaram as terapias de auto-ajuda, concomitantes às práticas mais tradicionais das concentrações.

⁴⁴ . Processo que questionava, sob vários ângulos, o regime profissional do futebol brasileiro. A democracia corintiana surgiu de uma disputa eleitoral para escolher os novos diretores do clube no ano de 1983, período que antecedeu o movimento das diretas-já e a redemocratização brasileira. Para maiores detalhes sobre os desdobramentos sociais e políticos deste fenômeno que sensibilizou o universo do futebol profissional consultar Santos (1990).

⁴⁵ . É João Saldanha, ex-técnico e cronista esportivo, no clássico *Os Subterrâneos do Futebol*, que vai abordar o tema das concentrações e o processo de disciplinamento de jogadores.

É Tostão que vai identificar algumas contradições entre o discurso e a prática de Wanderlei Luxemburgo, principal protagonista e entusiasta de muitas dessas “novas” concepções. À época em que estava no Corinthians, acumulando as funções de técnico neste time e na seleção brasileira, utilizava-se de um expediente disciplinador considerado por muitos como amadorístico, da época das concentrações, no trato de seus atletas, tal como adverte o cronista:

“Wanderlei Luxemburgo fala sempre em modernidade e profissionalismo, mas coloca seguranças para vigiar os jogadores, o que é típico de uma época amadorística em que os jogadores eram vistos como marginais”(OESP, 08/05/1998).

Dois dias antes, um outro jornal detalhava de modo acrítico tal procedimento:

“Manter um grupo de 23 jogadores distante das ‘tentações do sexo’ está sendo a principal missão de três seguranças de confiança do técnico Wanderley Luxemburgo, Chicão, Gentil e Reinaldo, que acompanham o Corinthians na concentração em Atibaia”(Folha de S. Paulo, 06/05/1998).

São valorizadas as palestras e atividades que versam sobre auto-ajuda e “inteligência emocional” como aditivos psicológicos na manutenção da motivação dos atletas para o convívio em grupo e preparação para as competições. Trata-se, na verdade, de uma outra configuração que, se não depende mais exclusivamente do confinamento nas concentrações como fundamentais para manter a disciplina dos jogadores, impõem-se a eles outros expedientes igualmente inibidores e disciplinadores, e o advento dos CTs celebram estas práticas, que, de modo similar, visam, assentados em outros saberes, conformar os atletas ante novas solicitações dentro do campo profissional.

Uma maior crítica a esses anunciados procedimentos de motivação e manutenção emocional dos jogadores, que visam substituir as atividades tradicionais das concentrações, acentuaram-se a partir do “caso Ronaldinho”. Outros atletas, como Roberto Carlos e Antonio Carlos, jogadores que atuam e atuaram em seleções, recorreram a “babás” para “servirem de escudo” ante a imprensa, torcedores e o assédio em muito condicionado pelas solicitações de marketing a que ficaram submetidos após uma intensa exposição e visibilidade nacional e internacional.

Na matéria *Assédio leva Roberto Carlos a ter babá* é resumido o “caso Ronaldinho”:

“O cargo de ‘babá’ ganhou importância depois da crise que Ronaldinho – único jogador que ficou à frente de Roberto Carlos na eleição da FIFA para melhor jogador do mundo – sofreu antes da final da Copa da França. Ronaldinho sofreu uma crise nervosa na concentração da seleção brasileira, em Lésigny, no dia da decisão do mundial. Roberto Carlos era companheiro de quarto do atacante e foi quem mais presenciou o colapso. ‘A causa mais provável é estresse. Isso não é incomum. Já vi vários casos no futebol’ disse o médico da seleção brasileira, Lídio Toledo, após o ocorrido”(Folha de S. Paulo, 09/08/1998).

A emoção aparece aqui decodificada e passível de ser mensurada. Ela não pode mais ser prerrogativa exclusiva dos investimentos simbólicos e valorativos em torno da dimensão lúdica, muitas vezes adjetivada no “estilo à brasileira” de jogar, que encontrou nesta sociedade, digamos, uma predisposição cultural e uma configuração social específica que a legitimou como elo de identificação entre esta modalidade esportiva e seus aficionados. Dentro desse futebol mais “científico” é preciso compreender esta emoção a partir de outros parâmetros, mais universalizados e quantificados.

As derrotas e reveses no futebol não podem mais ser explicados pelo azar, infortúnio ou quaisquer vaticínios considerados por esta visão como “irracionais” ou, como querem nomear alguns de seus propaladores, oriundos de uma perspectiva meramente torcedora.

Visão comungada por Wanderlei Luxemburgo, técnico da seleção e principal incentivador e incentivador dos usos dos métodos da “inteligência emocional” no domínio do futebol, que consistem, de modo geral, num conjunto de procedimentos que visam motivar e adequar os indivíduos aos desígnios relacionados a esfera da organização do trabalho, no caso, o esportivo.

Várias características suportam os métodos da “inteligência emocional”, como o controle dos impulsos, abandono de sentimentos negativos, adequação a sua auto-estima, tolerância às frustrações, interpretação dos canais não verbais de comunicação e sintonia no relacionamento interpessoal.

Ações que compõem a “inteligência emocional”, segundo a psicóloga e gerente de consultoria da *Manager Assessoria em Recursos Humanos* Sandra Moreira, cujos propósitos são maximizar uma competência emocional como “*diferencial competitivo*”. Nos seus termos:

“Somente os mais fortes sobreviverão no próximo século, não só as organizações que fizerem joint, reengenharias, fusões e cisões, porém – e principalmente – aquelas que valorizarem a visão e o tratamento holístico de seus funcionários, considerando a formação do intelecto pela quantidade de informações que conseguimos, ou seja, pelo quociente de inteligência (QI), e pela quantidade das interpretações pessoais que conseguimos dar a elas, isto é, nosso quociente emocional (QE)” (OESP, 29/04/1998).

Seguem-se aqui outros critérios, cujo papel atribuído à emoção continua relevante porém limitado ou constringido às práticas de profissionais específicos em lidar com esta dimensão subjetiva dos atletas, muitas vezes qualificada pejorativamente como incontrolável.

Desse modo, o papel e ascensão dos psicólogos ou ainda outros profissionais difusamente identificados como “preparadores mentais” fazem parte deste corolário de novas necessidades na preparação dos jogadores.

Um desses “preparadores mentais” mais conhecidos é Evandro Mota, *“especialista em desenvolvimento e orientação mental”* (OESP, 11/09/1998) que, embora não sendo psicólogo, ajudou na preparação mental da seleção brasileira nas Copas de 1994 e 1998. Entretanto, o ex-jogador e médico Tostão fez ressalvas à eficácia desses novos profissionais:

“A seleção brasileira não terá a presença de um psicólogo [em 1998] e sim de um especialista em qualidade total, o engenheiro Evandro Mota, que, através de palestras, tentará incentivar os jogadores (...) esta técnica de sugestão, que funciona como terapia breve, ajuda em períodos curtos, mas, na minha opinião, teria sido mais importante o acompanhamento de um especialista em psicologia esportiva durante todos estes quatro anos de preparação e não somente no período da Copa” (Na Copa com Tostão, *Revista Isto É*, 27/05/1998).

Nos cursos oferecidos pelo SITREPESP, descritos no tópico anterior, geralmente é um ex-dirigente de basquete, Valdir Pagan, que também não é psicólogo de formação, o encarregado de ministrar aulas sobre relaxamento e preparação mental para os futuros técnicos, utilizando-se de terapias de grupo com músicas.

Numa matéria intitulada *A Vez das Psicólogas* pode-se notar todo um glossário de termos utilizados por estes *profissionais* para definir certas circunstâncias que se apresentam no cotidiano dos clubes. Termos como “sabotador” e “conscientização” aparecem como “conceitos” limites de certas condutas desabonadoras.

Segundo a matéria seria “*sabotador aquele jogador que detesta treinar, mas adora competir. Reclama da rotina de treinamentos e começa motins contra a comissão técnica e a diretoria do clube. É o líder negativo*”.

E por “conscientização” define-se que “*é um dos lemas dos psicólogos [esportivos]. Atletas impulsivos, que se desentendem com técnicos ou têm problema disciplinares, têm de aprender a tomar consciência de suas atitudes*”(Folha de S. Paulo, 22/10/1997)⁴⁶.

Para além dos juízos de valor agregados a estas definições ou “conceitos” e às competências e qualificações profissionais desses “preparadores mentais”, aquilo que nos concerne destacar é como determinadas representações consolidadas neste discurso apelam para um estatuto de cientificidade através da confirmação desta nova configuração profissional e simbólica em torno das dimensões dos treinos.

Treino não aparece mais numa relação antitética com jogo, como na “máxima de Didi”, mas numa relação de continuidade e confirmação não só do próprio jogo como também operador de uma outra ordem, cujos parâmetros da disciplina, da técnica, ditadas por uma determinada concepção organizacional e gerencial assentadas na mobilização da noção de competência e marketing, questionam os atributos do jeito, da malícia, da improvisação, do estilo e da “magia”, representações caras ao futebol vivido e jogado no Brasil⁴⁷.

Outros domínios ainda estão presentes e se adequam às novas aspirações simbólicas na formação dos atletas, tais como as escolhas de um número expressivo de jogadores por uma ética religiosa mais voltada para certos valores que propugnam a prosperidade,

⁴⁶ . Segue a matéria “*depois de muita resistência, os dirigentes dos clubes brasileiros concluíram que uma partida de futebol não se ganha só com os pés (...)a psicologia, chamada de ‘ciência do comportamento’, é a novidade do ano no futebol*”. A matéria cita várias psicólogas que trabalham em clubes brasileiros, entre elas, Regina Brandão, do Internacional de Porto Alegre, Maria Helena Antunes Rodrigues, do Vasco da Gama carioca e Suzy Fleury, que trabalhou em vários clubes com Wanderlei Luxemburgo, inclusive na seleção brasileira (Folha de S. Paulo, 22/10/1997). Suzy Fleury é graduada em psicologia mas fez pós-graduação em propaganda e marketing e é dona da PH&T, empresa de treinamento e desenvolvimento de pessoas. O que sugere sua filiação a voga da “inteligência emocional” que, mais do que uma “teoria” propriamente dita consiste num conjunto de métodos gerenciais de recursos humanos de otimização, do ponto de vista empresarial, na organização da divisão social do trabalho.

⁴⁷ . Observar que todas estas mudanças parecem figurar o imaginário da modernização do futebol, como relatado na matéria que segue: “*A diretoria de esportes da Parmalat deve contratar um psicólogo no próximo ano para acompanhar a equipe profissional do Palmeiras. A contratação desse profissional faz parte dos planos da empresa para a modernização do departamento de futebol do clube*” (Folha de S. Paulo, 15/10/1997). O que culminou, meses depois, na contratação de um psicólogo para coordenar o departamento de futebol da parceria Parmalat e Palmeiras, Paulo Angione (OESP, 01/05/1998).

sobretudo a material, observada particularmente entre os atletas evangélicos, muitos deles reunidos no movimento intitulado “Atletas de Cristo”⁴⁸.

Escolhas que, de modo geral, encaminham-se para um ascetismo e disciplina para o trabalho e que se somam às novas solicitações simbólicas, tecnológicas e mercadológicas do futebol profissional. Esta dimensão religiosa opera como um fator de mudança na auto-percepção dos próprios jogadores ante suas carreiras profissionais, a verificar em pesquisas em andamento⁴⁹.

3.4 a busca das formas-representações

Vimos que a participação dos torcedores, atores que introduzem emoção aos treinos, nestes espaços de aprimoramento tanto da técnica dos profissionais envolvidos (jogadores e técnicos, sobretudo) quanto da manutenção do discurso *especialista* tende a ser visivelmente mais restrita e controlada.

Nem sempre as comissões técnicas dos times expõem abertamente seus métodos de treinamentos, os *segredos* e a metodologia da profissão aos leigos torcedores, muito embora os mais aficionados saibam pela própria imprensa especializada das possibilidades de permuta e arranjo dos jogadores em campo, da condição física e técnica geral dos craques do time, quais as maiores qualidades ou defeitos, o quanto estão motivados ou não em relação ao entrosamento com o grupo, os problemas pessoais que interferem nos desempenhos em campo.

Os treinamentos são circunstâncias em que, para além das partidas, onde a presença torcedora é mais significativa, tanto do ponto de vista numérico, obviamente, quanto do ponto de vista simbólico na manutenção da emoção, tensão e participação efetiva no

⁴⁸ . Segundo o ex-piloto de automobilismo Alex Dias Ribeiro, diretor nacional da entidade “Atletas de Cristo”, há aproximadamente 6.500 jogadores evangélicos no Brasil. Infelizmente não disponho de dados quantitativos para comparar ou mesmo afirmar, mas fica como hipótese de trabalho a sugestão de que parece existir um decréscimo no número de adeptos dos cultos afro-brasileiros entre os jogadores devido a migração para as igrejas neo-pentecostais, notadamente para o movimento “atletas de Cristo”. É claro que este fenômeno de reconversão deve ser relativizado, uma vez que estas duas formas de religiosidade popular estão mais imbricadas do que em princípio se poderia supor mas, em todo o caso, apontam para uma ética e conduta nas carreiras profissionais em consonância às transformações simbólicas em curso, que primam por um maior ascetismo na condução da carreira profissional.

⁴⁹ . Um pesquisador da PUC-SP, Francisco Nunes, vem trabalhando com esta temática, utilizando-se dos procedimentos etnográficos para estabelecer, entre outras coisas, o nexos interpretativo entre o esporte e esta dimensão religiosa a partir do movimento dos “Atletas de Cristo”.

comprometimento com os sentidos atribuídos ao jogo, delinham-se e multiplicam-se outras performances, a dos *especialistas*, que levam até os torcedores, no acompanhamento do cotidiano de seus clubes pelas mídias, os bastidores e os detalhes dos times, como será visto em pormenores no tópico seguinte.

Entretanto, até com a própria imprensa especializada esta relação com os *profissionais* é negociada, justamente para que sejam resguardados os “segredos” ante os adversários. Porém, é significativo observar o investimento da crônica em descobrir e saber a respeito dos meandros da formação tática, técnica, as escalações, quem jogará ou não, para informar, com seu discurso de autoridade, a totalidade dos torcedores.

Não raramente os técnicos realizam aquilo que se popularizou como “treinamentos secretos”. Secretos pois proíbe-se o acesso dos cinegrafistas, o que muitas vezes incluem os repórteres, nas coberturas dos treinos. Em 1998, às vésperas da primeira participação da seleção brasileira na Copa do Mundo, Zagallo decidiu fechar a concentração e os treinos à imprensa:

“os homens encarregados do sistema de segurança da seleção na concentração da seleção cuidaram de todos os detalhes para evitar que jornalistas ou espiões de outras equipes tentassem acompanhar o treino de perto. Alguns policiais, com agasalhos de jogging e tênis, porém armados, caminhavam pelo bosque, usando walkie-talkies, vasculhavam a área, prontos para correr atrás de algum intruso”(OESP, 07/06/1998).

São jogadas ensaiadas, uma *forma* de jogo que está sendo testada, uma escalação surpresa de algum jogador, enfim, estratégias que devem ser ocultadas dos adversários, daí a radicalização no relacionamento com os próprios torcedores e a imprensa esportiva, constrangimentos nem sempre obedecidos e, mesmo, freqüentemente burlados à revelia dos técnicos⁵⁰.

São *formas* de treinar inventadas pelos treinadores ou eventualmente baseadas em outras “escolas” do futebol mundial. Temos aí o “*treino à alemão*”, “*treino à lusa*”, “*treino à*

⁵⁰. Esta relação tensa entre comissão técnica e imprensa pode ser verificada também nos cotidianos dos times: “*o bom humor do técnico Luiz Felipe [Palmeiras] e sua aproximação com os repórteres nos últimos dias eram prenúncios de armação extra campo do treinador. A quase sempre conflitante convivência na Academia [como é chamado o CT palmeirense] entre Felipão e parte da imprensa deu lugar a sorrisos e brincadeiras. Uma atitude estranha, sobretudo às vésperas de um jogo decisivo. Ontem tudo foi esclarecido. Felipão queria desorientar os jornalistas e esconder suas armas para a batalha decisiva de hoje, às 21h:40, em São Januário, contra o Vasco da Gama pela Libertadores da América [campeonato sul americano de clubes] (...) O treino da tarde começou com duas horas de antecedência e, mesmo assim, o treinador pediu para os cinegrafistas desligarem suas câmeras(...)*” (LANCE, 21/04/1999).

italiana”, que se mesclam aos procedimentos e improvisações locais numa gama variadíssima de possibilidades que se alternam de acordo com a concepção de cada técnico. O que surpreende os leigos, tal como pôde ser constatado na observação direta dos treinos, nas aulas práticas dos cursos para treinadores descritos no tópico anterior e, inclusive, em matérias na imprensa esportiva:

“*atacantes vedados, zagueiros amarrados, adversários imaginários, bolas ilusórias e gols duplicados. A expressão ‘futebol é uma caixinha de surpresas’ deixa o campo do lugar-comum para ser reveladora quando se leva em conta alguns métodos de treinamento*”(Folha de S. Paulo, 06/12/1998).

Por exemplo, “*treino à italiana*” é realizado reduzindo-se o campo de jogo, testando a capacidade dos jogadores em deslocarem-se rapidamente e efetuarem os passes “de primeira”. Alguns treinadores, especificamente os preparadores, executam treinos físicos atrelando os jogadores a elásticos de modo a dificultarem seus deslocamentos. Estes procedimentos aumentam a capacidade de explosão e torque na hora do pique e do arranque, ampliando a capacidade anaeróbica, solicitações comuns verificadas numa partida.

Para treinar a formação da linha do impedimento, por exemplo, costuma-se amarrar os zagueiros por uma corda, facilitando a saída em conjunto da jogada, padronizando os jogadores, geralmente os de defesa, na estratégia de colocar os adversários em condição de fora de jogo.

Cilinho, técnico conhecido por revelar talentos no futebol paulista, costuma treinar fundamentos como condução e domínio de bola com pequenas bolas de borracha do tamanho das de tênis. Consta das versões sobre o futebol de Garrincha que, avesso a estas situações abstratas de treinamentos, inúmeras vezes driblava os obstáculos e aparelhos de treinamentos conferindo-lhes outros significados e propósitos, não raramente contrários aos ensinamentos “pedagógicos” dos técnicos que o treinavam.

Nos treinos, observa-se, portanto, um embate dinâmico entre os atores - *torcedores* reivindicando gols e melhor aprimoramento das performances dos atletas, *especialistas* tentando desvendar os “segredos” dos times através do trabalho das comissões técnicas e dos próprios jogadores, e estes últimos, os *profissionais*, buscando uma *forma* ou *padrão* que, se consolidado com sucesso em campo, atingirá, no plano simbólico, às representações do jogar, referendadas por todo um *socius*. Aquilo que geralmente é cobrado pela crônica

especializada e pelo conjunto genérico dos torcedores como sendo o “estilo”, o “jeito”, a “cara” ou a “alma” de um time.

Dessa perspectiva, os treinos consistem, para além do aprimoramento físico, técnico e mental dos jogadores, em verdadeiros laboratórios simbólicos na experimentação contínua e procura incessante daquilo que sintetizo aqui na expressão *forma-representação* de toda a comunidade de interesses em torno das práticas do jogar, noticiar e torcer.

Vimos que as *formas* de jogo dizem respeito as disposições continuadas das performances dos jogadores em campo, reunidas nas combinações também conhecidas por *esquemas táticos* ou *sistemas táticos*, arranjos codificados em expressões numéricas: 4-4-2; 4-3-4; 3-5-2 e etc. Para perguntas como “*de que forma (ou maneira) joga determinado time?*”, esperam-se respostas sintéticas do tipo “*no 4-2-4 ou no 4-3-3*”, ou “*ataca no 3-5-2 e defende no 4-4-2*”, por exemplo.

Tais *formas-representações* atualizam no cotidiano dos treinamentos níveis simbólicos nem sempre consensuais no que se refere aos sentidos atribuídos ao futebol pelos diversos atores em relação e significa matizar e colocar em confronto determinadas representações cristalizadas no senso comum que são, muitas vezes, tomadas pela literatura acadêmica como categorias nativas estáveis, tais como ocorrem freqüentemente com as denominações *futebol-força* e *futebol-arte*, por exemplo⁵¹.

Formas dizem respeito às configurações que alocam os jogadores espacialmente no gramado em função de determinadas tarefas a eles delegadas pelos técnicos ou comissões técnicas. *Representações* consistem nos ajustamentos num plano simbólico de tais *formas* ou *padrões* codificados, empiricamente observados em campo, repetidos à exaustão nos treinos, confirmados (ou não) numa partida e referendados (ou não) pela memória coletiva dos conjuntos de torcedores.

A expressão *formas-representações* discrimina aquilo que no nível do modelo nativo são concebidos muitas vezes como sinônimos no discurso dos agentes, ou seja, a sobreposição ou indistinção entre as *formas* ou *padrões* codificados e fixados pelos

⁵¹ . A primeira, jogada mais ao sabor do disciplinamento tático, futebol coletivizado competitivo e tido, muitas vezes, como pouco apreciável do ponto de vista estético. Pode ser observada em diversas *formas* de jogo, mais recentemente identificada no esquema 4-5-1. A segunda, ao contrário, tende a valorizar as performances mais individualizadas de alta destreza e beleza plástica, verificadas em formas que tendem a privilegiar mais jogadores no meio campo e ataque. Desse modo, o 4-4-2 pode, hoje, dependendo da

profissionais nos treinos e as representações simbólicas mais genéricas, de domínio de todos os outros agentes, nomeadas muitas vezes como sendo o “estilo”, o “jeito” e a “alma” deste ou daquele time e selecionado, geralmente expressos como “jogar à Corinthians”, “jogar à Flamengo”, “futebol carioca”, “futebol-arte”, “futebol-força”, “jogar à Felipão” (técnico de futebol) e etc.

Os matizes de tais *formas-representações* podem ser constatados a partir de uma disposição que vai de um nível mais individualizado ao coletivizado, do local ao mais global. Num nível local dizem respeito aos times e ao patrimônio simbólico historicamente engendrado pelo amálgama que se estabelece entre a identificação clube-torcedores, daí a possibilidade de se falar em “jogar à Corinthians” ou “à Grêmio”⁵².

Espera-se de qualquer jogador, na apreciação de suas qualidades sensíveis estilo e técnica, ou dos técnicos, no exame dos “segredos” e “filosofias” de seu jogo, os *padrões* ou *formas* por eles experimentados, certas compatibilidades com as *representações* já inscritas e muitas vezes consolidadas no imaginário coletivo torcedor e propagado pela imprensa esportiva.

Assim, um atleta ou até mesmo um técnico de um time como o Corinthians ou o Grêmio, por exemplo, deveriam jogar ou propor *formas* de jogo onde a garra, a vontade, a luta, independentemente das suas qualidades profissionais, capacidade, posição, função ou atribuições táticas pré determinadas, sejam contempladas.

É claro que tais atributos, garra, luta ou vontade, são exigências impostas em todo os clubes do regime profissional, porém são percebidas, valorizadas e utilizadas como características distintivas e contrastivas entre coletividades torcedoras de maneira diferenciada, como será melhor explicitado no último tópico do Capítulo 3.

Mas alguns técnicos condensam em torno de si mesmos tais representações, emprestando aos times que dirigem uma marca a princípio mais individualizada, tais com “jogar à Felipão” ou “à Wanderlei Luxemburgo”. O São Paulo Futebol Clube, num período de muitas conquistas, amalgamava ao time e à própria torcida a imagem de seu técnico, o “São Paulo de Telê”.

estratégia adotada e dos interesses dos técnicos, ser considerado um esquema tático que consolida uma *forma* de jogar ofensiva.

⁵² . A propósito do estilo gaúcho consultar Damo (1999). Neste texto o autor evoca as representações regionalistas em torno do gauchismo impregnando todo o universo simbólico do futebol praticado no Rio Grande do Sul.

Numa dimensão mais geral tem-se o “jogar à brasileira” e, num plano mais global, o “jogar à sul-americana”, confrontado às outras *formas-representações*, sobretudo às europeias. Todas estas *formas-representações* aparecem relacionadas e referidas, dialogando entre si numa linguagem esportiva assentada nos fundamentos táticos e, ao mesmo, numa lógica simbólica contrastiva, as quais, dependendo das circunstâncias, lançam-se mão, seja no discurso *especialista*, *profissional* ou *torcedor*.

Porém, estes níveis não são estanques, misturam-se nas performances dos times, na tomada de decisão dos técnicos ou mesmo dirigentes, na conduta e no engajamento torcedor e na cobertura da mídia.

Possibilidades que estão sempre em disputa nos treinamentos pois são neles que tais *formas-representações*, na sua dimensão mais codificada, ou seja, as *formas* de jogo, são engendradas como confirmações ou não, “teorias” ou “especulações”, entrelaçando todos os atores, em níveis variados de comprometimento, que os constroem, dadas as posições simbólicas que os alocam dentro destes espaços específicos que são os treinos e, posteriormente, as partidas.

A *forma-representação* mais genérica que nos diz respeito, o “jogar à brasileira”, que alude ao estilo que se supõe inato e inconfundível deste *esporte nacional*, deve ser compreendida não como uma configuração consensual mas, ao contrário, instável e que supõe mediações de toda a comunidade de interesse e injunções simbólicas presentes nas outras “formas” regionais, locais, até mesmo individuais mencionadas acima. Jogar à brasileira circunstancialmente engloba todas as outras sem, entretanto, aboli-las.

Chegar a esta *forma* ideal e idealizada no plano das competições mundiais implica, como se sabe, num esforço de toda ordem, econômico, político e, naquilo que diz respeito a este trabalho, simbólico, no sentido de manter um consenso, ainda que precário e conjuntural, entre dirigentes, jogadores, comissões técnicas, crônicas especializadas e torcedores em torno de uma seleção.

Sempre posta à prova pelas tensões simbólicas e materiais que estão na base do desenvolvimento da modalidade, a cada nova tecnologia empregada, a cada vitória ou derrota, a cada saber incorporado na preparação dos atletas, a cada seleção que desponta no cenário internacional rivalizando com a brasileira, ou mesmo num gesto, jogada ou atitude,

reacendem-se os debates em torno dos desígnios desse futebol⁵³ e a viabilidade do devir denominado “jogar à brasileira”.

O caso das “embaixadas de Edílson”⁵⁴, tidas como uma atitude individual e aparentemente circunstancial, transformou-se num foro de debates em torno de todo o futebol brasileiro, mobilizando as mesas redondas, os programas esportivos e, certamente, o cotidiano torcedor nos dias subseqüentes ao ocorrido.

Afinal, o que ele fez poderia ser comparável à arte de Garrincha ou não, quase sinônimo do “jogar à brasileira”? Estaríamos, ao reprimi-lo, tolhendo uma manifestação da arte, magia e do estilo brasileiro em detrimento de outras qualidades sensíveis tais como a disciplina e a técnica? Será que se tais gestos tivessem sido feitos numa partida nos anos setenta a repercussão e a controvérsia teriam sido as mesmas? Como explicar o riso dos torcedores, corinthianos, são-paulinos, santistas e tantos outros, a despeito dos palmeirenses discordarem de tais gestos? A celeuma durou várias semanas, a atitude lhe valeu o corte da seleção brasileira que disputaria a Copa América no Paraguai nesse mesmo ano.

Em nome de um decoro esportivo ditado por um profissionalismo mais ascético que se quer impor, condenaram-se as “embaixadas de Edílson” de modo preponderante entre setores dos meios profissional e especialista. De outra parte, a beleza plástica e o gradiente de emoção que tais atitudes suscitaram foram mais valorizadas pelos torcedores, excetuando-se os da Sociedade Esportiva Palmeiras, tanto no calor do jogo quanto após o desfecho da partida.

Foi comum observar ao longo do ano de 1999, nos jogos do Corinthians pelo campeonato brasileiro, inúmeros torcedores atualizando este evento e a discussão ao usarem camisetas com a imagem de Edílson equilibrando a bola na parte posterior do pescoço, atitude que desencadeou todo o episódio dentro e fora do campo.

As provocações à Garrincha já não parecem consensuais dentro de um futebol supostamente mais sério, além do que a imagem construída de Garrincha como um jogador

⁵³ . Após uma derrota da seleção brasileira para a Argentina, amistoso ocorrido em 04/09/1999, jornais paulistas pediam ao técnico Wanderley Luxemburgo que se fizesse um “choque tático” na equipe, a fim de que não voltasse a perder no segundo amistoso que aconteceu no dia 09/09/1999.

⁵⁴ . Por ocasião da final do campeonato paulista de 1999, entre Corinthians e Palmeiras, Edílson, num determinado momento da partida, começou a fazer “embaixadas”, malabarismos com a bola, paralisando a seqüência da partida e irritando os jogadores palmeirenses, que naquela altura dos acontecimentos estavam perdendo o campeonato para os rivais. O desfecho de tal atitude, ainda dentro do campo, foi uma briga

“ingênuo” assegurava aos críticos um certo distanciamento na comparação com a performance do jogador Edílson, um dos atletas mais bem pagos do futebol brasileiro na ocasião.

Um outro acontecimento anterior, que também parece sustentar-se nessa dinâmica que preside o entrelaçamento tenso entre essas *formas-representações* evidenciadas nas partidas e confrontadas nas situações cotidianas dos treinos, e que acirrou a contenda entre *especialistas* e *profissionais*, incorporando ao debate até mesmo grupos de *torcedores*, foi protagonizado pelo então técnico do Palmeiras Luiz Felipe Scolari, no ano de 1988, ao agredir Gilvan Ribeiro, um repórter do jornal paulistano *Diário Popular*.

Ao ser interpelado do porquê torcedores estavam sendo impedidos de acompanhar os treinamentos da equipe e a insistência na pergunta “(...) Scolari ficou nervoso e ofendeu o repórter. Gilvan perdeu a compostura e respondeu com palavrões. O técnico acertou um soco na boca do repórter. ‘Não dei ordem para proibir ninguém’, reagiu o treinador. ‘Até se aparecer mulher grávida vão dizer que sou culpado’(...)”.

Depois do entrevisto, Scolari afirmou que havia sido provocado e estava cansado das críticas levianas. Na verdade, o que estava por trás das provocações era a recusa do “estilo sargento” apresentado pelo técnico. Scolari continuou ameaçando o repórter, Ribeiro, por sua vez, foi orientado pela direção do jornal a registrar um boletim de ocorrência na delegacia de Barueri⁵⁵.

A semana do incidente antecedia uma importante partida pelas semifinais do campeonato paulista entre o “Palmeiras de Scolari” contra o São Paulo Futebol Clube. No dia da partida, um domingo (19/04/1998), observou-se em algumas transmissões radiofônicas uma nítida polarização entre os especialistas de um lado, cronistas e repórteres solidários ao companheiro agredido e, de outro lado, criticando o corporativismo e a inconveniência de certos setores da crônica, muitos torcedores alinhados com o referido técnico: “*imprensa enche o saco e pergunta além do normal(...)*”, reclamavam os ouvintes torcedores numa rádio da cidade⁵⁶.

generalizada entre os jogadores e reservas de ambos os times. Fora de jogo, tais atitudes motivaram várias discussões a respeito da suposta falta de respeito para com os colegas de profissão da parte de Edílson.

⁵⁵ . O mesmo repórter já havia sido agredido pelo então técnico do Santos Futebol Clube, Sergio Bernardino, no ano de 1994, no estádio do Pacaembu.

⁵⁶ . Depoimento de um torcedor à rádio Jovem Pan, às 13:04 h, no programa *Plantão de Esportes*, apresentado pelo âncora esportivo Milton Neves. Uma semana após o ocorrido vários torcedores ainda se mobilizavam e ligavam para o referido radialista manifestando apoio ao técnico em oposição ao repórter.

A despeito da aparente banalidade deste fato, pois casos como este acontecem com frequência no futebol, estas agressões configuram apenas o desenlace de uma contenda que vinha se anunciando há tempos. Grande parte da imprensa paulista sistematicamente criticava os métodos e concepções do técnico, um gaúcho acostumado a um futebol mais viril e competitivo, “feito” na opinião de muitos cronistas locais, porém de inegáveis resultados, haja vista as conquistas nacionais e internacionais pelo Grêmio de Futebol Porto-alegrense e no próprio Palmeiras, mas que “(...)apesar dos títulos conquistados, não estava preparado para trabalhar em São Paulo, onde a imprensa é mais crítica (...)”⁵⁷.

O time palmeirense comandado por Scolari vinha jogando um futebol que destoava das recentes conquistas do clube (campeão paulista e brasileiro em 1992 e 1993) viabilizadas pela co-gestão Palmeiras-Parmalat. Em 1994, sob o comando do técnico Wanderlei Luxemburgo, adepto de um futebol mais ofensivo, o Palmeiras havia marcado 102 gols, porém, no campeonato paulista de 1998, as estatísticas veiculadas pela imprensa destacavam um lado mais sombrio do time, a violência de seus jogadores, mostrando que o alvi-verde liderava o *ranking* dos cartões amarelos e vermelhos na competição⁵⁸.

Fatores que colocaram em evidência certas divergências entre uma supostas “escola paulista” e outra “escola gaúcha” de jogar futebol⁵⁹, representada nesse episódio em São Paulo pela *forma-representação* denominada “estilo sargentão” ou “jogar à Felipão”, como nominam outros mais.

Em que pesem a desconfiança, uma certa antipatia e esquivia ante o “estilo sargentão”⁶⁰, designação claramente pejorativa dada aos métodos de Scolari pela crônica esportiva local, os torcedores paulistas, sobretudo os palmeirenses, como já foi salientado, prestigiaram o técnico, neste caso. Apoio que levou, dias após o incidente com o repórter do *Diário Popular*, algumas dezenas de torcedores a hostilizarem parte da imprensa que

⁵⁷ . Objeções de Josemar Gimenez, diretor de redação do *Diário Popular* em matéria intitulada *Palmeiras de Scolari lidera o ranking da violência* (OESP, 23/04/98).

⁵⁸ . De fato, em 26 jogos o Palmeiras totalizara 76 cartões amarelos e 12 vermelhos. O São Paulo, campeão do referido campeonato, 63 amarelos e 5 vermelhos; o Corinthians, vice campeão, 47 amarelos e 1 vermelho e a Portuguesa 56 amarelos e 12 vermelhos (OESP, 23/04/1998).

⁵⁹ . Scolari considerava-se perseguido pela imprensa paulistana, demonstrando suas impressões e argumentando com outros números: “(...)tenho uma estatística no clube, de dez reportagens oito são negativas e duas positivas (...)” (OESP, 23/04/1998).

⁶⁰ . Este denominado “estilo sargentão” também foi criticado pelo colunista esportivo Tostão: “(...)O técnico Luiz Felipe está cada dia mais chato na lateral de campo, gritando com os jogadores, reclamando e desrespeitando os juizes e auxiliares. Fora de campo está pior, agredindo jornalistas. Não é só jogador que precisa de acompanhamento psicológico, mas também os técnicos(...)” (OESP, 26/04/1998)

cobria os treinos do clube, expulsando-a do CT. Acontecimento que não passou despercebido pela imprensa em geral, criticando veementemente a diretoria e a comissão técnica pela convivência com os torcedores intolerantes⁶¹.

Torcedores não decidem, quer nos treinos ou nas partidas, mas apontam para uma dimensão simbólica da performance do clube, reivindicando tradições, um passado de vitórias, representações de um jogar informadas por uma memória coletiva, o que nem sempre coincide com os métodos dos técnicos que entram e saem dos times, que adotam outros esquemas, métodos e *formas* de jogar.

A imprensa, por sua vez, aludindo à condição analítica e equidistante de especialista, promove a mediação e a crítica em torno da tradição e da mudança, nem sempre acatada como discurso de autoridade.

Se o ritual futebol consiste num acontecimento em que identificações, oposições e contrastes se explicitam⁶² a partir da noção de *drama*, evidenciando processos identitários arraigados e negociados na maneira de confrontarem-se as variadas *formas-representações* é, porém, na esfera cotidiana, tomada aqui na perspectiva dos treinos, circunstancialmente mais desencantada, que tais oposições, identificações ou contrastes engendram-se como processos abertos e inacabados de construção das representações consolidadas no ritual.

E aqui o papel multiplicador da crônica especializada na construção e veiculação dessas *formas-representações* assume uma importância fundamental, como poderá ser constatado no próximo capítulo.

⁶¹ . Tais como a matéria *Mancha invade CT para apoiar Scolari*: “cerca de 300 torcedores, a maioria da torcida organizada Mancha Verde, extinta pela Justiça em 96, foram ontem ao Centro de Treinamento do Palmeiras, na Barra Funda, apoiar o treinador do time, Luiz Felipe Scolari, e hostilizar os jornalistas que fazem a cobertura do clube”. (Folha de S. Paulo, 22/04/1998).

⁶² . É a análise de Roberto Da Matta que mostra a ambivalência do futebol como “processo ritual” de identificação coletiva. Ritual dramático que revela tanto aquilo que temos de melhor e mais generoso sobre nós mesmos, como também evidencia nossos defeitos e mazelas (DA MATTA, 1982).

CAPÍTULO 2 – Jornada esportiva

Discuto neste capítulo o domínio das práticas da crônica esportiva especializada, os *especialistas* tal como venho nomeando desde o início deste trabalho. Para tanto, subdivido esta *Jornada esportiva* de modo semelhante, na forma e no tratamento analítico, ao que fiz no capítulo anterior, dedicado aos *profissionais*.

No primeiro tópico estabeleço uma tipologia histórico-sociológica onde estão identificados três perspectivas de atuação da crônica especializada. Tipologia construída a partir de três versões consolidadas em torno da prática dos especialistas: como atividade predominantemente lúdica, o que estimula as representações mais culturalistas sobre o futebol; como esporte, onde predomina uma visão tecnicista e mais internalista sobre a modalidade e uma terceira, que privilegia uma dimensão mais institucional no exercício da crítica esportiva.

O segundo tópico, mais etnográfico no tratamento dos dados, enfoca os *especialistas* no domínio da atividade cotidiana de construção do fato jornalístico esportivo. Realizei, sistematicamente, observações participantes em três cursos de jornalismo esportivo, teóricos e práticos, que possibilitaram a entrada no universo das representações da imprensa esportiva. Aqui, novamente, aparecem os cursos (de extensão) como estratégias de pesquisa. Tal como no capítulo anterior, os cursos de jornalismo esportivo têm sido recebidos pelos neófitos jornalistas como uma possibilidade que visa suprir as lacunas deixadas pelos cursos regulares de jornalismo, carentes de um tratamento mais específico da prática jornalística esportiva. A partir deles pode-se avivar a relação sempre conflituosa estabelecida nas relações entre os *especialistas* e suas “fontes”, os demais atores que compõem o campo esportivo.

No terceiro tópico relaciono os dados do fazer jornalismo esportivo com o produto propriamente dito, veiculado nas mídias, mostrando o processo de construção dessas representações e como o advento do profissionalismo renovado no âmbito dos

profissionais está em consonância com as mudanças ocorridas nas equipes esportivas. Nesse mesmo tópico retomo uma das questões cruciais que venho alinhavando desde o primeiro capítulo, agora sob a leitura dos *especialistas*, que são as *formas-representações*, multiplicadas e discutidas num dos fóruns mais tradicionais que veiculam as representações dos *especialistas*, as denominadas mesas redondas.

1. os sentidos multiplicadores do jogo, no campo dos especialistas

1.1 a “invenção” da crônica e dos cronistas

A crônica esportiva especializada¹ consiste numa instância de intermediação material, tecnológica e simbólica entre *torcedores* e *profissionais*, constituída a partir de arranjos sociológicos passíveis de uma maior sistematização e tipologização, o que ocorre em menor escala no universo dos jogadores, técnicos, dirigentes e etc e, sobretudo, no domínio amplo dos torcedores, embora também aí se verifique a formação de certos arranjos institucionais e formalizações particulares do torcer, como será analisado no Capítulo 3.

Embora não configure, obviamente, um grupo homogêneo, apresenta-se como portadora de um conjunto articulado de representações, fixadas em discursos, saberes e práticas diferenciadas, contrapostas às dos *torcedores* e *profissionais* – jogadores e técnicos, sobretudo.

A fala *especialista* pode ser subdividida em três perspectivas, não necessariamente excludentes entre si, expressas nos vários tipos de coberturas realizadas sobre o futebol profissional².

Primeira, aquela que se legitima através de um discurso mais identificado e afinado com o domínio torcedor, incorporando a imponderabilidade e a emoção, comumente atribuídas, por estes próprios *especialistas*, aos torcedores.

Uma segunda, que abriga inúmeros ex-jogadores, ex-treinadores ou ex-técnicos, que após as carreiras “dentro do campo” se tornaram comentaristas esportivos, dedica-se, na maior parte de sua prática, às polêmicas estritamente técnicas, consolidando um discurso cujo tom prima por uma análise desapaixorada e distanciada, mais tecnicista, portanto. E ainda uma terceira, imiscuída às anteriores, que enfatiza os aspectos políticos do futebol profissional, mais atenta e engajada às mudanças institucionais, dialogando diretamente com as elites dirigentes do esporte.

¹ . Sobre a utilização do vocábulo crônica existe uma questão. Crônica, termo nativo que compreende todo o jornalismo esportivo, extrapola a definição mais acadêmica, que a conceitua como sendo um gênero literário, muito embora alguns cronistas esportivos tenham escrito crônicas, no sentido mais estrito do gênero narrativo, como procuram demonstrar alguns trabalhos, entre eles, a dissertação de mestrado *A crônica de Armando Nogueira: metáforas e imagens míticas*, de Maria Radaman, citado.

² . Cobertura consiste num termo corriqueiro utilizado pelos profissionais da imprensa, inclusive a esportiva, para acompanhar não somente as partidas mas o cotidiano dos principais clubes do futebol profissional. A produção da notícia esportiva a partir do cotidiano e dos bastidores dos clubes consiste

Toda a problemática nas alterações institucionais em torno do fim da lei do passe e da promulgação da lei Pelé, que vem incidindo diretamente sobre os atores sociais mais sensíveis às mudanças, ou seja, os jogadores, técnicos, dirigentes e até árbitros, ganhou contornos ainda mais nítidos em virtude das transformações por que tem passado o futebol mundial, com nítidas repercussões locais.

Solidários e protagonistas destas mudanças, muitas vezes mais engajados que os próprios *profissionais* em questão, está este terceiro conjunto de *especialistas*, particularmente aqueles comprometidos com os desdobramentos mais sensíveis às discussões que envolvem os aspectos político-institucionais que acometem o esporte.

Estas dimensões, que expressam determinados saberes, conferem à prática dos cronistas esportivos uma visibilidade e prestígio ante o imaginário torcedor. Todavia, em que pese a grande audiência dos programas televisivos e radiofônicos, da popularidade dos diários, semanários e revistas esportivas, que alçam muitos desses profissionais as carreiras tão prestigiadas quanto aquelas conquistadas pelos próprios jogadores famosos³, as representações observadas, de modo geral, entre as coletividades *torcedoras*, *especialistas* e *profissionais*, revelam pontos de vista menos consensuais do que supostamente se imaginam, colocando em disputa maneiras multifacetadas de conceber e vivenciar o futebol⁴.

E, de modo específico, a atuação dos *especialistas* expõe clivagens entre perspectivas conflitantes, que revelam tanto os projetos diferenciados no que diz respeito aos sentidos da popularização do futebol no Brasil, quanto aos papéis desempenhados por esta imprensa esportiva e o seu lugar neste processo.

numa estratégia fundamental de formação do saber especialista, como será abordado ao longo dos tópicos seguintes deste capítulo.

³ . É o caso, por exemplo, de Fausto Silva, apresentador e animador de programas dominicais na Rede Globo de Televisão. Fausto foi repórter de campo da rádio Jovem Pan, notabilizando-se como um profissional extrovertido, o que lhe garantiu um programa na televisão Record, chamado *Perdidos na Noite*. Posteriormente, foi contratado pela Globo para apresentar o programa “Domingão do Faustão”.

⁴ . Num pequeno artigo intitulado *O povão ficou sem ar*, Luiz Antonio Melo, colaborador da seção *Caderno 2* do *O Estado de São Paulo*, contestando os resultados do carnaval carioca de 1998, faz uma análise que parece resvalar na problemática aqui levantada: “(...)o júri desrespeitou o torpe silêncio das arquibancadas da Marquês de Sapucaí, que não mexeu um dedo com a passagem da outrora brilhante e genial Beija-Flor, transformada num bloco melancólico. Mas, definitivamente, a voz do povo nada vale nessa disputa e a escola de Nilópolis, venceu. Alguns especialistas inventaram a expressão ‘tecnicamente correta’ para justificar a vitória da Beija-Flor e também a boa colocação da fria e calculista Imperatriz Leopoldinense, que segundo eles, seguem uma estranha cartilha de fazer carnaval para o júri e não para o povo(...)” (*OESP*, 26/02/98). Muito significativa esta dissociação entre *emoção* e *técnica* levantada pelo artigo sobre o carnaval carioca, aliás o mais institucionalizado carnaval de escolas de samba do país. À semelhança do que ocorre no futebol profissional, marca uma disputa entre as demandas simbólicas dos torcedores e as ponderações técnicas dos *especialistas*.

Não é o propósito aqui reconstituir, de modo pormenorizado estas clivagens, que consolidaram o desenvolvimento da crônica especializada no campo jornalístico, aliás, esforço realizado em alguns trabalhos cuja perspectiva mais histórica está presente⁵.

Não obstante, seria interessante salientar algumas dessas contendidas, enunciadas ao longo do texto, utilizando exemplos mais pontuais e obedecendo uma certa cronologia, no sentido de apontar para o fato de que tais cizânias, longe de fomentar debates episódicos, conjunturais ou restritos ao âmbito dos *especialistas*, respondem ao modelo aqui proposto, marcado não por polaridades (profissionais vs amadores; jogadores vs assistência, estilo e técnica e etc), mas cindido numa estrutura ternária, dinamizada pela relação dos *especialistas* com os *profissionais* e *torcedores*.

As disputas por conceitos, doutrinas e concepções do jogar e do gostar do jogo no Brasil podem ser verificadas ao longo de toda a história desta modalidade esportiva, de maneira mais explícita desde os anos 20, ainda no regime convencionalmente denominado de amadorístico⁶.

E os papéis de mediadores e multiplicadores do jogo exercidos por aqueles que atuaram na imprensa escrita e, posteriormente, no rádio e TV foram fundamentais para manter e sustentar a emoção entre os aficionados.

Alguns atribuem a Mário Rodrigues Filho a reinvenção da crônica esportiva brasileira, por volta de 1926, inicialmente no jornal familiar *Crítica*. Nelson Rodrigues, notabilizado na dramaturgia nacional, identificava no irmão o papel de artífice das mudanças na linguagem sobre o futebol, aproximando jogadores de torcedores num

⁵ . Um trabalho interessante que mostra o desenvolvimento e as mudanças de *status* do jornalismo esportivo dentro do campo da imprensa a partir da realização das três tarefas canônicas do meio jornalístico (informação, interpretação e opinião) e da crescente autonomização das editorias esportivas podem ser consultados em Fonseca (1981). Relata o autor que “(...)no início do século (...) o texto esportivo era eminentemente opinativo e influenciado pela literatura da época. Posteriormente, no meio do século, embora se encontrem algumas exceções, especialmente na área da crônica, o jornalismo esportivo apresenta uma linguagem mais pobre, basicamente informativa. De tal forma que os jogos de futebol eram quase simplesmente ‘narrados’ de uma forma linear, levando ao leitor o que havia ocorrido em campo instante por instante, uma verdadeira ‘ata’ dos fatos. Outra característica dessa época é a de que praticamente não havia citações nos textos. O que os entrevistados – jogadores, dirigentes e técnicos – declaravam era ‘traduzido’ pelo redator e registrado apenas em palavras suas. Em função notadamente do surgimento e desenvolvimento dos meios de comunicação eletrônica esse estágio foi superado e hoje os jornais buscam dar algo além do que oferecem o rádio e a televisão, e o diálogo – recurso típico da literatura – está amplamente disseminado no texto esportivo” (FONSECA, 1981:40). É preciso advertir ainda que tais mudanças, mais do que estilísticas ou características intrínsecas à crônica esportiva especializada, revelam e apontam para o processo de profissionalização dentro do campo jornalístico como um todo, culminando com a regulamentação da atividade nos anos sessenta.

⁶ . Lembrando que o período amador do futebol teve o seu ocaso por volta de 1933, ano que demarca o início do regime profissional no futebol brasileiro.

dinamismo estético jornalístico, segundo ele, até então inédito nas matérias sobre esportes⁷.

Todavia, outros, tais como Carlos Saloya, médico filiado à sociedade brasileira de tuberculose e do instituto dos industriários do Rio de Janeiro, reivindicaram, de um ponto de vista distinto, para Max Valentim, a dinamização da crônica:

“(...)Foi no velho Imparcial da rua do Passeio que por volta dos anos de 1926 e 1927, Max Valentim levou a cabo sua audaciosa inovação em matéria de crônica esportiva(...)redigida de modo formal e descolorido.(...)É verdade que antes disso, no próprio Imparcial, Ernesto Flores Filho praticara a seção com grande desenvolvimento, mas em tom puramente noticioso e jocoso. Era como um cronista de carnaval a contar bastidores de diretoria e de teams com miudeza gaiata, entremeada de poemas tipo literatura de cordel(...)”.

Apontando para aspectos que, segundo ele, seriam as verdadeiras atribuições de um jornalista esportivo, enaltecendo, ao mesmo tempo, o caráter pedagógico das práticas corpóreas rotinizadas, Saloya afirma que

“(...)o esporte era atividade educacional. Tinha de ser tratado educativamente, tecnicamente. Não era possível deixar a parte jornalística, de alta responsabilidade perante o público, entregue ao noticiário de torcedores(...)”⁸.

Assim, explicitando aquilo que acreditava ser um dos maiores problemas da crônica de sua época, a improvisação, Saloya censura uma certa concepção despojada de uma determinada linha editorial, provavelmente vista como concorrente, inaugurada, inventada ou difundida pela família Rodrigues que, deliberadamente, misturava postura torcedora com especialista, emoção com objetividade, no registro dos fatos esportivos:

“(...)Depois a ‘economia de redação’ de aproveitar cronistas de carnaval na seção desportiva pegou firme, com evidente sacrifício da crítica técnica. Quando os cronistas

⁷ . Na crônica denominada *Mário Filho, o criador de multidões*, Nelson Rodrigues critica os textos anódinos que informavam os torcedores: *“(...)Naquele tempo [antes de 1926], os estilistas da seção de esporte assim redigiam a notícia do grande jogo: ‘será levado a efeito amanhã, às tantas horas, no aprazível field da Rua Paissandu, o esperado prélio’, etc, etc(...)”*(RODRIGUES, 1987:136). Ruy Castro confirma o ineditismo do estilo de Mário Filho: *“(...)Numa época em que os jornais dedicavam uma ou duas míseras colunas ao futebol e em que tinham o maior dengo pelas regatas, Mário Filho resolveu investir nele(...)acabou com as fotos dos jogadores de terno e gravata, como se estivessem posando para o lambe-lambe. Passou a mostrá-lo em ação, numa cena da partida, com as camisas e casquetes de seus clubes. Os closes eram ampliados até o tamanho natural - podia se contar cada gota do suor que haviam derramado pelo time. E tudo isto com os textos recorridos, as manchetes explosivas e os pontos de exclamação. O futebol, que ainda era amador, passou a vender jornais e transformou os atletas dos outros esportes em potências de segunda classe(...)”*(CASTRO, 1995:80).

⁸ . Carlos Saloya, prefaciando a segunda edição do manual *O Futebol e sua Técnica* (1941), de Max Valentim (SALOYA in VALENTIM,1949:23).

carnavalescos não bastaram, meteram em cheio os repórteres de polícia (...)”(SALOYA, idem, ibidem)⁹.

Como intérpretes de um futebol visto sob o ponto de vista da paixão, comprometidos com a narrativa menos tecnicista, atuaram os já citados irmãos Rodrigues, Mário Filho e Nelson, cujas crônicas esportivas imortalizaram frases e expressões populares¹⁰. Para Nelson Rodrigues, tanto a derrota quanto a vitória excediam as explicações de natureza racional ou técnicas, como atesta o fragmento que segue:

“(...)o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça [1954]. Eu disse ‘perdemos’ e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: - antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: - fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas(...)E não era uma pane individual: - era um afogamento coletivo. Naufragaram, ali, os jogadores, os torcedores, o chefe da delegação, a delegação, o técnico, o massagista(...)” (RODRIGUES, *Manchete Esportiva*, 7/4/1956).

Nelson Rodrigues lamentava a derrota na mesma chave em que enaltecia a vitória:

“(...)Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: - a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo(...)Sucedeu essa coisa sublime: - analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas(...)A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: - que éramos nós? Uns humildes(...)A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que

⁹ . Ruy Castro mostra que no jornal *Crítica*, o investimento nas crônicas policiais e sensacionalistas era valorizado pelo jornal capitaneado pela família Rodrigues. Vale lembrar que um escândalo passional noticiado precipitou no assassinato de um dos irmãos, Roberto, ao ser alvejado por uma mulher da sociedade carioca, difamada nas páginas de *Crítica*. Ao que parece as insinuações de Saloya endereçam-se mesmo aos irmãos Rodrigues, que praticavam o que ele denomina de um jornalismo carnavalizado e sensacionalista, inclusive o esportivo, minimizando os aspectos propriamente competitivos da modalidade. Como se vê, esta espetacularização como mote das editoriais de polícia e de política foi utilizada pelos Rodrigues para redefinir e arejar o discurso sobre os esportes, tendo o futebol como carro chefe. Vale lembrar ainda que foi Mário Filho o maior incentivador das disputas formalizadas entre ranchos, blocos e escolas de samba do Rio e, por consequência, de todo o país, por volta de 1928.

¹⁰ . Mário Filho, numa crônica publicada em *O Sapo de Arubinha*, chamada *Frangos*, tece considerações a respeito dos termos e expressões de arquibancada: *frango, peneira, pixotada* ou *cercou um frango e engoliu um frango*. Expressões que, utilizadas lá pelos anos 20, mantêm-se populares e atuais, contaminando o discurso de toda crônica esportiva, especialmente a fala de alguns narradores como, por exemplo, Sílvio Luiz, atualmente na TV Bandeirantes, que se utiliza de gírias e termos jocosos nas suas narrações às expensas dos jargões mais técnicos e cifrados.

éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos(...)”(RODRIGUES, *Manchete Esportiva*, 12/07/1958)¹¹.

Outros, ainda, reclamaram o pioneirismo do *métier* jornalístico esportivo no país, como é o caso de Cásper Líbero, na cidade de São Paulo, em 1928. Idealizando as páginas esportivas que mais tarde formariam o jornal *A Gazeta Esportiva*, em princípio um suplemento tablóide do jornal *A Gazeta*, dinamizou as diretrizes editoriais e matérias jornalísticas sobre esportes¹².

2.1 especialistas e “amadores”

Nas páginas de *A Gazeta Esportiva* podem ser observadas muitas das polêmicas travadas em torno de uma certa hegemonia por um discurso esportivo, o que colocava em jogo os significados atribuídos à prática *especialista* e ao futebol. Polêmicas instiladas muitas vezes pelo próprio desenvolvimento tênue do profissionalismo, ainda mal concebido e, por consequência, mal compreendido.

Um caso que causou uma verdadeira celeuma entre alguns cronistas paulistas, e que apontava para a extrema fragilidade institucional do então recém convertido futebol profissional da época, com todas as implicações no que se refere à regulamentação do

¹¹ . Nelson Rodrigues chega até mesmo a lamentar a crescente profissionalização do futebol. Na crônica *O Juiz Ladrão* esclarece: “(...)O profissionalismo torna inexecutível o juiz ladrão. E é pena. Porque seu desaparecimento é um desfalque lírico, um desfalque dramático para os jogos modernos(...)” (RODRIGUES, *Manchete Esportiva*, 31/12/55). Em outras crônicas explicita suas divergências em relação aos cronistas *tecnicistas* de sua época. Por exemplo, em *O passarinho*, Nelson retruca a falta de entusiasmo da crônica na vitória do Brasil no Pan-Americano de 1956, disputado no México: “(...)Vejam vocês em que dá a mania da justiça e da objetividade! Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à espúria e chata realidade um sopro de fantasia(...)Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação(...)” (RODRIGUES, *Manchete Esportiva*, 31/03/1956).

¹² . Ainda sobre a questão do pioneirismo e da invenção do jornalismo esportivo, tal debate adquiriu contornos polêmicos até entre os pesquisadores acadêmicos. Araújo (1996), no tópico *Imprensa e Futebol*, irá divergir das análises que personalizaram em demasia a invenção da crônica, particularmente aqueles que, como Leite Lopes(1994), igualmente atribuem a Mário Filho a invenção da crônica. Segundo aquele autor, empreendimentos semelhantes, no que diz respeito à importância atribuída aos fatos esportivos, já podiam ser observados na imprensa paulista desde os anos 10, sobretudo no *OESP*. As coberturas, antes e depois dos *matches*, eram feitas com regularidade e intensidade emotiva pelo referido jornal, coadunado com os desígnios atribuídos aos esportes, particularmente o futebol, como agentes de modernização e civilidade: “(...)A imprensa entendia o esporte como um meio de educação de nosso povo, principalmente os das classes menos abastadas, tanto que recomendava a intensificação e a generalização das competições esportivas para todas as classes(...)a imprensa paulistana, além de publicar diariamente sobre o funcionamento do esporte, participava ativamente em forma de crítica dando-lhe um papel importante na vida social da cidade, do estado e do país(...)”(ARAÚJO,1996:60;62). Parece-me, contudo, que, embora a ênfase entusiasta do diário paulista possa, de fato, comprovar a crescente popularidade do futebol nas páginas dos jornais já nos anos 10, a polêmica em torno da

passage dos jogadores e às atribuições das ligas e da justiça desportiva, ocorreu em 1938, a propósito da tentativa de transferência de um jogador, o goleiro King do São Paulo Futebol Clube., para o Flamengo de Futebol e Regatas, da cidade do Rio de Janeiro. Fato que denunciava as fissuras internas entre as crônicas especializadas das cidades de origem dos times em questão.

A *Gazeta Esportiva* denunciou o fato com estardalhaço, numa matéria intitulada *Uma ‘chantage’ a damno do São Paulo F. C.* Assim protestava o jornal:

“(...)esquecendo-se das leis futebolísticas, às quais estão sujeitos os clubes das ligas paulista e da liga carioca, esquecendo os mais comecinhos princípios de lealdade, correção e respeito para com os clubes amigos, mandou [o Flamengo] seus emissários ludibriar o arqueiro King - rapaz inexperiente - levando-o, clandestinamente, para o Rio(...)foi apresentado como amator, livre de compromissos para com o São Paulo, mandando-se anunciar que o seu clube concordava com a transferência(...)King absolutamente não é um jogador amator e muito menos livre(...)”(A *Gazeta Esportiva*, 10/01/1938).

No ano anterior, um outro jogador, o zagueiro Jahú, do S. C. Corinthians Paulista, sofreu sérias sanções por parte da diretoria do alvi-negro paulista por ter anunciado que, ao término de seu contrato, iria se transferir para o clube carioca Vasco da Gama.

Dramas corriqueiros como estes revelavam, no final dos anos 30, para além da precária estabilidade profissional a qual se submetia a ampla maioria dos jogadores, à mercê dos clubes e seus interesses, cizânias dentro do então nascente campo dos *especialistas* pelo monopólio da condição de guardiães do futebol profissional recém instaurado.

E, mais do que isso, sobrepunha-se à esta questão, novamente, a legitimidade das posturas entre aqueles que eram engajados num esforço para instilar uma ética profissional entre os jornalistas especializados e outros que anunciavam um estilo mais despojado para a profissão de *especialistas* esportivos, retomando os termos da disputa pela *invenção* da crônica esportiva esboçada no item anterior.

No caso explicitado mais acima, era a crônica especializada paulista que censurava à carioca pela convivência com os clubes nas transações supostamente ilegais de jogadores de São Paulo para a cidade do Rio de Janeiro.

invenção ou reinvenção se refere, especificamente, mais ao estilo do que propriamente à presença ou ausência de cobertura jornalística sobre o assunto.

Situação invertida num momento seguinte, agora em meados dos anos 40, como indicavam as queixas dos *especialistas* cariocas e justificativas dos paulistas.

Momento que recolocava novamente a disputa entre cronistas comprometidos com o desenvolvimento dos aspectos mais competitivos e técnicos *versus* aqueles mais despojados, tidos por “amadores”, criticados pelos primeiros por carnavalizarem em demasia o futebol. Debates que perduraram por tempos nas páginas dos jornais esportivos como, por exemplo, um ocorrido durante alguns meses do ano de 1944, em que cronistas da capital paulistana polemizaram com o renomado escritor José Lins do Rego, paraibano residente na cidade do Rio de Janeiro.

Nota-se, mais uma vez, a querela entre um discurso que reivindicava uma dada especificidade e legitimidade à prática do jornalismo esportivo em confronto com um outro, censurado pelo seu viés passional, típico da conduta de torcedores, e, portanto, supostamente “amador”.

Segundo os *especialistas* de *A Gazeta Esportiva*, apesar da visibilidade e importância como literato, ZeLins¹³ pouco entendia, como *especialista*, de futebol pois, afinal, além de ser um “(...)fan de primeira plana do Flamengo(...)”, deixava-se levar por cronistas passionais que, como foi aludido, grassavam na cidade do Rio de Janeiro desde o final dos anos 20¹⁴. *Especialistas* que, ainda segundo este mesmo jornal, costumavam ver as coisas do futebol interestadual a seu modo e não compreendiam, naquele momento, a migração de jogadores do Rio para São Paulo.

ZeLins criticava, então, este fluxo de jogadores, porém não relativizava que, em anos anteriores, tal sangria pesava contra os times de São Paulo, a favor dos cariocas, como alardeava o diário esportivo paulistano:

“(...)O Vasco viu desfilar em seu XI uma legião de cracks de São Paulo: Zarzur, Luna, Argemiro, etc, o América idem, etc, enfim de 35 a 40 ninguém no Rio se lembrou de taxar de humilhante, feio, etc, a ‘caça’ aos cracks, ‘caça’ esta que se fazia em S. Paulo só porque então os clubes cariocas podiam gastar mais(...)”(José Lins do Rego não nos comove..., *A Gazeta Esportiva*, 5/02/1944).

A contenda estendeu-se por todo o ano de 1944. Em *Futebol, literatura e literatos...*, José Silveira¹⁵, principal correspondente de *A Gazeta Esportiva* no Rio de

¹³ . A grafia Zelins foi retirada do texto “Zelins, Flamengo até morrer”, de Edilberto Coutinho, citado.

¹⁴ . Era comum ver José Lins do Rego assistindo aos jogos no Maracanã ao lado de Mário Filho. Para uma verificação, consultar a iconografia de *Fla-Flu...e as multidões despertaram*, citado.

¹⁵ . Importante colaborador de *A Gazeta Esportiva*. No ano de 1997, afastado há tempos do futebol, foi homenageado pelo Sindicato de Treinadores do Estado de São Paulo pelo seu trabalho na crônica paulista. Completou no ano de 1999, 60 anos de jornalismo esportivo.

Janeiro, na sua coluna “Bilhetes Cariocas”, conferiu uma dimensão ainda maior ao fato, apontando até para uma suposta incompatibilidade entre futebol e literatura, advertindo colonistas que, a pretexto do futebol, escreviam sobre tudo, até mesmo a respeito de funerais de amigos¹⁶, em suas matérias esportivas.

Aqui, mais uma vez, observa-se a militância entusiasmada da parte de alguns em reafirmar um discurso esportivo próprio, respaldado, inclusive, na necessidade da “invenção” de um público igualmente esportivo:

“(…)o público deve ser educado por uma escola mais esportiva e menos literária(…)O grande fato, todavia, é que os literatos conquistaram o futebol. Duvidamos, entretanto, que eles conquistem o público futebolístico. Pelo menos, enquanto teimarem em escrever sobre futebol com a mesma tinta que escrevem seus romances...(…)”(SILVEIRA, *A Gazeta Esportiva*, 24/06/1944)¹⁷.

Posteriormente, atuando na imprensa esportiva desde os anos 50, será o cronista Armando Nogueira, entre aqueles com maior visibilidade nacional¹⁸, quem reivindicará uma certa filiação à narrativa mais próxima daquela apreçada por Nelson e Mário Filho¹⁹. Num tom confessional e autobiográfico, define a postura de um cronista ante às expectativas torcedoras, acenando, contudo, para diferenças mais irredutíveis:

¹⁶ . Apenas para enfatizar, Nelson Rodrigues, em inúmeras de suas crônicas no *O Globo* e *Jornal dos Sports*, inicia seus textos aludindo a morte ou funeral de alguém. A este respeito, consultar a seleção de crônicas feita por Rui Castro, intitulada *A Pátria em Chuteiras*, citado.

¹⁷ . Na verdade, todas estas críticas endereçadas a Zelins, veiculadas pelo jornal paulistano, no que se refere a sua suposta incapacidade em escrever com isenção sobre o futebol, levando-se em conta o seu partidarismo inconfessável pelo Flamengo, podem ser matizadas observando-se a trajetória do referido escritor como cronista esportivo. Segundo Edilberto Coutinho, Zelins escreveu 1571 crônicas, chamadas *Esporte e Vida*, no *Jornal dos Sports*, diário carioca similar à *A Gazeta Esportiva* paulistana, nos decênios de 40 e 50. Em 1953, a convite do então ministro da educação Gustavo Capanema, integra, como chefe, a delegação brasileira no Campeonato Sul-americano em Lima, Peru, chegando à secretário da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) (COUTINHO, 1994). Como se observa, o referido escritor militou intensamente no universo da crônica especializada. Para uma análise mais detalhada sobre a trajetória do referido escritor dentro do domínio esportivo e a sua percepção do futebol como índice identitário da sociedade brasileira consultar o trabalho de Fátima Antunes (1999), citado.

¹⁸ . Armando Nogueira foi contemporâneo de Mário Filho e Nelson, desaparecidos nos anos de 1966 e 1980, respectivamente. Foi um dos idealizadores do *Jornal Nacional*, da TV Globo. Publica, regularmente, suas crônicas esportivas no *OESP* e em *O Globo*, reproduzidas em outros jornais estaduais. Foi um dos âncoras da mesa redonda *Cartão Verde*, da TV Cultura, e possui um outro programa esportivo num canal de televisão a cabo, Sportv. Participou, nas duas últimas copas, da mesa redonda *Apito Final*, na TV Bandeirantes.

¹⁹ . Entretanto, nem mesmo Armando Nogueira, lídimo representante de um discurso menos *tecnicista* no jornalismo esportivo da atualidade, escapou das críticas de Nelson Rodrigues nos anos 50 e 60. Em várias das suas crônicas advertiu para o excesso de objetividade nas análises daquele referido cronista. Numa entrevista ao *Jornal dos Sports*, reproduzida em *Fla-Flu...e as multidões despertaram*, citado, Nelson, ao ser perguntado sobre a importância da torcida em relação a busca da *essência* de um jogo de futebol, respondeu: “(…)Um jogo de campeonato que tivesse como assistentes o Jacinto de Thormes, o José Maria Scassa e o Armando Nogueira seria como uma audição para surdos. Jamais é demais repetir que a crônica entende tanto de futebol quanto de um texto chinês, de cabeça para baixo(…)”(RODRIGUES, 1987:132). O grande equívoco de Armando Nogueira, na ótica de Nelson Rodrigues, estava na

“(…)Minha tribuna é a solidão. O cronista vive mortificado na cruz atroz da equidistância (...)Diante do olhar pretensamente isento do cronista, desfilam o lírico, o patético, o cômico, o grotesco, o trágico, o sublime.(…)O cronista esportivo é um ser movido por um sentimento de justiça que o aproxima da solidão do árbitro, ponto morto do jogo, correndo como um fantasma na diagonal do campo. A imparcialidade me marca corpo a corpo a vida inteira, querendo arrancar do meu coração o doce espinho de uma sufocada paixão clubística(…)”(OESP, 06/11/97).

Se, num primeiro instante, Armando Nogueira aproxima-se do universo torcedor, num segundo se distancia, objetividade imposta pela posição de *especialista*, consolidando uma postura mais equidistante entre os *profissionais* e *torcedores*.

Em grande medida, este apelo à uma atitude mais equidistante, salientada por Armando Nogueira, é hegemônica entre os *especialistas* na imprensa esportiva atual, coadunando-se com o atual *boom* profissionalizante que acomete o futebol, desdobrado em vários níveis, como se pode constatar, com o crescente incremento das parcerias entre empresas e clubes, que procuram definir novas modalidades de gerenciamento de marketing e patrocínios, ou mesmo no âmbito das relações trabalhistas, propostas na recente extinção gradual da lei do passe. Processo que corroborou, como foi analisado ni capítulo anterior, para um maior adestramento profissional na formação, preparação e manutenção atlética dos jogadores, tendência inaugurada no final dos anos 60, como ressaltam outras análises²⁰, mas que pode ser notada com mais ênfase a partir dos anos 80.

Este conjunto de exigências e transformações, gerenciais e técnicas, fizeram com que os *especialistas* incorporassem, de modo preponderante em seus discursos, esta dimensão mais tecnicista e menos encantada a respeito do futebol. Discurso presente, inclusive, entre aqueles menos comprometidos com os aspectos estritamente competitivos, como parece ser o caso do próprio Armando Nogueira, aclamado por muitos de seus pares como um literato entre os cronistas²¹.

dissociação que fazia entre o futebol e a sociedade, separando “(...)o Brasil do escrete, a pátria do futebol(…)” (*Nunca Fomos tão brasileiros. O GLOBO*, 4/06/65, reproduzido em RODRIGUES, 1994:93).

²⁰ . A Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra, consistiu no marco de algumas mudanças no que se refere as concepções na preparação física dos atletas. Seleções da Europa mostraram um predomínio da força física em detrimento do futebol mais técnico. A derrota brasileira neste mundial acarretou na maior presença dos preparadores e dos métodos de condicionamento. Para mais detalhes sobre o a introdução da ciência da fisiologia do esforço no Brasil nesse período consultar Ghiraldelli (1988). E uma análise das implicações sociológicas deste processo ver Florenzano (1998).

²¹ . Não é somente entre os cronistas que Armando Nogueira goza de tal prestígio. É Radaman que afirma, em dissertação de mestrado, que “(...)Armando Nogueira é a última voz que resta, na imprensa moderna, representativa da geração de 50 e 60, momento em que a crônica de futebol viveu sua fase épica.

O estado da arte da crônica demanda por um outro tipo de conduta, não mais carnavalizado, comum em décadas anteriores, explicitamente mais próximo ao ideário torcedor²², mas sobretudo engajado à dimensão mais competitiva e profissional.

Aliás como reivindicara, e mesmo antevira, Max Valentim, tanto na sua atuação na imprensa quanto na publicação de seus manuais técnicos, acenando, já no fim dos anos 20, para a necessidade da especialização de uma crônica esportiva que atendessem aos imperativos da técnica e da cobertura mais isenta de paixão, sob os perigos de arrefecer a seriedade na propagação dos esportes e na consolidação de um público esportivo.

Contudo, esta especialização sempre resvalou nas dimensões da emoção, fator de contenda entre os próprios *especialistas*, como foi aludido em parágrafos anteriores.

Emoção tomada ou como um entrevero devido à intrusão de “pessoas alheias” ao campo especialista, como transpareceram as queixas a José Lins por parte da imprensa esportiva paulista²³, ou concebida como um dilema quase que existencial, tal como definida por Armando Nogueira, que põs em dúvida a compatibilidade entre paixão e juízo de realidade.

Esta dicotomia na interior da prática especialista adquiriu contornos ainda mais complexos e permanentes, instilando disputas e interesses de outra ordem, como a ocorrência dos fenômenos conhecidos como “clubismo”, “bairrismo”, manifestações identificadas como regionalistas. Aspectos que sustentaram, e continuam animando, grande parte das contendas entre os *especialistas*, aproximando-os, no âmbito dos debates públicos, muitas vezes, às condutas torcedoras.

Herdeiro, juntamente com Nelson Rodrigues, da estirpe de um Mário Filho, Nogueira descende da mais pura linhagem de cronistas do cotidiano carioca, como Emílio de Menezes, João do Rio, Lima Barreto(...)”(RADAMAN, 1997:23).

²² . Até a década de 70, ao menos em São Paulo, ainda era comum escutar radialistas torcedores, tais como Zé Italiano, da rádio Gazeta de São Paulo, confesso entusiasta do Sport Club Corinthians Paulista. No Rio, um notável radialista torcedor foi Ary Barroso, dileto do Flamengo, que se recusava a narrar gols contrários. Ary foi muito popular nos anos 50. Hoje, muitos *especialistas* também expõem suas preferências clubísticas, como é o caso do corintiano Juca Kfourri, do santista Milton Neves, entre outros, porém, ao mesmo tempo, apontam para a necessidade da isenção e se arrogam cronistas que domesticaram a paixão.

²³ . Ainda hoje é muito comum a presença, ainda que ocasional, de personalidades literárias opinando sobre futebol, sobretudo em épocas de Copa do mundo. São televisões, rádios e jornais que contratam artistas, compositores, etc, para partilharem das transmissões, narrações e comentários sobre os jogos. Um exemplo foram as crônicas de Chico Buarque, publicadas no OESP no transcorrer da Copa da França.

2.3 clubismo e bairrismo entre os especialistas

Foi Thomaz Mazzoni, cronista esportivo paulistano de *A Gazeta Esportiva*, que atuou na crônica por quatro décadas sucessivas, de 20 a 50, um dos primeiros a investir contra o clubismo e o bairrismo.

Num libelo intitulado *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, de 1939, expôs as mazelas do futebol de sua época, ainda muito atrelado, segundo ele, aos vícios do então recém extinto regime amador.

O autor elenca um rol de críticas que vão desde a precariedade logística do futebol brasileiro, até os critérios adotados na confecção das tabelas dos campeonatos, a indiscriminada importação de jogadores estrangeiros, muito comum na época, as dissidências entre associações e ligas, enfim, aspectos que, segundo ele, diziam respeito ao faccionalismo pernicioso, descentralizador e anárquico no futebol, marcando aquilo que ele definia, genericamente, por clubismo.

Eram os interesses e paixões particulares, por clubes ou Estados da federação, que emperravam a consolidação institucional e técnica de um verdadeiro futebol nacional. Sob este aspecto Mazzoni faz uma ruidosa defesa dos ideais propagados pelo Estado Novo, legitimando todo o seu perfil centralizador, estendido ao âmbito esportivo.

Neste mesmo volume enaltece a criação do CND (Conselho Nacional de Desportos), a construção de um grande estádio municipal, o Pacaembu, inaugurado em 1940, e, no que concerne aos fundamentos técnicos do futebol o controle mais efetivo do selecionado brasileiro que, até meados dos anos trinta, era comandado por comissões de técnicos. Como solução para esta instabilidade técnica, homóloga a “instabilidade” política do país afirma:

“(...)Felizmente, de uns anos para cá, de tanto se martelar, os dirigentes foram convencendo-se em abandonar o velho costume de se formar a babel que resultava a comissão de cinco, seis ou mais membros técnicos. O grupo foi se restringindo cada vez mais e se livrando da influência clubística. Em 1933 e 1934 tivemos os primeiros ótimos resultados. A seguir, por parte da Liga, foi limitada a dois a missão de lidar com o onze (...) ultimamente tivemos uma única pessoa, autoritária, absoluta para arcar com toda a responsabilidade de selecionado(...)” (MAZZONI, 1939:30).

Considerados por Mazzoni como uma das três chagas que depunham contra o futebol brasileiro, comparados somente à indisciplina em campo, que dizia respeito as

constantes aclimações às regras, e às lutas política entre ligas esportivas²⁴, federações e confederação de sua época, o clubismo e o bairrismo foram ainda definidos, naquilo que interessa salientar neste momento, como desdobramentos de uma má conduta de parte dos *especialistas*, co-responsáveis pelas mazelas por ele disseminadas. Espécie de exacerbação da paixão associada à posição privilegiada que estes ocupavam no trânsito das demandas e interesses de dirigentes de clubes, ligas ou federações estaduais²⁵.

Clubismo também se confundiu, na fala de muitos que o denunciaram como fenômeno engendrado no interior do campo esportivo, como um sistema de favores estabelecido entre setores da imprensa e dirigentes:

“os exageros do clubismo podem levar, efetivamente, a um envolvimento pelo qual o jornalista tenta ser simpático não só ao clube mas também aos seus dirigentes, que são anunciantes em potencial (...)depois de ter eliminado a imagem de inculto e alienado e vencer o preconceito que havia contra si nas redações, esse envolvimento com os dirigentes passou a ser o principal desafio do jornalismo esportivo”(FONSECA, 1981:51;52).

Vital Bataglia estabelece os anos sessenta como um marco em que tais promiscuidades começaram ao menos a ganhar os contornos de um problema ético dentro das editorias esportivas:

“no início da década de 60 houve uma revolução moral e literária. No aspecto moral era combatida a subserviência dos jornalistas aos dirigentes de clubes, aqueles servindo como porta-vozes destes. Em texto, houve uma reforma de vocabulário, melhor colocação de adjetivos e, em função disso, o nível cultural dos jornalistas esportivos teve sensível melhora. Durante quase dez anos, desde o aparecimento da Edição de Esportes de OESP e, em seguida, do Jornal da Tarde [cuja primeira edição saiu em 1966], essa reforma trouxe benefícios à classe. Entretanto, pode-se sentir agora os efeitos de uma regressão. Por certo comodismo de alguns – causa direta da estagnação salarial – o nível começa a cair e aumentar a subserviência(...)” (BATAGLIA [1975] *apud* FONSECA, 1981:51)²⁶.

²⁴ . Em relação as disputas políticas entre ligas e federações no processo de consolidação do profissionalismo consultar Caldas (1990) e Araújo (1996).

²⁵ . No tópico *A Boa Imprensa e o Combate à Indisciplina*, do volume citado, Mazzoni responsabiliza a imprensa clubística e bairrista pelos confrontos desnecessários, afirmando que, de sua parte, os incidentes haviam acabado. Entretanto, páginas atrás, relatamos a polêmica entre os cronistas da própria *A Gazeta Esportiva* com o escritor José Lins do Rego, anos após a publicação de seu livro denúncia. Ao que tudo indica, as advertências de Mazzoni não repercutiram como o esperado. Num outro tópico, chamado *Choromania*, escreve: *“(...)A imprensa esportiva é quem faz o ‘choro’, cria rivalidades e às vezes ódios, mesmo porque o ‘choro’ não é mais do que um desabafo da paixão bairrista, e que quanto mais se alimenta, mais cega fica. O ‘choro’ inter-regional, em nosso futebol, começou nos áureos tempos dos célebres prélios paulistas vs cariocas(...)*” (MAZZONI, 1939:68). Nota-se que é o próprio autor que constata o caráter permanente da paixão clubística como um aspecto constitutivo do futebol, contrariando sua crença numa desmobilização dos faccionalismos.

²⁶ . A regulamentação da profissão de jornalista ocorreu em 1969.

Posteriormente, e de modo análogo, outros cronistas iriam denunciar o clubismo²⁷ e o regionalismo exacerbado da imprensa esportiva, apontando para os perigos de uma paixão eivada de interesses particulares. Em plena vigência do governo Ernesto Geisel, a revista *Placar*, principal revista esportiva dos anos 70, voltaria ao assunto numa matéria que propunha aos jornalistas esportivos uma expiação de suas culpas pelo crescente regionalismo que assolava, às vésperas da Copa do Mundo de 1978 na Argentina, a seleção brasileira²⁸.

Algumas ds argumentações eram similares àquelas expostas e defendidas décadas atrás por Mazzoni, porém com implicações ideológicas distintas. Para João Saldanha, então cronista da Rede Tupi de televisão e do Jornal do Brasil, o problema do regionalismo ou bairrismo na seleção brasileira era acentuado pelo desconhecimento dos jogadores que estavam fora dos grandes centros, notadamente São Paulo e, sobretudo Rio, pois os gigantismos dos campeonatos nacionais, que atendiam aos interesses político-partidário da ARENA²⁹, nublavam uma boa triagem dos melhores jogadores. Daí aumentarem as pressões para a inclusão de talentos nem sempre unânimes no selecionado.

De um outro aspecto, Carlos Ostermann, da TV e rádio Guaíba de Porto Alegre, se debruçava nos temas concernentes aos fundamentos individuais, indicando que o clubismo se dava pela falta de preparo dos cronistas na hora de referendar a inclusão ou exclusão de craques na seleção, onde outros aspectos se sobrepunham às apreciações técnicas. Segundo o seu parecer, tais desconhecimentos faziam com que as opiniões da maioria dos *especialistas* se movessem pela paixão clubística ou regionalista.

Outros, ainda, como Vital Bataglia, do *Jornal da Tarde* de São Paulo, apontava para os aspectos do *métier* jornalístico, denunciando a fabricação dos confrontos bairristas como fatos jornalísticos:

“(...)não posso conceber que o jornalista permita que a paixão tome conta do seu raciocínio, que o jornalista - um cara geralmente de nível cultural acima da média - pegue um

²⁷ . Novamente recomendo o texto de Fonseca (1981), *O cartola e o jornalista...*, em que trabalha e problematiza a relação entre jornalismo e clubismo, aludindo aos tênues limites éticos impostos pela relação entre imprensa e clubes de futebol no Brasil.

²⁸ . A pertinência na publicação da matéria era em virtude das disputas em relação ao comando da seleção brasileira. Osvaldo Brandão, gaúcho, mas radicado em São Paulo, havia há pouco tempo deixado o cargo, ocupado pelo carioca Claudio Coutinho, o que causou celeuma durante toda a Copa.

²⁹ . O Campeonato Nacional, que teve sua primeira edição em 1971, objetivava congrega as várias regiões da federação, até então cindidas em campeonatos mais setorizados como, por exemplo o Rio-São Paulo. Os critérios de inclusão de times nesse campeonato nacionalizado atendiam aos interesses eleitorais mais evidentes, tal como denuncia Saldanha.

grupo de jogadores de nível baixo e procure criar reportagens que estimulem rivalidades num grupo altamente competitivo como o dos profissionais de futebol(...)"(Placar, 1/04/1977).

Se o tema do clubismo não consta atualmente da agenda dos especialistas, por outro lado as contendas que envolvem a quebra de princípios éticos dentro do campo da crônica esportiva continuam revigorados com o papel da imprensa esportiva nas duas últimas décadas.

O jornalista Juca Kfourri denunciará ao longo dos anos 90 a relação simbiótica e perversa estabelecida não mais somente entre jornalistas e dirigentes mas também entre jornalistas e jogadores de futebol. Um caso que ilustra tal fato pode ser observado na reformulação da equipe esportiva da TV Bandeirantes no ano de 1997 em virtude das denúncias de que vários jornalistas, apresentadores e comentaristas estavam agenciando jogadores de futebol, reunidos em torno de uma empresa que tratava dos interesses de atletas³⁰.

Portanto, associados a um mesmo princípio, que tende a atribuir um partidarismo passional e exacerbado à conversão do evento esportivo em fato jornalístico, que obviamente extravasa para o âmbito ético e político, os fenômenos do bairrismo e do clubismo revelam, constantemente, os limites da prática da crônica especializada, expondo, de modo geral, o campo dos *especialistas* às críticas sobre o seu papel mediador entre *torcedores* e *profissionais*, oscilando, entre as éticas do jogo e da competição.

Estas polêmicas dentro do domínio da crônica, levadas a público, e que dinamizam ainda mais o gosto pelo futebol, são reveladoras da formação e coexistência dessas comunidades morais e de interesses inter-relacionados de *torcedores*, *profissionais* e *especialistas*, que articulam, de modo dinâmico, as várias dimensões e representações, das querelas técnicas às políticas, antagônicas mas muitas vezes complementares do fato futebol.

Mais do que esporádicas, a recorrência e a variedade destas contendas, como as pontuadas acima, revelam um jogo intrincado e ininterrupto de disputas por versões, concepções, estilos e doutrinas, colocando sempre em suspensão os desígnios do futebol brasileiro, do ponto de vista da crônica.

Diversas outras contendas poderiam, ainda, exemplificar a constância dos debates suscitados na mídia esportiva. Polêmicas que alimentaram, e continuam

³⁰ . As várias versões sobre este caso podem ser pesquisadas, por exemplo, no jornal *Folha de S. Paulo* entre os meses de março de 1996 a abril de 1997.

animando, sentidos multifacetados de externar a emoção e demandas específicas, não somente entre os *especialistas*. E é claro que tais debates possuem ainda outros desdobramentos, e que poderiam ser analisados sob outras perspectivas sociológicas.

Todavia, esta dimensão da emoção, um tanto quanto efêmera e aparentemente pueril, consiste num plano simbólico estruturante que permeia as relações entre os atores combinados, onde estão sujeitos os próprios *especialistas*, pois, se não estivesse presente como uma poderosa articuladora de práticas sociais e representações, certamente estariam inibidos os investimentos mais “racionalizados” em torno deste esporte. Se as manipulações, demandas, interesses políticos e econômicos dão outros contornos aos significados da emoção, isto é fato e até banal de se constatar, ocorrem porque, ao mesmo tempo, são viabilizados por uma dimensão simbólica mobilizadora destes diferentes níveis de coletividades que se formam no e pelo futebol.

O exame da construção da notícia esportiva no âmbito do cotidiano revela os itinerários da posição pendular concebida e vivida pelos *especialistas* entre uma ética torcedora e profissional.

2. as coberturas diaristas

2.1 esportes nas coberturas jornalísticas

Entre os meses de março a junho de 1999 participei, como aluno regular, de cursos de extensão sobre jornalismo esportivo³¹.

Despertando grande interesse numa demanda reprimida, estes cursos acabaram sendo ministrados em três períodos, segundas e terças-feiras pelas manhãs e segundas-feiras à noite, reunindo aproximadamente 150 participantes³².

O objetivo principal era familiarizar futuros profissionais da área de comunicação, graduandos na sua quase totalidade, ao *métier* dos repórteres, cinegrafistas e editores que cobrem os esportes, tanto os acontecimentos em si nas “transmissões ao vivo”, quanto as coberturas mais diárias, no caso destas últimas com uma visível ênfase ao futebol³³.

Apesar da preocupação evidente do coordenador em abordar outras modalidades e esportes amadores, quase todas as sessões acabavam sendo mobilizadas com perguntas e questionamentos em torno do futebol, mesmo que tomado como referencial. Pois, como ficou patente, é através dele que se evidencia um jornalismo esportivo mais consolidado, tanto do ponto de vista da maturidade técnica e das estratégias de coberturas esportivas, quanto do ponto de vista do interesse mercadológico mais abrangente ou mesmo, tratando-se dos eventos em questão, o fato de despertar um interesse maior da parte dos estudantes.

³¹ . Cursos realizados nas Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM), coordenado por Elias Awad, jornalista que trabalhou na grande imprensa televisiva de São Paulo. Elias Awad atuou como repórter nas TVs Gazeta e Bandeirantes. No rádio foi apresentador e repórter da equipe do programa esportivo *A dona da bola*, na *Gazeta AM*, além de participar da equipe esportiva da rádio *Eldorado AM*, do grupo *OESP*. Atualmente exerce sua profissão no canal a cabo *Sportv*, do sistema *Globosat*.

³² . Participei de modo mais esporádico de uma segunda edição destes cursos entre os meses de agosto a novembro de 1999. Algumas mudanças puderam ser observadas nesta reedição, a começar pela redução das aulas expositivas em detrimento do maior número de aulas práticas, tais como coberturas e edição das matérias realizadas “em campo”. Este mesmo curso, num formato mais condensado, foi oferecido também na Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, no segundo semestre de 1999, ministrado às terças e sextas-feiras ao preço de 150 reais, pelo mesmo jornalista.

³³ . Outras faculdades oferecem cursos similares como, por exemplo, a Universidade São Judas. Em 1996, o professor dessa instituição de ensino e também comentarista esportivo da rádio *Jovem Pan AM* e da mesa redonda Cartão Verde da *TV Cultura*, Flávio Prado, ministrou aos sábados seminários sobre jornalismo esportivo durante todo um semestre.

Não foi raro constatar, nas rodas e conversas entre os alunos antes das aulas, um certo desconforto em relação a abordagem de algumas modalidades consideradas “menores”, que pouco interessavam ao conjunto de graduandos, a despeito das seguidas advertências do coordenador para a necessidade profissional em especializarem-se, pelo menos, em duas modalidades esportivas.

Fato que não passou despercebido para muitos dos *profissionais* que ali estiveram dando seus depoimentos, tal como foi o caso de Marcel, ex-jogador de basquete, que atuou durante anos no selecionado brasileiro, exercendo até o momento o cargo de treinador³⁴.

Na sua visão, este diferencial dado às coberturas esportivas em relação aos esportes em geral, num evidente favorecimento ao futebol profissional, transparece na própria maneira como se encaminham as carreiras de muitos repórteres, advertiu, que começam cobrindo os “amadores” para posteriormente, mais maduros, irem para o futebol, aliás, trajetória do próprio coordenador desses cursos.

Acarretando prejuízos, segundo Marcel, às coberturas das outras modalidades esportivas pois, geralmente, são escalados repórteres inexperientes, às vezes de outras editorias, que pouco conhecem os fundamentos ou as regras, fazendo sempre as perguntas mais óbvias, isso quando desconhecem o próprio entrevistado ou não sabem o mínimo de sua carreira: “*Chegam num jogo e começam uma entrevista comigo perguntando quantos títulos eu ganhei na minha vida, não dá*”, reclamou o ex-atleta num tom de advertência aos neófitos comunicadores que o assistiam.

Outra reivindicação direcionada nesse sentido foi feita por Branca, jogadora de basquete da seleção brasileira, que afirmou não agüentar a fatídica e reiterada pergunta dirigida a ela nas entrevistas “*você é irmã da Paula?*” [destacada jogadora da seleção brasileira de basquete], apontando igualmente para a falta de preparo de muitos *especialistas* que cobrem o basquete feminino.

Se mal entendidos como estes são freqüentes no vôlei e basquete, tidos como o segundo e terceiro *esportes nacionais*, respectivamente, a situação agrava-se ainda mais nas coberturas das modalidades individuais como no judô, por exemplo, esporte que

³⁴ . Além do jogador Marcel, José Roberto (ex-atleta do vôlei, treinador que conduziu o selecionado à medalha olímpica em 1992), José Maria de Aquino (jornalista da Globosat e jornal Gazeta Esportiva); Jorge Correia (cinegráfiasta da TV Bandeirantes); Ricardo Fontenelle (editor de esportes da TV Bandeirantes); Marco Aurélio Cunha (médico que atuou em vários clubes da primeira divisão, atualmente trabalhando como dirigente esportivo); Jorginho (jogador campeão pela seleção brasileira de futebol em 1994, que à época atuava no São Paulo Futebol Clube), Antonio Melo (preparador físico da comissão

quase sempre conquista medalhas e bons resultados em competições internacionais, mundiais, jogos pan-americanos e olimpíadas.

Muitas vezes, contou Henrique Guimarães, medalha de bronze na Olimpíada de Atlanta (1996) e duas vezes vice-campeão mundial, os narradores e comentaristas sequer discernem uma vitória de uma derrota em modalidades como o judô, tal como aconteceu com a conquista do ouro por Aurélio Miguel nas Olimpíadas de 1992, que deixou, por alguns segundos, narradores de algumas emissoras de TV e rádio perplexos, pois desconheciam os desfechos desse tipo de luta, atônitos, balbuciando frases como “Aurélio perdeu... não, ganhou, perdeu, não ganhou, é medalha de ouro para o Brasil!”.

Se pequenos dramas dessa natureza ocorrem em menor escala nas coberturas do futebol profissional, todavia os relatos de tantos outros entreveros e animosidades deram o tom geral nos discursos dos *profissionais* em relação à imprensa ao longo das sessões.

No caso do futebol, tais contratempos são engendrados, muitas vezes, não pelo desconhecimento de seus fundamentos técnicos que, como já foi mostrado³⁵, desde cedo se propagaram no interior de um público ampliado, ou mesmo inexperiência dos *especialistas* mas, ao contrário, excessivo convívio e comprometimento entre *profissionais* e *especialistas*, o que acarretam problemas de outra ordem. Pois, como afirmou o comentarista Daniel de Paula do canal de TV a cabo *Sportv*: “convivemos mais com os *profissionais* [do futebol] do que com as nossas próprias famílias”³⁶.

Esta aproximação e estreita relação entre crônica especializada e os *profissionais* do futebol foi sendo construída historicamente em concomitância ao desenvolvimento tanto do jornalismo esportivo no Brasil quanto da própria modalidade esportiva em questão.

É Fonseca (1981), reconstituindo o movimento de institucionalização do campo jornalístico, particularmente o esportivo, que recupera alguns dos momentos iniciais desta tentativa de aproximação que, como sê vê, deu-se de modo análogo ao que acontece ainda hoje com outros esportes, carentes de uma cobertura jornalística mais adequada aos fundamentos da modalidade. A citação é longa porém necessária para ilustrar tal fenômeno.

Ao comentar fatos da vida de De Vaney (Adriano Neiva da Motta e Silva), um dos primeiros jornalistas esportivos do Brasil, relata: “De Vaney (...) conta, em artigo

técnica da seleção brasileira sob o comando de Wanderley Luxemburgo); Daniel de Paula (comentarista da Sportv, Gazeta Esportiva), entre outros.

³⁵. No item *breve histórico dos manuais técnicos*, Capítulo 1.

³⁶. Numa das sessões de terça-feira, dia 19/04/1999.

publicado na revista Unidade Jornalística, os primeiros passos do repórter esportivo brasileiro. Lembra que em 1902 o secretário de redação de O Combate, de São Paulo, após ter recebido convite para um jogo de futebol, convocou um dos repórteres e determinou-lhe que fizesse a devida cobertura. O repórter, José Carvalho, alegando só conhecer o turfe entre as modalidades esportivas, não queria ir, mas teve que obedecer à ordem. Conclusão: ‘dois dias depois, O Combate publicava: ‘No prado do velódromo competiram, ontem, dois puros-sangues. Paulistano e Mackenzie [times de futebol da época]. Ambos galoparam bem, demonstrando estar nas pontas dos cascos. Chegaram juntos, porque cada um deles fez o focinho, a bola, entrar uma vez ao disco com rede. Não foi fornecido o resultado do rateio. Serviram-se, ao final, bebidas e salgadinhos(...)’ (MOTTA NEIVA apud FONSECA, 1981:33).

Já os profissionais do basquete e do vôlei cobram uma maior proximidade e maturidade nas transmissões e coberturas de suas modalidades. A jogadora Branca afirmou que esta maturidade nas transmissões esportivas somente alcançaria níveis mais satisfatórios no basquete na medida em que os jornalistas acompanhassem de maneira mais detida este esporte, ou seja, cobrindo os vestiários após os jogos e os treinamentos. Dessa maneira, na sua percepção, formariam melhores jornalistas, mais especializados e preparados.

Em consonância à argumentação da referida atleta, Dodi, ex-jogador de basquete, que atuou no Sírio e na seleção brasileira mais de uma década, aproximadamente 12 anos, destacou ainda um outro aspecto que igualmente determina a qualidade das coberturas jornalísticas³⁷. A utilização das estatísticas nas transmissões, apontamentos que detalham as performances de cada jogador nas partidas, quantos rebotes conquistou, quantas cestas concluiu ou assistências deu etc, foi fundamental para que os comentários dos *especialistas* saíssem do amadorismo em que se encontravam à época que jogava, nos anos 70 e início dos anos 80. Pois, até então, limitavam suas coberturas às partidas e aos instantâneos dos jogos, reiterando, nas transmissões, frases pouco esclarecedoras tais como “*o que eu estou achando do jogo...*”.

O uso ampliado das estatísticas, uma contribuição vinda do basquete norte-americano, pareceu apontar para um aspecto muito relevante, uma vez que conferiu à modalidade uma dimensão seqüencial às coberturas, agregando uma maior historicidade aos confrontos, indicando tanto aos atletas, que igualmente não tinham acesso a esses

³⁷ . Tanto a jogadora Branca quanto Dodi estiveram na sessão da terça-feira, dia 26/04/1999

números, quanto aos comentaristas e locutores, os desempenhos dos jogos anteriores e projeções dos jogos futuros.

Fator que aumentou consideravelmente, sobretudo entre os aficionados torcedores, as expectativas em relação aos desempenhos dos jogadores, elevando os níveis de emoção da modalidade, aproximando torcedores de comentaristas, criando, ainda que pelos números, uma linguagem comum que prolongou as discussões sobre as partidas, balizando de modo mais satisfatório os desempenhos individuais e coletivos das equipes.

Estes contrastes apontam para uma característica determinante que distingue o futebol desses outros esportes, qual seja, a cotidianização dos níveis de emoção que suscita, dada a numerosa comunidade de interesses que emula e se mobiliza em torno dele.

O futebol é o único esporte no Brasil que transcende, nessas proporções, os limites espaciais e temporais do ritual esportivo, as partidas em si, tornando-se um “fato da sociedade”, estabelecendo uma complexa trama entre as dimensões rituais e cotidianas, entre o representado e o vivido, muitas vezes concebidos como instâncias dicotomizadas nas análises. É desta dimensão cotidiana que trata este tópico, tomando como parâmetro etnográfico a construção do fato jornalístico diarista comparando-o às transmissões esportivas das partidas e às mesas redondas.

Embora os aspectos institucionais, que dizem respeito às esferas mais racionalizadas nos esportes, aparentemente mais determinantes e estruturais, estivessem em pauta, informando e sustentando grande parte das acaloradas discussões entre os palestrantes e a ruidosa assistência de estudantes era justamente esta dimensão dos pequenos fatos relatados ou acontecidos, inclusive, nas próprias sessões dos, que conferia uma concretude, digamos *maussiana*, aos significados atribuídos ao futebol.

Circunstâncias em que as experiências individuais, tidas como meros ganchos para iniciar a conversa sobre os temas mais “sérios”, flagravam as representações mais consolidadas e pouco consensuais ali expostas a respeito dos esportes, e do futebol em específico. Daí a necessidade do tom autobiográfico, fortemente marcado pelo senso comum, que permeou, sem exceção, todos os depoimentos, iniciados, quase sempre, com a máxima “*tenho ‘tantos’ anos de futebol*”.

Era sempre a partir da dimensão mais sensível, caracterizada como “familiar” e “próxima”, que se deflagravam as discussões suscitadas envolvendo vários temas do futebol, predominando a relação entre os esportes, particularmente o futebol e as

coberturas da imprensa, discussão que esteve na ordem do dia em várias das sessões dos cursos e que remetia, num plano mais geral, para o momento atual de reinstitucionalização do campo esportivo.

2.2 “fontes” e mídia esportiva

Um aspecto a ser considerado quando se atém ao domínio de trabalho das equipes de *especialistas* que cobrem os esportes, o futebol sobretudo, consiste numa espécie de redução sociológica nativa que se constata no relacionamento entre repórteres e os demais atores que integram o campo esportivo. Do ponto de vista desses *especialistas*, todos aqueles que integram a configuração do futebol, ou seja, dirigentes, torcedores, administradores, técnicos e, sobretudo, jogadores, tornam-se “fontes”.

Embora esta categorização não seja específica da prática do jornalismo esportivo, uma vez que qualquer indivíduo potencialmente é uma “fonte” de informações para a imprensa em geral, o fato é que o campo esportivo, em particular, consiste num arranjo em que tais categorizações são permeáveis e sujeitas aos ciclos a que estão submetidos estes atores, que semanalmente trafegam simbolicamente entre os domínios do cotidiano e do ritual, fator que altera a percepção e a veiculação das notícias.

Os jogadores, entre os *profissionais*, como pude observar, muitas vezes mantém nos treinos a postura de ídolos ante os *torcedores* e *especialistas*, o que de certa forma constrange e limita o trabalho dos jornalistas, pois ali, longe do espaço ritual, deveriam comportar-se como trabalhadores do clube, segundo este ponto de vista particular.

Numa partida, domínio fortemente ritualizado, mais do que uma “fonte” os jogadores desempenham outros papéis, tais como o de ídolos, o que transparece nas transmissões esportivas a partir das narrações muitas vezes esfuziantes dos locutores e repórteres de campo, *contaminados* pela dimensão torcedora que circunscreve os jogadores às categorias pautadas pela emoção, tais como “ídolo”, “bandido”, “animal”, “bichado”, “perna de pau”, “gênio” etc. Termos que igualmente aparecem na imprensa escrita e nas narrações radiofônicas e televisivas.

É justamente este jogo de identificações e espelhamentos que contaminam e dinamizam o relacionamento cotidiano entre imprensa e *profissionais* de um modo geral, como demonstra a descrição abaixo, denunciando um elevado entrelaçamento entre as dimensões rituais e cotidianas alcançado por este esporte.

Ao responder as indagações dos alunos sobre o relacionamento entre os membros das comissões técnicas com a imprensa, Antônio Mello, preparador físico do Sport Club Corinthians Paulista e da seleção brasileira de futebol, foi enfático ao indicar as dificuldades encontradas no relacionamento com os repórteres que, de modo geral, instilam animosidades de toda ordem. Comentou que após um ano de sucesso no Corinthians, campeão brasileiro em 1998, seu contrato, bem como dos demais membros da comissão técnica, à exceção da mudança no comando técnico, foi renovado sem as formalizações cabíveis, acordado em palavras com os dirigentes.

Um determinado repórter (não citou), no intento de transformar o fato em notícia, ligou para um dos membros da comissão, então Osvaldo de Oliveira, auxiliar técnico, e afirmou que havia conversado com o próprio Mello, e que este se queixava das condições impostas pela diretoria sobre os contratos não assinados, além do que havia um problema de atraso dos salários. Afirmações inverídicas, segundo Melo, pois as renovações contratuais “de boca” foram consensuais, e o fato dos salários estarem atrasados não condizia com a verdade.

Em seguida, ligando para o próprio Melo, o repórter fez a mesma pergunta, dizendo que havia conversado com um de seus colegas, Osvaldo de Oliveira, e que este confirmava tanto o atraso quanto a falta de contratos assinados. Mello solicitou uma coletiva e denunciou o repórter que estava, deliberadamente, jogando um membro da comissão técnica do Corinthians contra o outro, “plantando”, segundo ele, uma crise no clube³⁸.

³⁸ . Outro entrevisto narrado por Mello, e que teve repercussões por muitas semanas na imprensa, foi o “caso Marcelinho”, ocorrido em 1998. Era de conhecimento da comissão técnica corintiana, tanto de Melo quanto do técnico Wanderley Luxemburgo, a ocorrência de um certo “descompasso” entre a vida pública anunciada pelo jogador, que pregava um ascetismo moral e religioso, com aspectos de sua vida privada. O fato era que Marcelinho fora flagrado várias vezes pelo preparador físico, na concentração, acompanhado por mulheres. Acontecimentos que só se tornaram públicos, segundo Melo, quando tais atitudes começaram a comprometer e constranger todo o grupo de jogadores e a virar notícia sobre o desgaste do relacionamento entre o jogador e Wanderley Luxemburgo. A imprensa tinha apenas uma noção do que acontecia e o jogador desmentia publicamente as colocações de Melo e Wanderley quando estes tentavam explicar, escondendo os fatos reais, do porquê Marcelinho estar ausente do time principal (ficara 22 dias afastado do elenco). Só com a devassa da vida privada do jogador, algo condenado por muitos que ali estavam presentes, pois trata-se de um jornalismo eticamente comprometido, diziam, é que o caso ficou devidamente esclarecido e o jogador reincorporado ao grupo, depois de se retratar perante a comissão técnica. Desdobramentos desnecessários, segundo Melo, pois se o jogador tivesse resolvido o infortúnio no âmbito do clube, não teria tantos desgastes perante a opinião pública. Porém, de certo modo, estava em discussão até que ponto a imprensa esportiva devia divulgar fatos da vida privada de jogadores. Por outro lado, muitas vezes, são os próprios jogadores, no entender do preparador físico, que fazem questão de misturar suas vidas pessoais às imagens que constroem através do futebol: “*O que é ser jogador famoso hoje? É expor uma religiosidade, ter uma BMW, andar com relógio de 35 mil dólares. Eles testam você a cada minuto. Num time como o Corinthians não se pode fazer experiência, tem que estar convicto, é difícil conviver com um cara que ganha 100 mil*”, generalizou. Fatos como o de Marcelinho geralmente são criticados entre muitos jornalistas que censuram estas investidas da imprensa

Pequenos dramas cotidianos similares a este evidenciam, de fato, uma falta de ética e má fé no trato das “fontes” de uma parte da imprensa esportiva, temática amplamente discutida entre muitos que deram suas contribuições nos cursos. No entanto, tais dramas relatados à exaustão nos falas de alguns profissionais, queixosos da relação tensa travada diariamente com a imprensa, guardam imbricações mais estreitas com os níveis de entrelaçamento entre as esferas pública e privada e ritual e cotidiana alcançados pelo futebol.

Para além de uma prática confinada às próprias regras do campo jornalístico, as coberturas esportivas nutrem-se e estão comprometidas com as várias dimensões do futebol, embora *profissionais* de outras modalidades também questionem, como foi visto, suas querelas com a imprensa, só que muito mais em virtude dos afastamentos do que propriamente proximidade entre estes dois domínios. Dinâmica que, em grande medida, particulariza a cotidianização do futebol e o fazer jornalístico.

Discutindo a importância em formar redes estáveis de informantes para a imprensa, estratégia conhecida no meio midiático como “cativar as fontes”, Arthur de Almeida³⁹, convidado a dissertar sobre o tema, relatou que esta excessiva ingerência que atualmente se observa na vida privada de jogadores ou técnicos consiste numa contrapartida, ao que parece não necessariamente ética, ante o movimento de afastar ou arrefecer o contato mais próximo historicamente estabelecido entre a imprensa e os *profissionais* do futebol, em nome de procedimentos mais racionalizados do fazer jornalismo esportivo.

Ao que tudo indica, mesmo paradoxalmente, é no afastamento entre estes domínios que se coloca a questão da busca pela notícia a qualquer preço e com isso a devassa da vida privada desses atletas, ao romper redes de confiança e cumplicidade engendradas na esfera cotidiana.

Antes da segunda metade da década de 80, segundo relata Arthur de Almeida, predominava o contato com os jogadores, o que propiciava não somente um canal quase

na vida privada de jogadores. O que interessa é o desempenho técnico do atleta, o que ele faz ou deixa de fazer fora do clube não poderia constar das matérias, exclamavam. E, num tom jocoso, Awad, interrompendo a explanação de Melo, afirmou “*o que é mais importante para o torcedor, ter um Romário que chega em casa às três horas da manhã, mesmo tendo que jogar as quatro da tarde ou um Mirandinha [do Corinthians] em plena forma física*”, conquistando risos da platéia. No entanto o domínio da pauta nem sempre fica à cargo do repórter, muitas vezes obrigados nas editorias a cobrirem assuntos dessa natureza.

³⁹ . Arthur de Almeida é considerado um especialista em cativar boas fontes no jornalismo esportivo paulista. Fato que lhe rendeu o reconhecimento de um “prêmio esso” de jornalismo. Trabalhou vinte anos no jornal *OESP* e atualmente é chefe de pauta na *TV Bandeirantes*. Esteve no curso numa terça-feira, dia 17/05/99.

que inesgotável de informações, “fontes” fidedignas portanto, como também uma certa cumplicidade e convivialidade entre repórteres e jogadores, fato evidenciado através da camaradagem que se estabelecia, poupando, em muitos momentos, a âmbito privado dos *profissionais* da pauta dos editores:

“Nós, na época, saíamos juntos com muitos jogadores, hoje eles se afastam dos repórteres. Escrevíamos as matérias, criticávamos seus desempenhos mas não fazíamos referências sobre suas noitadas. Qual o problema do cara tomar uma cerveja? Nós da imprensa estávamos juntos em muitas dessas ‘saídas’. Havia um certo consenso na imprensa em não noticiar a vida, só o que dizia respeito ao futebol”.

Foi numa dessas “saídas” que conseguiu subsídios para elaborar uma matéria que conquistaria um “prêmio esso de jornalismo” para o *Jornal da Tarde* (do grupo de *OESP*). Há poucos dias antes da copa de 1986, foi convidado a se reunir com alguns jogadores, oito no total, num bar na cidade do México, ocasião em que os atletas criticaram “terrivelmente” o então técnico da seleção Telê Santana. Arthur de Almeida publicou a conversa, omitindo os nomes de seus interlocutores jogadores.

A matéria, de certo modo, antecipava o malogro nesta copa, pois seu conteúdo explicitava as divergências entre alguns jogadores com o então técnico, Telê Santana, sobre a *forma* de jogar do selecionado.

À qualidade da matéria Arthur de Almeida atribuiu ao convívio com os jogadores, o que lhe garantia “fontes” seguras mas também amigas, confessando sua proximidade com alguns integrantes da chamada “democracia corintiana”, aliás representada na referida seleção por Casagrande e Sócrates.

Um outro fator relevante parece ter ainda contribuído para o afastamento relativo entre *especialistas* e *profissionais*. A maior incidência, observada atualmente, de ex-jogadores trabalhando no meio jornalístico, em detrimento das carreiras de técnicos, por exemplo, também contribuiu para que se diluísse o monopólio dos *especialistas* nesta relação com as “fontes esportivas”⁴⁰. Pois, o discurso “boleiro”⁴¹ desses ex-atletas

⁴⁰ . Vários craques, que tiveram passagem pelo selecionado, tornaram-se cronistas após terminarem suas carreiras futebolísticas. Entre os mais conhecidos estão Leônidas da Silva, um dos principais jogadores dos anos 30; Pelé, Carlos Alberto Torres, Gérson, Rivelino, Tostão, craques que participaram do tricampeonato conquistado em 1970; Zenon, Casagrande, Sócrates, artífices do movimento denominado *democracia corintiana*, nos anos 80, ainda o goleiro Raul, o atacante Mário Sérgio e muitos outros. De maneira mais esporádica, tais como nas ocasiões de Copas do Mundo, inúmeros *profissionais* atuam, como comentaristas, nos debates esportivos. Na Copa da França, Wanderlei Luxemburgo, técnico do Corinthians, participou do programa diário Papo de Copa, na *Sportv*.

⁴¹ . Este discurso “boleiro” é qualificado como sendo “*daquele de quem esteve em campo*” e conhece os “segredos” da profissão, ao contrário de muitos dos *especialistas* que jamais jogaram e por isso não tiveram a experiência dentro dos gramados.

permite que se chegue às informações de modo mais direto e sem intermediários ou estratégias:

“Na copa [da França] o Rivelino saía da cabina e ia conversar direto com o Zagallo. Não dá para competir com “boleiros” nesse aspecto. Eles têm mais condições de tirar do técnico, no caso, mais do que os repórteres”, explica Arthur de Almeida.

Neste jogo intersubjetivo que se estabelece entre repórteres e editores com as “fontes”, muitas vezes assimétrico pois nem sempre estão explicitados o ganho em dar informações da parte daqueles que se prestam a ser “fontes”, pesa a responsabilidade da veracidade do fato a ser veiculado. De nada adiantaria o conhecimento de determinado assunto se a “fonte” não consentir a veiculação de seu depoimento. É mais uma vez Arthur de Almeida que relata de que modo sua credibilidade ficou em suspensão.

Na final do campeonato paulista de 1988, após ter publicado uma matéria sobre o perfil do então técnico do Corinthians, Jair Pereira, Arthur de Almeida foi chamado pelo referido técnico que o “brindou”, numa atitude de reciprocidade pela generosidade com que fora tratado na matéria, com um “furo”. Naquela partida final com o time do Guarani, confessou o técnico, iria colocar para jogar o então desconhecido Viola.

O fato era que se perguntado pela escalação do jogador Jair Pereira iria desmenti-la, revelada somente um dia antes da partida, num sábado. Arthur de Almeida sustentou a permanência de Viola no time corintiano na imprensa e, segundo suas palavras, viveu o momento de maior agonia em sua carreira de repórter durante os três dias que divisaram a veiculação da informação, desmentida para os demais meios de comunicação e a confirmação do técnico. Todo mundo acreditava que a escalação daquele então desconhecido jogador era despropositada e que o jornalista havia apurado mal os fatos. Finalmente, revelado à toda imprensa a escalação de Viola, estava consumado o “furo” de Arthur de Almeida, aliviado pela confirmação de sua “fonte”⁴².

Ampliando esta estratégia jornalística, Carlos Lima⁴³, numa outra sessão do curso⁴⁴, reiterou a necessidade em preservar determinadas “fontes”, assegurando que a convivência deve ser estabelecida não somente com jogadores, técnicos ou dirigentes,

⁴² . Outro caso foi na final do campeonato paulista de 1995, em que recebeu informações de que a partida seria transmitida pelas televisões. Informações vindas “de dentro” do clube do Corinthians. O fato é que o jogo acabou não sendo transmitido e seu editor exigiu que se revelasse a fonte, no intuito de eximir o jornal pelo erro da notícia mal dada. A questão foi colocada nos seguintes termos, ou ele revelava ou estaria despedido. A solução encontrada, já que a relação de fidelidade à “fonte” não lhe permitia revelar sua identidade, foi publicar o contrato que explicitava a referida transmissão da partida, mostrando portanto que este era o acordo inicial entre os clubes e a federação, o que lhe salvou o emprego.

⁴³ . Carlos Lima é repórter da rádio Globo há dez anos e atualmente trabalha na *Sportv*.

⁴⁴ . Desta vez no dia 17/05/1999, uma segunda-feira.

mas também com aqueles que passam despercebidos neste universo do futebol, tais como os roupeiros, motoristas, porteiros, enfim, indivíduos que estão sempre à espreita dos acontecimentos e que potencialmente podem veicular determinadas notícias: “*se você botar banca só porque está numa grande emissora os caras te colocam pra escanteio, é preciso conversar e se relacionar com todos, do porteiro até o presidente do clube*”.

2.2 técnica e estilo do jornalismo esportivo cotidiano

Mais do que representações contrastivas entre discursos, observaram-se nesses cursos sobre jornalismo esportivo situações sociais fronteiriças em disputa, na medida em que não visavam tanto um tratamento teórico do fazer jornalístico, mas, em alguma medida, prático, como num laboratório, reconstituindo com atores privilegiados, nomes (*profissionais* ou *especialistas*) de grande visibilidade do meio esportivo, determinadas estratégias de construção da notícia esportiva.

Simulavam-se ali, “entrevistas”, “matérias”, “externas”, “passagens”, “links”, e não propriamente palestras para um público leigo. Daí a necessidade, segundo o seu coordenador, Elias Awad, de que as perguntas fossem breves, rápidas, como se estivéssemos “à beira do gramado”, evocando e aproximando ao plano do cotidiano das próprias aulas tanto a dimensão ritual das partidas quanto as coberturas diárias dos treinamentos.

A ênfase das aulas foi dada às coberturas televisivas, experiência profissional mais imediata do próprio coordenador dos cursos, especificamente os jornais esportivos transmitidos nos finais das manhãs e começo das tardes, de segunda-feira à sexta-feira, nas principais TVs abertas, tais como a Bandeirantes, Globo e Gazeta/CNT, entre outras.

Não obstante o curso ter sido direcionado aos futuros jornalistas de televisão, muitas das etapas percorridas pelo jornalismo escrito ou radiofônico, da cobertura à veiculação de uma matéria, assemelham-se àquelas realizadas no jornalismo esportivo televisivo, o que nos garante uma certa generalidade na interpretação dos dados⁴⁵.

⁴⁵ . Como um dado comparativo relevante poderia citar as coberturas da Copa do Mundo ocorrida na França em 1998. Tomando o jornal *Folha de S. Paulo* como exemplo, numa matéria extensa intitulada *Por que ler a Folha na Copa*, constata-se, detalhadamente, os meandros e percursos do fato esportivo. Embora a linha editorial reivindicasse uma diferenciação em sua cobertura, aludindo a vários aspectos que corroboravam para que o leitor não ficasse somente atento aos jogos e informações via canais de televisão, o processo de cobertura, ou seja, da captação da notícia à sua publicação, consistiu num procedimento bastante semelhante ao ocorrido em outros meios. É o próprio jornal que traz, passo a passo, num tom ilustrativo, a seqüência e os “caminhos da notícia”, resumidos nesta matéria da seguinte

Obviamente que cada veículo guarda suas particularidades, que dizem respeito à natureza técnica de cada meio. Como se sabe, a velocidade com que as notícias chegam aos leitores, telespectadores ou ouvintes varia de acordo com o meio, no caso do rádio, geralmente propagam-se as informações mais rapidamente que a televisão, sendo que ambos atingem o público antes dos jornais escritos, fator que, em alguma medida, condiciona a densidade e o tratamento dado aos fatos jornalísticos⁴⁶.

É a própria *Folha de S. Paulo* que, em matéria já citada, aponta para a diversificação de seu produto ao mencionar que cobriria a Copa abordando outras dimensões do futebol, pois tratava-se de um “fenômeno que transcende o gramado”. Contando para isso com uma equipe de consagrados colaboradores, articulistas de outras editorias do próprio jornal (Marilene Felinto, Janio de Freitas, José Simão, por exemplo) e convidados (o escritor Paulo Coelho, César Luis Menotti, ex-técnico da seleção argentina, Jean-Marc Bosman, ex-atleta que impulsionou a extinção da lei do passe na europa)⁴⁷.

Um aspecto diferenciador fundamental entre os meios, seja nas “transmissões ao vivo” ou nas coberturas diárias dos clubes pelas TVs, é a presença da imagem que determina a natureza da cobertura⁴⁸. “A imagem fala tudo”⁴⁹, reiterava Elias Awad a cada

forma: “1) O jornalista apura o material, ou seja, acompanha os treinos e jogos, buscando novidades e assuntos de interesse do leitor; 2) como seu notebook funciona com uma bateria de autonomia de seis horas, ele pode escrever o texto onde estiver. Mesmo em um engarrafamento...;3) o texto é transmitido, via linha telefônica e com o auxílio de um programa para computador. Se encontrar dificuldades, a transmissão pode ser feita pela internet. Se estiver em trânsito, o texto é enviado por intermédio do celular” e 4) os textos e as fotos produzidas e selecionadas na França entram diretamente nos terminais informatizados pela redação da **Folha**, no Brasil. **Esporte** [a editoria] edita os textos, escolhe e ‘recorta’ as fotos por computador, colocando-as nas páginas”(Folha de S. Paulo, 31/05/98). Segundo o referido jornal, esta foi a maior cobertura esportiva que realizou até então, envolvendo 60 profissionais. O jornal concorrente, *OESP*, contou com uma equipe de 30 jornalistas. Neste jornal também anunciava-se uma “cobertura diferenciada” (*OESP*, 17/05/1998).

⁴⁶. No caso do rádio, o uso freqüente do celular como estratégia de agilizar a veiculação das notícias entrou definitivamente na “guerra pela audiência” na época da copa da França, como comentam os coordenadores de esportes da rádio Jovem Pan e Globo, João Antonio de Carvalho e Silvio Valente, em entrevistas à *Folha de S. Paulo*: “Com o celular, o repórter pode entrar no ar de qualquer ponto da França”. (...)o celular torna as entrevistas mais ágeis”, reitera Silvio Valente, apontando ainda que “a Globo vai manter o espírito de trabalho criado pelo locutor Osmar Santos. ‘Nosso estilo será descontraído e bem-humorado’” (Transmissão de jogos completa 60 anos. *Folha de S. Paulo*, 05/06/1998).

⁴⁷. Numa estratégia semelhante, *OESP*, jornal concorrente da *Folha de S. Paulo*, teve Chico Buarque de Holanda, renomado compositor da MPB, como colunista semanal no período da copa.

⁴⁸. “O rádio continua sendo móvel e portátil (...)mas os avanços da tecnologia deram à tevê a preferência dos aficionados pelo futebol. ‘Existe ainda a internet, que, além de fornecer informações em tempo real, permite acesso à notícia a qualquer hora’, analisa o coordenador de esportes da rádio Jovem Pan, João Antonio de Carvalho” (*Folha de S. Paulo*, 05/06/1998).

⁴⁹. As ciências sociais vêm trabalhando há algum tempo com esta questão da recepção condicionada pelos meios tecnológicos da mídia. Não cabe aqui fazer um tratamento mais detido sobre este assunto, no entanto alguns textos poderiam ser citados. Os trabalhos apresentados na XIX reunião anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais) em 1995, no grupo de trabalho

sessão do curso, pois tem o poder de redirecionar uma pauta, conduzir a dinâmica das reportagens, balizar a performance dos locutores e comentaristas, que devem ter todo o cuidado para não virarem meros repetidores daquilo que as imagens já mostraram. Comparativamente, a ausência da imagem faz com que os narradores nas locuções esportivas via rádios apostem no improviso e na intensidade dramática da imaginação de quem os escutam.

Porém, ainda existem determinados aspectos que vem paulatinamente, ao longo das duas últimas décadas, pendendo em favor da televisão em detrimento da veiculação do futebol nos rádios. O que, de certo modo, esteve refletido na demanda por uma prática televisiva de jornalismo observada entre os alunos.

Segundo Carlos Lima, repórter da rádio Globo, dois fatores colaboram para que as rádios abandonem suas transmissões esportivas. O primeiro foi o advento dos canais a cabo, que captam patrocinadores pelas mesmas cotas publicitárias cobradas pelas empresas de rádios, fator que vem afastando muitos anunciantes tradicionais que sustentavam as equipes esportivas radiofônicas. Atualmente (1999) a cidade de São Paulo possui apenas três rádios com equipes que cobrem e transmitem regularmente os eventos esportivos, mesmo número de programações esportivas das rádios de cidades menores, como Campinas ou Ribeirão Preto⁵⁰.

O segundo fator diz respeito às mudanças, de ordem econômicas inclusive, no tratamento do evento esportivo via rádios. Tendo que diminuir custos, acabam não somente demitindo e enxugando suas equipes, situações em que profissionais acumulam funções, como também utilizam-se do expediente conhecido no meio radiofônico por “transmissão pelo “tubo”, prescindindo das “transmissões ao vivo”. Voltaremos a comentar o impacto desse expediente mais adiante, quando abordarmos as “transmissões ao vivo”.

(GT) *Usos da Imagem* podem ser consultados. Textos tais como, por exemplo, *Realidade e Ficção no discurso televisivo* (RONDELLI,1995) ou estudos de casos sobre telejornalismo como *A Recepção do Aqui e Agora: telespectadores entre as imagens do real e a ficção das notícias* (HERZOG & CRUZ,1995) estão disponíveis em disquetes (anpocs@usp.br). Para uma problematização sobre o impacto da dimensão tecnológica na captação e veiculação da notícia via recursos do “aparelho de base televisivo” consultar Robert Stam, no texto *O telejornal e seu espectador*, onde sintetiza: “(...)o aparelho de base televisiva, considerado à parte da ‘programação’ da televisão, oferece prazeres ainda mais variados e multiformes do que os que o cinema pode oferecer, pois o espectador se identifica com um conjunto mais amplo de câmeras e olhares(...) a televisão, diferentemente do cinema, permite que participemos do tempo literal de pessoas que estão em outros lugares. Ela nos proporciona não apenas o dom da ubiquidade, mas a ubiquidade instantânea” (STAM,1985:75).

⁵⁰ . Equipes tradicionais de jornalismo esportivo, tais como da Fundação *Gazeta* e rádio *Record*, extinguíram seus departamentos esportivos. Basicamente, entre as rádios de maior audiência, apenas a

Contudo, ressalvadas as significativas diferenças naquilo que diz respeito às técnicas de produção, transmissão e recepção, o substrato sociológico das fontes jornalísticas é o mesmo, ou seja, as partidas e os treinos diários dos times. É preciso destacar que não está tanto em discussão aqui a diferenciação entre as técnicas utilizadas pelos diversos meios de comunicação, mas sobretudo a produção social de ações e representações dos atores da mídia num contexto de contato com os outros atores em questão, jogadores, técnicos, torcedores.

Mesmo que o recorte etnográfico dos casos aqui descritos recaia sobre o jornalismo esportivo televisivo, em específico, não estão invalidadas as considerações para as práticas dos *especialistas* que atuam em outros meios. Pois, tanto as partidas quanto os treinos apresentam certos princípios estruturados que, se não estabelecem uma relação de determinação direta no que concerne às práticas dos *especialistas*, ao menos impactam tais práticas de maneira bastante semelhante para todo o conjunto da imprensa, sobretudo em relação ao embate de representações, sempre tenso e negociado como pudemos perceber nos exemplos mencionados mais acima entre estes e os *profissionais*.

Na produção do fazer jornalístico vislumbra-se a possibilidade de observar o modelo em ação, dada a presença, e uma inevitável “mistura”, tanto dos *profissionais* quanto do corpo administrativo, além das dezenas de torcedores que acompanham e monitoram as rotinas dos jogadores, equipe técnica e a própria imprensa. Se nos jogos os papéis apresentam-se previamente demarcados pelas circunstâncias rituais, inclusive pela distribuição espacial mais rigorosa dos atores sociais, nos treinos, *locus* marcado pela dimensão cotidiana, objetivam-se outras práticas e representações, engendradas por uma maior intercessão das diversas comunidades de interesses, em que pesem as diferenciações nas rotinas dos treinos verificadas entre alguns clubes, tais como relatadas no tópico anterior.

Para os treinos converge grande parte das atenções cotidianas da mídia esportiva, pois consistem num dos pólos que alimentam e prolongam as discussões em torno dos resultados e performances dos jogadores e times nos dias em que não ocorrem as partidas. Além disso, especula-se sobre a manutenção e aprimoramento físico e técnico dos atletas, a exposição das *formas* do jogar, bem como uma produção e projeção dos jogos futuros.

rádio *Panamericana*, a *Jovem Pan*, a *Globo* e a *Bandeirantes* mantém suas equipes de jornalismo esportivo.

As equipes que cobrem diariamente os clubes de futebol possuem uma configuração um pouco distinta daquela tríade genérica que transmite as partidas, representadas na figura do locutor, comentarista e repórter de campo⁵¹. São os repórteres e cinegrafistas que compõem, basicamente, o corpo de *especialistas* que acompanham o cotidiano dos clubes, tendo na retaguarda um terceiro elemento, o editor, aquele que irá finalizar a matéria, ou seja, elaborar a “decupagem” das imagens tomadas pelo cinegrafista e adequá-las ao texto do repórter, a fim de que sejam veiculadas.

Isso não significa que o repórter também não possa interferir no trabalho final, porém o grande impedimento, na maioria das vezes, é o próprio tempo pois, feitas as imagens e gravado o texto da matéria, todo este material é conduzido rapidamente, como é o caso da TV Bandeirantes, por um *motoboy*, aos estúdios para serem editados e levados ao ar pouquíssimas horas, às vezes minutos, depois da realização da reportagem. Assim, não é sempre que repórteres e cinegrafistas alcançam estas finalizações e a veiculação de seus trabalhos.

A dinâmica básica que preside as coberturas esportivas cotidianas, o jornalismo esportivo diarista como alguns o denominam, não foge às características mais gerais de boa parte do jornalismo. Pois são as disputas entre televisões, rádios e jornais na busca pela singularidade e pelo inusitado, o “furo”, o diferencial que caracterizará a melhor cobertura⁵².

Em se tratando de cobertura televisiva muitas vezes este trabalho de buscar o “algo mais” é dado pelo cinegrafista, que ultrapassa a pauta previamente discutida e agendada entre repórteres e editores. Foi o caso, por exemplo, do cinegrafista Jorge

⁵¹ . Tanto na televisão como no rádio temos estas três funções que intervêm nas transmissões, ou seja, narrador, comentarista e repórter. Observe que isso não significa três indivíduos, necessariamente. Geralmente as emissoras tanto de rádio quanto de televisão acompanham os jogos com dois repórteres, cada um cobrindo um time. Às vezes dois comentaristas, e até dois narradores. A rádio *Jovem Pan* consiste numa exceção ao criar a figura do plantonista ou âncora nos intervalos da partida para coordenar as falas dos repórteres, dos comentaristas e locutores. Milton Neves é quem faz a figura do âncora esportivo nesta rádio, há alguns anos esta tarefa era realizada tão somente após as partidas.

⁵² . Circunstâncias que alimentam contendas entre os próprios membros da imprensa tais como a que ocorreu com Daniel de Paula, repórter e comentarista, numa reportagem feita para o jornal *A Gazeta Esportiva*, ocasião em que permaneceu por 10 dias acompanhando uma pré temporada da equipe santista, na cidade de Atibaia. Na ocasião, recebeu determinadas informações, verdadeiros “furos” na época, do então técnico santista Wanderley Luxemburgo, fruto de muita conversa informal. Ao redigir a matéria, no entanto, Wanderley pediu para que não incluísse alguns tópicos. Embora tenha se mostrado frustrado por não poder veicular determinadas informações, respeitou sua “fonte”. O fato é que tais informações acabaram sendo veiculadas num outro jornal de grande circulação. Ao pedir explicações a Wanderley, Daniel de Paula ouviu do técnico que não havia dado entrevista para nenhum repórter do referido jornal: “acabei ‘levando um furo’ porque tentei preservar a minha fonte”, lamentou-se. “Provavelmente algum outro repórter escutou parte de nossa conversa e as utilizou”, especulou.

Correia, da TV Bandeirantes, que captou um fato inusitado, alimentando a imprensa esportiva e as discussões torcedoras durante meses.

Na ocasião do jogo pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 1990 entre Brasil e Chile, ocorrido no ano anterior no Maracanã, o goleiro chileno Roberto Rojas encenou, no transcurso da partida, ter sido atingido por um rojão disparado das arquibancadas. Descobriu-se, posteriormente, que ele próprio se ferira, no intuito de forjar uma agressão e uma possível anulação da partida, em prejuízo da seleção brasileira. Jorge Correia desviou sua câmera da partida e acompanhou a trajetória do rojão, desde o disparo.

No dia seguinte ao acontecido todas as outras televisões queriam as imagens do cinegrafista da TV Bandeirantes. Estava dado o diferencial na transmissão do jogo, fato que teve repercussões internacionais e desdobramentos na FIFA, organizadora dos mundiais, culminando na eliminação do Chile da referida copa ⁵³.

Todos os dias as equipes, sejam das TVs, rádios ou jornais saem para apurar os fatos nos centros de treinamentos ou sedes dos clubes. Estes repórteres são chamados de “setoristas” e geralmente obedecem às escalações, que os designam para clubes específicos. Porém, alguns meios realizam as coberturas num esquema de rodízio entre os repórteres. Tal como acontece na rádio Globo. O repórter fica um tempo determinado num clube e depois é escalado para cobrir outro. Ao contrário da rádio Jovem Pan, que fixa seus repórteres nos clubes.

Tais procedimentos trazem algumas diferenciações que extrapolam a mera divisão social deste trabalho. Por um lado, aqueles que cobrem permanentemente um clube têm a possibilidade de estabelecer vínculos mais estáveis e com isso preservar e estreitar as relações com suas “fontes”. Por outro lado, a vantagem do sistema de rodízio é que o repórter não se especializa num único clube, embora perca o contato mais próximo com as “fontes”. Equipe esportiva como a Globo estabelece que aquele repórter que cobre um determinado clube no cotidiano também acompanhará suas partidas, ao menos no período em que lá estiver.

Desse modo, as possibilidades de cobrirem jogos de menor importância equiparam-se àquelas em poder participar dos eventos mais relevantes, o que, individualmente, traz benefícios aos repórteres, que mostram seus “estilos” e são

⁵³ . Fato que igualmente mobilizou o imaginário torcedor, sobretudo por terem descoberto o responsável pelo disparo, aliás, a responsável. O caso ficou conhecido como “o episódio da fogueteira”. Toda a repercussão levou a referida torcedora às páginas de uma conhecida revista que veicula ensaios fotográficos de nudez feminina.

socialmente valorizados. O que não ocorre, por exemplo, na rádio Jovem Pan, que mantém determinados repórteres, considerados titulares, nas partidas mais importantes. Wanderlei Nogueira e Luis Carlos Quartarollo cobrem as partidas mais relevantes do ponto de vista da audiência, “clássicos”, finais de campeonatos etc. No caso das televisões observam-se também certas regularidades e preferências, embora o sistema de rodízio ocorra com mais frequência.

Uma vez pautado um determinado fato, não raro escolhido *ad doc* nos treinos, a reportagem, no caso específico da cobertura televisiva, será estruturada observando-se alguns expedientes que “transformam” o fato em matéria jornalística.

Existem os *offs*⁵⁴, que são os textos vinculados às imagens, observando sempre uma certa complementaridade para que não sobreponham aquilo que está sendo mostrado com o que está sendo narrado. As “sonoras”, que compõem as entrevistas propriamente ditas e, por último, as “passagens”, que constituem nos momentos em que, numa mesma cobertura, o repórter liga dois assuntos seqüenciais. Estas “passagens” podem ser feitas com as imagens do repórter ou em *offs*. Não é raro utilizarem imagens de arquivo quando o resultado daquelas que foram tomadas não satisfazem o texto. Estas imagens servem para dar uma certa continuidade entre os assuntos, situando melhor aquilo que se quer transmitir. Espera-se, da parte do repórter, que estas “passagens” sejam feitas focando sua imagem.

Outro expediente corriqueiro é o *stand up*, recurso frequentemente utilizado pelos jornalistas mas, no que concerne à cobertura esportiva, revela-se uma estratégia de resultados pouco satisfatórios, uma vez que consiste na elaboração menos cuidadosa de uma cobertura.

O procedimento aparentemente é simples, alinha-se o entrevistado ao lado do repórter e filma-se uma seqüência curta de perguntas e respostas, finalizando a matéria. Do ponto de vista da criação, seleção do texto e montagem das imagens, segundo Awad, “é o pior que pode acontecer” pois, nesse caso, o assunto é apresentado de modo direto e pouco atrativo, sem texto em *off* ou qualquer “passagem”, artifícios que ajudam a contar uma história ao longo de uma reportagem e que conferem um significativo dinamismo à matéria.

⁵⁴ . O uso da palavra *off* designa também critérios éticos na relação estabelecida entre o repórter e sua “fonte”. Quando a “fonte” pede que determinado assunto não conste da matéria, isto é denominado no meio jornalístico como *off*. Em tese, o jornalista deve observar tal pedido, a despeito de sua matéria.

Estratégias mais individualizadas e performáticas também são bastante valorizadas, expedientes, aliás, insistentemente mencionados pelos especialistas palestrantes, desde as primeiras sessões dos cursos. Uma delas diz respeito ao próprio estilo que os repórteres adquirem ao longo de suas carreiras.

Não basta delegar ao entrevistado, ao jogador de futebol, por exemplo, o papel de instigador da atenção dos ouvintes ou telespectadores. Nessas circunstâncias, então, o que se nota não é uma busca exclusiva de um conteúdo informativo original, um relato sobre algum acontecimento excepcional, ou até mesmo uma opinião balizada sobre algum fato extraordinário.

Embora, obviamente, tais circunstâncias constem da agenda de qualquer editor, e seria ótimo que ocorressem com maior frequência, o que se passa, de modo reiterado nessas ocasiões, é a confirmação de um determinado estilo de reportagem e transmissão que adquire a característica de ter um fim em si mesmo.

Nesse caso, mais do que a cobertura a matéria jornalística é construída e “inventada”, transcendendo o fato esportivo mais imediato. Quanto mais se ativerem aos acontecimentos periféricos e liminares da pauta, maiores possibilidades de se conseguir resultados inusitados e, portanto, acredita-se, mais original a cobertura, sobretudo no contexto do cotidiano dos treinos.

O desenvolvimento de um estilo próprio de reportagem, que tornará visível o trabalho do repórter, alçado, muitas vezes, à condição de ídolo, se deve também, paradoxalmente, às carências encontradas na própria condição dos jogadores profissionais de futebol. Durante o curso foi reiterado que a maioria desses jogadores é de origem humilde e que para tirar alguma informação é necessário que o repórter se desdobre.

É o próprio Elias Awad, contando sua trajetória na carreira de repórter, que comenta:

“Eu comecei [no esporte] cobrindo outras modalidades, foi um bom caminho que escolhi. Você tem que estar bem preparado pois nesses esportes o nível cultural dos atletas é melhor. No futebol você também tem que estar preparado para tirar pelo menos um pouquinho desses jogadores. É claro que tem exceções, um Raí, um Jorginho...”

No entanto, tais estratégias nem sempre são observadas no momento da edição das matérias. O que, não raro, é motivo de desavenças entre repórteres e cinegrafistas com os editores, que cortam, suprimem “passagens”, alterando e comprometendo a narrativa concebida previamente e, muitas vezes, prejudicando a própria imagem do

repórter. Por isso, é importante especificar no texto da matéria (nos *offs*) a seqüência das entrevistas (1º sonora, 2º sonora, etc) para que a narrativa concebida não fique comprometida e, por conseqüência, sua imagem e estilo.

Em outros países estes procedimentos diferem pois os próprios repórteres, muitas vezes, editam suas matérias, como lembrou o ex-jogador de basquete Marcel, reclamando das surpresas que encontra quando concede uma entrevista no Brasil. Contou que, certa vez, concedeu uma longa entrevista a um determinado meio de comunicação e que no dia seguinte saiu no jornal com uma manchete que não condizia com o assunto: “Dinossauro do basquete...”. Confessou que atualmente só concede entrevista ao vivo para as rádios, pois aí a interferência de edição é mínima.

Relatando um determinado jogo de basquete em que Oscar, um dos mais destacados jogadores na história deste esporte no Brasil, estava atuando, Elias Awad mostrou as dificuldades e os limites em fazer uma entrevista após o calor de uma partida com alguém da visibilidade de um Oscar. Dizia, *“o quê perguntar, efetivamente, a ele? Mostrar que ele fez 40 pontos na partida é novidade?”* Perguntava e respondia o próprio repórter, indagando aos alunos:

“Peguei o som ambiente no estádio, pois o time de Oscar, na época o Corinthians, jogava em Mogi, contra o time local, e captei um coro insistente dos torcedores que gritavam o tempo todo ‘Oscar é viado’. Pensando na brilhante trajetória do jogador e a sua contribuição ao basquete nacional fui, ao final da partida, até ele e perguntei: ‘Oscar, o que você sente quando essa molecada te chama de viado? Ele não esperava a pergunta e se afastou, constrangido. Logo depois, voltando do vestiário, acho que aquilo mexeu com ele, começou a falar para a câmera, num tom de desabafo, sobre a falta de respeito, memória A matéria rendeu...”⁵⁵.

⁵⁵ . Sucederam-se outros exemplos em aula dados por Elias Awad, relatando suas próprias experiências em buscar o inusitado e o diferencial para executar suas matérias jornalísticas. Numa matéria que fez sobre paraquedismo mostrou que o interesse da reportagem não estava nos entrevistados ou em suas performances, naquilo que diziam ou faziam, mas sim no pavor do próprio repórter, filmado instantes antes do salto, aliás o primeiro de sua vida. Ali, no seu semblante assustado, flagrado pelas imagens, estavam sintetizados os propósitos da matéria. Cobrindo uma partida entre Portuguesa de Desportos e Matonense pelo campeonato paulista de 1999, Awad afirmou que, efetivamente não tinha nada para relatar quando, inesperadamente, escutou de um dirigente da Matonense: *“essa portuguesada é foda, não deixa a gente se aquecer no gramado”*. Dali, retirou todo o mote de uma matéria num jogo aparentemente desinteressante, confessou. Certa vez, o então técnico do Sport Club Corinthians Paulista e atual (1999) técnico da seleção brasileira Wanderlei Luxemburgo concedia uma entrevista coletiva ao final do treinamento e num determinado momento um repórter aproximou demais o microfone à sua boca, desconcentrando-o e obrigando-o a disparar a frase *“ô, comer microfone não dá...”*, este incidente passou a ser o fato mais relevante do que a própria fala do referido técnico, capitalizando a entrevista e dando uma tonalidade mais informal à matéria, ao mesmo tempo que revelava uma certa intranqüilidade e irritação da parte do entrevistado, à época com problemas de relacionamento com um importante jogador do time corintiano, Marcelinho. O próprio Awad reiterou que a mesma coletiva veiculada em algumas

Tais estratégias e desvios semânticos intencionais engendrados no interior das matérias são multiplicados nas rotinas jornalísticas que cobrem o futebol e devem ser ainda melhor observados nas coberturas dos treinos pois, não raro, apresentam-se como fatos jornalísticos monótonos e repetitivos, rotinas que, sem a intervenção criativa dos repórteres, cinegrafistas ou editores, sucumbiriam a uma série de reportagens idênticas sem qualquer interesse mais geral.

Assim, estimulados pela máxima consensual entre os especialistas, em buscar o inusitado dentro de uma realidade previsível, procuram, mais do que nos próprios jogos, do ponto de vista da elaboração de uma pauta mais estimulante, reelaborar os fatos numa outra ordem narrativa, numa outra sintaxe. Fazem-se imagens mais periféricas na tentativa de captar algo inusitado, que se contraponha ao mote explícito da reportagem, muitas vezes fugindo dos protagonistas pautados a priori ou elaborando um texto fruto de alguma frase solta ao acaso, retirada de circunstâncias às vezes constrangedoras.

Exemplo de matéria considerada “bem executada”, muito explorada em aula, deu-se numa ocasião onde a pauta pedia que se acompanhasse a rotina dos goleiros num determinado treinamento do Santos Futebol Clube. Constava da matéria vários personagens, Zetti, o goleiro titular, Nando e Fernando Leão, reservas, mais o preparador de goleiros Pedro Santili e dois jovens jogadores, à época recém promovidos das categorias de base, Michel, lateral direito e Valdir, zagueiro. Esta matéria, inclusive, serviu para que os participantes do curso escrevessem sobre o texto original, treinando a elaboração de outras versões para a matéria.

Ao final da sessão alguns alunos leram seus textos e os compararam ao da matéria original na intenção de assimilarem tais estratégias de elaboração de textos e técnicas discursivas de narração. A argumentação central era a de que precisariam orientar os telespectadores para os fatos periféricos do treino, pois é provável que ali estejam os assuntos de maior impacto visual e emotivo.

Entre os fatos “potencialmente impactantes” observados nesta referida matéria, somavam-se as brincadeiras entre jogadores, incidentes, atitudes jocosas, características peculiares da personalidade de determinados jogadores, características físicas, trejeitos e manias, idiosincrasias de toda ordem, atitudes estereotipadas ou manias que revelam situações constrangedoras. No caso do referido treino, então, focava-se Zetti lavando compulsivamente suas luvas, jogadores e treinadores bebendo água apressadamente,

outras emissoras não teve o mesmo impacto justamente porque os editores não selecionaram o incidente nas decupagens das imagens. Ali, segundo o repórter, estava dado o foco diferenciador da notícia.

cansaços estampados de modo caricatural nos semblantes daqueles que ali se submetiam aos repetidos exercícios. Dessas imagens e textos, que revelavam um treino escaldante, o repórter fez uma “passagem” para um tema “mais sério”, relatando as dificuldades financeiras do referido time em contratar novos jogadores. A matéria terminava com entrevistas (“sonoras”) com os recém egressos das categorias de base para o time principal, reiterando que esta era uma das saídas para contornar a crise do Santos.

Entre os fatos e acontecimentos pautados, na maioria dos casos pelos editores nas redações, e as matérias a serem levadas ao ar existe toda uma gama de estratégias narrativas e intervenções técnicas condicionadas ainda às representações que dizem respeito aos significados atribuídos ao jogo pelo conjunto de torcedores que acompanham diariamente estes programas esportivos. Nota-se que todo o processo de produção de uma matéria esportiva, com as características aqui ressaltadas, leva em conta a lógica da emoção enquanto categoria constitutiva desse “saber especialista”.

Embora as imagens em movimento estejam ausentes em outros meios, este “espírito jocoso” também é bastante valorizado, seja nas falas dos repórteres ou dos locutores dos rádios. No caso dos jornais, são as fotos que, geralmente, levam aos torcedores estes instantes descontraídos que aludem à dimensão mais lúdica dos treinos.

Pode-se constatar, portanto, que a marca de uma determinada cobertura esportiva remete-se aos estilos de reportagens aí veiculada e que, por sua vez, resvalam nos estilos dos próprios repórteres, que possuem uma relativa autonomia para desenvolvê-los. Contudo, determinadas condições de trabalho, que dizem respeito à importância ameahada de cada meio no universo midiático, favorecem ou não o desenvolvimento desses estilos.

O processo atual de enxugamento das editorias esportivas observado nas TVs⁵⁶ e de modo acentuado nas emissoras de rádio compromete este tratamento lúdico dado às matérias. Hoje, o repórter muitas vezes trabalha como operador técnico e até mesmo como motorista, o que altera a qualidade de uma matéria. “*Tudo para economizar*”, como relata o repórter Carlos Lima da rádio Globo, denunciando que estão esquecendo o lado artístico do rádio, pois este sobrevive justamente dos estilos de seus setoristas e locutores.

⁵⁶ . Fenômeno notado também com as mudanças gerenciais e no monopólio das ações das empresas de canais abertos de televisão. A TV *Record*, depois de sua “evangelização”, abandonou as coberturas esportivas. O que ocorreu com a *SBT*, excessivamente centralizada na figura de Sílvio Santos, que ocasionalmente cobre os esportes, mas não possui uma equipe de produção fixa dentro da empresa, ao menos até o momento.

No entanto, a dimensão do estilo é observada em qualquer meio e é socialmente valorizada no campo jornalístico pois confere credibilidade aos *especialistas* ante o público ouvinte, telespectador ou leitor.

Estilo, neste caso, consiste numa sobreposição de aspectos que informam a construção da *pessoa do especialista*. Um primeiro diz respeito à dimensão de sua personalidade, se extrovertido ou intimista, o que deve se amoldar ao segundo aspecto, ou seja, as obrigatoriedades no uso de certas expressões e técnicas corporais concernentes ao campo jornalístico, adequando toda a performance ao terceiro, ou seja, ao meio e a linha editorial da empresa a qual está vinculado.

Os estilos de narração, de comentário ou reportagem devem se adequar às emissoras. Um exemplo ficou patente no relato do próprio Elias Awad na ocasião em que fazia uma reportagem sobre o Corinthians numa determinada partida. Há uma certa altura do jogo ocorrera uma substituição no time corintiano, saindo Mirandinha e entrando Dinei. Dirigiu-se ao banco de reservas do referido time e interpelou Mirandinha com o apelido “Mimi”: *E aí “Mimi” como está o jogo...*”.

Fato que suscitou uma advertência da parte dos diretores do canal *Sportv*, que afirmaram que ali não era a Bandeirantes e que ele deveria adequar-se à proposta de uma cobertura mais técnica e descritiva orientada pela emissora.

Roberto Avallone, diretor do programa Mesa Redonda Futebol e Debate, veiculado na TV Gazeta/CNT, foi tido entre os cronistas esportivos paulistas por muito tempo como tendo um dos mais respeitáveis textos jornalísticos no caderno de esportes do *Jornal da Tarde*. Prestígio abalado depois que mudou radicalmente o seu estilo, primeiro porque priorizou outro meio de comunicação, iniciando uma carreira de apresentador e comentarista na TV, e depois porque alterou sensivelmente sua própria imagem até então reconhecidamente tida como polida.

Seus trejeitos, gestos nervosos e exacerbada entonação ao discutir os fatos do futebol na TV não mais o credenciam, para muitos, como um renomado cronista, consenso nas discussões entre os próprios alunos que, numa das sessões do curso, afirmaram não compreender como que a presença de mãe Diná no programa do Avallone, uma controvertida “vidente” que reside na cidade de São Paulo, dava mais

audiência que a presença do próprio Pelé num outro programa esportivo, o Cartão Verde da Cultura⁵⁷.

No intuito de explicitar os matizes entre diversos estilos de reportagens foram mostradas em vídeo algumas matérias realizadas por repórteres de várias emissoras. Um dos índices que indica a diferenciação entre as performances dos repórteres é justamente o quanto se aproximam ou se distanciam de uma cobertura com características mais jocosas. Embora as matérias mostradas em aula estivessem relacionadas a um mesmo fato, coberturas das mesmas partidas, “histórias de jogo”⁵⁸, observava-se uma sensível diferenciação na condução dos fatos entre elas.

Versões de um mesmo evento, reconhecidamente aceitáveis como tal, revelavam determinadas técnicas de narrativa que, obviamente não alterando os escores, quase que supunham jogos diversos, tamanha a diferença encontrada nos estilos e na maneira como eram relatados.

Assim, narram-se as partidas em *offs* com tomadas dos melhores momentos, optam por refazer as “histórias do jogo” a partir de alguns acontecimentos excepcionais ou pontos de vista específicos (de um jogador, de um torcedor etc); associam determinadas circunstâncias da partida a fatos mais gerais, paralelos aos eventos esportivos, utilizando-se das técnicas aqui já aludidas, tais como, por exemplo, “passagens”⁵⁹ realizadas no começo, intervalo ou ao final das “histórias dos jogos”, usam imagens periféricas às partidas e aos resultados em si, enfim, uma série de combinações entre técnicas, performances e “passagens” que possibilitam identificar os estilos às emissoras e aos repórteres responsáveis pelas matérias.

Todas as performances desempenhadas pelos repórteres, fruto das coberturas cotidianas realizadas nos clubes, que apuram estilos específicos de coberturas jornalísticas, modulam a fala tecnicista de outros *especialistas*, os cronistas e comentaristas esportivos, mais atentos a um discurso circunscrito pelos desempenhos técnicos e táticos dos jogadores, tal como observado nas “transmissões ao vivo”.

No caso dos repórteres setoristas, estas imagens e estilos despojados, construídos nos contatos permanentes e mais face a face com *profissionais* e *torcedores*,

⁵⁷ . Entre as mesas redondas, esta presidida por Roberto Avallone é aquela considerada a mais popular, contraposta ao *Cartão Verde* veiculado na *TV Cultura*, apresentado por Juca Kfourri até 1999 e agora por Flávio Prado. Discutiremos as mesas redondas mais a seguir.

⁵⁸ . Nesses programas esportivos diários além da cobertura cotidiana *in loco* nos clubes realizam-se também as “histórias de jogos”, ou seja, passam em revista a rodada do dia anterior ou do fim de semana, mostrando os resultados e os acontecimentos em torno das partidas.

maximizados na dinâmica imposta pela reportagem diarista, contrapõem-se àqueles valorizados pelos outros cronistas, mais distanciados e objetivistas, que analisam as partidas de futebol.

Trata-se, pois, de estratégias de distinção simbólica da emoção, que dizem respeito ao modo como a prática dos *especialistas* aloca as dimensões do lúdico e da competição nas coberturas esportivas de um modo geral. Observa-se aqui, nitidamente, uma rede de atitudes e papéis diferenciados que informam uma determinada organização ou divisão social dos usos dessa emoção. Todas legitimamente aceitas dentro do campo dos *especialistas*.

Assistem-se aos programas esportivos diários que trazem na performance dos próprios cinegrafistas e, sobretudo, na atuação dos repórteres o instante fugidio e efêmero de um futebol reconstituído a partir de fragmentos dos treinos, reordenando-os numa dimensão lúdica, muito embora tais estratégias sejam meticulosamente elaboradas, ministradas como receituários aos alunos de jornalismo, amparadas que estão nas técnicas que cada meio dispõem para concretizar tais fragmentos numa matéria com começo, meio e fim. Porém, sem o resgate de um mínimo que fosse desta dimensão lúdica, perderia-se a possibilidade de alcançar, em última instância, o outro, no caso, o conjunto genérico de torcedores, sejam eles telespectadores, ouvintes, leitores ou ainda, num outro nível, os patrocinadores dessas mídias.

Sem estes recursos retóricos e performáticos, acredita-se, somente permaneceriam no imaginário torcedor, se é que permaneceriam, reportagens sobre um cotidiano de desfecho conhecido, um elenco limitado de perguntas e respostas, um *script* sem emoção, que se limitaria em levar ao ar as repetidas imagens dos gols ocorridos nas partidas dos dias anteriores. Assim, consagram-se alguns estilos de reportagens e de repórteres que, de uma certa perspectiva, desorganizam a dimensão cotidiana e previsível dos treinos.

Em que pesem o esforço e a eficácia de tais estratégias, acabam elaborando um conjunto de narrativas que se reiteram, perpetuadas em reportagens que não raro utilizam-se dos mesmos recursos retóricos, muitas vezes copiados uns dos outros⁶⁰,

⁵⁹ . Lembrar que “passagem” consiste, na maioria das vezes, no uso da imagem do repórter, que entra para vincular dois ou mais assuntos de uma matéria.

⁶⁰ . Foi um caso narrado por Awad sobre uma matéria que fizeram na Portuguesa de Desportos. Na ocasião, a reportagem da Bandeirantes havia levado bigodes postiços, estereótipo do torcedor do referido time, e feito uma brincadeira com jogadores e torcedores, situação em que todos colocavam os bigodes simulando uma identificação com a colônia que fundara o time. No dia seguinte outras emissoras utilizaram-se dos mesmos expedientes jocosos para noticiar a Portuguesa.

amplificando para o plano das representações veiculadas nos meios de comunicação as rotinas exaustivas dos exercícios e gestos, jogadas ensaiadas e fundamentos repetidos nos treinamentos pelos *profissionais*.

2.3 a construção simbólica da emoção entre os especialistas

Todavia não há consenso em torno deste tipo de cobertura esportiva diarista. Embora tenha um respaldo dentro do campo jornalístico e esportivo, bem como um apelo popular, adensando grande parte dos programas esportivos das rádios, TVs e jornais especializados⁶¹, alguns *profissionais* acreditam que tais recursos retóricos excessivamente utilizados nessas coberturas somam pouco para a divulgação do futebol, o que pesa na credibilidade da imprensa esportiva como um todo.

Tais divergências ficaram mais patentes nas argumentações de Marco Aurélio Cunha, médico esportivo que atuou em vários times de expressão, tais como o São Paulo Futebol Clube, Guarani Futebol Clube e que, atualmente, desempenha um cargo de dirigente esportivo profissional e Jorginho, lateral direito da seleção brasileira campeã em 1994, na copa dos EUA.

Convidado a participar de uma das sessões do curso⁶², Marco Aurélio Cunha, mais um entre tantos outros *profissionais* que foram instigados a falar sobre a relação estabelecida entre eles e a imprensa, reiterou que, de modo geral,

“falta ao jornalismo esportivo um maior preparo”, e a carência que se revelava nesse jornalismo em grande parte era dada pela ênfase neste tipo específico de jornalismo, o diarista: “é preciso relacionar fatos, épocas, tornar o jornalismo mais investigativo”.

No Brasil, lamentava Marco Aurélio, as informações são descartáveis, pois *“nossa versatilidade, inquietude, o clima nos torna mais preguiçosos (...) um fato apaga o outro. Fico decepcionado ao ler sobre brigas, detalhes, escândalos menores. Uma vez um*

⁶¹ . O próprio Elias Awad insistentemente recomendou que para ser um repórter atento deve-se estar bem informado cotidianamente sobre aquilo que será pauta de matéria. Para tanto, sugeriu que os alunos deveriam ler pelo menos quatro jornais para cobrirem as eventuais lacunas sobre o tema a ser reportado. As recomendações foram *A Gazeta Esportiva*, *Lance*, *Diário Popular* e *Jornal da Tarde*. *A Folha de S. Paulo* e o *Estado (OESP)*, segundo o repórter, fazem matérias mais investigativas e não possuem uma cobertura atenta aos detalhes cotidianos. Nas suas considerações, as editoriais esportivas desses últimos jornais citados foram relegadas ao segundo plano.

⁶² . Numa terça-feira, dia 13/04/1999.

*jogador foi vazectomizado e apareceu no dia seguinte uma manchete num determinado jornal: 'senta que o leão é manso'. Assim não dá...'*⁶³.

A presença de Marco Aurélio neste dia estava muito motivada pela sua então recente saída do cargo de diretor profissional de futebol do Santos Futebol Clube, ocorrida horas antes desse encontro com os estudantes. Tal acontecimento estimulou e precipitou, na verdade, o discurso do dirigente sobre a necessidade de uma profissionalização total do futebol. Dava o exemplo de sua incompatibilidade com o então treinador do Santos, Emerson Leão que, segundo ele, não estava preparado para trabalhar em equipe, com organogramas que atribuam tarefas e responsabilidades diferenciadas a todos os funcionários do clube.

Técnico de futebol, exultava Marco Aurélio, é tão somente um professor que deve ensinar aos jogadores os fundamentos táticos, pois trata-se, em suma, de um estrategista. Ele é pago para isso e, portanto, não deve interferir no trabalho de dirigentes, na vida pessoal de jogadores, no trabalho dos demais membros da comissão técnica, muito menos na parte administrativa: “*Ele é mais um funcionário*”, reiterava⁶⁴.

Da parte de Marco Aurélio, portanto, havia um nítido entendimento em tratar o futebol como fenômeno “sério”⁶⁵ e que tais expedientes jornalísticos não estariam em consonância com estes propósitos em reestruturá-lo numa dimensão mais profissional.

Para além das regulamentações formais deste processo, portanto, era necessário também que ocorresse uma maior profissionalização nas relações estabelecidas entre *profissionais* e *especialistas*, comprometendo o discurso das editorias esportivas com todo este processo de mudanças observadas no futebol atual.

⁶³ . Suas opiniões causaram até um certo mal estar em alguns estudantes que estavam atentos ao modo como Elias Awad encaminhava aqueles cursos, que seguiam numa direção oposta à perspectiva defendida pelo dirigente profissional.

⁶⁴ . A respeito da construção social da imagem do treinador de futebol consultar o Capítulo 1, especificamente os tópicos *curso básico e soccer clinic* e *rotina e rituais*, onde foram discutidos a reorientação da imagem do técnico de futebol ante a nova divisão social e simbólica das comissões técnicas, informadas pelos avanços e usos da tecnologia, incorporação de outros *profissionais* e pelas demandas gerenciais administrativas em voga.

⁶⁵ . O uso do termo “seriedade” não está sendo utilizado aqui como uma valoração interpretativa da análise, mas sim como categoria. Vale lembrar que alguns autores (Elias & Dunning, 1992) já a utilizaram ao identificar a reivindicação das elites inglesas que, em nome de um ideal amador, denunciavam um progressivo aumento da seriedade nos esportes em detrimento do divertimento. Fato assemelhado às estratégias de distinção social das elites esportistas brasileiras nas primeiras décadas desse século que propugnavam que o esporte profissional igualmente iria acabar com o verdadeiro espírito esportivo, muito embora já apontassem, de modo escamoteado, na direção de um processo crescente de profissionalização dos jogadores.

Tratava-se de firmar uma estratégia de distinção em relação a um anunciado jornalismo descompromissado, popular na sua expressão, todavia em descompasso, ao seu juízo, com a racionalização nas relações profissionais de trabalho dentro do futebol.

Para Marco Aurélio Cunha, portanto, o papel da imprensa não seria “divertir”, atribuição alocada pela divisão social do trabalho no futebol profissional aos jogadores em campo, mas sim “informar”, de modo isento, imparcial e responsável.

O jogador Jorginho, numa sessão anterior⁶⁶ e de uma outra perspectiva, revelou esta relação tensa que se estabelece entre a imprensa e jogadores profissionais no Brasil ao comparar sua experiência atuando em times estrangeiros, tais como sua estadia por nove anos na Alemanha e temporadas em times japoneses.

Embora as coberturas esportivas, sobretudo em países como a Alemanha e Itália sejam tão ostensivas como no Brasil, explanou o jogador até num tom de lamento que qualquer entrevista mais elaborada, portanto mais demorada, nesses países, são cobradas e os próprios clubes se incumbem em intermediá-las para os jogadores, recolhendo taxas em torno de 20% do recebido pelo jogador⁶⁷.

Embora toda a argumentação do jogador tenha se encaminhado no sentido de evidenciar as dificuldades que muitos jogadores e técnicos, sobretudo, encontram no relacionamento com a grande imprensa, muito em virtude dessa proximidade que se estabelece, sobretudo no Brasil, tudo isso pareceu refratário às expectativas de Elias Awad que, ao final da exposição do jogador, utilizou-se de um expediente que, de algum modo, até contrariava o que havia sido debatido, mas corroborava sua perspectiva de jornalismo esportivo.

Terminada a fala de Jorginho, Awad colocou as imagens da final da copa de 1994, exatamente no momento das cobranças de tiros livres ao gol (os “pênaltis”), instantes em que o selecionado estava prestes a sagrar-se tetracampeão mundial de futebol. Com as imagens preenchendo o telão ao fundo do auditório, pediu-se para que o

⁶⁶ Datada de 12/04/1999.

⁶⁷ . Elias Awad, ao comentar uma longa entrevista feita com um jogador japonês, que atuou no Brasil por um tempo, chamado Maezono, surpreendeu o próprio Jorginho que, interrompendo o repórter objetou que lá, muito provavelmente, Maezono jamais faria isso pois: “*Entrevistas são concedidas após as partidas, nos treinos também, desde que não ultrapassem poucos minutos, fora isso são agendadas previamente e remuneradas*”. E completou o jogador, “*numa situação desta, fora do Brasil, eu estaria cobrando esta entrevista coletiva aqui com vocês*”. Fato assemelhado ocorreu com o jogador brasileiro Careca à época em que jogava no Nápoli da Itália. Todas as suas entrevistas eram cobradas, seguindo um padrão aceito na Europa. Na ocasião da Copa do Mundo de 1986 o jogador passou a cobrar suas entrevistas da imprensa brasileira, o que resultou numa onda de críticas da parte dos repórteres. Tendência que se observa hoje em determinados programas que remuneram os *profissionais* convidados, tal como o *Super Técnico*, exibido pela TV Bandeirantes aos domingos à noite sob apresentação de Milton Neves.

jogador fosse relatando cada instante das cobranças. Toda a sala foi tomada pelo “momento da decisão” na medida em que Jorginho narrava o que via acontecer em campo: as falas, os gestos, quem fechava os olhos, a atitude da torcida, o momento da explosão da conquista.

A intenção de Awad em dar um tom ritualizado, impactante e emotivo à ocasião dera certo pois, ao final, já com as imagens mostrando a comemoração, grande parte dos alunos da sala estava pedindo autógrafos ao palestrante, como simples torcedores, e o jogador visivelmente emocionado.

Ali, num verdadeiro “treino” para os estudantes de jornalismo esportivo, pois tratava-se de uma simulação de entrevista coletiva, recriava-se a dimensão fugidia do jogo, reencontrando o *especialista* com o *profissional*, e ambos com o *torcedor*, que todos originalmente foram um dia.

*** **

Esta divisão social do trabalho observada nas editorias esportivas, que basicamente cindem as equipes em duas, ou seja, aquelas que atuam nos dias das partidas, nas “transmissões ao vivo”, e aquelas que acompanham o cotidiano dos clubes, guardam relações de homologia com as dimensões estruturantes do futebol.

É interessante notar que raramente se observa um narrador ou comentarista esportivo nos treinos, salvo alguma excepcionalidade em torno do selecionado nacional, em ocasiões de maior relevo, tais como treinamentos para eliminatórias ou Copas do Mundo. Esta observação, banal a primeira vista, não é de pouca importância, pois as representações encarnadas nas matérias do jornalismo esportivo diarista, consequência do contato próximo que repórteres e cinegrafistas travam com jogadores, dirigentes, torcedores e técnicos, diferem daquelas engendradas pelos outros *especialistas* que se colocam mais à distância desse cotidiano menos encantado do futebol, que são os treinos.

Os treinamentos visam as competições, mais precisamente servem como preparação para elas. Aqui, os elementos imponderáveis, no que se refere às dimensões do jogo, não estão presentes ou, se estiverem, são minimizados pelas rotinas segmentadas que caracterizam as atividades táticas e as estações de treinamento físico. Se atentar para os jogos coletivos, os “rachões”, atividades de treinamento que mais se aproximam de uma partida “de fato”, não é raro constatar as seguidas interrupções em seus andamentos, como foi visto no Capítulo anterior, com jogadas ensaiadas repetidas

à exaustão pela intervenção do treinador ou do auxiliar técnico, perdendo, assim, a dimensão de uma partida enquanto totalidade.

E, mais do que isso, nos treinos escapa-lhe a natureza imprevisível do jogo, dada a ausência do outro, dos contendores, uma vez que, geralmente, o suposto adversário muitas vezes faz parte do próprio elenco de jogadores disponíveis no clube, salvo eventuais amistosos com equipes de divisões inferiores. Mas não importa pois, tais partidas intentam, antes de tudo, o aprimoramento do potencial competitivo e não a busca de qualquer resultado quantificável ou simbólico imediato.

Numa partida, ao contrário, o time até pode demonstrar sinais de fadiga física, visível deficiência técnica, porém pode sair-se vencedor, o que, em última instância, consiste no objetivo último da competição.

Nos treinos há também um evidente relaxamento na observância das regras, que supõe a presença do outro, pois são elas que estabelecem, como já foi analisado, um princípio de equivalência entre os contrários, algo inexistente nos treinos pois, neles, o que é levado em conta é o preparo para se atingir um *optimum* técnico, físico e tático.

O que é necessário afirmar é que, na verdade, e paradoxalmente, tal princípio de equivalência entre competidores está justamente na realização simultânea das duas dimensões, competitiva e lúdica. Quando se tem somente a exacerbação da dimensão competitiva, ou a competição como um fim, como parece ser o caso específico dos treinamentos, perde-se a possibilidade do confronto e necessário arbitramento das diferenças nós *versus* eles, essência da natureza competitiva.

Nesse sentido, do ponto de vista dos repórteres e cinegrafistas que realizam as coberturas cotidianas nos treinos, as imponderabilidades e imprevisibilidades, elementos lúdicos que constituem a dimensão do jogo, são deslocados do perímetro do campo, pois rigorosamente não há partidas em um treino, para as performances deles próprios que, fazendo usos e imbricados às atividades liminares e ocasionais acontecidas nos treinos, valorizando em parte o *voyerismo* torcedor, procuram alcançar os níveis desejáveis de emoção e imprevisibilidade numa matéria, para manterem mobilizados os telespectadores-torcedores.

Em suma, para os *especialistas* é preciso atingir o nível da dimensão lúdica, mimetizá-la, para que a matéria tenha alguma verossimilhança com os desígnios de uma partida de futebol. De que valeria cobrir um treino mostrando somente as rotinas físicas e técnicas, sem um texto ou imagens que transcendessem tais atividades? Daí o

tratamento necessariamente jocoso dado às matérias diaristas, expediente socialmente valorizado nas coberturas esportivas brasileiras.

3. transmissões ao vivo e as mesas redondas

3.1 comentaristas, locutores, repórteres e cinegrafistas

Porém, é na intensidade do andamento das partidas que se tem a possibilidade de reunificar os elementos do esporte, concretizar em ato as rotinas dos treinamentos com os elementos do jogo. E, nesse caso, a performance de locutores, comentaristas e repórteres é orientada no sentido de desconstruir as seqüências engendradas pelo desenvolvimento das performances entre os competidores, os *profissionais*.

Nas “transmissões ao vivo” são os acontecimentos confinados ao perímetro do campo que se sobrepõem, senão totalmente ao menos em grande parte, à maioria das informações veiculadas numa transmissão. O próprio desenrolar das equipes em interação ao longo dos noventa minutos se incumbem em proporcionar os níveis de imprevisibilidade e emoção, de competição e disputa, necessários para comprometer a todos, *profissionais, especialistas e torcedores*.

Uma queixa corrente de algumas personalidades esportivas que participaram dos cursos de extensão foi a de que, não raro, os repórteres não têm respeito para com os entrevistados, uma vez que ao fazer as perguntas sequer prestam atenção às respostas. Não discordando totalmente, Awad afirmou que isso, de fato, acontecia e que gerava esta situação um tanto quanto desagradável porém, nas “transmissões ao vivo”, é somente dessa maneira que se podem realizar as entrevistas: *“O jogo tá rolando, você tá com a escuta no ouvido, estão te mandando fazer a pergunta rapidamente, já pensou perder um lance importante, ou atrapalhar a narração? Tem que estar o tempo todo de olhos no campo”*.

Muitas vezes faz-se a entrevista com o microfone fechado, sem o entrevistado saber, sobretudo quando ele se alonga na resposta. Os repórteres, segundo Awad, nas “transmissões ao vivo”, estão subordinados aos comentaristas e ao próprio andamento da partida, daí a sua presença ser reduzida e episódica.

Já o trabalho do cinegrafista ao filmar numa “transmissão ao vivo” é diferenciado daquele que diz respeito às coberturas dos treinos. Geralmente é uma equipe mais numerosa de cinegrafistas que cobrem uma partida, ou melhor, um número maior de câmeras, já que é freqüente que as coberturas esportivas tenham câmeras que trabalhem monitoradas por computadores, prescindindo, assim, do olhar humano

imediatos, ao contrário dos treinos, em que a escolha e captação das imagens se dá de maneira mais individualizada⁶⁸.

No caso das partidas, as imagens que vão ao ar, embora escolhidas pelos diretores de imagens e condicionadas por recursos tecnológicos, seguem necessariamente o andamento do jogo, ao passo que nos treinos a escolha das imagens é feita de modo mais experimental e *pessoalizada*, uma vez que a sintaxe da narrativa está aberta à improvisação tanto dos cinegrafistas quanto dos repórteres que elaboram as seqüências das matérias⁶⁹.

Nas “transmissões ao vivo”, os *especialistas* que mais se sobressaem e que são mais destacados são os locutores e comentaristas, figuras centrais que tentam decodificar as dimensões do jogo e da competição para o conjunto de torcedores.

Os locutores criam estilos próprios a partir de um repertório verbal, técnico/descritivo ou alegórico, somado à sua performance vocal, transmitindo aos torcedores determinados gradientes tonais coadunados ao desenvolvimento das jogadas, conferindo intensidade dramática às partidas⁷⁰.

Padrão observado sobretudo nas transmissões radiofônicas, embora alguns apontem para uma certa decadência na manutenção das escolas e estilos de narração que primam pelas locuções consideradas alegóricas e passionais, privilegiando atualmente a técnica e a precisão na descrição das jogadas, narrações mais comprometidas com os fundamentos do jogo, portanto.

O uso de expedientes, por exemplo, como o “tubo”, ou seja, transmissões das partidas assistidas pela TV narradas na linguagem do rádio, onde locutores e

⁶⁸ . É sabido que, cada vez mais, os recursos tecnológicos intervêm nas transmissões pelas TVs. A cada Copa do Mundo as emissoras alardeiam suas novidades, verdadeiras “estrelas” que compõem todo o aparato que viabiliza as coberturas dos jogos. Em 1994 numa matéria de jornal intitulada *Emissoras preparam ‘guerra de guerrilha’ a TV Globo* anunciava suas “armas” para a Copa: “A *Globo* decidiu combater suas concorrentes em todas as frentes(...) promete imagens exclusivas com quatro câmeras: uma junto à torcida, duas no nível do campo e outra do alto. A emissora anuncia o uso de câmera lenta com qualidade comparável à do cinema (*super slow motion*) e de um recurso chamado ‘touch screen’, que permite ‘desenhar’ sobre a imagem congelada, para ajudar os comentaristas na discussão das jogadas” (Folha de S. Paulo, 16/06/1994).

⁶⁹ . É novamente Robert Stam que traz uma análise aguda sobre o impacto da tecnologia na recepção das transmissões ao vivo: “(...)O espectador de uma transmissão ao vivo pode, na realidade, em alguns aspectos, ver melhor do que os que estão presentes na cena. As câmeras múltiplas facilitam uma gratificante multiplicidade de perspectivas, e o vídeo-teipe e o switcher oferecem o privilégio do replay instantâneo, tanto de jogadas de futebol como de assassinatos políticos. O aparelho de base televisual, em suma, estende proteticamente a percepção, proporcionando uma sensação embriagante de poder visual ao seu espectador, virtualmente ‘todo perceptor’, dilatado até o limite no puro ato de olhar(...)” (STAM, 1985:75). Tilburg (1994) tece argumentação semelhante em *Televisão e Audiência*, citado.

⁷⁰ . Para a verificação da construção do estilo narrativo dos locutores consultar Rocha Filho, Zaldo Antonio Barbosa, nos textos *Som e ação na narração de futebol no Brasil* e *A narração de futebol no Brasil*, bem como Soares, Edileuza, *A bola no ar – o rádio esportivo em São Paulo*, citados.

comentaristas não estão nos locais das partidas, acarretam em prejuízos na qualidade das coberturas esportivas, raciocínio compartilhado por muitos *especialistas*, tais como Carlos Lima, da rádio Globo, que criticou o uso generalizado das transmissões *in tube* entre as rádios.

Para ele a presença física nas partidas é fundamental para que a transmissão ganhe vida e emoção. Só o rádio realiza de maneira ampla esta cobertura antes e após às partidas⁷¹, o que torna imprescindível a presença de parte das equipes esportivas nos estádios, *in loco*, observando a movimentação dos torcedores, a chegada ou saída dos times, os problemas fatos variados que acontecem no entorno da partida, que igualmente fazem parte do espetáculo. Teme que o rádio não consiga mais fazer este tipo de cobertura, o que sentenciaria uma espécie de morte social do meio⁷².

Este processo parece indicar para uma espécie de atomização ou desmembramento do espaço físico ritual, acarretando o aparecimento de novas modalidades de usufruir e sentir a emoção pelo futebol, já consolidadas na figura dos torcedores de poltrona, na performance dos locutores e repórteres de gabinete, condicionados às televisões e à virtualidade das imagens.

Tais mudanças, na concepção das “transmissões ao vivo”, parecem acompanhar e estão em consonância com o distanciamento físico e espacial impostos também nas rotinas de alguns centros de treinamentos (CTs), que apartam cada vez mais os jogadores dos torcedores, confinando também os próprios membros da imprensa em lugares determinados, como foi visto no tópico anterior.

Comparando, fato semelhante vem ocorrendo com as corridas de Fórmula 1, onde os boxes cada vez mais são refratários ao trabalho da imprensa, que somente recebe informações por intermédio dos *releases* distribuídos pelas assessorias de imprensa, comenta e critica Denise Mirás, editora do caderno esportivo do *Jornal da Tarde*. Dedê Gomes, ex-piloto e atual comentarista de competições automobilísticas, corrobora as colocações de Denise ao afirmar que a Fórmula 1 vem perdendo audiência para a americana Fórmula Indy, entre outros fatores, justamente por afastar o público e a

⁷¹ . O canal a cabo *Sportv* começou a realizar trabalhos semelhantes no ano de 1999, cobrindo o “antes” e o “depois” das partidas, num formato parecido ao consagrado pelo rádio esportivo, ou seja, coberturas nos vestiários, entrevistas, trazendo as polêmicas ao vivo etc.

⁷² . Para uma análise interessante, do ponto de vista estilístico, sobre a relação entre a narração esportiva no rádio e as imagens das partidas na televisão consultar os trabalhos de Rocha Filho, citados. Relata o autor que nos anos 30, momento de ascensão do rádio como principal divulgador do futebol muitos dirigentes dos clubes resistiam às narrações dos jogos acreditando que inibiriam a presença dos torcedores nos estádios. No entanto, como se sabe, à emoção intrínseca das partidas as narrações contribuíram para elevar os níveis de tensão e entusiasmo.

imprensa de seus bastidores. Na Indy o conceito de box americano é outro, explica. As pessoas podem livremente trafegar entre pilotos, equipes e carros sem maiores constrangimentos. “*É uma festa*”, avalia⁷³.

Ao narrar, o locutor disciplina o olhar e o ouvir dos torcedores no acompanhamento das trajetórias das jogadas, de modo que estes não se dispersem na profusão dos acontecimentos paralelos que ocorrem numa partida. No caso da TV, são as imagens que se prestam a seguir o percurso da bola, cabendo ao narrador acrescentar emoção àquilo que se está assistindo⁷⁴.

Leão Serva, num interessante texto intitulado *O Caos e os Jornais* (SERVA, 1996/7), chama a atenção para os procedimentos jornalísticos que procuram organizar o aparente *caos* que preside o universo e a profusão dos fatos noticiados. Ao pautar, editar e noticiar determinados fatos a intenção da imprensa e dos meios em geral seria, segundo o autor, *harmonizar* o caos da vida diária, *civilizar* os fatos.

Poderíamos estender estas observações às narrações esportivas e à própria cobertura dos treinos, pois nelas os *especialistas* igualmente procuram ordenar o *caos* e a multiplicidade de ocorrências, ou numa narrativa mais encantada, que são as histórias dos treinos e de jogos ocorridos ou o transcorrer de uma partida ao “vivo”.

Para além das críticas mais evidentes que permeiam o discurso da mídia em relação ao comportamento geral dos torcedores em campo, ainda mais enfáticas quando o assunto é o comportamento das facções organizadas de torcedores, nota-se que, não raro, nas “transmissões ao vivo” censura-se esta disposição à dispersão da parte dos torcedores em relação às partidas: brigando ou mexendo uns com os outros, andando pelas dependências do estádio, provocando policiais, vendedores, enfim, dezenas de pequenas situações engendradas pelas circunstâncias da partida, ou não, que transcendem as situações ocorridas dentro do perímetro do campo.

O narrador está ali para manter, disciplinar e, se possível, ampliar os níveis de tensão e emoção da partida em si, como se conclamasse a cada instante os torcedores para observarem a sucessão de jogadas.

Do ponto de vista fonolingüístico é a fala dos comentaristas, se comparada a dos locutores e repórteres de campo, que mais se aproxima do discurso cotidiano devido as

⁷³ . Dedê Gomes e Denise Mirás estiveram presentes ao curso de extensão no dia 03/05/1999.

⁷⁴ . Rocha Filho, em tese de doutorado, analisa que “*se o primeiro contato do torcedor de futebol com a narração esportiva foi através do rádio, então o seu referencial foi a voz do narrador e não a própria imagem do jogo. Essa ‘franqueza íntima’ e particular de pessoa a pessoa, esse ‘manto de invisibilidade’*”

estrutura prosódicas (variações de altura, andamento e inteligibilidade) estarem em consonância com um discurso que não demarca deliberadamente um padrão prefigurado de narração, tal qual aparece sobretudo nos narradores:

“(...)dos três narradores, ele [o comentarista] é aquele que mais instiga a opinião pública na medida em que comenta e analisa as jogadas, suscita a tão discutida ‘opinião pessoal’. Com isso, firma um posicionamento tático e estético do jogo de forma particularizada, de acordo com o seu ponto de vista, entrando muitas vezes em conflito com a opinião dos torcedores. Seu discurso não se assemelha ao do repórter de campo nem ao do locutor. É mais livre, menos padronizado, é pessoal e não coletivo, utilizando-se dos recursos estilísticos disponíveis na fala cotidiana”(ROCHA FILHO, 1989:31).

Mas o comentarista eleva para o plano mais abstrato do universo das regras os acontecimentos e os instantâneos das situações de jogo. Se o torcedor pragueja uma tomada de decisão do árbitro o comentarista está ali para traduzir e explicar o porquê desta ou daquela medida, bem como desconstruir a “natureza” dos fundamentos postos em prática através do discurso dos técnicos e dos desempenhos dos atletas. Tentam desvendar, por fim, os “segredos”, muitas vezes ocultados nos treinos, para a demanda mais geral de torcedores.

Ocasão em que a fala especialista se recrudescer num discurso mais cifrado e distanciado, no plano simbólico, dos torcedores e por isso mesmo mais universalizado e abstrato, tentativa de aproximá-lo, inclusive, à dimensão das regras, instância que imprime um nexos totalizador às partidas, e que fundamenta e confere ao jogo a dimensão de esporte.

Cabe ao repórter, por fim, “sentir o espetáculo”, intervir no nível mais imediato dos acontecimentos, com pequenas aparições e rápidas perguntas, buscando sempre o inusitado, o “outro lado do jogo”, conduta semelhante àquela realizada nos treinos. A percepção das modalidades de emoção fora dos perímetros do campo, suscitadas pelos torcedores que se manifestam, muitas vezes, nos lugares menos evidentes do estádio, fica por conta dos repórteres que cobrem o “antes” e o “depois” das partidas.

É o repórter que deve “sentir” o momento que deve entrar no decorrer de uma transmissão, tendo uma certa liberdade naquilo que vai noticiar. Porém, como advertiu Elias Awad nos cursos, ao comentar sobre o papel dos repórteres nas “transmissões ao

a que se refere Macluhan (1964:34) fez do rádio o primeiro mensageiro da contenda esportiva” (ROCHA FILHO, 1997:115).

vivo”, ao contrário do que ocorre nas coberturas dos treinos, “*somos somente um detalhe, não podemos roubar a cena do narrador, que interrompe-nos na hora que julgar adequado*”.

Nota-se que esta função do repórter nas “transmissões ao vivo” consiste numa característica peculiar à imprensa esportiva brasileira. Na Europa, e mesmo nos países da América Latina, estes não ficam ao redor do campo de jogo, mas sim confinados às cabinas juntamente com os narradores e comentaristas. O que esvazia, em muito, segundo alguns repórteres brasileiros, o papel das reportagens, comprometendo inclusive as transmissões, enriquecidas em informações pela presença ostensiva do repórter *in loco*.

Além do que há a tendência, na Europa, em generalizar as entrevistas coletivas após as partidas com a presença do técnico e mais alguns poucos jogadores, somente. O que direciona e uniformiza incrivelmente as coberturas. No Brasil os repórteres “*pegam todo mundo*”, no gramado e, acima de tudo, nos vestiários, o que possibilita elaborar uma “história do jogo” mais criativa, preservando o estilo da cobertura e a variabilidade no noticiar a partida. Tem-se pensado em generalizar e normatizar as entrevistas coletivas nesses moldes após os jogos no Brasil, o que mudaria toda a dinâmica das “transmissões ao vivo” e o papel atribuído aos repórteres⁷⁵.

A disposição dos repórteres em campo obedece a uma divisão espacial que se expressa no prestígio social e econômico desigual verificado entre os meios de comunicação. Assim, os repórteres de rádio ficam atrás das traves, ao passo que os de TV situam-se no meio do campo, numa posição visivelmente privilegiada em relação aos primeiros. Além do que em muitas transmissões, motivadas pelo enxugamento das equipes esportivas, as rádios contam apenas com um repórter, o que acarreta em prejuízo no relato do andamento da partida, sobretudo se os acontecimentos ocorreram do lado oposta à sua posição.

A dinâmica estabelecida entre os narradores e comentaristas da cabina de transmissão com os repórteres em campo se estabelece a partir dos *links*. “Links” são as participações rápidas, *flashes*, dos repórteres dentro das “transmissões ao vivo”, antes, durante ou depois das partidas. Em meio à partida o repórter entra com informações adicionais, ou sobre o que está acontecendo em campo e no seu entorno ou que ele traz

⁷⁵ . Para o Campeonato Brasileiro de 1996, a CBF ameaçara deixar a imprensa de fora do campo, inclusive por razões mercadológicas, preservando as empresas economicamente mais poderosas: “A CBF decidiu que, se um clube permitir a entrada em campo de qualquer pessoa que não jogadores e árbitros, perderá o mando [de jogar “em casa”]. Repórteres, inclusive de rádio, estão proibidos. Além disso, só

consigo previamente, esquematizadas num caderno, que serve para anotar particularidades dos jogadores e da comissão técnica, estatísticas e históricos, pequenos recortes de jornal, enfim, informações que podem ser encaixadas e utilizadas nas transmissões.

Se uma partida estiver enfadonha o repórter entra com estas informações. Muitas vezes não as utilizam, mas se precisar, improvisam-nas. Da mesma forma que lhe pedem rapidez e precisão na informação não é raro o narrador pedir o contrário, ou seja, para que “estique” sua participação, daí a necessidade do improviso e de ter sempre à mão alguns assuntos subsidiários do evento.

Esta importância da presença do repórter pode ser medida num exemplo ocorrido em 1999. Na transmissão de uma partida amistosa entre a seleção brasileira com o time catalão do Barcelona, em comemoração aos cem anos do clube, relatou o repórter Carlos Lima que houve um problema sério na cobertura da rádio Bandeirantes, que culminou inclusive na suspensão do trio de *especialistas* que trabalhavam na partida. Como o repórter da referida rádio também se encontrava na cabina e todos estavam sem o retorno dos estúdios em São Paulo ninguém se apercebeu da anulação do terceiro gol do time do Barcelona, passando a divulgar o placar do jogo como se estivesse três a dois para o time “espanhol”. As condições de visibilidade a partir da cabina não permitiram que o repórter checasse a informação, fato que acarretou na punição de toda a equipe pela direção da rádio.

Cabem aos repórteres colherem as informações mais imponderáveis, aquelas que não são captadas na dinâmica da narração ou até mesmo no “olhar” das câmeras, muito condicionadas aos movimentos da bola. O técnico Wanderley Luxemburgo, por exemplo, muitas vezes irrita-se com o assédio dos repórteres que colocam seus microfones muito próximos ao banco de reservas, captando todos os palavrões disparados durante uma partida. Imagem que não coaduna com a postura profissional que anseia passar para o público.

Espécie de terceira visão da partida, complementando a dos locutores e comentaristas, os repórteres adicionam às transmissões informações ocorridas no seu nível mais imediato: uma recomendação do técnico, um palavrão ou atitude intempestiva, uma infração que passou despercebida pelo árbitro e, até mesmo, aquelas atitudes e comportamentos inesperados entre torcedores: “*O único país que cultiva o*

emissoras que compraram os direitos de exibição (Globo, Bandeirantes, TVA e Globosat) terão acesso aos estádios” (Folha de S. Paulo, 02/07/1996).

repórter do campo com este grau de liberdade é o Brasil”, testemunhou novamente Carlos Lima, da rádio Globo.

A obsessão na busca dos detalhes por parte dos repórteres em campo por vezes animam e estimulam os torcedores até mais do que a apresentação dos números e estatísticas sobre o jogo, o que parece estar em consonância ao futebol mais afeito às idiossincrasias jogado dentro do campo.

Uma característica diferenciadora do trabalho dos repórteres no Brasil, e que contrasta com as transmissões esportivas de outros países, é a intensa cobertura dada à performance torcedora, constatada nos “links” realizados antes, durante e depois das partidas.

Elias Awad, mostrando uma seqüência desses procedimentos em duas sessões no curso, deixou evidente a quantidade de exemplos em que os repórteres entravam nas transmissões esportivas cobrindo a movimentação e opiniões dos torcedores, antes, durante ou depois das partidas.

Este é um dos artifícios fundamentais para captar o clima do jogo, muito valorizado nas transmissões sobretudo na imprensa brasileira, do rádio ou televisão, e que ocorrem com menor freqüência nas transmissões estrangeiras, situação em que os repórteres aparecem quase sempre solitários nos “links”.

Awad mostrou vários “links” de repórteres franceses cobrindo a festa popular de comemoração do campeonato mundial conquistado. Ali, as tomadas das câmeras enquadravam a torcida ao longe, como pano de fundo, distanciada dos repórteres. Já a cobertura sobre a mesma festa feita pelo próprio repórter à época na Bandeirantes mostrava a festa de seu interior.

O cuidado dispensado pelos repórteres à performance e estética torcedora indica e revela um acentuado grau de entrelaçamento ainda existente entre os vários domínios do futebol no Brasil. Mais do que meros coadjuvantes das matérias jornalísticas, estes anônimos personagens que fazem suas aparições na tela consistem num nexos simbólico importante que articula e retotaliza as dimensões do esporte com a brincadeira do jogo, transformando o futebol de espetáculo ou “fato jornalístico” em “fato da sociedade”, o que, em contrapartida, confere consistência e credibilidade à prática da imprensa esportiva.

O que pode ser expresso nas palavras do repórter da Bandeirantes, Osvaldo Pascoal: “(...)Quando terminávamos as transmissões e deixávamos o estádio, os torcedores vinham conversar conosco fazendo comentários lúcidos e apontando detalhes que às vezes

tinham fugido à nossa observação. Assim, o Luciano [locutor Luciano do Valle] sugeriu que eu começasse a ouvir os torcedores, junto ao alambrado, durante os jogos. Essa inovação tem sido excelente porque o torcedor que vai ao estádio não é só paixão, mas na sua maioria entende de futebol” (A Gazeta Esportiva, 03/05/1997).

Este reconhecimento, muitas vezes não explicitado, sinaliza para as peculiaridades da prática sobretudo dos repórteres de campo, mais sensíveis às mudanças dentro de seu próprio *métier*, cada vez mais virtualizado e restrito aos estúdios⁷⁶. Reportagens, comentários ou locuções estão assentadas em estilos e performances, tal como a prática dos *profissionais* dentro do gramado ou dos torcedores nas arquibancadas. Os sentidos desse entrelaçamento nem sempre traduzem um consenso ou convergem para uma mesma significação, embora estejam necessariamente imbricados.

3.2 o ponto de vista dos especialistas

Vimos que a contraposição treino e partida ajuda a mostrar, portanto, a relação dinâmica estabelecida entre duas dimensões estruturantes, uma cotidiana e outra ritual, que estão na base do alcance popular adquirido pelo futebol em todo o mundo e suas aclimações locais. Se o ritual é vivenciado intensamente em várias partes do mundo, porém o nível de entrelaçamento entre os seus diferentes domínios, dado na construção de um cotidiano singular, baliza certas diferenças na percepção do futebol.

Tomando os *especialistas* como referência e intermediários dentro do modelo teríamos, então, duas situações ideais que poderiam ser conceituadas como relações de aproximação e afastamento entre os atores. Na esfera dos treinos, na busca dos fatos no intuito de transformá-los em matérias, os *especialistas*, no caso os repórteres, afastar-se-iam dos torcedores que transitam pelos treinos para se aproximarem dos *profissionais*.

Ou seja, é no cotidiano e conforme as regras que presidem o meio jornalístico que os *especialistas* mais se aproximam dos *profissionais* na busca das notícias posteriormente veiculadas para a audiência genérica.

⁷⁶ . Nem todas as TVs possuem repórteres de campo, exclusividade entre aquelas que realizam as transmissões ao vivo. A *TV Gazeta*, por exemplo, não possui repórteres de campo pois só realiza a cobertura diarista. Uma transmissão ao vivo chega a mobilizar, entre repórteres, cinegrafistas, auxiliares, comentaristas e locutores perto de 35 indivíduos (*A imprensa*, publicação interna da Fundação Cásper Líbero, julho de 1999, no 504).

No momento da partida, em pleno andamento ritual, os *especialistas* tendem a se afastar dos *profissionais*, sobressaindo nas falas dos locutores e comentaristas, aproximando-se dos torcedores pelas transmissões. É aí que dão vazão às críticas e aos comentários “neutros”, muitas vezes contrariando técnicos, jogadores, juízes ou dirigentes, subsidiando o conjunto de torcedores que assistem ou ouvem as performances dos *profissionais*⁷⁷.

É claro que tais aproximações e afastamentos tratam-se de situações ideais, mas podem ser verificadas, inclusive, em jogos da seleção, situação que notadamente muitos *especialistas* assumem uma postura francamente emotiva e torcedora, quer no acompanhamento cotidiano ou ritual durante o período de vigência de uma Copa do Mundo.

São nos períodos de Copa do Mundo, em contraposição aos períodos de campeonatos, que a temporalidade e espacialidade rituais mais se sobrepõem à cotidianidade, ou melhor, momento em que uma vivência mais ritualizada tende a se perpetuar no próprio cotidiano.

O Brasil é um fenômeno singular se observado comparativamente a outros países em que o futebol também possui uma projeção nacional. É no Brasil que estes períodos, que se repetem de quatro em quatro anos, mais “desorganizam” a esfera cotidiana. Tomando como referência aquilo que aqui é designado por “ponto facultativo” observa-se que é somente no Brasil, comparativamente à Inglaterra, Itália, Espanha, França e Argentina, que os bancos, o comércio, as escolas, as indústrias e os serviços públicos alteram seus horários e suas rotinas de funcionamento e prestação de serviços. Todos estes serviços praticamente não são alterados em períodos de Copa nesses países citados, até mesmo quando estão sediando o megaevento (*Brasil lidera ranking do ponto facultativo. Folha de S. Paulo, 09/06/1998*).

Tem-se, nesses períodos de Copa, uma certa “desorganização” mais explícita dos papéis, pois jogadores ainda exercendo a profissão são contratados para comentarem os jogos, locutores assumidamente investem num estilo mais torcedor e ufanista e imprimem às narrações maior emoção e milhares de torcedores passam, de maneira mais intensa, a comentar os jogos e as possíveis “soluções” para melhorar a performance da seleção. Momento em que o “jogar à brasileira” tende a encompessar as

⁷⁷ . Devo agradecer ao antropólogo Piero de Camargo Leirner pela “visualização” na leitura de uma das versões do texto deste dispositivo de aproximação/distanciamento que está na base da dinâmica do modelo entre os três atores, se observado do ponto de vista dos *especialistas*.

outras *formas-representações* mais visíveis disputadas nos campeonatos caseiros e regionais.

Vimos também que, da parte dos torcedores, existe uma certa “incompreensão” no que concerne aos “verdadeiros” objetivos de um treino pois neles investem, à revelia dos técnicos, dirigentes e crônica especializada, um acentuado grau de emoção a essas rotinas.

Tais dimensões estruturantes igualmente orientam as estratégias discursivas e as representações engendradas pelos *especialistas*, que realizam as coberturas jornalísticas esportivas, sejam aquelas que cobrem as partidas nas “transmissões ao vivo”, sejam aquelas que atuam no jornalismo esportivo diarista.

No processo de recriação dos eventos esportivos, os resultados e desempenhos engendrados pelos *profissionais* em campo, a cada partida, ganham uma dimensão cotidiana que merece ser observada e analisada nos seus pormenores.

Esta recriação não diz respeito somente ao desenvolvimento de técnicas, tecnologias ou estratégias específicas do domínio dos meios de comunicação e seus ocultos interesses mercadológicos ou políticos, que consagram um *modus operandi* de um determinado jornalismo, a crônica esportiva diarista. A compreensão desse processo parece não se esgotar somente nas análises que evidenciam as disputas por audiências no campo do mercado midiático, como enfatizam algumas perspectivas.

É Pierre Bourdieu que reafirmará seu viés teórico sobre a questão da determinação dos “campos”. Aí, o “campo do jornalismo” aparece como que determinado pela dimensão econômica, de onde advém a busca desenfreada pela audiência, denunciada no tratamento sensacionalista (a busca dos “furos”) dado aos fatos (BOURDIEU, 1997). Para o “campo esportivo”, como já foi mencionado na Introdução, o autor elabora tese semelhante, observando a busca pelos resultados financeiros como um aspecto de perversão das atividades lúdicas desinteressadas.

O que o autor parece não atentar é que talvez haja um amálgama dessas esferas, mais do que uma sobreposição topológica dos campos, o que pode ser constatada na prática do jornalismo esportivo. Muito embora a dimensão da “seriedade” na busca pelos resultados nos esportes, de um lado, e dos interesses econômicos envolvidos na consolidação da audiência no jornalismo por outro estejam presentes, mais do que campos estanques sobredeterminados, observamos um contato, uma “mistura”, espécie de embricamento que, por sua vez, produz, para além de epifenômenos, um fenômeno

novo, marcado pelo processo de interpenetração de duas ordens de acontecimentos, o esportivo e o jornalístico.

Assim, se o jornalismo esportivo parece imbricar às suas atividades aspectos que dizem respeito às condições consideradas mais estruturais, econômicas como quer o autor, porém é “determinado” também por outros elementos, “pedaços” de estruturas simbólicas mais permanentes e, de certo modo, refratárias às determinações exclusivamente instrumentais e pragmáticas, tais como aquelas que dizem respeito a esfera lúdica. Sem as quais a eficácia do jornalismo esportivo estaria comprometida ante os *profissionais* e, sobretudo, os *torcedores*.

Torcedores não raro discernem, observando os parâmetros do bom senso, os aspectos “sensacionalistas” no jornalismo esportivo⁷⁸, bem como tomam conhecimento dos interesses econômicos evidenciados ou ocultos no arranjo institucional do futebol profissional. Porém, outras determinações estão “em jogo”, que extravasam as especulações ou constatações a respeito de tais interesses, se o time vendeu-se ou se uma determinada matéria jornalística faltou com a verdade ou foi fantásticamente concebida. Engendrando outros significados à revelia da realidade sociológica dos fatos, constroem para si próprios outros *modelos para* ordenar as ações no plano da sociabilidade cotidiana.

Sem deixar de levar em consideração tais dimensões aludidas pelo referido autor, parece que todos estes aspectos da produção da notícia esportiva permitem que se compreendam certos mecanismos sociais e simbólicos de perpetuação do futebol como um fenômeno multiplicador de sociabilidades que, por sua vez, transcendem as exigências de uma atividade meramente econômica e mercadológica.

Agregadas à crença num profissionalismo competitivo ascético, consubstanciada aos esportes de alto rendimento e aos processos de mudança na maneira de se fazer coberturas esportivas no Brasil estão as estruturas simbólicas que perpetuam as dimensões mais lúdicas do jogo, que sustentam, numa cobertura esportiva peculiar, a sua popularidade.

⁷⁸ . Não creio que Chico Lang, comentarista esportivo da *TV Gazeta*, esteja faltando ou ocultando a verdade quando, no programa *Mesa Redonda Futebol e Debate*, dispara que o “seu” Corinthians ganhará do Palmeiras por oito a zero. Não se trata de ofender o equilíbrio, aliás estatístico, do confronto entre os times em questão, sequer o bom senso do torcedor, mas confirmar um estilo de comentarista que intenta se aproximar dos torcedores e de sua sociabilidade jocosa e contadora.

Mas é na esfera cotidiana que o futebol assume todo o seu “potencial heurístico”⁷⁹, na medida em que constitui numa dimensão referencial do discurso de senso comum. Concebendo o senso comum como mais um “*gênero de expressão cultural*” (GEERTZ, 1998), tal como a sociologia, a religião, a arte, só que distinto desses domínios, uma vez que não se expressa unicamente por intermédio de *corpus* conceituais consolidados que demandam pela existência de especialistas, pois todos aí compreendem seu campo semântico, insere-se a fala comum sobre o futebol como uma das expressões singulares deste “gênero” observado no Brasil.

Não obstante o campo esportivo estar crivado de *especialistas e profissionais*, que, obviamente, conferem contornos mais herméticos à prática, o hibridismo e a contigüidade entre as transformações institucionais, técnicas e tecnológicas absorvidas pela modalidade e as práticas e representações engendradas por toda um *socius*, encarnadas nas *formas-representações* do jogar, inibem uma maior autonomia de determinados domínios, do ponto de vista simbólico, dentro do campo esportivo em relação ao universo mais popular que circunscreve o domínio de senso comum em torno do futebol.

Este maior hibridismo ou contigüidade podem ser constatados observando-se ainda um outro *locus* de produção dos significados entre os *especialistas*, as denominadas *mesas redondas*.

3.3 futebol falado

O gosto pelo futebol falado, situação em que os temas vão sendo abordados numa ordem ditada ao sabor das sucessões das lembranças, tão ao gosto dos torcedores, como será visto no Capítulo 3, possui uma contrapartida mais formalizada no domínio da imprensa esportiva, popularizando as contendas verbais e maximizando o jogo para fora da sua expressividade ritual, veiculado nas “transmissões ao vivo” e alimentado nas coberturas esportivas das programações diárias dos rádios, TVs e jornais, como foi salientado mais acima.

⁷⁹ . Estabeleço um diálogo com duas autoras (AMARAL, 1997 e MONTES, 1996; 1998) que, analisando o fenômeno das festas na sociedade brasileira, demonstram, como afirma a própria Maria Lúcia Montes(1996), todo o potencial heurístico da dimensão lúdica expressa nas festas como manifestação de uma identidade social construída historicamente, porém assentada numa permanência de longa duração. Creio que o futebol consiste numa modalidade de “festa” que, para além de seu ciclo ritual esportivo, permanece na sociedade brasileira sensibilizando um cotidiano.

As coberturas esportivas, guardadas as especificidades de cada meio, podem ser caracterizadas, de modo geral, entre aquelas que cobrem o “antes”, “durante” e o “depois” das partidas.

Sem dúvida que são as emissoras de rádio que despendem mais tempo nessas coberturas anteriores e posteriores, tal como exemplificado pelo programa *Terceiro Tempo* da rádio *Jovem Pan*, pois as TVs, sobretudo os canais abertos, nos dias de jogos, procuram ocupar os horários esportivos com as transmissões propriamente ditas, o “durante”, negociadas previamente dentro da própria programação das emissoras com os patrocinadores, clubes, federações e confederação. O “antes” e o “depois” ficam confinados às coberturas diaristas, como vimos.

Mas as polêmicas esportivas, que poderiam se aproximar às mesas redondas promovidas pelas TVs, podem ser observadas em vários programas veiculados nas emissoras de rádios. Para uma consulta sobre estes programas, tais como *Disparada no Esporte*, que até meados da década de 90 era o mais antigo programa esportivo em atividade na cidade paulistana, criado pelo locutor Pedro Luis em 1968, consultar o trabalho de Soares (1994).

As chamadas *mesas redondas* diferem dos programas veiculados no cotidiano, geralmente apresentadas aos domingos à noite após as rodadas dos jogos dos campeonatos estaduais ou brasileiro. De tempos em tempos, sobretudo em épocas de Copa do Mundo, tais programas proliferam nas emissoras de TV⁸⁰.

São nas mesas redondas após as partidas que se observam as ocasiões onde se lêem⁸¹ os jogos à distância, longe das torcidas, a princípio de maneira técnica e fria, distante do ritual e do fluxo emocional proporcionado pela disputa.

Ali, reorganiza-se um outro *locus simbólico* importante, de especulações e reflexões entre os *profissionais* (preparadores físicos, jogadores, técnicos, dirigentes), mas sobretudo de domínio dos *especialistas*. Momentos em que são discutidos os posicionamentos, concepções e os paradigmas de como se joga ou se deve jogar futebol

⁸⁰ . Por exemplo, na Copa do Mundo de 1998 podiam ser assistidas as mesas redondas *3º Tempo*, no SBT; *Com a bola toda*, na Record; *Apito Final*, na Bandeirantes; *Copa na Mesa*, na MTV; *Papo de Copa*, no canal Sportv; *Prorrogação*, na TVA/ESPN Brasil, além das tradicionais citadas aqui.

⁸¹ . É muito interessante observar que alguns repórteres, inspirados no técnico Telê Santana, treinador prestigiado que ocupou por duas vezes o comando da seleção brasileira, concebem uma partida como se fosse um texto, no sentido de que ela possa ser *lida*, portanto interpretada. Num jogo entre São Paulo Futebol Clube 2 vs 1 Santos Futebol Clube, pelo campeonato paulista de 1998, o repórter da rádio *Jovem Pan*, Renato Quartarollo, afirmou que o jogador são-paulino França, do banco de reservas, estava lendo a partida e que, ao entrar, conseguiu desempatar a favor do tricolor (Programa *Terceiro Tempo* da Rádio Jovem Pan, 28/03/98).

no Brasil; discussão que remete às *formas-representações* do futebol nos seus vários níveis, dos clubes à seleção.

Mais ainda, poderia conceber as *mesas redondas* como treinos dos *especialistas*, pois são nelas que se acirram os ânimos entre concepções diferenciadas, que se arriscam palpites e são travadas as polêmicas mais acaloradas dentro do domínio público da crônica especializada.

Mesa redonda é uma expressão popularizada e emprestada a um programa esportivo veiculado há aproximadamente uma década e meia na TV Gazeta de São Paulo. Tido por muitos como o gênero mais popularesco entre os programas esportivos (*Folha de S. Paulo*, 31/03/1998). A própria TV Gazeta apresentava, no início da década e 70, um programa que inspirou as mesas redondas posteriores, tal como relata o jornalista esportivo José Silveira a respeito do programa “Futebol é com 11”:

“ *Fiz esse programa de 1972 a 74/75 e voltei em 78. Era na segunda-feira, das 21h às 24h, dirigido pelo Milton Peruzzi, depois pelo Roberto Petri. Cada um vestia a camisa de um clube, tinha muito debate, muita paixão e parcialidade. Mas aquilo divertia o público. Era como se fosse realizado num botequim, mas com grandes conhecedores de futebol. Ele marcou a vida da cidade. Eu debatia muito com o [locutor] José Italiano. Uma vez, tocou o telefone na minha casa às 2h da manhã. Era a mulher dele: ‘Pelo amor de Deus, assim você mata o Zé Italiano’. Pena que não temos mais um programa naquele estilo, com debates acirrados e nervosos. Hoje, são mais técnicos”* (*A Imprensa* – publicação interna da Fundação Cásper Líbero, agosto de 1999).

As mesas redondas são caracterizadas por alguns elementos singulares que as diferem de outras transmissões esportivas, sobretudo se comparadas às coberturas diaristas, que investem no acompanhamento cotidiano dos treinos uma produção que mobiliza, como vimos, variados recursos técnicos, estilísticos e performáticos.

Esta diferenciação começa pela acentuada entonação numa fala e discursividade próximas àquela que dinamiza a sociabilidade expressa no encontro de torcedores nos bares e locais onde se propagam o futebol como assunto, como veremos mais adiante. A dinâmica desses debates nas *mesas redondas* minimiza, muitas vezes, até mesmo o uso das imagens, recursos fundamentais em qualquer cobertura televisiva esportiva.

A intensificação do uso da tecnologia como instrumento persuasivo de maior mobilização de espectadores e captação de patrocinadores, observada cada vez mais na

disputa pela audiência entre as TVs⁸², parece mais refratária no domínio específico desses programas. Fator que os aproximam ainda mais, para além da fala torcedora, de uma estética radiofônica, pautada geralmente por uma oralidade que se utiliza do recurso do improviso, ainda que muitas vezes premeditado, como instrumento retórico para se alcançar o público.

Se nas transmissões dos jogos, balizadas pelos atos contínuos e acontecimentos *in loco*, os usos das estatísticas são cada vez mais determinantes para balizarem as considerações dos comentaristas e locutores, nas *mesas redondas*, ao contrário, primam-se pela memória e por uma certa visão muitas vezes impressionista das partidas, geralmente misturadas aos fatos e acontecimentos passados, fragmentos do jogos retomados ao longo das discussões.

O que aumenta as dúvidas, especulações, contendas e as emoções fixadas numa falta de consenso previamente desejada em torno de qualquer assunto e que, desse ponto de vista, assemelha-se ao que ocorre nos debates verbais nas mesas de bares.

Dada esta estrutura narrativa considerada por muitos como tradicional, há pouca publicidade sustentando estes programas, daí o caráter esporádico e episódico com que figuram nas programações esportivas, com algumas exceções. Como observa Rui Dantas, numa matéria intitulada, não por acaso, *Futebol Falado*:

*“o mercado publicitário desconsidera esses programas. Segundo uma publicitária ouvida pela **Folha**, que pediu para não ser identificada, o interesse dos anunciantes está no momento da transmissão dos jogos” (Folha de S. Paulo, 31/04/1998).*

É o jornalista Matinas Suzuki que opinava, em 1995, sobre uma dada concepção, que julgava “atrasada”, dos programas televisivos, certamente também os radiofônicos, em relação às transmissões de futebol no Brasil, particularmente as *mesas redondas* que, à revelia dos imperativos tecnológicos e racionalização do tempo das TVs “*incluem a falação, a discussão, o debate(...)*” (Folha de S. Paulo, 14/12/1995).

Ainda nesta matéria, comparava as *mesas redondas* a um programa denominado “Só Gols”, da TVE espanhola. À tradição dos “*jogo(s) de palavras noturno(s)*” contrapunha este que veiculava, ao seu juízo, “*competência técnica e credibilidade*” pela exposição abundante de gols ou situações de jogo.

Ao contrário das intervenções predominantemente tecnológicas como via de acesso privilegiado aos sentidos do jogo, associadas na opinião acima como elementos

⁸² . Tais como números de câmeras nas transmissões, intervenções tecnológicas subsidiando os comentários (tira-teimas, slow motions etc), algumas já mencionadas neste trabalho.

de credibilidade, invoca-se nas *mesas redondas* um determinado saber cumulativo investido nos atores que as promovem, uma vez que são de domínio preponderante dos *especialistas*. Jogadores, técnicos e, eventualmente “torcedores ilustres”, são freqüentemente convidados a delas participarem, mas a condução dos debates sempre fica a cargo dos jornalistas integrantes da crônica especializada.

Portanto, comparadas às outras modalidades de transmissão teríamos a seguinte disposição simbólica ideal entre os *especialistas* nas coberturas esportivas televisivas: nas coberturas diaristas prepondera uma narrativa dos fatos cotidianos ou “histórias de jogo” a partir do ponto de vista da performance de cinegrafistas e repórteres, que emprestam a este tipo de cobertura uma sensibilidade específica, estilos e performances que extravasam o domínio dos fatos propriamente ditos. Já nas “transmissões ao vivo”, mais colados ao andamento e à natureza da competição, sobressaem os narradores que, em média detém 80% a 85% do tempo de cobertura esportiva⁸³, pontuados pelas intervenções de repórteres e comentaristas. São nas transmissões que os estilos de narração procuram imprimir emoção às partidas. Nas *mesas redondas* é uma determinada postura de crítica que se impõem, mais afinada à performance dos comentaristas e aos seus estilos muitas vezes pautados pelo domínio da contenda verbal e da interpretação.

Mas, diverso do livre curso casual dos embates observados entre torcedores, observam-se certos procedimentos condicionados pelo meio ao qual estas contendas foram originalmente concebidas e, por sua vez, veiculadas. Geralmente são conduzidas por um corpo permanente de apresentadores, em horários fixados nas programações, com um respaldo de patrocinadores, o que as distanciam formalmente das contendas verbais cotidianas.

Porém, para além desse encontro semanal que se deseja, por um lado, mimético ao discurso torcedor no que concerne ao estímulo e à propensão ao debate mas, por outro lado, distanciado no que se refere ao conteúdo mais codificado de um saber especialista em jogo, todo o *modus operandi* consiste numa técnica discursiva previsível, cujo intento é suscitar o debate e o confronto entre *especialistas* e *profissionais*, sob os auspícios dos *torcedores*.

Num plano, as mesas redondas podem ser vistas como fóruns legitimados no domínio do campo jornalístico esportivo, onde se estimula o confronto de perspectivas diversas, mas controversas no âmbito do jornalismo como um todo. Podem ser

⁸³ . Dados mencionados pelo jornalista Elias Awad numa aula prática de transmissão *in tube*, realizada no dia 08/11/1999.

consideradas também como laboratórios dos *especialistas*, cujas especulações e teorizações em torno das *formas-representações* do jogar alcançam de maneira mais ampliada o domínio público.

Num outro plano, diferem também dos treinos, laboratórios mais circunscritos e reservados às experimentações dos *profissionais*, de técnicos, preparadores, jogadores e, em menor intensidade, à participação de grupos de torcedores que os frequentam. Se nos treinos prepondera a manutenção do saber profissional, externado na técnica, no estilo, disciplina e exercício das *formas* do jogar, nas mesas redondas investem-se num saber dos *especialistas* que adensam às *formas* muitas das *representações* em jogo.

Embora estimuladas pela polêmica, não é conveniente que se discuta somente do ponto de vista da paixão ou interesses clubísticos, como muitas vezes acontece, mas buscar as explicações *lógicas* dos resultados e das performances, sabatar técnicos, jogadores, discutir a política administrativa esportiva etc.

Mas a proximidade da dinâmica desses programas à lógica torcedora faz com que frequentemente muitos coloquem em dúvida estes propósitos que aludem à isenção e a equidistância jornalística desejadas, o que resvala na credibilidade de tais programas.

É na própria imprensa que se pode encontrar um rol de críticas mais recorrentes às mesas redondas. Embora não dê para avaliar a representatividade de algumas dessas críticas aqui explicitadas, dada a falta de uma análise quantitativa a respeito, do ponto de vista de uma perspectiva qualitativa elas são significativas pois recuperam o argumento à respeito da falta de consenso que preside na comunidade de interesses em torno do futebol.

O que problematiza, por um lado, o debate acerca do futebol como auto-representação consensual de identidade nacional e, por outro lado, reforça o argumento explicitado nesse trabalho de que tais representações são construídas a partir da contiguidade entre as várias “naturezas” da competição, desde aquelas que dizem respeito aos fundamentos até os significados simbólicos atribuídos ao jogo.

Sob este aspecto, as *mesas redondas*, como em outros domínios simbólicos de perpetuação do futebol, também potencializam as discussões sobre as *formas-representações* do jogar, mesmo quando vistas de maneira contrastiva pelos olhos de seus desafetos, críticos e espectadores.

Num artigo intitulado *mesa quadrada dos palpites* o empresário Rogério Fasano assim manifestava o seu desdém em relação a estas contendas noturnas:

“No futebol-debate, fica-se com a impressão de que o Brasil nunca perde, e jamais perderá, para a superioridade do adversário. Perde sempre para ele mesmo. Perde só por causa dos seus péssimos dirigentes. Perde só para o azar, para o além (...) jogamos um futebol de altíssimo nível, mas não somos o dream team. É bom encarar a realidade mais óbvia: voltaremos a perder, simplesmente porque o adversário poderá jogar melhor” (Revista Veja, 09/07/1997).

Embora a audiência das *mesas redondas*, sobretudo se comparadas a outros programas não esportivos ou a jogos importantes, seja, à primeira vista, pouco relevante do ponto de vista das empresas de comunicação, há que se considerar que possuem um público fiel considerável. Jogos da seleção brasileira chegam a alcançar incríveis marcas de 60% a 70% dos televisores ligados na grande São Paulo, o que confirma ao futebol, em termos estatísticos, o título de *esporte nacional*.

Na transmissão ao vivo da semifinal da última Copa conquistada pelo Brasil, a partida contra a Suécia, realizada em 13/07/1994, a audiência girava em torno de 77% (*Folha de S. Paulo*, 18/07/1994). No que concerne a esta outra modalidade de cobertura esportiva, as *mesas redondas*, se comparadas aos demais programas esportivos, sobretudo às transmissões ao vivo, sua audiência pode ser considerada irrisória do ponto de vista mercadológico.

Mas, comparadas com os programas no mesmo horário em que são comumente veiculadas, o fato é que se pode observar, por exemplo, que programas do gênero, como o da TV Gazeta/GNT, conseguem atingir aos domingos, por volta das 23:00hs, picos entre seis a oito pontos, o que corresponderia em termos absolutos a meio milhão de telespectadores, na grande São Paulo.

A mesa redonda da TV Gazeta/GNT geralmente fica em terceiro lugar neste horário entre os demais programas veiculados nos canais abertos de televisão (*A Imprensa*, órgão interno da Fundação Cásper Líbero, maio de 1999).

Muitos, entretanto, como o empresário citado acima, vêm nesses debates um exercício retórico de um palavrório inútel em torno de um tema igualmente irrelevante. Num artigo intitulado *A inutilidade dos debates que discutem futebol*, que lhe rendeu alguma polêmica, é a articulista Marilene Felinto que expõe, entre outras questões, suas críticas em relação as *mesas redondas*:

“São horas inteiras de concessão pública em canais de TV – de privilégio que o governo concede a uma empresa para que explore um serviço de utilidade pública – para homens discutirem futebol. São os ‘Grandes momentos do esporte’, os ‘Show do esporte’, os

'Carião Verde', um blabláblá sem fim em programas de televisão cujo debate é sobre se o time X ou Y teve vitória merecida (...) Um tempo desperdiçado, que serviria a transmissões que preenchessem lacunas educacionais, a defasagem cultural generalizada – ainda querendo crer que a televisão e os meios de comunicação de massa se prestem a isso" (Folha de S. Paulo, 2/12/1997)⁸⁴.

Naquilo que concerne tratar nesse momento, ou seja, o impacto simbólico dentro do campo jornalístico desses programas e o significado cultural que envolve tais debates por elas suscitadas, pois a discussão se o futebol é ou não ópio do povo parece estar suficientemente problematizada por uma bibliografia específica⁸⁵, seria interessante apontar, ainda que brevemente, para uma perspectiva mais comparativa sobre a emergência tanto do gosto popular pelo fenômeno futebol quanto o fato jornalístico futebol nas suas dimensões "de massa", referidas pela provocadora do debate⁸⁶.

Em meio ao processo de popularização do futebol profissional, gestado desde as primeiras décadas do século XX, os meios de comunicação de massa apareciam ainda bastante incipientes do ponto de vista de uma formatação de um público consumidor assíduo, como já aludimos.

O futebol, como fenômeno de massa, passou por um processo mais gradual e mesmo negociado de adaptação em relação aos meios eletrônicos, o que influiu, sem dúvida, numa postura até mais crítica, com implicações ideológicas distintas, dos usos desses meios por parte daqueles envolvidos com o futebol, jogadores, dirigentes e torcedores, no que diz respeito à relação transmissão-recepção.

Os níveis de sensibilidade alcançados pelos torcedores na compreensão dos sentidos do jogo no que se refere às regras e às configurações e *formas* dos jogadores em campo, dado inclusive pela prática disseminada nas várzeas e no futebol amador,

⁸⁴. Durante as semanas que sucederam a publicação deste artigo várias cartas de leitores do referido jornal foram publicadas, pró e contras a articulista, acalorando o debate. Entre as críticas podia se ler: "Apoio a jornalista Marilene Felinto (...) para muitos espectadores, futebol é nada mais do que um entorpecente que compensa um vazio intelectual, social e emocional" (Hanns John Maier, 13/12/1997). Ou ainda "gostaria de acrescentar ao artigo o meu testemunho de que todo o vazio que hoje se diz e se escreve sobre futebol é exatamente igual ao que se dizia e se escrevia há 30 ou 40 anos. Que desperdício!" (Roberto S. Caiuby Novaes, 5/12/1998). Outros discordavam: "tratou o esporte como se fosse algo indesejável pelos brasileiros" (Luís Roberto De Márcio, 08/12/1998).

⁸⁵. Sugiro ao leitor voltar às considerações do primeiro capítulo, onde indico uma bibliografia que trata especificamente deste tipo de abordagem reducionista.

⁸⁶. Sem problematizar os programas esportivos e, especificamente as mesas redondas, outro articulista do mesmo jornal, José Geraldo Couto, escreveu três artigos interessantes que rebatem a perspectiva do futebol como ópio e provedor de uma violência generalizada, outro tema contido no artigo de Marilene Felinto. Intitulados *Futebol não acavala ninguém*, publicados respectivamente nos dias 22/29/01 e 05/02/1997, compõem um pequeno ensaio onde indica várias questões em consonância a bibliografia já aludida em nota anterior.

aguçaram uma percepção e um saber mais apurados ante as possíveis determinações de gosto e consumo deste futebol via determinações tecnológicas dos meios.

A tensão existente entre a constituição de um discurso mais normativo “de massa” sobre o futebol veiculado nos meios e aqueles estabelecidos pelos variados segmentos da sociedade configurou-se numa relação mais negociada que propriamente imposta por uma única via, as mídias. O que aproxima, no que concerne ao campo semântico, ainda hoje, as falas e especulações dos torcedores às dos *especialistas*. Ao que tudo indica, as *mesas redondas* constituem uma pequena amostra de tal processo simbiótico.

É desta confluência negociada numa mais longa duração, indicada acima, que podem ser analisadas as polêmicas sobre a existência desses programas que, às vezes, mobilizam *torcedores*, *profissionais*, *especialistas* em torno de significados variados. Para uns, consistem em fontes inesgotáveis de informações, mas para outros estimulam tão somente um palavrório inútil.

Naquilo que diz respeito ao plano simbólico, estas *mesas redondas* não deixam de encenar todo o *socius* esportivo e buscar uma dada totalidade imaginada. É fácil verificar que entre os membros que compõem o corpo de *especialistas* fixos e os convidados que se sucedem a cada domingo nesses programas contemplem-se estilos diversos que dinamizam o tom contendor que se quer dar a estes programas.

Assim, existem aqueles que primam por um discurso mais apaziguador, outros que são mais incisivos na retórica ante os convidados. Há os que tratam o futebol numa perspectiva mais tecnicista, voltada para os fundamentos, outros que discutem problemas mais concernentes à perspectiva institucional e política do enquadramento esportivo.

Alguns ainda, deliberadamente, aproximam suas intervenções ao domínio da paixão, sempre associada de modo genérico à conduta torcedora, ao louvada, ora criticada e, não raramente, lançando mão dos expedientes que aludem ao bairrismo ou ao clubismo. Outros, condenando estes procedimentos, primam pela estabilidade institucional, pelas regras do jogo e os princípios universais que norteiam o caráter da competição.

Em São Paulo, duas mesas redondas disputam atualmente (1999) a preferência dos torcedores. Uma é a *Mesa Redonda Futebol e Debate*, da CNT/Gazeta, a outra é o *Cartão Verde*, da TV Cultura. Em ambas podem ser observadas esta miríade de estilos que, no plano simbólico, alcançam o conjunto de atores que vivenciam o futebol.

Nestes programas aparecem *especialistas* identificados à performance torcedora, notadamente em Chico Lang no da Gazeta/GNT e, em menor proporção, José Trajano, do *Cartão Verde*, aqueles que priorizam os discursos mais tecnicistas, próximos dos *profissionais*, tais como Alberto Helena Jr na *Mesa Redonda Futebol e Debate* ou Flávio Prado, no da TV Cultura, que discutem as fundamentações do jogo. Ou ainda aqueles que primam por uma discussão mais institucional, e que, preponderantemente, dialogam num nível mais político, tais como Juca Kfourri, ex-apresentador de *Cartão Verde* e atualmente (2000) à frente de outro programa, *Bola na Rede*, na Rede TV ou Fernando Solera, na *Mesa Redonda Futebol e Debate*.

No intento de minimizar estas diferenças, mas na verdade trazendo ainda uma outra clivagem às *mesas redondas*, o ex-jogadores Roberto Rivelino, comentarista da TV Bandeirantes desde 1984, afirma que os melhores debatedores nesses programas são os próprios jogadores, “pois vivenciaram de perto uma competição”.

E acrescenta, a estes programas, uma continuidade expressiva, do ponto de vista aqui analisado, ao aproximar a dinâmica das mesas às atividades dos treinos, de modo particular às concentrações: “participar desses programas me faz lembrar do clima de concentração antes dos jogos” (*Folha de S. Paulo*, 31/05/1998).

Na fragmentação desses estilos de comentaristas, que de maneira homóloga aproximam-se às disputas pelas melhores *formas-representações* do jogar, tal como acontece nos treinos dos *profissionais* ou nas reivindicações entre *torcedores*, retotaliza-se o futebol brasileiro, nas suas várias perspectivas e significados, ainda que os *especialistas* reivindiquem a primazia de um discurso equidistante de jogadores, técnicos, dirigentes e, sobretudo, dos torcedores comuns.

São nas mesas redondas que o “jogar à Felipão”, “jogar à Luxemburgo”, “escola paulista”, “escola carioca”, “jogar à Corinthians” ou “à Grêmio”, “à Pelé”, “à Garrincha” ou “à Romário” e tantas outras, enfim, versões de uma mesma mitologia primordial da *forma-representação* denominada “jogar à brasileira”, aparecem mais amplificadas no domínio da mídia enquanto auto-representações de um mesmo futebol.

Daí o fundamento desta falta de consenso e o deflagrar constante dos debates, tais como ocorrem, aparentemente de modo desprezioso, nas mesas de um bar ou até mesmo entre muitos daqueles que investem nos significados que apontam para um maior seriedade competitiva no esporte, no que se refere aos seus aspectos materiais e simbólicos.

Esta fórmula de programa esportivo dominical, que são as *mesas redondas*, observadas por todo o país, reproduzem uma dinâmica que, de modo geral, apreendem os significados em torno do repertório de *formas-representações* desejáveis, reagrupando e mesclando estes atores, a princípio divididos em *torcedores*, *especialistas* e *profissionais*, em configurações identitárias a procura das melhores *formas* deste jogar.

Formas que mobilizam e comprometem a todos dentro de uma sociabilidade complexa, jogando no plano virtual, nestes debates televisivos, aquilo que se joga dentro de campo ou mesmo no torvelinho da vida comum pelos torcedores.

Em suma, os significados engendrados a partir da experiência cultural do futebol se consubstanciam a partir de feixes de modelos nativos em relação. Enquanto fenômeno esportivo, estudado pelas ciências do esporte e praticado cientificamente pelos *profissionais* (médicos esportivos, fisiologistas, preparadores físicos), reivindicado ainda num discurso da crônica especializada, enfim, o futebol aparece ainda muito imbricado aos modelos de ação, a lógica sensível portanto, que orientam a conduta comum torcedora. E as mesas redondas, concebidas como estão⁸⁷, parecem melhor atestar, no domínio dos *especialistas*, estes níveis de entrelaçamento entre estes atores.

⁸⁷ . A *TV Bandeirantes* veicula um outro programa que, de certo modo, contrapõem-se à dinâmica tradicional das mesas. Trata-se do programa *Super Técnico*, apresentado pelo radialista Milton Neves, também aos domingos. Nele, existe somente este apresentador que faz a mediação entre os convidados, técnicos exclusivamente, que debatem os assuntos do dia e outros temas que julgam relevantes. Nota-se que não consiste, portanto, em um programa onde exista o predomínio dos cronistas especializados, mas até o momento este programa é uma exceção.



Ilustração 14

Formação típica de uma mesa redonda com *especialistas* e *profissionais* convidados. Na ilustração, nas extremidades da mesa, esquerda, Rogério Senis, goleiro do São Paulo Futebol Clube, direita, o ex-goleiro e atual técnico Leão. Mais ao centro, da esquerda para a direita, os *especialistas* Márcio Bernardes, Chico Lang, Roberto Avallone e Fernando Solera. Fonte: *A Imprensa*, publicação interna da Fundação Cásper Líbero.

CAPÍTULO 3 – Futebol não tem lógica?

Neste último capítulo reconstituo parte do universo das práticas torcedoras, nas variadas formas de sua expressão.

No primeiro tópico sistematizo alguns modelos ou *formas* do torcer, utilizando e repensando etnografias já realizadas alhures (TOLEDO,1996;1997;1997b). Obedecendo a uma seqüência mais cronológica, explico alguns desses modelos mais expressivos que se sucederam com a popularização e as transformações que incidiram sobre o futebol profissional.

Tratam-se, muitas vezes, de disputas simbólicas pelos significados do torcer, revelando transformações que respondem na escala torcedora às configurações específicas, modos de organização e representações em diálogo com as mudanças observadas nos outros domínios do *socius* esportivo, dos fundamentos técnicos às mudanças mais institucionais.

No segundo tópico prossigo com a análise de uma perspectiva mais sincrônica e etnográfica, observando a dinâmica de algumas das práticas em torno da mobilização pelo futebol no domínio do cotidiano, pautadas por uma linguagem e um instrumental conceitual que constituem sociabilidades variadíssimas em suas manifestações, reconstituídas aqui a partir de alguns exemplos. Privilegio alguns *locus* dessas manifestações, assentadas numa lógica de senso comum, tais como os bares, contrapartida popular das mesas redondas dos *especialistas*, analisadas no capítulo anterior.

Por fim, no terceiro tópico, retorno às *formas-representações*, mostrando que uma lógica simbólica e não propriamente a sua falta, tal como sugerida na máxima popular que empresta nome ao capítulo, preside a emoção em torno do futebol a partir das modalidades diferenciais com que se operam o *enxergar um jogo* da perspectiva torcedora.

A análise retoma alguns aspectos que já foram tratados nos capítulos anteriores, apontando que estas *formas* de jogo só podem ser consolidadas como *formas-representações*, ou seja, como índices de um processo sempre inacabado de

identificações de grupos, eventualmente de toda uma coletividade, base da relação entre sociedade e futebol, se perpetuadas e multiplicadas também no universo torcedor, instância que suporta toda a experiência do futebol.

1. significados do torcer

1.1 sócios versus assistências

O processo de incorporação do papel do torcedor no alargamento simbólico dos sentidos do jogo está condicionado às várias maneiras de se conceber a participação mais ampliada das camadas populares no *enquadramento moral* desse esporte.

Toda uma discussão importante sobre a popularização do futebol mostra que tal processo confrontou-se às tentativas e estratégias de distinção social implementadas pelas elites esportistas do início do século XX, que obstaculizaram como puderam a participação mais universalizada das camadas populares no campo de jogo¹.

Tais tentativas e pressões vindas “de dentro” de campo, e o exemplo dado neste trabalho foi a questão da esquivia corporal, transfigurada em esquivia social e simbólica, incidiram, muitas vezes, sobre a participação daqueles que sempre estiveram “de fora” do campo. E que dizem respeito às vivências dos outros sentidos do jogar, às *formas* do torcer e às modalidades de sociabilidade que sustentam e que culminaram, posteriormente, na manutenção do futebol como um dos índices expressivos de auto-representação nacional.

O futebol, até o seu primeiro impulso no sentido da especialização e profissionalização, cujo marco histórico consensual no Brasil é 1933, estimulou uma disputa entre o profissionalismo e o amadorismo que, no plano da sociabilidade esportiva, traduziu-se nos usos distintos deste esporte como elemento de diferenciação de modos de vida, sobretudo em metrópoles emergentes tais como a capital paulista. Mas não somente nela, uma vez que a reivindicação do futebol como atividade distintiva voltada para o adestramento físico e moral das elites foi observado em outras cidades brasileiras, notadamente no Rio de Janeiro, então capital federal.

Analisando os aspectos que estão vinculados ao surgimento do profissionalismo em alguns esportes, notadamente o rúgbi e o futebol em Grã-

¹ . As camadas populares, sobretudo os indivíduos oriundos das populações negras, tiveram imensas dificuldades de serem reconhecidos no campo esportivo como jogadores. Para a verificação da

Bretanha, na passagem do século XIX para o XX, Eric Dunning demonstrará, inspirado no conceito de *cadeias de interdependência* proposto por Elias, a fragilidade das concepções que dicotomizaram divertimento e seriedade como correlatos simétricos de amadorismo e profissionalismo.

Na verdade, os sentidos imbricados às práticas esportivas exercitadas amadoristicamente, que numa visão mais “tradicional” corresponderiam a essência de uma ética *lúdica* do esporte, tomado como *jogo e brincadeira*, indicam, todavia, um alto grau de seriedade e competitividade, sobretudo entre os estratos sociais que, sistematicamente, tentaram frear o profissionalismo, impondo à prática uma suposta postura amadora².

Em outras palavras, a seriedade e o alto grau de disputa entre contendores pôde ser constatada, primeiramente, entre os próprios círculos amadores, notadamente entre os filhos da elite das escolas públicas inglesas, como atesta Dunning.

Com referência à orientação para a *seriedade* verificada entre os praticantes dos jogos amadores, este autor cita cinco aspectos que denunciam tal ocorrência nas escolas públicas das elites britânicas, berço do futebol tal qual o concebemos hoje:

“(…)1) a tendência para nomear e promover pessoal de acordo com um critério desportivo mais do que segundo um critério acadêmico; 2) a seleção de professores, isto é, dos rapazes que assumiam os comandos nas escolas, com base, em especial, na capacidade demonstrada no desporto; 3) a elevação do desporto a uma posição dominante e, em certos casos, proeminente, no currículo; 4) a racionalização educativa do desporto, em particular das equipas, como um instrumento de treino do carácter; e 5), a participação de membros do pessoal docente na organização e nos jogos dos seus alunos(…)”(DUNNING [1992] in ELIAS & DUNNING, 1995:314)³.

bibliografia que aponta para esta discussão retornar a nota 18 do tópico *rotinas e rituais*, do Capítulo 2.
². Para uma definição mais precisa do que seria esta postura amadora, no âmbito do futebol no Brasil, transcrevo o capítulo XI, *Dos Amadores*, contido nos Estatutos da Confederação Brasileira de Desportos, de 1929: “É amador todo aquele que, por prazer ou com fim higiênico, se entregar à prática do desporto, não tendo jamais, por esse fato, recebido prêmios ou recompensas em espécie, qualquer que seja a sua origem [grifo meu], nem concorrido com profissionais, e que em circunstância alguma tenha sido professor ou auxiliar remunerado de exercícios físicos”. Ainda que a origem formalmente não consista num mecanismo de exclusão, ela se reveste de mecanismos mais sutis logo a seguir, quando o artigo 35 salienta os impedimentos daqueles que não podem compartilhar do direito de ser amador nas ligas esportivas: “Não gozarão dos direitos de amadores os que não souberem ler, nem escrever; os que tiverem sido pronunciados, enquanto durarem os efeitos da pronúncia, ou condenados por crimes que revelem carácter corrompido ou perverso; os que forem comprovadamente culpados de atos desonestos”. Em contrapartida, são considerados profissionais aqueles que: “a troca de dinheiro tiverem tomado parte em provas ou exibições desportivas de qualquer natureza, dentro ou fora do país”.

³. Para mais detalhes deste processo consultar o texto *A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto* (DUNNING in ELIAS & DUNNING,

Este quinto aspecto, em particular, aponta para a necessidade crescente de uma participação e o engajamento efetivos de outros atores que não os próprios jogadores, comprometendo desde aqueles responsáveis pela infra-estrutura na viabilidade das partidas, posição que mais tarde ficaria circunscrita aos dirigentes e administradores esportivos, até mesmo aqueles que se prestavam ao incentivo e elevação da tensão e da incerteza extra campo como elementos cruciais na fruição e ampliação da emoção por este esporte, os torcedores.

Ali, o futebol ou o rúgbi já estavam gestados como possibilidades de ganho social e visibilidade evidentes antes do movimento de profissionalização. Esta prática amadora se transformaria e se cristalizaria numa ideologia contrária aos perigos do profissionalismo somente em contraste com o espraiamento dos esportes entre as camadas populares, que vislumbravam as possibilidades de recompensa e ganho, materiais e simbólicos, com os esportes.

Portanto, esta ética amadora configurou-se mais como uma autodefesa de classe e de distinção social perante a possibilidade de ascensão social dos segmentos populares que, efetivamente, um esforço contrário ao processo de desencantamento do esporte praticado apenas por divertimento.

Estas argumentações ganham seus contornos históricos mais locais observando-se o início do processo de popularização do futebol no Brasil. Alguns testemunhos pessoais revelam este processo mais geral.

Por exemplo, o jornalista Antonio Figueiredo, bacharel formado em 1916 e repórter de *OESP* nos anos 10, ao publicar suas memórias em 1933, dedica muitas páginas de sua biografia à mania do futebol no início do século XX nos colégios das elites em São Paulo.

Seu relato, tal como sistematizara as análises de Eric Dunning para o contexto inglês, comprova a importância simbólica que as instituições de ensino frequentadas pelas elites locais e filhos de imigrantes mais abastados atribuíam aos esportes, e ao futebol em específico, dentro de seus currículos acadêmicos. O que vem corroborar os dois primeiros critérios enunciados por Dunning, citados no fragmento acima.

A argumentação do jornalista, com efeito, já criticava àquela época os supostos propósitos lúdicos, com conotações educacionais e de “civildade”, da

propalada ética amadora desportiva, que se acreditava contribuir para a formação do carácter social dos alunos e, por extensão, das camadas mais favorecidas:

“As vitórias das turmas serviam de ótimo reclame [propaganda] para o colégio. E todos os anos as famílias tratavam de arranjar um ‘lugarzinho’ para os seus filhos, a que reservavam missões elevadas: eles serviam os futuros capatazes e dirigentes desta vasta colônia (...) Enraizava-se em São Paulo esta opinião: a superioridade dos colégios ingleses e norte-americanos sobre os demais, visto como cuidavam mais da cultura física do que do intelecto. Pois essa opinião não passava de uma fantasia. Nunca tivemos um professor de ginástica, e desconhecemos sempre os mais elementares preceitos da higiene (...) Só me resta afirmar em resumo que as escolas dos bairros, com as suas deficiências, formavam homens robustos, preparando-os para todas as vicissitudes; os colégios, com seus luxos e suas inovações cabotinas, apenas disciplinavam a boa fé e a ingenuidade” (FIGUEIREDO, Memórias de um jornalista, 1933:60).

De modo análogo, Pereira demonstra que a luta pela preservação do *ethos* amador nas décadas de 10 e 20 entre os clubes cariocas e, como aludimos, com nítido empenho da parte de muitos jornalistas que militavam como cronistas na época, esteve imbricado às tentativas e ao processo de distinção social atribuído ao esporte pelos estratos da elite:

“(...)construindo uma série de obstáculos para o reconhecimento dos clubes menores [populares], incapazes de satisfazer as condições exigidas, a Liga [que congregava os times socialmente prestigiados pelas elites] servia como um meio de definição mais clara do carácter que os sportmen dos clubes mais ricos da cidade tentavam dar ao jogo, prevenindo-se contra o movimento de difusão do futebol(...)”(PEREIRA, 1997:61).

No que se refere à crescente participação extra campo das camadas populares, precocemente responsabilizadas pelo aumento das transgressões e violências como indícios de uma autonomia e mudanças nos significados mais “nobres”, socialmente restritivos, que se queriam atribuir ao futebol, Pereira (1997) aponta que muitos cronistas no regime amador freqüentemente denunciavam a falta de educação esportiva desses torcedores oriundos dos estratos mais populares, passando a não noticiar, deliberadamente, a violência que reinava entre os próprios sócios assistentes e *sportsmen*, os jogadores, entre os clubes da elite, afetos do futebol amador, mas que igualmente buscavam resultados e ganhos de toda ordem.

Assistência foi um termo muito comum utilizado pela imprensa esportiva até os anos 30, como pode ser constatado no diário *A Gazeta Esportiva*. Situação que definia o *status* dos torcedores mais populares, que se contrapunham aos sócios,

indivíduos notabilizados por laços mais estreitos, inclusive de parentesco, com os integrantes dos clubes que se projetavam através dos campeonatos patrocinados pelos clubes mais elitizados⁴.

Mesmo da perspectiva daqueles que se manifestavam contrários a quaisquer manifestações esportivas, pregando abertamente contra o que se definia por modismos estrangeiros, notadamente o futebol, observavam-se desaprovações contundentes no que referia aos usos menos comprometidos com as benesses advindas das atividades esportivas que as camadas mais populares faziam deste futebol.

Como testemunha o médico Carlos Sussenkind de Mendonça, ante a avassaladora moda que estabelecia o evento esportivo como uma poderosa expressão de sociabilidade extra campo, disseminada em muitas das cidades brasileiras nos anos vinte:

“(...)E é justamente aqui que o caso brasileiro imprime, a esse problema dos ‘sports’, o seu feitiço característico (...) dos vinte e seis milhões que somos, tirando o número talvez otimista de um milhão que não goste ou não cuide de ‘sports’, e de três a quatro mil rapazes que o pratiquem, vinte e quatro milhões novecentos e noventa e seis mil outros constituem, apenas, uma assistência estúpida, que se entretém inutilmente com o exercício útil dos outros, e que se crê forte só porque vê os outros se fortalecerem, e se acredita sã, robusta, resistente, bem nascida e bem formada, disposta e predisposta a qualquer contratempo, só porque, acordada ou dormindo, na casa, na escola, na rua, discute acaloradamente a exclusão de um jogador ou a ilegitimidade de um match” (MENDONÇA, 1921:74).

Segue o autor nomeando seus interlocutores anônimos “fora de campo”, certamente as camadas mais populares que, àquela altura, no que diz respeito a participação de seus membros dentro de campo como jogadores, ainda era diminuta no interior do seletivo circuito daqueles que detinham a legitimidade social para jogarem nos clubes elitistas da moda:

“(...) Porque esse ‘sport’, em nossa terra, não é o grupo pequenino dos que nele se empenham, servindo-o de seu esforço, mal ou bem orientado, mas servindo-o, para dele auferir prejuízos ou vantagens. É a grande multidão dos que lhe assistem as pelepas, dos que

⁴ . O suplemento *A Gazeta Esportiva* freqüentemente trazia os incidentes ocorridos no interior das assistências, que, segundo o jornal, pareciam não compreender o sentido “elevado” dos esportes: *“eivado de jogadas bruscas e incidentes feios, muito feios, o embate de ontem sustentado, na Floresta [campo do São Paulo da Floresta, um dos times que deram origem ao São Paulo Futebol Clube], entre o São Paulo e Corinthians teve um epílogo de quase todos os jogos nestes últimos tempos: a assistência exaltadíssima à espera da saída do juiz para a ‘indispensável’ agressão (...) o juiz deixou o campo debaixo de uma chuva de pedras e pau(...)” (A Gazeta Esportiva, 29/06/1931).*

só se incomodam do problema para a ociosidade de uma crítica rasteira, pessoal e concreta; é a leva inutilíssima dos ‘torcedores’(...)” (MENDONÇA, 1921:74).

A incompreensão ante as atitudes daqueles que vivenciavam o futebol do ponto de vista da assistência, afastando-se até mesmo dos princípios mais imediatos que norteavam os supostos desígnios saudáveis das práticas e exercícios físicos, aparece em outros libelos até por volta do final dos anos 30, como parece ser notório em Orlando Ferreira, no seu tardio *Forja de anões*, de 1940.

Além de apontar, como era comum nestes volumes de caráter ensaísticos que discorriam sobre temas urbanos, todos os males que supostamente a prática do futebol instilava⁵ na formação do caráter coletivo do país, era para o comportamento manifesto na forma das assistências torcedoras que também se voltavam suas maiores críticas:

“(...) Não há nada que mais apaixone os espíritos que o futebol; é pior que política de aldeia. Por muito bem educada que seja a pessoa, de cativante afabilidade de trato, no campo de futebol torna-se incivil, estúpida, grosseira. Cada torcedor é uma espécie de rolo de arame farpado, fere por todos os lados. Não se limita a aclamar os jogadores de sua predileção; insulta os adversários”(FERREIRA, 1940:143).

A crescente normatização da presença torcedora e os sentidos atribuídos a este papel enquanto suporte moral, de elevação da emoção e esteio financeiro de clubes e federações estiveram em consonância a maior internalização e difusão das regras do jogo e de seus fundamentos técnicos coletivos que, de modo explícito, promoviam a universalização tanto da prática dentro de campo quanto fora dele.

Vimos no Capítulo 1 que os manuais técnicos e, logo em seguida, os próprios jornais, formalizaram as primeiras iniciativas que se prestaram a orientar a participação torcedora na conduta de um público esportivo. O que, de certo modo, foi frustrado pela própria linguagem tecnicista que se queria impingir ao conjunto amplo de torcedores, que atribuíram significados próprios à fruição do jogo.

⁵ . Carlos Sussenkind ficou notabilizado como interlocutor e entusiasta do escritor Lima Barreto no que se refere às investidas contra os esportes e o futebol no começo do século XX. Para a verificação das críticas de Lima Barreto sobre os esportes consultar, por exemplo, os textos *Lima Barreto: jogando contra o futebol* (RODRIGUES FILHO) e *Contribuições ao estudo da crônica esportiva: a “contracrônica” esportiva de Lima Barreto* (TOLEDO, 1996). Neste último texto enumero algumas das obras de Lima Barreto que contém suas crônicas mais contundentes e interessantes sobre a moda esportiva do início do século XX.

Até o final dos anos 30 ainda podia-se observar a permanência de um *ethos* que vivenciava o jogo como exercício, adestramento e manutenção individual do corpo ante solicitações de uma vida moderna que despontava⁶.

Enfim, o futebol menos coletivizado dentro de campo, conseqüência de uma performance mais individualizada que se emprestava ao jogo da parte de muitos que o praticavam, tantas vezes censurado na imprensa, sobretudo pelos arautos do profissionalismo, ainda não comportava, no que diz respeito ao jogo “fora de campo”, a presença mais ostensiva de outras *formas* e mobilizações mais coletivizadas do torcer.

Seria necessário o disseminar das técnicas de jogo mais coletivizadas, sobretudo a partir de 1938, consoantes a sensibilidade política e social que se avizinhava mundialmente, para que as coletividades de torcedores tornassem mais visíveis determinadas *formas* de torcer mais performáticas dentro do cenário do futebol.

1.2 as primeiras formas coletivizadas do torcer

Os anos 40 e 50 demarcam no plano da sociabilidade esportiva uma maior aceitação dos torcedores, sobretudo no que diz respeito às formas coletivizadas de torcer, táticas performáticas que os elevaram a condição de protagonistas de um futebol mais organizado pela difusão das *formas* de jogo e *esquemas táticos*, em torno dos campos.

Relembrar que o ano de 1941 inaugura a trajetória da técnica coletiva de jogo no Brasil com a introdução da diagonal, derivação do WM, por Flávio Costa, primeiro esquema tático valorizado e elevado a condição de uma *forma* de jogo, que fixaria, ao menos até 1950, um estilo coletivo próprio e autônomo ao futebol local.

Movimento favorecido pela segunda profissionalização⁷ e o incremento dos meios de comunicação que aceleraram o processo de simbiose e expansão da

⁶ . Conforme Sevcenko (1994).

⁷ . A segunda profissionalização é marcada pelo processo de centralização e corporativização administrativa no esporte brasileiro com a advento do CND em 1941, conforme Manhães (1985).

comunidade de interesses constituída pelos *profissionais, especialistas e torcedores*, transformando o futebol em esportes de massa⁸.

Coletividades contrastivas de torcedores de futebol existem no Brasil desde os anos 40, quando foram fundadas, pensando na cidade de São Paulo, algumas das denominadas torcidas uniformizadas dos clubes mais populares (Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube e a então recém nomeada Sociedade Esportiva Palmeiras). Costuma-se identificar a são-paulina torcida uniformizada do São Paulo, fundada em 1942, como a iniciativa pioneira entre estas organizações torcedoras.

Diverso do mosaico de subgrupos que compõem as atuais torcidas organizadas, integravam estes agrupamentos sobretudo jovens de classe média, na sua maioria sócios dos próprios clubes, cujas atividades torcedoras somavam-se aos interesses e aspirações dos diretores das referidas associações esportivas.

É notável observar de que modo estas torcidas estavam alinhadas ao arranjo institucional do futebol da época. Podemos constatar tal fato desde o ano de 1943 quando o jornal *A Gazeta Esportiva* e a *rádio Gazeta* promoveram o primeiro campeonato das torcidas uniformizadas, iniciativa que buscava normatizar a conduta torcedora dentro dos estádios já que, desde então, distúrbios, entreveros e uma variedade de modalidades transgressoras ganhavam uma dimensão significativa enquanto um problema sério no futebol. Como em outros setores da própria sociedade, o futebol se consolidava definitivamente como um evento de massa.

Num manual já citado, editado por intermédio do concurso “Getúlio Vargas Filho” patrocinado pela Federação Paulista de Futebol em 1943, um dos mais atuantes cronista da época, Thomaz Mazzoni, publica três trabalhos, posteriormente reunidos em um só volume, em 1950, intitulado *Regras e Arbitragem*, que incorpora à história e evolução das regras os *X mandamentos do torcedor*, espécie de código disciplinar e de conduta esportiva que investia claramente na direção de uma performance desejável para o comportamento torcedor.

Três itens dessas normas explicitavam aquilo que, do ponto de vista de muitos *especialistas e profissionais*, era esperado da conduta geral torcedora ante alguns outros protagonistas do futebol.

⁸ . Em *A moderna tradição brasileira*, sobretudo no capítulo *O mercado de bens simbólicos*, Renato Ortiz aponta as décadas de 40 e 50 como o início de uma sociedade de massa no Brasil, citado.

O quarto mandamento sentenciava: “(...)procura esquecer que em cada ‘torcedor’ existe um selecionador [um técnico] que dormita: adormece-o por completo e verás que as cousas marcharão para melhor. Durante e depois do jogo evite discutir com os torcedores contrários”; o quinto apontava para que “(...)não perturbes, com os teus conselhos, os dirigentes do clube que escolheste, mas lembra-te que as grandes obras só podem fazer-se com o esforço de todos”; e o sexto determinava: “não procures o contato com os jogadores, pois, podes criar-se um ambiente mais desfavorável que o isolamento”.

Os anos 40 são marcados por um redimensionamento significativo do futebol profissional com a inauguração do estádio do Pacaembu, que passa a congrega milhares de torcedores nas partidas, por volta de 50 a 60 mil torcedores nos jogos que estavam envolvidos os times mais populares. Tal fato alavancou a participação popular nestes eventos esportivos, o que gerou uma maior preocupação da parte das autoridades em conter e regular a conduta torcedora.

É neste período que os jornais esportivos, *A Gazeta Esportiva* é um exemplo, começam a noticiar de modo mais enfático esquemas de segurança e de prevenção de como evitar e apartar as brigas entre os assistentes, como atesta, por exemplo, matérias cujos títulos incorporam paulatinamente estas novas solicitações de adestramento do comportamento torcedor ante as demandas do profissionalismo crescente.

Matérias que, explicitamente, traziam a presença do policiamento como elemento indissociável dos eventos esportivos, o que pode ser observado, por exemplo, em *O policiamento de amanhã no Pacaembu por motivo da partida São Paulo versus Palmeiras* (manchete de artigo da *A Gazeta Esportiva*, sábado, 16 de setembro de 1944), que enumera uma série de precauções ante as possibilidades de distúrbios nas arquibancadas.

Num plano, muitos atribuíam e creditavam às torcidas uniformizadas um papel dirigente, capaz de integrar, regular e até mesmo manter a ordem na assistência nos espetáculos esportivos. Noutro plano, estas torcidas nasceram inspiradas e bastante delineadas pelas fortes motivações ideológicas da época, cuja sensibilidade política estava alicerçada e difundida em torno das idéias de *raça, nação, ordem* e, sobretudo, *juventude*.

Período marcado, no plano internacional, pela segunda grande guerra e o nazi-fascismo e, no âmbito nacional, pelo estado centralizador getulista, aliás, grande

propagador dos esportes como propulsor simbólico de um ideário de nação baseado na saúde social⁹.

De algum modo, como pode ser notado, estas primeiras organizações torcedoras evocam tais aspirações nacionalistas, com grande anuência e chancela dos setores da elite que ocupavam os cargos dirigentes no âmbito dos esportes, os meios de comunicação, e parte dos aparelhos do Estado.

Em 3 de maio de 1943, o jornal *A Gazeta Esportiva* trazia numa matéria intitulada *A Torcida Líder em Ação* duas fotos da facção uniformizada corintiana empunhando faixas de exaltação à pátria e aos jornalistas beneméritos dos esportes, cujas palavras expressavam os apelos sociais e políticos da época: *Para uma Pátria grande e raça forte; Salve! Cronistas e locutores esportivos*. Fatos que atestavam a plena convergência e mesmo uma simbiose de propósitos entre estes torcedores e seus modelos de participação com as elites que comandavam o arranjo institucional do futebol, como acontece ainda com parte dos grupos torcedores.

O papel atribuído a estes conjuntos de torcedores era preponderantemente, e na verdade não era pouco, propagar o futebol oficial dos clubes, dos dirigentes e demais artífices dos espetáculos futebolísticos, bem como dos ainda incipientes meios de comunicação e crônica especializada.

A maximização desses novos atributos do “torcer”, informados pela crença numa conduta esportiva que se queria regular e universalizar, vinha expressa na imprensa, que cobrava a presença continuada desses torcedores nos jogos:

“(...)estranhamos na tarde de ontem a ausência da ‘torcida’ uniformizada do Palmeiras no Parque Antártica. Procuramos averiguar os motivos que deram margem a esse acontecimento (...)soubemos que a diretoria do alvi-verde resolveu suspender temporariamente as atividades da ‘torcida’ uniformizada do campeão de 42 por falta de

⁹. Um interessante trabalho sobre a construção do corpo social baseado nas representações em torno da noção de saúde pode ser consultado em Castro (1997). Neste artigo, analisa o incremento do ensino da educação física no contexto da profissionalização do Exército Nacional, bem como todas as investidas do governo Vargas no sentido de nacionalizar o ensino médio da educação física, que teve seu auge no período aqui aludido. Os fragmentos que seguem dão uma idéia de tais processos: *“(...) Podemos considerar a proposta de se estender a educação física de inspiração militar a todas as escolas civis, presente no anteprojeto de lei de 1929, do ministro da Guerra, como o ponto de partida para o uso da educação física pelos militares como instrumento de intervenção na realidade educacional e social do país. Com a educação física consolidada no interior da própria instituição, o Exército, durante toda a década de 1930, estenderia sua influência sobre todo o ‘corpo da Nação’ através do controle da educação física (...) Em novembro de 1930 o governo provisório de Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública (MES). Em 1931, o ministro Francisco Campos reformou o ensino secundário, tornando obrigatórios os exercícios de educação física em todas as classes (decreto nº 19.890, de 18/4) e pouco depois, ignorando os apelos da Associação Brasileira de Educação, mandou*

garantias. Declaram-nos os nossos informantes que de uns jogos para cá vários indivíduos se colocam em redor da 'torcida', ou então na frente e passam a insultar seus componentes com palavrões(...) não é essa a primeira vez que recebemos queixas de acontecimentos dessa natureza, tendo se dado o mesmo com outras 'torcidas'(...)” que “(...)vieram dar um colorido todo especial a esta fase de ouro que atravessa o nosso futebol(...)”(A Gazeta Esportiva, 12/07/1943).

Este modelo de assistência instituído e incrementado por estas torcidas uniformizadas perdurou de modo preponderante até o final dos anos 60 quando outra modalidade de participação, nitidamente mais popular, contendora e mais autônoma, de uma certa perspectiva, ganhou significativos espaço e apelo entre torcedores, sobretudo oriundos das classes populares.

O futebol brasileiro, nesse momento, consolidava seu prestígio mundialmente com as duas grandes conquistas internacionais, a terceira estava prestes a acontecer (1970), e mostrava aos outros centros de excelência da modalidade uma maturidade técnica e de estilo, perpetuadas em *formas* de jogar originais (o 4-2-4 e o 4-3-3), que estimulariam o aparecimento de *formas* de torcer igualmente singulares e, portanto, diversas daquelas inspiradas na anuência mais imediata e “mecânica” que *profissionais* e *especialistas* impunham aos torcedores uniformizados no modelo anterior.

Autonomia que se expressava no plano da reivindicação e maior compreensão dos fundamentos técnicos, pois formaram comunidades de pressão mais efetivas, passando a reivindicar, de modo mais permanente nos jogos e de modo cotidiano nos treinos, as qualidades técnicas dos *profissionais*, o exercício e o compartilhar constantes das representações em torno das *formas* do jogar.

Este outro modelo ficou conhecido como Torcidas Organizadas, que originalmente surgiram também numa conjuntura de efervescência política, como foi o caso da primeira agremiação torcedora, a Gaviões da Fiel.

Discutia-se, naquela ocasião, por volta de 1969, a legitimidade do então presidente corintiano Wadih Helu, que estava há aproximadamente 15 anos a frente do Sport Club Corinthians Paulista. Os Gaviões são a primeira e atualmente a maior torcida organizada existente no Brasil.

É relevante correlacionar o surgimento dessas instituições torcedoras num contexto mais amplo de valorização das instituições populares num período em que os direitos políticos e a cidadania estavam cerceados pelo então regime militar¹⁰.

Em parte autônomas das atividades institucionais que dizem respeito aos clubes, muitas vezes em confronto explícito com os dirigentes, estas torcidas rapidamente se popularizaram e hoje dominam o cenário das organizações torcedoras, sobretudo na cidade de São Paulo, já que em outros estados o atrelamento aos clubes ainda é verificado como um modelo preponderante deste torcer coletivamente.

Dada a complexidade e variedade de expectativas que animam os subgrupos dentro de uma torcida pode-se constatar projetos diversificados de ação e participação na esfera pública, que extravasam os limites do universo do futebol e colocam sob suspeita as explicações mais simplistas sobre o comportamento monotemático e marginal desses agrupamentos de torcedores.

Inúmeras torcidas, por exemplo, participam efetivamente dos festejos carnavalescos e estão inseridas no ciclo de festas oficiais do carnaval promovido pela prefeitura de São Paulo, nas várias categorias que contemplam tais disputas. A própria Gaviões da Fiel, a maior torcida organizada do Brasil, como se sabe, já ganhou dois campeonatos oficiais do carnaval paulistano, nos anos de 1995 e 1998. A propósito, 1995 é o mesmo ano em que eclodiu uma das maiores contendas entre torcedores, são paulinos e palmeirenses no estádio do Pacaembu¹¹.

De modo genérico, estes torcedores, não mais uniformizados e tutelados por dirigentes e crônica especializada mas organizados, podem ser tipificados como sendo predominantemente do sexo masculino, oriundos das classes populares e possuindo idades variando entre 15 a 18 anos, estudantes que, esporadicamente, exercem alguma atividade remunerada, embora, é preciso salientar, este perfil típico-ideal não seja, de fato, aquele que caracterize e prepondere entre os subgrupos dirigentes destas organizações, à propósito, muito mais complexas do ponto de vista etário, geracional e da segmentação em termos de uma estratificação social do que se pode notar nas representações estereotipadas veiculadas na imprensa (TOLEDO, 1996).

¹⁰ . Para a verificação de alguns depoimentos sobre os contextos político e social que inspiraram o surgimento dessas organizações consultar, por exemplo, Toledo (1996). Sobre a estrutura organizacional dos Gaviões da Fiel de uma perspectiva dos estudos sobre cultura empresarial e organizacional consultar o artigo de Costa (1995).

¹¹ . Menciono, ainda que rapidamente, este fato mais adiante. Para uma verificação mais detalhada sobre este acontecimento e seus desdobramentos consultar Toledo (1997 e 1997b).

Todavia, é inegável a presença ostensiva e marcante destes setores juvenis e populares em torno do futebol, bem como o forte apelo gregário e corporado que estas torcidas suscitam, num plano simbólico, mesmo entre jovens que efetivamente não vivem o cotidiano dessas organizações, e que de modo geral, dão os contornos de uma sociabilidade mais visível, muitas vezes socialmente reprovável, entre estes agrupamentos torcedores no domínio público.

1.3 a violência vista “de dentro” e “de fora” do campo esportivo

Toda esta problemática sobre as representações da violência extra campo, projetadas a partir da diversificação das modalidades de sociabilidade torcedora pode ser observada na perspectiva de dois amplos debates no domínio público sobretudo a partir dos anos noventa.

Um primeiro, interno ao campo esportivo, diz respeito à sensibilidade com que tal tema é tratado e vivenciado pelos próprios atores aí envolvidos, os *torcedores*, de maneira mais sensível, e os *especialistas* e *profissionais*. Um segundo debate vem sendo alimentado por um conjunto de trabalhos de outros “especialistas”, o qual inclui esta própria tese, circunscrito ao campo científico de modo geral.

A vivência e fruição de uma partida de futebol transcendem seus limites convencionais de tempo e espaço para muitos destes aficionados torcedores. A construção da *pessoa*¹² do jovem torcedor organizado, ou de milhares de outros que sancionam esta modalidade de participação coletiva no futebol ou em outras práticas esportivas, requer um investimento simbólico rico e plural em experimentações que, num certo sentido, caracteriza uma demanda predominantemente juvenil.

Como enfatizam alguns estudos sobre a noção de juventude, abordando outros contextos de manifestação dessa experiência geracional, os jovens utilizam-se do tempo e dos elementos de consumo disponíveis, aqui, no caso o futebol como um bem de consumo e entretenimento, “(...) para abrir espaços significativos de vivência e para elaborar e expressar as inquietações relativas à sua condição (...)” (ABRAMO, 1994:79).

Além do mais, como demonstrei alhures, as torcidas cumpriam e, em parte, algumas ainda o fazem, este papel institucional de garantir aos torcedores um certo

¹² . Para maiores detalhes sobre a noção de *pessoa* consultar o clássico *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do “eu”*, de Marcel Mauss (1974).

espaço de exercício e participação coletiva na periferia do futebol organizado profissionalmente, historicamente marcado por um gerenciamento autoritário e elitista desde o seu surgimento enquanto manifestação popular e simbolicamente relevante de nossa identidade.

Não obstante, um ciclo mais ou menos recorrente de acontecimentos fatais, inaugurado por volta do final da década de 80, vêm colocando em cheque, no domínio público, a participação dessas organizações torcedoras como co-autoras do ritual do futebol profissional. Uma maior recorrência da escalada de violência entre grupos torcedores pode ser datada a partir de 1988 com a morte de Cléo, dirigente da torcida organizada Mancha Verde do Palmeiras. De lá para cá, aumentaram as estatísticas sobre delitos torcedores, sobretudo envolvendo os subgrupos e indivíduos juvenis.

Esta radicalização da conduta, que pode, repito, ser tipificada como predominantemente juvenil, acarretando uma sucessão de tragédias em torno do futebol, não consiste num fenômeno circunscrito somente às manifestações esportivas de massa no Brasil, como querem alguns observadores, mas podem e devem ser analisadas em consonância às mudanças na sensibilidade de outras esferas da vida social, que transcendem as imposições marcadamente de classe que se quer impingir ao tratar estes torcedores como integrantes das *classes perigosas* ou protagonistas de um comportamento irracional “de massa”.

Naquilo que concerne ao âmbito nacional, as modalidades variadas de transgressões juvenis vem sendo analisadas por alguns autores que as vinculam a um contexto mais amplo e que dizem respeito aos impasses dos papéis desempenhados pelas instituições populares, também denominadas de vicinais, no contexto das demandas sociais e políticas em curso, tais como problematiza Zaluar (1996).

Esta autora vem analisando o desinvestimento popular em algumas instituições, notadamente entre aquelas vinculadas ao universo das religiões afro-brasileiras, associações de bairros e a esfera da sociabilidade lúdica, associando este desinvestimento a um processo complexo de fragmentação local de determinados grupos e práticas culturais cujas conseqüências devastadoras resvalam na intensificação de certas práticas sociais intolerantes e de intensa radicalização nas relações contrastivas entre grupos, gerações, o que explicita ainda mais certas contendas intra-classe.

É a partir do final dos anos 80 que se intensifica a presença jovem no tráfico de drogas, alimentado tanto por um reordenamento econômico na escalada do tráfico,

vinculado necessariamente ao aumento da circulação e da demanda internacional, quanto pelo desinvestimento aludido acima que está numa relação simbiótica com certas manifestações contendoras e intolerantes de sociabilidade, convívio, religiosidade, que conformam outros valores e condutas morais mais excludentes e competitivas.

É a partir desse período ainda, que se estendeu até por volta de meados dos anos noventa, que os agrupamentos organizados de torcedores acolheram um significativo contingente de jovens em suas fileiras. Um exemplo foram os Gaviões, que triplicaram em números de sócios em dois ou três anos no início dos anos noventa. De vinte mil associados, números que permaneceram relativamente estáveis durante uma década e meia, chegariam aos sessenta mil sócios na metade da década.

Alba Zaluar irá identificar, por exemplo, no avanço de algumas religiões neo-pentecostais e de seu poderio econômico, alimentadas por uma ampla demonização midiática de certas práticas religiosas mais tradicionais e de domínio popular, uma crescente inibição nas relações mais comunitárias e solidárias, em prol de éticas que deliberadamente exacerbam uma conduta individualista e competitiva.

No que concerne às experiências juvenis, a expansão de determinadas vivências estéticas e musicais, tais como o *funk*, igualmente promovem e instilam sociabilidades pautadas na contenda e fragmentação exclusivista de uma experiência que, por exemplo, no samba e nas manifestações em torno desse gênero musical eram partilhadas entre gerações distintas.

O *funk* impõem uma sensibilidade mais seletiva, quase que de uma única geração, cuja natureza competitiva anima sua fruição estética e sensorial, diferente do samba que, não excluindo a dimensão da possibilidade da transgressão e da violência, compartilha experiências mais diversificadas entre gerações no que se refere ao seu aprendizado e fruição.

Estas mudanças em torno das manifestações sociais populares devem ser levadas em conta quando são abordados o fenômeno da violência entre torcedores de futebol. O futebol, suas torcidas e seus torcedores “intolerantes” devem ser contextualizados ante estas novas demandas simbólicas impostas pelos processos mais globais de investimento cada vez crescente nos valores de uma individualidade que se estabelece não em função de um estado de bem estar social mas, ao contrário, a partir de estratégias cujas possibilidades de ascensão e reconhecimento sociais assentam-se

em critérios economicamente cada vez mais excludentes, embora a participação política formal tenha se alargado nas últimas décadas no Brasil.

Muitos subgrupos juvenis, que sustentam a maior parte das transgressões relatadas pela imprensa, inseridos que estão nas torcidas organizadas, compartilham, no plano sensível e simbólico, deste modelo de sociabilidade observado acima, pautado por uma conduta que tende a fragmentar em atitudes mais exclusivistas os comportamentos manifestos, mal compreendidos pelos poderes públicos e a grande imprensa que os tomam sob a única perspectiva conservadora do “comportamento coletivizado”, “de massa ou turba”, portanto irracional e até mesmo associal, operando na lógica de tomar as coletividades torcedoras pelos indivíduos, num processo de identificação reificado e perverso.

Contextualizar os dramas individuais vividos por muito dos jovens que se envolvem com as transgressões no futebol, vítimas e algozes, consiste também em retomar algumas das explicações mais recorrentes sobre a violência urbana, ou melhor, sobre determinadas modalidades e expressões da violência observadas entre os agrupamentos juvenis ou com a participação dos mesmos, sobretudo em se tratando de contendas torcedoras.

Campo crivado de armadilhas conceituais de pouco vigor analítico, todavia de grande apelo ideológico, seja no discurso da mídia ou até mesmo no discurso científico, explicações como a fome, a pobreza, a crise econômica, a desesperança fruto desta conjuntura, ou até mesmo aquelas que apelam para a infalibilidade da violência como característica de um país de “etnia indecisa” (MEIHY, 1982), enfim, tendem a multiplicar o debate acerca do comportamento transgressor e dos conflitos urbanos de um modo geral¹³.

¹³ . Muitas das explicações veiculadas na mídia possuem um forte componente determinista, econômico ou sociológico, aludindo que “(...)a selvageria ligada ao futebol tem um componente social, que o desemprego e a falta de perspectiva levam muitos jovens a extravasarem frustrações de forma violenta (...)”(Folha de S. Paulo, 26/10/1994). A antropóloga Alba Zaluar critica essa postura confortável de determinadas análises ao “(...) tornar o econômico o fator determinante ou a pobreza a explicação de fatos que, como todos os outros fatos sociais, são coisa e representação, coisa e ideal ao mesmo tempo(...)”(ZALUAR, 1996:53). Inúmeras vezes, os discursos sobre a violência podem vir imbuídos de um excessivo essencialismo que busca uma explicação para a violência no dilema brasileiro, denunciando a convivência contraditória em nossa formação histórica entre formas hierárquicas (patriarcais, coronelistas e autoritárias) e impessoais (da ordem da igualdade entre indivíduos) na constituição da sociedade brasileira. No entanto, como adverte ainda Zaluar: “(...) tentar explicar as formas atuais de manifestação da violência entre nós, apelando para o hibridismo de uma cultura brasileira que apresenta esses valores hierárquicos expressos paradigmaticamente na relação senhor-escravo que se reconstitui sempre é eternizar uma forma cultural, é seguir à risca à lógica identitária contrastiva e é também negar a história que põe o institucional e o cultural em eterna transformação (...)”(ZALUAR, 1996:49).

Naquilo que diz respeito às sanções mais severas impostas às modalidades de transgressão observadas entre torcedores, ou seja, prisões e processos criminais, geralmente estas atitudes violentas são qualificadas como fenômenos exógenos ao futebol, circunscritas somente às organizações torcedoras, o que na prática sustenta e tende a se justificar na perpetuação da repressão e exclusão dos socialmente *perigosos* e *desajustados* do arranjo institucional do futebol profissional.

No entanto, a expiação destes torcedores perante a opinião pública, feita muitas vezes ao calor do momento, não garante a exclusão do uso da violência física como linguagem e nexos simbólico eficaz entre os jovens torcedores.

É preciso enfatizar que, embora proibidas¹⁴, na prática não só os agrupamentos torcedores estão participando dos jogos de modo mais ou menos velado, como o nível de animosidade e intolerância continuam disseminados entre uma parcela considerável de torcedores, organizados ou comuns. Basta observar que o contingente policial nos estádios continua expressivo, bem como a “mancha de dispersão” de torcedores se estendeu consideravelmente em grandes áreas da cidade, mobilizando a PM de maneira ainda mais acentuada dadas as possibilidades de atomização generalizada da violência e transgressão.

Outro dado a ser levado em conta é que as punições às atitudes delinquentes, que permanecem latentes nos estádios, inibidas apenas pela presença ostensiva do aparato policial, o que revela e aponta para uma outra modalidade de violência, a institucional, sensibilizam ou conscientizam pouco, apesar de alguns torcedores serem presos, julgados e condenados.

Aliás, muitas vezes, ser preso ou detido em contendas torcedoras só vem acrescentar às biografias já repletas de atitudes socialmente reprováveis, porém com forte caráter persuasivo e prazeroso, características muito peculiares e simbolicamente valorizadas entre parcelas expressivas dos segmentos juvenis.

Mais ainda, a freqüente exorcização da violência, como se ela fosse um fenômeno à parte da sociedade, não leva em conta o caráter ontológico e até mesmo atemporal da violência como constitutiva de qualquer ordenamento social, inclusive no desenvolvimento das modalidades esportivas, expressões lúdicas da competição e da luta por capitais materiais e simbólicos¹⁵.

¹⁴ . As torcidas foram banidas dos jogos, ao menos formalmente, a partir do caso Pacaembu. Em outros Estados continuam participando dos rituais futebolísticos.

¹⁵ . Maria Lúcia Montes sintetiza esta argumentação da seguinte maneira: “(...) *nenhum sistema*

Em que medida, então, é possível verificar um padrão de conduta mais objetivo e causal entre contendas torcedoras? Quais os significados, para além desses já mencionados, que definem as atitudes intolerantes como linguagem desta sociabilidade considerada perversa? Tomando como exemplo grande parte das mortes entre torcedores, constata-se que um número reduzidíssimo delas, embora existam, aconteceu em função de vendetas ou vinganças na disputa por algum bem, material ou simbólico, que extravasasse os limites temporais dos jogos.

Em São Paulo, ao menos, é raro estas atitudes violentas ocuparem o tempo da esfera cotidiana, em geral torcedores não se confrontam, com esse grau virulência, para além dos limites dos dias de jogos.

Dezenas destes confrontos aleatórios envolveram indivíduos sem quaisquer vínculos uns com os outros. Vínculo no sentido de uma ação recíproca mediada pelo entrelaçamento das biografias ou situações previamente compartilhadas entre os contendores. Se tal fato ocorresse, certamente a cronologia da delinquência em torno do futebol seria alimentada por casos ainda mais contundentes como ocorre, por exemplo, com as participações juvenis nos bandos rivais do crime organizado, no tráfico de drogas e disputas por localidades, pontos e “bocas de fumo”, cuja modalidade de violência deflagrada possui, sociologicamente, outros elementos definidores.

A despeito do débil esforço por parte dos segmentos dirigentes das organizações torcedoras em conterem as transgressões e em que pesem todo o aparato quase bélico (bombas caseiras, pedras, elementos contundentes de qualquer espécie) e simbólico que sustentam a conhecida intolerância dessas torcidas (gritos de guerra, representações de masculinidade como índice identitário etc) parece por demais linear tributar exclusivamente a uma ação organizada, superdimensionando uma dada identidade coletiva desses agrupamentos, a ocorrência destas situações de conflito.

normativo se sustenta sem a sanção que obriga a respeitá-lo, através da violência organizada, simbólica ou concreta, através da qual ele se impõem e se conserva ao longo do tempo. Longe de ser uma excrescência indesejada na vida social, irrupção caótica da natureza em meio à cultura, a violência constitui, portanto, no avesso da norma e da ordem que instaura, seu fundamento oculto que, ao manifestar-se, como transgressão e ruptura da ordem, manifesta também o embasamento último em que esta se assenta. Neste sentido, tanto quanto a norma, a violência, como forma ou resultado da sua transgressão, constitui também ela uma linguagem, através da qual uma sociedade nos fala do seu modo de organização, dos valores que reputa fundamentais, da sua concepção sobre o mundo, a natureza e o sobrenatural, e do lugar que nela ocupa a vida humana, como princípios ordenadores da vida associada(...)"(MONTES, 1996c:225).

Por quê, ainda, esta modalidade de violência é constatada de modo mais recorrente a partir dos anos 80?

Não querendo negligenciar o caráter coletivo de tais investidas, motivadas obviamente por uma centralidade e catalização das animosidades por parte dos agrupamentos torcedores, tais manifestações revelam, no entanto, que a mobilização de alguns elementos profundamente desagregadores, que parecem sustentar determinadas condutas individualizadoras, compõem o universo de possibilidades de ação diante destas situações de enfrentamento torcedor, muitas delas relatadas na imprensa, tendo no “caso Pacaembu”, ocorrido em 1995, o seu exemplo mais contundente¹⁶.

O relato do torcedor Adalberto, único entre dezenas de torcedores que foi julgado e condenado neste referido caso, em certa medida corrobora com esta perspectiva ao negar uma identidade substantiva que se quer atribuir às torcidas em situações similares a esta:

“(...)eu nunca fui de torcida [organizada] (...) bota aí que a pior coisa na vida é viver sob as influências dos outros. Isso leva os garotos a agir [sic] no embalo, que foi o que me levou a encarar uma situação dessas (...) não se pode viver sob o incentivo dos outros para praticar uma briga (...)” (depoimento de Adalberto dos Santos ao Jornal da Tarde, 16/04/1996).

A seu depoimento, ao enfatizar um caráter coletivo dessas investidas transgressoras, afirmando que os jovens vivem de *embalos*, deixa transparecer, todavia, que tais atitudes são motivadas por opções que vão além da imediata e reativa solidariedade grupal. Ao que parece, há aí um forte elemento desagregador de identidades ante aos apelos solitários nas ações pela busca das emoções. Uma profunda despolitização, num sentido lato, de atos que se esgotam no próprio instante fugidivo de sua execução.

¹⁶ . “Tal acontecimento desencadeou uma série de medidas por parte da Federação Paulista de Futebol, polícia militar e procuradoria da justiça para que fossem suspensas as atividades de torcidas organizadas de futebol no Estado de São Paulo. Nota-se que esse confronto, diverso de dezenas de outros que o antecederam, inclusive com a ocorrência de vítimas, mas que não tiveram o mesmo impacto na mídia e desdobramentos judiciais, se deu no gramado, fato que lhe conferiu uma maior dramaticidade devido à subversão das características básicas das competições esportivas modernas, fazendo do campo de jogo um espaço onde se ausentaram as regras da contenda substituídas pelo confronto aberto entre os torcedores. Fato curiosamente análogo aos muitos jogos populares difundidos antes do século XIX, anteriores portanto ao processo de esportificação de tais práticas, que paulatinamente foram modificadas e adestradas aos modos de vida modernos e burgueses” (TOLEDO, 1996b:153).

O indivíduo agredido, preso ou até mesmo morto simplesmente *se fudeu, foi vacilão*, como comumente dizem os torcedores, demonstrando não somente um desprezo pela existência do outro, e aqui inclui-se os próprios aliados de uma mesma torcida, como pude constatar várias vezes observando situações semelhantes em contexto de pesquisa, bem como, até paradoxalmente, uma representação de desapego da integridade física da parte do próprio agressor.

Entre os jovens torcedores de futebol, genericamente, é muito usual, no linguajar evocativo de afirmação e bravura entre os grupos, o uso do termo *apavorar* para denotar algum feito espetacular, audacioso e socialmente reprovado e potencialmente transgressor (um roubo da bandeira ou camisa adversária, pequenas transgressões em estabelecimentos comerciais, brigas) até uma atitude mais deliberadamente agressiva. *Apavorar* revela um êxtase e prazer na atitude, evidenciando, de modo variável, um acontecimento limite que, ao mesmo tempo, traduz-se em temor e angústia na realização do próprio ato.

Quanto mais individualizada for a transgressão maior o prazer suscitado na atitude de *apavorar* terceiros. *Apavorar*, por fim, consiste numa ação em que embora motivada pelo comportamento coletivo instituído pelos grupos torcedores é profundamente desagregadora. Momento em que alguém se destaca do anonimato da torcida e conquista uma certa visibilidade, ainda que efêmera, socialmente reprovável e com conseqüências desastrosas para outros e para si mesmo.

Alguns fenômenos vêm sendo conceituados na literatura especializada sobre sociabilidade e delinqüência entre os segmentos juvenis pela expressão *comportamento de risco*, cujo “(...) *engajamento voluntário dos sujeitos em um risco de morte é o mecanismo ao qual recorrem para enfrentar a angústia diante de um mundo desprovido de proteção(...)*”. E segue a autora: “(...) *no contexto de um estado de direito frágil e incapaz de assegurar os requisitos básicos de uma ordem legal, o apelo à ordem se manifesta sobretudo através da violência policial e extra-policial contra o jovem (...)*a violência do jovem, ao contrário, parece mais diretamente pautada pelo engajamento em conduta de risco, envolvendo significados plurais (PERALVA, 1996, s/n). Um caso que pode ser caracterizado como conduta de risco, que vem sendo estudado pela autora, é o *surf ferroviário* entre jovens dos subúrbios paulista e carioca.

Vale ressaltar, ademais, que as condutas de risco são caracterizadas por se constituírem em atitudes auto-referidas, ou seja, individualizadas, cuja inexistência do *outro* como objetivo de consumação da transgressão concretiza uma situação limite de

negação do ato de realizar-se no e pelo outro, mesmo que pautada numa sociabilidade negativa, como o enfrentamento ou a aniquilação física do desafeto.

Segundo ainda esta autora, o que permeia as atitudes que envolvem condutas de risco é a angústia da morte, fenômeno generalizado das sociedades onde o processo de individuação foi intenso, como nas sociedades ocidentais, revelada pela e na ação transgressora, efeito perverso engendrado nas sociedades modernas, politicamente igualitárias que, entretanto, ao superdimensionar a noção de indivíduo, muitas vezes acabam abortando experiências mais coletivas de socialização devido a um processo de, segundo Peralva, “(...)liquidação de antigas formas de regulação das relações humanas(...)”¹⁷.

As condutas torcedoras, particularmente os casos extremos, em certa medida podem ser informadas pela categoria *conduta de risco* só que não exatamente para tipificar tais atos beligerantes, mas, antes, para inseri-los neste movimento mais amplo de desregulação e recuo institucional descrito acima, ao que parece, correlacionado aos processos sociais de fragmentação e desinvestimento nas instituições populares mencionados por Zaluar, citados em parágrafos anteriores.

O que pode ser tipificado ainda, enunciado nos termos do modelo de Norbert Elias comentado na Introdução, como um momento de *descivilização* dos impulsos e autocontrole dos indivíduos, se pensarmos o processo civilizatório ocidental como um poderoso mecanismo de constrangimento na manutenção das relações políticas e sociais na esfera pública, processo inibido atualmente pela voga conhecida no senso comum pela expressão neo-liberalismo.

No caso da presença do outro (dos adversários) nas transgressões protagonizadas por torcedores de futebol, lembrando que a violação aqui não se caracteriza por ser auto-referida como nas *condutas de risco* típicas, o que ocorre é que o contendor ou oponente em potencial parecem também não consistir no objetivo da ação, mas tão somente no objeto, espécie de anteparo que simplesmente veicula ao mesmo tempo uma negação do coletivo, portanto do social enquanto fundamento das

¹⁷ . Dessa maneira, a sociedade “(...)já não funciona suficientemente como matriz protetora, abandonando o indivíduo face à angústia da morte. No caso do jovem, aos efeitos da desregulação social, agregam-se os de uma mutação cultural, que debilita a antiga preeminência exercida sobre ele pelo adulto: a desregulação não é apenas social, mas também inter-geracional. Essa dupla desregulação parece torná-lo em muitos casos mais sensível ao engajamento à violência como forma de gestão da angústia da morte(...)” (PERALVA, 1996, s/n).

ações, e uma auto-afirmação, que parece evidenciar uma modalidade de manipulação angustiada da morte.

O engajamento dos torcedores em circunstâncias que envolvem sérios combates, tal como o ocorrido no Pacaembu, em grande parte pode ser caracterizado como voluntário, e solitário, nem sancionado nem coibido pelas coletividades torcedoras, fragilizadas que estão num contexto de repressão e despolitização de seus quadros.

O apelo a um projeto de torcida, variável de agrupamento para agrupamento, tão valorizado em determinados momentos por inúmeros daqueles torcedores organizados, e a participação em alguns momentos da história política do país, lembrando, por exemplo, o movimento *diretas já*, parece não mais estimular e mobilizar parcela dos jovens sócios que buscam, dentro dessas mesmas formas de organização, uma via mais segura e direta de aparição individualizada e espetacular no domínio público.

O que pode acarretar em efeitos até mais perversos de atomização e desregulação ainda maior de tais condutas intolerantes dentro e fora dos estádios. Nestes termos, a proibição das torcidas colaboraram para que este processo de desregulamentação institucional e *descivilizatório*, ganhasse contornos ainda mais dramáticos no combate a violência.

Abandona-se, então, o terreno propriamente instrumental do uso da violência, ou seja, aquele que atribui uma dada racionalidade à ação (a violência como um meio consciente para se atingir um determinado fim), para ingressar num âmbito mais subjetivo, e porque não dizer movediço, de sua expressão contemporânea.

As ações transgressoras entre torcedores, e parece pouco razoável explicá-las como sendo, exclusivamente, demandas conscientemente orquestradas pelas coletividades de torcedores organizados, indicam um processo, senão de esgotamento, ao menos de impasses e crises na formação de identidades coletivas neste contexto de recuo da sensibilidade participativa dos agrupamentos populares ante novos contextos sociais.

Até aqui vimos que as considerações acerca da violência como elemento que estimula a manutenção de uma sociabilidade específica entre determinados segmentos torcedores abordam a questão contextualizando outros processos sociais certamente contíguos ao fenômeno em torno do futebol.

Mas o fenômeno da expiação da violência torcedora encontra na dinâmica do próprio campo esportivo outras implicações, não contempladas nessas análises mais externalistas expostas acima.

Uma dimensão crucial para se compreender a eclosão e os desdobramentos das manifestações transgressoras nos estádios reside na própria constituição do campo esportivo e seu exame “de dentro”, aspectos raramente levados em conta nas análises que circunscrevem e esgotam a compreensão do fenômeno da violência nos limites do comportamento torcedor.

No entanto, o processo de constituição das configurações esportivas esteve sempre imbricado ao processo de civilização (parlamentarização da vida pública), utilizando o modelo eliaseano, na criação das mediações institucionais sociais reguladoras por um lado e autocontrole individual na resolução dos conflitos, por outro lado, em qualquer instância da vida social, seja no âmbito da política ou no âmbito dos costumes, jogos e divertimentos.

O advento dos esportes contribuiu para o desenvolvimento desse processo e, dessa forma, o fenômeno esportivo esteve vinculado, desde sua gênese, à *domesticação* mais geral dos conflitos deflagrados pela sociedade.

Dessa maneira, parece impossível abordar quaisquer fenômenos esportivos, sobretudo o futebol, lugar da emergência de identidades e antagonismos coletivos, ocultando do horizonte das análises os processos conflitivos, transgressores e violentos que eclodem de tais manifestações sociais.

A justiça desportiva constitui outro foco de controvérsias na gestão da equanimidade no cumprimento da legislação e código disciplinar, mantenedores da ordem esportiva. Até hoje, observamos acirradas discussões a respeito das regras esportivas e a necessidade em conter a violência dentro de campo (regra 12).

Os princípios universais que orientam a “primeira natureza” da competição, ou seja, as regras do jogo, como foi mencionado no Capítulo 1, supõem as transgressões como constitutivas da disputa, lembrando que um desses princípios, que instruem a “cultura da arbitragem”, é a própria dimensão da *segurança*¹⁸.

Assim, a conduta torcedora, sobretudo entre aqueles que militam no futebol profissional como organizados, fazem parte desta lógica inerente ao processo sempre

¹⁸ . Igualdade, fruição (o prazer e a plástica do jogo) e a segurança consistem nos princípios que sustentam a natureza da competição, segundo o árbitro Emídio Marques de Mesquita.

negociado de esportificação, que impelem os indivíduos para a mobilização da disputa.

Um outro aspecto, de natureza mais conjuntural, e que diz respeito à percepção dessa violência “de dentro” do campo esportivo, consiste na crença generalizada entre *profissionais* e *especialistas* no que concerne a capacidade desses torcedores formalmente organizados nessas instituições populares em obstacularizar e até mesmo inviabilizar todo o processo de modernização e ajustamento institucional em curso no futebol.

Esta é uma das facetas dessas organizações populares que vem merecendo já há algum tempo, sobretudo da parte dos *especialistas*, muito mais do que dos *profissionais*, uma maciça e efetiva cobertura e crítica, incorporadas aos debates esportivos, às mesas redondas e ao cotidiano das coberturas diaristas nos vários meios de comunicação.

Identificadas como uma espécie de corpo estranho ao campo esportivo e aparentemente pouco afinadas às mudanças institucionais, tecnológicas e sobretudo simbólicas processadas neste futebol profissional renovado, aspectos analisados aqui como índices de inserção do futebol brasileiro ao processo mais global de gerenciamento e fruição do fenômeno esportivo como espetáculo, as transgressões e modalidades de violência entre torcedores testemunham de maneira mais dramática os percalços deste comprometimento do futebol brasileiro junto ao cenário esportivo mundial.

O que revela, como em outros momentos, a pouca sensibilidade das elites engajadas ao futebol profissional, entre os *profissionais* mais notadamente os sócios dirigentes amadores mas até mesmo os atuais administradores profissionais, e grande parte da crônica especializada, em legitimarem estas instituições torcedoras como partícipes do futebol disputado em alto nível.

Legitimidade esboçada timidamente em alguns momentos pontuais de uma história geralmente tensa entre clubes e torcedores organizados. Momentos em que estes atuaram mais formalmente, por exemplo, na condução da política dos clubes no que diz respeito ao departamento de futebol. Experiências quase sempre abortadas pelos sócios que negam a participação mais popular e ampliada desses agrupamentos torcedores nos processos decisórios dos clubes¹⁹.

¹⁹ . Uma experiência mais continuada foi o da *democracia corintiana* em que representantes das

Eventualmente consideradas importantes, muitas vezes servindo de lastros eleitorais para muitos sócios que almejam uma ascensão política dentro e mesmo fora do âmbito esportivo, a maioria dos dirigentes jamais contemplaram nas torcidas organizadas uma via segura de ampliação da comunidade de interesses em torno dos departamentos de futebol, restritos aos sócios. O que, de certo modo, revela todo o caráter elitista do domínio institucional do futebol profissional.

Os apelos por uma conduta ditada pelo *ethos* do futebol como espetáculo, pautado nos critérios cada vez mais consoantes aos processos de reinstitucionalização do futebol, na organização dos espaços de treinamentos, na predominância de um ascetismo universal na qualidade da técnica como acesso valorizado às carreiras dos futuros jogadores, contribuem para a gestação de uma outra sensibilidade esportiva no domínio torcedor.

No que concerne ao campo dos *especialistas*, embora tratadas comumente como “casos de polícia”, as transgressões e violências entre torcedores e torcidas são cobertas pela imprensa de modo preponderante nas páginas ou noticiários esportivos, o que revela uma insuspeita filiação e comprometimento desses torcedores a este campo em específico, embora quase sempre salientem-se o caráter exógeno de tais práticas e sua incompatibilidade com o profissionalismo instituído.

Os crescentes apelos em conter e inibir as modalidades mais autônomas do torcer são difundidos por discursos e ações que deliberadamente impõem critérios orientados por uma racionalidade que se quer universalizar e que diz respeito a necessidade em transformar o torcedor em consumidor de um espetáculo, tornando-o, de certo modo, desenraizado de uma vivência mais densa em significados. Vivência esta que historicamente possibilitou uma multiplicidade de experiências e manejos simbólicos em torno do futebol como uma expressão cultural importante no Brasil.

Após a proibição formal das torcidas organizadas em São Paulo e a ampliação do debate sobre a violência em outros estados, um outro projeto vem sendo formulado e estimulado e que diz respeito a criação da figura do *sócio-torcedor*.

Iniciativa que teve como incentivadores a promotoria pública responsável pela proibição das torcidas organizadas, alguns clubes, notadamente o São Paulo Futebol

Clube e com menor entusiasmo o Sport Clube Corinthians Paulista e a Portuguesa de Desportos²⁰, e parte da crônica especializada.

Experiências como o incremento da participação desses *sócios-torcedores* parece consistir numa via de cima para baixo de incorporação dos indivíduos neste processo de *modernização* atualmente em curso dentro do domínio do futebol. As atribuições de um novo papel genérico aos torcedores, incentivando-os a se engajarem em programas de captação de recursos pelos clubes, valorizam, dentro de uma lógica pautada pelos critérios do máximo consumo, outras modalidades de externar a emoção esportiva.

Dentro desta nova conjuntura, incrementada pelo *ethos* profissional dos administradores esportivos, por sua vez comprometidos com as agências patrocinadoras e detentoras dos departamentos de futebol dos clubes paulatinamente transformados em empresas, e igualmente estimulada por vários dos *especialistas* mais engajados às mudanças, diagnosticam-se e mesmo reivindicam-se alterações nos estilos de vida e condutas torcedoras.

O cronista Maurício Noriega atenta para esta nova conjuntura, opondo-se ao imaginário torcedor de um lado, e, de outro, aos interesses de segmentos da crônica mais resistentes a estas mudanças, segundo ele, retrógrada. Responsabilizando ambos pela indigência institucional que se encontra o futebol, sentencia:

“(...)É contraditório cobrar do atleta profissional um comportamento de empregado padrão e, ao mesmo tempo, exigir posturas como amor à camisa, dedicação, garra, raça, entrega (...) O torcedor e uma parcela da imprensa esportiva teimam em exigir dos atletas uma postura semi-escravagista (...) o torcedor só dá valor ao craque que termina a vida na miséria porque decidiu naufragar com o clube de coração, e o jornalista fica esperando uma boa história para escrever um livro ou, então, garantir uma matéria no fatídico período de entressafra de notícias do final do ano(...)”(A Gazeta Esportiva, 26/10/96)²¹.

José Geraldo Couto, outro *especialista*, identifica no investimento ditado cada vez mais pelas leis de mercado e crença na *modernização* dos processos de

²⁰ . Outros clubes de expressão, tais como a Sociedade Esportiva Palmeiras, não se interessaram pelo projeto.

²¹ . O cronista nomeia seu artigo com o sugestivo título *Síndrome de Garrincha Só Atrapalha O Futebol*, atentando para a carreira repleta de percalços do referido craque, criticando um modelo de gerenciamento do futebol profissional assentado na antiga *lei do passe*, no paternalismo de dirigentes e na precária conscientização profissional dos jogadores. Garrincha é um modelo e vítima deste panorama institucional. Sobre a vida de Garrincha consultar os trabalhos *A morte da alegria do povo*, de Lopes & Maresca e *A estrela solitária*, biografia escrita por Ruy Castro, citados.

gerenciamento e parcerias no futebol um fenômeno análogo, que, segundo ele, igualmente vêm motivando e tensionando uma nova conduta torcedora:

“(...)A tendência, a longo prazo, é que os próprios clubes percam importância, do ponto de vista do público, em favor de um conceito mais pragmático de espetáculo(...)Acabou o tempo em que o torcedor dava a vida pelo clube. Daqui para a frente, cada vez mais, o espectador vai pagar para ver o jogo que tiver mais craques em campo - como quem escolhe a peça de teatro em função dos atores ou concerto em função dos músicos. É o fim da paixão? (...)” (Folha de S. Paulo, 05/09/96).

Flávio Prado, comentarista esportivo da rádio Jovem Pan e do programa esportivo (mesa redonda) Cartão Verde, da TV Cultura, reiteradamente conclama os torcedores a se afastarem dos estádios por conta da violência generalizada atribuída à má organização dos espetáculos e à presença de torcedores e torcidas intolerantes.

É notável observar como se pode agregar aos fatores imponderáveis da prática do futebol (justamente aqueles aspectos motivadores, do ponto de vista torcedor) estes outros acasos que, na visão do cronista, podem ser controlados e eliminados a partir da ausência dos torcedores dos estádios, simplesmente assistindo ou ouvindo as transmissões esportivas seguramente em seus lares.

Ainda na concepção do comentarista, a sociabilidade promovida pelos torcedores nos espetáculos esportivos, que obviamente transcende a partida *stricto sensu*, bem como todos os riscos que sempre estão presentes em situações desta natureza, deveriam ser minimizados ou mesmo eliminados em função dos imperativos e apelos determinantes de uma concepção de futebol mais voltada para o espetáculo.

É a partir dessa visão e apelo “de dentro” do campo esportivo que estão sendo gestadas outras *formas* do torcer, nomeadamente os sócios-torcedores.

1.4 das torcidas organizadas aos sócios-torcedores

Todo o movimento em promover os torcedores a consumidores, aspirações observadas nas falas precedentes, parte da crença de que uma maior intervenção institucionalizante nas estruturas do futebol arrefecerá ou domesticará o interesse destes pelo futebol, alterando seus contornos mais passionais e incontroláveis ante o fenômeno esportivo, vistos muitas vezes como causadores da violência esportiva extra campo.

E é dentro desse processo material e simbólico de reinstitucionalização do profissionalismo ampliado no futebol que está sendo gestada esta nova modalidade do torcer, a de sócios-torcedores, que contempla os requisitos necessários à transição da condição genérica do torcedor para a de consumidor esportivo.

Requisitos explicitados na campanha implementada por times como o São Paulo Futebol Clube que, a partir de janeiro de 1999, estabeleceu os “direitos” e “deveres” desses novos torcedores, associados ao clube pela lógica do consumo, basicamente.

Os “deveres” incidem, sobretudo, na obrigatoriedade da contribuição de dez reais (aproximadamente cinco dólares) por mês depositados numa determinada conta bancária destinada a captação desses recursos.

Os “direitos” formam a contrapartida do clube nesta parceria popular com os torcedores, explicitada pelo departamento de divulgação da campanha via internet: *“participar de sorteios especiais com ampla divulgação pela mídia; descontos especiais na compra de produtos oficiais do São Paulo; tratamento especial que poderá até levar ao recebimento de brindes; entrada e espaço separados em jogos predeterminados realizados no Morumbi; ingressos e preços privilegiados nesses jogos predeterminados; carteirinha com foto”*.

Na grande imprensa também foram veiculados alguns desses critérios de captação de sócios e os supostos benefícios trazidos pela campanha: *“(...)o programa ‘sócio-torcedor’ apresentado pela diretoria do São Paulo como uma das formas para ‘manter os craques no Morumbi’ (...)estipula uma contribuição mensal de R\$10 de seus participantes(...)em troca da mensalidade, o torcedor cadastrado tem direito a receber uma revista bimestral do São Paulo, uma camisa e ingressos subsidiados num setor reservado no estádio do Morumbi”(...)”(Folha de S. Paulo, 08/03/1999).*

Para além da parceria estabelecida sob estes critérios comerciais, os torcedores seriam cadastrados pelos clubes, checados seus antecedentes criminais e teriam o papel de inibir as transgressões generalizadas presentes nos estádios, tais como está expressa na bandeira dos sócios-torcedores do São Paulo Futebol Clube, onde se pode ler os dizeres *alegria e paz* escritos em letras garrafais, aliás o único adereço de manifestação visual torcedora utilizado no estádios e permitido pela polícia militar, uma vez que as bandeiras empunhadas pelos torcedores comuns ou as *marcas*

*distintivas*²² entre os torcedores organizados continuam proibidas nas praças esportivas no Estado de São Paulo.

Antes mesmo do São Paulo Futebol Clube, em outubro de 1996, o Sport Club Corinthians anunciava uma tímida campanha de cadastramento de torcedores nas ruas aludindo a estes propósitos fiscalizadores, anunciando subsídios para os jogos ao preço de uma mensalidade de 25 reais.

Segundo o diretor Wadih Coury uma das finalidades desses torcedores era a de “*monitorar os torcedores*” (*Folha de S. Paulo*, 24/09/1996). Campanha que não obteve uma substancial repercussão entre os torcedores corintianos, provavelmente pelo prestígio da maior torcida organizada do país, a Gaviões da Fiel, que acaba mobilizando a maior parte daqueles torcedores que aspiram a uma participação mais coletivizada e assídua.

Pode-se notar ainda a implementação destes programas em outros estados, tais como no Rio de Janeiro e Minas Gerais, notadamente nos times do Fluminense, já mencionado em nota, e no Cruzeiro. O clube carioca lançou sua campanha em setembro de 1999 e, em uma semana já havia cadastrado, segundo sua diretoria, cinco mil sócios-torcedores, pretendendo filiar cerca de 500 mil torcedores, o que traria uma receita significativa para o clube que atravessa uma grave crise, figurando, até então, na terceira divisão do campeonato brasileiro (*Programa Globo Esporte*, 10/09/1999).

É curioso ressaltar que duas semanas antes do anúncio oficial da campanha por sócios-torcedores a diretoria do Fluminense estabelecia que os mandos de jogos disputados pela terceira divisão do campeonato brasileiro seriam no Maracanã e não no acanhado estádio das Laranjeiras, de propriedade do clube. Isso porque evitariam as pressões dos torcedores e a proximidade com os jogadores, uma vez que o descontentamento em relação à posição do time no campeonato brasileiro aumentaria o poder coercitivo daqueles torcedores mais assíduos, sobretudo os organizados, que vivem o cotidiano do clube de maneira intensa.

Mais do que incentivar o Fluminense a campanha por sócios-torcedores almeja arrecadar cerca de 5 milhões por mês, o que ajudaria o clube a se recuperar do momento delicado pelo qual atravessa²³.

²² . As camisas com os símbolos que as caracterizam, as faixas, as bandeiras e bandeirões, os “gritos de guerra” consistem em marcas distintivas, que dinamizam a lógica das identidades grupais contrastivas. A propósito ver Toledo (1996).

²³ . O Fluminense, um dos mais tradicionais times de futebol do país, tenta se recuperar dos seguidos rebaixamentos impostos ao clube desde a segunda metade da década de noventa. Período em que

No Cruzeiro observa-se um movimento mais simbiótico entre certos setores das torcidas e dirigentes do clube. Ao contrário do que ocorre no São Paulo Futebol Clube, onde os torcedores organizados, sobretudo da Tricolor Independente, opõem-se francamente à idéia dos sócios-torcedores pois, entre outras coisas, estes tornariam-se “atrelados” ao clube, no time mineiro algumas facções organizadas, tal como a Comando Azul, tem como meta criar a categoria do sócio-torcedor, observando os critérios já aludidos e, inclusive, anunciando um plano de marketing a ser adotado em conjunto com o clube, o que contemplaria os requisitos de um investimento simbólico afinado com as demandas consideradas modernizantes que permeiam o futebol visto do ponto de vista dos dirigentes.

As mudanças nas maneiras de externar a emoção e se engajar ao fenômeno esportivo pela via das coletividades torcedoras iluminam vários aspectos que, aparentemente difusos e muitas vezes ocultados na paixão supostamente desenfreada e na violência generalizada, apontam para os processos sociais mais abrangentes do campo esportivo e reivindicam uma análise mais crítica sobre as manifestações identitárias engendradas em torno do futebol.

Em princípio, não parece haver incompatibilidade entre uma maior clareza e compreensão, por parte do conjunto de torcedores, no que se refere às mudanças estruturais por que tem passado o futebol profissional e a dimensão passional, da emoção e fidelidade aos clubes e ao selecionado.

O futebol, para o conjunto geral de torcedores, é muito mais que um produto consumível. E a sua permanência como dimensão gregária, corporada ou identitária reside justamente na manutenção dos níveis de emoção que promove, quer no instante de uma partida, quer no cotidiano, sustentando qualquer sociabilidade.

Da firula rococó das jogadas em campo ou das performances dos jogadores que nem sempre colaboram para a feitura de um gol, contrariando muitas vezes os investidores da mídia ou das empresas patrocinadoras, às cantorias e performances próprias dos torcedores extra campo, este conjunto tão diverso de interesses está condicionado à especulação do e sobre o jogo, com todos os imponderáveis atuando.

Para além desses engajamentos mais explícitos, reveladores de disputas simbólicas pelos significados do torcer, cristalizados nas manifestações populares como as *assistências* aos jogos no regime amador ou a atuação das *torcidas*

ocupou com uma certa constância as últimas colocações em alguns dos principais campeonatos,

organizadas a partir da década de 70, ou aquelas orientadas por outros critérios, tais como observadas no modelo das *torcidas uniformizadas* “inventadas” nos anos 40 e sua contrapartida nos *sócios torcedores* da segunda metade dos anos 90, existem ainda outras expressões da mobilização torcedora que revelam experiências marcadamente menos institucionalizadas, do ponto de vista do engajamento político, e menos racionalizadas, de um ponto de vista mercadológico, mas que igualmente mostram-se relevantes quando observadas e destacadas do domínio da sociabilidade cotidiana. É o que se verifica no próximo tópico.

2. mesas de bares e a sociabilidade cotidiana

2.1 da lógica competitiva e outras lógicas

Num texto pioneiro a respeito dos significados sociológicos que recobrem os espaços sociais denominados de botequins²⁴, Machado da Silva assim descreve o futebol como um dos temas dentro do sistema de valores que preside as formas populares de sociabilidade expressas nas práticas sociais cotidianas:

“Outro tema muito abordado é o futebol, sobre o qual todos têm sempre algo a dizer. Este é um dos poucos assuntos constantes [para ele o outro seria a esfera do trabalho] que dá margem a conversas demoradas entre membros de subgrupos diferentes, e permite a participação até mesmo²⁵ de ‘estranhos’. O interessante – já que futebol é assunto de conversa em quase todas as camadas sociais no Brasil – é que poucos são aqueles que vão pessoalmente a algum jogo, e raríssimos os freqüentadores assíduos dos estádios. Toda a informação sobre o tema provém dos jornais, rádio (principalmente) e televisão” (MACHADO DA SILVA, 1978:101).

Vários aspectos condensados no fragmento acima mereceriam uma reflexão. A começar pela segurança com que o autor generaliza ao afirmar que no Brasil os indivíduos *“sempre têm algo a dizer sobre futebol”*. Outros dois aspectos, entretanto, que extrapolam os propósitos pontuais de seu artigo, chamam a atenção e que, em consonância aos interesses específicos deste trabalho, servirão de inspirações às argumentações deste tópico.

Um diz respeito as especulações sobre o futebol, alimentadas pelos meios de comunicação, que convergem para as *“conversas demoradas”* sobre o assunto no cotidiano. Aspectos analisados no Capítulo 2, em que foram discutidos as coberturas diaristas, as transmissões ao vivo e as mesas redondas.

Outro, aparentemente não vinculado ao primeiro, remete-se a surpresa externada por Machado da Silva no que diz respeito a inclusão daquilo que

²⁴ . Botequins, “botecos”, “pés sujos”, “biroskas”, “lanchonetes”, entre outros, nomeiam as modalidades dos bares populares dispersos por toda paisagem urbana, muitas vezes improvisados no que se refere às instalações ou regulamentações, o que os tornam alvos constantes da parte dos poderes públicos de intervenções higienistas ou batidas policiais. Muitas vezes carregam o estigma de locais violentos, sobretudo aqueles situados nas zonas mais periféricas das grandes cidades.

²⁵ .Peço que o leitor atente para o “até mesmo” proferido pelo autor. Afirmarei mais a seguir que “acima de tudo” os “estranhos” são inseridos nesta convivialidade pautada pelo futebol.

denominou por subgrupo dos “estranhos” quando o assunto entre “amigos”, “colegas” ou “chegados” versa sobre futebol.

Enfatizemos, neste tópico, esta última observação, que parece compreender as outras e que diz respeito mais diretamente às formas assumidas pelo futebol falado na dinâmica social do cotidiano, pautadas por estas categorias de inclusão e exclusão sociais mencionadas acima. O propósito é verificar, recorrendo a exemplos mais pontuais, a maneira como o futebol serve de nexos organizador de sociabilidades em contextos variados²⁶.

O futebol estimula, no plano do investimento na *pessoa* torcedora, a manifestação daquilo que sintetizo aqui na expressão *sociabilidade por distanciamento*, cujas categorias emprestadas das redes de relações mais amplas, tais como “amigo”, “chegado”, “colega”, “xará”, “truta”, “peixe”, “alemão”, “estranho” etc, consolidadas nas atitudes e modos de vida observados em variadíssimos contextos, são reduzidas à categoria genérica “torcedor”, conseqüentemente à natureza das contendas lúdicas que constituem o futebol verbalizado no domínio da vida cotidiana²⁷.

Ao que parece, tal *sociabilidade por distanciamento* estabelecida pela contigüidade ao universo competitivo do futebol circunscreve padrões de convivência homólogos e imbricados à dinâmica social do meio urbano mais abrangente, que igualmente aloca os atores sociais num leque de categorias contrastivas, formadoras de grupos e relações identitárias em constante disputa por espaços sociais ou simbólicos.

Mais do que um subgrupo, como sugeriu o autor, “estranho” nomeia uma categoria relacional que estabelece um dinamismo às interações sociais. No âmbito das redes de sociabilidade, “estranho” poderia situar-se na confluência de um convívio mais formalizado, uma vez que as relações para com ele *a priori* seriam pautadas pelos critérios regidos no domínio da esfera pública, onde predominam

²⁶ . Existem trabalhos que sistematizaram certas práticas sociais de grupos torcedores, notadamente os agrupamentos organizados. Alguns trabalhos sobre torcedores e torcidas podem ser consultados, entre eles, Toledo (1996), Gianoli (1996), Silva (1996), Pimenta (1997), Santos (1998) e Teixeira (1998), Damo (1999).

²⁷ . “Amigo”, “chegado”, “colega”, “xará”, “truta”, “peixe”, “alemão”, “estranhos”, entre outras mais, formam um conjunto de categorias intercambiáveis inseridas dentro das “redes de relações” que presidem o universo da sociabilidade no meio urbano e popular definidoras de *status* dentro dos grupos sociais. Para uma melhor descrição de algumas dessas categorias consultar *Festa no Pedacão* (MAGNANI,1998:115;116;117).

parâmetros mais universalizados e impessoalizados. O *afim* mais distante numa escala das relações sociais.

”Estranho” condensaria uma específica noção de indivíduo. Já as categorias “xarás”, “chegados” e “amigos”, e outras, expressariam graduais índices de pessoalização, nos termos de Da Matta (1979), constituindo outros matizes desta rede estabelecida na sociabilidade urbana brasileira, que dariam vazão para convivências mais próximas e permanentes, formadoras de grupos corporados mais estáveis.

Concebendo o *status* ou condição de “torcedor” como um aspecto potencialmente mobilizador de relações sociais somaria-se ainda a esta matização de categorias relacionais uma outra clivagem, explicitada de antemão pela ascendência que os times de futebol possuem sobre grupos e indivíduos, evidenciando uma gama de comprometimentos no que se refere à adesão e ao gosto espontâneo pelo esporte.

A relação travada entre torcedores é fortemente marcada pelas relações pessoalizadas estabelecidas entre si e com os times, o que implica num dinamismo original, tal como será explicitada no último tópico deste capítulo. As contendas entre torcedores de times contrários transcendem a mera oposição horizontalizada *A versus B* que, a princípio, norteiam as qualidades intrínsecas às competições esportivas.

A relação de esquivas de um torcedor qualquer ante o leque de times adversários não é estabelecida valorativamente de maneira uniforme. Detesta-se ou gosta-se de alguns times mais do que outros. Mais ainda, observa-se que a própria relação entre indivíduos que torcem para uma mesma agremiação também define-se através de investimentos valorativos diferenciados. Existe aí todo um sistema hierarquizado dinâmico que distingue tanto os contrários, os “estranhos”, quanto os “chegados”, torcedores de um mesmo time.

Esta *sociabilidade por distanciamento* pode ser concebida ainda como um sistema classificatório inclusivo. Inclusivo porque permite acessar de qualquer ponto de uma cadeia ilimitada de eventos e significados um lugar para “o outro”, quer seja “amigo” ou “estranho”, tomando estes dois termos como pólos limítrofes de um *continuum* que define o lugar das diferenças (dos afins, particularmente tomados aqui como “inimigos potenciais”, emprestando termos à determinadas ideologias do parentesco) neste sistema de sociabilidade existente no domínio público a partir do gosto pelo futebol.

Utilizo a expressão *sociabilidade por distanciamento* e não a consagrada “rede de relações” pois trata-se de um uso mais tópico e que prescinde de outras dimensões

da sociabilidade investidas nas “redes de relações” expressas em contextos como aqueles constatados na primeira noção de *pedaço* (MAGNANI,1998), mais densamente significado pelos laços de compadrio, parentesco, vizinhança, procedência²⁸.

No momento em que são travadas as discussões sobre as preferências por times, jogadores, seleções, técnicos, *formas* de jogar ou qualquer polêmica em torno do futebol, estas dimensões (do compadrio, vizinhança...), que obviamente conferem referenciais e parâmetros à sociabilidade e à organização social, são englobadas numa miríade de relações “distanciadas” estimuladas pela natureza competitiva do esporte, que pressupõe disputas simbólicas ao nível das contendas verbais.

Discussões intermináveis que contemplam a fala desde aqueles que “entendem” de futebol, pois não faltam os que acompanham atentamente o desenrolar dos campeonatos e as performances dos times, até aqueles outros que opinam unicamente a partir dos resultados sabidos e que, não raramente, quando adversos aos times dos “colegas” ou “chegados”, estimulam a lógica das relações jocosas da esfera da afinidade, transformando-os em “estranhos” ou “inimigos potenciais” para poder “tirar-lhes um sarro”, provocando e prolongando o debate, o que geralmente se dá sem vencedores.

É a jornalista Marilene Felinto, conhecida na mídia impressa paulistana por ser uma desafeta declarada do futebol, que corrobora, a despeito de seu ponto de vista particular, a natureza dessa sociabilidade:

“eu, que não sou besta, fico calada em mesa só de homens que discutem futebol. Primeiro, porque o assunto me interessa pouco. Segundo, porque, ainda que eu quisesse,

²⁸ . Originalmente a noção de *pedaço* utilizada no contexto do bairro está condicionada a esta rede de relações marcada pela territorialidade. Magnani no texto *Da Periferia ao centro: pedaços e trajetos* (1992) enfatizará o seu segundo aspecto, que diz respeito aos códigos capazes de separar, ordenar e classificar grupos sociais, revelando um conjunto de regras de pertencimento marcado por outros elementos simbólicos para além de uma rede estável de relações definidas pelos laços de vizinhança, compadrio e parentesco. Em outro texto retoma o conceito, sintetizado no parágrafo que segue: “A noção de ‘pedaço’, elaborada a partir de pesquisas em bairros de periferia, aponta para a existência de um espaço social que se situa entre a esfera da casa e da rua. Com base em vínculos de vizinhança, coleguismo, procedência, de trabalho, estabelece uma forma de sociabilidade mais aberta que a fundada em laços de família, porém menos formal e mais próxima do cotidiano que a ditada pelas normas abstratas e impessoais da sociedade mais ampla. É no âmbito do pedaço que se vive e compartilha toda sorte de vicissitudes que constituem o dia-a-dia, nos momentos de lazer, devoção, participação em atividades comunitárias e associativas, troca de favores e pequenos serviços; e também dos inevitáveis conflitos, disputas”(MAGNANI, 1998b).

seria voz vencida no bate boca cego, individualista (...) Todos sabem de tudo, todos querem falar primeiro, se impor” (Folha de S. Paulo, 10/07/1998)²⁹.

O que esta sociabilidade engendrada pelo futebol realiza no âmbito das relações torcedoras consiste numa disputa onde preponderam as relações pautadas por uma concepção que praticamente exclui a existência “do mesmo”, uma vez que a rivalidade é sempre alimentada em algum nível, dado o gradiente de comprometimento, fidelidade e paixão, estoque simbólico de cada um, socialmente legitimado exposto na hora das disputas verbais. O que não exclui até mesmo contendas entre torcedores de um mesmo time, uma vez que preferências por este ou aquele jogador, técnicos, *formas* ou *padrões* do jogar do clube preferido estão sempre alimentando estas desavenças verbais e especulações torcedoras em torno do futebol e seus resultados³⁰.

Alguns são mais corintianos ou flamenguistas que outros, apelos constantemente evocados nas conversas por sobre as mesas dos bares entre torcedores brasileiros, o que chancela e legitima um saber acumulado sobre o time fruto de um investimento individualizado, porém alocado num nível hierarquizado, legitimado ou não, pela coletividade de contedores, o que deste ponto de vista particular contraria até mesmo determinadas concepções sobre a natureza competitiva e do tipo de sociedade que a concebeu, assentadas no credo da igualdade formal entre indivíduos.

Fato que a dimensão cotidiana evidencia, uma vez que no momento de uma partida acredita-se que todos, igualmente, estão empenhados pelo e no desempenho de seu time. Ali, ainda que segregados, uns em arquibancadas populares, outros, nas numeradas dispendiosas, o que supõe formas mais óbvias de estratificação, todos seriam flamenguistas ou corintianos, poe exemplo.

Mas é no dia a dia que pode ser verificado quem, de fato, mobiliza-se para mais ou para menos em torno dos times e dos fundamentos que constituem a lógica do jogo, discutidos com afinco em demoradas contendas verbais entre grupos de

²⁹ . A articulista segue utilizando-se de metáforas sexuais para generalizar, ao seu juízo, tais comportamentos por ela identificados até certo ponto como irracionais: “*A relação dos homens com o futebol é de um exclusivismo somente parecido com o orgasmo dos ejaculadores precoces. Uma discussão de homens sobre uma partida de futebol é marcada pela mesma ansiedade, pela mesma voracidade, pelo mesmo egoísmo meio ingênuo, meio doentio daquele tipo de performance sexual*” (Folha de S. Paulo, 10/07/1998).

³⁰ . Foi mostrado em *Torcidas Organizadas...* que as relações competitivas tomam uma amplitude mais coletivizada entre grupos rivais de torcedores organizados de um mesmo clube. Disputas muitas vezes acirradas pelo monopólio da representatividade simbólica em torno do time (TOLEDO, 1996).

“amigos”, “chegados”, até mesmo “estranhos”, mas todos torcedores, “inimigos potenciais” em relação, alimentando uma sociabilidade específica.

Modalidade de sociabilidade que pressupõe, por fim, um equilíbrio precário entre os participantes, tal qual observado entre os próprios desempenhos dos times a cada campeonato, investindo na instabilidade e fluidez das *formas-representações* todo o seu potencial mobilizador³¹. Ao mesmo tempo em que é alicerçada nas relações regidas pelas jocosidades, comensalidades e congraçamentos, supõe a rivalidade como expressão dos mais variados padrões de agressividade, verbais ou físicos, recolocando a dimensão explicitamente mais lúdica como fundamento desta sociabilidade.

Como sugeri alhures:

“(...) o futebol funda uma sociabilidade assentada em um jogo de diferenças e oposições. Retomando o aspecto lúdico em suas várias dimensões, como fruição e festa, mas também como negociação e excesso, ele recria a cada jogo ou partida diferenças simbólicas entre torcedores(...)Pensar o conflito no futebol é pensar na polissemia promovida por sua sociabilidade. Sociabilidade que consegue unir adversários em uma mesa de bar (...) bem como segregá-los nas arquibancadas” (TOLEDO, 1996:104).

Tomemos um exemplo mais pontual, um jogo “vivido” dentro de um bar como contexto etnográfico para testar o alcance de algumas das considerações acima, sobretudo aquelas que dizem respeito a operacionalidade do futebol como uma expressão peculiar da *sociabilidade por distanciamento*, calcada nos jogos verbalizados entre diferenças e inimizades encenadas, justaposta ainda às redes de relações sociais mais abrangentes que permeiam o meio urbano.

A noite de quarta-feira, 26 de maio de 1999, alegraria a torcida palmeirense com mais uma vitória que levaria o time à conquista, uma semana depois, do título de campeão da Libertadores da América, até então o mais importante conquistado pelo clube.

Com o jogo marcado para o estádio do parque Antártica, apenas o quinto ou sexto estádio de maior capacidade de público do estado de São Paulo³², o fluxo de

³¹ . É Lévi-Strauss que definirá as competições como rituais disjuntivos em oposição a certos rituais conjuntivos das sociedades indígenas. Numa, o credo individualista engendra a diferenciação nos desempenhos a partir de uma situação de igualdade dada *a priori* (as regras universais estabelecendo o nexo entre indivíduos e grupos). Na outra, uma situação previamente dada como desigual congrega a posteriori todos numa única categoria inclusiva. O autor baseia-se em determinados ritos de iniciação comparando-os às modalidades esportivas ocidentais (LÉVI-STRAUSS, 1989).

³² . Menor que o “Morumbi” e o “Pacaembu”, na capital, e que os estádios do Botafogo Futebol Clube,

torcedores, que rapidamente esgotaram os ingressos e disputaram entre si para assistirem a partida, excedeu as expectativas dos organizadores. O que fez com que milhares de outros torcedores convergissem para a região para vivenciar ali, mais próximos do evento, pelas imediações, as semifinais do referido campeonato. Os estabelecimentos comerciais ao redor do estádio, os bares e o comércio informal que fazia as vezes de “botecos” improvisados, ficaram apinhados de palmeirenses ansiosos pela partida.

Reproduzia-se naquele jogo, ainda que numa escala reduzida, algo muito semelhante aos jogos da seleção. Ruas, esquinas e bares repletos de torcedores mobilizados muitas horas antes em torno de uma partida de futebol. O que não raro acarretam excessos de toda ordem, tal como foram verificados nas inúmeras contendas travadas entre torcedores e policiais, que queriam que a multidão se dispersasse, uma vez que não se podia assistir ao jogo dentro do estádio.

O “bar do Elias” é mais um dos estabelecimentos das imediações que abrigou um expressivo contingente de torcedores, sobretudo após a partida, e que igualmente se mobilizou para o jogo.

Trata-se, no entanto, de um bar com características peculiares e não consiste num estabelecimento popular. Misto de bar e restaurante, abriga uma clientela que visivelmente não faz parte do universo das classes populares. Fato constatável pelos elementos visíveis presentes, mobília, cardápios extensos, o preço, a presença de garçons, um maior cuidado na estética e fachada etc.

No entanto, sua fama de bar de torcedores, o que a princípio poderia justificar o qualificativo popular, dá-se por um viés mais indireto na medida em que é conhecido por muitos na cidade de São Paulo, genericamente, como um “bar do futebol”. Mais precisamente, além da sua proximidade física da sede de um dos times mais populares da cidade, a Sociedade Esportiva Palmeiras, aliás o time de coração de um dos donos do estabelecimento, que empresta seu nome ao bar, para lá convergem inúmeros indivíduos que participam do universo do futebol profissional, podendo também ser reconhecido como “bar de jogadores”.

É muito comum encontrar treinadores, ex-jogadores, jogadores, cronistas, dirigentes, preparadores físicos, enfim, *especialistas e profissionais* tanto nos horários

próximo ao almoço quanto nos *happy hours* aos finais da tarde, ou mesmo à noite³³. O bar possui estas características portanto, agregadas ainda à forte presença da torcida palmeirense, o que lhe confere igualmente a marca de “bar dos palmeirenses”, ainda que freqüentado por uma parcela ínfima desta torcida, geralmente indivíduos pertencentes as denominadas camadas médias.

Neste Palmeiras 3 vs 0 River Plate, conhecido time argentino, embora a totalidade da torcida presente fosse de palmeirenses aos poucos observava-se outros torcedores que timidamente iam revelando suas preferências, não por simples espontaneidade mas obrigados pela situação peculiar que se apresentava.

Tensa e negociada, a ocasião era propícia para se observar o embate entre preferências clubísticas enquanto possibilidades de descobrir as potencialidades desta *sociabilidade por distanciamento* peculiar que preside o contato entre torcedores, sobretudo num contexto de mesa de bar.

É claro que a ocasião apresentava-se de modo peculiar, uma vez que, embora num bar, assistia-se a uma partida de final de um campeonato pela TV, o que mobilizava e incitava ainda mais os presentes. Situação diversa das disputas verbais mais amenizadas travadas em torno do mesmo assunto no cotidiano, pois aí tratam-se de discussões mais retrospectivas. Porém, alguns dos elementos simbólicos que configuram e dinamizam esta *sociabilidade por distanciamento* entre torcedores apenas estavam ali superdimensionados, com o calor da disputa “ao vivo”. As contendas verbais em torno do futebol eram intensificadas dado o apelo que a ocasião proporcionava, mas que o estímulo à polêmica em nada divergia daquelas observadas nas mesas de bares no dia a dia.

O convívio dentro do bar antes da partida era de um estabelecimento qualquer, mesas repletas de torcedores, bebidas sendo servidas, alegria e expectativa externadas de modo mais explícito pelos palmeirenses. Já outros tomavam a situação como mais um encontro de lazer e desfrute de uma sociabilidade comum buscada em qualquer bar. Mas a medida em que o jogo transcorria, entretanto, ficava mais evidente que alguns torciam e outros, no máximo, apenas assistiam.

Do bar podiam ser ouvidos todos os gritos de incentivo, cantorias e xingamentos vindos do estádio, o que elevava ainda mais a tensão dentro do recinto,

³³ . Freqüentei o bar em vários horários diferentes e pude observar que a afluência desses *professionais* não segue uma regularidade precisa, podendo ser encontrados ao longo da semana ou aos sábados e domingos.

contaminado pelo clima da partida. Mas se no estádio a totalidade dos presentes efetivamente torcia para o Palmeiras o mesmo não acontecia no bar, embora aqueles que não eram palmeirenses não ficassem deliberadamente manifestando-se prós ou contras o time brasileiro.

No entanto, inicialmente, da parte dos palmeirenses, buscava-se o “inimigo potencial”. Se no estádio este estava obviamente formalizado no time adversário, presente em campo, no bar era preciso encontrá-los e explicitá-los ao nível das contendas verbais. Não demorou para que palmeirenses de várias idades buscassem os adversários dentro do bar.

Tratava-se de reconstruir no plano da sociabilidade as dimensões da disputa da partida. Buscava-se, por intermédio de frases provocativas, motivar os não palmeirenses a se manifestarem, embora até então ninguém tivesse pronunciado preferências por outros times. O que ocorreu, de modo crescente, foi uma espécie de chamamento, sempre num tom provocativo e irônico para que são-paulinos, corintianos ou santistas fossem revelando suas preferências, motivados pelos palmeirenses que reivindicavam uma presença adversária mais ostensiva e qualificada.

No primeiro gol palmeirense tal situação ficou mais patente pois os *outros* de fato não se manifestaram na intensidade esperada. Até mesmo alguns palmeirenses que não vibraram com o mesmo entusiasmo foram repreendidos por aqueles que patrulhavam as performances dentro do bar. Estava potencializada ali a *sociabilidade por distanciamento*, momento em que sobrepujava outras redes de relações que organizavam *a priori* a disposição dos freqüentadores pelas mesas do bar do Elias, ou seja, parentesco, amizade, coleguismo, vizinhança.

Torcedores palmeirenses passavam ou até mesmo sentavam-se à mesa dos suspeitos “inimigos”, falando e gesticulando acintosamente, embora num tom jocoso regado pelos excessos que geralmente tais circunstâncias suscitam. Estabelecidas as preferências, reconhecidos os “inimigos”, travava-se por todo o bar uma disputa verbalizada onde outras grades classificatórias iam sendo incorporadas às identidades torcedoras descobertas.

Ainda dentro da esfera da jocosidade, os corintianos iam sendo estereotipados, aqui e ali, como moradores da zona leste, o que revela no senso comum qualificativos vinculados à pobreza, embora o bar estivesse freqüentado na sua quase totalidade, exceção feita, talvez, aos próprios garçons, por representantes das camadas médias.

Além do que a própria zona leste abriga parcela considerável dessas mesmas camadas da população das quais os palmeirenses eram oriundos.

Mais ainda, como se não soubessem que na própria zona leste residem milhares de torcedores palmeirenses, cuja popularidade se espraiava por toda a cidade de São Paulo.

Momentos em que determinados estereótipos construídos em torno dos territórios simbolicamente descontínuos da cidade se evidenciavam, colabados numa sociabilidade estabelecida a partir do confronto simulado da competição, porém não destituído de um princípio classificador impingido à própria cultura urbana que o motivava.

Além da descoberta desses “estranhos” num bar sabidamente de palmeirenses, o que suscitava uma ambivalência, misto de esquiva e necessidade da sua presença, incorporava-se a esta diferença primordial matizes de estigmatização muito recorrentes nesses duelos verbais travados entre torcedores, onde os níveis da explicitação das diferenças e dos “inimigos”, espécie de “afinização” dos torcedores presentes, consistiam no nexos produtor de uma sociabilidade negociada, mesmo entre “amigos”, imposta pelas circunstâncias.

Até entre os “inimigos” tal processo de estranhamento era clivado. Buscava-se ironizar mais os corintianos dentro do bar do que os são-paulinos, uma vez que, historicamente, a rivalidade é maior entre palmeirenses e corintianos.

Desse modo, nesse jogo de estranhamentos negociados enredavam-se modalidades de sociabilidade a partir de uma partida de futebol. E aqui o lugar para o “estranho” já estava garantido de antemão. ‘Estranho’ englobado na categoria de “inimigo potencial”, uma vez pertencente a comunidade de torcedores.

Em suma, é relevante reafirmar que o pertencimento e a sociabilidade não se estabeleciam somente em função dos atributos ou situações mais estáveis entre os grupos - “amigos”, “colegas”, “chegados”. Embora reveladores de níveis de comprometimento entre indivíduos e grupos o que deve ser ressaltado a partir dessas contendas verbais entre indivíduos na *pessoa* de torcedores é que esta *sociabilidade por distanciamento* incorpora a todos como inimigos potenciais, mesmo aqueles que torciam ou declaravam sua simpatia ao Palmeiras mas que, no plano dos desempenhos, não correspondiam, na ótica de alguns, ao esperado.

Estas diferenças multiplicavam-se em estereótipos e estigmatizações, declaradas ou insinuadas, alusivas às outras categorias contrastivas que formam as

redes de relações entre indivíduos e grupos em interação. Ao final da partida o jogo de insultos continuou, porém visivelmente amenizado pela vitória palmeirense. Momento em que os “estranhos” estavam compulsoriamente incorporados às conversas e brincadeiras, ainda que sabedores de suas posições simbólicas dentro do bar.

Um outro contexto de intensa manifestação desta *sociabilidade por distanciamento*, que recoloca os termos de uma disputa entre torcedores de maneira mais dramatizada, pois também contígua ao ritual esportivo, pode ser observado em torno do comércio estabelecido nos dias de jogos.

As barracas, tomando a cidade de São Paulo como exemplo, fazem parte do itinerário de muitos dos torcedores que freqüentam os estádios. Localizadas próximas as praças esportivas constituem uma grande feira de alimentação presente invariavelmente a todas as partidas ou mesmo eventos esportivos.

Ali consomem-se os gêneros alimentícios populares nas ocasiões das festas públicas de grandes dimensões, o cachorro quente, a lingüiça ao vinagrete ou o pernil com cebola compõem a dieta comum torcedora, regada a bebidas, preferencialmente refrigerantes e cervejas, embora, especificamente na cidade de São Paulo, estas últimas estejam formalmente proibidas de serem comercializadas nos arredores dos estádios, o que freqüentemente é burlado por “marreteiros e donos das próprias barracas. Tais proibições fazem parte das medidas implementadas pela polícia militar em conter a violência nos estádios.

O conjunto desses estabelecimentos intermitentes, parecidos com as feiras livres, são regulamentados pelo poder público, a prefeitura. Aqueles que possuem os alvarás se estabelecem sempre nos mesmos espaços delimitados nos estádios do Pacaembu, Morumbi, Canindé ou Parque Antártica. O que confere uma regularidade na apropriação do espaço, aparentemente desorganizado para quem não está acostumado com a intensa movimentação e fluxo de carros, pessoas e vendedores num dia de jogo.

Dependendo da importância de um jogo estas barracas chegam a ser montadas cinco, às vezes seis horas antes do evento, o que garante aos torcedores prolongarem de modo acentuado a vivência do jogo. Após as partidas, permanecem também por horas atendendo aqueles freqüentadores que saem ou eufóricos com a vitória ou tristes com a derrota, ansiosos por travarem com outros torcedores as discussões sobre os porquês do desfecho de uma ou de outra.

Uma dessas barracas, freqüentada por muitas levadas de assíduos torcedores, como pude observar dada minha inserção como um de seus fregueses, é a “barraca do Luiz” ou a “barraca do santista”.

Embora seguindo o padrão característico das demais, seja no que concerne aos produtos oferecidos para o consumo, seja na infraestrutura oferecida, pois todas são concebidas para serem desmontadas, portanto feitas de balcões leves e funcionais encobertos por uma lona, geralmente amarela, a relação estreita que o seu dono estabelece com os outros atores, muitos deles socialmente estigmatizados e portadores de condutas consideradas reprováveis, é peculiar e expressiva desse convívio torcedor próximo ao ritual. O que confere ao futebol, ao menos nesse futebol, contornos mais complexos do ponto de vista de sua sociabilidade e preparação simbólica para vivenciar as emoções de uma partida.

Pois é disto que se trata, uma preparação ritualizada para as partidas que, para muitos, é pautada por certos procedimentos regulados, preferencialmente coletivizados, mesmo para aqueles torcedores que não participam de torcidas organizadas.

Pontos de encontro privilegiados onde se discutem os jogos, as possibilidades do time ou dos adversários, as questões técnicas e táticas, locais onde se pode “descolar” um ingresso que não pôde ser comprado com antecedência, sobretudo quando o jogo é importante e a procura desses ingressos é intensa, estas barracas concentram no seu espaço, muitas vezes improvisado e acanhado, vários grupos de interesses em torno das partidas.

Na “barraca do santista” pode-se observar uma maior concentração dos conhecidos “marreteiros”, na sua ampla maioria jovens pobres que comercializam amendoins dentro dos estádios e que ali, compartilhando o espaço com os torcedores e a anuência de seu dono, planejam, a cada jogo, as estratégias de ingressarem no estádio sem serem molestados ou constrangidos pela polícia ou pelos funcionários dos clubes.

O que implica no estabelecimento de toda uma rede de relações negociadas que nem sempre garante o sucesso desses investimentos que, para eles, em última instância, são complementos de um orçamento sabidamente precário. Geralmente o produto comercializado é “escondido” da polícia na própria barraca, o que garante aos “marreteiros” traçarem estratégias mais cuidadosas e planejadas para distribuírem seus produtos dentro do estádio.

Encontram-se também, nos arredores dessas barracas, muitos dos “cambistas” que comercializam ingressos, atores francamente coibidos pelos policiais, mas também nem sempre tolerados pelos torcedores, que estabelecem nestes locais um ponto referencial em que pode ser medida a importância de um jogo. Estas barracas, pelo intenso fluxo de torcedores e pelo entusiasmo demonstrado por estes que as freqüentam, funcionam, para os cambistas, até mais que as imediações das bilheterias, como uma espécie de termômetro dos jogos.

São nelas que os torcedores esperam os amigos, informam sobre o fluxo de torcedores que estão se encaminhando para o estádio, a mobilização nas estações de metrô ou pontos de ônibus, o trânsito, enfim, uma leitura do futebol do ponto de vista da mobilização pela cidade, o que garante aos cambistas uma especulação maior pela espera do cliente certo, “aquele que paga o que você pedir”, como me relatou um cambista assíduo freqüentador da “barraca do santista”, num determinado jogo.

Este mesmo cambista, mais um *habitué* da barraca, muitas vezes é advertido pelo próprio santista que pede a ele para que pare de beber pois prejudica seu “trabalho” na venda de ingressos. Mas são nos jogos do Corinthians, seu time de coração, que ele se permite a certos excessos. Muitas vezes a sua atividade econômica é minimizada ou trocada por uma longa conversa com os demais freqüentadores da barraca, que se engalfinham em discussões acaloradas. Ali confundem-se a figura do torcedor com a do vendedor ilegal de ingressos, tal como ocorre quando o próprio time do santista joga, empenhado em vender e discutir futebol com os contendores e, muitas vezes, adversários, porém seus clientes.

Este embate de reconhecimentos, senão consensual ao menos tolerado entre torcedores, cambistas, marreteiros, donos das barracas e policiais, que certamente não desconhecem, por exemplo, a venda ilegal de bebidas alcoólicas, faz parte de um futebol mobilizador de vários pequenos interesses e investimentos sobre o jogo, mas que integra, para muitos, a totalidade ritual que se atribui a uma partida, para além de sua imediata fruição dentro do estádio.

Quando alguma discussão ameaça acabar em brigas, ou quando isto de fato acontece, a presença do santista e de seu discurso apaziguador, aludindo ao caráter comunitário de sua barraca, são fundamentais para que os ânimos sejam serenados ou para que as brigas se dispersem. Espécie de mediador das emoções, mas certamente também preservando seu patrimônio e a sociabilidade entre grupos abertamente opostos que freqüentam sua barraca (torcedores *versus* cambistas; torcedores *versus*

torcedores; policiais *versus* torcedores), acaba cumprindo um papel desapaixonado de inibidor dos entreveros, que muitas vezes falta ao próprio policiamento, que investe de maneira intolerante contra os torcedores e demais atores que se agregam em torno das partidas.

Da parte dos grupos torcedores, a dinâmica da frequência, convívio e consumo do futebol, do ponto de vista da observação da “barraca do santista”, mas que certamente se reproduz nas outras, faz parte dessa mobilização mais ampliada em torno de um jogo. A cada partida estes estabelecimentos adquirem as particularidades da(s) torcida(s) da ocasião, que “revestem” as barracas com as cores, as cantorias e demais símbolos que conformam a *pessoa* ou os grupos torcedores, cuja permanência antes e depois nesses estabelecimentos integraliza uma experiência particular de fruição do futebol.

2.2 *sociabilidade cotidiana e o ethos “de bar”*

Todas estas contendas verbais, as vezes tomando os contornos e os excessos das contendas físicas, externadas em torno de um jogo, podem também ser observadas no plano da sociabilidade cotidiana numa discussão à mesa de bar quando o assunto é futebol, ainda que a sociabilidade neste caso esteja menos dramatizada, dado o distanciamento temporal e espacial do ritual, mas com todos os elementos presentes discutidos mais acima.

Se, ao cotidiano, faltam os níveis de tensão e emoção observados num ritual, recriados dentro do bar do Elias no jogo entre Palmeiras e River Plate naquela circunstância específica, ou com intensa frequência nas barracas ao redor dos estádios nos dias de jogos, no entanto sobra-lhe tempo para que os torcedores exponham seus argumentos e especulações sobre os acontecimentos que circunscrevem as partidas passadas ou futuras.

Circunstâncias que podem ser recriadas a partir dos espaços dos bares no fluxo do próprio cotidiano, a princípio mais refratário a este tipo de sociabilidade dramatizada pelas injunções do ritual “ao vivo”.

Embora não realize aqui uma extensa etnografia sobre bares e espaços afins, tema que ainda espera por uma análise classificatória mais ampliada do ponto de vista de uma antropologia urbana³⁴, é preciso salientar que esses espaços de vivência, nas

³⁴ . Torres (1996) analisa algumas formas de sociabilidade na cidade de São Paulo, especificamente o

suas variadas versões, que atendem às solicitações específicas no que concerne a uma estratificação sócio econômica, estilos e modos de vida diferenciados, constituem lugares que viabilizam o exercício da convivência mais continuada, permanente, especulativa e acirrada em torno do assunto futebol.

Ainda que o tema futebol seja propagado em outros espaços de convívio e interação social, pode ser conferido aos bares uma dinâmica singular, pois consistem em referências espaciais *sui generis* da relação simbiótica estabelecida entre a modalidade esportiva em questão e o cotidiano de milhares de indivíduos mobilizados pelas particularidades da sociabilidade descrita acima³⁵.

Sobretudo entre aqueles mais populares, mas não somente neles, não é raro observar certos elementos de uma cultura material urbana que os integram visualmente ao *ethos* esportivo dominante, incrementando a simbiose que parece existir entre estes espaços e a sociabilidade em torno do futebol.

A começar pela presença das televisões, geralmente destinadas à fruição dos torcedores freqüentadores, fundamental para reunir e mobilizá-los em torno do futebol e de seu consumo ampliado. Comumente estes aparelhos ficam suspensos em suportes nas paredes e “competindo” com outros elementos igualmente muito recorrentes nesses espaços, para além das prateleiras de bebidas, tais como imagens de santos ou entidades do catolicismo popular ou dos cultos afro-brasileiros, dispostas em pequenos oratórios destinados às devoções cotidianas, sobretudo dos donos dos estabelecimentos.

Mas são os adereços, pôsteres de times, souvenirs, copos estampados com distintivos, flâmulas, enfim, adornos dispersos por sobre balcões, geladeiras ou pregados nas paredes, que dão aos bares uma marca e característica inquestionáveis

bairro conhecido por Bexiga e a confluência entre as avenidas Rebouças e Paulista, observando a dinâmica da apropriação do tempo livre por variados grupos que, possuidores de determinadas demandas e estilos, imprimem às casas de shows, boates e bares usos e práticas sociais contrastivas. Magnani descreve, dentro de um contexto específico da sua análise, os bares populares da periferia, enumerando alguns de seus elementos simbólicos definidores: “*Os bares, por exemplo, são antes de mais nada lugares de encontro nos fins de semana ou após a jornada de trabalho, quando a sinuca, o dominó ou simplesmente o mé [segundo o autor em nota: ‘corruptela de mel, que significa cachaça’] ensejam longas discussões sobre a última partida de futebol na vila e o desempenho de cada jogador, propiciam a troca de informações sobre algum ‘trampo’(...)*” (MAGNANI, 1998:115). De outra parte, Da Matta (1999) reivindica um estudo mais aprofundado sobre a cachaça no Brasil. Talvez esta temática recoloque os bares populares num plano explicativo mais abrangente, consagrados em estudos mais pontuais ou residuais.

³⁵ . O filme *Boleiros*, dirigido pelo cineasta Ugo Giorgetti, desenvolve toda a argumentação e temas vividos pelas personagens (corrupção, as carreiras malogradas de jogadores, arbitragens etc) a partir de uma conversa à mesa de bar. O cenário do bar consistiu num espaço que viabilizou a prática do futebol falado e a sua construção enquanto discurso estruturador da trama.

no que se refere a filiação de seus donos, funcionários e freqüentadores aos clubes de futebol. Estas marcas distintivas, que demarcam visualmente o espaço, por si só já estimulam e emulam as contendas verbais em torno das preferências clubísticas.

Este padrão físico e estético presente nos bares e afins, e suas variabilidades possíveis, reitera-se de modo quase que ilimitado na paisagem urbana das cidades, sejam nas pequenas, médias ou metrópoles.

Os exemplos se multiplicam. Para aqueles que forem ao “bar Candreva”, estabelecimento situado no bairro Proença, na cidade de Campinas, logo perceberão que ali concentram-se preferencialmente determinados torcedores, é um “bar de pontepretanos”³⁶. Lá, pode-se adquirir os adesivos de uma “torcida desorganizada” chamada “Macacandreva”, vocábulo que mistura o nome do bar ao símbolo e codinome reconhecido pela torcida da Associação Atlética Ponte Preta, a “macaca”. Um assunto que a todos mobiliza e une o bar num comportamento pautado pelos excessos, e que contamina “amigos”, “chegados” ou “estranhos”, é invocar, ironizando, o inimigo maior, o Guarani Futebol Clube, na figura de seus torcedores, pejorativamente nominados por “galinhas”³⁷.

Outro exemplo, que expressa este *ethos sportivo* de modo enfático, como temática de sociabilidade entre os freqüentadores, é o estabelecimento denominado jocosamente pelo seu dono como “bar dos cornos”, situado no bairro do Jaguaré, região oeste da cidade de São Paulo³⁸. Ali respira-se futebol quase o tempo todo, dada a abundância de signos que aludem, conclamam e até mesmo constroem seus freqüentadores a se posicionarem sobre o tema.

Embora seja um bar cujos donos torcem para a Associação Portuguesa de Desportos, pode-se encontrar adereços de variados clubes da capital paulista, invariavelmente todos conjugados à imagem que empresta nome ao bar, ou seja, uma cabeça de touro (retirada do símbolo de um conhecido time de basquete americano, o Chicago Bulls).

³⁶ . A cidade de Campinas divide-se, basicamente, entre duas preferências, o que inscreve no cenário urbano de maneira muito clara estas marcas visuais pelos estabelecimentos comerciais. De um lado, os bugrinos, torcedores do Guarani Futebol Clube e, de outro, os pontepretanos, da Associação Atlética Ponte Preta.

³⁷ . Para uma análise dessas contendas verbais torcedoras pautadas por sistemas classificatórios que evocam uma lógica totêmica consultar Toledo (1996).

³⁸ . Este bar pode ser denominado como um “bar de bairro”, muito freqüentado sobretudo aos finais de semana, particularmente aos sábados, em que são transmitidas as partidas do campeonato em vigência, paulista, brasileiro ou outros. Observei-o ao longo de todo o segundo semestre de 1998.

Brinca-se que todos que o freqüentam são potencialmente “cornos torcedores”, uma alusão às relações de gêneros supostamente “instáveis” contrapostas às estabilidades da filiação aos times que, não raramente, também traem a confiança e fidelidade dos torcedores, espécie de equilíbrio simbólico entre duas paixões que igualmente estimulam os debates. Ainda, nesse mesmo bar pode-se encontrar um papagaio que canta e entoia gritos de guerra dos times, preferencialmente aludindo à Portuguesa. Exemplos de bares similares a este multiplicam-se na paisagem urbana.

As discussões sobre futebol e outros temas, bem como as práticas sociais correlatas que as suportam, parecem estar em consonância à temporalidade e espacialidade engendradas por estes estabelecimentos, presentes por toda a paisagem urbana.

Desde 1998 os poderes públicos vem tentando restringir a livre convivência e os usos que a população, sobretudo das camadas mais populares, fazem desses tipos de comércio. Os critérios que regulam o espaço urbano e as leis municipais que normatizam o funcionamento desses estabelecimentos têm sido questionados no que se refere aos usos quase que ilimitados que se fazem deles³⁹.

Atribuindo à expressiva presença destes a responsabilidade das várias mazelas urbanas, como, por exemplo, violências domésticas e o tráfico de drogas, na cidade de São Paulo há um movimento, inclusive com participação de setores da sociedade civil, em constranger e coibir os usos extensivos e de ampla vivência que se realizam nessas modalidades mais imediatas e/ou modestas de lazer cotidiano.

Coibindo os usuários, inibindo os estabelecimentos clandestinos, delimitando e fiscalizando horários, observando critérios técnicos de funcionamento, que incidem sobre os equipamentos adequados dentro de padrões de higiene e infraestrutura, enfim, há uma disposição em impingir uma série de entraves no intuito de intimidar a proliferação desses espaços.

³⁹ . No ano de 1999 tramitou e foi aprovado na câmara municipal da cidade de São Paulo um projeto de lei de autoria do vereador Joogi Hato (PMDB) que regulamentava os horários de abertura e fechamento dos bares. Tais estabelecimentos só poderiam funcionar até a 1h da manhã, mesmo aos finais de semana. Esta resolução causou grande polêmica pois um dos argumentos era de que assim diminuiria a violência urbana, sobretudo aquela praticada por motivos fúteis que, segundo pesquisas, é responsável por 48,3% dos homicídios na capital. A medida causou polêmica sob vários aspectos, pois muitos questionaram uma definição mais precisa da categoria “bar” ou, até mesmo, a eficácia do projeto no combate ao crime, uma vez que a maioria dos homicídios cometidos estão compreendidos entre os horários das 22h às 24h, segundo estudos realizados pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo e Secretaria da Segurança Pública do Estado (*Folha de S. Paulo*, 20;21;22;23;24/06/1999; 17/07/1999).

Alguns bairros na cidade, segundo estatísticas realizadas, chegam a possuir um bar para cada dez residências. O que freqüentemente leva as autoridades e os meios de comunicação a imputarem sobre eles, dado o consumo quase que sem constrangimentos de bebidas alcoólicas, as causas da violência nas periferias urbanas.

É o caso do Jardim Ângela, 240 mil habitantes, situado na zona sul da capital paulistana. Aí os bares figuram em terceira colocação no que se refere ao item *lugar de ocorrência de crimes*, detentores de 11,46% das ocorrências, superados pelos *locais de residência*, com 18,23%, ambos abaixo dos 69,27% de crimes cometidos nas *vias públicas* (OESP, 30/08/1998).

Uma outra característica peculiar que compõem o *ethos* “de bar” e que sustenta parte da sociabilidade verificada em inúmeros bares de caráter mais popular é a presença de jogos e passatempos definidos legalmente como sendo “de azar”.

Mesas de sinucas, bilhares ou mata-mata, diversos jogos de baralho, genericamente conhecidos pelo termo “carteado”, dominó ou simples palitos, ou mais recentemente a presença dos caça-níqueis eletrônicos, enfim, incrementam à vivência nos bares a dimensão do imponderável, identificada no sorte ou no azar.

Dimensão fortemente presente nos significados atribuídos ao próprio futebol, sobretudo da parte dos torcedores que “maculam e contaminam” o esporte através destas outras modalidades de divertimento e ganho menos sensibilizadas pela lógica competitiva e profissional, ou pela ética esportiva apregoada por muitos dos *especialistas* comprometidos com o futebol como forma de entretenimento e espetáculo.

Apostam-se, nesses lugares de encontro, nos resultados das partidas de futebol. Penhoram por dinheiro ou por espécie, mais precisamente por bebidas, a performance de seus times e jogadores. Solidariedades gratuitas engendradas à revelia dos sentidos da competição, que somente adquirem significados se compreendidas como operadoras da interação entre indivíduos e da formação de grupos, que se atiram nestes jogos especulativos.

Nesse sentido, o futebol está mais próximo dos jogos populares, o “jogo do bicho” é um exemplo, do que propriamente de outros esportes coletivos aparentados.

É Roberto Da Matta que analisa o futebol como um fenômeno que encerra algumas dimensões em conflito e relação, sobretudo para contextualizar o caso brasileiro, tais como o binômio sorte/azar, que o caracteriza como um jogo, por um lado, e modalidade esportiva, por outro (DA MATTA, 1982).

As duas dimensões estão presentes na sociedade brasileira como um *dilema* sociológico, observadas de maneira recorrente nas representações sobre o futebol. Ele aponta para uma distinção etimológica no que se refere aos usos das palavras *jogo* e *esporte* em sociedades como a brasileira, a inglesa e a americana.

No Brasil, ao contrário dos outros países citados, a palavra futebol nunca surge sozinha, mas é sempre precedida do qualificativo jogo. Ou seja, as dimensões da sorte e do azar, características enunciadas como elementos fundamentais do universo lúdico mas reprovadas de um ponto de vista normativo⁴⁰, estão imbricadas de modo acentuado à cultura brasileira, ao passo que em inglês, para jogos de azar, utilizam o termo *game*, diverso de *sport*, usado para definir as atividades físicas, predominantemente (DA MATTA, 1982).

Portanto, a espacialidade dos bares e seus equipamentos disponíveis, suporte material da existência deste entrelaçamento entre as esferas esportiva e lúdica, atestam o livre trânsito que estas duas ordens simbólicas possuem no domínio da performance torcedora. Até mais do que propriamente no ensejo ritual das partidas, joga-se com a sorte neste futebol falado e conjectural, tal como nos dados, nas “pedras” de dominó, nos palitos, no “carteado” ou no “jogo do bicho”.

Talvez estas adesões e fidelidade sociais aos bares se devam justamente aos modos como foram concebidos e historicamente vivenciados, mais refratários aos constrangimentos temporais, espaciais ou econômicos a que outros equipamentos de lazer se submeteram, exigências ou mesmo imposições de determinados processos sociais que dizem respeito a especulação urbana, a racionalização dos usos dos espaços coletivos, as ingerências e interesses de uma indústria do entretenimento.

Locais de trabalho (indústrias, firmas, estabelecimentos comerciais etc) e bares não raramente estão numa dupla relação de contigüidade no espaço urbano. Tanto no que diz respeito à disposição arquitetônica desses espaços, quanto em relação a uma contigüidade de natureza mais simbólica, naquilo que define padrões de convivência recorrentes nos grandes centros urbanos no Brasil.

Em São Paulo, obviamente não somente aí, notam-se que tais contigüidades são verificadas por toda a cidade, da periferia ao centro, da sociabilidade entre operários da construção civil, que se aglomeram nos bares populares, muitas vezes improvisados no meio fio nos entornos dos canteiros de obras após mais um dia de

⁴⁰ . A questão da legalização dos Bingos está vinculada à reestruturação das leis sobre os esportes no

trabalho, aos *happy hours* de diversas categorias profissionais, ocupadas pelas camadas médias, ao longo dos estabelecimentos dispostos numa avenida como a Paulista, por exemplo.

Aliás, como se sabe, para além de espaço de encontro e sociabilidade cotidiano, a avenida Paulista, reconhecida como um marco espacial e simbólico “do trabalho”, mas também do “lazer paulistano”, guarda uma relação estreita com os clubes e as torcidas de futebol. É ali, mais precisamente defronte ao prédio da Fundação Cásper Líbero, que são comemoradas as conquistas e títulos por palmeirenses, corintianos, são-paulinos e santistas a cada campeonato⁴¹.

Num outro logradouro, por exemplo a rua São Bento, localizada no denominado centro velho⁴² da capital paulista, concentram-se bares que, ao final dos expedientes, são ocupados predominantemente por bancários que trabalham nas imediações. Imediações que poderiam ser melhor definidas pela categoria *mancha*, uma vez que a grande concentração de instituições privadas vinculadas ao sistema financeiro (bancos, bolsas e financiadoras) confere um contorno simbólico específico a esta região⁴³, comumente denominada de região dos bancos.

Por conseqüência, agregam-se ali os “bares dos bancários”, pois revestem-se da dinâmica imposta por estas categorias profissionais. Estabelecimentos nomeados pelos estilos de vida dos grupos sociais que os freqüentam multiplicam-se pela cidade, ainda mais reconhecíveis quando fazem parte dessas configurações espaciais mais específicas e estáveis conceituadas por *manchas*⁴⁴.

Já no contexto dos bairros, que circunscrevem uma infinidade de espaços definidos mais apropriadamente pela categoria *pedaço*, observam-se padrões diferenciados, uma vez que trabalhadores de diversas categorias profissionais afluem para os bares, viabilizando a transição cotidiana entre o mundo da rua e da casa a partir de uma sociabilidade engendrada por níveis de afinidades e estilos de vida variados, que conferem grande significado para estes espaços que são caracterizados

Brasil.

⁴¹ . Para uma sucinta história deste ciclo de comemorações futebolísticas e os significados sociais atribuídos aos usos e apropriações populares deste importante espaço urbano ver Frúgoli Jr (1998).

⁴² . Frúgoli Jr aborda a questão do dinamismo da migração da centralidade da cidade de São Paulo em *O Centro, a Avenida Paulista e a Avenida Luiz Carlos Berrini na perspectiva de suas associações: centralidade urbana e exclusão social*.

⁴³ . Para a verificação da categoria *mancha* consultar Magnani em Magnani & Torres (1996).

⁴⁴ . O entorno circunscrito pelas avenidas Rebouças, rua Teodoro Sampaio e Av. Dr Arnaldo é caracterizado como sendo uma “mancha da saúde”, dado o número de hospitais e clínicas ali estabelecidas. No dia a dia os restaurantes e bares dessa *mancha* são ocupados predominantemente por

não por determinados estilos preponderantes de seus usuários, mas por laços de pertença ao *pedaço*, trabalhadores locais e vizinhança, predominantemente. Tal como aponta uma pesquisa sobre bares populares⁴⁵.

No geral, no plano do cotidiano, a gama variada de estabelecimentos circunscritos pela designação de bares estão num interstício social entre as esferas do trabalho e do não-trabalho. Se, por um lado, não constituem somente em apêndices das relações engendradas pelo capital, pois não se prestam exclusivamente a reproduzir o *locus* da mera reposição da força de trabalho, por outro lado sequer totalizam toda a experiência da esfera do tempo livre.

Fortemente marcados pelo ritmo da cotidianidade, tratam-se de espaços intermediários que se supõe, ou estão “contaminados”, por ambas as esferas, do trabalho e do lazer. E que no plano das representações são concebidos como lugares em que a vivência e o desfrute se dá na forma de uma “higiene mental”, tal como definiram muitos de seus usuários, e não exatamente como uma atividade “de lazer” (PADILHA *et alli*, 1988).

A expressão “higiene mental”, uma categoria nativa portanto, contrapõe-se às representações mais genéricas sobre “lazer”, categoria sustentada por outras propriedades definidoras tais como atividade fora do tempo e do espaço doméstico e do trabalho, preferencialmente realizada aos finais de semana, entre familiares, parentela ou amigos e que contempla, muitas vezes somente num plano idealizado, portanto, outros lugares como parques, lanchonetes e “barzinhos” da moda, cinemas, festas etc.

A idéia da “higiene”, portanto, é reveladora, uma vez que no contexto dos “botecos”, limpa-se das imposições e constrangimentos do trabalho, de sua temporalidade e espacialidade expressivas sem, contudo, suprimi-las, uma vez que a proximidade à esfera cotidiana permeia e regula as formas de sociabilidade aí verificadas.

Cotidianidade que sustenta uma insuspeita homologia estabelecida entre estes mediadores simbólicos expressivos: nesta modalidade particular de desfrute do tempo do não-trabalho, engendrada e definida na categoria nativa “higiene mental”, no

trabalhadores da saúde, como pode-se constatar.

⁴⁵ . Segundo um estudo de caso realizado num bar popular no bairro do Butantã, avenida Vital Brasil, zona oeste da cidade de São Paulo, inúmeros grupos de trabalhadores estabelecem entre o mundo do trabalho e o universo da casa uma ritualização de passagem a partir da vivência cotidiana nestes bares, locais em que se consagra uma espécie de transição entre o público e o privado. Padilha *et alli* (1988).

futebol, como um elemento gerador dos discursos dentro desta temporalidade intersticial entre o trabalho e o não-trabalho, e nos bares, como *locus* espacial que sustenta materialmente esta interação social, que anima as reflexões dentro desses verdadeiros fóruns populares onde se “teorizam” sobre diversos assuntos.

Menos dispendiosos do ponto de vista de sua manutenção e administração que outros equipamentos, algumas modalidades de bares seguem multiplicando-se e conformando-se às outras formas de entretenimento surgidas no meio urbano.

Por fim, os bares, a despeito das variações dentro da paisagem urbana, estereotipados ou reconhecidos como “de periferia”, “de favelas”, “de ricos” ou “de pobres”, “de palmeirenses” ou “de corintianos”, “de bancários” etc, constituem *lugares* densamente significados, nos termos em que Marc Augé estabelece a distinção entre espaço e lugar⁴⁶, e de relevante alcance simbólico para se compreender o futebol falado e discutido no Brasil.

2.3 lógica do sensível

Porém, o futebol como assunto não transita exclusivamente entre esses espaços de pertencimento e domínio do exercício da sociabilidade entre trabalhadores ou categorias profissionais na esfera do não-trabalho, predominantemente masculina⁴⁷. Faz-se presente também em outros contextos e situações sociais que, *a priori*, não estariam estimulados a veicular através do futebol determinados temas ou práticas de convívio.

Os relatos que seguem, frutos de uma etnografia realizada no fluxo do cotidiano do próprio pesquisador, revelam e iluminam as considerações tecidas até aqui e que dizem respeito a centralidade com que esta estrutura ou *ethos* “de bar” toma como um operador simbólico capaz de viabilizar-se em outros espaços de interação social, denunciando a sociabilidade singular estabelecida em torno do assunto futebol.

⁴⁶ . “Lugar antropológico” tal qual define Michel de Certeau citado por Augé. Ou seja, a atribuição de vivência aos lugares previamente definidos pelas geometrias das cidades. São os “passantes” que transformam os lugares em “espaços” ou lugares antropológicos (CERTEAU apud AUGÉ, 1994:75).

⁴⁷ . Outras definições de bares, no que concerne aos denominados de populares, são encontradas na literatura acadêmica, definindo-os como espaços predominantemente masculinizados: “*Os homens formam pequenos grupos. Fumam, bebem e conversam com os outros sobre os assuntos pertinentes aos vários domínios do seu mundo. Futebol, mulheres, jogos, política, eventos do cotidiano masculino, constituem os assuntos permanentes, verdadeira ordem do dia da conversa de botequim*” (SANTOS & VOGEL, 1981:41).

Certa feita, acompanhando um amigo que fora discutir sua dissertação de mestrado com o reconhecido intelectual Décio de Almeida Prado, crítico teatral, autor, inclusive, de alguns ensaios sobre futebol⁴⁸, pôde-se constatar, mais uma vez, a força com que o futebol como pauta mobiliza as interações sociais.

A conversa, em princípio travada entre “estranhos”, denunciava uma etiqueta ou *ethos* acadêmico por onde, de maneira pausada e marcada, todos iam expondo seus argumentos, visivelmente pontuados por um encadeamento dos fatos que aludiam à uma lógica histórica, dada a natureza do assunto em discussão.

O esforço do diálogo se dava em nome de uma clareza conceitual, que marcava o tempo e a disponibilidade de cada um para as intervenções. Tratava-se, pois, de discutir teses, idéias e problemáticas concernentes ao campo científico. Mas, à medida em que o futebol, fortuitamente, ia sendo introduzido ao debate, este tomou os contornos de uma contenda “de bar”.

A cada reconstituição de sua trajetória como acadêmico, que coincidia, de certo modo, com a própria história da intelectualidade que se formava na capital paulistana e em grande parte com a introdução do futebol na cidade, Décio evocava jogadores e jogadas, estádios e torcedores, tais como seu irmão, companheiro de inúmeras jornadas esportivas pelos estádios paulistanos.

Friedenreich lhe trazia uma lembrança ainda de menino, que buscava resgatar. Já o estádio do Pacaembu revelava uma mocidade pontuada pelo esporte, em contraposição a sociabilidade estimulada pelas contendas acadêmicas entre os amigos intelectuais que mal entendiam sua inclinação pelo jogo. O Pacaembu lhe trazia ainda a memória das seqüências dos jogos vividos, narrados com vivacidade e forte apelo emotivo, mas também persuasivo para quem, ali em sua residência, o escutava⁴⁹.

Situação que, reiterando observações anteriores, estimulou a todos os presentes a começarem lançar mão de seus arsenais e estoques individuais de jogos, ou melhor, pedaços de jogos, sedimentados na memória e numa história fragmentada e contada de modo mais impressionista, reelaborando uma narrativa que a tudo incluía, onde as categorias tempo e espaço iam sendo embaralhadas em meio às lembranças e argumentos.

⁴⁸ . Particularmente no volume *Seres, coisas, lugares – do teatro ao futebol*.

⁴⁹ . Mas também para quem o lê: “o futebol, arte do efêmero, não prescinde das palavras fixadas no papel, que, sem conter as imagens, evocam as sensações despertadas por elas no momento mágico da execução” (ALMEIDA PRADO, 1997:11).

Cada qual, a partir de sua posição de torcedor, impingia à conversa uma leitura particular sobre os eventos, dinamizando os distanciamentos e aproximações de uma peculiar forma de sociabilidade às discussões sobre futebol, como já foi analisado.

De Leônidas a Raí, passando por Ademir Da Guia, voltando a Fried ou a um determinado lance inusitado, visto ou ouvido falar, a conversa fluiu sem quaisquer constrangimentos cronológicos. De domínio público, os fatos, jogadas e jogadores transformados em sagas e seres mitificados percorreram a conversa durante um bom tempo⁵⁰.

A atualização do futebol como assunto reiterativo obviamente vem da capacidade que este esporte tem em conformar-se aos fatos cotidianos. Como um conetivo simbólico presta-se a mediar inúmeros outros assuntos, para não falar de sua óbvia aproximação, pelas figuras de linguagem, à fala cotidiana, abundantemente permeada por frases e palavras que aproximam estilisticamente o jogo às situações da vida⁵¹.

Ao que tudo indica, como tema que transborda para o cotidiano seus acontecimentos, mas acima de tudo suas versões, significando outros temas da vida social, o futebol apresenta-se como um mecanismo simbólico poderoso e articulador de um extenso repertório de fatos. Muitas vezes sua eficácia reside nesta função de conetivo e na maneira como vincula certos acontecimentos da vida, como parece ocorrer em várias situações, desde aquelas mais efêmeras e circunstanciais em que é evocado como pretexto para se falar de outra coisa.

No dia 16 de dezembro de 1997 foi presenciada, no período da manhã, num consultório médico, uma dessas discussões corriqueiras sobre a situação política e social do país. Nada mais banal do que este ambiente constrangedor que, compulsoriamente, confina e impele, por alguns momentos, “estranhos” ao convívio social.

Se não fosse pela mobilização e acirramento dos ânimos que um determinado diálogo em torno do futebol suscitou, mobilizando a todos na ante sala, da secretária aos pacientes, passando pelo pesquisador que estava lá acompanhando um parente,

⁵⁰ . Agradeço ao amigo e sociólogo Luiz Carlos Jackson pela oportunidade do encontro inusitado sobre futebol com o torcedor Décio de Almeida Prado.

⁵¹ . Um dos primeiros trabalhos que elaborou um inventário de palavras cujos significados estão na confluência entre o futebol e outros fatos sociais foi *Futebol, fenômeno linguístico*, citado.

poderia até afirmar que, de fato, presenciava-se uma interação social típica dentro de um espaço que alguns nomeiam como um não-lugar⁵².

O fato era que tamanha celeuma não vinha tanto das descrições impressionistas sobre as mazelas do país, lamentadas numa fala e gestualidades consensuais entre os presentes no consultório, mas justamente em torno de um assunto menor que fora o estopim de tais considerações sobre os fatos da vida social brasileira.

Dois dias antes haviam jogado, pela Libertadores da América, a Sociedade Esportiva Palmeiras e o Vasco da Gama e a secretária, talvez utilizando-se do diálogo como técnica profissional para amenizar o clima constrangedor que situações formais como esta acarretam, virou-se para uma paciente perguntando para quem ela havia torcido. Sem esperar resposta precisa, pois a interpelação era somente um artifício para aproximar “estranhos”, ela própria antecipara o seu palpite afirmando que torcera para o clube carioca. O que surpreendeu um outro paciente à sua frente que retrucou que naquele momento deveríamos todos, supostamente identificados como paulistas, torcer para o time local, apesar de externar sua preferência ao Corinthians. Novamente a secretária interveio afirmando que também era corintiana e que estes não deveriam torcer para palmeirenses.

Um outro indivíduo, representante de um determinado laboratório, que estava ali provavelmente à espera do médico para realizar alguma transação comercial, não se esquivou do debate e se dirigiu ao antropólogo retrucando que futebol era assunto que alienava o povo e que estava achando aquela discussão absurda.

Do Vasco para o Palmeiras, das qualidades morais de paulistas e cariocas, a conversa enredou-se por outros caminhos. O caráter de um conhecido jogador do Vasco, Edmundo, era colocado sob suspeita. “Jogador que perde a cabeça” e que não deveria figurar a seleção, à época sendo formada para a Copa que se avizinhava.

À falta de caráter de Edmundo, sobretudo na ótica daqueles que enalteciam uma imprecisa “ética paulista”, uma vez que no Rio ele é, de fato, um ídolo, passava-se à falta de caráter do Congresso Nacional, ou mais precisamente dos políticos, tomados na sua generalidade. Do Congresso à performance administrativa de Fernando Henrique Cardoso, presidente da república, que não estancava o atual

⁵² . Por *não-lugar* o autor define aqueles espaços destituídos de caráter identitário, relacional ou histórico. Em contraposição a *lugar antropológico* que, ao contrário, incorpora ao menos uma dessas determinações (AUGÉ, 1994).

(1998) desemprego, voltava-se, por fim, destacar “a falta de garra dos jogadores de hoje em dia”, enfatizada novamente pela secretária. Os temas fecharam-se num ciclo.

Um ciclo heteróclito no entanto, cujos temas (jogador-congresso-presidente-desemprego-jogador) articulados, interligados e estimulados sob o ritmo da contenda esportiva alinhavava uma conversa que percorria um sentido recorrente neste tipo de sociabilidade cotidiana, que nomeia e associa os assuntos do particular para o geral. Ali, o particular, encarnado no assunto futebol, atravessava o debate como um conetivo simbólico totalizador da vida pública brasileira, expondo “nossos defeitos” numa linguagem comum compreendida por todos.

Tal lógica associativa, à moda de um *bricolage*, pôde ser ainda observada numa outra situação bastante ocasional, em 09 de março de 1999, ao ser interpelado por um trabalhador da construção civil, seu Jorge, indignado com os gestos de Dodô, atacante à época atuando no São Paulo Futebol Clube que, cansado de ser vaiado pela torcida num jogo em que o time perdia por 2x1 para o time do Guarani Futebol Clube, ao fazer o gol de empate saiu em comemoração distribuindo “bananas” para a própria torcida.

O caso rendeu ao jogador uma pesada multa da parte da diretoria, cerca de 40% do salário mensal, e uma situação irreversível pouco confortável dentro do elenco de jogadores. Meses depois transferia-se para o time do Santos, após ter se indisposto com o técnico, dirigentes e torcedores⁵³.

O fato ocorrera num sábado, dia 6 de março, mas o assunto arrastou-se pela imprensa durante toda a semana, fomentando as discussões e instigando “seu” Jorge a criticar, estimulado pelos acontecimentos em torno dos gestos do jogador, as personalidades públicas em geral, particularmente muitos políticos que, segundo sua ótica, faziam o mesmo com o povo: “*eles dependem da gente e na hora que precisamos deles fazem isso, dão bananas para a gente*”.

Novamente um acontecimento aparentemente isolado e pueril, circunscrito à uma partida de futebol, estimulava uma reflexão sobre certos fatos nacionais que diziam respeito à sensibilidade popular em relação às representações políticas no país.

⁵³ . “Torcedor não entende nada de futebol (...) eles só servem para ir ao estádio gritar gol e vaiar”, desabafava o jogador meses antes do acontecido, após ser vaiado num outro jogo. Nesta ocasião, Dodô fora agredido por um torcedor nos vestiários, supostamente integrante da Torcida Organizada Tricolor Independente. Apesar da vitória do São Paulo por três a zero ante o Paraná, criticavam sua performance. (*Folha de S. Paulo*, 10/10/1998).

“Seu” Jorge, tal qual a jornalista Marilene Felinto citada mais acima, não gosta de futebol, sequer acompanha espontaneamente jogos dos clubes ou mesmo da seleção brasileira mas, como tantos outros, lançou mão naquele momento de um instrumental conceitual, estético e mesmo moral de domínio público, de senso comum, para comparar e aproximar níveis de realidades certamente contíguos.

Estes exemplos pontuais, mas certamente multiplicados no cotidiano de muitos, certamente no de milhares de indivíduos, revelam as peculiaridades desse gênero cultural que é o universo expressivo de senso comum engendrado pela sociedade brasileira a partir do futebol, se tomado como um conetivo simbólico de inúmeras circunstâncias e interações sociais.

3. torcer e *enxergar* o jogo

E gritávamos caótica e freneticamente: 'Putá que o pariu, Rio de Janeiro é a vergonha do Brasil'. A torcida carioca calou-se, como se ali não estivesse. Depois os meninos do Fluminense foram acordando e dançando funk, break, puro subúrbio carioca. O futebol, visto do campo, é caótico; os olhos não se organizam, olham para todos os lados; é êxtase. Sai-se do campo sem saber ao certo as jogadas que ocorreram. Nossa obtusidade, no entanto, requer urgente organização daquilo que literalmente vivemos; mas requer, também, que voltemos ao próximo jogo. Nunca sabemos ao certo aquilo que ocorreu no jogo. Palmeiras 1, Fluminense zero. Cantamos, todos, o hino alviverde. Ainda que diferentemente de outras vezes, saí do estádio com a sensação de ali não ter estado (crônica do torcedor palmeirense Eduardo Morandini, documento manuscrito, agosto de 1994).

3.1 de olho no lance⁵⁴

O dito popular, *futebol não tem lógica*, evocado nas mais variadas situações cotidianas, revela um insuspeito desconforto, de um ponto de vista partilhado por muitos *profissionais* e *especialistas*, naquilo que concerne às expectativas criadas em torno dos resultados esperados em futebol, ainda mais naquele jogado profissionalmente. E que diz respeito, mais diretamente, às impossibilidades de se prever, em termos probabilísticos, o desfecho das partidas.

É interessante observar como, tanto no discurso dos jogadores e comissão técnica quanto no próprio texto jornalístico, a mensuração, de um lado, que denota uma certeza numérica e uma lógica quanto ao resultado, e a imponderabilidade, de outro, aparecem como dimensões opostas porém complementares, possibilidades dadas antes de qualquer partida. Se as estatísticas revelam um evidente favoritismo de um time ante um outro, todavia é preciso acautelar-se quanto ao desenrolar efetivo dos desempenhos de ambos.

Mesmo assim, de modo geral, os prognósticos realizados pelos cronistas, bem como as explicações posteriores aos jogos, situam os variados termos e temas, tais como vitória e derrota, numa relação predominantemente mais ecoestatutária.

Ou seja, tanto uma quanto a outra são vislumbradas como se fossem possibilidades lógicas dadas ou *a priori* nos comentários que antecedem cada partida,

⁵⁴ . Bordão do locutor esportivo e ex-árbitro de futebol Sílvio Luis, *especialista* que trabalhou em vários veículos de comunicação, tais como as TVs Record e Bandeirantes.

seja no rádio, televisão e imprensa escrita, ou nas observações ao longo do encadeamento das situações de jogo, explicitadas passo a passo pelos comentaristas e analistas nas interrupções das narrações esportivas. Procedimento homólogo às interrupções observadas nos treinos, onde os técnicos fracionam e interrompem os jogos coletivos com repetidas jogadas ensaiadas, posicionamentos, comentários e etc.

No caso das transmissões televisivas cada vez mais é freqüente o uso de imagens simuladas por computadores para elucidar os caminhos lógicos desta ou daquela possibilidade de jogada, a alternativa razoável feita pelo jogador ou aquela a qual ele deveria, necessariamente, ter optado por realizar⁵⁵.

Mas, como salvaguarda do discurso normativo, lançam mão, ao mesmo tempo, de uma estratégia estritamente emocional e valorativa, do domínio corrente da fala torcedora, ao atribuírem muitas vezes à sorte ou ao azar, aos infortúnios e acasos da partida uma dada circunstância por eles não prevista. É corrente escutar do narrador ou comentarista frases como *queimei o sujeito* (o jogador) ou sua variante *queimei a língua* todas as vezes em que a jogada excepcional ou um lance inusitado não pôde ser antecipado pelo seu comentário.

Existe aqui, de certo modo, uma tensão entre um *modelo estatístico*, dado por um princípio de irreversibilidade apresentado pelas contingências do esporte, “misturando” continuamente os jogadores e jogadas pelas duas metades do campo e outro, digamos, mais *mecânico*⁵⁶, dado pela prescrição das regras, que constroem a livre interação anárquica destes jogadores, pelas simetrias enunciadas nas *formas* de jogar (4-4-2; 4-5-1 e etc.) e pela tendência mais imutável, reversível de um certo ponto de vista, dos torcedores, que mantém discreta a situação inicial de envolvimento com o jogo, dada pela preferência em relação aos times e a esperança na vitória.

Em princípio, o modelo mecânico, que se transforma em um “modelo com preferências” (ALMEIDA, 1999:182), pode estar mais comprometido com o imaginário torcedor e o modo como este externa sua emoção pelo futebol, pautado

⁵⁵ . É o caso do uso do *tira-teima*, utilizado pela Rede Globo ou da *câmera-band* da rede de televisão Bandeirantes. Tais recursos monitorados por computação gráfica simulam jogadas, confirmam possíveis erros dos juizes, elucidam situações, enfim, conferem um alto grau de virtualidade às partidas.

⁵⁶ . Esta discussão sobre “modelos mecânicos” e “modelos estatísticos” percorre as formulações metafóricas de Lévi-Strauss relativas às diferenciações estabelecidas entre sociedades “simples” e “complexas”, nas dimensões da linguagem, do parentesco e dos mitos. Uma análise interessante dos usos desses modelos dentro do programa estruturalista lévi-straussiano, que conjuga “sensibilidade e razão”, “*desrespeitando a moderna separação entre ‘ciências do espírito’ e ‘ciências da natureza’*” (p.163), pode ser consultada em Almeida (1999).

pela lógica da reversibilidade das situações discretas do ganhar ou perder. Espera-se sempre a vitória, muitas vezes não importando se o time jogou bem, se dentro dos parâmetros quantificáveis e esportivos, se pautada pelo acaso ou pela “ajuda” do juiz. Mas, se advir a derrota, transfere-se imediatamente toda a vitória para a outra coletividade de torcedores contrários. Trata-se, pois, de uma reversibilidade mecânica na apreensão dos significados dos resultados do jogo, que diz respeito ao domínio genérico torcedor, operando no contínuo binário perder-ganhar.

Tal princípio tende a matizar a dimensão puramente esportiva do futebol e todo o corolário de escores, estatísticas, números que, *a priori*, o suporta. Pois, para a sua plena realização enquanto jogo, que a muitos mobiliza, faz-se necessário impor certos princípios de reversibilidade, mecânicos, discretos, “mais culturais”, para que adquira a dimensão simbólica que o sustenta como esporte nacional, em muitos países.

Já o modelo estatístico tendencialmente prefigura a performance dos *especialistas*, pois está mais comprometido com o encadeamento de fatos que sustentam uma lógica mais entrópica das situações de jogo, por eles explicadas e teorizadas para o conjunto dos *torcedores* no intuito de diminuir a “anarquia” estabelecida na interação constante entre os jogadores. Em teoria, para estes *especialistas*, não importa a conjuntura valorativa de quem perde ou ganha, como no caso dos *torcedores*, que obviamente hierarquizam estas duas condições. Aos *especialistas* cabem instaurar uma inteligibilidade, impor uma probabilidade aos estados improváveis das situações de jogo traduzidos em situações prováveis.

Mas um outro princípio opera ainda na conduta torcedora, que extravasa este plano mais binário enunciado no modelo mecânico. A fala torcedora tende a ser mais hierarquizada, pois a afinidade estabelecida com os clubes, times, selecionado ou jogadores é pautada por uma certa pessoalização destes, ou seja, cada clube inscreve no imaginário torcedor a sua marca, de aproximação, simpatia, adesão ou hostilidade, indiferença e esquiva.

Esta hierarquização, entretanto, é mais complexa do que aparenta, e recusa uma explicação, digamos, somente polarizada, expressa na relação horizontalizada mais evidente entre o time de preferência *versus* os times contrários. Torcedores hostilizam-se diferenciadamente numa escala de rivalidade hierárquica.

Comparativamente, corintianos tolerariam até perder para a Portuguesa de Desportos ou Santos Futebol Clube, mas não aceitariam um resultado adverso ante a

arquiinimiga Sociedade Esportiva Palmeiras⁵⁷. Embora a vitória seja sempre “mecanicamente” esperada, em muitas situações é mais emocionante ganhar de determinados adversários que de outros, situação diversa do discurso *especialista*, que invariavelmente afirma, antes de qualquer partida, esperar que os times *proporcionem um bom espetáculo*.

Estas rivalidades hierarquizadas são consolidadas nas biografias de cada torcedor a partir da dinâmica da *sociabilidade por distanciamento* estabelecida entre os aficionados contrários. Vicente, um torcedor do Santos Futebol Clube, trabalhador do setor gráfico, afirma detestar o Palmeiras porque numa determinada época “*ajuntou uma porção de palmeirenses chatos*” na sua vida, amigos, companheiros de trabalho e familiares, exaltados com a performance bem sucedida do alvi-verde. Depois do Palmeiras, os times com os quais estabelece uma relação de rivalidade são o Corinthians e a Portuguesa.

Outro torcedor, Sérgio, corintiano, médico ortopedista, residente na cidade de Campinas, estabelece sua escala de rivalidade colocando o Guarani Futebol Clube, time da cidade, como o mais detestável, seguido pelo Palmeiras, Portuguesa, São Paulo, e uma indiferença em relação a muitos outros. Um corintiano da capital, de modo geral, veria no Palmeiras o seu maior oponente.

Um conjunto intrincado de determinações estabelecem estes gradientes de hostilidade, consolidados ou a partir das animosidades estabelecidas historicamente entre clubes, muitas vezes alimentadas pela própria imprensa, ou advinda da interação permanente tecida pela convivência entre torcedores contrários no dia a dia, ou ainda, como no caso do torcedor corintiano citado, alimentada por rivalidades locais, lembrando que a cidade de Campinas é dividida na preferência por dois clubes, Ponte Preta e Guarani, tal como ocorre na capital, que apresenta a maior rivalidade entre um alvi-negro, Corinthians, e outro verde e branco, Palmeiras.

Sabe-se, muitas vezes, por parte do torcedor, da inferioridade técnica de seu time ante um adversário qualquer, todavia aquelas circunstâncias alheias às

⁵⁷ . Depois da consolidação da parceria *Parmalat-Sociedade Esportiva Palmeiras* a partir de 1992, inúmeros outros torcedores, atentos à lógica que preside este sistema de rivalidades, recusam-se a consumir produtos da referida multinacional, alegando que estariam ajudando o inimigo a prosperar. Este aparente fanatismo não é totalmente desprovido de sentido, haja vista que após 16 anos sem conquistar um título o Palmeiras triunfou, logo no segundo ano de co-gestão com a multinacional italiana. O que trouxe dissabores aos torcedores adversários. Num momento posterior (2000), o Sport Club Corinthians Paulista fecha contrato com a multinacional Pepsi. Nas embalagens comemorativas alusivas ao acordo comercial pôde-se ler: “*a Pepsi é dos corintianos*”, em consonância à lógica

mensurações, que cedem lugar à arte, à criatividade, mobilizam sistemas de crenças, convicções, afinidades e compatibilidades menos sujeitas às variações de ordem estatística, mecânicas portanto, que fazem com que a dimensão da emoção englobe o aspecto competitivo da disputa, denunciando com isso um sentido profundo de um esporte como um jogo e do jogo como um esporte.

E ele torce por seu time, no estádio, em casa ou nos bares, pela TV ou rádio, independentemente de sua performance, desempenho ou resultado. Há aqui uma hierarquização mais explícita no comportamento torcedor dada pelas preferências individuais e coletivas por times, agremiações, seleções ou por jogadores e até jogadas⁵⁸.

Mas, afinal, o que os *torcedores* vêm numa partida de futebol e qual leitura popular que se poderia depreender dessas álgebras culturais ou arranjos numéricos das *formas* de jogo, que tanto mobilizam o *metiér* dos outros atores, sejam nos treinamentos e nos jogos, nas reflexões e especulações veiculadas nos programas esportivos ou jornais, que suportam a dinâmica entre *especialistas, profissionais e torcedores*?

Como, da posição torcedora, sensibilizada pela performance desses outros atores, é possível *enxergar* um jogo, nos estádios presenciando as partidas, em casa assistindo as mesas redondas e aos programas esportivos ou nos bares, onde a fala mais volátil do cotidiano também reveste-se do discurso sobre o futebol? Uma leitura torcedora dos esquemas táticos e *formas* de jogo ilumina estas indagações retomando algumas das reflexões já realizadas ao longo desse trabalho.

Muitos creditam às imponderabilidades as razões da enorme popularidade do futebol, dada a ampliação das expectativas e tensão geradas por conta das incertezas que, sem dúvida, corroboram no sentido de catalisar e animar emulações generalizadas, fruições estéticas e sensoriais, manifestações simbólicas comumente comprometidas com a dimensão propriamente mais lúdica da competição esportiva.

aludida.

⁵⁸ . Ao mesmo tempo, aqueles torcedores mais atentos aos desempenhos de seus clubes não hesitam em lançar mão dos expedientes estatísticos para justificarem os malogros de seus times. É muito comum os aficionados, após a derrota dos times num campeonato, aceitarem que perderam, mas que foram os melhores em arrecadação ou média de público, *fair-play*, ou que tiveram o artilheiro do certame e etc. Desse modo, apelando para os números, um expediente mais lógico, estes torcedores tentam se safar, ante os fracassos de seus clubes, nas conversas com os rivais vencedores ou campeões.

Aliás, o termo lúdico, utilizado pela literatura acadêmica para designar o fator mais importante na definição de jogo⁵⁹, é praticamente ausente do vocabulário torcedor, que se utiliza de palavras como emoção, alegria, festa, brincadeira, guerra, confronto, entre outras, para adjetivar um evento esportivo.

O vocábulo que mais se aproxima de lúdico na fala comum é o seu derivado ludibriar, no sentido de enganar, termo de uso corriqueiro pronunciado no Brasil como sinônimo de drible, finta ou jogada inesperada, que desencadeia grande êxtase e emoção.

O próprio vocábulo drible⁶⁰, cujo sinônimo também é enganar, freqüentemente é tomado na fala popular por dibre, cuja sonoridade lembra diabrete, diabrite no linguajar comum do povo⁶¹, que igualmente evoca um comportamento fora do normal, excepcional, da ordem do imprevisto e inusitado, embora entre drible e diabrete não se observe proximidade etimológica.

Há aqui, ao que parece, um investimento riquíssimo em palavras que suscitam um maior rendimento analítico, do ponto de vista etnográfico, se comparadas ao uso sintético do termo lúdico, que oculta todos estes, e muitos outros ainda, matizes da linguagem articulada à sociabilidade em torno do futebol.

Estes termos adquirem significados ainda mais dinâmicos quando utilizados na composição de expressões populares, tais como *ir driblando a vida*, ou suas assemelhadas *bola pra frente que atrás vem gente, siga e vá tocando de primeira*, ou ainda *não chute isso pro alto*, entre outras.

Proferidas comumente em situações cotidianas embaraçosas e incontroláveis, relacionadas ou aos problemas mais estruturais do país, desemprego, baixos salários, ou a dramas e entreveros individuais, os usos de tais expressões presumem a adoção de estratégias originais, esperançosas e criativas, na resolução ou contorno das dificuldades.

Conferindo aos *torcedores*, ao nível da lógica simbólica, um instrumental conceitual concreto, exemplificado nas situações descritas no tópico anterior,

⁵⁹ . Discutido no item *uma contenda acadêmica*, na Introdução.

⁶⁰ . Outros termos expressam o drible como, por exemplo, *salame*, muito utilizado por torcedores em décadas passadas (*A Gazeta Esportiva*, 24/07/39; Nelson Rodrigues, na crônica *O "Possesso" é nosso* [16/06/62] in *A pátria em Chuteiras*, citado). *Come*, a exemplo de *salame*, é outro sinônimo utilizado pelos torcedores, contrários de *firula*, que é o enfeite desnecessário, termo que define o jogador *enceradeira*, que roda em torno de seu próprio eixo sem produzir jogadas mais eficazes, na direção do gol adversário.

⁶¹ . *Diabrite* é um termo que se escutava nas rodas e conversas sobre futebol nos anos 70, na região

expressando relações de outra ordem, por onde se podem ler e interpretar realidades sociais que se apresentam, muitas vezes, como incontroláveis, tão complexas e imponderáveis quanto o próprio esporte escolhido como o vetor dessas representações.

Ao mesmo tempo, todas estas frases, tais como *futebol não tem lógica* ou *futebol é uma caixinha de surpresa*, utilizadas no universo cotidiano, são caras à manutenção de uma das nossas maiores *formas-representações*, o “jogar à brasileira”, muitas vezes tido como sinônimo de *futebol-arte*, cujas características guardam justamente estes aspectos, qual sejam, o imprevisto, a malícia e a capacidade inventiva na finalização ou desfecho das jogadas, cerne das discussões entre estilo e técnica verificadas no Capítulo 1.

Embora condicionado cada vez mais à prática, e porque não dizer à crença, nas determinações tecnológicas, na preponderância da destreza física e técnica, nas estatísticas e no conjunto de regras que fixam sua universalidade, o que revela em última análise sua natureza esportiva, o futebol aparece aos olhos torcedores menos confinado às determinações estritamente vinculadas às rotinas de uma competição, embora também estejam aí contempladas.

Neste universo popular, portanto, a falta de *lógica*, que tanto desestabiliza e desautoriza muitas carreiras de técnicos, dirigentes, jogadores e cronistas esportivos, não revela necessariamente precariedade, carência, desorganização ou escassez, mas justamente o contrário, um ganho em emoção e prazer, onde *dibres*, *comes*, *salames*, *bicicletas*, *domingadas*, *elásticos* ou *embaixadas*, executados pelos jogadores, contrariando muitas vezes os esquemas táticos pré-determinados, as análises dos comentaristas ou um decoro profissional instituído, encantam as arquibancadas e adensam significados às formalizações expressas no repertório de *formas* de jogo, que fixam as práticas tanto dos *profissionais* dentro de campo quanto dos *especialistas*, fora dele.

Formas que, portanto, ajustadas ao universo torcedor, totalizam, mais do que sistemas e performances codificadas em regularidades ou padronizações esportivas, representações e modos de vida arraigados: aquilo que venho nomeando ao longo desse trabalho pela expressão *forma-representação* do jogar.

Não obstante, *enxergar* um jogo e *torcer* são dois modos ou momentos distinguíveis que suportam a sensibilidade em relação a fruição do futebol do ponto de vista torcedor.

Enxergar exige uma certo adestramento, uma afinação com a prática do futebol cuja sensibilidade muitas vezes foi treinada no contexto da sociabilidade, na vivência como “boleiro” nos times de várzea, no acompanhamento dos campeonatos amadores ou profissionais, no espaço da vizinhança, nos jogos escolares, no consumo do saber imposto pelos *especialistas* a partir dos vários meios de comunicação disponíveis, enfim, faculdade que envolve todo um aprendizado contínuo inscrito na biografia de milhões de indivíduos que experimentaram o futebol de variadas maneiras.

Como pode ser observado na fala de Cláudio N. Arantes, 50 anos, torcedor corintiano e professor universitário.

“(...) não fui um praticante de futebol e como todo ‘pé rapado’ fui para a defesa jogar de lateral direito. Realmente eu não fui grande coisa nessa parte não (...) No ataque a pessoa tinha que ter enorme habilidade de drible e finalização com os dois pés (...) o atacante era um cara que tinha todos os fundamentos. Na década de 50 e 60 que eu joguei, que fui moleque, qualquer atacante tinha que ter extrema habilidade de driblar, finalizar e cabecear. O meio de campo tinha que ter uma enorme visão de jogo e um passe em profundidade e chutar de três dedos. E na defesa praticamente você não tinha que ter qualidade alguma a não ser força física. Os menos habilitados iam para a defesa, o que não quer dizer que todo jogador defensor fosse grosso, mas que os grossos iam para a defesa, não tem dúvida (ARANTES, 05/06/1998).

Há, em conseqüência dessa variabilidade de práticas arraigadas, uma notável recombinação de papéis, observados os níveis técnicos de excelência que resguardam a prática de *profissionais* e *especialistas*, que dinamizam a relação entre a condição de jogador, treinador, comentarista esportivo e torcedor.

Temos, então, torcedores que partilham com os demais atores de um maior conhecimento sobre o jogo naquilo que se refere aos fundamentos. As vivências como *torcedor-boleiro* ou *torcedor-especialista*, tal como revelada em maior intensidade na fala de Cláudio Arantes, apontam para um adestramento e um olhar mais treinado, algo extremamente comum de se observar, de modo geral, entre torcedores brasileiros.

Já *torcer* não necessariamente requer uma organização mais acurada dessa sensibilidade no sentido da decodificação das jogadas, dos esquemas táticos ou das *formas* padronizadas do jogar. Pois, na verdade, uma outra organização, que transborda a dimensão mensurável do jogo como uma sucessão de técnicas individuais e coletivas em movimento, já está dada de antemão por representações consolidadas em estruturas simbólicas mais estáveis que as contingências táticas apresentadas em uma partida. Um modelo preponderantemente mais mecânico, de afinidade e fidelidade, de esquivas e indiferença, em relação aos times assegura ao torcedor o exercício de uma outra lógica, a de *torcer*.

Se o futebol pode ser decomposto numa combinação expressa na contiguidade entre três “naturezas”, como já foi aludido⁶², identificadas em primeira instância na fixação de suas regras, em segunda instância no repertório de *formas* do jogar, que supõem as técnicas necessárias e exigidas para a sua prática individual e coletiva e, por último, nas representações nomeadas por categorias nativas que enunciam “estilos” (individuais e coletivos), “jeitos”, “escolas”, “jogar à alguma coisa”, do ponto de vista do *torcer* prepondera uma significativa inversão na ocorrência dessas “naturezas”, que ditam as performances entre torcedores.

E aqui são as representações, mais do que propriamente os fundamentos das regras ou as *formas* de jogo, que explicitam e orientam o comportamento do *torcer*, embora estes níveis ou “naturezas” não estejam dissociados na conduta daqueles que vivenciam o futebol na condição de torcedores.

Torcer e *enxergar* estão ainda condicionados às situações, condições e às variadas possibilidades apresentadas no desfrutar de uma partida: se sozinho ou acompanhado; se assistida no estádio, TV ou ouvida pelo rádio; se envolve o time preferido ou não; na condição de torcedor comum ou integrante de algum grupo distinguível, uma Torcida Organizada por exemplo.

Sérgio Ito, são-paulino, 20 anos, estudante e comerciante autônomo discrimina uma dessas possibilidades, na qualidade de um torcedor comum:

⁶² . Tal como defini no Capítulo 1: “(...) as regras não determinam ou instruem totalmente as maneiras de jogar, o que revela nas formas de jogo uma espécie de “segunda natureza” do esporte, acopladas ainda a uma “terceira natureza”, identificada nas representações que consolidam as anunciadas “escolas”, “jeitos” ou “estilos”, categorias nativas em relação que determinam os modos de conceber e vivenciar o futebol praticado em várias partes do mundo, ou mesmo dentro de um mesmo país, como parece ser o caso brasileiro ao anunciar várias escolas, muitas vezes difíceis de serem tecnicamente distinguidas, mas que revelam disputas pela hegemonia do “jogar à brasileira”: a “escola paulista”, “carioca”, “gaúcha” e etc”.

“Torcedor, no geral, não vê o jogo, ele quer ver o time ganhar (...) Eu como torcedor tenho duas faces. Eu quando estou no estádio sou mais torcedor, eu quero ver o time ganhar de qualquer jeito, não importa como. Agora, quando estou em casa, assistindo com meu pai ou um amigo, já palpito o que o time pode fazer, qual a melhor jogada. Em casa é mais racional (...) O comentarista ajuda muito e muitas vezes aquilo que ele fala bate com o que estou pensando” (ITO, 13/12/1999).

Mas, perguntado se ele saberia dizer o número exato de regras que prescrevem a prática do futebol, dezessete no total, pois se reconheceu na condição de torcedor-especialista, respondeu: *“Não, eu não sei... só sei que são muitas... eu teria que estudar, pegar um caderninho de regras e contar”*.

Numa das ocasiões em que pude presenciar uma situação de jogo assistido no “bar dos cornos”, ocasião em que jogava o Sport Club Corinthians Paulista e o Sport Recife⁶³, alguns torcedores não corintianos portavam-se à frente da TV como se fossem comentaristas, apontando as jogadas incorretas, as possibilidades táticas dos times, as possíveis falhas do árbitro, os impedimentos, a ocorrência das faltas, enfim, um comportamento certamente interessado todavia mais distanciado, denunciando uma postura mais *especialista* ante ao jogo, o que, de certa forma, irritava os corintianos ali presentes, sequiosos pela vitória a qualquer custo.

Já do ponto de vista geral dos indivíduos engajados às organizações torcedoras, particularmente os denominados organizados, nota-se uma adesão ao jogo nitidamente mais comprometida com o *torcer*. Tomemos o exemplo da maior Torcida Organizada do Brasil, a Gaviões da Fiel.

Torcer para um gavião supõe estar orientado pelo “corintianismo”, definido pelo atual (1999) presidente da agremiação, José Cláudio Moraes, o *Dentinho*, e o assessor de imprensa Eduardo Escolese, como um *jeito*, um *estilo* e modo de ver o futebol, um princípio que deveria nortear todos corintianos, não somente os organizados.

“Torcer à gaviões”, portanto, seria a contiguidade simbólica de um “jogar à corinthians”, compondo a auto-representação “corintianismo”, que não deixa de configurar uma *forma-representação* particular em torno do referido clube.

Esta *forma-representação* denominada de “corintianismo”, enunciada acima, possui uma eficácia simbólica que não raramente norteia os rumos daqueles que administram o clube, informa a maneira como os técnicos e comissão técnica devem

proceder na composição e escolha das *formas* de jogar do time, no comportamento mais geral dos torcedores comuns, inclusive dos próprios adversários, bem como da imprensa especializada, que freqüentemente anuncia um diferencial ou um certo *estilo* distinguível de torcer entre os corintianos, se comparados a outras coletividades de torcedores.

É preciso observar, no entanto, que nem todos os clubes alcançam estes níveis de engajamento torcedor no sentido de comprometer e constranger interesses variados de jogadores, dirigentes, técnicos e até mesmo adversários em torno de uma *forma-representação* consolidada. Ou seja, a fixação de um *estilo*, *jeito*, o caso do “corintianismo” é um exemplo, se não está ausente em outros times, em muitos aparece em menores proporções, sobretudo entre aqueles de menor expressão e volume de torcida.

Mas outras *formas-representações* enunciadas, por exemplo “jogar à gaúcha”, “jogar à flamengo”, ou mesmo a “jogar à brasileira”, também estão mais articuladas às formas específicas do torcer, à gaúcha”, à flamengo ou à brasileira”, o que permite que certas representações sejam preservadas ou reivindicadas pelo conjunto de torcedores.

A vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1990, embora festejada, ao menos no momento em que foi confirmada através das cobranças das penalidades que decidiram o mundial, foi e continua sendo muito criticada dado o pragmatismo da conquista, da predominância dos esquemas táticos defensivistas impostos pelo então técnico Carlos Alberto Parreira, contrariando as *formas* mais ofensivas que predominaram em outras conquistas importantes. O Brasil ganhou mas com um outro *jeito*, outro *estilo* de atuar, para muitos contrário a representação mais consolidada do futebol-arte, da *forma-representação* definida como “jogar à brasileira”.

Portanto, do ponto de vista torcedor há uma predominância do plano simbólico, da “terceira natureza”, uma vez que as regras e os esquemas táticos, que instruem e educam o olhar técnico sobre o jogo, o *enxergar* a partida, muitas vezes são englobados pelo *torcer*, que instrui as representações mais consolidadas e permanentes, que independem dos jogadores, técnicos, dirigentes de momento, e que conformam um *jeito*, um *estilo* aos times, de jogar e de torcer.

⁶³ . Campeonato Brasileiro, dia 25/09/1999.

3.2 versões de um mesmo esporte

A especulação torcedora opera sob outras estratégias simbólicas e o uso que ela faz dos expedientes tais como *futebol é uma caixinha de surpresa; jogo é jogo, treino é treino; futebol não tem lógica* e outras tantas frases correlatas, adquire conotações de ordem nem sempre coincidentes com um determinado discurso especialista ou profissional, diferenciando-se, acima de tudo, daquele comprometido com uma abordagem tecnicista e desencantada, reproduzindo em outros contextos e *locus simbólicos*, às vezes até inusitados como uma ante sala médica, para além dos limites dos estádios, como vimos, seus próprios significados a respeito do futebol.

Contudo, uma certa homologia aproxima estas duas dimensões, a *torcedora* e a *especialista*, colocando-as em oposição ao universo dos *profissionais*. Cronistas e torcedores estão mais comprometidos com uma ordem, digamos, mais a-temporal dentro do universo esportivo, pois suas posições e situações alteram-se pouco, seja pela perspectiva distanciada dos *especialistas*, seja pela extremada proximidade e fidelidade que os torcedores têm para com seus clubes.

Esta proximidade entre as condutas torcedora e especialista não diminui a pluralidade das práticas e significados atribuídos ao futebol, ainda que compartilhem de uma mesma posição, enquanto comunidades morais multiplicadoras dos sentidos do jogo, fora dos gramados.

Entretanto, a diferença entre cronistas e torcedores parece se dar pelo comprometimento institucional que uns têm com a propagação do futebol comparado à gratuidade de milhares de outros que, aparentemente, apenas acompanham as pelejas nos estádios e consomem as transmissões, revistas e jornais.

De um ponto de vista estrutural, cronistas sempre serão cronistas e torcedores sempre serão torcedores de determinados times. Já os jogadores e técnicos, por exemplo, alternam posições, pois carreiras terminam, mudam constantemente de clubes, almejam melhores contratos de trabalho, abandonam o futebol, tornam-se cronistas ou até mesmo, certamente a maioria, anônimos torcedores.

Circunscritos a uma temporalidade imposta pelas carreiras e posições que ocupam, diferenciam-se tanto da condição apaixonada, militante e imutável dos torcedores, quanto da prática especialista, que, geralmente, concebe uma partida como um espetáculo, cujo papel preponderante seria o de explicar as possibilidades lógicas e antever os resultados. Ao contrário, jogadores e técnicos igualmente lutam pelos

resultados, mas de um outro ponto de vista, pois estes determinam, em última instância, a trajetória de suas carreiras, visibilidades, prestígios e possibilidades de ascensão social.

Tais posturas, distanciadas e objetivas por parte de muitos *especialistas*, e mesmo *profissionais*, próxima e emocionada no que concerne ao amplo imaginário torcedor, consistem em arranjos particulares e sujeitos às dinâmicas culturais específicas, longe, portanto, de serem universalizadas. Se muitos técnicos ou cronistas esportivos somente se pautam pelos critérios de um futebol científico e planejado, outros, inclusive que estiveram a frente do selecionado brasileiro, e Zagallo é um exemplo paradigmático, foram impregnados pelas injunções simbólicas da emoção, que transcendem o universo estrito da técnica e da competição esportiva⁶⁴.

Significados que tensionam o sucesso de uns e o malogro de outros, que animam debates, polêmicas e expectativas, tanto de cronistas quanto de torcedores, sobre os destinos deste *esporte nacional*. As divergências expostas na ampla comunidade de interesses em torno do futebol denuncia tal fato, e é preciso enfatizar que tais expressões manifestas da emoção demarcam práticas sociais distintas, que se enredam e se articulam no domínio público.

O gradiente de emoção constitutivo do futebol, minimizado ou domesticado na prática de muitos dos *especialistas*, mas fundamental para a compreensão da fala de outros, como a conduta torcedora, adquire, portanto, colorações locais. Como um dado comparativo tomemos um exemplo para elucidar este ponto.

Alain Leiblang, chefe do serviço de imprensa da Copa do Mundo realizada na França no ano de 1998, atribuiu aos torcedores franceses um outro *ethos* definidor ao afirmar que estes só se interessam pela qualidade do espetáculo. Comparando os franceses com outras coletividades torcedoras, dissertou:

⁶⁴ . As derrotas do técnico Telê Santana, nos mundiais de 1982 e 1986, seleções festejadas por torcedores e por grande parte dos *especialistas* que viam nelas o ressurgimento do futebol *autenticamente* brasileiro, após os insucessos de 74, sob o comando do próprio Zagallo, e, sobretudo em 78, com Claudio Coutinho, foram explicadas em grande parte na mesma chave, ou seja, apesar das campanhas, do excelente conjunto de craques, o destino jogou contra o Brasil, que acabou perdendo nas duas ocasiões. Se não havia dúvidas quanto a capacidade do técnico Telê, naquele momento, o seu estigma de *pé frio* impedia que as vitórias se consumassem. Explicações correntes veiculadas na mídia e que impregnaram a memória torcedora. É curioso que o próprio Telê, à época em que era jogador pelo Fluminense carioca, tinha o apelido de *fio de esperança*, pois ganhava os jogos mais dramáticos para seu time. Após uma sucessão de infortúnios, como os do selecionado, ficou com a pecha de *pé frio*. Reverteu este estigma ao comandar o São Paulo Futebol Clube, no início dos anos 90, conquistando inúmeros campeonatos nacionais e internacionais.

“(...)mesmo não sendo intelectuais, os franceses põem quase sempre a estética de um ‘match’ acima de qualquer preocupação clubista ou contábil, enquanto os ingleses e alemães privilegiam o fervor pelas cores de suas agremiações e a eficácia destas no marcador - vencer, ‘that’s all’ (...)”(OESP, 09/11/97).

Sua entrevista seguiu enfatizando o caráter distintivo dos esportes em relação a outras dimensões sociais como, por exemplo, a política:

“(...)Os esportes, na França, não dão poder político, ninguém consegue um mandato eletivo à sombra do futebol, por exemplo(...) É preciso ver também que o grande público [os torcedores, portanto], embora apreciando os esportes em geral, não mistura os registros na hora de votar(...)”(OESP, 09/11/97).

Raí, jogador brasileiro que atuou em campos franceses pelo time do *Paris Saint Germain*, corrobora esta impressão ao salientar que na França o assédio torcedor diverge daquele observado no Brasil. Cá, a cobrança é múltipla, o torcedor questiona sobre posicionamentos, táticas, jogadas, *formas* de jogar, opiniões e declarações dadas à imprensa pelos jogadores, enfim, demandas semelhantes àquelas feitas pelos próprios cronistas especializados. Entretanto, lá, segundo sua avaliação, a atitude ante o ídolo tende a sublimar em muito estes aspectos, o jogador é astro e isso basta para definir a emoção torcedora ante o futebol⁶⁵.

Estas nuances são também destacadas por *especialistas* brasileiros. O comentarista esportivo da rádio Jovem Pan, Flávio Prado, indagado sobre o desempenho de torcedores em países europeus que, segundo ele, na maioria das vezes, prestam-se a incentivar seus clubes e selecionados de maneira ininterrupta em uma partida, lamenta que no Brasil, ao contrário, “(...)a torcida brasileira é ótima quando o time tá ganhando(...)”, e que, de fato, muitas vezes, atrapalha a performance dos atletas, “(...)pegando no pé deste ou daquele jogador(...)”⁶⁶. Exigências cujos resultados, do ponto de vista do cronista, nem sempre se revelam producentes para o bom andamento do espetáculo.

Visão compartilhada por Rui Carlos Osterman, renomado cronista gaúcho, que sentencia uma certa falta de civilidade aos torcedores brasileiros que, na sua ótica, não

⁶⁵ . Deste ponto de vista até compreendem-se as considerações feitas por Pierre Bourdieu (1983; 1990) quando afirma, categoricamente, que os torcedores, relegados à categoria de público, cada vez menos são capazes de compreender a prática dos profissionais que integram o campo esportivo. Ao que parece, este fenômeno é mais localizado, pois a prática e as atitudes torcedoras ante o futebol, observadas no Brasil, matizam este nível de dicotomização entre público e profissionais. Bourdieu, ao que tudo indica, eleva como teoria geral o *modelo nativo* francês, confirmado pelo jogador Raí e pelas considerações do chefe dos serviços de imprensa da Copa realizada na França.

compreendendo a verdadeira natureza de uma disputa entre dois times, hostilizam-se mutuamente em prejuízo do conjunto do espetáculo. Evocando, igualmente, o exemplo francês, tece elogios ao comportamento dos torcedores daquele referido país, afirmando que lá se aplaudem jogadas até mesmo de times contrários, como pôde observar num jogo entre o selecionado francês e a Arábia Saudita, na ocasião da disputa da Copa⁶⁷.

Estas visões estetizadas e, de certo modo, pouco sociológicas, conferidas aos torcedores franceses, tanto por Leibling quanto pelas impressões do jogador Raí, bem como aquelas expressas pelos *especialistas* citados, parecem ganhar amplitude teórica nas análises do professor alemão Hans-Ulrich Gumbrecht, titular de literatura comparada da Universidade de Stanford, que generaliza ainda mais estas considerações ao teorizar sobre a ausência de totalidade e mensagem no futebol, segundo ele marcado tão somente por uma intensa produção de *presença* e instantes fugidios:

“(...)são infrutíferas as intermináveis discussões sobre o futebol. Essas discussões são o hobby de muitas pessoas no Brasil e Alemanha(...)” (GUMBRECHT, *Folha de S. Paulo*, 24/09/97).

Todavia, o consenso expressivo, sobretudo no Brasil, em torno de sua prática ante a outros esportes contemporâneos e aparentados talvez resida num aspecto significativo pouco considerado, qual seja, ter esta modalidade convertido ou traduzido com maior sucesso o hermetismo de uma rotina esportiva dada pela combinação numérica e espacial entre jogadores, as regras que os constroem e, mais ainda, a performance coletiva padronizada desta combinação, as *formas* de jogo, numa linguagem articulada a outras esferas simbólicas, onde a vazão para a experimentação dos aspectos lúdicos da dimensão esportiva tenha sido estimulada com maior intensidade que em outros esportes pouco sujeitos às variações ou especulações fora do âmbito de seus fundamentos técnicos.

Especulações que transcendem, espacial e temporalmente, as rotinas e rituais competitivos, os treinos e as partidas em si. Não é à toa que o repertório que sustenta a fala cotidiana esteja pontuado por frases e expressões que evocam o futebol. Assim,

⁶⁶ . Programa Cartão Verde, TV Cultura, 26/04/98.

⁶⁷ . Conforme entrevista concedida a Juca Kfourri, em 27 de junho de 1998 na CNT/GAZETA, em pleno andamento da disputa do mundial na França.

parece pouco provável que este esporte se preste somente à contemplação estética, como generalizaram as análises de Hans-Ulrich Gumbrecht, ao menos no Brasil.

Aqui, para além de um *hobby* ou espetáculo, as intermináveis e aparentemente infrutíferas discussões cotidianas em torno do futebol consolidam saberes específicos e compartilhados, seja no âmbito dos fundamentos técnicos exaustivamente treinados e executados pelos *profissionais*, nas sensibilidades vivenciadas no *torcer* e/ou *enxergar* um jogo do ponto de vista torcedor, ou nas polêmicas deflagradas nas coberturas diaristas, nas rádios, nas mesas redondas, enfim, destinados às teorizações dos *especialistas*.

Versões de um mesmo fenômeno, feixes de significados que norteiam lógicas simbólicas de práticas sociais concretas, muitas vezes contraditórias entre si, estas discussões e especulações conferem ao futebol um dinamismo original, uma magnitude e o *status* de um *esporte nacional*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

14 de março de 1998. Por intermédio de um amigo conheci um grupo de torcedores que realizam, esporadicamente, encontros com *craques do passado* e personalidades ligadas ao futebol: ex-jogadores, cronistas esportivos e outros atores sociais comprometidos, de modo explícito, com a história do S. C. Corinthians Paulista, clube da preferência desses torcedores¹.

Estava agendado para esta data o encontro com três jogadores: Idário e Cláudio do alvi-negro de Parque São Jorge, protagonistas da vitória no campeonato paulista conhecido entre os corintianos mais velhos como “*o do IV centenário*” da cidade de São Paulo, ocorrido em 1954, e mais um terceiro jogador, nada menos que Moacyr Barbosa, considerado um dos maiores goleiros da história do futebol brasileiro, jogador que atuou no mundial de 1950. Competição que marcaria durante muito tempo a memória nacional, relembra, de quando em quando, por causa do inesperado malogro ante a equipe uruguaia, no estádio do Maracanã.

Fato que repercute ainda na atualidade como um acontecimento densamente significado, analisado por toda uma literatura² como uma espécie de mito de recriação do futebol brasileiro, que impôs a um país inteiro um processo quase que obsessivo de auto-reflexão sobre sua própria *identidade*, tendo no futebol sua maior auto-representação, bem como o avivamento de outros temas correlatos, tais como a discriminação racial, que veio à tona com a derrota e que detonou uma polêmica até então adormecida no modelo do futebol profissionalizado da época³.

Antecipadamente, ficou agendado o encontro dos torcedores numa loja de *fast-food*, situada na interligação entre a capital e a baixada santista, por volta das 14:00h. Cinco

¹ .Agradeço ao amigo e antropólogo Fernando Vianna por ter me colocado em contato, nesta ocasião, com estes torcedores e, por consequência, com o goleiro da seleção brasileira em 1950, Barbosa.

² . Para além dos textos antropológicos a respeito, notadamente Da Matta *et alli* (1982), consultar o interessante volume *Anatomia de uma Derrota* (PERDIGÃO, 1986).

³ . Grande parte da responsabilidade pela derrota recaiu nos jogadores negros da defesa: Juvenal, Bigode e Barbosa.

brasileiros e um chileno compuseram esta curiosa delegação cuja missão teve início ainda nas conversas preliminares em meio a um rápido repasto. O chileno, já há algum tempo residindo no Brasil, mostrava-se um tanto quanto surpreso com tamanha mobilização em torno de uma atividade aparentemente desprovida de sentido prático.

Arriscava afirmar, concorrendo em vão com as demais vozes exaltadas e conversas desconstruídas, num tom quase que confessional, que o ato de torcer em seu país de origem não se revestia de tanta paixão ou, se a paixão existia, desconhecia empreitadas semelhantes. Todavia, aquilo que motivava os presentes era o fato de reconstituírem fragmentos de histórias já sabidas, recontadas e por demais documentadas em revistas, encartes especiais, programas de televisão e de rádio, reiteradas na sociabilidade cotidiana mas que, revividas através do frescor dos relatos ao vivo, face a face com seus protagonistas, adquiriam uma dimensão renovada.

O encontro entre este grupo de torcedores com seus ídolos acabou concretizando-se com dois dos três jogadores previamente agendados. Todos morando no bairro Ocian, município de Praia Grande, o combinado era buscar Idário em sua casa para depois se dirigir a um bar, freqüentado diariamente por Barbosa, pois é lá que faz suas refeições, generosamente oferecidas pelo dono do estabelecimento.

Chegando à casa de Idário, num condomínio humilde, cuja função de síndico parecia ser exercida com alegria pelo ex-craque e que, nas suas palavras, buscava ali o sossego com sua *patroa*, rumamos para o bar Escala D'oro. Logo na entrada, a nossa espera, sentado sozinho numa mesa, bebericando um *drink* que, mais tarde, nesta mesma ocasião, convencionaríamos chamá-lo pelo próprio nome de seu degustador, estava uma das lendas do imaginário futebolístico nacional da primeira década do século XX, Barbosa.

Até mesmo ele, a personagem mais assediada na ocasião, registrou o encontro com sua máquina fotográfica, “imortalizando” simples torcedores, numa alegria quase que juvenil, congratulando-se com aqueles que jamais puderam assisti-lo atuando nos gramados. Oportunidade oferecida, mais uma vez, para passar a limpo e recontar, da sua perspectiva, a história de uma “tragédia” que, nas palavras do escritor uruguaio Eduardo Galeano provocara “(...) *el más estrepitoso silencio de la historia*(...)” (GALEANO, 1996).

Nesse encontro, que durou horas, falou-se de muitos aspectos de sua carreira. Obviamente de como perdemos o mundial, a interferência dos dirigentes e muitos políticos que, à época, assediavam a concentração e os treinos, da excessiva exposição dos jogadores na mídia, dos infortúnios do derradeiro jogo. Mas também de sua experiência cotidiana como jogador, quando, para treinar, colocava-se embaixo das arquibancadas e arremessava a bola contra as paredes, exercitando fundamentos individuais, pois sequer cogitava-se a presença de um treinador de goleiro. Mostrou sua mão calejada e as fraturas mal consolidadas, fruto das jogadas mais ríspidas e de sua opção em não vestir luvas.

Numa memória muitas vezes revelada no próprio corpo disponibilizado por décadas às solicitações físicas exaustivas dos técnicos e preparadores físicos, às cobranças cotidianas dos torcedores, dirigentes e de toda a crônica especializada, ensaiava ali, com gestos e posturas corporais mais teatrais, os motivos que julgava porque era considerado nos anos 40 um rei na área, pois ficava muitos jogos sem tomar gols de cabeça. Falou também de como iria acompanhar a Copa que se avizinhava. Disse que não gostava de bagunça e que iria assisti-la sozinho em seu quarto, e que sofria muito nesses momentos.

Entre perguntas e relatos mais espontâneos a conversa arrastou-se por toda a tarde e culminou num convite para que conhecêssemos seu apartamento, alugado, e que se situava próximo ao referido bar que diariamente freqüentava.

À medida em que ia apresentando seu pequeno apartamento térreo, *“aqui é a cozinha, esta é a área de serviço, maior que a cozinha (risos)”*, para nós era inevitável contrastar o entorno acanhado às dimensões de sua antiga “morada”, o Maracanã. Contraste sugerido pela economia de símbolos ou objetos que denunciavam sua passagem pelos gramados do “maior do mundo”.

“Perdi um baú com tudo numa enchente no Rio de Janeiro”, justificou, ao ser interpelado do porquê poucos objetos evocavam sua passagem no futebol como jogador. Uma caixa com medalhas em cima da televisão, homenagem tardia do Clube de Regatas Vasco da Gama, time que o projetou nacionalmente e internacionalmente, o qual ajudou a conquistar muitos títulos, um pequeno troféu dado pelo programa esportivo Cartão Verde há poucos anos, como uma forma de redimi-lo de uma possível “culpa” por 1950, uma

relação de fitas cassetes alusivas à sua carreira traziam à memória um momento importante do futebol brasileiro.

A trajetória de Barbosa, de jogador a técnico em alguns pequenos clubes, eventualmente chamado a opinar como se fosse um comentarista especializado e, certamente, na maior parte de seu tempo, no papel de torcedor, quase sempre à espreita por uma conversa “de bar”, como aquela que estávamos tendo na ocasião, evoca o percurso realizado por esta tese.

Sua biografia, ou o que dela pôde ser extraído na ocasião, é reveladora de uma multiplicidade de perspectivas que, neste trabalho, foi sistematizada a partir de um modelo que contempla a interação de três pontos de vista. Pois Barbosa conheceu, como *profissional*, os fundamentos técnicos da prática no campo de jogo, ensinou-os após encerrar sua carreira como jogador no final dos anos cinquenta e, desde então, observa-os com o olhar crítico *especialista* e, mais freqüentemente, reivindica-os, ainda de um outro plano, na condição de *torcedor*, que hoje ele é.

O exame dessas três perspectivas, em princípio delimitadas pela configuração ritual que é uma partida, possibilitou revelar uma outra dimensão igualmente relevante, qual seja, a sua contrapartida cotidiana, que recoloca a relação entre futebol e sociedade na esteira de um processo mais dinâmico, porque não dizer negociado, de identificação, em vários planos distintos. Revelando representações complementares e ao mesmo tempo contrastivas no embate simbólico por concepções, vivências, doutrinas, estilos, *formas e representações* do jogar, comentar e assistir.

Mais do que um ritual em processo, o futebol jogado e vivido nos vários níveis aqui aludidos apontou para um jogo de demandas simbólicas que evoca uma totalidade em movimento, percebida mais claramente quando tomada na trama do cotidiano de seus protagonistas, ou pelo menos de alguns deles.

As províncias *profissional*, *especialista* e *torcedora* revelaram, ainda, para além de uma tipologia de grupos constituídos, embora o sejam num sentido estrito em determinadas circunstâncias, posições ou *loci* simbólicos que articulam uma linguagem esportiva produzida tanto no domínio do ritual quanto no domínio do cotidiano, daí a importância

que este trabalho deu à relação treino e partida como contraposição nativa da relação mais conceitual entre cotidiano e ritual.

Sob este aspecto, a dicotomia jogo e esporte, muitas vezes imposta como uma relação entre dois conceitos, pôde ser diluída num outro corte analítico em que aparecem não como pólos de um movimento histórico de transformação de um para o outro, mas como sinalizadores lógicos de práticas sociais de agentes concretos, que as vivenciam e lançam mão, em menor ou maior intensidade, de suas “éticas”, lúdica ou esportiva, de acordo com a posição que assumem dentro do *socius* esportivo, no papel de torcedores, cronistas, jogadores, e etc.

Portanto, partindo de um substrato mais conceitualizado, ou seja, as dimensões infraestruturais que organizam o núcleo da prática *profissional*, as regras e os fundamentos técnicos e táticos, que definem *formas* ou *padrões* do jogar, nomeados aqui respectivamente como instâncias de “primeira” e “segunda” naturezas, buscou-se os nexos de contiguidade simbólica que articulam estas instâncias, naquilo que diz respeito a compreensão dos sentidos mais imediatos do prática esportiva, sua fruição técnica, para mostrar como estes princípios universalizados, tomados como uma linguagem, adquirem contornos específicos e particulares, engendrando estilos, escolas, jeitos diferenciados, desde que associados à sua “terceira” natureza, o plano das representações.

Este, por sua vez, engendrado por outros atores igualmente relevantes, cotidianamente mobilizados pelo e no jogo, a destacar os *especialistas* da crônica esportiva e, sobretudo, os grupos *torcedores*, nas suas várias formas de expressar e vivenciar suas adesões ao jogo.

- 1997 – Os Jogos Olímpicos. Programa para uma análise. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- 1995 **BRANDÃO**, Maria Regina F. – Psicologia do Esporte. In FERREIRA NETO, Amarílio & GOELLNER, Silvana V. & BRACHT, Valter (orgs). *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas, Autores Associados.
- 1981 **BURKE**, Peter – *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras.
- 1997 – Civilização, Disciplina, Desordem: estudos de caso em História e Teoria Social. Belo Horizonte, *Teoria & Debate - revista dos departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia*, nº 1.
- 1990 **CALDAS**, Waldenir – *O Pontapé Inicial. Memória do Futebol Brasileiro (1893-1933)*. São Paulo, Ibrasa.
- 1997 **CASTRO**, Celso – In corpore sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil. Rio de Janeiro, *Antropolítica 2*, 1º semestre.
- 1988 **CAILLOIS**, Roger – Jogo e sagrado. In *O Homem e o Sagrado* [1950]. Lisboa, Edições 70.
- 1991 – *Os Jogos e os Homens*. Lisboa, Ed. Cotovia.
- 1995 **COSTA**, André Lucirton – A Organização Cordial. Ensaio de cultura organizacional do grêmio Gaviões da Fiel. São Paulo, *Revista de Administração de Empresas/ EAESP/FGV*, vol 35, nº 6, nov/dez.
- 1999 **COSTA**, Márcia Regina *et alli* (orgs) – *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo, Musa editora.
- 1979 **DA MATTA**, Roberto – *Carnavais, Malandros e Heróis - para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar.
- 1982 – “Esporte e Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro”. In Da Matta (org), *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro, ed Pinakothek.
- 1986 – *Explorações. Ensaio de Sociologia Interpretativa*. Rio de Janeiro, Rocco.
- 1999 **DA MATTA**, Roberto & **SOÁREZ**, Elena – *Águias, Burros e Borboletas. Um estudo antropológico do jogo do bicho*. Rio de Janeiro, Rocco.
- 1999 **DAMO**, Arlei Sander – Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, vol 13, nº 23.

- 1996 **DUKE**, Vic & **CROLLEY**, Liz – *Football Nationality and the State*. England, Longman.
- 1989 **DURKHEIM**, Émile – *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, edições Paulinas.
- 1969 **ELIAS**, Norbert – Modelos de jogo. In *Introdução à Sociologia*. São Paulo, Edições 70.
- 1992 **ELIAS**, Norbert & **DUNNING**, Eric – Ensaio sobre o desporto e violência; O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos; A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In *A Busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- 1993 **ELIAS**, Norbert. – A Sociedade dos Indivíduos(1939). In *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro, JZE.
- 1974 **FERNÁNDEZ**, Maria do Carmo L. de Oliveira – *Futebol - fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro, PUC/Ed Documentário.
- 1998 **FLORENZANO**, José Paulo – *Afonso & Edmundo. A rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo. Musa editora.
- 1982 **FLORES**, Luiz F. B. N. – Na Zona do Agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In Da Matta (org), *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro, Pinakotheke.
- 1981 **FONSECA**, Ouhydes J. A. – *O “cartola” e o jornalista. Influência da política clubística no jornalismo esportivo paulista*. São Paulo, ECA-USP. Dissertação de mestrado.
- 1998 **FRÚGOLI Jr**, Heitor – *O Centro, a Avenida Paulista e a Avenida Luiz Carlos Berrini na perspectiva de suas associações: centralidade urbana e exclusão social*. São Paulo, FFLCH-USP. Tese de doutorado.
- 1996 **GAMA**, Walter – *Aspectos Socioculturais do Futebolista. O caso do Estado de São Paulo*. ECA-USP. Tese de doutorado.
- 1988 **GHIRALDELLI**, Paulo – *Educação Física Progressista*. São Paulo, Loyola.
- 1996 **GIANOLI**, Manuel Gustavo Manrique – *O Torcedor de Futebol e o Espetáculo da Arquibancada*. São Paulo. ECA-USP. Dissertação de mestrado.
- 1994 **GIL**, Gilson – O Drama do Futebol-Arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista ANPOCS*, São Paulo, nº 25.

- 1995 **GOLDENZWEIG**, Román Eduardo – *Os dois corpos do sujeito; educação física e nação no Brasil sob Vargas*. UFRJ/Museu Nacional/PPGAS. Dissertação de mestrado.
- 1995 **GORDON**, César – *História Social dos Negros no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro. *Pesquisa de Campo*, EDUERJ, n° 2.
- 1996 – “Eu já fui preto e sei o que é isso”. *História Social dos Negros no Futebol Brasileiro: segundo tempo*. Rio de Janeiro. *Pesquisa de Campo*, EDUERJ, n° 3/4.
- 1989 **GEERTZ**, Clifford – *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara.
- 1998 – O senso comum como um sistema cultural. In *O Saber Local*. Petrópolis, Vozes.
- 1977 **GUEDES**, Simoni L. – *O Futebol Brasileiro. Instituição Zero*. Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional/PPGAS. Dissertação de mestrado.
- 1996 – *A construção do corpo masculino nas escolinhas de futebol*. Caxambu. XX Encontro anual da ANPOCS, mimeo.
- 1997 **HELAL**, Ronaldo – *Passes e impasses. futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes.
- 1997 **HELAL**, Ronaldo & **GORDON**, César – *Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol*. Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, vol 13, n° 23.
- 1985 **HELLER**, Agnes – *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- 1993 **HERSCHMANN**, Micael & **LERNER**, Kátia – *Lance de Sorte. O futebol e o jogo do bicho na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro, Diadorim Editora.
- 1995 **HERZOG**, Clarice & **CRUZ**, Léa Chagas – *A Recepção do ‘Aqui e Agora’: telespectadores entre as imagens do real e a ficção da notícia*. Caxambu. trabalho apresentado na XIX reunião anual da ANPOCS.
- 1988 **HILL**, Jonathan D. – *Rethinking history and myth. Indigenous south american perspectives on the past*. Urbana & Chicago, University of Illinois Press.
- 1993 **HUIZINGA**, Johan – *Homo Ludens* [1938]. São Paulo, Perspectiva.
- 1983 **LASCH**, Christopher – *A degradação do esporte*. In *A Cultura do Narcisismo*, Imago, Rio de Janeiro.

- 1972 **LEACH**, Edmund – Ritualization in Man in Relation to Conceptual and Social Development. Lessa, W. & Vogt, E. (orgs). *Reader in Comparative Religion*. Harper and How, New York.
- 1967 **LEFORT**, Claude – A troca e a luta entre os homens. In *O método Estruturalista*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- 1992 **LEITE LOPES**, José S. & **MARESCA**, Sylvain – "A Morte da Alegria do Povo". *Revista ANPOCS*, nº 20.
- 1994 **LEITE LOPES**, José S. – A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada. *Revista da USP*, nº 22.
- 1995 – Esporte, emoção e conflito social. In *MANA - estudos de Antropologia Social*, vol 1, nº 1, outubro. Rio de Janeiro, Ed Relume-Dumará.
- 1997 – Successes and Contraditions in 'Multiracial' Brazilian Football. In Armstrong, G. & Giulianotti, R. *Entering the Field. New Perspectives on World Football*. New York, Oxford.
- 1983 **LEVER**, Janet – *A Loucura do Futebol*. Rio de Janeiro, Record.
- 1982 **LEVINE**, Robert M. – Esporte e Sociedade: o caso do futebol brasileiro. In Meihy, J. C. S.(org), *Futebol e Cultura - coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.
- 1989 **LÉVI-STRAUSS**, Claude – *O Pensamento Selvagem*. Campinas, Papirus.
- 1998 **LOIS**, Nicolas C. & **CARVALHO**, Sérgio – *A Co- Gestão Esportiva no Futebol*. Passo Fundo, ed universitária de Passo Fundo.
- 1978 **MACHADO DA SILVA**, Luiz A. – O significado do botequim. In Machado da Silva *et alli*, *Cidade Usos e Abusos*. São Paulo, Brasiliense.
- 1992 **MAGNANI**, José Guilherme C. – Da Periferia ao centro: pedaços e trajetos. In *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, nº 35.
- 1996 **MAGNANI**, José Guilherme C.& **MORGADO**, Naira – Futebol de Várzea também é patrimônio. In *Revista do Patrimônio*, Brasília, nº 24.
- 1996 **MAGNANI**, José Guilherme C. & **TORRES**, Lilian de Lucca – *Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP.
- 1998 **MAGNANI**, José Guilherme Cantor – *Festa no Pedacço - cultura e lazer na cidade*. São Paulo, Hucitec/EDUNESP.

- 1998b – Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In Moreira, Alberto da Silva (org). *Sociedade Global. Cultura e Religião*. Petrópolis, São Paulo, Ed Vozes & Universidade São Francisco.
- 1996 **MALERBA**, Jurandir – Sobre Norbert Elias. In Malerba, J. (org). In *A Velha História*. Campinas, Papirus.
- 1969 **MARCUSE**, Herbert – *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro, Zahar.
- 1998 **MARTINS**, José de Souza – O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social – revista de sociologia da USP*, São Paulo, vol 10, nº 1.
- 1974 **MAUSS**, Marcel – As técnicas corporais. In *Sociologia e Antropologia (vol III)*. São Paulo, EDUSP.
- Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do “eu”. In *Sociologia e Antropologia (Vol I)*. São Paulo, EDUSP.
- 1982 **MEIHY**, José C. S. – Para que serve o Futebol? In MEIHY, José C. S. (org), *Futebol e Cultura - coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.
- 1999 **MELO**, Teresa – Leituras do registro da imagem no universo do futebol. In *Arte e Cultura da América Latina - Revista da Sociedade Científica de estudos da arte*, São Paulo, vol VI, nº 1.
- 1977 **MICELI**, Sérgio – Corinthians. E o Pão? *Revista Isto É*, outubro.
- 1996 **MONTES**, Maria Lúcia Aparecida – Posfácio. In MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lilian de Lucca (orgs). *Na Metrópole, textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP.
- 1996b – Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In Schwarcz, Lilia K. Moritz & Queiroz, Renato da Silva. *Raça e Diversidade*. São Paulo, EDUSP.
- 1996c – Violência, cultura popular e organizações comunitárias. In: VELHO, Gilberto, ALVITO, Marcos (orgs). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV.
- 1998 – Entre o arcaico e o pós-moderno. Heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira. *Sexta-Feira, antropologia, artes e humanidades*. São Paulo, Pletora Ltda, nº 2, ano 2.
- 1996 **MONTERO**, Paula *et alli* – *Entre o Mito e a História. O V centenário do descobrimento da América*. Petrópolis, Vozes.

- 1994 **MURAD**, Maurício – Corpo, Magia e Alienação. Rio de Janeiro. *Pesquisa de Campo*, EDUERJ, nº 0.
- 1996 – Futebol e violência no Brasil. *Revista Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, nº 3/4.
- 1999 – Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Estudos Históricos*, nº 24.
- 1994 **MURPHY**, Patrick & **WILLIAMS**, John & **DUNNING**, Eric (orgs) – Desordem no futebol e imprensa; As raízes da violência entre jogadores de futebol; Porque não há equivalente do hooliganismo nos EUA? *O Futebol no banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança*. Oeiras, Celta Editora.
- 1991 **ORTIZ**, Renato – O mercado de bens simbólicos. In *A moderna tradição brasileira*. São Paulo, Brasiliense.
- 1988 **PADILHA**, Marcos Lopes & **MORANDINI**, Eduardo & **SANTOS**, Marco Aurélio & **TOLEDO**, Luiz H. – *Boteco: espaço de lazer e sociabilidade na metrópole*, trabalho de conclusão do curso Seminários em Antropologia I, FFLCH-USP, mimeo.
- 1967 **PANZERI**, Dante – *Fútbol, dinámica de lo impensado*. Buenos Aires, Paidós.
- 1996 **PERALVA**, Angelina – *Juvenização da violência e angústia da morte*. Caxambu. XX reunião anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), outubro.
- 1997 **PEREIRA**, Leonardo – *Football Mania: história social do futebol carioca (1902-1938)*. Campinas, História-IFCH (UNICAMP). Tese de doutorado.
- 1991 **PERUZZOLO**, A. C. – A Espetacularização do Esporte: o jogo de linguagem dos meios de massa. *Revista Kinesis*, nº 7.
- 1997 **PIMENTA**, Carlos Alberto Máximo – *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté, Vogal Editora.
- 1986 **POMPEU**, Renato – Futebol, dramatização da luta de classes. *Revista Pau Brasil*, nº 12, mai/jun.
- 1999 **POZZI**, Luís Fernando – Futebol Empresa. In COSTA, Márcia Regina et alli (orgs). *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo, Musa editora.
- 1997 **RAMADAN**, Maria Ivoneti R. – *A crônica de Armando Nogueira: metáforas e imagens míticas*. São Paulo. PUC. Dissertação de mestrado.

- 1984 **RAMOS**, Roberto – *Futebol. Ideologia do Poder*. Rio de Janeiro, Vozes.
- 1988 **ROCHA FILHO**, Zaldo A. Barbosa – *A narração de futebol no Brasil: um estudo fonostilístico*. Campinas. Instituto de estudos da linguagem – IEL (UNICAMP). Dissertação de mestrado.
- 1997 – *Som e ação na narração de futebol do Brasil*. Campinas. Instituto de estudos da linguagem – IEL (UNICAMP). Tese de doutorado.
- 1995 **RODRIGUES FILHO**, Nelson – Lima Barreto: jogando contra o futebol. In *Revista Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, nº 1.
- 1995 **RONDELLI**, Elizabeth – *Realidade e Ficção no discurso televisivo*. Caxambu. Trabalho apresentado na XIX reunião anual da ANPOCS.
- 1993 **ROSENFELD**, Anatol – *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo, EDUSP/Perspectiva.
- 1981 **SANTOS**, Carlos Nelson F. & **VOGEL**, Arno – *Quando a rua vira casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro, IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal).
- 1990 **SANTOS**, Luis Tolosa – *Futebol Empresa e a Democracia Corintiana, uma administração que deu dribling na crise*. Campinas, IFCH-UNICAMP. Dissertação de mestrado.
- 1998 **SANTOS**, Tarcyanie Cajueiro – *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo. ECA-USP. Dissertação de Mestrado.
- 1981 **SEBRELI**, Juan José – *Fútbol y Masas*. Buenos Aires, Editorial Galena.
- 1996/7 **SERVA**, Leão – O Caos e os Jornais. In *Revista USP. Dossiê sociedade de massa e identidade*. São Paulo, dez/jan, nº 32.
- 1992 **SEVCENKO**, Nicolau – *Orfeu Extático Na Metrópole*. São Paulo, Companhia das Letras.
- 1994 – Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, dossiê futebol, nº 22, São Paulo.
- 1996 **SILVA**, Elisabeth Murilho – *As Torcidas Organizadas de Futebol: violência e espetáculo nos estádios*. São Paulo. Departamento de Antropologia, Ciências Sociais (PUC). Dissertação de mestrado.

- 1997 **SOARES**, Antonio Jorge G. – *Mario Filho: a “inesgotável fonte” da repetida história do futebol brasileiro e seus crentes bebedores*. Maceió, Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, <http://obelix.unicamp.br>.
- 1999 – A modo de resposta. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 13, nº 23.
- 1994 **SOARES**, Edileuza – *A Bola no Ar. O rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo, Summus editorial.
- 1996 **SOUZA**, Marcos Alves – *A “Nação em Chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro*. Brasília, série Antropologia.
- 1996 – Gênero e Raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. In *Cadernos Pagu*. Núcleo de Estudos do Gênero. Campinas, nº 6/7.
- 1985 **STAM**, Robert – O telejornal e seu espectador. São Paulo. *Novos Estudos*, nº 13.
- 1998 **TEIXEIRA**, Rosana – *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Rio de Janeiro. IFCS – UFRJ. Dissertação de mestrado.
- 1994 **TILBURG**, João Luís van – Televisão e Audiência. In Fausto Neto, Antonio *et alli* (orgs). *Brasil: Comunicação, Cultura & Política*. Rio de Janeiro. Diadorim/Campos.
- 1994 **TOLEDO**, Luiz Henrique – Transgressão e Violência entre Torcedores de Futebol. *Revista USP*, dossiê futebol, nº 22, São Paulo.
- 1996 – *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, Autores Associados/ANPOCS.
- 1996b – A cidade das Torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lilian de Lucca (orgs). *Na Metrópole – textos de antropologia urbana*. São Paulo, FAPESP/EDUSP.
- 1996c – Contribuições ao estudo da crônica esportiva 1: “contracrônica” esportiva de Lima Barreto. In *Revista Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, nº 3/4.
- 1997 – Identidades e conflitos em campo: a guerra do Pacaembu. *Revista USP*. São Paulo, nº 32.
- 1997b – “Short Cuts”: histórias de jovens, futebol e condutas de risco. In *Revista Brasileira de Educação (ANPED)*. Dossiê Juventude, nº 6/7.

- 1999 – A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer. In COSTA, Márcia Regina *et alli* (orgs), *Futebol, fenômeno do século*. São Paulo, Musa editora.
- 1996 **TORRES**, Lilian de Lucca – Programa de Paulista: Lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a rua da Consolação. In MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, L. de Lucca (orgs). *Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp/FAPESP.
- 1974 **TURNER**, Victor – *Dramas, fields and metaphor*. Ithaca, Cornell University Press.
- 1986 **VINNAI**, Gérard – *El Fútbol como Ideologia*. México, Siglo Veintiuno, 4º ed.
- 1982 **VOGEL**, Arno – O Momento Feliz do Futebol. In Da Matta, R. (org), *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro, Pinakotheke.
- 1967 **VOLPICELLI**, Luigi – *Industrialismo y esporte*. Buenos Aires, Paidós.
- 1996 **ZALUAR**, Alba – A globalização do crime e os limites da explicação local. In: VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos (orgs). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV.
- 1998 **WEISHAUPT**, Marcelo – *A emergência do futebol-empresa*. Maceió. Encontro de História do Esporte, Lazer e educação física. <http://obelix.unicamp.br>.
- 1999 – Reflexões sobre o futebol empresa no Brasil. In COSTA *et alli* (orgs). *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo, Musa editora.
- 1982 **WITTER**, José Sebastião – Futebol, Futebol.... In Meihy, J. C. S. (org), *Futebol e Cultura, coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.
- 1982b – “O Futebol do esporte de elite ao elitismo no esporte”. *Ciência e Cultura*, vol 34, nº 12, dez.
- 1996 – *Futebol, Várzea e Cidade de São Paulo*. São Paulo, CONDEPHAAT, Relatório de Tombamento do Parque do Povo.

2. crônicas, ensaios, biografias, manuais técnicos e publicações de divulgação esportiva

- 1999 **ADAUTO**, Flávio – O futebol da cidade não morreu só mudou de lugar; Ainda se joga futebol na Cidade, com muito amor. In COSTA, Márcia *et alli* (orgs). *Futebol. Espetáculo do Século*. São Paulo, Musa Editora.
- 1888 **ALMEIDA**, Alcides de – *O Guia do Sportman ou O Vademecum dos amadores de corridas*. Rio de Janeiro.
- 1997 **ALMEIDA PRADO**, Décio – *Seres, coisas, lugares. Do teatro ao futebol*. São Paulo, Companhia das Letras.
- 1940 **AZEVEDO F^o**, Arthur – Regras de Football. Rio de Janeiro, Companhia Brazil Editora.
- 1960 **AZEVEDO**, Fernando – A Evolução dos Esportes no Brasil (1822-1922). In *Da Educação Física, vol I – obras completas*. São Paulo, Melhoramentos.
- 1974 **BIELINSKI**, Reginaldo Pontes – *Futebol*. Rio de Janeiro. Smap ed.
- 1990 – *Futebol: tática para milhões*. Rio de Janeiro, Palestra Edições Desportivas.
- 1998 **BRASIL BOM DE BOLA**. São Paulo, ed Viggiani. (vários autores).
- 1997 **BRUGGMANN**, Bernhard – *1009 formas de jogo e de treino no futebol*. Rio de Janeiro, Editora Ao Livro Técnico.
- 1998 **BRUNORO**, José Carlos & **AFIF**, Antonio – *Futebol 100% profissional*. São Paulo, editora Gente.
- 1998 **CALAZANS**, Fernando – *O Nosso Futebol*. Rio de Janeiro, MAUAD consultoria e planejamento editorial.
- 1906 **CARDIM**, Mario - *Guia de Football – Liga Paulista de football*. São Paulo, Casa Vanordem, 4^o edição.
- 1995 **CASTRO**, Ruy – *O Anjo Pornográfico. A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Companhia das Letras.
- 1996 – *A Estrela Solitária*. São Paulo, Companhia das Letras.

- 1933 **CORREA**, Floriano Peixoto – *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol*. Rio de Janeiro, Hermano Editores.
- 1994 **COUTINHO**, Edilberto – Zelins, Flamengo até morrer. *Revista Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, nº 0.
- 1989 **DIAS**, Clóvis – *Manual de Futebol*. São Paulo, Marco Zero.
- 1980 **DIAS**, Delio Silveira – *Futebol Total*. Juiz de Fora.
- 1970 **DIDI** – In A seleção Brasileira de Todos os Tempos. *Edição da Revista Realidade*. São Paulo, Editora Abril.
- 1984 **DIETRICH**, Knut – *Os grandes jogos: metodologia e prática*. Rio de Janeiro, Livro Técnico.
- 1997 **DOMINGUES**, Almir – *Goleiro 100 Segredos*. Curitiba, Editora Verbo.
- 1997 **DUARTE**, Orlando – *Futebol: Histórias e Regras*. São Paulo, Makron Books.
- 1996 **FALCÃO**, Paulo Roberto – *Histórias da Bola. Depoimento a Nilson Souza*. Porto Alegre, L&PM editores.
- 1994 **FERNANDES**, José Luiz – *Futebol: ciência, arte ou...sorte! Treinamento para profissionais – alto rendimento*. São Paulo, EPU.
- 1940 **FERREIRA**, Orlando – *Forja de anões*. São Paulo, Revista dos Tribunais.
- 1933 **FIGUEIREDO**, Antonio – *Memórias de um jornalista*. São Paulo, Edição Unitas.
- 1947 **FILHO**, Mario – *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti
- 1994 – *O Sapo de Arubinha. Os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo. Companhia das Letras. (seleção e notas Ruy Castro).
- 1990 **FLORÊNCIO DOS ANJOS**, Rubens – *Futebol: regras, esquemas táticos – posições e funções do goleiro ao ponta esquerda*. São Paulo, Rumo.
- 1996 **FRANCISCON**, Mario – *Futebol: Regras e Legislação*. São Paulo, Editora Gráfica Ltda, 12^o edição.
- 1998 – *Futebol: Regras e Legislação*. São Paulo, Editora Gráfica Ltda, 13^o edição.

- 1996 **GALEANO**, Eduardo – *Futebol ao sol e à sombra*. São Paulo, L&PM editores.
- 1997 **GONÇALVES**, Eduardo – *Tostão. Lembranças, opinião, reflexões sobre o futebol*. São Paulo, DNA.
- 1953 **LETONA**, Dario – *Técnica e Tática de Foot-ball*. Erechim, Oficinas Gráfica da Livraria e Tipografia Modelo.
- 1985 **MANHÃES**, Eduardo D. – *Política de Esportes no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal.
- 1945 **MARINHO**, Inezil Pena – *Bases Gerais de Metodologia do Treinamento do Futebol*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- 1987 **MÁRIO Fº & RODRIGUES**, Nelson – *FLA-FLU...e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro, Europa.
- 1996 **MÁXIMO**, João – *João Saldanha. Sobre nuvens de fantasia*. Rio de Janeiro, Ed Relume Dumará/Rio Arte, col. Perfis do Rio.
- 1939 **MAZZONI**, Thomaz. – *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo, A Gazeta.
- 1950 – *História do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Edições LEIA.
- 1950b – *Regras e Arbitragem*. São Paulo, Companhia Brasil Editora, 2º edição.
- 1953 **MELLO**, Fred – *Regras Oficiais de Futebol*. Rio de Janeiro, Ed. Segredo.
- 1995 **MELO NETO**, Francisco Paulo – *Marketing Esportivo*. São Paulo, Rio de Janeiro, Editora Record.
- 1963 **MENDES**, Luiz – *As Táticas do Futebol Brasileiro – da pelada a Pelé*. Rio de Janeiro, Tecnoprint Gráfica S/A.
- 1979 – *As Táticas do Futebol – antigas e atuais*. Rio de Janeiro, Tecnoprint.
- 1921 **MENDONÇA**, Carlos Sussenkind – *O sport está deseducando a mocidade brasileira*. Rio de Janeiro, Empresa Brasil Editora.
- 1994 **MOURA**, Roberto – Inverno de 93: dias de alegrias e tormentos. In *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, EDUERJ, nº 0.

- 1994 **MURAD**, Maurício – *Todo Esse Lance Que Rola – uma história de namoro e futebol*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- 1986 **NOGUEIRA**, Armando – *O Homem e a Bola*. Rio de Janeiro, Editora e Livraria Mitavaí Ltda.
- 1994 **NORONHA**, Nico & **COIMBRA**, David. *A História dos Grenais*. Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- 1975 **OGEL**, Munif Matar – *A evolução dos sistemas nas Copas do Mundo de futebol*. Avaré, Fundação Regional Educacional.
- 1949 **OLIVEIRA**, Candido – *Evolução da Tática no Futebol*. Lisboa
- 1970 **OSTERMANN**, Ruy Carlos & **CABRAL**, Cid Pinheiro – *O Admirável Futebol Brasileiro – a história da evolução e das grandes passagens do futebol brasileiro*. Porto Alegre, Edição de Gaúcha, gráfica e editora Jornalística S/A.
- 1969 **PEDROSA**, Milton – *As 17 regras de futebol comentadas*. Rio de Janeiro, Ed Gol.
- 1951 **PENA**, Leonan de Azevedo – *Dicionário Popular de Futebol, as leis e as gírias do futebol*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti.
- 1986 **PERDIGÃO**, Paulo – *Anatomia de uma derrota*. São Paulo, L&PM Editores.
- 1916 *Regras officiaes de todos os sports*. Rio de Janeiro, Ed da Casa Sportman.
- 1998 **RAMALHO**, Márcio – *Futebol É Bola na Rede*. Rio de Janeiro. Relume-Dumará.
- 1984 **RIBAS**, Mário – *Futebol – técnicas – táticas – regras*. São Paulo, Editora Brasipal Ltda.
- 1973 **RIBEIRO**, Antonio Carlos Mendes – *Xingue o juiz com autoridade! Regras de futebol ilustradas*. Porto Alegre.
- 1993 **RIBEIRO**, Pêris – *Didi, o gênio da folha seca*. Rio de Janeiro, Imago.
- 1993 **RODRIGUES**, Nelson – *Às Sombras das Chuteiras Imortais - crônicas de futebol*. São Paulo, Companhia das Letras. (seleção Ruy Castro).
- 1946 **ROSA**, Mario Miranda – *Curso de Técnica Futebolística*. São Paulo, Flama.

- 1930 **SANT'ANNA**, Leopoldo – *Regras Officiaes do Futebol Associação*. São Paulo.
- 1979 **SANTOS**, Ernesto dos – *Caderno Técnico-Didático; Futebol*. Ministério da educação e cultura. Secretaria de educação física e desportos. Brasília, Departamento de documentação e divulgação.
- 1998 **TÁVOLA**, Arthur da – *Lei Pelé. Das disposições à lei n 9.615*. Brasília, Senado Federal – secretaria especial de editoração e publicações.
- 1994 **TOUGUINHÓ**, Oldemário & **VERAS**, Marcus – *As Copas que eu vi*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- 1906 **TUNNER**, N. J. & **FRAYSSE**, E. – *As qualidades físicas e moraes dos jogadores de football*. Estudo baseado sobre o trabalho de E. Weber, traduzido do francês e publicado no *OESP* por Luiz Fonseca. In **CARDIM**, Mário – *Guia de Football – Liga Paulista de football*. São Paulo, Casa Vanordem, 4^o edição.
- 1941 **VALENTIM**, Max – *O futebol e sua técnica*. Rio de Janeiro, Alba Editora, 2^o edição.
- 1905 **WEBER**, E. – *Sports Athlétiques*. Paris, Garnier Frères Libraires Editéurs.
- 1997 **ZICO** – *Zico conta sua história*. São Paulo, FTD.

3. jornais, revistas, catálogos, *folders*, documentos manuscritos, panfletos, programas esportivos, sites, endereços eletrônicos

A IMPRENSA – publicação interna da Fundação Cásper Líbero: maio/99; ago/99; nov/99.

A GAZETA ESPORTIVA: 29/06/31; 10/01/38; 01/06/38; 24/07/39; 03/05/43; 17/07/43; 05/02/44; 16/04/44; 24/06/44; 14/07/44; 16/11/86; 26/10/96; 16/12/96; 09/11/96; 23/01/97; 03/05/97; 28/05/97;

Estatuto da Confederação Brasileira de Desportos. Rio de Janeiro, 1929.

FIEL torcida – A revista da nação corintiana, ano I, agosto/99.

FOLDER: Futebol, espetáculo do século (PUC-SP, 4 a 7 de outubro/99).

FOLHA DE S. PAULO: 16/06/94; 17/07/94; 18/07/94; 26/10/94; 14/12/95; 04/02/96; 02/07/96; 18/07/96; 05/09/96; 31/10/96; 22/01/97; 29/01/97; 23/02/97; 05/02/97; 26/02/97; 08/06/97; 24/06/97; 14/09/97; 24/09/97; 15/10/97; 22/10/97; 02/12/97; 23/02/98; 14/03/98; 31/03/98; 22/04/98; 31/04/98; 06/05/98; 19/05/98; 23/05/98; 31/05/98; 05/06/98; 10/07/98; 09/08/98; 21/08/98; 02/09/98; 04/09/98; 10/10/98; 06/12/98; 29/12/98; 08/03/99; 10/03/99; 29/06/99

JORNAL DA TARDE: 16/04/96; 12/05/99

JORNAL DA USP: (30/08/ a 05/09/93)

JORNAL DOS SPORTS: 28/12/86

LANCE!: 12/03/98; 23/03/98; 21/04/99; 02/05/99; 22/07/99;

MANCHETE ESPORTIVA: dez/55; mar/56; abril/56; jul/58

MORANDINI, Eduardo – Correspondência – Eduardo Morandini à Luiz Henrique de Toledo. Agosto/94.

MUNDO ESPORTIVO: 29/05/49

O ESTADO DE SÃO PAULO (OESP): 16.05.93; 09/11/95; 23/06/96; 06/12/96; 05/06/97; 06/11/97; 09/11/97; 14/12/97; 13/02/98; 22/02/98; 26/02/98; 01/03/98; 08/03/98; 19/03/98; 12/04/98; 18/04/98; 21/04/98;

23/04/98; 24/04/98; 26/04/98; 01/05/98; 08/05/98; 13/05/98; 17/05/98;
21/05/98; 07/06/98; 30/08/98; 11/09/98; 04/10/98

O GLOBO: 04/06/65

PROGRAMA Bom Dia Brasil. *TV GLOBO*.

PROGRAMA Cartão Verde. *TV CULTURA*: 26/04/98

PROGRAMA Esporte Real, por Armando Nogueira. *Sportv*.

PROGRAMA Globo Esporte. *TV GLOBO*:10/09/99

PROGRAMA Juca Kfourri, por Juca Kfourri. *TV CNT/GAZETA*: 27/06/98

PROGRAMA Supervolley. *Sportv*:01/07/98

PROGRAMA Super Técnico, por Milton Neves. *TV BANDEIRANTES*:
16/05/99

REVISTA COMEMORATIVA - 10 anos do SITREPESP (Sindicato dos
treinadores profissionais do Estado de São Paulo), 1998.

REVISTA BIMESTRAL – SITREPESP: (ago/set/98; nov/dez/98).

REVISTA CAROS AMIGOS: n° 1, abril/97

REVISTA ISTO É: 06/05/98; 27/05/98

REVISTA PLACAR: (01/04/77); n° 402 (1978); n° 756 (1984); n° 1097
(1994)

REVISTA Prodoctor Business, publicação bimestral do Aché Laboratórios
Farmacêuticos S/A. maio/juno/98.

REVISTA VEJA: 09/07/97

SITES e Endereços Eletrônicos: <http://www.agestado.com.br>;
<http://www.futeboltotal.com.br>; sitrepesp.olgen@mandic.com.br;
<http://www.touchdown.net/redzone>; wanderleiluxemburgo.com.br;
<http://futiba.com.br>.